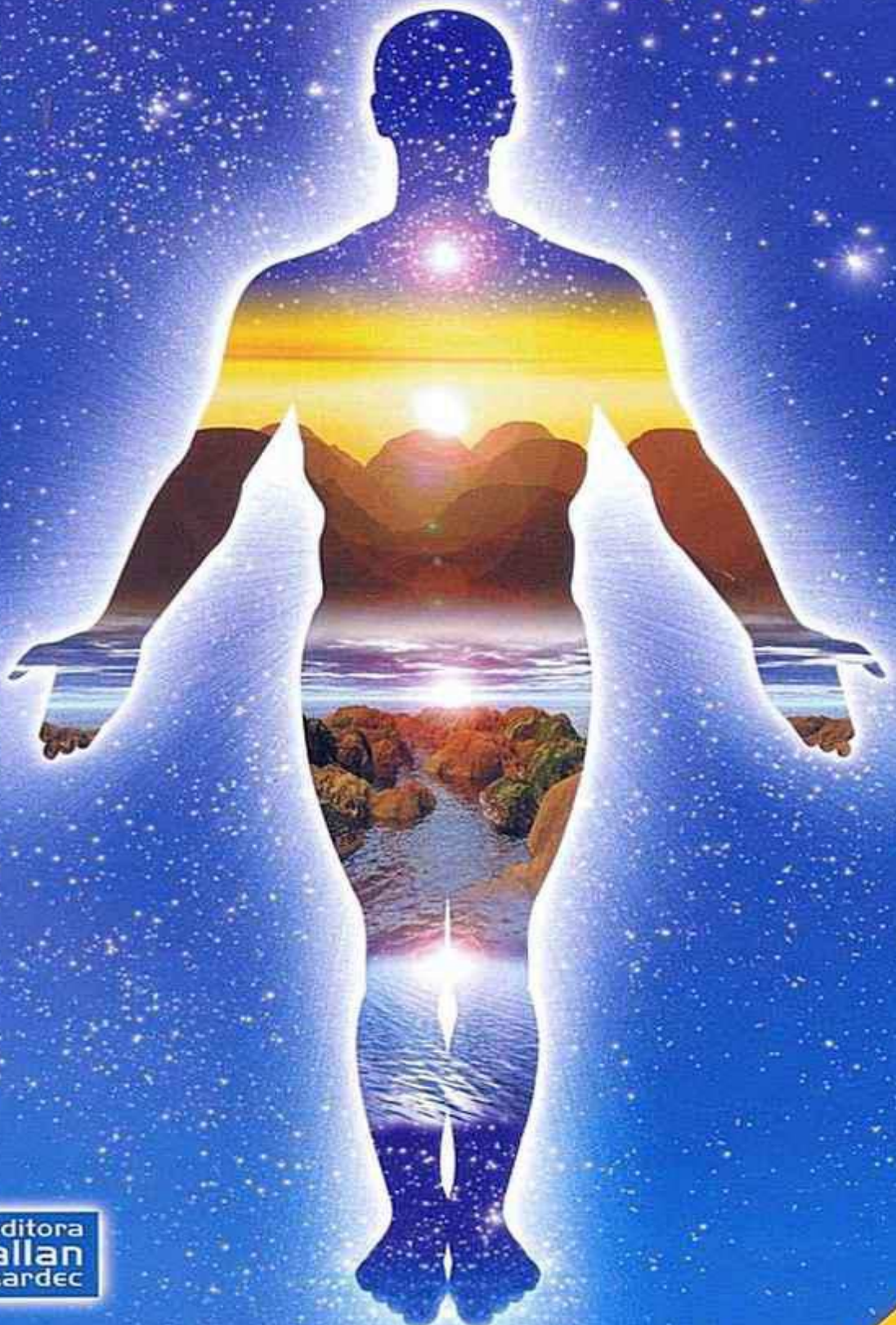
PERISPÍRITO

ZALMINO ZIMMERMANN



editora allan kardec

4ª EDIÇÃO
REVISTA E AMPLIADA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

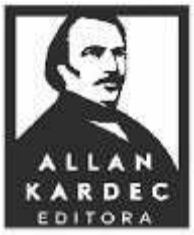
O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

ZALMINO ZIMMERMANN

PERISPÍRITO

4ª Edição
Revista e Ampliada



Campinas – SP
2015

PERISPÍRITO

© Copyright 2015 by Editora Allan Kardec
Capa : Gustavo Bordoni. (Adaptação de uma ilustração publicada na revista La Idea, Buenos Aires. no 600, 1995)
Preparação : Mary Eudóxia da Silva Sistone.
Ilustrações : Cláudia Valente.
Editoração : Josué Luiz Cavalcanti Lira.
Ed. Kindle : Helton M. Monteiro.
Revisão : Ademar Lopes Junior.

FICHA CATALOGRÁFICA
Elaborada pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Z66p.
4. ed.
Zimmermann, Zalmino. 1931 –
Perispírito / Zalmino Zimmermann; (ilustrações Cláudia Valente).
– 4. ed. revista e ampliada – Campinas, SP : Allan Kardec, 2011.
624 p.: il.; 23cm.
Inclui: Bibliografia, Índices Onomástico, Remissivo e de Ilustrações.
ISBN 978-85-7800-040-0
1. Perispírito. 2. Espiritismo. I. Título.
CDD 133.9
CDU 133.9

4ª edição impressa – abril/2011 – 6 mil exemplares
1ª edição eletrônica (Kindle) – janeiro/2015
O produto da venda desta obra destina-se à manutenção das obras sociais do Centro Espírita Allan Kardec, de Campinas, SP.
Produzido no Brasil – *Produced in Brazil*
Direitos reservados à
Editora Allan Kardec (Centro Espírita "Allan Kardec")
CNPJ: 46.076.915/0007-77 IE: 244.119.654.117
Av. Theodureto de Almeida Camargo, 750 – Vila Nova
Campinas/SP– 13075-630
PABX: (19) 3242-5990 www.allankardec.org.br

NOTA

(4ª EDIÇÃO)

Novas percepções ensejaram a alteração de alguns conteúdos desta obra, agora em sua quarta edição.

Assim, o Cap. XI, que se refere à mediunidade, sofreu modificação com a introdução de novos conceitos, particularmente com relação ao transe e à catalogação das ocorrências mediúnicas.

Temas outros mereceram cuidadosa revisão, atualizando-se o quadro de informações.

Espera-se que a nova leitura possa melhor atender às expectativas do nobre leitor, que encontrará, nesta edição, as mesmas diretrizes das anteriores, inclusive, quanto ao posicionamento das notas de rodapé, ao entendimento de que, assim, proveito maior poderá surgir.

Aos Mestres

Francisco Cândido Xavier,

Emmanuel e André Luiz,

veneráveis consolidadores do Espiritismo em nosso tempo, a nossa homenagem e gratidão.

Francisco C. Xavier

Emmanuel

André Luiz

“Não há descrição viável da matéria que não traga ao primeiro plano os mecanismos estruturais de nosso espírito”
CHARON

“É mais fácil explodir um átomo que um preconceito”
EINSTEIN

“A realidade objetiva evaporou-se.”
HEISENBERG

“Existe uma coisa mais poderosa que todos os exércitos: uma ideia cujo tempo é chegado”
VICTOR HUGO

“Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão em todas as épocas da Humanidade”
KARDEC

“O bem que praticares em algum lugar é teu advogado em toda parte”
FRANCISCO C. XAVIER

APRESENTAÇÃO

Professor HERNANI GUIMARÃES ANDRADE[1]

Em 1972, Ano Internacional do Livro, foi lançada a segunda edição da *Enciclopédia de Parapsicologia, Metapsíquica e Espiritismo*, de autoria do nosso saudoso amigo João Teixeira de Paula. Naquela ocasião, Teixeira de Paula planejara ampliar o seu trabalho, de maneira a torná-lo, futuramente, uma *Enciclopédia do Espiritismo*. Tê-lo-ia realizado, sem dúvida, porém a morte frustrou-lhe a concretização daquele projeto.[1]

Passaram-se vinte e sete anos para surgir alguém capaz de realizar uma obra de tal porte e em sintonia com o espantoso progresso da ciência e da tecnologia deste final de milênio. Demorou um quarto de século, mas apareceu aquele que certamente tornará uma realidade o sonho de Teixeira de Paula, indo talvez muito além daquilo que o nosso saudoso e culto amigo almejou.

Quem assumiu esta imensa tarefa foi o Dr. ZALMINO ZIMMERMANN, ilustre professor e magistrado, cuja vasta cultura filosófica e científica, aliada a um profundo conhecimento do Espiritismo em todos os seus aspectos, o credenciam amplamente para realizar tão importante e complexo empreendimento.

Ao compulsar o presente trabalho, o leitor sentirá imediatamente que se trata de uma obra seriíssima, produto de esforço sobre-humano, orientado de acordo com as melhores e mais modernas normas editoriais.

O Espiritismo atingiu um tal nível de cultura e amadurecimento por parte dos seus adeptos, que já está a pedir uma fonte de consulta com as dimensões da presente *Enciclopédia do Espiritismo*. Neste ciclópico trabalho, os mais exigentes estudiosos, espíritas ou de outras

áreas do saber, encontrarão abundante e completa informação acerca da maioria dos tópicos referentes ao Espiritismo.

O presente livro não é toda a *Enciclopédia do Espiritismo*. Diz respeito somente a um de seus temas: *Perispírito*. Outras matérias serão publicadas futuramente.

O eminente autor desta obra, Prof. ZALMINO ZIMMERMANN – sem embargo de manter a máxima fidelidade nas transcrições de trechos dos trabalhos dos inúmeros autores citados – não deixa de, em alguns casos, externar a sua valiosa opinião. Entretanto ele o faz mantendo rigorosa neutralidade e absoluto respeito às colocações daqueles autores. Assim, no caso dos diversos conceitos acerca do ectoplasma,[2] o Prof. ZIMMERMANN oferece uma extensa lista de divulgadores e pesquisadores, transcrevendo fielmente trechos de suas obras, bem como alguns resumos das ideias desses autores, sem alterar-lhes a forma e o conteúdo. Desse modo, o consulente desta Enciclopédia terá à sua disposição um enorme manancial de informações seguras, que lhe permitirá o fácil acesso às matérias contidas em tais trabalhos.

A *Enciclopédia do Espiritismo* oferece, desta forma, ao leitor, uma verdadeira "biblioteca especializada" sobre cada tema, equivalente a uma imensa variedade de tratados, muitos deles sínteses de obras antigas, normalmente já esgotadas e fora do prelo. Algumas dessas preciosas joias bibliográficas foram encontradas em livrarias de obras raras, de outros países, visitadas com este propósito pelo competente Autor deste trabalho.

Mas, aqueles que imaginarem ser, a *Enciclopédia do Espiritismo*, uma espécie de dicionário maior, frio e limitado apenas à definição mais ampla dos termos compreendidos pelos verbetes, estarão equivocados. Neste notável trabalho, o Autor costuma envolver-se também na temática dos assuntos e dar a sua colaboração preciosa e esclarecedora, levando o consulente a um entendimento mais profundo e avançado da matéria. Por conseguinte, a *Enciclopédia* se transforma em rica coleção de didáticas lições acerca de cada verbete. Como exemplo, convidamos o leitor a ver o Cap. IX ("Perispírito e Evolução"), desta obra. Nesse capítulo, o Autor passa, de mero lexicógrafo, a mestre de rara erudição e profundo conhecimento das teses focalizadas, fornecendo ao consulente uma síntese grandiosa e riquíssima de informações acerca do assunto de seu interesse.

Às vezes, vários trechos desta obra tornam-se uma espécie de sinfonia literária em que a elegância do estilo claro e escorreito do Autor se mistura com a cristalina profundidade de conceitos dos excertos colhidos nas obras de Allan KARDEC ou de EMMANUEL e ANDRÉ LUIZ (psicografias de Chico XAVIER). Leia-se, por exemplo, o Cap. XII ("Perispírito e Reencarnação").

Em outras ocasiões, o Prof. ZIMMERMANN é obrigado a acompanhar os voos extremamente altos de um ou outro autor que expôs seu ponto de vista acerca de uma dada matéria. E pode acontecer que o referido teorista, na tentativa de expressar suas ideias em linguagem comum, é levado a reduzir a clareza e a precisão da exposição. Mesmo assim, mantém sua fidelidade às ideias do autor focalizado, mergulhando com ele nas nuvens das altitudes acessadas pelo expositor. Por isso alertamos os leitores que, como nós, se se sentirem ofuscados pelo esfuziante brilho de alguma teoria, não culpem o Prof. ZIMMERMANN. Ele, com sua extrema

polidez, apenas estará, momentaneamente, refletindo e procurando aumentar a clareza da fonte emissora…

Pode ocorrer que algum leitor venha a estranhar a colocação das notas explicativas ao pé das próprias páginas. Este é, a nosso ver, um dos inúmeros pontos positivos na composição gráfica desta obra: a confortável colocação das notas explicativas ao pé da própria página do texto. Esta providência é mais uma característica louvável que muito favorece ao leitor interessado em bem estudar o assunto. A colocação das notas e outras informações concernentes ao texto, no final da obra ou dos capítulos, obriga o leitor a virar as páginas em busca delas. Isso contribui para a quebra do estado de atenção ou pode levar à desistência da procura, especialmente se tornar-se muito frequente.

Finalmente, resta-nos felicitar o Prof. ZALMINO ZIMMERMANN pela sua notável iniciativa de idealizar tão importante obra. Temos a certeza de que ele a levará a termo, entregando ao Movimento Espírita uma Enciclopédia do Espiritismo que será, também, um marco histórico no início do III Milênio.

Bauru (SP), verão de 2000

O ELO INTEREXISTENCIAL

Revela-nos a Doutrina Espírita que a natureza do ser humano é essencialmente espiritual, ainda que por muito tempo imprescinda, para o seu desenvolvimento, do adequado suporte carnal.

Isso faz com que, em longo período de sua história evolutiva, viva ao mesmo tempo em dois planos existenciais, pois que, imerso na dimensão física, interage com o mundo espiritual, e, desencarnado, liga-se contínua e estreitamente ao mundo material.

Compreende-se então que, na verdade, o existir é um interexistir.

E para esse interexistir, que marca a nossa realidade, possibilita-nos a Providência Divina um valiosíssimo instrumento, espelho da alma e sustentáculo do corpo, que é o Perispírito.

O Perispírito é, por excelência, o elo interexistencial.

O seu conhecimento, por certo, contribuirá, mais cedo ou mais tarde, para que a Ciência, ou melhor, os cientistas, abram-se definitivamente à espiritualidade – e, pois, à transcendentalidade –, com a convicção e o empenho que só as escalas mais altas do Saber podem propiciar.

O AUTOR

I.

Perispírito (do gr. *peri*, em torno, e do lat. *spiritus*, alma, espírito) é o envoltório sutil e perene da alma, que possibilita sua interação com os meios espiritual e físico.

A palavra foi empregada pela primeira vez por Allan KARDEC, no item 93 de *O Livro dos Espíritos*.[3] Mais tarde, os Espíritos Instrutores, endossando a designação, passaram a empregá-la regularmente. Tal denominação baseia-se na forma com que se apresenta esse complexo fluídico, envolvendo a alma.

Outras denominações conhecidas referem-se mais à sua natureza ou funções. Assim, ANDRÉ LUIZ, por Francisco Cândido XAVIER, chama-o de *psicossoma* e, também, *corpo espiritual* – lembrando, aliás, a designação de PAULO, em sua *Primeira Epístola aos Coríntios* (15:44). Hoje, os autores dão aos três termos – perispírito, corpo espiritual e psicossoma – o mesmo sentido.

Alma e perispírito constituem um todo indissolúvel. Conforme esclarece KARDEC, alma e perispírito *"constituem o ser chamado Espírito"*.

> A alma é, pois, um ser simples; o Espírito, um ser *dual* e o homem, um ser *trino*.[4]

Há, assim, diferenças de significado, embora seja comum o emprego das duas palavras – *alma* e *Espírito* – como sinônimas. Por isso, anota KARDEC:

> Seria mais exato reservar a palavra *alma* para designar o princípio inteligente e o termo *Espírito* para o ser semimaterial formado desse princípio e do corpo fluídico; mas, como não se pode conceber o princípio inteligente isolado da matéria, nem o perispírito sem ser animado pelo princípio inteligente, as palavras *alma* e *Espírito* são, no uso, indiferentemente empregadas uma pela outra; (…) filosoficamente, porém, é essencial fazer-se a diferença.[5]

Em outro local, afirma:

> As palavras *alma* e *Espírito*, posto que sinônimos e empregados indiferentemente, não exprimem exatamente a mesma idéia. A *alma* é, a bem dizer, o princípio inteligente, imperceptível e indefinido como o pensamento. No estado dos nossos conhecimentos, não podemos concebê-lo isolado da matéria de maneira absoluta. Posto que formado de matéria sutil, o perispírito dele faz um ser limitado, definido e circunscrito à sua individualidade espiritual. De onde se pode formular esta proposição: *A união da alma, do perispírito e do corpo material constitui o Homem; a alma e o perispírito separados do corpo constituem o ser chamado Espírito.* Nas manifestações não é, pois, a alma que se apresenta só; está sempre revestida de seu envoltório fluídico; esse envoltório é o necessário intermediário, através do qual ela age sobre a matéria compacta. Nas aparições não é a alma que se vê, mas o perispírito; do mesmo modo que

quando se vê um homem vê-se o seu corpo, mas não o pensamento, a força, o princípio que o faz agir. Em resumo, a alma é o ser simples, primitivo; o *Espírito* é o ser dual; o *homem* é o ser trino.[6]

E Léon Denis observa:

Chamamos Espírito à alma revestida do seu corpo fluídico. A alma é o centro de vida do perispírito, como este é o centro de vida do organismo físico. Ela que sente, pensa e quer; o corpo físico constitui, com o corpo fluídico, o duplo organismo por cujo intermédio ela atua no mundo da matéria.[7]

Em outra obra, especifica:

O homem (…) é um ser complexo. Nele se combinam três elementos para formar uma unidade viva, a saber:

O corpo, envoltório material temporário, que abandonamos na morte, como vestuário usado;

O perispírito, invólucro fluídico permanente, invisível aos nossos sentidos naturais, que acompanha a alma em sua evolução infinita, e com ela se melhora e purifica;

A alma, princípio inteligente, centro da força, foco da consciência e da personalidade.

A alma, desprendida do corpo material e revestida do seu invólucro sutil, constitui o Espírito, ser fluídico, de forma humana, liberto das necessidades terrestres, invisível e impalpável em seu estado normal.[8]

*

Embora os estudos sobre o perispírito tenham sido sistematizados só a partir de Kardec,[9] tem sido ele percebido desde épocas imemoriais, recebendo as mais diversas denominações no curso do tempo: *mano-maya-kosha* (na Índia védica); *baodhas* (no Zend-Avesta, dos persas); *kha* ou *bai* (entre os sacerdotes egípcios); *rouach* (na Cabala); *kama-rupa* (Budismo); *eidolon*, *okhema*, *ferouer* (entre os gregos); *khi* (na tradição chinesa); corpo espiritual (Paulo); corpo astral (entre os hermetistas, alquimistas, esoteristas, teosofistas); corpo sidéreo (Paracelso); aerossoma (neognósticos); corpo fluídico (Leibniz); *somod* (Baraduc); mediador plástico (Cudworth); metassoma (Bret); modelo organizador biológico – MOB (Hernani G. Andrade).[10]

Modernamente, o perispírito tem atraído o interesse de renomados investigadores, que veem nele um dos mais importantes fatores do processo vital.

Natureza

Na lição de André Luiz, transmitida por Francisco Cândido Xavier, o perispírito apresenta-se como uma *"formaçãosutil, urdida em recursos dinâmicos,*[11] *extremamente porosa e plástica, em cuja tessitura as células, noutra faixa vibratória, diante do sistema de permuta visceralmente renovado, distribuem-se mais ou menos à feição das partículas colóides, com a respectiva carga elétrica, comportando-se no espaço segundo a sua condição específica, e apresentando estados morfológicos conforme o campo mental a que se ajusta".*[12]

É lícito conceber-se que o perispírito – ao menos para os Espíritos ligados à crosta terrestre – possa ser o resultado da aglutinação da energia cósmica matriz ("*fluido cósmico*"),[13] adequada à natureza de nosso planeta, sobre um campo originado da própria extensão energética da alma (força espiritual),[14] comportando-se, depois dessa agregação, como uma estrutura de categoria eletromagnética (de ordem física) e formando o envoltório conhecido como o "corpo da alma", necessário, insubstituível e perene, já de textura definida como *material* – embora tão sutil que os Espíritos da Codificação usaram o termo *semimaterial* para qualificá-la. (*O Livro dos Espíritos*, item 135)[15]

É que, naturalmente, os Espíritos encontraram, ao tempo de Kardec – como hoje ainda aconteceria –, dificuldade em expressar seu pensamento, dada, ainda, a ausência de nomenclaturas conceituais adequadas. Mas sabe-se, agora, que a matéria é, afinal, uma forma – ou, se se quiser, um estado ou fase – da energia; "*luz coagulada*", na magnífica expressão atualmente em voga,[16] resultante, principalmente, da constatação de que, no nível quântico das partículas subatômicas, a matéria, a rigor, é constituída por campos de energia específicos, significando, pois, no caso, que as moléculas, complexos agregados de matéria, são, na realidade, campos de energia que se especializam de acordo com os fatores determinantes.

Ora, tal como a luz, a matéria vibra. Quanto maior a frequência da vibração, menos densa e mais sutil será.

Tem-se, então, que o perispírito, designado pelos Espíritos como constituído de matéria sutil (semimatéria), assim se apresenta porque, necessariamente, vibra numa frequência mais elevada que a do corpo denso, apresentando, não obstante, células, tecidos e órgãos (a servirem, no processo de reencarnação, como matrizes dos correspondentes biológicos),[17] em outra dimensão vibratória. Na verdade, cada tipo de célula do corpo físico é a imagem da respectiva célula do corpo espiritual.[18]

*

Em sua evolução, o princípio psíquico, sustentando nos seres vivos formas e funções cada vez mais complexas, ao mesmo tempo que expande as possibilidades que lhe são imanentes, define, pois, como seu envoltório, um campo aglutinador de matéria sutil que serve à moldagem e sustentação das estruturas biológicas.[19] Essa formação – bem conhecida, aliás,

pela tradição iniciática –, muito rudimentar nos começos evolutivos, desenvolve-se com o princípio psíquico, que reflete e expressa, alcançando na dimensão hominal padrões de excelsitude funcional que só recentemente começam a ser percebidos.

"Corpo fluídico da alma", o conhecimento de sua natureza aguarda ainda investigação maior, sabendo-se todavia que, como assinala o Codificador, *"a constituição íntima do perispírito não é idêntica em todos os Espíritos encarnados ou desencarnados que povoam a Terra ou o espaço que a circunda"*.[20] Sua natureza varia, não só de acordo com a evolução moral da alma, como também com as condições da região ou do planeta em que estagia. Explica KARDEC, a propósito, que o perispírito *"é mais ou menos etéreo, segundo os mundos e o grau de depuração do Espírito. Nos mundos e nos Espíritos inferiores, ele é de natureza mais grosseira e se aproxima muito da matéria bruta"*.[21] Ao revés, nos mundos superiores, esclarecem os Espíritos que *"esse envoltório se torna tão etéreo que para vós é como se não existisse. Tal é o estado dos Espíritos puros"*.[22]

Quanto aos Espíritos que estagiam na escola Terra, o corpo perispiritual – a significar agregação de matéria quintessenciada, sustentada pelas linhas de força que emanam da alma – apresenta-se formado, segundo EMMANUEL, *"por substâncias químicas que transcendem a série estequiogenética conhecida até agora pela ciência terrena"*, mostrando-se como *"aparelhagem de matéria rarefeita"* e *"alterando-se de acordo com o padrão vibratório do campo interno"*. Por isso, nas almas superiores, essa substância que as envolve pode apresentar admiráveis características de tenuidade e luminosidade, enquanto que, nas mentes primitivas, como salienta o Autor citado, *"semelhante vestidura se caracteriza pela feição pastosa, verdadeira continuação do corpo físico, ainda animalizado ou enfermiço"*.[23]

* * *

II.
PROPRIEDADES DO PERISPÍRITO

Estudos desenvolvidos por autores desencarnados e encarnados identificam já, com bastante nitidez, certas qualidades inerentes ao perispírito. Assim, podem ser catalogadas como suas as seguintes **propriedades**: *plasticidade*, *densidade*, *ponderabilidade*, *luminosidade*, *penetrabilidade*, *visibilidade*, *corporeidade*, *tangibilidade*, *sensibilidade global*, *sensibilidade magnética*, *expansibilidade*, *bicorporeidade*, *unicidade*, *perenidade*, *mutabilidade*, *capacidade refletora*, *odor* e *temperatura*.

Essas propriedades – algumas conhecidas de há muito – sustentam o viver interexistencial do ser humano, no presente estádio evolutivo, sendo certo que, em níveis mais avançados de vida, em que o perispírito já alcança mais quintessência, outras qualidades e características poderão marcá-lo.

Plasticidade

O perispírito, extensão da alma, é o eterno espelho da mente, moldando-se de acordo com seu comando plasticizante, graças à porosidade que o caracteriza. De fato, o corpo espiritual mostra *"extremo poder plástico"*, como assinala EMMANUEL, adaptando-se automaticamente às ordens mentais que brotam continuamente da alma.[24] A forma que assume, pode, às vezes, e em certos limites, dizer muito com a capacidade intelectual, com o desenvolvimento da vontade, com o treino mental, enfim, independentemente do aperfeiçoamento moral. Ensina EMMANUEL, por Francisco C. XAVIER:

> O crescimento intelectual, com intensa capacidade de ação, pode pertencer a inteligências perversas. Daí a razão de encontrarmos, em grande número, compactas falanges de entidades libertas dos laços fisiológicos, operando nos círculos da perturbação e da crueldade, com admiráveis recursos de modificação nos aspectos em que se exprimem.
>
> Os anjos caídos não passam de grandes gênios intelectualizados com estreita capacidade de sentir. Apaixonados, guardam a faculdade de alterar a expressão que lhes é própria, fascinando e vampirizando nos reinos inferiores da natureza.[25]

Contudo, tal possibilidade de alterar a indumentária perispiritual é limitada ao padrão evolutivo, intrínseco a cada alma. O Espírito só pode adequar-se perispiritualmente aos moldes que digam com suas vivências pretéritas e atuais, ou seja, com a sua realidade íntima.

Nesse capítulo, a propósito, impõe-se considerar que, independentemente das aquisições intelectuais, pode o Espírito mergulhar em tão severo desequilíbrio afetivo que, imerso em um monoideísmo avassalador, chega a entrar em processo de retração do campo que sustenta a própria tessitura perispiritual, comprometendo, dolorosamente, suas funções. É o caso dos "ovoides", descritos por ANDRÉ LUIZ, pela mediunidade de Francisco Cândido XAVIER:

> Inúmeros infelizes, obstinados na idéia de fazerem justiça pelas próprias mãos ou confiados a vicioso apego, quando desafivelados do carro físico, envolvem sutilmente aqueles que se lhes fazem objeto de calculada atenção e, auto-hipnotizados por imagens de afetividade ou desforço, infinitamente repetidas por eles próprios, acabam em deplorável fixação monoideística, fora das noções de espaço e tempo, acusando, passo a passo, enormes transformações na morfologia do veículo espiritual, porquanto, de órgãos psicossomáticos retraídos, por falta de função, assemelham-se a ovóides, vinculados às próprias vítimas que, de modo geral, lhes aceitam, mecanicamente, a influenciação, à face dos pensamentos de remorso ou arrependimento tardio, ódio voraz ou egoísmo exigente que alimentam no próprio cérebro, através de ondas mentais incessantes. (…) No tocante à criatura humana, o obsessor passa a viver no clima pessoal da vítima, em perfeita simbiose mórbida, absorvendo-lhe as forças psíquicas, situação essa que, em muitos casos, se prolonga para além da morte física do hospedeiro, conforme a natureza e a extensão dos compromissos morais entre credor e devedor.[26]

Esse processo, a evidenciar caso extremo de *retratilidade perispiritual*, mostra veemente das possibilidades plásticas do "corpo da alma", é de duração relativa. Ao impulso da Lei de Causa e Efeito, que rege a evolução humana, chegado o momento, reinicia-se o ciclo reencarnatório e, sob a proteção das vestes carnais, o Espírito consegue, pouco a pouco, expandir--se, com o perispírito readquirindo forma e regularidade de funções, ainda que através de dolorosas etapas de recondicionamento e cura.

*

É essa propriedade do perispírito que explica diversos outros fenômenos que ocorrem tanto na dimensão espiritual como na física, dentre eles a *adaptação perispiritual*, comumente usada pelos Espíritos Superiores, os quais, segundo informa ANDRÉ LUIZ, alteram a forma de seu corpo espiritual, reduzindo sua própria luminosidade e assumindo aspectos que possam combinar com as regiões e as almas que merecem seu serviço socorrista, afastando, assim, resistências e inquietações desnecessárias. (Ao contrário dos Espíritos desarmonizados com o Bem, os Mestres Espirituais, já por sua vasta experiência e realização moral, ostentam um alto poder mental, o que lhes possibilita a dinamização de recursos incomparavelmente maiores nas operações de adaptação plástica.)

Há uma certa semelhança entre a dinâmica que rege esses processos de adaptação perispirítica e a dos chamados processos *ideoplásticos*, com a criação das mais variadas

formas, tangíveis ou não, sustentadas pela ação mental consciente ou inconsciente, e de duração proporcional à persistência do pensamento que as sustentam. A esse respeito, ensina KARDEC:

> Os Espíritos atuam sobre os fluidos espirituais, não manipulando-os como os homens manipulam os gases, mas empregando o pensamento e a vontade. Para os Espíritos, o pensamento e a vontade são o que é a mão para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem àqueles fluidos tal ou qual direção, os aglomeram, combinam ou dispersam, organizam com eles conjuntos que apresentam uma aparência, uma forma, uma coloração determinadas; mudam-lhes as propriedades, como um químico muda a dos gases ou de outros corpos, combinando-os segundo certas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual.
>
> Algumas vezes, essas transformações resultam de uma intenção; doutras, são produto de um pensamento inconsciente. Basta que o Espírito pense uma coisa, para que esta se produza, como basta que modele uma ária, para que esta repercuta na atmosfera.
>
> É assim, por exemplo, que um Espírito se faz visível a um encarnado que possua a vista psíquica, sob as aparências que tinha quando vivo na época em que o segundo o conheceu, embora haja ele tido, depois dessa época, muitas encarnações.[27-28]

Dessa forma, podendo plasmar múltiplas aparências, *"o Espírito se apresenta debaixo daquela que mais reconhecível o possa tornar, se o quiser"* – assinala KARDEC, esclarecendo:

> É assim que, embora como Espírito nenhuma enfermidade corpórea lhe reste, ele se mostrará estropiado, coxo, ferido, com cicatrizes, se isso for necessário a lhe comprovar a identidade. O mesmo se observa com relação ao traje. O dos Espíritos que nada conservam das fraquezas terrenas, aquele de ordinário consta de amplos panos flutuantes e de uma cabeleira ondulante e graciosa.
>
> Amiúde, os Espíritos se apresentam com os atributos característicos de sua elevação, como: uma auréola, asas os que podem ser considerados anjos, resplandescente aspecto luminoso, enquanto que outros trajam as que recordam suas ocupações terrestres. Assim, um guerreiro aparecerá com a sua armadura, um sábio com livros, um assassino com um punhal, etc. A figura dos Espíritos superiores é bela, nobre e serena; os mais inferiores têm qualquer coisa de feroz e bestial e, por vezes, ainda mostram vestígios dos crimes que cometeram ou dos suplícios por que passaram, sendo-lhes essas aparências uma realidade, isto é, julgam-se quais aparecem, o que é para eles um castigo.[29]

Observe-se que – especialmente na dimensão espiritual – essa propriedade perispirítica enseja uma variedade de fenômenos tão numerosos quão complexos. Haja vista, por exemplo, que o processo ideoplástico pode até ser induzido por obsessores capazes de levar suas vítimas, por sugestão hipnótica, a assumir as mais grotescas formas ou posturas animais, como

são os conhecidos casos de zoantropia, com destaque para os de licantropia, bem relatados pelos autores espíritas. (Obviamente, essas alterações são sempre provisórias, a dizer, cessada a onda mental que as sustenta, rompido o processo hipnótico, ressurgem as formas originais.)

*

O fenômeno ideoplástico – a traduzir a ação do pensamento modelando matéria sensível (e perispírito é matéria quintessenciada) – enseja, a propósito, as mais ricas oportunidades de estudo, mercê das circunstâncias em que pode ocorrer e dos notáveis efeitos que pode produzir,[30] de catalogação, aliás, impossível, tal sua variedade. (Alguns fenômenos, ainda que raros, chegam a surpreender por sua complexidade e, ao mesmo tempo, por sua delicadeza, como, por exemplo, o caso das *transfigurações*, em que o perispírito do médium recebe tal influência modeladora do Espírito comunicante que chega a alterar, momentaneamente, seus traços fisionômicos, em demonstração inequívoca da presença espiritual – ainda que, nas manifestações extramediúnicas, exista também, em tese, a raríssima possibilidade de que tal fenômeno surja como produto da atividade mental do médium, em momento de recordação involuntária, até –, com apoio na plasticidade de seu perispírito.)

Assinale-se a propósito que, nesse capítulo, surgem particularmente relevantes os extraordinários efeitos que se captam através da fotografia ordinária e da *fotografia transcendente* – denominação que se deu à fotografia de configurações que, embora ectoplásmicas e com a propriedade de impressionarem a placa ou filme sensível, nenhum efeito produzem sobre a retina, sendo, pois, diferentemente do que ocorre na fotografia ordinária, *invisíveis* ao olho humano. E, em se tratando de fotografias que se refiram a imagens de Espíritos, propriamente – e não a formações outras, de caráter ideoplástico –, a importância da propriedade plástica do psicossoma surge muito clara e especialmente significativa. O Espírito deixa-se fotografar *com a forma que assume* – às vezes, até involuntariamente –, mostrando, ou não, o corpo inteiro. (É comum que só partes do corpo apareçam na fotografia.)

(Em se tratando de fotografia comum, o adensamento ectoplasmático, tendo como forma a tessitura perispirítica, é maior. Na chamada fotografia transcendente, quando o Espírito – e o que se molda sob seu impulso mental – não se apresenta visível ao olho comum, a aglutinação do ectoplasma é menos densa, o suficiente para impressionar o filme ou a placa. Ressalte-se aliás que, no caso da fotografia transcendente, pode o Espírito usar sua capacidade mental para criar formas-pensamentos, que, com o suporte ectoplasmático, chegam a tornar-se suscetíveis de registro fotográfico, conforme mostram as experiências que se registram no campo da efluviografia.)

*

Embora inúmeros fenômenos atestem o poder plástico do Espírito, graças a uma propriedade fundamental de seu constituinte, o corpo espiritual, é na reencarnação que ele aparece mais evidente e comum, mostrando aspecto altamente positivo da citada *retratilidade*

perispirítica.[31]

De feito, segundo informam os Mestres Espirituais, aproximando-se o momento da reencarnação, o Espírito reencarnante, comumente, entra em gradativo processo de redução psicossômica (lembrando o chamado fenômeno da *ovoidização*, mencionado por ANDRÉ LUIZ), o qual acontece concomitantemente com a diminuição da consciência de si.[32]

Para os Espíritos Superiores, todavia, os trâmites reencarnatórios dispensariam esse apagamento da consciência – pelo menos até as fases finais.

Desencadeado, com a concepção, o processo morfogênico, e ligado o Espírito ao embrião, cujo desenvolvimento passa a influenciar, desenvolve-se fenômeno inverso: o perispírito passa a expandir-se, moldando e sustentando o novo organismo em crescimento.

Ultrapassado o ciclo do nascimento, todavia, continua sustentando a organização física – modelando, também, os elementos em renovação – até os últimos instantes de vida biológica.

Densidade

O perispírito, agente da alma,[33] não deixa de ser matéria, ainda que de natureza quintessenciada. Como tal, apresenta uma certa densidade, que se relaciona com o grau de evolução da alma.

A densidade perispirítica varia de indivíduo para indivíduo. "*Nos Espíritos* moralmente adiantados", escreve KARDEC, *"é mais sutil e se aproxima da dos Espíritos elevados; nos Espíritos inferiores, ao contrário, aproxima-se da matéria e é o que faz os Espíritos inferiores de baixa condição conservarem por muito tempo as ilusões da vida terrestre"*.[34]

A densidade psicossômica varia, pois, de acordo com a evolução do Espírito, ditando, então, seu peso e, também, sua *luminosidade*. (Quanto menor a densidade do perispírito, menor o seu peso e maior a luminosidade.)

Ponderabilidade

Formação de *matéria sutil*, quintessenciada, o corpo espiritual, em si, não apresentaria um peso possível de ser detectado por meio de qualquer instrumentação até agora conhecida. Assim, sob o aspecto físico, seria praticamente imponderável.

Não obstante, na dimensão espiritual, cada organização perispirítica tem o seu peso específico, que varia de acordo com a sua densidade, ditada sobretudo, como visto, pelo estado de moralidade do Espírito. *"Nossa posição mental"*, afirma ANDRÉ LUIZ, *"determina o peso específico do nosso envoltório espiritual e, consequentemente, o habitat que lhe compete. Mero problema de padrão vibratório"*.[35]

Anota EMMANUEL, que o perispírito *"obedece a leis de gravidade, no plano a que se afina"*,[36] significando que, embora possa parecer fisicamente imponderável – porque não é

matéria densa –, não deixa de apresentar um certo peso, variável em cada região ou esfera, visto que, de qualquer forma, sendo matéria, ainda que tênue, submete-se aos princípios gravitacionais imperantes no meio em que se situa e do qual se nutre.

Entende-se, então, como o Espírito desencarnado pode sentir-se chumbado aos pântanos de psiquismo degenerado, que marcam as dimensões trevosas, ou naturalmente atraído para níveis superiores, condizentes com sua condição mental, a dizer, moral.[37]

Luminosidade

A luminosidade – como a densidade – desponta como uma característica muito pessoal do Espírito. Em mensagem coletada por KARDEC, lê-se:

> Por sua natureza, possui o Espírito uma propriedade luminosa que se desenvolve sob o influxo da atividade e das qualidades da alma. (…) A intensidade da luz está na razão da pureza do Espírito: as menores imperfeições morais atenuam-na e enfraquecem-na.
>
> A luz irradiada por um Espírito será tanto mais viva, quanto maior o seu adiantamento. Assim, sendo o Espírito, de alguma sorte, o seu próprio farol, verá proporcionalmente à intensidade da luz que produz, do que resulta que os Espíritos que não a produzem acham-se na obscuridade.[38]

Anote-se, a respeito, que a luz espiritual, referida pelos Espíritos em todas as épocas e lugares, nada tem com a luz conhecida em Física – radiação eletromagnética. Relatos diversos – até mesmo de médiuns em desdobramento – dão conta, até, de que a luz emitida por fontes como a lâmpada fluorescente ou de mercúrio, por exemplo, chega a parecer, diante de uma Presença Espiritual superior, mera claridade emitida por vela comum.

Penetrabilidade

A natureza etérea do perispírito permite ao Espírito – se presentes as necessárias condições mentais – atravessar qualquer barreira física. *"Matéria nenhuma lhe opõe obstáculo; ele as atravessa todas, como a luz atravessa os corpos transparentes"*, anota KARDEC. *"Daí vem que não há como impedir que os Espíritos entrem num recinto inteiramente fechado"*.[39]

Observe-se, entretanto, que, em níveis menos adiantados, os Espíritos, muitas vezes, não conseguem atravessar os obstáculos materiais simplesmente por ignorarem que podem fazê-lo. A ignorância ou a incerteza diminuem suas aptidões, e, consequentemente, seu poder de ação. Aliás, como informa ANDRÉ LUIZ em suas obras, para essa classe de Espíritos, também barreiras de matéria mais quintessenciada, no plano espiritual, podem surgir-lhes como intransponíveis.

Alguns estudos sobre essa propriedade do perispírito sugerem que há uma íntima relação entre penetrabilidade e porosidade, qualidade presente em todas as estruturas materiais, como

bem assinalava o clássico Gabriel DELANNE, em *O Espiritismo perante a Ciência*:

> Nas narrativas que temos reproduzido, uma coisa, sobretudo, parece estranha, é a facilidade com que o duplo fluídico passa através dos corpos materiais. Sem dúvida, há aí um fenômeno extraordinário, mas não sem analogia na natureza. A luz e o calor se propagam através de certas substâncias, a eletricidade caminha ao longo de um conduto e sabemos, pelas experiências de Cailletet e de Sainte-Claire DEVILLE, que os gases passam facilmente através das paredes de um tubo fortemente aquecido.
>
> Todos os corpos são porosos; não se tocando, suas moléculas podem dar passagem a um corpo estranho. Os Acadêmicos de Florença tinham demonstrado este ponto, fazendo violenta pressão sobre a água encerrada em uma esfera de ouro; ao fim de pouco tempo via-se o líquido transudar por pequenas gotas, na superfície da esfera.
>
> Verificamos, por esses diferentes exemplos, que a matéria pode atravessar a matéria. Nos casos que acabamos de citar, é preciso empregar a pressão ou o calor para dilatar as substâncias que se quer fazer atravessar por outras. Isto é necessário, porque as moléculas do corpo que atravessa, não adquirindo o grau suficiente de dilatação, ficam cerradas umas contra as outras. Mas, se supusermos um estado da matéria em que as moléculas sejam muito menos aproximadas e eminentemente tênues, poderá ela atravessar todas as substâncias, sem necessidade de manipulação. É o que se dá com o perispírito que, formado de moléculas menos condensadas que a matéria que conhecemos, não pode ser detido por nenhum obstáculo.[40]

*

Compreensível, assim, a inexistência, propriamente, de barreiras físicas para o Espírito, fato que, como visto, poderia ser explicado pelo princípio da porosidade, observável em toda estrutura material, embora hoje também possa ser entendido pelo princípio da incompatibilidade de frequências, segundo o qual, por exemplo, um raio luminoso azul e outro amarelo (conforme citação de IMBASSAHY) – ainda que se incidirem, simultaneamente, sobre uma superfície branca, façam com que esta se torne verde –, se se cruzarem, interpenetrando-se, não mostrarão nenhuma alteração, permanecendo, cada qual em sua frequência e com sua coloração.

Ou, da mesma forma, duas moléculas de frequências diferentes (eletrônica e giratória) não se afetarão, e um raio *laser* de uso odontológico atuará sobre um nervo, de forma indolor, porque este vibrará em frequência diferente da do *laser*…

Assim, o perispírito, vibrando em certa frequência, não seria afetado pelos obstáculos materiais, de natureza mais densa e, consequentemente, de vibração diferente, porque de frequência menor.

Todavia, se aceitável tal entendimento, quando se cogita da passagem do Espírito através do corpo de um encarnado e seu perispírito, conforme se vê na literatura espírita, o tema parece crescer em complexidade, suscitando diversas hipóteses, entre elas – e das mais

respeitáveis –, a de Carlos de Brito IMBASSAHY, retrocitado, que procura explicar o fato com base em outra espécie de fenômeno, que diz com o *acoplamento* de certo tipo de ondas, de frequências diferentes.

Assenta o ilustre pesquisador que *"uma onda acoplada à outra pode gozar das propriedades dessa outra quando suas freqüências são distintas"*. Dessa forma, as ondas hertzianas (ondas eletromagnéticas, compreendidas entre os pulsos telegráficos e a luz) e as de televisão *"são capazes de transmitir o som e a imagem de seus programas, acoplando a si as ondas acústicas e as luminosas"*, explica o Autor, acrescentando:

> É assim que as mesmas ondas luminosas, que não penetram através dos corpos opacos, entram em sua residência, sem necessidade de nenhum vão aberto e vão lançar suas imagens nos aparelhos que estiverem sintonizados com a faixa de freqüência das ondas hertzianas.
>
> Nessa linha, por extensão de raciocínio, pode-se admitir que, quando encarnado, o espírito se acopla ao corpo somático adquirindo sua gama de freqüência, o que explicaria o fato de o espírito desencarnado atravessar o encarnado sem incompatibilidades de interpenetração, que ocorreria se ambos estivessem volitando no mesmo domínio.[41]

Tais dados compõem, sem dúvida, uma das mais interessantes tentativas de explicação dessa extraordinária faculdade que tem o Espírito de atravessar a matéria, seja qual for sua densidade.

Visibilidade

O perispírito, em si, é completamente invisível aos olhos físicos. Não o é para os Espíritos. Os menos adiantados percebem o corpo espiritual de seus pares, captando-lhe o aspecto geral. Já os Espíritos Superiores podem perscrutar a intimidade perispirítica de desencarnados de menor grau de elevação, bem como a dos encarnados, observando-lhes as desarmonias e as necessidades. Mostram-no bem, por exemplo, os trabalhos de esclarecimento espiritual, em que os Espíritos responsáveis revelam, por meio dos dialogadores encarnados, a realidade do sofredor conduzido ao entendimento, auscultado seu perispírito, e, também, as sessões de cura, em que os médicos espirituais detectam os sinais patológicos presentes no psicossoma do doente.

Finalmente, quanto à possibilidade de alguns médiuns videntes verem o perispírito, muito raros são os que, em verdade, possuem as necessárias condições para distingui-lo, ainda que eventualmente, entre as projeções que formam a aura.

Corporeidade

O corpo perispirítico, resultante de um campo que a alma projeta, aglutinador de recursos

da natureza terrestre, surge como uma estrutura, por assim dizer, *quase material*, a instrumentá-la.

É o corpo sutil da alma, matriz que, de sua vez, molda o corpo físico, regendo com seus impulsos o desenvolvimento embrionário e fetal e imprimindo às células e tecidos em formação as suas características.[42]

O corpo material, pois, retrata inteiramente o perispírito (corpo perispirítico ou perispiritual).

Assim, desencarnado, o perispírito mostra um corpo de natureza quintessenciada, *semimaterial*, que é o seu perispírito. Quando encarnado, tem também seu corpo material, espelho do corpo perispiritual.

Essas são as situações comuns.

Mas há ainda duas outras. Assim, pode o Espírito desencarnado, mais evoluído e invisível para os menos adiantados, aparecer para estes, adensando-se perispiritualmente, ou seja, atraindo elementos mais materiais e corporificando-se de maneira a ser percebido pelos que ainda estagiam em planos evolutivos mais inferiores.

E, finalmente, o Espírito também tem condições de corporificar-se materialmente, de forma eventual e transitória, diferentemente do que acontece na reencarnação. É o que ocorre nos processos de materialização, em que o Espírito aglutina em seu perispírito os recursos ectoplásmicos disponíveis, assumindo aparência material.[43]

Tangibilidade

O perispírito, com o suporte ectoplásmico que lhe dê expressão física, pode tornar-se materialmente tangível, no todo ou em parte, pois, tocando no corpo ectoplásmico, obviamente toca-se no perispírito que o sustenta. Constata KARDEC, a propósito:

> Sob a influência de certos médiuns, tem-se visto aparecerem mãos com todas as propriedades de mãos vivas, que, como estas, denotam calor, podem ser apalpadas, oferecem a resistência de um corpo sólido, agarram os circunstantes e, de súbito, se dissipam, quais sombras. A ação inteligente dessas mãos, que evidentemente obedecem a uma vontade, executando certos movimentos, tocando até melodias num instrumento, prova que elas são parte visível de um ser inteligente invisível. A tangibilidade que revelam, a temperatura, a impressão, em suma, que causam aos sentidos, porquanto se há verificado que deixam marcas na pele, que dão pancadas dolorosas, que acariciam delicadamente, provam que são de uma matéria qualquer. Seus desaparecimentos repentinos provam, além disso, que essa matéria é eminentemente sutil e se comporta como certas substâncias que podem alternativamente passar do estado sólido ao estado fluídico e vice-versa.[44]

A tangibilidade é mais facilmente constatada nos processos em que ocorre acentuada concentração ectoplásmica (materialização completa ou quase completa de Espíritos).

Sensibilidade global

Se, quando encarnado, o Espírito recolhe impressões por meio de vias especializadas que compõem os órgãos dos sentidos, sem o corpo físico, sua capacidade de perceber amplia-se extraordinariamente: livre das peias somáticas, a percepção do meio que o envolve já não depende dos canais nervosos materiais, acontecendo como um registro global do perispírito, ou seja, uma percepção que o Espírito realiza com *todo o seu ser*. Assim, vê, ouve, sente, enfim, com o *corpo espiritual inteiro* (independentemente, mesmo, de posição ou direção), uma vez que as sedes dos sentidos não encontram localização tão específica quanto se observa no estado de encarnação, em que a percepção das sensações físicas, ordinariamente, não se desvincula de suas bases anátomo-fisiológicas.

Nesse capítulo, ganham destaque, particularmente, os chamados fenômenos de *transposição de sentidos*, que mostram a possibilidade de algumas pessoas mais sensíveis perceberem os estímulos por vias físicas totalmente impróprias para isso, explicando, assim, que a sensibilidade global do perispírito pode exteriorizar-se mesmo estando o Espírito encarnado, ainda que em casos excepcionais.

Tais fenômenos – atraindo hoje, cada vez mais, a atenção de pesquisadores de todo o mundo – teriam sido pela primeira vez relatados por Tardy de MONTRAVEL em seu *Essai sur la Theorie du Somnambulisme Magnetique* (Ensaio sobre a Teoria do Sonambulismo Magnético), em 1785. Nesse trabalho, descreve como um sonâmbulo, que observava, podia ver com a boca do estômago. Em 1808, PETETIN (*Eletricité Animale* – Eletricidade Animal) estudou oito mulheres que, em estado cataléptico, apresentavam a transposição dos sentidos físicos para a região epigástrica ou para os dedos das mãos ou dos pés.

César LOMBROSO relata em sua obra *Ricerche sui Fenomeni Ipinotici e Spiritici*, publicada em 1909, experiência pessoal com uma jovem de 14 anos, C. S., que, perdendo a visão com os olhos, *"via, com o mesmo grau de acuidade (o 7º da escala de Jager), pela ponta do nariz e lóbulo esquerdo da orelha, lendo, assim, uma carta que então me viera dos correios, enquanto eu lhe vendava os olhos"*. Anota, ainda, o famoso cientista italiano, que certos gestos provocavam notáveis reações defensivas da menor: aproximando, por exemplo, *"um dedo à orelha ou ao nariz, ou fazendo menção de os tocar, ou ainda melhor, fazendo com uma lente incidir um raio de luz de lâmpada, mesmo a distância e por fração de minuto, ressentia-se vivamente e irritava-se. (— Quereis cegar-me? – gritava)"*. Depois, *"movia o antebraço a defender o lóbulo da orelha e a extremidade do nariz"*, permanecendo assim por alguns minutos.

Em outro extraordinário depoimento a respeito dessa jovem, escreve LOMBROSO que também *"o olfato estava transposto: o amoníaco e a assafétida não lhe provocavam a menor reação, quando colocados sob o nariz, enquanto que uma substância ligeiramente odorífera, sob o queixo, dava lugar a viva impressão, e a mímica toda especial. Assim, se o aroma lhe era*

agradável, sorria, piscava os olhos e respirava com maior frequência; se o perfume desagradava, levava rapidamente a mão à dobra do queixo, tornado este a sede do olfato, e voltava com rapidez a cabeça para o lado. Mais tarde, o olfato se transferiu ao dorso do pé, e então, quando um odor a desagradava, movia a perna para a direita e esquerda, contorcendo também todo o corpo; quando agradava, permanecia imóvel, sorridente, respirando mais freqüentemente".[45]

Inúmeros casos semelhantes são relatados por LOMBROSO, no referido trabalho; alguns surpreendendo até experimentados investigadores.

Nandor FODOR[46] menciona diversos casos interessantes relatados por BOIRAC. Um paciente deste, por exemplo, lia com as pontas dos dedos. Atado de costas para BOIRAC, mas segurando seu cotovelo, podia ele também ler se Boirac passasse as pontas de seus próprios dedos sobre as linhas do jornal, não fazendo diferença se fechasse os olhos.[47]

Esse fenômeno de "visão sem olhos" – *eyeless sight* – ou, especificamente, de percepção ótica através do tato – *Dermo--Optic Perception*, DOP –, passou a ser mais estudado depois da publicação da obra de Jules ROMAINS *Vision Extra-Retinienne – A Study of Extra-Retinal Vision and the Paroptic Sense*, na tradução inglesa.

Sensibilidade magnética

O perispírito, campo de força que é, a sustentar uma estrutura *semimaterial*, apresenta-se, como não poderia deixar de ser, particularmente sensível à ação magnética.

Graças a essa sensibilidade, como demonstrado por pesquisadores de ontem e de hoje, o Espírito encarnado tem condições de registrar, por exemplo, até num campo de energia estática, a influência que dele emana, com evidente repercussão na organização somática.

Mas é no domínio do magnetismo espiritual (psicomagnetismo) que essa extraordinária qualidade do psicossoma surge especialmente relevante.

Com efeito, devido a ela, torna-se o Espírito suscetível às influências da energia ambiental que o envolve (psicosfera) e é essa propriedade que lhe permite absorver, assimilar – e também transmitir – a energia espiritual que capta ou recebe. (Exemplo precioso é o processo do passe: o Espírito, acumulando energia e estimulando a sensibilidade do médium, conjuga suas forças com a deste – psíquicas e vitais – para a transmissão dos recursos de cura.)

Expansibilidade

O perispírito, intrinsecamente indivisível, pode, entretanto, conforme suas condições, expandir-se, ampliando o seu campo de sensibilidade e, pois, de percepção, possibilitando ao Espírito, sem prejuízo do comando de seu corpo físico, viver, eventual e temporariamente, a realidade do mundo espiritual.

Devem-se a essa propriedade os extraordinários fenômenos de *exteriorização da*

sensibilidade, comprovados e estudados por pesquisadores de indiscutível idoneidade, operando com sujeitos em transe hipnótico, preferencialmente.

É a expansibilidade do perispírito que faculta, também, em outro grau, a deflagração do processo de *emancipação da alma*, conforme a expressão de KARDEC. Expandindo-se, o perispírito pode chegar a um estado inicial de desprendimento em que a percepção se torna acentuadamente mais aguda, podendo, a partir daí, se for o caso, evoluir para o desdobramento, a envolver, já, uma outra notável propriedade psicossômica, que é a bicorporeidade.[48]

A expansibilidade perispirítica, aliás, está praticamente na base de todos os processos mediúnicos; haja vista, por exemplo, que é a exteriorização do psicossoma que permite ao vidente a captação da realidade espiritual e que, também, graças a essa propriedade, é que se torna possível o contato perispírito a perispírito, que marca o fenômeno da incorporação.

Bicorporeidade

A bicorporeidade, termo criado por KARDEC, que se relaciona com o fenômeno de desdobramento, define-se, particularmente, como notável faculdade do perispírito, que possibilita, em condições especiais, o seu desdobramento (*fazer-se em dois*). Sucessivo – e, às vezes, quase simultâneo – ao estado de desprendimento, o desdobramento (duplicação corpórea e bilocação), como visto, apresenta-se em nosso atual nível de conhecimento como um processo sumamente complexo e, ainda, de difícil compreensão, sendo, de momento, já bem significativo sabermos que o perispírito, graças a essa propriedade, pode apresentar-se bicorpóreo, ou seja, com um outro corpo, de forma igual ao do físico, fluídico, com maior ou menor densidade, mas suscetível de ser visto e até tocado, como sói acontecer em muitos casos.

De qualquer forma – e ainda que sua inteira explicação dependa de futuros avanços –, impõe-se a certeza de que se trata de uma ocorrência absolutamente natural. *"Por muito extraordinário que seja"*, – escreve KARDEC – *"tal fenômeno, como todos os outros, se compreende na ordem dos fenômenos naturais, pois que decorre das propriedades do perispírito e de uma lei natural"*.[49]

Unicidade

A estrutura perispirítica, como reflexo da alma, é única como esta.

Não há perispíritos iguais, como, a rigor, inexistem almas idênticas.

Obviamente, no decorrer do processo evolutivo, diminuem as diferenças e cresce a harmonização entre as almas, sem que, entretanto, a individualidade deixe de ser preservada no "grande todo". Escreve KARDEC, a propósito, nas suas "Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas":

> A idéia do grande todo não implica, necessariamente, a da fusão dos seres em um só.

> Um soldado que volta ao seu regimento, entra em um todo coletivo, mas não deixa, por isso, de conservar sua individualidade. O mesmo se dá com as almas que entram no mundo dos Espíritos, que para elas é, igualmente, um todo coletivo: o todo universal. É neste sentido que deve ser entendida esta expressão na linguagem de certos Espíritos.[50]

Nessa direção, também, a lição de *O Livro dos Espíritos* (itens 149 a 152), mostrando que a alma sempre conserva sua individualidade, a refletir-se em seu perispírito.

Perenidade

O perispírito tem a marca da perenidade.

Não se pode imaginar a alma sem o perispírito, seu reflexo e ponto de contato com a realidade que a envolve e que se apura, se aprimora, com a própria evolução dessa.

O corpo espiritual é indestrutível como a própria alma. Anota, a respeito, Gabriel Delanne:

> A alma se encontra unida à substância perispirítica, que coisa nenhuma pode destruir… (…) Nem os milhões de graus de calor dos sóis ardentes, nem os frios do espaço infinito têm ação sobre esse corpo incorruptível e espiritual. Somente a vontade o pode modificar, não, porém, mudando-lhe a substância, mas expurgando-a dos fluidos grosseiros de que se satura no começo de sua evolução.[51]

Também:

> A indestrutibilidade e a estabilidade constitucional do perispírito fazem dele o conservador das formas orgânicas; graças a ele, compreendemos que os tecidos possam renovar-se, ocupando, os novos, o lugar exato dos antigos, e daí a manutenção da forma física, tanto interna como externa.[52]

E observa:

> Por espírito deve-se entender a alma revestida de seu envoltório fluídico, que tem a forma do corpo físico e participa da imortalidade da alma, de que é inseparável. (…) O corpo fluídico, que possui o homem, é o transmissor de nossas impressões, sensações e lembranças. Anterior à vida atual, inacessível à destruição pela morte, é o admirável instrumento que para si mesma a alma constrói e que aperfeiçoa através dos tempos; é o resultado de seu longo passado.[53]

Mutabilidade

O perispírito, no decorrer do processo evolutivo, se não é suscetível de modificar-se no que se refere à sua *substância*, o é com relação à sua estrutura e forma. (Sabe-se que, por meio da ação plasticizante, pode o Espírito mudar, por exemplo, seu aspecto, porém tal

fenômeno envolve apenas modificação transitória e superficial, sustentada transitoriamente pela mente.)

Desde as protoformas psicossômicas (André Luiz), nos seres mais primitivos, até o homem e o anjo, uma longa escala é percorrida. E quanto mais progride a alma, através das sucessivas transformações,[54] mais apurado vai se tornando seu veículo espiritual e, consequentemente, mais delicada a sua forma.

Ensina Kardec que *"o envoltório perispirítico de um Espírito se modifica com o progresso moral que este realiza em cada encarnação"*.[55]

E Léon Denis, depois de explicar que é o perispírito que *"garante a manutenção da estrutura humana"*, esclarece:

> Esse corpo fluídico não é, entretanto, imutável; depura-se e enobrece-se com a alma; segue-a através das suas inumeráveis encarnações; com ela sobe os degraus da escada hierárquica, torna-se cada vez mais diáfano e brilhante para, em algum dia, resplandecer com essa luz radiante de que falam as Bíblias (antigas) e os testemunhos da História a respeito de certas aparições.

Ainda:

> A elevação dos sentimentos, a pureza da vida, os nobres impulsos para o bem e para o ideal, as provações e os sofrimentos pacientemente suportados, depuram pouco a pouco as moléculas perispiríticas, desenvolvem e multiplicam as suas vibrações. Como uma ação química, eles consomem as partículas grosseiras e só deixam subsistir as mais sutis, as mais delicadas.
>
> Quanto mais elevado é o Espírito, tanto mais sutil, leve e brilhante é o perispírito, tanto mais isento de paixões e moderado em seus apetites ou desejos é o corpo. A nobreza e a dignidade da alma refletem-se sobre o perispírito, tornando-o mais harmonioso nas formas e mais etéreo.[56]

O tempo, pois, constrói, com a evolução da alma, neste e em outros mundos, a própria eterização do perispírito. O item 186 de *O Livro dos Espíritos* esclarece, a propósito, que em graus mais avançados, quando já desnecessária a forma física para a drenagem das imperfeições espirituais, o corpo espiritual (sem que desapareça) parece quase confundir-se com a própria alma.[57]

Capacidade refletora

O corpo espiritual, extensão da alma que é, reflete contínua e instantaneamente os estados mentais.

O perispírito, nas palavras de André Luiz, é suscetível de refletir, *"em virtude dos tecidos*

rarefeitos de que se constitui ", a *"glória ou a viciação"* da mente. Por isso, a atividade mental *"nos marca o perispírito, identificando nossa real posição evolutiva"*.[58]

Todo pensamento encontra imediata ressonância na delicada tessitura perispiritual, produzindo dois tipos de efeitos: gera na aura a sua imagem, conhecida hoje como *forma-pensamento* – variável, de acordo com a carga emocional, até mesmo no aspecto cromático, como demonstram técnicas e testemunhos incontestáveis –, e também na dimensão física, influindo na fisiologia dos centros vitais, repercute nos sistemas nervoso, endócrino, sanguíneo e demais vias de sustentação do edifício celular, marcando-lhe o desempenho regular, ou não, na economia vital.

Odor

O perispírito, a refletir-se na aura, caracteriza-se também por odor particular, facilmente perceptível pelos Espíritos.

Contém a literatura mediúnica (mormente as obras de André Luiz) descrição de regiões infestadas de miasmas pestilentos, a exalarem odores tão fétidos que se tornam quase insuportáveis para os Espíritos mais sensíveis. Tais odores brotariam da podridão fluídica característica desses ambientes e, ao que se sabe, dos próprios perispíritos de seus habitantes.[59]

E ocasiões existem em que, no decorrer de determinados trabalhos, certos participantes chegam a captar odores, agradáveis ou não, indicativos também da evolução dos Espíritos presentes. (Tais odores perispirituais não se confundem com aqueles oriundos da manipulação ectoplásmica e que chegam, por vezes, a impressionar toda uma assistência.)

Temperatura

Como, no desenvolvimento da atividade mediúnica, certos médiuns registram, por exemplo, uma espécie de gélido torpor, com a avizinhação de alguma alma sofredora, ou, ao contrário, uma cálida sensação de bem-estar, quando da aproximação de um Espírito superior, é lícito cogitar-se da possibilidade de que o perispírito também mostre uma espécie de *temperatura* própria, relacionada, naturalmente, com o grau de evolução do Espírito.

Trata-se de tema a ser ainda investigado, mas suscetível de comparecer, no futuro, com força maior do que uma simples hipótese.

* * *

III.
FUNÇÕES DO PERISPÍRITO

s funções básicas do perispírito são marcadas por características de natureza instrumental,

individualizadora, organizadora e sustentadora.

A

Função instrumental

Como se depreende de seu próprio conceito, a função primordial do perispírito é servir de instrumento à alma, em sua interação com os mundos espiritual e físico.

Projeção energética da alma, aglutina em si a energia cósmica matriz, consolidando, já, uma estrutura de natureza física, que, a refletir sempre a fonte, serve como seu elemento de ligação com o meio que o cerca, de modo que não só possa nele agir, influenciando, como também dele receber influência, em regime de trocas e aproveitamentos, em sua gloriosa caminhada evolutiva.

Função individualizadora

O perispírito, corpo imperecível da alma, serve à sua individualização e identificação. A alma é única e diferenciada, e o perispírito, como seu envoltório ou, mais especificamente, seu corpo perene, mostra-a, refletindo-a, assegurando-lhe a identidade exclusiva.

Não se trata, todavia, de uma identidade que diga apenas com características periféricas; refere-se, sim, à sua própria história, às suas particulares características evolutivas.

Nesse contexto, obviamente, o fator memória, refletindo-se na tela perispirítica, surge como dos mais importantes, assegurando a continuidade da vida psíquica nos diferentes níveis existenciais e marcando, assim, a identidade da alma.

Essa identidade, que diz de suas qualidades positivas e negativas, transmite-se, quando em estado de encarnação, ao corpo físico, que, entretanto, nem sempre a reflete inteiramente.

Com efeito, situações cármicas podem impor que, a partir da morfogênese, a estrutura somática, a espelhar condições transitórias do perispírito, mostre aparência, possibilidades fisiológicas ou condições psicológicas, sinalizando uma presença temporária no plano físico,[60] que não expressa, propriamente, a identidade profunda do reencarnante, parcialmente apagada, mas que após a desencarnação, presentes as necessárias condições, emergirá inteira, enriquecida pelas experiências vividas.

Função organizadora

A função organizadora do perispírito aparece especialmente notável no processo de reencarnação, em que o ritmo morfogenético, obedecendo aos impulsos psicossômicos de crescimento, leva à formação de um novo corpo físico que se estrutura rigorosamente de acordo com as características que marcam o corpo espiritual, modelo por excelência. Esse papel do perispírito – projeção da alma – no processo vital é, de muito, conhecido, tanto no Oriente como no Ocidente, sendo também pressentido em círculos científicos contaminados pelo materialismo.

Claude BERNARD, por exemplo, já escrevia em sua *Introduction à la Médecine*:

> O que diz essencialmente com o domínio da vida e não pertence à química, nem à física, nem ao que possamos mais imaginar, é a idéia geratriz dessa atuação vital. Em todo o gérmen vivo há uma idéia dirigente a manifestar-se e a desenvolver-se em sua organização.[61]

A propósito, em Fórum promovido (novembro, 1997) pela Universidade de São Paulo, no qual foi refutado o aborto, a Dra. Marlene R. S. NOBRE, mostrando que *"uma única célula, para funcionar, necessita de 2.000 enzimas específicas"*, informava:

> Os irmãos Igor e Grichka BOGDONOV, físicos de renome da atualidade, descobriram com o auxílio de biólogos e o concurso de matemáticos, que a reunião de 1.000 dessas enzimas, de forma ordenada e perfeita, no decorrer de bilhões de anos, representa, na verdade, uma impossibilidade estatística: uma em dez, elevado ao expoente 1.000. E concluíram: 'Não podemos senão constatar a existência de um fenômeno de ordem subjacente que conduz inelutavelmente ao surgimento da vida'.[62]

A noção da existência de um princípio diretor imaterial, a comandar o desenvolvimento da vida, ocupa cada vez mais lugar na Ciência, que, aliás, já começou a admitir a presença de um agente estruturador mesmo na formação das subpartículas. A esse respeito, lembra o Prof. Carlos de Brito IMBASSAHY, a conclusão a que chegou o cientista Murray GUELLMANN, ao pesquisar a existência e as reações das partículas atômicas, no acelerador da Universidade de Stanford (EE.UU), de que "não é possível existir nenhuma subpartícula atômica, por mais elementar que seja, sem que ela corresponda a um agente estruturador estranho ao domínio físico, porque só assim poderá explicar-se a formação destas mesmas partículas subatômicas, a partir da energia cósmica em expansão".[63]

Nessa direção, observam as jornalistas e pesquisadoras norte-americanas, S. OSTRANDER e L. SCHROEDER:

> Nos últimos anos, inúmeros cientistas de muitos países têm pressuposto a existência de uma espécie de matriz, uma espécie de padrão organizador, invisível, inerente aos seres vivos.

Informam, as citadas Autoras, com base nas investigações de E. Harrison Salisbury (*The Soviet Union: The Fifty Years*), W. P. BENTLEY (*"An Approach to a Theory of Survival of Personality" – Journal of the American Society for Psychical Research*) e outros, o resultado de experiências realmente significativas, demonstrando a existência dessa "matriz organizadora":

> Na União Soviética, por exemplo, o Dr. Alexandre STUDITSKY, do Instituto de Morfologia Animal de Moscou, picou um tecido muscular em pedacinhos e enfiou-os na ferida feita no corpo de um rato. A partir desses pedacinhos, o corpo reconstituiu um músculo inteiramente novo, como se existisse um padrão organizador.
>
> Um neurologista norte-americano descobriu que poderia atinar com vestígios do padrão de campo elétrico do membro cortado de uma salamandra. Outros cientistas, tomando de um glóbulo de protoplasma, que deveria crescer no braço de um animal fetal, o colocaram no lugar da perna. Daí nasceu uma perna, e não um braço, o que supõe, mais uma vez, um campo organizador.[64]

A função organizadora do perispírito – a mostrar na verdade, como visto, a ação organizadora da alma –[65] tem sido, às vezes, designada só como *função modeladora* e se destaca ao ponto de servir de referência básica em construções formuladas por diversos autores, entre eles, no Brasil, o conceituado cientista espírita Hernani Guimarães ANDRADE, que, em seus estudos sobre a alma e o perispírito, chegou ao conceito do que denominou *Modelo Organizador Biológico – MOB*, *"capaz de atuar sobre a matéria orgânica e provocar-lhe o desenvolvimento biológico"*.[66-67]

Assinale-se, a propósito, que a ideia de um modelo que sirva à organização biológica não é nova, tendo sido também aventada por vários biólogos durante a década de 1920, que o pensaram em termos de "campos morfogenéticos". Ultimamente, tem sido ela retomada e apresentada com diferentes molduras. Por exemplo, o biólogo inglês Rupert SHELDRAKE (*A New Science of Life: The Hipothesis of Morphic Resonance*, 1981; *The Presence of the Past: Morphic Resonance and the Habits of Nature*, 1988), da Universidade de Cambridge e da Royal Society, enfrentando a biologia reducionista, baseada, ainda, no paradigma mecanicista, mostra que o papel do DNA na estruturação dos organismos é bem mais modesto do que se imagina.

Segundo o cientista, o código genético nele inscrito coordena a síntese das proteínas, determinando a sequência dessas macrocélulas, mas o modo como se distribuem as proteínas escapa ao comando dos genes. *"A maneira como as proteínas se distribuem dentro das células, as células nos tecidos, os tecidos nos órgãos e os órgãos nos organismos não estão programados no código genético"*, afirma SHELDRAKE. *"Dados os genes corretos, e portanto as proteínas adequadas, supõe-se que o organismo, de alguma maneira, se monte automaticamente. Isso é mais ou menos o mesmo que enviar, na ocasião certa, os materiais corretos para um local de construção e esperar que a casa se construa espontaneamente..."*

A morfogênese, ou seja, a modelagem dos sistemas biológicos (células, tecidos, órgãos,

organismos), enfatiza SHELDRAKE, é ditada por um tipo especial de campo mórfico, a traduzir-se pelos *"campos morfogenéticos"*, os quais, não só permanecem em constante interação com os sistemas vivos, como também se modificam, influindo em sua estabilidade.[68]

Allan KARDEC, ainda que não tenha se referido expressamente ao papel modelador do perispírito, escreveu:

> Para ser mais exato, é preciso dizer que é o próprio Espírito que modela o seu envoltório e o apropria às suas novas necessidades; aperfeiçoa-o e lhe desenvolve e completa o organismo, à medida que experimenta a necessidade de manifestar novas faculdades; numa palavra, talha-o de acordo com a sua inteligência. Deus lhe fornece os materiais; cabe a ele empregá-los. É assim que as raças adiantadas têm um organismo ou, se quiserem, um aparelhamento cerebral mais aperfeiçoado do que as raças primitivas. Desse modo, igualmente se explica o cunho especial que o caráter do Espírito imprime aos traços da fisionomia e às linhas do corpo.[69]

Nessa linha, explica EMMANUEL, pela mediunidade de Francisco Cândido XAVIER:

> O perispírito é, ainda, corpo organizado que, representando o molde fundamental da existência para o homem, subsiste além do sepulcro, demorando-se na região que lhe é própria (…).[70]

Essa capacidade modeladora (ou plasmadora) varia de acordo com a evolução do Espírito, sendo certo que muita diferença há entre a encarnação de um Espírito superior e a de um que não o seja. ANDRÉ LUIZ, por intermédio de Waldo VIEIRA, elucida:

> Os Espíritos categoricamente superiores, quase sempre, em ligação sutil com a mente materna que lhes oferta guarida, podem plasmar por si mesmos e, não raro, com a colaboração de instrutores da Vida Maior, o corpo em que continuarão as futuras experiências, interferindo nas essências cromossômicas, com vistas às tarefas que lhes cabem desempenhar.[71]

No outro extremo, estão os Espíritos *"categoricamente inferiores"* que, nos inícios da aprendizagem evolutiva, apresentam-se extremamente submissos ao comando biológico ditado pela hereditariedade. E, entre ambas as classes, como lembra o renomado Autor, há uma imensa escala de diferenças evolutivas a marcarem os estados em que se encontram os Espíritos em desenvolvimento e definindo suas possibilidades de maior ou menor atuação consciente na moldagem dos futuros veículos físicos.

Compreende-se bem, nesse contexto, quão decisiva é a ação perispirítica na formação do corpo. De fato, é por seu intermédio que a alma rege sua encarnação. *"Na câmara uterina,"*– ensina EMMANUEL, por Francisco Cândido XAVIER – *"o reflexo dominante de nossa individualidade impressiona a chapa fetal ou o conjunto de princípios germinativos que nos*

forjam os alicerces do novo instrumento físico, selando-nos a destinação para as tarefas que somos chamados a executar no mundo, em certa quota de tempo".[72]

Na ausência do perispírito, pode acontecer que um organismo se desenvolva sem que chegue, todavia, a se tornar viável; fica sujeito à expulsão do vaso uterino, em qualquer tempo, ou, se alcança o processo de parto, nenhum sinal vital apresenta, como é o caso dos natimortos. O desenvolvimento fetal – que pode até culminar com a estruturação de um corpo, normalmente malformado – acontece, então, apenas por comando do automatismo biológico, construído pelos milênios de evolução.

Observe-se a propósito que, muitas vezes, pode mesmo haver um início de reencarnação, com um princípio de moldagem perispiritual do novo corpo que, entretanto, se interrompe com a cessação do processo e o afastamento do perispírito, passando o desenvolvimento fetal a depender exclusivamente da sustentação gerada pelos recursos maternos, limitados e logo extinguíveis. Devido a isso, interrompe-se naturalmente a gravidez ou, se for o caso, acontece o parto de corpo sem vida. Atento a isso, KARDEC formulou, entre outros, o item 355, de *O Livro dos Espíritos*, buscando saber sobre as razões de tais ocorrências. Claro, o ensinamento dos Espíritos Instrutores:[73] *"Freqüentemente isso se dá e Deus o permite como prova, quer para os pais do nasciturno, quer para o Espírito designado a tomar lugar entre os vivos"*. (Essa lição, aliás, é tão importante quanto se sabe que são inúmeros, a propósito, os relatos de suicidas que, por não terem valorizado as oportunidades de vida física, procuram depois recompor-se, enfrentando as frustrações das reencarnações malogradas…)

*

A função organizadora do perispírito, obviamente, não diz apenas com a forma, os aspectos anatômicos ou as peculiaridades fisionômicas do ser em gestação, mas, principalmente, com os diversos sistemas de sustentação psicofisiológica que regerão sua vida. É aí, aliás, que aparece o papel exponencial do psicossoma. Inaugurado o processo embriogênico – ou antes, até –, o reencarnante, normalmente sob a assistência espiritual superior, já influencia o equipamento genético disponível, como visto, de modo que consolide o instrumental biológico para atender às necessidades de sua recorporificação, sempre com vistas à sua evolução.

Nessa ação, em que genes são ativados e outros enfraquecidos, submetendo-se à dominação daqueles, em processo de construção de um edifício genético propício aos fins da reencarnação, marca o perispírito sua importância na definição do novo corpo. Pronto o alicerce genotípico – e definido o mapa das possibilidades fenotípicas –, tem curso, principalmente a partir do surgimento dos folhetos blastodérmicos, o mais delicado e complexo processo de que se tem notícia, em que cada reencarnante transmite ao corpo em formação suas características e potencialidades, até mesmo as de natureza patológica, cimentando seu futuro próximo na carne.

Na organização do novo veículo somático (a partir de células-tronco), especializam-se células, tecidos, órgãos e funções, a espelharem iguais estruturas e funções do perispírito, consolidando-se, afinal, sob o influxo da energia gerada pelos seus centros de força (ou

centros vitais), poderosas usinas sustentadoras do metabolismo psicossômico.

Nesse processo, todavia, não acontece somente o fluxo de energia vital, mas também uma espécie de "drenagem" da energia degradada (miasmas espirituais), atraída aos centros de força do perispírito, devido à invigilância moral e seus fatores subsequentes, como a desarmonização e o remorso. Esse tipo de energia provocará as disfunções e as malformações que levarão o reencarnante – quase sempre mui dolorosamente – à rearmonização espiritual, condição de seu progresso. Como afirma ANDRÉ LUIZ, por Waldo VIEIRA, quase sempre o corpo físico *"deve sofrer mutilações e enfermidades benéficas, inibições e dificuldades orgânicas de caráter inevitável, porque, de aprendizado em aprendizado e de tarefa em tarefa, quanto o aluno de estágio em estágio para as grandes metas educativas, é que se levantará, vitorioso, para a ascensão à imortalidade Celeste"*.[74]

Como se vê, essa importante função perispirítica, responsável pela organização do instrumento físico do Espírito que retorna, aparece como o dado fundamental no esquema da evolução humana.

Função sustentadora

O perispírito, impregnando-se de energia vital e transferindo-a paulatinamente, ao impulso da alma, para o veículo físico, sustenta-o desde a formação até o completo crescimento, conservando-o, depois, na vida adulta, durante o tempo necessário.

Matriz estrutural destinada à organização e sustentação do edifício biológico, na reencarnação, o perispírito, como assinala DELANNE, surge, graças à sua perenidade, como elemento indispensável à estabilidade do ser humano, *"no meio de toda essa complexidade das ações vitais, dessa efervescência perpétua e resultante da cadeia de decomposições e recomposições químicas, ininterruptas, na trama, enfim, de nervos, músculos, glândulas a se entrecruzarem, a circularem, a se interpenetrarem de líquidos e gases, em desordem aparente, mas da qual sairá, contudo, a mais estupenda regularidade"*, sendo certo que *"a função pertence ao conjunto, e não às unidades que o compõem"*, e que esta se subordina a uma *"ordem que não se altera, apesar dos sucessivos afluxos de elementos novos"*.[75]

A ação sustentadora (conservadora) do perispírito, aliás, surge bem patente, por exemplo, no delicado e complexo processo da renovação celular. Sabido é que todas as células físicas são substituídas a cada ciclo de sete a oito anos, sem que, entretanto, seja alterada qualquer parte do corpo, conservando a pessoa, ainda, os seus traços fisionômicos.[76]

Essa contínua recomposição celular, sem que seja afetado nenhum dos elementos que identificam a pessoa, acontece graças à função de sustentação, do perispírito, que potencialmente garante e conserva a integridade do corpo físico – respeitada, é claro, a programação cármica de cada um, com os seus variados efeitos. Leciona, a respeito, DENIS:

> Insensível às causas de desagregação e destruição que afetam o corpo físico, o perispírito assegura a estabilidade da vida em meio da contínua renovação das células.

> É o modelo invisível através do qual passam e se sucedem as partículas orgânicas, obedecendo a linhas de força, cuja reunião constitui esse desenho, esse plano imutável, reconhecido por Claude BERNARD como necessário para manter a forma humana em meio das constantes modificações e da renovação dos átomos.[77]

Outro aspecto importante relaciona-se com a própria higidez física, mantida pela ação fundamental do sistema imunológico que, de sua vez, é sustentado pelo perispírito. Evidência disso resulta, por exemplo, até do fato de que a deficiência imunológica, segundo bem se constata hoje, está estreitamente vinculada a fatores que dizem principalmente com o equilíbrio emocional.

O comprometimento psíquico – a refletir seguidamente a própria história do Espírito – pode repercutir na ação sustentadora do psicossoma, provocando o enfraquecimento das defesas orgânicas e o consequente desequilíbrio homeostático. Recomposta a harmonia mental – dentro das possibilidades cármicas –, as forças perispiríticas de sustentação, desbloqueadas, voltam a operar, reativando a imunologia. (Evidentemente, trata-se, aqui, de um processo extremamente complexo, a envolver não só conhecimentos ligados à fisiologia, neurofisiologia, endocrinologia, biologia molecular ou à bioquímica, mas, sobretudo, os que implicam uma compreensão maior da própria dinâmica psíquica ligada à realidade espiritual.)

* * *

IV.
CENTROS VITAIS

A complexa tessitura psicossômica apresenta, ao que tudo indica, um número considerável de "pontos de força", responsáveis, em seu conjunto, pela distribuição da energia vital e, por conseguinte, pelo equilíbrio fisiológico do organismo físico.

Não se trata de conhecimento novo. Em verdade, na Antiguidade, entre os hindus – especialmente com base nos *Upanixades*, os comentários dos Vedas que formavam os quatro livros sagrados (750-500 a.C.) –, já se sabia de sua existência. E muito antes, os chineses, com base no *Taoísmo*, a envolver uma avançada concepção da Criação,[78] elaboraram complexa e refinada técnica de cura, baseando-se no princípio de que a saúde depende do equilíbrio entre as forças *Iang* e *Inn*, expressões da energia vital, alcançável pela estimulação de pontos distribuídos por todo o corpo. Essa técnica, que também leva em conta as teorias chinesas de anatomia e fisiologia, é conhecida no Ocidente como *acupuntura* e encontra-se descrita no *Nei-Ching* (texto médico dos antigos), conhecido como a "Bíblia da Acupuntura" e surgido, possivelmente, no século III a.C. (A origem da acupuntura, todavia, remonta a três mil anos antes de nossa era.) O *Nei-Ching* divide-se em duas partes: o *So-Uen*, que trata de semiologia e cura, e o *Ling-Shu*, que se refere ao tratamento propriamente, pela estimulação – por meio de agulhas ou moxas – de pontos próprios, dirigida ao reequilíbrio do fluxo das forças *Iang* e *Inn* e, consequentemente, da estabilidade fisiológica.

Esses *acupontos* – cuja localização, seguidamente, coincide com a das terminações nervosas – são numerosos (cerca de 750 ou mais) e cobrem todo o corpo, sendo que 365 deles – dos quais, 122 servem mais às aplicações clínicas comuns – destacam-se em importância por fazerem parte de um delicado circuito composto por doze *meridianos*, possíveis canais de energia.

No passado, chegou a surgir a hipótese de que se tratava de canais condutores de substâncias desconhecidas, a constituírem um sistema diferente dos conhecidos, até mesmo o linfático.[79]

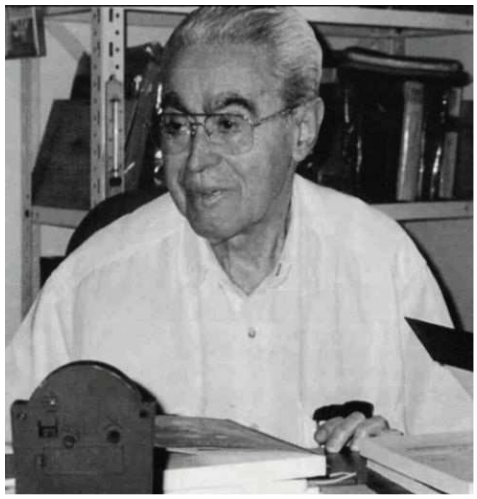
A propósito, Hernani Guimarães ANDRADE refere-se a duas experiências interessantes sobre a existência e alcance desses meridianos.

A primeira diz respeito a uma demonstração feita pelos russos. Comenta o ilustre pesquisador:

> Os soviéticos demonstraram a existência de verdadeiros circuitos de baixa resistência elétrica, em um organismo vivo, conectando uns com os outros os pontos de acupuntura. É possível registrar pequenas diferenças de potencial elétrico entre dois desses pontos, ligando, aos mesmos, electrodos de diferentes materiais, como a prata e o níquel.
>
> Acredita-se que um circuito interno profundo está relacionado com os pontos de acupuntura. Crê-se que tais conexões ocorrem sob a condição de um campo de energia em vez de uma rede condutora. As condições de bem-estar e de saúde do corpo parecem essencialmente dependentes da suficiente energia nesses circuitos e do seu mútuo equilíbrio.

Outro relato refere-se a experiências feitas pelo cientista de origem coreana Kim Bong HAN, que emprega técnicas tão inéditas quanto refinadas, assim descritas:

> Ele injetou fósforo radioativo em um ponto de acupuntura e tentou acompanhar sua marcha pelo organismo. Verificou que os átomos do fósforo radioativo, em vez de se espalharem pelos tecidos adjacentes, procuraram um meridiano particular. Em seguida foram detectados átomos de fósforo radioativo, em elevada concentração, nos pontos de acupuntura ao longo do meridiano correspondente.[80]



Hernani Guimarães Andrade
(1913-2003)

As experiências de Kim, informa Richard GERBER, foram posteriormente confirmadas:

> Estudos (...) realizados pelo pesquisador francês Pierre DE VERNEJOUL e seus colaboradores, confirmaram as descobertas de Kim em seres humanos. Eles injetaram tecnécio radioativo 99m nos pontos de acupuntura dos pacientes e acompanharam a absorção do isótopo através de uma câmara gama. DE VERNEJOUL verificou que o tecnécio radioativo 99m migrava ao longo do traçado dos clássicos meridianos da acupuntura chinesa, percorrendo uma distância de 30 centímetros em quatro a seis minutos. A injeção do isótopo em pontos aleatórios da pele, nos sistemas venoso e linfático não produziu resultados semelhantes, sugerindo que os meridianos constituem uma via morfológica distinta.[81]

Essas e outras experiências – como as de BURR, por exemplo, retrocitadas, em torno dos "campos de vida" (*fields of life*) – ressaltam a verdade de muito conhecida de que existem pequenos centros de força que, interligados, respondem pela sustentação do equilíbrio vital do organismo.

A tradição oriental – recolhida por estudiosos que lideraram o surgimento de diversas correntes espiritualistas no Ocidente – reporta-se à existência de centros energéticos maiores, a comandarem, de alguma forma, ao que tudo mostra, os demais. Esses centros, denominados chacras ou tchacras (do sânscrito: roda, círculo, disco, órbita), localizar-se-iam num segundo corpo, sutil, matriz do físico.

São sete os chacras citados (em sânscrito: *sahasrâra*, situado no alto da cabeça; *ajnã*, na região frontal do cérebro; *vishuddha*, na região do pescoço; *anâhata*, sobre o coração; *manipura*, na região do estômago; *swadhisthana*, na altura do baço; e *mulâdhâra*, situado na parte inferior da coluna vertebral), havendo, porém, escolas que, além desses sete principais, enumeram outros vinte e um centros menos destacáveis na fisiologia orgânica, com função, possivelmente, de ponte ou contato entre os "pontos de força" menores e os principais (chacras), em algum nível perispirítico, dentro de um complexo sistema em que a energia vital, através de meridianos (em sânscrito, *nádis*: condutores de energia da corrente vital;

"rios de energia"), sustenta o desenvolvimento e a conservação do veículo físico. Esse sistema de centros de condensação e distribuição de energia, e de conexões que os interligam, embora sua expressão física, compõem, obviamente, o corpo espiritual.[82]

Os chamados chacras, como acontece com os centros menores, conhecidos como pontos de acupuntura ou acupontos (modernamente, "campos de vida"), são hoje cada vez mais estudados e mesmo aparelhos têm sido construídos para detectá-los e avaliá-los. O médico e pesquisador japonês Hiroshi MOTOYAMA, por exemplo, baseando-se *"nas hipóteses de que cada chacra se relaciona intimamente com um determinado plexo nervoso e seu respectivo órgão interno"*, e procurando descobrir a energia produzida pelos chacras e lançada no corpo, desenhou um aparelho que denominou *"Instrumento do Chakra"*, o qual, ao contrário do eletroencefalógrafo e dos instrumentos de eletrofisiologia, conforme explica, detecta *"minúsculas variações energéticas (elétricas, magnéticas, ópticas) de um paciente"*, sendo os sinais ópticos e elétricos por ele emitidos *"amplificados e analisados por um processador, um analisador de espectros de força e outros equipamentos semelhantes localizados no exterior do recipiente, sendo então registrados simultaneamente numa fita gravadora de diversos canais, juntamente com variáveis convencionais como a respiração, o ECG, o pletismógrafo e o GSR"*.[83-84]

Os positivos resultados alcançados por MOTOYAMA, em suas inúmeras experiências, dando conta da localização desses centros de energia e de seu significado na economia do todo psicofísico, apresentam-se deveras auspiciosos, contribuindo, certamente, para a construção de uma Ciência mais próxima da realidade do Espírito.

*

Com o surgimento dos notáveis trabalhos do Espírito ANDRÉ LUIZ, por meio da mediunidade de Francisco Cândido XAVIER, tomou-se conhecimento da efetiva existência desses centros de força fundamentais, melhor denominados *centros vitais*.

Ensina, o venerando Instrutor que *"o nosso corpo de matéria rarefeita está intimamente regido por sete centros de força, que se conjugam nas ramificações dos plexos e que, vibrando em sintonia uns com os outros, ao influxo do poder diretriz da mente, estabelecem, para nosso uso, um veículo de células elétricas, que podemos definir como sendo um campo eletromagnético"*.[85]

Esses centros vitais recebem do Autor os nomes de centro *coronário*, centro *cerebral*, centro *laríngeo*, centro *cardíaco*, centro *esplênico*, centro *gástrico* e centro *genésico*.[86]

O centro *coronário*, por sua importância fundamental na sustentação do equilíbrio perispirítico, é o primeiro. Explica ANDRÉ LUIZ, por intermédio de Francisco C. XAVIER:

> Analisando a fisiologia do perispírito, classifiquemos os seus centros de força, aproveitando a lembrança das regiões mais importantes do corpo terrestre. Temos, assim, por expressão máxima do veículo que nos serve presentemente, o 'centro

coronário', que, na Terra, é considerado pela filosofia hindu como sendo o lótus de mil pétalas, por ser o mais significativo em razão do seu alto potencial de radiações, de vez que nele assenta a ligação com a mente, fulgurante sede da consciência. Esse centro recebe em primeiro lugar os estímulos do espírito, comandando os demais, vibrando todavia com eles em justo regime de interdependência.

Considerando (…) os fenômenos do corpo físico, e satisfazendo aos impositivos de simplicidade em nossas definições, devemos dizer que dele emanam as energias de sustentação do sistema nervoso e suas subdivisões, sendo o responsável pela alimentação das células do pensamento e o provedor de todos os recursos eletromagnéticos indispensáveis à estabilidade orgânica. É, por isso, o grande assimilador das energias solares e dos raios da Espiritualidade Superior capazes de favorecer a sublimação da alma.[87]

Em outra lição, minudencia:

Temos particularmente no centro coronário o ponto de interação entre as forças determinantes do espírito e as forças fisiopsicossomáticas organizadas.

Dele parte, desse modo, a corrente de energia vitalizante formada de estímulos espirituais com ação difusível sobre a matéria mental que o envolve, transmitindo aos demais centros da alma os reflexos vivos de nossos sentimentos, idéias e ações, tanto quanto esses mesmos centros, interdependentes entre si, imprimem semelhantes reflexos nos órgãos e demais implementos de nossa constituição particular, plasmando em nós próprios os efeitos agradáveis ou desagradáveis de nossa influência e conduta. A mente elabora as criações que lhe fluem da vontade, apropriando-se dos elementos que a circundam, e o centro coronário incumbe-se automaticamente de fixar a natureza da responsabilidade que lhes diga respeito, marcando no próprio ser as conseqüências felizes ou infelizes de sua movimentação consciencial no campo do destino.[88]

Quanto aos demais centros de força, anota o Autor que o centro *cerebral* é contíguo ao centro *coronário* e que *"ordena as percepções de variada espécie, percepções essas que, na vestimenta carnal, constituem a visão, a audição, o tato e a vasta rede de processos da inteligência que dizem respeito à Palavra, à Cultura, à Arte, ao Saber"*. *"É no centro cerebral"*, salienta, *"que possuímos o comando do núcleo endocrínico, referente aos poderes psíquicos"*.[89] Sua influência apresenta-se *"decisiva sobre os demais, governando o córtice encefálico na sustentação dos sentidos, marcando a atividade das glândulas endocrínicas e administrando o sistema nervoso, em toda sua organização, coordenação, atividade e mecanismo, desde os neurônios sensitivos até as células efetoras"*.[90]

Há uma íntima relação, uma perfeita sincronia de atividade entre os centros *coronário* e *cerebral*. Esclarece André Luiz, pela mediunidade de Francisco Cândido Xavier:

> Por intermédio do primeiro, a mente administra o seu veículo de exteriorização, utilizando-se, a rigor, do segundo que lhe recolhe os estímulos, transmitindo impulsos e avisos, ordens e sugestões mentais aos órgãos e tecidos, células e implementos do corpo por que se expressa.
>
> E assim como o centro cerebral se representa no córtex encefálico por vários núcleos de comando, controlando sensações e impressões do mundo sensório, o centro coronário, através de todo um conjunto de núcleos do diencéfalo, possui no tálamo, para onde confluem todas as vias aferentes à cortiça cerebral, com exceção da via do olfato, que é a única via sensitiva de ligações corticais que não passa por ele,[91] vasto sistema de governança do Espírito.[92]

Referindo-se às outras sedes reguladoras da energia vital, assinala o Autor, seguindo a ordem de sua localização, que o centro *laríngeo "preside aos fenômenos vocais, inclusive às atividades do timo, da tireóide, e das paratireóides"*; o centro *cardíaco "sustenta os serviços da emoção e do equilíbrio geral"*; o centro *esplênico*, que, *"no corpo denso, está sediado no baço"*, regula a *"distribuição e a circulação adequada dos recursos vitais em todos os escaninhos do veículo de que nos servimos"*; o centro *gástrico "se responsabiliza pela penetração de alimentos e fluidos em nossa organização"*, e o centro *genésico* é a sede do *"santuário do sexo, como modelador de formas e estímulos"*.[93]

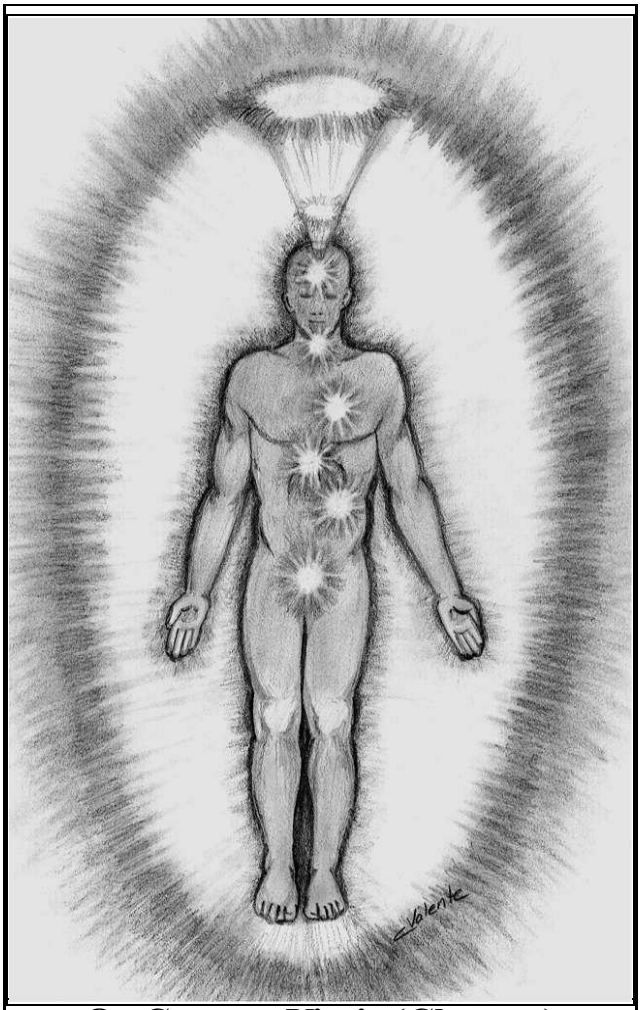
A respeito desses últimos vórtices, detalha, ainda, o consagrado Autor, em outras páginas, que o centro *esplênico* determina *"todas as atividades em que se exprime o sistema hemático, dentro das variações de meio e volume sangüíneo"*, o centro *gástrico* responsabiliza-se *"pela digestão e absorção dos alimentos densos ou menos densos que, de qualquer modo, representam concentrados fluídicos penetrando-nos a organização"*, e o centro *genésico* guia *"a modelagem de novas formas entre os homens ou o estabelecimento de estímulos criadores, com vistas ao trabalho, à associação e à realização entre as almas"*.[94]

Segundo alguns autores, o centro *coronário* situa-se na parte superior do cérebro (projetando-se no alto da cabeça); o centro *cerebral* é visto ao nível do lobo frontal, entre as sobrancelhas; o centro *laríngeo* localiza-se na região do pescoço; o centro *cardíaco* encontra-se na região do coração (precordial); o centro *gástrico* situa-se na região do abdômen superior (epigástrio); o centro *esplênico*, na região do baço, e o centro *genésico*, na região inferior do abdômen (hipogástrio).

Na verdade, o perispírito, como já anotado, é integralmente a matriz do corpo físico; a organização anátomo-fisiológica deste apenas reflete a realidade daquele. Cada célula do corpo denso corresponde a uma célula do corpo espiritual. Cada função orgânica corresponde a uma função perispirítica. E é sob o comando dos centros vitais do psicossoma que se processa a interação energética total entre ambas as estruturas.

Ressalta, a propósito, o Espírito ANDRÉ LUIZ, pela mediunidade de Francisco C. XAVIER:

São os centros vitais fulcros energéticos que, sob a direção automática da alma, imprimem às células a especialização extrema, pela qual o homem possui no corpo denso, e detemos todos no corpo espiritual em recursos equivalentes, as células que produzem fosfato e carbonato de cálcio para a construção dos ossos, as que se distendem para a recobertura do intestino, as que desempenham complexas funções químicas no fígado, as que se transformam em filtros do sangue na intimidade dos rins e outras tantas que se ocupam do fabrico de substâncias indispensáveis à conservação e defesa da vida nas glândulas, nos tecidos e nos órgãos que nos constituem o cosmo vivo de manifestação.[95]



Os Centros Vitais (Chacras)

A importância capital desses centros de força (percebidos por alguns cientistas como *"centros morfogênicos"*), comandando a especialização celular, o impulso histogênico dirigido à formação dos diferentes órgãos, como visto, já é hoje reconhecida pela maioria dos investigadores que se ocupam do tema.

Observe-se, finalmente, que nas fases de *intermissão* (termo empregado por Guimarães ANDRADE para designar, em Espiritismo, o intervalo entre encarnações), os centros vitais nada perdem em importância, na sustentação do dinamismo perispirítico, embora apresentem algumas transformações importantes, principalmente nos centros *gástrico* e *genésico*, como informa ANDRÉ LUIZ, e ainda que, de outro lado, sob o influxo da mente, possam esses dois centros de força entrar em processo de debilitação, chegando até a quase apagar-se fisiologicamente.

* * *

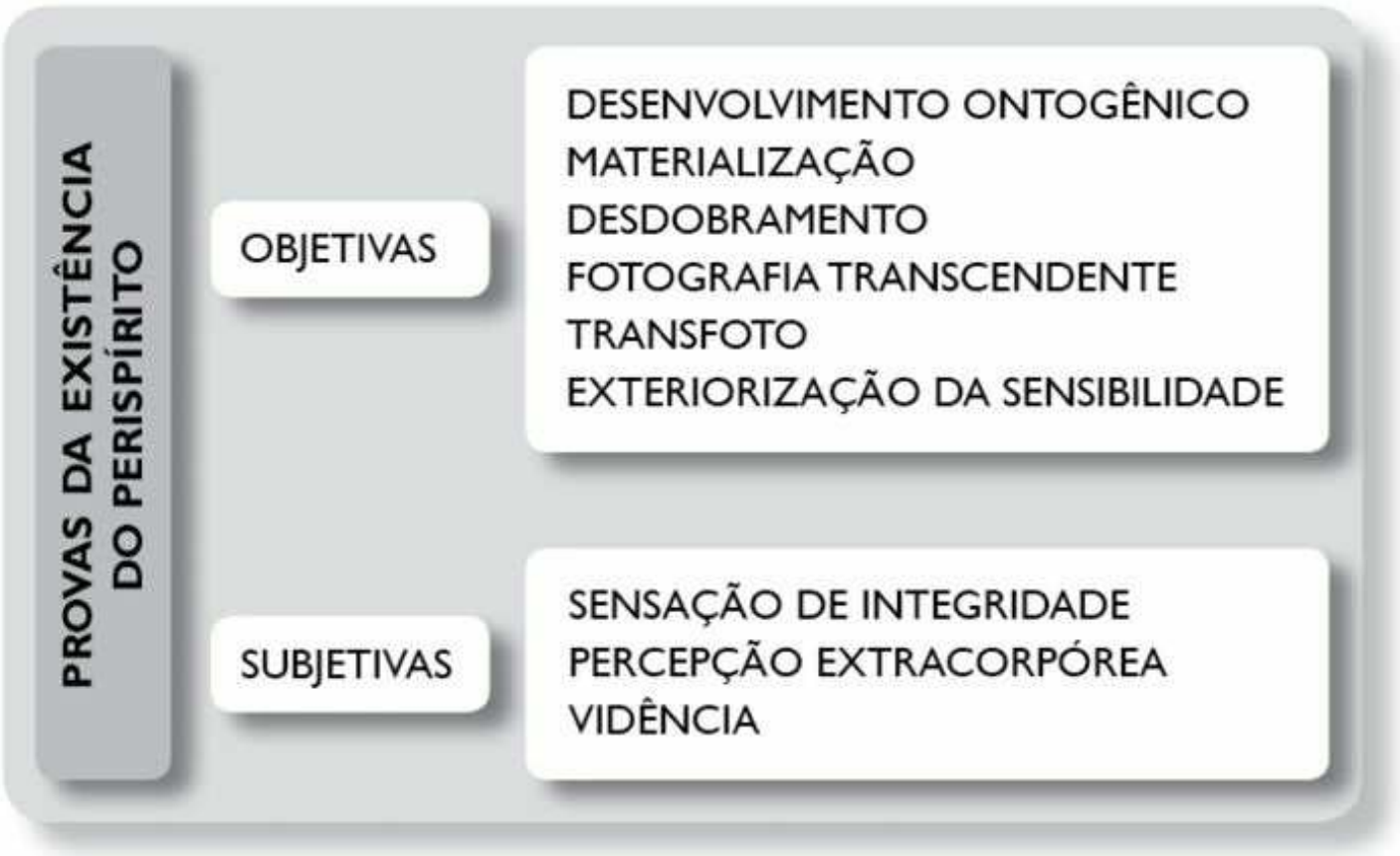
V.
PROVAS DA EXISTÊNCIA DO PERISPÍRITO

A comprovação da existência do perispírito, que o Espiritismo oferece, constitui, inegavelmente, contribuição das mais valiosas para o conhecimento do homem, em sua integridade.

Segundo sugestão de Léon Denis,[96] podem as provas ser divididas em **objetivas** e **subjetivas**.

Nessa direção, pode-se admitir que se alinham entre as provas **objetivas**, as que dizem com o *desenvolvimento ontogênico*, as que se produzem nos processos de *materialização*; as resultantes, especificamente, do fenômeno de *desdobramento*; as fornecidas pela *fotografia transcendente*; as produzidas pela *transfoto*; as que são colhidas nos fenômenos de *exteriorização de sensibilidade*.

Entre as provas **subjetivas**, destacam-se: as *sensações de integridade*; as *percepções extracorpóreas*; as percepções facultadas pela *vidência* ordinária.



Desenvolvimento ontogênico

O processo de formação do corpo físico, desde a fecundação até a fase adulta, submete-se, como visto, à força plasmadora (função organizadora) do perispírito.

Sob a ação dos centros de força, as células-tronco embrionárias (que se encontram nos embriões) desenvolvem-se e especializam-se, formando os tecidos e compondo os diferentes órgãos e sistemas, de peculiares características e específicas funções.

Só a existência do perispírito pode explicar a perfeição desse processo.

Se não, como entender a ação dessa força que comanda a formação e movimento das células-tronco, especializando-as e aglutinando-as em tecidos, segundo um plano rigorosamente determinado?

Diante da evidência de que a formação e a sustentação do edifício somático submetem-se,

rigorosamente, à força diretora, a "uma ideia geratriz", como já antevira Claude BERNARD (v. p. 71), ressoam cada vez mais fracas as tentativas de atribuir todo esse maravilhoso processo vital somente a um "automatismo biológico", existente "por si só", trocando a causa pelo efeito.

Na verdade, o automatismo que se constata presente no movimento celular é produto do governo mental que se faz presente através do perispírito. Como explica o Espírito ANDRÉ LUIZ, a mente *"influenciando o citoplasma, que é, no fundo, o elemento intersticial de vinculação das forças fisiopsicossomáticas, obriga as células ao trabalho de que necessita para expressar-se, trabalho este que, à custa de repetições quase infinitas, se torna perfeitamente automático para as unidades celulares que se renovam, de maneira incessante, na execução das tarefas que a vida lhes assinala".*[97]

Esse automatismo, expressando o magnetismo que impregna a célula, se faz presente nas culturas artificiais de tecidos orgânicos, na geração de certas estruturas e em outros efeitos, sendo certo que, como mostra ANDRÉ LUIZ, *"fora do governo mental que as dirige"*, as células *"não se revelam iguais às suas irmãs em função orgânica".*[98] O êxito pois que, por exemplo, se verifica nos casos de reposição de pele, deve-se, sobretudo, ao fato de que as novas células, com o automatismo remanescente, que as impulsiona, em regime de fenecimento, passa a ser substituído pelo comando mental do receptor, através da ação perispirítica, que as revitaliza e sustenta.

Resta claro, assim, que todo o regime celular subordina-se à ação perispirítica, realidade que se mostra especialmente evidente no processo que envolve as células-tronco, sejam embrionárias ou de adultos.

De fato, estas últimas, ao serem transplantadas para outro órgão, doente, do mesmo organismo, passam a subordinar-se ao centro de força que rege esse órgão afetado, transformando-se em tecido deste, como, por exemplo, ocorre no autotransplante, em que se retiram células-tronco da medula, injetando-as no coração enfartado, produzindo sua rápida melhora clínica.

Essas células – relevante salientar – não se transformam em tecidos, nem iguais aos do órgão de origem, nem iguais ou semelhantes ao de nenhum outro órgão, mas, exclusivamente, em tecidos do órgão doente, no qual foram injetadas, mostrando que há uma orientação plasmadora (perispirítica) que, nesse caso, amolda o desenvolvimento celular à estrita necessidade local (órgão doente).

São comprovações muito claras de que, tanto na especialização original das células-tronco embrionárias, formando tecidos e construindo órgãos e sistemas, como, depois, na ação das células-tronco adultas, retiradas de um órgão para servirem a outro, há uma força reitora subjacente a todo esse processo, comandando, desde o primeiro momento embrionário, o desenvolvimento e a sustentação do edifício biológico.

Materialização

Na multifária ocorrência ectoplásmica, os fenômenos que dizem com a chamada materialização de Espíritos atraem destaque particular (*"Materializar"* – ensina EMMANUEL, por Francisco Cândido XAVIER – "*é adensar, reconverter valores fluídicos, tangibilizar o que é sutil e indefinível ainda ao quadro dos conhecimentos terrestres"*).[99]

Nesse processo – tão delicado quão complexo –, pode surgir a formação do corpo inteiro do Espírito manifestante (*materialização total*) ou, apenas, de partes do corpo (*materialização parcial*).[100]

O elemento utilizado pelos Espíritos para esse tipo de produção fenomênica é, basicamente, o *ectoplasma* (do gr. *ektós*, fora, exterior, + *plásma*), termo divulgado por Charles RICHET (1850-1935),[101] depois de ter observado, numa série de sessões com a célebre médium Eva CARRIERE (depois WAESPÉ), conhecida como Eva C., acontecidas em 1903, na antiga Argel, que os fenômenos ocorriam graças a uma substância esbranquiçada que dela saía. Mais tarde, constatou-se, de vez, que essa substância viva, manipulada pelos Espíritos, é que torna realmente possível o surgimento das formações visíveis (luminosas ou não) – ou, até, só tangíveis –, conhecidas como *materializações*.

Albert Schrenk NOTZING (1862-1929), famoso pesquisador alemão, que também acompanhou Eva C. e outros médiuns famosos, denominou-a **teleplasma** (*Materialisations Phenomene*, 1914).

*

O ectoplasma, como opina Arthur Conan DOYLE, *"é a mais protéica das substâncias e pode manifestar-se de muitas maneiras e com propriedades variadas"*.[102]

Com base nos experimentos, observações e informações de notáveis investigadores,[103] como W. J. CRAWFORD, Charles RICHET, Gustave GELEY, Albert Schrenk NOTZING, Juliette--Alexandre BISSON (Mme. Bisson), William CROOKES, Johann C. F. ZÖLLNER, Paul GIBIER, Ernesto BOZZANO, Gabriel DELANNE, Alexandre AKSAKOF, Albert COSTE, Violet TWEEDALE, Hernani G. ANDRADE, Carlos de Brito IMBASSAHY e outros, é possível, já, catalogar algumas características do ectoplasma.

Assim, tem-se observado que se trata de uma substância de natureza filamentosa ou fibrosa, que, quando visível, pode apresentar-se branca, preta ou cinzenta, embora a primeira seja a mais frequente e, por vezes, apareçam as três cores simultaneamente.

A visibilidade é variável, podendo parecer luminosa e com intensidade que cresce ou diminui. Pode, também, ser invisível e, ainda, comparecer tangível ou não.

Geralmente, ao natural, é inodora, embora, às vezes, possa desprender um odor particular difícil de ser descrito. (Anota Conan DOYLE, que NOTZING, ao reduzir a cinzas uma porção de ectoplasma, registrou o *"cheiro de chifre queimado"*.[104]

Por vezes, o ectoplasma é frio e úmido; em outras, viscoso e semilíquido, mas raramente

seco e duro (quando forma cordas é duro, fibroso, nodoso). Dilata-se ou expande-se fácil e suavemente.

Ao tato pode-se senti-lo como uma teia de aranha.

Uma corrente de ar pode agitá-lo ou movê-lo. Move-se, às vezes, lentamente, numa espécie de movimento reptiliano, sobre o corpo do médium; outras vezes, o movimento é súbito e rápido.

É de extrema sensibilidade, podendo aparecer ou desaparecer com a rapidez de um relâmpago.

Obediente à ação mental, é sensível ao toque físico[105] e, particularmente, à luz. Por isso, por ser extremamente fotossensível, a eficácia do processo ectoplásmico, nas sessões de materialização, geralmente imprescinde da obscuridade.

De fato, as evidências são no sentido de que a luz, como lembra DENIS, exerce *"grande poder de desagregação"* sobre as formações ectoplásmicas. Camille FLAMMARION, a propósito, estabelece a seguinte comparação:

> Aqui está, num frasco e em volume igual, uma mistura de hidrogênio e cloro. Se quereis que a mistura se conserve, é preciso – seja ou não de vosso agrado – que o frasco permaneça na obscuridade. Tal é a lei. Enquanto ali ficar, ela se conservará. Se, entretanto, movido por uma fantasia pueril expuserdes essa mistura à ação da luz, uma violenta explosão se fará subitamente ouvir; o hidrogênio e o cloro terão desaparecido e encontrareis no frasco nova substância: o ácido clorídrico. E, com acerto, concluireis: a obscuridade respeita os dois elementos; a luz os aniquila.[106]

Guimarães ANDRADE, ao tratar do tema, sugere que a desagregação do ectoplasma estaria associada ao chamado *efeito fotoelétrico*. Observa o renomado cientista brasileiro:

> Raramente, o ectoplasma resiste à ação desagregadora dos fótons. Seria, talvez, o resultado do *efeito fotoelétrico*. O infravermelho, possuindo fótons de pequena energia, não exerce ação importante sobre aquela substância. Daí ser possível formarem-se aglomerações ectoplásmicas, na ausência da luz visível. Tal fato impede sejam observadas facilmente as ectoplasmias de pequena intensidade. Uma vez bem consolidado e na fase final de uma corporificação, o ectoplasma transforma-se em tecidos ou objetos resistentes às radiações luminosas. Da mesma forma, uma vez colhido em recipiente próprio, ele poderá, perdendo sua *carga biônica*, conservar-se sob o aspecto de u'a mistura de substâncias diversas, sacadas do organismo mediúnico e até mesmo de certos objetos.[107]

Importante anotar que, em função do interesse científico, como mostra a história do Espiritismo, os Espíritos que comandam o processo conseguem, quando necessário, sanar a ausência momentânea da obscuridade, sendo certo que, nesse caso, cautelas especiais são

tomadas para que o médium, em especial, não seja afetado. (A luminosidade incontrolada – e também a emoção súbita – pode provocar, além da desagregação, a repentina retração de parte do ectoplasma, chocando o médium e causando-lhe, por vezes, danos sérios e imprevisíveis.)[108]

O ectoplasma emana através de todos os poros do médium, especialmente da boca, das narinas, dos ouvidos, do tórax e das extremidades (alto da cabeça, seios, pontas dos dedos), sendo reabsorvido ou dispersado ao final do processo. Habitualmente, as primeiras emanações acontecem pela boca, sendo possível verificar que se forma a partir da superfície interna das bochechas, das gengivas e da abóbada palatina. Durante a produção do fenômeno, o recinto onde permanece o médium sói ficar na obscuridade; fora, emprega-se, geralmente, a luz vermelha.

Assume as mais diversas formas, mostrando sua irresistível tendência à reorganização. Em certos casos, quando adensado, pode ocupar um determinado volume no espaço.

Há, ainda, evidências de que possa estar sujeito à ação da gravidade. (W. J. CRAWFORD, 1890-1930, Professor de Engenharia Mecânica na Queen's University, Belfast, Irlanda, em suas célebres pesquisas ligadas à ectoplasmia, verificou experimentalmente, com o uso de balança, a ação da gravidade sobre o ectoplasma).[109]

Em condições específicas de adensamento, apresentar-se-ia como elemento condutor do magnetismo e da própria eletricidade.

Finalmente, o ectoplasma não só penetra (ou atravessa) qualquer tipo de matéria, como com ela interage, tanto física como quimicamente (nível atômico). Daí, por exemplo, o seu emprego na produção de efeitos físicos ou a sua aplicação em trabalhos de cura. E essa ação pode, também, ocorrer a distância: presentes as necessárias condições, o ectoplasma de um doador pode perfeitamente servir a um paciente que esteja em outro lugar.

*

Alguns investigadores (Schrenck NOTZING, James BLACK, Mme. BISSON, LEBIEDZINSKI) chegaram a pesquisar, por meio de análises químicas e histológicas, a constituição do ectoplasma, tendo sido detectada entre seus elementos constituintes, a presença de cloreto de sódio e de fosfato de cálcio. Resultados outros revelaram a presença de células epiteliais e leucócitos, além de matéria gordurosa. (BLAKE teria chegado, até, segundo o Prof. ANDRADE, a uma fórmula quantitativa, que, pelo menos, indicaria tratar-se, o ectoplasma animal, de uma substância de natureza proteica: $C_{120}H_{1184}AZ_{218}S_5O_{249}$).[110]

Assinala, a propósito, Carlos de Brito IMBASSAHY que, ao descobrirem na célula viva uma formação em torno do protoplasma (que denominaram ectoplasma), os biólogos chegaram a verificar *"que não tinha a consistência material"*, nele encontrando, todavia, elementos como oxigênio, nitrogênio, carbono, potássio, além de vestígios de cloro e sódio, comparecendo muito difícil seu estudo, porque, não se identificando propriamente com o protoplasma celular, mostrava *"característica estranha e desconhecida"*.

O tema, certamente, apresenta-se complexo, desafia os pesquisadores e provoca o surgimento de teses, as mais respeitáveis.[111] Assim, por exemplo, Jorge ANDRÉA, médico e autor dos mais conceituados, já enfatiza o papel do ATP entre os elementos que constituiriam o ectoplasma:

> O ectoplasma seria substância originária do protoplasma das usinas celulares, onde o ATP (trifosfato de adenosina) teria expressiva participação, ao lado de outros elementos. Dessa forma, não podemos deixar de considerar a importância do fósforo nas atividades bioquímicas orgânicas e, conseqüentemente, no desenvolvimento do processo ectoplásmico em suas específicas dosagens.
>
> No núcleo celular existiriam fontes específicas de energia, ligadas ao ADN e ARN (ácidos desoxirribonucleico e ribonucleico), a comandarem os processos metabólicos mais expressivos no soalho protoplasmático. O elemento participante ativo desse processo de formação de energias no corpo celular seria o ATP (trifosfato de adenosina), resultante do ciclo bioquímico específico de Krebs. O ATP (…), sendo a primordial fonte de energia nos processos celulares, estaria comprometido na formação do ectoplasma.[112]

*

Ditando a Francisco C. XAVIER, esclarece ANDRÉ LUIZ, referindo-se ao ectoplasma, que *"todos os homens a possuem com maior ou menor intensidade"*.[113] *"Independe do caráter e das qualidades morais daqueles que a possuem, constituindo emanações do mundo psicofísico, das quais o citoplasma é uma das fontes de origem"*.[114] E, em síntese magistral, leciona:

> O ectoplasma está situado entre a matéria densa e a matéria perispirítica, assim como um produto de emanações da alma pelo filtro do corpo, e é recurso peculiar não somente ao homem, mas a todas as formas da Natureza. Em certas organizações fisiológicas especiais da raça humana, comparece em maiores proporções e em relativa madureza para a manifestação necessária aos efeitos físicos. (…) É um elemento amorfo, mas de grande potência e vitalidade. Pode ser comparado a genuína massa protoplásmica, sendo extremamente sensível, animado de princípios criativos que funcionam como condutores de eletricidade e magnetismo, mas que se subordinam, invariavelmente, ao pensamento e à vontade do médium que os exterioriza ou dos Espíritos desencarnados ou não que sintonizam com a mente mediúnica, senhoreando-lhe o modo de ser. Infinitamente plástico, dá forma parcial ou total às entidades que se fazem visíveis aos olhos dos companheiros terrestres ou diante da objetiva fotográfica, dá consistência aos fios, bastonetes e outros tipos de formações visíveis ou invisíveis nos fenômenos de levitação, e substancializa as imagens criadas pela imaginação do médium ou dos companheiros que o assistem, mentalmente afinados com ele. Exige-nos,

pois, muito cuidado para não sofrer o domínio de Inteligências sombrias, de vez que manejado por entidades ainda cativas de paixões deprimentes, poderia gerar clamorosas perturbações.[115]

*

Dado importante a considerar é que o ectoplasma, mormente o empregado em trabalhos de materialização, apresenta um componente não físico; quiçá, o mais importante.

A propósito, informa ANDRÉ LUIZ que, numa sessão de materialização, pode apresentar-se como uma associação de: (**a**) fluidos oriundos dos planos espirituais superiores;[116] (**b**) fluidos do médium; (**c**) fluidos dos assistentes; (**d**) fluidos provenientes dos recursos energéticos da própria Natureza. (O Autor designa os primeiros como fluidos A; os produzidos pelos encarnados, como fluidos B; e os tomados à Natureza, como fluidos C).[117]

Tal informação, pela credibilidade de que se reveste, aponta em si a necessidade que temos de um vasto projeto de pesquisa interdisciplinar, que possa revelar mais abrangentemente não só a natureza do ectoplasma, como a sua implicação no próprio processo da Vida, tão delicado e complexo.

Nessa direção, aliás, já despontam, atualmente, promissores os esforços de renomados pesquisadores espíritas, entre eles H. Guimarães ANDRADE, que, com base nas indicações dos Espíritos, catalogou, em nível material, os seguintes "tipos" de ectoplasma: o *ectomineroplasma*, extraído dos corpos minerais inorgânicos; o *ectofitoplasma*, extraído dos vegetais, e o *ectozooplasma*, produzido pelos animais.[118]

Inegavelmente, tal tentativa de classificação comparece como das mais respeitáveis e o futuro disporá a respeito, sabendo-se, todavia, que, por ora, o que se tem é que esses recursos – minerais, vegetais, animais –, associados aos espirituais, são componentes de um composto denominado *ectoplasma*.

A importância do ectoplasma para a demonstração do perispírito, por meio da materialização, é fundamental e significa a chave de uma ampla reformulação de conceitos filosóficos, científicos e religiosos que já começa a acontecer. (Refletindo a respeito, anota Humberto MARIOTTI que *"la substancia ectoplásmica indica que existe en el Ser una naturaleza superior a la material. Es ella esencia de la vida universal y es además el engranaje que hace mover a la máquina del universo. Sobre la base del crecimiento de esa sustancia ectoplásmica todo está en continuo devenir. Esto nos señala que el fenómeno ectoplásmico responde em sus comienzos a una implosión biológica; pero este fenómeno se transfigura, ontológica y espiritualmente, demonstrando que el Ser puede elevarse a planos metafísicos y religiosos superiores"*.[119]

*

Sem ectoplasma não há materialização, mas esta só acontece em função da realidade

perispirítica.

Em se tratando de materialização de partes do corpo humano ou de quaisquer objetos, pode acontecer que resultem de formas-pensamentos dos Espíritos diretores, que, com suporte no ectoplasma, adquirem consistência física. Tais formas-pensamentos, quando emitidas por mentes invigilantes ou menos esclarecidas, podem trazer prejuízos inesperados. Ensina a respeito, EMMANUEL, por intermédio de Francisco C. XAVIER:

> Enquanto Emissários da sublimação se fazem sentir no propósito de socorrer-nos caridosamente, formas-pensamentos de natureza menos digna podem adquirir consistência física, depois de nascerem às vezes no próprio cérebro mediúnico menos evangelizado ou na vida íntima dos assistentes, alterando o programa de ação que deveria ser mantido no mais elevado nível moral.
>
> Quando esses choques aparecem, violentos e imponderáveis, as linhas magnéticas da reunião oferecem acesso a irmãos nossos de consciência turvada, que penetram o recinto da prece, à maneira de animais, violando os altares de um templo.

Daí, a propósito, a sugestão respeitável do venerando mestre espiritual:

> Por isso, se a nossa experiência pode cooperar convosco, sugerimos sejam quaisquer serviços de materialização movimentados na direção da saúde humana. Por enquanto, só o esforço assistencial aos doentes justifica o desdobramento intensivo das nossas atividades nesse setor, considerando que a sementeira das convenções sadias pode ter lugar, ao lado do pronto-socorro e da enfermagem, sem campo aberto às indagações sem proveito (…).[120]

A esse respeito, impõe-se assinalar que – ao menos no Brasil – um dos principais fatores responsáveis pela penetração do Espiritismo, em todas as classes sociais, tem sido a cura. E, na maioria das vezes – saliente-se –, fora das sessões de materialização. Colhendo o ectoplasma em suas diversas fontes, os Espíritos o manipulam, empregando-o em cirurgias que acontecem, até, em recinto aberto e iluminado, no meio da multidão. (Pela peculiaridade desse tipo de trabalho – o ectoplasma nem chega a adensar-se –, a luminosidade parece pouco influir.)

O certo é que, seguidamente, sem nenhuma manifestação ostensiva, silenciosamente, independentemente de lugar ou circunstância, de dia ou de noite, operam os Espíritos, dinamizando os recursos ectoplásmicos disponíveis em benefício da humanidade necessitada, lenindo dores e construindo consolações.

*

Nos processos de corporificação efetiva dos Espíritos comunicantes, as materializações[121] modelam-se de acordo com a configuração de seus respectivos perispíritos. (Não é comum, aliás, que nas sessões de ectoplasmia aconteça apenas a

materialização de Espíritos. Seguidamente, pela aglutinação do ectoplasma, como já anotado, surgem as mais diversas formações, luminosas ou não – semiopacas –, tangíveis, muitas vezes deixando até impressões e servindo às mais incríveis moldagens em parafina, como se vê em inúmeras amostras – principalmente de pés e mãos – moldadas espiritualmente e expostas nos museus especializados de todo o mundo.)

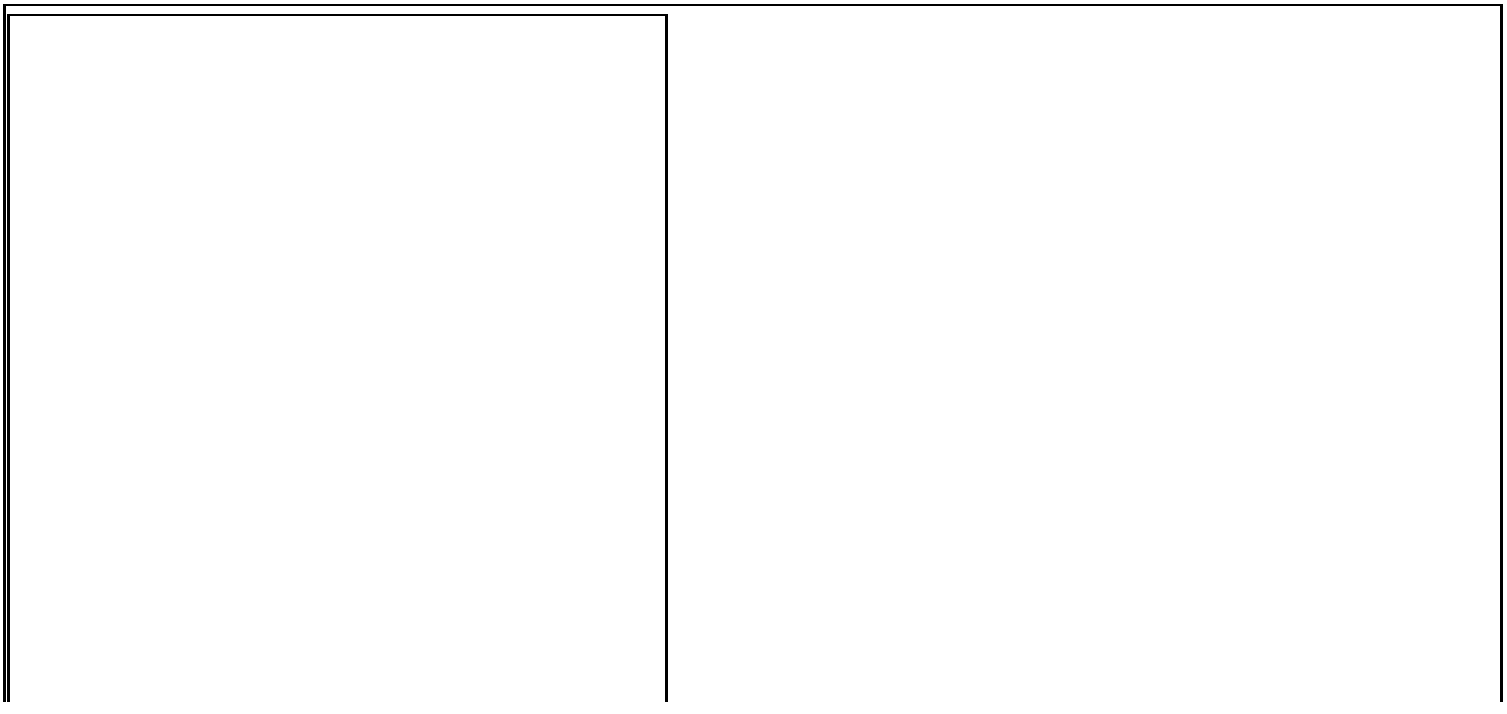
E se trata de fenômeno rigorosa e definitivamente comprovado, por meio de trabalhos realizados por cientistas e pesquisadores do mais alto gabarito intelectual e moral. (Só William CROOKES – notável físico e químico inglês, descobridor do tálio, inventor do radiômetro, dos tubos de Crookes, etc., Presidente da Sociedade Real, da Sociedade Química de Londres, do Instituto dos Engenheiros Elétricos, da Sociedade para Pesquisa Psíquica e outras instituições, além de fundador do *Chemical News* e editor do *Quarterly Journal* – reuniu, por exemplo, entre centenas de outras provas, quarenta e três fotografias das materializações de Katie King, ocorridas durante três anos sucessivos, na presença da médium Florence Cook e outras pessoas, tiradas em plena luz…)

Demais, importa ter presente que o fenômeno da materialização encontra registro em todas as páginas da História. Existiu em todos os tempos e lugares, ainda que, muitas vezes, sacralizada pelas religiões, que nela viam (e algumas ainda veem) a ocorrência de um milagre, quando, na verdade, não passa de um fenômeno natural, hoje, graças ao Espiritismo, plenamente explicável.

*

A materialização pode ser *mediúnica*, propriamente, ou *extramediúnica*.

Na materialização *mediúnica*, apoiados nos recursos ectoplásmicos oriundos do médium, dos assistentes, dos planos superiores e da Natureza, corporificam-se os Espíritos[122] encarregados de transmitir a lição da sobrevivência e de propiciar também, se for o caso, o benefício da cura.



Ectoplasmia (I)
Fotografia de William CROOKES e do Espírito Katie King, sob a luz de magnésio. (Em ***Les Apparitions Matérialisées des Vivants & des Morts***, **Gabriel DELANNE**. Paris: Leymarie, 1911, Tomo II)

Trata-se de um processo sumamente complexo e que demanda, além da competência, participação abnegada dos Espíritos operadores. Em lição magistral de ANDRÉ LUIZ, transmitida por Francisco C. XAVIER,[123] toma-se conhecimento de ações e cuidados espirituais inimagináveis, até, para que os trabalhos alcancem bom êxito: desde os momentos de preparação do ambiente, com a *"ionização da atmosfera, combinando recursos para efeitos elétricos e magnéticos"*, e a ozonização, *"necessária como trabalho bactericida"*, até a meticulosa preparação do sistema nervoso do médium, para a liberação do ectoplasma e a delicada corporificação do Espírito designado para a tarefa.

Na materialização *extramediúnica*, ocorrência também estudada por AKSAKOF, CROOKES e outros renomados investigadores, é o próprio Espírito do médium que se corporifica, total ou parcialmente, ou produz – muitas vezes, involuntariamente –[124] os efeitos ectoplásmicos que, afinal, resultam das próprias formas-pensamentos que constrói. (Assinala KARDEC: *"A alma do médium pode comunicar-se, como a de qualquer outro"*. E ainda: *"é fora de dúvida que o Espírito do médium pode agir por si mesmo. Isso, porém, não é razão para que outros não atuem igualmente, por seu intermédio."*)[125]

*

Tipos diversos de *materialização mediúnica* podem ser catalogados. Assim, pode apresentar-se como materialização *animada* (autônoma, conjugada, completa, parcial, singular, múltipla e simultânea, tangível, não tangível, luminosa, não luminosa) ou *inanimada* (completa, incompleta, tangível, não tangível, luminosa, não luminosa).[126]

A materialização mediúnica *animada* (ou *viva*) diz com a corporificação dos próprios Espíritos, expressando-se de diversos modos, até mesmo oralmente.[127]

A *inanimada* refere-se ao surgimento de objetos (até mesmo flores ectoplásmicas, sem vida), produto da mentalização dos Espíritos manipuladores do ectoplasma.

A materialização *animada* pode acontecer de maneira *autônoma* ou *conjugada*. No primeiro caso, o Espírito, atraindo o ectoplasma, corporifica-se sustentado em suas próprias possibilidades perispiríticas. No segundo, a materialização do Espírito apoia-se, de alguma maneira, no perispírito do médium desprendido, ou, sofre sua influência, de tal modo que seu semblante, muitas vezes, reflete os traços fisionômicos do médium. Trata-se, em verdade, de um processo complexo e seu exato entendimento dependerá de mais informações a respeito.

Observe-se, entretanto, que apesar da semelhança entre as fisionomias do Espírito e do médium, resta amplamente provado que se trata de uma modalidade de manifestação do Espírito, com os recursos ectoplásmicos do médium, não se confundindo com a materialização

extramediúnica.

As materializações autônomas, já por se apresentarem mais independentes, surgem, muitas vezes, mais perfeitas.

Nesse tipo de fenômeno, comumente acontece a corporificação de um só Espírito, ou de um Espírito por vez. É o que se pode designar como materialização *singular*.

Eventos rigorosamente investigados e anotados, todavia mostram que também soem acontecer, ainda que não frequentemente, as materializações *múltiplas* e *simultâneas*.

A literatura espírita documenta inúmeros casos referentes a esse tipo singular de materialização, estudados por pesquisadores de incontestável idoneidade científica e moral. Entre os registros clássicos, por exemplo, atrai citação uma extraordinária ocorrência anotada por AKSAKOF, que envolve o Dr. Monck, famoso médium de seu tempo:

> Como médium tínhamos o Dr. Monck; depois de o termos examinado, a seu próprio pedido, ele foi posto em um gabinete improvisado pela colocação de uma cortina através do vão de uma janela; a sala ficou iluminada a gás durante todo o tempo da sessão. Aproximamos uma mesa redonda da própria cortina e ali tomamos lugar, em número de sete.
>
> Logo depois duas figuras de mulher, que conhecíamos com os nomes de 'Bertie' e 'Lili', apareceram no lugar em que as duas partes da cortina se tocavam, e, quando o Dr. Monck introduziu a cabeça através da abertura, essas duas figuras apareceram acima da cortina, enquanto que duas figuras de homem ('Mike' e 'Richard') a separavam dos dois lados e se faziam igualmente ver. Por conseguinte, divisávamos *simultaneamente o médium e quatro figuras materializadas*, cada uma das quais tinha seus traços particulares que a distinguiam das outras figuras, como se dá entre pessoas vivas.
>
> É escusado dizer que todas as medidas de precaução tinham sido tomadas para prevenir qualquer embuste e que nos teríamos apercebido da menor tentativa de fraude.[128]

Um outro caso bem conhecido, transcrito por Alfred ERNY, é o ocorrido na casa do pintor francês James Tissot, quando residia na Inglaterra, com o famoso médium inglês William Eglinton,[129] e relatado pelo biógrafo deste, J. FORMER:

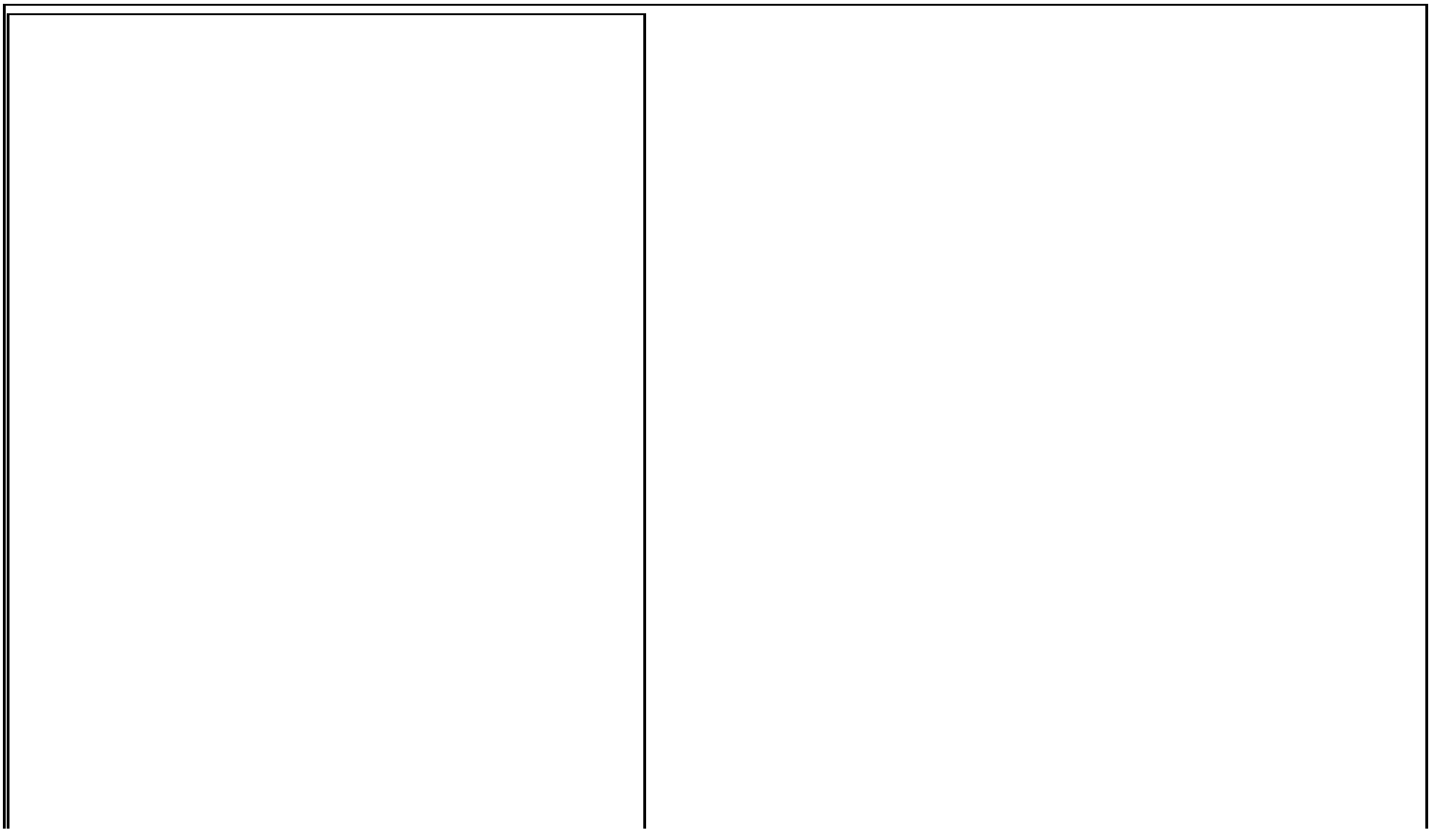
> A sessão realizou-se na casa do pintor J. Tissot, e, além dele e do médium, só estavam presentes duas senhoras e um cavalheiro. O Sr. Eglinton sentou-se numa cadeira perto do Sr. Tissot e nela se conservou durante todo o tempo. As portas foram fechadas à chave. Alguns instantes depois, duas formas apareceram lado a lado, à esquerda do Sr. Tissot. A princípio indistintas, pouco a pouco se tornaram visíveis a ponto de se poderem distinguir todos os seus traços. A forma masculina trazia na mão uma espécie de luz muito viva com a qual iluminou o rosto da forma feminina. O Sr. Tissot reconheceu imediatamente a última e, muito comovido, pediu-lhe que o beijasse, o que a forma fez repetidas vezes; viu-se-lhe o movimento dos lábios; depois desapareceu.

> O que tornou o fenômeno ainda mais impressionante foi o fato de aparecer o corpo psíquico de Eglinton através das outras duas formas. Houve, pois, uma tríplice materialização.[130]

A respeito desse fato – de tanta repercussão na época –, anota DELANNE, depois de informar que *"Eglinton serviu muitas vezes de médium para a materialização de aparições coletivas"*, que o pintor Tissot *"viu simultaneamente, tão bem e por tão longo tempo, que pôde com elas fazer belíssimo quadro, duas formas, feminina uma, a outra masculina, a primeira das quais ele reconheceu perfeitamente, e, também, o desdobramento de Eglinton, cujo corpo físico repousava numa poltrona, a seu lado"*.[131]

No Brasil, comparecem particularmente notáveis as materializações acontecidas com os médiuns Francisco Lins PEIXOTO (Peixotinho) e Fábio MACHADO, também rigorosamente comprovadas. O destacado Autor espírita Américo RANIERI, por exemplo, testemunha que, com o primeiro, *"o Espírito Zé Grosso apareceu materializado conduzindo o Espírito de Heleninha em forma de criança, minha filha na Terra, pela mão"*. Com o médium Fábio Machado, relata, entre os inúmeros fatos que presenciou:

> Estava o Zé Grosso materializado quando ouvimos rumor e vozes na cabina. Zé Grosso caminhou em direção, pois estava no meio da sala. E estabeleceu um diálogo com o espírito que estava dentro da cabina. Ouvia-se perfeitamente a voz de um e a voz de outro. Ouvia-se o passo rápido do Palminha, Espírito que era quem estava na cabina e o rinchar forte das botinas do Zé Grosso. Trocavam palavras que se ouviam bem. As vozes eram absolutamente diferentes.[132]



Ectoplasmia (II)

Foto de um quadro pintado pelo célebre pintor James TISSOT, representando dois Espíritos materializados, mostrando em suas mãos duas fontes de luz. (De *On Ne Meurt Pas*. L. Chevreuil. Jouve & Cie., Paris)

Se a materialização singular já comprova a existência do perispírito – e a sobrevivência do Espírito –, a materialização *múltipla e simultânea* representa a prova irrefutável e definitiva dessa realidade. Daí, a sua importância para o futuro científico, filosófico e religioso da Humanidade.

Na materialização *conjugada*,[133] por apoiar-se o manifestante no perispírito do próprio médium, ou ser por ele estreitamente influenciado, como visto, a aparência do Espírito materializado parece, muitas vezes, apresentar semelhanças com a do médium. Esse tipo de manifestação surge em determinadas circunstâncias ou condições, sabendo-se, entretanto, que o mesmo médium pode servir aos dois tipos de materialização.[134]

*

Todos os tipos de materialização *animada* podem apresentar-se *tangíveis* (ditas *estereológicas*), quando suscetíveis de serem apalpadas e examinadas, ou *não tangíveis*. Tanto as *tangíveis* como as *não tangíveis* são suscetíveis de surgir *luminosas* ou *não luminosas*, observando-se, todavia, que, no caso das primeiras – diferentemente das materializações *não tangíveis* –, mui dificilmente ocorre a luminosidade plena, sendo mais comum que compareçam quase opacas ou, até, não visíveis. (AKSAKOF refere-se a uma

ocorrência de *materialização transparente* que, ao que se depreende, não passaria de uma materialização *não tangível* com uma tênue luminosidade, que esta, como se sabe, pode variar de grau e tipo)[135-136] De qualquer forma, o tipo de ocorrência depende da programação dos Espíritos responsáveis, levando em conta não só a quantidade e a qualidade do ectoplasma disponível, como o próprio ambiente psíquico.

A materialização *inanimada* refere-se ao aparecimento de objetos, como produto de mentalização dos Espíritos manipuladores do ectoplasma. Pode, também, de conformidade com a intenção dos Espíritos operadores, apresentar-se *completa* ou *parcial*. As coisas poderão surgir com sua forma inteira, ou não. E, como acontece na materialização *animada*,

Ectoplasmia (III)

Foto da materialização de uma amiga espiritual de Francisco Cândido XAVIER, na residência deste, em Pedro Leopoldo-MG, servindo de médium Francisco Peixotinho (13/12/1954).

Ectoplasmia (IV)

Gravura do Sr. Drigin, representando a materialização do Espírito Katie King, segundo descrição de William CROOKES, que acompanhou o fenômeno à luz de uma lâmpada de fósforo. A médium Florence Cook, que colaborou com o cientista inglês, em suas célebres experiências, aparece no chão.

as formações ectoplásmicas *inanimadas* apresentam-se *tangíveis* ou *não tangíveis*. E, em se tratando dos objetos, se não aparecem luminosos, como no caso dos seres vivos, não deixam de se apresentar visíveis – o suficiente para que possam ser percebidos.

*

Ao lado da materialização *mediúnica*, propriamente, registra-se um tipo de materialização que se pode chamar de *extramediúnica.*

Duas espécies de ocorrência podem ser registradas nesse processo: a *automaterialização* e a *materialização inanimada*.

Na *automaterialização* é o próprio médium que se desdobra, e, afastado do corpo físico, passa a aglutinar, em seu perispírito, o ectoplasma que produz, materializando-se total ou parcialmente. Interessante observar que tal processo sói acontecer, normalmente, sem que o médium o deseje, não importando se permanece desperto ou em transe. (Em qualquer tipo de materialização, aliás, o médium tanto pode ficar em transe, como não, dependendo das condições do trabalho.)

Ressalte-se que a *automaterialização* não se confunde com a materialização mediúnica *conjugada*, antes examinada. Nesta, há um Espírito que se apoia no perispírito do médium e transmite seu pensamento, revelando uma personalidade nitidamente diferente da do intermediário. Já na *automaterialização*, é o próprio Espírito do médium que se materializa, temporariamente afastado do carro físico, mostrando-se com a sua personalidade.

Investigadores conscientes e acostumados com essa espécie de manifestação – até mesmo metapsiquistas, parapsicólogos, psicobiofísicos, etc. – não encontram dificuldade maior em discernir um tipo de ocorrência de outra, sabendo-se que o médium que se *automaterializa* (geralmente, até de modo involuntário) é o mesmo que, em outras circunstâncias, e na maioria das vezes, serve aos vários tipos de materialização de Espíritos.

Ambos os fenômenos – *materialização mediúnica* e *automaterialização* – são comuns e, dependendo da orientação dos *Espíritos controladores*, segundo a expressão de GELEY, podem perfeitamente coexistir.

A *automaterialização*, que também pode ser *completa* (muito rara) ou *parcial* (comumente, só a cabeça do médium), é suscetível de aparecer, também, sob condições especiais, *tangível* ou *não tangível*.

Se a *automaterialização* já não é comum, a *materialização extramediúnica* de objetos

inanimados apresenta-se mais rara ainda. A *materialização extramediúnica inanimada* é normalmente marcada pela acentuada imperfeição das formas das coisas que se materializam, sob a ação mental consciente ou subconsciente do médium. Esse tipo incomum de materialização, resultante da concentração do ectoplasma em torno das formas-pensamentos produzidas pelo médium, oferece, quase sempre, tênue visibilidade.

*

O fenômeno da corporificação ectoplásmica dos Espíritos – desencarnados ou não –, conhecido modernamente (e impropriamente, aliás) como *materialização* (KARDEC denominava-o *aparição*), comprovando em bases experimentais a natureza espiritual do ser humano, representa uma das mais expressivas contribuições do Espiritismo para o desenvolvimento do Saber.

É que – fato importante – tanto na *materialização dos Espíritos* desencarnados como na *automaterialização do médium*, o processo só acontece porque o perispírito dos manifestantes aglutina o ectoplasma disponível, amoldando-o automaticamente à sua forma. É a força aglutinadora do corpo espiritual e sua função modeladora que determinam a corporificação material dos Espíritos.

Conclui-se, assim, que, sendo a materialização um fato definitivamente comprovado, e ocorrendo que ela só acontece porque existe a base perispirítica, não só se prova a existência do psicossoma, como se demonstra a interação entre os mundos físico e espiritual.

E idêntico raciocínio aplica-se aos casos comprovados de *desmaterialização* e *rematerialização* – protagonizados, por exemplo, pelas conhecidas médiuns Elisabeth d'Espérance e Eusápia Paladino.

A matéria provisoriamente desagregada retoma, sob o rigoroso cuidado dos Espíritos operadores, sua condição e forma anteriores, graças ao perispírito, que lhe garante a sustenção anátomo-fisiológica.

Desdobramento

Os fenômenos de desdobramento, registrados em todas as épocas da Humanidade, constituem também notável meio de prova da realidade perispiritual, e embora possam, às vezes, genericamente inserir-se no quadro das materializações, impõe-se, por algumas de suas singularidades, sejam devidamente destacados.

Especialmente estudados a partir da segunda metade do século XIX,[137] surgem em nossos tempos como fenômenos naturais, verificáveis com pessoas detentoras de sensibilidade transespecífica, variando de tipo e de grau, de acordo com os indivíduos, os métodos e as condições.

Anote-se, a propósito, que embora os autores geralmente tenham empregado os termos *"desdobramento"* e *"desprendimento"*, para designar o mesmo fenômeno, é possível estabelecer uma certa diferença.

Carlos (Carmine) Mirabelli
(1889-1951), famoso médium brasileiro de efeitos físicos, nascido em Botucatu, SP.

O desprendimento (*ato de soltar-se*) é fenômeno básico, aliás, em todos os processos mediúnicos ou de simples percepção do mundo espiritual, visto que esses só se viabilizam graças a uma certa capacidade que tem o perispírito de desamarrar-se, por assim dizer, das teias físicas, tornando-se, por isso, mais sensível.[138]

Trata-se, aliás, de fenômeno comum e conhecido que, afinal, em maior ou menor grau, insere-se no álbum de experiências de toda pessoa.[139] Allan KARDEC, em *O Livro dos Espíritos*, no capítulo que dedica à "Emancipação da Alma", destaca ensino dos Espíritos Instrutores a respeito, mostrando que sempre que se afrouxam os laços físicos, o Espírito procura desprender-se do corpo: *"O Espírito recobra a sua liberdade quando os sentidos se entorpecem; ele aproveita para se emancipar, todos os instantes de descanso que o corpo lhe oferece. Desde que haja prostração das forças vitais, o Espírito se desprende, e quanto mais fraco estiver o corpo, mais o Espírito estará livre"*. E, a seguir, referindo-se ao tipo de desprendimento que ocorre no estado de semiconsciência, habitual na fase de pré-sono, anota: *"É assim que o cochilar, ou um simples entorpecimento dos sentidos, apresenta muitas vezes as mesmas imagens dos sonhos"*.[140]

A respeito desse tema, é oportuno considerar que embora, na história da Psicologia, inúmeros esquemas classificatórios das dimensões da consciência tenham sido propostos pelos pesquisadores da mente – mormente a partir de FREUD –, à luz do Espiritismo, a realidade consciencial cresce em riqueza, ensejando formulações quiçá mais abrangentes.[141] Nessa direção, é possível admitir-se os seguintes níveis ou dimensões da Consciência Total, patrimônio resultante da evolução milenar do ser humano: (**1**) o *subconsciente profundo*, repositório das experiências vividas no curso das reencarnações; (**2**) o *subconsciente*, armazém das vivências correspondentes à vida atual; (**3**) o *consciente* (consciência de relação, consciência desperta ou vígil), laboratório da cognição; (**4**) o *superconsciente* (consciência criadora), a expressar as potencialidades psíquicas superiores do ser humano.

(O *subconsciente profundo* tem sido historicamente designado como *inconsciente*, ainda

que se saiba que, em verdade – mesmo significando a sedimentação de nosso pretérito –, nunca deixa de refletir-se nos atos presentes, por determinação, aliás, do próprio dinamismo que rege a integridade psíquica. Daí, as discussões em torno da possível impropriedade desse termo, entronizado pelo pai da psicanálise.)[142]

Relevante anotar, ainda, que as *dimensões* de consciência não se confundem com os chamados *estados* conscienciais, ou seja, com as situações de consciência do indivíduo, no decorrer de um processo em que esteja envolvido.

Assim, um médium pode permanecer *consciente*, *semiconsciente* ou *inconsciente* no transcorrer de uma comunicação mediúnica, dela guardando lembrança inteira ou fragmentária, ou nenhuma, de acordo com o grau de consciência mantido durante o processo.[143]

Observe-se, por fim, que também na fase inicial do sono, quando principia o processo de desprendimento perispirítico, é comum o ingresso no estado de *semiconsciência* (faixa de registro de eventos à margem da consciência desperta, sem propriamente ruptura de contato

com a realidade presente), inclusive com a emersão de conteúdos do subconsciente e até do subconsciente profundo.

*

O desdobramento (*fazer-se em dois*), propriamente, implicaria um desenvolvimento do processo de desprendimento – inerente, como visto, a todo fenômeno mediúnico –, com uma emancipação maior do Espírito em relação à organização física, propiciada por condições perispiríticas especiais, ensejando o surgimento de uma outra forma corporal, semelhante à do seu corpo físico (*duplicação corpórea*), a ocupar – ou aparentando ocupar – também um lugar diferente daquele em que está o corpo (*bilocação*).

Verifica-se, assim, que nem todo desprendimento, conforme o conceito exposto, significaria desdobramento (duplicação corpórea e bilocação).

Mas, se nem todo desprendimento resultaria em duplicação corpórea, propriamente, seria metodologicamente útil aceitá-lo como a fase inicial – e natural – do processo de desdobramento, como aventado, ainda que seguidamente a transição entre os momentos de desprendimento e de desdobramento ocorram tão rapidamente – quase instantaneamente – que se torna imperceptível qualquer alteração ou diferença. (Autores há que admitem constituir-se o desdobramento uma espécie de projeção do Espírito. Tal hipótese, respeitável, poderia até ser aplicada aos casos em que, por exemplo, o desdobramento do perispírito desprendido ocorre junto ao próprio corpo da pessoa, sem que esta chegue a ter consciência do fenômeno, embora suscetível de ser fotografado. Em se tratando, todavia, de casos mais complexos, como certos tipos de fenômenos conscientes e tangíveis, a simples projeção não se apresenta como proposta explicativa suficientemente abrangente.)

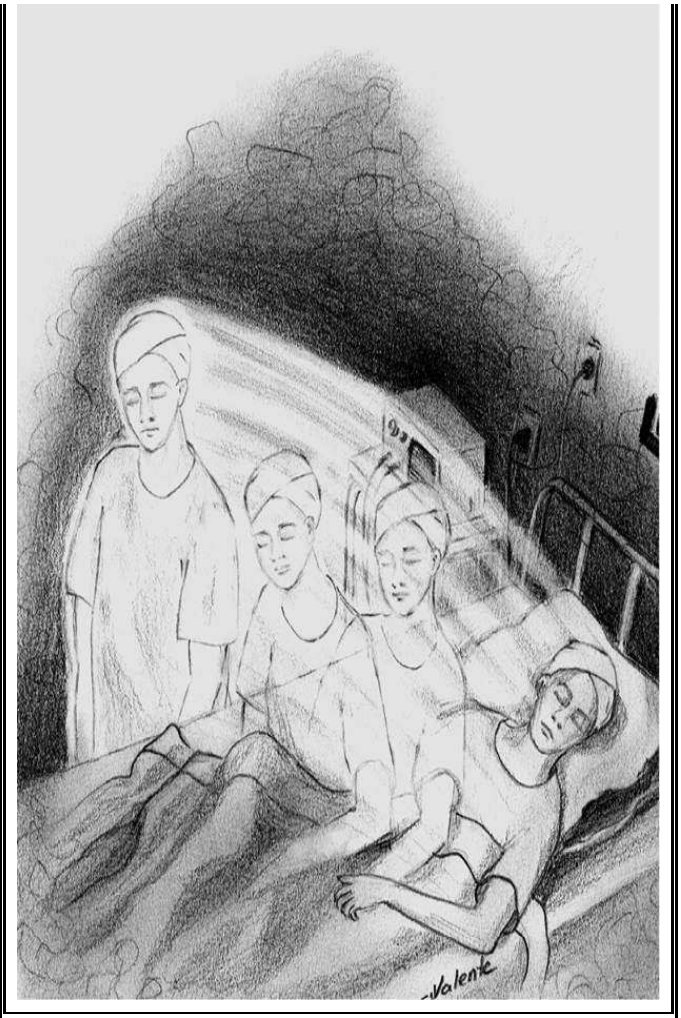
*

As numerosas pesquisas noticiadas pela literatura espírita (e também pela respeitável obra metapsíquica, parapsicológica e psicobiofísica) permitem a construção de um esquema classificatório que abranja as manifestações conhecidas.

Assim, os desdobramentos podem surgir como fenômenos *espontâneos* ou *induzidos*.

Os *induzidos* podem apresentar-se como *autoinduzidos* e *heteroinduzidos* (desdobramentos por indução magnética ou – mais raramente –, por indução verbal).

Os desdobramentos *espontâneos* e os *induzidos*, que podem ser *mediúnicos* ou *não mediúnicos*, com a participação *consciente*, *semiconsciente* ou *inconsciente* do sujeito, são *visíveis* ou *não*.



Desdobramento (I)

O desdobramento espontâneo ocorre com pessoas que, por suas particulares condições perispirituais, mostram-se normalmente sensíveis a esse delicado tipo de fenômeno – e a história registra inúmeros exemplos, desde Emmanuel SWEDENBORG e Andrew Jackson DAVIS até os nossos Eurípedes BARSANULFO, Francisco Cândido XAVIER, Yvonne A. PEREIRA, entre outros.

Pode ocorrer, tanto em estado de vigília, como em estado de transe natural, ou durante o sono regular fisiológico, em que, aliás, o fenômeno acontece com mais frequência. (Ainda que raramente, casos também têm sido observados em situações de anormalidade ou de crises fisiológicas e psicológicas).

No desdobramento que ocorre durante o sono (transe onírico), o sujeito pode entrar em contato com outros Espíritos e, até, comunicar-se através de um médium. E ao reintegrar-se plenamente ao corpo físico, pode restar-lhe algumas lembranças mais ou menos lúcidas, às vezes, permeadas de imagens simbólicas, como ocorre, por exemplo, nos chamados "sonhos premonitórios", em que o sujeito em desdobramento, recebe informações sobre fatos futuros, ou, simplesmente, nada ou pouco lembra do ocorrido e, mesmo assim, de forma confusa.[144]

O desdobramento *espontâneo* pode mostrar um caráter *mediúnico*, ou *não*.

Tecnicamente, caracteriza-se como *mediúnico*, quando serve à manifestação de uma vontade estranha à do sujeito (médium), com vistas à orientação ou esclarecimento, ou até à

mera comprovação da sobrevivência espiritual. Trata-se, aliás, de um fenômeno bem comum entre os médiuns psicofônicos e psicográficos, que, em se desprendendo e chegando ao desdobramento, facilitam mais a ação do Espírito comunicante sobre seu equipamento físico.

A documentação farta e exuberante das ocorrências desse tipo, registradas por um contingente significativo de pesquisadores, espanca qualquer dúvida e, às vezes, chega a surpreender por sua diversidade e riqueza. BOZZANO, por exemplo, entre dezenas de casos comprovados e analisados, menciona uma experiência especialmente marcante, vivida pelo célebre médium William Stainton MOSES (1839-1892), o qual assim a descreve:

> Enquanto era ditada a mensagem, meu espírito se achava separado do corpo, de modo que eu examinava, a distância, minha mão a escrever. A importância dos fatos é tal que precisa de uma exposição minuciosa e atenta do que se passou.
>
> Eram duas horas e trinta minutos da tarde e me achava sozinho em meu quarto. Repentinamente senti vontade de escrever mediunicamente, coisa que já não me sucedia há dois meses. Sentei-me à mesa e a primeira parte da mensagem foi escrita rapidamente, depois do que passei provavelmente ao estado de 'transe'. Minha primeira recordação foi a de ter-me visto 'em espírito', junto do meu corpo, que vi sentado à mesa, tendo a pena entre os dedos e a mão no papel. Observando tudo com imensa estupefação, notei que o corpo físico estava unido ao corpo espiritual por um cordão fino e luminoso e que os objetos materiais pareciam ser sombras, ao passo que os espíritos presentes pareciam sólidos e reais.
>
> Por detrás de meu corpo material achava-se 'Rector' (espírito) com uma das mãos em

minha cabeça e a outra superpondo a mão direita empunhando a pena. A pouca distância encontrava-se 'Imperator', com alguns espíritos que há muito se comunicavam comigo e depois ainda outros espíritos que eu conheci, dispostos em círculos e observando atentamente a experiência. Do teto, ou, antes, através do teto, espalhava-se uma luminosidade infinitamente doce e, por intervalos, raios azuis dardejavam o meu corpo. Cada vez que tal se produzia, via o meu corpo fremir e sobressaltar; era um meio de saturação e revigoramento dele. Observei, além disso, que a luz do dia era diluída, que a janela parecia escurecida e que a luminosidade que permitia enxergar era de origem espiritual…

'Imperator' explicou que eu estava assistindo a uma cena real, que me era oferecida para me instruir sobre o modo de operar dos espíritos. Vi 'Rector' ocupado em escrever, mas a ação não se produzia como eu imaginava, isto é, guiando-me a mão e impressionando-me o espírito, mas sim projetando um raio de luz azul sobre a pena, força que assim projetada provocava o seu movimento, que obedecia à vontade do espírito dirigente. Com o intuito de me provar que a mão não passava de um simples instrumento, não essencial à ação, foi-me a pena arrebatada da mão e permaneceu na mesma posição por efeito de um raio luminoso projetado sobre ela que, para maior surpresa, continuou a se mover, escrevendo sozinha, maravilha que me arrancou uma espécie de grito, sendo logo advertido de que deveria permanecer tranquilo e não perturbar a gênese dos fenômenos. Resultou daí que grande parte da mensagem obtida foi efetivamente escrita sem o auxílio de mãos humanas e sem nenhuma intervenção de meu pensamento e de meu espírito, mas me foi explicado que não era fácil escrever assim, sem o auxílio do organismo humano, e que a ortografia das palavras escritas em tais condições seria incorreta. De fato, tive ocasião de verificar que tal acontecera com a parte da mensagem assim conseguida… Passado certo tempo, ordenaram-me que eu reentrasse em meu corpo e imediatamente tomasse nota de quanto havia visto. Já não me recordo do instante em que tal aconteceu, presumindo que o meu espírito tornou a passar pelo estado de 'transe'.

No momento em que redijo estas notas, só sinto leve dor de cabeça. Estou absolutamente certo do que aconteceu e o transcrevo lentamente, exatamente, sem o menor exagero. Posso ter omitido certos fatos, mas nada alterei, nada acrescentei.[145]

Observe-se, enfim, que nesse capítulo devem ser também arrolados os casos de desdobramento *consciente* do sujeito, mediunizando, depois, outro médium, como, por exemplo, deu mostra, em diversas oportunidades, Francisco Cândido XAVIER, evidenciando as extraordinárias possibilidades do perispírito.

A literatura espírita, aliás, é rica em relatos de comunicações de Espíritos encarnados, através de vários tipos de recursos mediúnicos e em circunstâncias e condições as mais diversas, rigorosamente comprovadas por respeitáveis investigadores de ontem e de hoje.

A esse respeito, merecem destaque, entre outros, os trabalhos clássicos de Alexandre

AKSAKOF, Emma Hardinge BRITTEN – 1823-1899 – e Ernesto BOZZANO – 1862-1943 –, que, através de relatos inquestionáveis, mostraram, ainda quando a Humanidade mal começava a conhecer o Espiritismo, a realidade desse extraordinário tipo de fenômeno.[146]

*

Nos desdobramentos *não mediúnicos*, o sujeito manifesta suas próprias impressões e opiniões, não comparecendo, pois, como um intermediário direto, ainda que, mesmo assim, possa servir aos interesses superiores da Espiritualidade Maior. Anote-se, todavia, que, com o mesmo sujeito, podem ocorrer normalmente os dois tipos de processo – mediúnico, ou não –, uma vez que, de resto, a dinâmica é a mesma.

Inúmeros são também os casos comprovados de desdobramento *não mediúnico*.

Serve de notável exemplo um dos inúmeros fatos ocorridos com o famoso médium de Sacramento, MG, Eurípedes BARSANULFO (1880-1918), relatado por Inácio FERREIRA:

> Eurípedes achava-se em plena função da cátedra do 5º ano, no seu *Colégio Allan Kardec*. Caiu em transe por alguns minutos – branco, cadavérico, provocando inquietação aos seus alunos (…), que não sabiam o que fazer. (…) Aos poucos foi readquirindo a cor e voltando a si, ante a alegria e a satisfação de todos, e afirmou:
>
> — Tomem nota. Vi, no salão nobre de Versailles, o Tratado de Paz!
>
> Deu, em seguida, os nomes dos que o assinaram e a hora exata.
>
> Época em que não havia rádio, todos, entre crenças e descrenças, ficaram aflitos pela chegada dos jornais, o que se deu dias depois, trazendo a confirmação de tudo, para regozijo daqueles que nele confiavam e maior desespero dos que o consideravam como louco e visionário…[147]

*

Tanto o desdobramento *mediúnico*, como o *não mediúnico*, conforme já visto, podem apresentar-se como processos *conscientes, semiconscientes* ou *inconscientes*.

No desdobramento *consciente*, a pessoa não só atua conscientemente em todo o processo, como guarda lembrança nítida das experiências vividas. Nesse tipo de ocorrência, porque se expandem significativamente as possibilidades perispiríticas, fenômenos incomuns (naturais, porém) poderão ser registrados, especialmente com relação à percepção visual que, então, se torna particularmente aguda.

Assim, em estado de desdobramento (e, muitas vezes, já de desprendimento), pode o sujeito, seguidamente, não só perceber, com clareza, a aura da pessoa, como ver a distância ou através das paredes. E casos notáveis há, em que, mesmo a distância, também *"vê o interior do seu próprio corpo, com os feixes nervosos a vibrarem como um formigamento luminoso"*, como anota BOZZANO, designando tal fenômeno como *"autoscopia interna"*.[148]

No desdobramento inconsciente, embora o sujeito possa dialogar e seu duplo até ser visto por terceiros, ele próprio nenhum registro conserva do ocorrido.

A literatura é pródiga, também, em relatos de fenômenos desse tipo, desde o desdobramento parcial (semidesdobramento), junto ao próprio corpo, como se fosse ainda sua projeção, sem que o sujeito sequer se aperceba do que acontece, até os casos notáveis em que o duplo da pessoa é por todos visto, em ação relativamente independente, mesmo sem que o sujeito tenha consciência do fato, como foi, por exemplo, o caso célebre de desdobramento *não mediúnico*, *inconsciente* e *visível*, da professora Emília Sagée, documentado pelo famoso investigador russo, lente da então Academia de LEIPZIG, Alexander Nicolaievitch AKSAKOF (1832-1903), cujo relato, por sua importância histórica e científica, impõe inteira transcrição:

> Em 1845 existia na Livônia (e ainda existe), cerca de 36 milhas inglesas de Riga e a 1 légua e meia da pequena cidade de Volmar, uma instituição para moças nobres, designada sob o nome de 'Colégio de Neuwelcke'. O diretor, naquela época, era o Sr. Buch.
>
> O número das colegiais, quase todas de famílias livonesas nobres, elevava-se a quarenta e duas; entre elas se achava a segunda filha do Barão de Güldenstubbé, da idade de treze anos.
>
> No número das professoras havia uma francesa, a jovem Emília Sagée, nascida em Dijon. Tinha o tipo do Norte; (…) de belíssima aparência, de olhos azuis claros, cabelos castanhos; era esbelta e de estatura pouco acima da mediana; tinha gênio amável, dócil e alegre, porém um pouco tímida e de temperamento nervoso, um pouco excitável. Sua saúde era ordinariamente boa, e, durante todo o tempo (um ano e meio) em que ela esteve em Neuwelcke, não teve mais do que uma ou duas indisposições passageiras. Era inteligente e de esmerada educação, e os diretores mostraram-se completamente satisfeitos com o seu ensino e com as suas aptidões durante todo o tempo de sua permanência. Ela estava com a idade de trinta e dois anos.
>
> Poucas semanas depois de sua entrada na casa, singulares boatos começaram a correr a seu respeito entre as alunas. Quando uma dizia tê-la visto em tal parte do estabelecimento, freqüentemente outra assegurava tê-la encontrado em outra parte, na mesma ocasião, dizendo: 'Isso não; não é possível, pois acabo de passar por ela na escada', ou antes, garantia tê-la visto em algum corredor afastado. Acreditou-se a princípio em algum equívoco; mas como o fato não cessava de reproduzir-se, as meninas começaram a julgar a coisa muito estranha e finalmente falaram nele às outras professoras. Os professores, postos ao corrente, declararam, por ignorância ou intencionalmente, que tudo isso não tinha senso algum e que não havia motivo para dar-lhe qualquer importância.
>
> Mas as coisas não tardaram a complicar-se e tomaram um caráter que excluía toda a possibilidade de fantasia ou de erro. Certo dia em que Emília Sagée dava uma lição a treze dessas meninas, entre as quais a jovem Güldenstubbé, e que, para melhor fazer

compreender a sua demonstração, escrevia a passagem a explicar no quadro-negro, as alunas viram de repente, com grande terror, duas jovens Sagée, uma ao lado da outra! Elas se assemelhavam exatamente e faziam os mesmos gestos. Somente a pessoa verdadeira tinha um pedaço de giz na mão e escrevia efetivamente, ao passo que seu duplo não o tinha e contentava-se em imitar os movimentos que ela fazia para escrever.

Daí, grande sensação no estabelecimento, tanto mais porque as meninas, sem exceção, tinham visto a segunda forma e estavam de perfeito acordo na descrição que faziam do fenômeno.

Pouco depois, uma das alunas, a menina Antonieta de Wrangel, obteve permissão de ir, com algumas colegas, a uma festa local da vizinhança. Estava ocupada em terminar a sua toilette, e a jovem Sagée, com a bonomia e obsequiosidade habituais, tinha ido ajudá-la e abotoava seu vestido por trás. Ao voltar-se casualmente, a menina viu no espelho duas Emílias Sagée que se ocupavam consigo. Ficou tão aterrada com essa brusca aparição, que perdeu os sentidos.

Passaram-se meses e fenômenos semelhantes continuaram a produzir-se. Via-se de tempos em tempos, ao jantar, o duplo da professora de pé, por trás de sua cadeira, imitando seus movimentos, enquanto ela jantava, porém sem faca, sem garfo, nem comida nas mãos. Alunas e criadas de servir à mesa testemunharam o fato da mesma maneira.

Entretanto, nem sempre sucedia que o duplo imitasse os movimentos da pessoa verdadeira. Às vezes, quando esta se levantava da cadeira, via-se seu duplo ficar sentado ali. Em certa ocasião, estando de cama por causa de um defluxo, a menina de quem se tratou, a menina de Wrangel, que lhe fazia uma leitura para distraí-la, viu-a empalidecer de repente e contorcer-se como se fosse perder os sentidos; em seguida, a menina, atemorizada, perguntou-lhe se se sentia pior. Ela respondeu que não, mas com voz muito fraca e desfalecida. A menina de Wrangel, voltando-se casualmente alguns instantes depois, divisou mui distintamente o duplo da doente passeando a passos largos no aposento. Dessa vez a menina tinha tido bastante domínio sobre si mesma para conservar-se calma e não fazer a mínima observação à doente, mas, pouco depois, desceu a escada, muito pálida, e contou o fato de que tinha sido testemunha.

O caso mais notável, porém, dessa atividade, na aparência independente, das duas formas, é certamente o seguinte:

Certo dia, todas as alunas, em número de quarenta e duas, estavam reunidas em um mesmo aposento e ocupadas em trabalhos de bordado. Era um salão do andar térreo do edifício principal, com quatro grandes janelas, ou antes, quatro portas envidraçadas que se abriam diretamente para o patamar da escada e conduziam ao jardim muito extenso pertencente ao estabelecimento. No centro da sala havia uma grande mesa diante da qual se reuniam habitualmente as diversas classes para se entregarem a trabalhos de agulha ou outros análogos.

Naquele dia as jovens colegiais estavam todas sentadas diante da mesa, e podiam ver perfeitamente o que se passava no jardim; ao mesmo tempo que trabalhavam, viam a jovem Sagée, ocupada em colher flores, nas proximidades da casa; era uma das suas distrações prediletas. No extremo da mesa, em posição elevada, conservava-se uma outra professora, incumbida da vigilância e sentada numa poltrona de marroquim verde. Em dado momento, essa senhora desapareceu e a poltrona ficou desocupada. Mas foi apenas por pouco tempo, pois que as meninas viram ali de repente a forma da jovem Sagée. Imediatamente elas dirigiram a vista para o jardim e viram-na sempre ocupada em colher flores; apenas seus movimentos eram mais lentos e pesados, semelhantes aos de uma pessoa sonolenta ou exausta de fadiga. De novo dirigiram os olhos para a poltrona, em que o duplo estava sentado, silencioso e imóvel, mas com tal aparência de realidade que, se não tivessem visto a jovem Sagée e não soubessem que ela tinha aparecido na poltrona sem ter entrado na sala, acreditariam que era ela em pessoa. Convictas, no entanto, de que não se tratava de uma pessoa real, e pouco habituadas com essas manifestações extraordinárias, duas das mais ousadas alunas se aproximaram da poltrona, e, tocando na aparição, acreditaram sentir uma certa resistência, comparável à que teria oferecido um leve tecido de musselina ou de crepe. Uma delas chegou mesmo a passar defronte da poltrona e a *atravessar* na realidade uma parte da forma. Apesar disso, essa durou ainda por certo tempo; depois, desfez-se gradualmente. Imediatamente notou-se que a jovem Sagée tinha recomeçado a colheita de suas flores com a vivacidade habitual. As quarenta e duas colegiais verificaram o fenômeno da mesma maneira.

Algumas dentre elas perguntaram em seguida à jovem Sagée se, naquela ocasião, ela tinha experimentado alguma coisa de particular; esta respondeu que apenas se recordava de ter pensado, diante da poltrona desocupada: ‘Eu preferiria que a professora não se tivesse ido embora; certamente, essas meninas vão perder o tempo e cometer alguma travessura.’

Esses curiosos fenômenos duraram, com diversas variantes, cerca de dezoito meses, isto é, por todo o tempo em que a jovem Sagée conservou seu emprego em Neuwelcke (durante uma parte dos anos 1845-1846); entretanto, houve intervalos de calma de uma a muitas semanas. Essas manifestações se davam principalmente em ocasiões em que ela estava muito preocupada ou muito aplicada aos seus serviços. Notou-se que à medida que o duplo se tornava mais nítido, e adquiria maior consistência, a própria pessoa ficava mais rígida e enfraquecida, e reciprocamente que, à medida que o duplo se desfazia, o ser corpóreo readquiria suas forças. Ela própria era inconsciente do que se passava e só ficava sabendo do ocorrido quando lho diziam; ordinariamente os olhares das pessoas presentes avisavam-na; nunca teve ocasião de ver a aparição de seu duplo, do mesmo modo parecia não aperceber-se da rigidez e inércia que se apoderavam dela, quando seu duplo era visto por outras pessoas.

Durante os dezoito meses em que a Baronesa Júlia de Güldenstubbé teve a oportunidade

de ser testemunha desses fenômenos e de ouvir falar a tal respeito, nunca se apresentou o caso da aparição do duplo a grande distância; por exemplo: a muitas léguas da pessoa corpórea; algumas vezes, entretanto, o duplo aparecia durante seus passeios na vizinhança, quando a distância não era muito grande. As mais das vezes, era no interior do estabelecimento. Todo o pessoal da casa o tinha visto. O duplo parecia ser visível para todas as pessoas, sem distinção de idade nem de sexo.

Pode-se facilmente imaginar que um fenômeno tão extraordinário não pudesse apresentar-se com essa insistência durante mais de um ano em uma instituição desse gênero, sem lhe dar prejuízo. Desde que ficou bem estabelecido que a aparição do duplo da jovem Sagée, verificada a princípio na classe que ela dirigia, depois em toda a escola, não era um simples fato de imaginação, a coisa chegou aos ouvidos dos pais. Algumas das mais tímidas dentre as colegiais testemunhavam uma viva excitação e desfaziam-se em recriminações todas as vezes que o acaso as tornava testemunhas de uma coisa tão estranha e tão inexplicável. Naturalmente, os pais começaram a experimentar escrúpulo em deixar suas filhas por mais tempo sob semelhante influência, e muitas alunas, que tinham saído em férias, não mais voltaram. No fim de dezoito meses, havia apenas doze alunas das quarenta e duas que eram. Por maior que fosse a repugnância que tivessem com isso, foi preciso que os diretores sacrificassem Emília Sagée.

Ao ser despedida, a jovem, desesperada, exclamou, em presença da jovem Júlia de Güldenstubbé: ‘Oh! já pela décima nona vez; é duro de suportar!’

Quando lhe perguntaram o que queria dizer com isso, ela respondeu que por toda a parte por onde tinha passado – e desde o começo de sua carreira de professora, na idade de dezesseis anos, tinha estado em dezoito casas antes de ir a Neuwelcke –, os mesmos fenômenos se tinham produzido, motivando sua destituição. Como os diretores desses estabelecimentos estavam satisfeitos com ela em todos os outros pontos de vista, davam-lhe, de cada vez, excelentes certificados. Em razão dessas circunstâncias, ela se via na necessidade de procurar de cada vez uma nova colocação em lugar tão distanciado do precedente quanto possível.

Depois de ter deixado Neuwelcke, retirou-se durante algum tempo para perto dali, para a companhia de uma cunhada que tinha muitos filhos ainda pequenos. A jovem de Güldenstubbé foi visitá-la ali e soube que esses meninos, de idade de três a quatro anos, conheciam as particularidades de seu desdobramento; eles tinham o hábito de dizer que viam duas tias Emília.

Mais tarde, se dirigiu ao interior da Rússia, e a jovem de Güldenstubbé não mais ouviu falar a seu respeito.

Eu soube de todos estes pormenores por intermédio da própria jovem de Güldenstubbé, que espontaneamente me dá autorização de publicá-los com a indicação de nomes, de lugar e de data; ela se conservou no pensionato de Neuwelcke durante todo o tempo em

que a jovem Sagée lecionou ali, por conseguinte, ninguém teria podido dar um relatório tão exato dos fatos, com todos os pormenores.

No caso que precede, devemos excluir toda a possibilidade de ilusão ou de alucinação; parece-nos difícil admitir que as numerosas alunas, professores, professoras e diretores de dezenove estabelecimentos tenham experimentado por sua vez, a respeito da mesma pessoa, a mesma influência alucinatória. (…)

Notemos, além disso, que no dizer das alunas que tiveram a ousadia de tocar no duplo de Emília Sagée, esse apresentava uma certa consistência.[149]

Alexander Nicolaievitch Aksakof
(1832-1903)

Os desdobramentos podem ser *visíveis* aos olhos físicos, ou *não visíveis* (embora, além de serem percebidos pelos videntes, compareçam passíveis de registro por meio da fotografia transcendente).

Desdobramento (II)

Fotografia transcendente do Dr. M. Sigurd TRIER, Presidente da Sociedade Metapsíquica Dinamarquesa, desdobrado. ("Sandliedsoéregen", n. 49-5, 1907. *Le Fantôme des Vivants*, H. DURVILLE. Imprimeurs, Paris).

Evidentemente, a visibilidade diz com os recursos ectoplásmicos disponíveis e com as próprias condições perispiríticas do sujeito.

O caso de Emília Sagée, como visto, retratando um fenômeno de desdobramento *inconsciente*, mostra, também, como pode parecer bem *visível*.

E um denso cadastro de ocorrências registradas indica que, também, o desdobramento *consciente* é suscetível de se apresentar facilmente *visível*. A respeito, é muito ilustrativo e vale por importante documento, um outro episódio, entre os inúmeros vividos por Eurípedes Barsanulfo:

> Residia em Uberaba, na rua Bernardo Guimarães, o tenente Afonso Modesto de Almeida, pai de cinco filhos, espírita e grande amigo de Eurípedes.
>
> Em princípios de 1918, adoeceu um dos seus filhos, com dois anos de idade, mais ou menos. Chamados dois médicos, constatou-se caso gravíssimo de pneumonia, com prognósticos sombrios.
>
> Sobressaltado, o pai do enfermo seguiu na manhã do dia imediato para Sacramento, à procura de recursos junto a Eurípedes.
>
> À noite, um membro da família velava pelo doente, quando surge inesperadamente no

quarto, Eurípedes, materializado e, ao seu lado, grande luminosidade.

Temerosa, a pessoa que ali se achava acalmou-se, todavia, ante a personagem tão conhecida e dela ouviu:

— 'Minha amiga, o caso é bastante grave. Diz Menezes que se trata de broncopneumonia. Vire a criança de bruços. Aplique, aqui, uma cataplasma de farinha de mandioca. O pulmão esquerdo está muito congestionado. Dê-lhe água fluida e espere pelos medicamentos que virão. Ore e tenha fé. A criança será salva.'

Olhou para um canto e sorriu, sorriso que provocou a atenção e curiosidade da pessoa que recebia suas instruções e, lentamente, desapareceu.

No dia seguinte chegara de Sacramento o pai do enfermo, trazendo os medicamentos. Entusiasmado e alegre foi dizendo:

— Olhem, olhem a touquinha vermelha que Eurípedes viu, à noite, quando aqui esteve. Meu Deus! Eurípedes esteve aqui com o Dr. Bezerra e curou o meu filho!

Sim, Eurípedes lhe dissera que, à noite, com o Dr. Bezerra, esteve em sua casa examinando o doente. Sorrira porque havia notado, em um canto, uma touquinha vermelha – fato que ressaltou como testemunho e prova da sua presença inegável, em Espírito, em seu lar (…).[150]

Finalmente, os desdobramentos podem surgir *tangíveis* ou *não tangíveis*, sabendo-se que a tangibilidade pode revelar, às vezes, surpreendente consistência (*"O duplo se torna tão material, que bate à porta* […]*"*).[151]

De fato, casos há de aparição tangível – tanto no desdobramento como na materialização de Espíritos desencarnados –, em que a aglutinação do ectoplasma surge tão densa que se a percebe como um corpo perfeitamente sólido, prestando-se, mesmo, a avaliações de caráter estereológico, pois que suscetível de ser medido, apalpado, pesado, examinado enfim, em todos os detalhes, como, aliás, rigorosamente demonstrado por William Crookes (1832-1919), em seus célebres experimentos com a médium Florence Cook (1856-1904) e Katie King, Espírito.

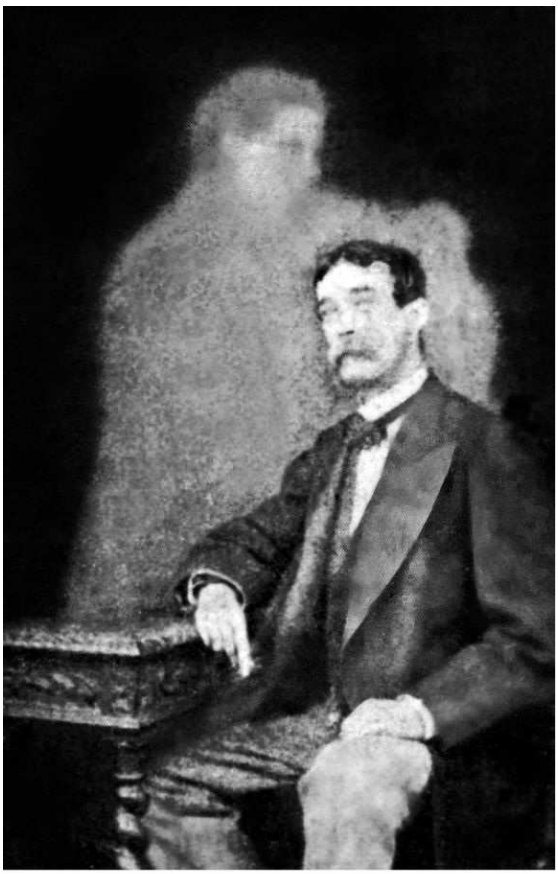
A respeito, muitos são, também, os fatos conhecidos, embora alguns, é claro, apresentem-se suscetíveis de discussão. Kardec, por exemplo, cita, entre outros, este caso:

> O juiz de cantão, J…, em Fr… mandou certo dia seu amanuense a uma aldeia dos arredores. Passado algum tempo, ele o viu entrar de novo, tomar de um livro no armário e folheá-lo. Perguntou-lhe bruscamente por que ainda não fora onde o mandara. A essas palavras, o amanuense desapareceu. O livro cai no chão e o juiz o coloca em cima de uma mesa, aberto como caíra. À tarde, de regresso o amanuense, o juiz o interrogou sobre se lhe acontecera alguma coisa em caminho, se tinha voltado à sala onde naquele momento se achavam.

— *Não,* respondeu o amanuense; *fiz a viagem na companhia de um amigo; ao atravessarmos a floresta, pusemo-nos a discutir acerca de uma planta que encontráramos e eu lhe disse que, se estivesse em casa, fácil me seria mostrar-lhe uma página de Lineu que me daria razão.*

Era justamente esse o livro que ficara aberto na página indicada.[152]

Episódios como esse revelariam possibilidades perispiríticas realmente extraordinárias. Todavia, tudo leva a crer,



Desdobramento (III)

Foto famosa do Conde de Bullet e do Espírito de sua irmã, então encarnada e vivendo em Baltimore, EUA. No momento da foto, eram 11h em Paris e 6:30h em Baltimore. Ela dormia. (*Da Revue Spirite*, 1874: p. 340. Reproduzida em *Processo dos Espíritas*, Hermínio C. MIRANDA. FEB, Rio de Janeiro, 1977)

que, em se tratando de uma manifestação que pareça assim tão material (ectoplasma é matéria), o sujeito dificilmente permaneceria totalmente desperto. Por isso, aliás, o oportuno e sábio comentário do Codificador: *"Num caso desses, seria preciso comprovar, de maneira positiva, o estado do corpo no momento da aparição. Até prova em contrário, duvidamos de que o fato seja possível, desde que o corpo se ache em atividade inteligente".*[153] De fato, mais razoável seria aceitar que o sujeito, ao se desdobrar, estivesse em transe passageiro, ainda que quase superficial.

Cumpre ressaltar, aqui, a propósito desse tipo de fenômeno, que embora, em tese, tanto os

desdobramentos como as materializações de Espíritos possam surgir *luminosas* e *tangíveis*, simultaneamente, as pesquisas têm mostrado que dificilmente as aparições ou corporificações plenamente luminosas apresentar-se-iam também tangíveis, pois implicariam processos (um, de aglutinação, outro, provavelmente, de uma espécie de "queima" de ectoplasma) que demandariam, de parte dos Espíritos operadores, esforços adicionais, tão complexos quanto dispensáveis. Daí, a verificação de que é mais comum, nos casos de aparição tangível, que a luminosidade surja sensivelmente prejudicada (materializações quase ou semiopacas).

*

O desdobramento *induzido* difere do *espontâneo*, por resultar de uma ação específica que deflagra o processo.

O sujeito, como visto, pode ser induzido (heteroinduzido) ao desdobramento, magneticamente, ou algumas raras vezes, verbalmente (se bem que, neste caso, faz-se quase sempre presente, também, conjugadamente, o apoio magnético).[154]

A indução *magnética* é normalmente aplicada pelos Espíritos, em tarefa de ajuda aos médiuns, especialmente para que consigam desprender-se e, se for o caso, desdobrar-se, facilitando aos comunicantes o uso de seu equipamento físico para o trabalho psicofônico e psicográfico, entre outros.

Outras vezes, o próprio desdobramento surge como um fim em si mesmo, propiciando, sob a égide dos responsáveis espirituais, alcances ou percepções úteis ao trabalho demonstrativo ou de esclarecimento.

Também os casos de *automaterialização* mostram, seguidamente, a ação dos Espíritos apoiadores, magnetizando o médium para que se desdobre e se torne visível, sem prejuízo da liberação do ectoplasma necessário a outras materializações.

O desdobramento *induzido* – tal como o *espontâneo* – pode, também, apresentar-se como *mediúnico*, ou *não mediúnico*, conforme sirva à intermediação espiritual, ou não, devendo-se ressaltar que, no primeiro caso, normalmente faz-se presente, também, a ajuda magnética dos Espíritos, com vistas ao melhor aproveitamento da operação.

No desdobramento, o médium poderá guardar plena lembrança das experiências vividas nesse estado. É o caso do desdobramento *consciente*. Já no desdobramento *semiconsciente*, as lembranças são fragmentárias, e no desdobramento *inconsciente*, nenhuma lembrança permanece.

Há casos de autoindução em que o processo é inteiramente comandado pelo próprio sujeito, como, por exemplo, acontece entre os que se dedicam a certas práticas orientais, nas quais, o autocondicionamento comparece como o elemento disparador do evento. Nessas circunstâncias, o desdobramento *induzido*, de caráter *mediúnico*, ou não (ou seja, servindo à intermediação, ou não, de outras vontades), não deixará de ser *consciente*, podendo, aliás, alcançar níveis superiores de percepção.

Como ocorre com o desdobramento *espontâneo*, o *induzido* pode também, ainda que

raramente, apresentar-se fisicamente *visível*. O comum, porém, é só ser percebido pela vidência.

Finalmente, como acontece nos processos *espontâneos*, os desdobramentos *induzidos* podem, também, apresentar-se *tangíveis* (casos raríssimos) ou *não tangíveis*, conforme a massa disponível de ectoplasma, as condições perispiríticas do sujeito e, mormente, os objetivos perseguidos.

Importante marcar, aqui, a semelhança entre os processos *espontâneos* e *induzidos*, os quais, basicamente, guardam relação com o mesmo tipo de sensibilidade. Com efeito, os sujeitos suscetíveis ao desdobramento *espontâneo*, também o são quanto ao *induzido*. E os que se desdobram por efeito de meios indutivos podem facilmente chegar à duplicação espontânea.

*

O fenômeno de duplicação corpórea,[155] que, em muitas linhas, encontra-se com o da materialização, fornece, como este, demonstração inequívoca da existência do perispírito. Espontâneo ou não, tangível ou não, o duplo fluídico toma, obrigatoriamente, a forma do corpo físico porque, no desdobramento, o molde sustentador é sempre o corpo espiritual.

Fotografia transcendente

Além da fotografia comum das materializações visíveis, um outro meio de registro da presença espiritual (desencarnados e encarnados em desdobramento) existe, a chamada *fotografia transcendente*,[156] denominação que AKSAKOF deu à fotografia dos fenômenos que classificou como sendo de *"materialização invisível"*.[157]

Por esse meio, podem ser fotografados tanto os Espíritos, de corpo inteiro ou não, como flores,[158] objetos, animais, formas-pensamentos, os quais, embora a possibilidade de impressionarem, via ectoplasma, a placa ou o filme sensível, são *invisíveis* ao olho humano, nenhum efeito produzindo, pois, sobre a retina.

A fotografia transcendente apresenta a notável particularidade de poder ser obtida até na mais completa escuridão, como mostram as experiências de renomados pesquisadores, evidenciando que as radiações emanam das próprias figuras, ou seja, que não se trata de luz refletida. Trata-se, aliás, de fato que guarda semelhança com os registros que se fazem em astronomia, em que a fotografia é capaz de revelar a existência de estrelas invisíveis aos observadores.

Outra importante característica diz com a possibilidade de ser ela obtida sem o uso de nenhuma máquina, bastando a existência das placas ou filmes virgens e os necessários recursos ectoplásmicos.[159]

Fotografia Transcendente (I)

Fotografia de Kingsley Doyle, jovem médica desencarnada, vítima da gripe espanhola, ao lado de seu pai, Arthur Conan DOYLE. (*La Revue Spirite*. Tours, nº 24, 1995, p. 37)

Anote-se, a propósito, que embora a fotografia transcendente, em si, dispense o uso de qualquer máquina, não é raro aparecerem nas fotografias comuns imagens de Espíritos, objetos, etc., inteiros ou não, ao lado das pessoas ou materializações fotografadas, que não pareciam visíveis aos olhos físicos. É o que se poderia chamar de *fotografia mista*.

As primeiras fotografias transcendentes conhecidas devem-se a William H. Mumler, que operava em Boston, Estados Unidos, e teriam surgido em 1861.

Arthur Conan DOYLE descreve assim o notável evento:

Mumler, que trabalhava como gravador numa das principais joalherias de Boston, não era espírita nem fotógrafo profissional. Em horas de folga, quando tentava tirar fotografias de si mesmo, no atelier de um amigo, obteve numa chapa o contorno de uma outra figura. O método que empregava era focalizar uma cadeira vazia e, depois de descobrir a objetiva, alcançar a cadeira escolhida e aí ficar durante o tempo necessário à exposição. Nas costas da fotografia Mr. Mumler tinha escrito:

'Esta fotografia foi feita por mim mesmo, de mim mesmo, num domingo, quando não havia viva alma na sala – por assim dizer. A forma à minha direita reconheço como minha prima, morta há doze anos.

W. H. Mumler'

A forma é de uma mocinha, que aparece sentada na cadeira. A cadeira é vista com nitidez através do corpo e dos braços, como também a mesa na qual ela apoia o braço. Abaixo do peito, diz um relato contemporâneo, a forma (que parece usar um vestido decotado e sem mangas) se desagrega num tênue vapor, como simples nuvem na parte inferior do retrato. É interessante notar pormenores nessa primeira fotografia espírita, que se repetiram muitas vezes nas que foram obtidas posteriormente por outros operadores.

Logo correu a notícia do que havia acontecido a Mumler e ele foi assediado por pedidos de sessões. A princípio recusou-se, mas finalmente concordou e quando, posteriormente, outros 'extras' foram obtidos, e sua fama se espalhou, foi então compelido a abandonar o seu negócio e a dedicar-se a esse novo trabalho.[160]

As fotografias de Mumler chegaram logo à Inglaterra e França, atraindo a atenção tanto de curiosos como dos mais respeitáveis pesquisadores, até mesmo de KARDEC.[161]

Hermínio C. MIRANDA, no resumo que fez da obra de Madame Leymarie, *Procès des Spirites*, reportando-se a esse momento em França, escreve:

No início da década de 70, no século XIX, começaram a surgir em Paris as chamadas 'fotografias espíritas', ou seja, retratos de pessoas encarnadas, junto às quais apareciam, mais nítidos ou menos nítidos, seres desencarnados. Eram obtidas nos Estados Unidos, bem como na Inglaterra, e por essa pesquisa interessou-se pessoalmente o eminente cientista Sir William CROOKES.

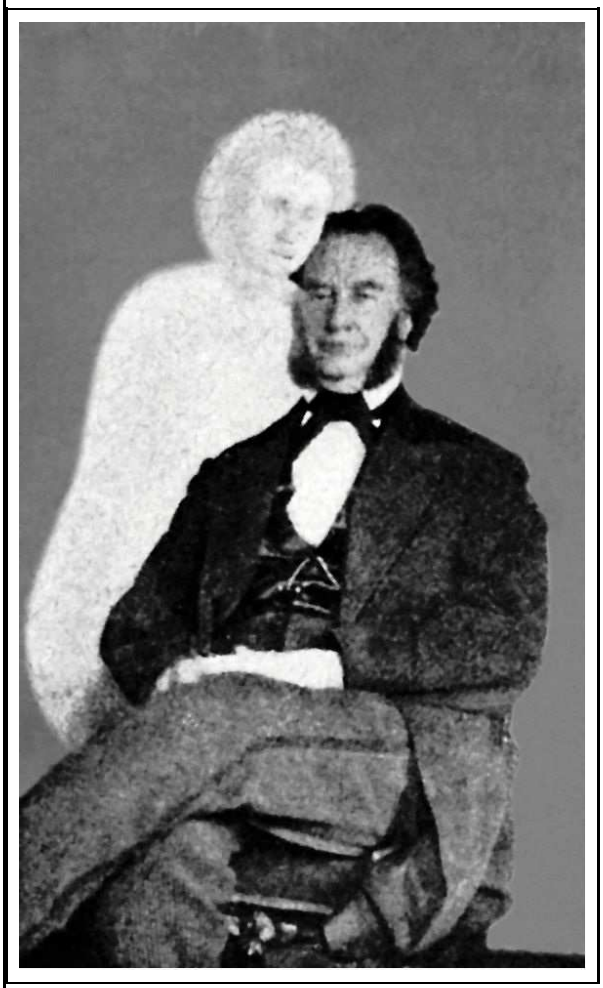
As fotos despertaram grande interesse da parte do público, e a *Revue Spirite*, a essa altura sob a gerência de Pierre--Gaëtan LEYMARIE, passou a importá-las para atender às inúmeras solicitações dos seus assinantes.

Os originais, obtidos pelo fotógrafo americano Mumler, eram vendidos ao preço de 1 franco e 25 cêntimos.[162]

Na Inglaterra, onde esse tipo de fotografia foi especialmente estudado, o primeiro registro foi feito por Frederick A. Hudson, em 1872. Os trabalhos desse médium tiveram grande repercussão entre os intelectuais ingleses, atraindo, também, nomes famosos da ciência, como Alfred Russell WALLACE, que viu o Espírito de sua mãe nitidamente fotografado.

Nome importante, também, é o de Richard Boursnell, que, segundo consta, já obtinha retratos de mãos e rostos em 1851. Tantos foram seus êxitos que, segundo Conan DOYLE, *"os espíritas de Londres presentearam esse médium com uma bolsa de ouro e um documento assinado por mais de cem espíritas notáveis"*, ocasião em que *"as paredes das salas da Sociedade de Psicologia, em George Street, Portman Square, estavam cobertas por trezentas fotografias escolhidas de Espíritos, feitas por Boursnell"*.[163]

Vários outros pesquisadores marcam a história da fotografia transcendente na Inglaterra, podendo ser citados,



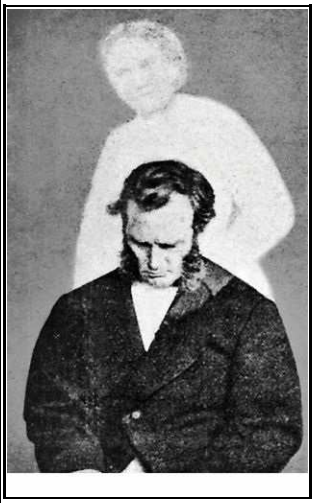
Fotografia Transcendente (II)
Foto de M. Moses Down com sua amiga desencarnada, Mabel Warren. (Em *Les Apparitions Matérialisées des Vivants & des Morts*, G. DELANNE: Tomo II)

entre eles, além de Stainton MOSES, que publicou valioso trabalho a respeito (*Fotografia de Espíritos*), Edward WYLLIE (conhecido como *médium-fotógrafo*), David DUGUID, William HOPE, M. J. VEARCOMBE, que, com Fred BARLOW, obteve, ainda, *"mensagens escritas em condições de testes, em chapas que não haviam sido expostas na máquina"* (*op. cit.*, p. 374), etc.[164]

A fotografia transcendente, hoje conhecida em quase todo o mundo, também faz parte do repertório brasileiro de fenômenos de efeitos físicos.[165]

Ao lado da materialização e do desdobramento visível, sujeitos à fotografação comum, a fotografia transcendente comparece como prova inequívoca,[166] não só da sobrevivência do Espírito como da própria existência do perispírito.

Com efeito, o retrato de um Espírito, mostrando-o de corpo inteiro, ou não, só é possível porque o ectoplasma capaz de impressionar a chapa ou o filme – ainda que tão tênue que não chegue a ser percebido pelos olhos comuns – aglutina-se, sob a ação mental, junto ao seu psicossoma, tomando a forma do corpo com detalhes tão nítidos que o tornam imediatamente identificável.



Fotografia Transcendente (III)

Foto de M. BROMSON Murray e de Mme. Bonner (Espírito). O retrato de Mme. BONNER, quando encarnada, à esquerda, mostra claramente a semelhança com a sua forma perispirítica captada na foto da direita. (Publicada por AKSAKOF em *Animisme e Espiritisme* e reproduzida por G. DELANNE, em *Les Apparitions Matérialisées* (…): Tomo II, p. 71)

Obviamente, se não houvesse o perispírito, inexistiria o molde a sustentar a formação ectoplásmica capaz de impressionar uma chapa ou um filme, reconhecível como um rosto, ou um corpo.[167] (Formas-pensamentos podem surgir como configurações passíveis de serem fotografadas, também. Todavia, em se tratando de formas-pensamentos que dizem com o corpo humano, apresentam-se quase sempre com rara consistência, pobres em detalhes e, seguidamente, disformes, justamente porque representam meras criações mentais, sem o suporte de um molde preciso e sustentador como é o perispírito, que garante a estabilidade e a autonomia da formação ectoplásmica.)

Transfoto

Tão ou mais importante que a fotografia transcendente é a chamada *transfoto*, obtida através dos processos que marcam a atualíssima Transcomunicação Instrumental, de

resultados reconhecidamente muito promissores.

A Transcomunicação Instrumental – TCI, um dos mais singulares fenômenos de efeitos físicos – auditivos e visuais – diz respeito, segundo Sonia RINALDI, a *"todos os contatos entre o nosso plano e outros níveis de existência, através de meios técnicos"*.

Segundo essa autora – pioneira no Brasil, com Hernani Guimarães ANDRADE, no estudo e divulgação desse novo processo de contato com a dimensão espiritual –, na atualidade isso acontece por meio de gravador, rádio, tevê, secretária eletrônica, computador, fax, telefone e, mais recentemente, por *tevê-fone*, *"uma nova composição de aparelhos, em que a entidade aparece num monitor de tevê e fala simultaneamente pelo telefone"*, fato esse bem documentado e que *"possibilita um vasto campo de pesquisa"*.[168]

A TCI surgiu e consolidou-se graças, principalmente, aos esforços do sueco Friedrich JUERGENSON (1903-1987) e de Konstantine RAUDIVE (1909-1974), filósofo, psicólogo e escritor letão, que acabou fixando residência na Alemanha, depois de ter trabalhado na Universidade de Upsala, Suécia.

JUERGENSON começou a publicar suas pesquisas em 1964 (*Les Voix de l'Univers*).[169] RAUDIVE, com as informações sobre os trabalhos de JUERGENSON e aperfeiçoando sua técnica com o físico suíço Alex SCHNEIDER, desenvolveu uma extensa pesquisa, que resultou no registro de 72.000 frases proferidas nas mais diversas línguas, captadas pelo sistema de gravação em fita magnética (EVP), as quais, vertidas para o alemão, resultaram na obra – hoje considerada clássica – *Unhörbares Wird Hörbar* (O Inaudível Torna-se Audível), traduzida para o inglês (Taplinger, N. York, 1971) com o título *Breakthrough* (Ruptura).

As imagens do Além, via televisão, foram primeiramente captadas por Klaus SCHREIBER, desencarnado na Alemanha, em janeiro de 1988. Este processo ficou conhecido como Vidicom.[170]

Seus contatos iniciais com os experimentos em TCI ocorreram em 1982. Entusiasmado, passou a dedicar-se a captações de vozes dos Espíritos por meio de gravador. *"Com a vida devassada pela morte de quase todos os seus entes queridos, pois perdera pai, mãe, a primeira esposa, o casal de filhos e, por fim, a segunda esposa,"* – escreve Sonia RINALDI – *"foi buscar conforto no intercâmbio com eles, pelo modesto gravador. Sua filha Karin logo tornou-se o elo entre ele e o Plano Espiritual"*.[171]

Em 1984, Schreiber recebeu a notícia de que imagens dos Espíritos e do mundo espiritual poderiam ser mostradas na tela da TV. Os acontecimentos que se seguiram marcam, talvez, *"a maior descoberta do século"*, no dizer de Rainer HOLBE, autor de *Bilder Aus dem Reich der Toten* (Imagens do Reino dos Mortos – Knaur, Alemanha, 1987). Theo LOCHER e Maggy HARSCH assim os descrevem:

> Dois anos depois das primeiras gravações, ele recebeu a notícia: Viremos através da televisão. (…) Desde então, Sch. passava noites diante da TV, na esperança de receber imagens dos seus entes do Além, em transmissões contínuas. Segundo a indicação de

> Karin: (…) ele adquiriu um aparelho de vídeo e uma câmara. Filmou em vão o seu laboratório, esperando com isso tornar visíveis os seus parentes falecidos. Quando filmou a tela brilhante da TV, com a câmara, obteve, devido ao reflexo, cópias em seqüência da tela, cada vez menores, formando um longo corredor. Conseguiu um mundo artístico estranho ao alterar a direção da filmagem e ativar o *zoom*. Todavia, essas experiências foram todas inúteis. Nas gravações ele ouvia: 'Klaus, viremos na televisão, canal livre.' Por outro lado, filmou com a câmara, seguindo recomendações dos seres do Além, um programa de televisão. Num lugar observou leves alterações das imagens. Na observação de imagens individuais, viu como uma entidade do Além se movimentava em cinco ou seis dessas imagens, fazendo mímicas, sorrindo ou aparentemente cumprimentando. Assim ele teria visto Karin erguer a mão direita. Nesse momento, ela teria dito: 'Papai, está me vendo? Estou aqui.' Isso ocorreu paralelamente à recepção normal do programa de TV. Sch. recebeu a indicação: 'Não venho em cores, mas em preto-e-branco'. Desse modo, os contornos do filme de vídeo ficaram mais nítidos. 'Pare a imagem', aconselharam-no do Além. Foi então que Sch. comprou um segundo aparelho de vídeo para poder deixar que um mesmo ponto da fita reaparecesse sucessivamente. E dessa forma foi aberto esse novo campo. A figura de uma mulher parecia ser Karin, vestida de blusa escura e saia branca, a cabeça levemente inclinada. Sch. chorou quando viu a filha.[172]

A seguir, Klaus SCHREIBER, contando com a assistência técnica de Martin WENZEL, dedicando-se inteiramente à obtenção de imagens de desencarnados, com apoio em sistemas opticoeletrônicos retroalimentados, conseguia várias identificações positivas (em muitos casos, também com os recursos de audiocomunicação), até mesmo de personalidades como o rei Ludwig II da Baviera ou os artistas Curd JUERGENS e Romy SCHNEIDER, entre outros.

Essas pesquisas de *transvídeo*, após a desencarnação de SCHREIBER, foram continuadas por WENZEL, com novos e sensíveis sucessos. Ultimamente, o processo aperfeiçoou-se e as imagens já chegam via computador, avanço significativo que permite percebê-las sem distorções, como, às vezes, acontece nas captações por tevê. (E entre os técnicos que desenvolveram esse novo padrão de contato, consta que, hoje, também opera Klaus SCHREIBER, Espírito.)

*

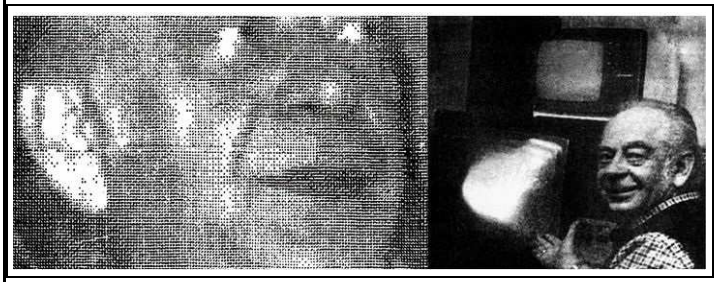
A Transfoto, indubitavelmente, surge como uma das provas mais firmes e inquestionáveis da sobrevivência do Espírito. As imagens só se organizam e surgem – apresentando-se suscetíveis de serem fotografadas ou impressas – porque, obviamente, existe a estrutura perispirítica, propiciando o aparecimento na tela de todos os sinais identificadores da personalidade que se comunica.

E esse acontecimento é tão importante quanto se sabe dos extraordinários avanços da TCI, a propiciar, brevemente, a universalização – e a popularização – dos processos técnicos de captação do mundo espiritual. Como afirma Hernani G. ANDRADE, a TCI *"avança rapidamente*

e breve estará presente em cada lugar onde exista um aparelho capaz de receber informações e retransmiti-las".[173]

Daí, também, a crescente necessidade de que as obras de Allan KARDEC e demais fontes espíritas sejam conhecidas e estudadas, a fim de que os fenômenos não só possam ser compreendidos, como bem aproveitados, nesse esforço de autorrenovação que impende a cada um realizar, em proveito de sua evolução.

*



Transfoto

Klaus SCHREIBER, eminente pesquisador alemão da TCI. Na primeira foto, já como Espírito desencarnado. Na segunda, quando encarnado. (*De Transcomunicação Instrumental*. Sonia RINALDI, São Paulo, FE, 1997)

Exteriorização da sensibilidade

A exteriorização da sensibilidade, a significar a expansão da capacidade perceptiva do ser humano, apresenta-se como um dos capítulos mais surpreendentes e fascinantes, no estudo de sua natureza psíquica.

Respeitáveis pesquisadores – entre eles, Albert DE ROCHAS D'AIGLUN, investigador pioneiro e audaz, e Ernesto BOZZANO, notável metapsiquista italiano – examinaram e documentaram o fenômeno, produzindo provas irrefutáveis de sua ocorrência e enriquecendo os anais científicos com informações sobre fatos cuja explicação inteira só agora começa a surgir.

O cadastro de casos constatados e registrados atrai, efetivamente, a mais viva certeza. O famoso pesquisador francês Emil BOIRAC (autor de *L'Avenir des Sciences Psychiques*, Paris, 1917, e *La Psychologie Inconnue*, Paris, 1915, obra premiada pela Academia Francesa de Ciências), por exemplo, publica singular experiência, relatada por amigo seu, igualmente professor, e acontecida com um sujeito hipnotizado, em cujas mãos foi colocado um copo com água:

> Fiz trazer um copo, com água até a metade e, sem comunicar a ninguém a minha intenção, pulo entre as mãos do sensitivo, previamente adormecido (…). Entretanto, ao cabo de dois ou três minutos, retirei o copo, afastei-me três ou quatro metros e bruscamente mergulhei os dedos na água. Instantaneamente o sensitivo, que se mantinha de pé, com os olhos fechados, estremeceu, como se atingido por uma descarga elétrica. Interrogado, respondeu-me que eu acabava de o ferir na mão, e indicou aquela que tinha

posto em cima do copo. Mexi a água entre os meus dedos; logo ele se pôs a gritar que lhe doía, que eu lhe torcia a mão e imitava na mão o gesto que eu acabara de fazer na água. Os mesmos fenômenos, quando me colocava a três ou quatro metros, às suas costas.

Com outro sujeito, relata Emil Boirac experiência que presenciou e na qual o toque na água produzia outro tipo de reflexo:

> (…) Foi ainda no epigastro que sentiu uma picada feita na água e que percebeu as vibrações de um relógio posto em cima do copo. Movimentos giratórios imprimidos no líquido lhe faziam, dizia ele, girar o coração.[174]

Dedicando-se durante cerca de vinte anos a pesquisas relacionadas com a natureza espiritual do ser humano, De Rochas (Eugène Auguste Albert de Rochas D'Aiglun, 1837-1914), operando com os mais diversos sensitivos, construiu um acervo especial de comprovações experimentais da possibilidade de exteriorização da sensibilidade perispirítica.

Em uma de suas obras clássicas (*Les Vies Successives*), o notável investigador francês faz valiosa referência ao sensitivo Laurent (julho, 1893), o qual, depois de se submeter a esse tipo de experiências, e ainda que levantasse dúvidas sobre as causas das sensações que experimentava, consigna a seguinte anotação em seu diário:

> Estou acordado.
>
> O senhor de R. dá-me passes ao longo do braço e da mão esquerda; pouco a pouco sinto que o braço se põe rígido. Vejo o senhor R. que me belisca na pele da mão, tão fortemente, que ficam as unhas marcadas; apesar disso, não sinto qualquer dor. Então o senhor R. vai afastando a pouco e pouco a sua mão da minha, e fazendo gestos de beliscar. A certa distância, sinto logo nas costas da mão um beliscão bastante forte. O senhor R. continua afastando as mãos procurando distanciar-se cada vez mais para que eu sinta segundo beliscão, que se torna muito mais fraco do que o primeiro. O senhor R. continua a afastar-se.
>
> A uma distância maior que as anteriores, o beliscão que ele dá no espaço repercute de novo nas minhas mãos, porém com uma sensação mais fraca. Na proporção em que a distância aumenta, os atritos vão enfraquecendo até nada sentir.[175]

Fatos como esses e outros, envolvendo sujeitos e processos os mais diversos, constam testemunhados e cientificamente comprovados por pessoas da mais absoluta idoneidade moral. (V. Cap. II, "Sensibilidade Global", p. 50)

Saliente-se que os fenômenos de exteriorização da sensibilidade não se confundem com os que acontecem na projeção da aura – visível, hoje, por meio da kirliangrafia.

Efetivamente, se o método inaugurado pelo casal Kirlian, da então União Soviética, possibilita o registro da aura do corpo humano, de modo que se possam observar as nuanças

vibratórias que caracterizam, na ocasião do fato, determinado estado do sujeito ou objeto fotografado, servindo, assim, de apoio às pesquisas que se fazem em efluviografia, a exteriorização da sensibilidade diz diretamente com a possibilidade de *expansão do próprio perispírito*, o que não acontece no caso anterior.

Assim, enquanto a projeção energética que a kirlianfoto registra diz, meramente, com a aura (uma espécie de *"efeito corona das radiações bioenergéticas, mesmo no caso das pontas dos dedos"*, segundo IMBASSAHY),[176] a exteriorização da sensibilidade relaciona-se com a ampliação das possibilidades perceptivas do Espírito, por meio da expansão psicossômica. Daí, a sua importância no estudo do perispírito, porque não só prova sua existência, como uma de suas extraordinárias propriedades, que é a *expansibilidade*, já vista.

Sensação de integridade

Entre as provas subjetivas da existência do perispírito, avulta em importância a chamada *sensação de integridade*, muito comum nos casos de amputação ou mutilação.

Trata-se, aliás, de um fenômeno bem conhecido de médicos e fisiologistas: amputados de um braço ou de uma perna experimentam a sensação nítida de ainda possuírem a parte do membro que lhes falta, e com a impressão de que podem movê-lo…

Ocorrem ainda, nessas situações, fatos notáveis em que as explicações meramente neurofisiológicas ou psicológicas comparecem insuficientes ou inúteis, como, por exemplo, a dor de queimadura que um mutilado pode experimentar quando uma chama é aproximada do espaço que seria ocupado pelo membro ausente, *estando ele de olhos vendados*!

A esse respeito, são muitas, também, as experiências relatadas. Ernesto BOZZANO, por exemplo, descreve um episódio bem significativo comunicado à *La Revue Scientifique et Morale du Spiritisme*, pelo Comandante DARGET:

> Estando de visita a Véretz (Indreet-Loire), vi um moço maneta (braço direito), chamado Sicos, passar diante de casa. Alguns dias após encontrei-me com a mãe dele que me relatou o acidente de seu filho, cujo braço fora esmagado por uma engrenagem.
>
> O que de mais estranho há, disse-me ela, é que meu filho sente a presença de seu braço que falta, cujos dedos, afirma, pode mover à vontade.
>
> Eu lhe disse então: 'Diga a seu filho que ele estenda seu braço faltante sobre a chama de uma vela, de modo que a chama o percorra desde o ombro até a ponta dos dedos e talvez ele venha a sentir a queimadura.'
>
> Dois dias após, ouvi o moço chamar-me na rua para me dizer o seguinte: 'Ah!, o senhor me pregou uma boa peça e me fez queimar os dedos.'
>
> Então me explicou que estendera seu braço *ausente* sobre a chama da vela, fazendo com que ela o percorresse até a ponta dos dedos, e que, somente eles haviam sentido a queimadura, ao passo que o braço nada experimentara.

> Ainda me disse que podia torcer o braço *ausente* à vontade, mas não completamente e só em ângulo reto, cuja figura me fez com o braço existente.
>
> Fui então à sua casa, vendei-lhe os olhos e, agindo sobre o seu braço, ora percorrendo-o com a chama de uma vela, ora passando sobre ele a minha mão, convenci-me de que me havia dito a verdade.
>
> Bem sei que a medicina já observou casos semelhantes, mas os atribuiu a uma causa diversa da presença do perispírito, no qual ela não acredita (…)"

Observa BOZZANO que essa narração *"foi subscrita pelo próprio mutilado, Fernando Sicos, com a assinatura reconhecida pelo secretário da Prefeitura, Sr. Gaucher, que lhe apôs o selo da repartição"*.[177-178]

Essa sensação de integridade é também observável em outros casos, como em certos doentes hemiplégicos e em pessoas nascidas com um membro mais curto. William JAMES (1842-1910), o notável psicólogo norte-americano, relata, a propósito:

> Certa mocinha de 15 anos e um homem de 40, os quais só tinham u'a mão normal, sendo que a outra apresentava, em lugar de dedos, ligeiras proeminências carnudas, sem ossos, nem músculos, tinham a sensação precisa de dobrar os dedos inexistentes todas as vezes que dobravam o coto informe. Paralelamente, pessoas nascidas com um braço mais curto do que o outro asseguravam que, a julgar pelas sensações experimentadas, o comprimento do membro atrofiado não lhe parecia mais curto do que o outro. Um aleijado, ao qual faltava quase todo o antebraço, de sorte que a mão atrofiada parecia ligar-se diretamente ao cotovelo, tinha a sensação de possuir um braço normal, cujo comprimento em nada era inferior ao outro braço.[179]

Evidentemente, a neurofisiologia oferece explicações que merecem toda a atenção, sabendo-se que à Ciência cumpre esclarecer, buscando as causas através de investigações quase sempre muito árduas. Todavia, é preciso bem discernir, uma vez que, como visto, numerosos casos há em que as hipóteses formuladas pelos cientistas que não veem além do véu dos neurônios materiais, simplesmente não condizem com a realidade. E se podem explicar um aspecto do fenômeno, não o conseguem em relação a outro. (Haja vista, por exemplo, o que acontece com os hemiplégicos, cujas sensações subjetivas podem apresentar-se suscetíveis de serem até plausivelmente interpretadas à luz da neurofisiologia, mas, ao se amplificarem, se presentes as necessárias condições, já indicam claramente a existência de um corpo espiritual íntegro, a refletir-se no sistema nervoso e a construir a impressão de que o corpo físico não apresenta qualquer anormalidade fisiológica…)

De qualquer forma, o significativo repertório de casos comprovados por pesquisadores de ilibada reputação autoriza sejam esses fenômenos ligados à sensação de integridade (sensação de presença dos chamados "membros-fantasmas") arrolados, com o devido cuidado, entre os meios de demonstração científica da existência do perispírito.[180]

Percepções extracorpóreas

Percepções extracorpóreas são as percepções que certos sujeitos conseguem obter, estando fora do corpo físico. Referem-se, especialmente, aos casos de desprendimento e de desdobramento.

Se as ocorrências de duplicação corpórea visível servem como prova objetiva da existência do perispírito – uma vez que, como visto, só são possíveis devido ao suporte que este oferece à aparição –, as que dizem com a possibilidade de o sujeito ver ou sentir o que se passa na dimensão espiritual, durante o desprendimento ou desdobramento, já podem ser aceitas como uma prova subjetiva.

Com efeito, nesses processos em que se verifica a *emancipação do Espírito*, como escreve KARDEC, este, em *"estado de independência"*, tem a sua percepção significativamente ampliada e, ao descrever seus contatos e impressões, sói ser muito claro na identificação dos Espíritos e lugares, não deixando dúvidas sobre as características que marcam os personagens espirituais que veem – às vezes, em pontos bem distantes.

Essa percepção nítida dos Espíritos, presente em experiências que se registram continuamente, em todos os lugares, comprova também a existência do corpo espiritual, instrumento de presença e comunicação, sem o qual nenhum Espírito pode perceber ou ser percebido.

Vidência

A vidência comparece como uma faculdade especialmente propícia à comprovação da realidade do Espírito, não só por ser muito comum, entre médiuns espíritas e não espíritas, como, em casos de sensibilidade mais avançada, ensejar percepções e relatos claros e minuciosos.[181]

Tais relatos, coincidentes entre si, em todos os lugares e em quase todos os tempos, mostram que os Espíritos se apresentam como se encarnados estivessem, com todas suas características físicas e psicológicas, de modo a não deixarem dúvida sobre sua identidade. E isso, obviamente, só se verifica porque existe o perispírito a plasmar formas ou aparências, possibilitando a interação da alma com o meio que diz com sua condição evolutiva.

A percepção que a vidência propicia guarda muita semelhança com a que acontece em estado de desprendimento ou desdobramento, mesmo porque o processo apresenta claras linhas de identidade. O sinal diferencial, todavia, está no fato de que embora na vidência comum se verifique, de ordinário, um leve tipo de desprendimento, não é preciso que o médium (e assim o é, porque, descrevendo o mundo espiritual, não deixa de fazer o papel de intermediário entre os dois planos de vida) chegue, propriamente, ao estado de transe, como acontece nos casos de efetivo desprendimento e de desdobramento consciente.

Importante é que se trate de valiosas vias de acesso e intercomunicação com o mundo espiritual, servindo bem à demonstração da existência do psicossoma, impondo-se, ainda,

considerar que essa percepção dos Espíritos desencarnados pelos encarnados deve-se, afinal, ao contato de perispírito a perispírito, que entre eles realiza.

* * *

VI.
O DUPLO ETÉRICO

O corpo denso organiza-se tendo como fonte modeladora o perispírito, cujas linhas de força servem, depois, à sua sustentação biológica. Já desde os primeiros instantes da reencarnação, o perispírito do reencarnante, como se sabe, passa a servir de suporte ao embrião, que se desenvolve graças, em grande parte, aos recursos oriundos do estoque de energia vital da mãe.

À medida que se desenvolve e se aprimora fisiologicamente a estrutura corpórea em formação, sob o impulso automático do perispírito do reencarnante, contingentes de energia vital ou bioenergia (também qualificada como *princípio vital*), resultado da ação do corpo espiritual sobre os elementos físicos (EMMANUEL), não só são canalizados à consolidação do novo organismo, como são aglutinados em uma outra estrutura que vai servir de verdadeiro reservatório de vitalidade, necessário, durante a vida física, à reposição de energias gastas ou perdidas. É o chamado *duplo etérico*.[182]

O duplo etérico (também mencionado como "corpo etérico") parece mais uma duplicação do corpo físico que do perispírito, propriamente, mas como ele se organizaria simultaneamente, aglutinando-se no campo ensejado pelo psicossoma, comparece melhor como uma sua extensão ou revestimento, ainda que em caráter provisório – ao menos, em se tratando de Espírito encarnado na Terra. (Os termos *extensão* e *revestimento* são aqui aplicados num sentido didático, pois, em verdade, perispírito, duplo etérico e corpo físico interpenetram-se dinamicamente, distinguindo-se aos olhos dos Espíritos Superiores por sua qualidade energética e densidade.)

Com a desencarnação, essa estrutura se desintegra com a própria organização física, perdendo, pois, o perispírito, em grande parte, essa túnica de vitalidade, essencial para o equilíbrio Espírito-corpo.[183]

De feito, segundo se compreende, é através do duplo etérico, com seus recursos vitais disponíveis – catalogados por ANDRÉ LUIZ, em seu conjunto, sob a denominação genérica de *"emanações neuropsíquicas"*–,[184] que os centros de força do perispírito, compondo um complexo sistema de redes de intercomunicação e interação energética, sustentam a organização somática, possibilitando que cada célula física receba da respectiva célula psicossômica, sua matriz anatômica e fisiológica, a energia necessária à sua sustentação. (Isso, aliás, vem de certa forma confirmar o sustentado pela tradicional doutrina vitalista, segundo a qual há um *princípio vivificador* do organismo material, irredutível ao domínio físico-químico.) Daí, a importância fundamental do duplo etérico na conservação da vida

orgânica. *"O equilíbrio fisiológico reflete a harmonia que reina no cosmo"*, – observa Lacerda de AZEVEDO – *"e o corpo etérico tem por função estabelecer a saúde automaticamente, sem interferência da consciência. Distribuindo as energias vitalizantes pelo corpo físico, ele cuida para que as funções vitais permaneçam equilibradas e o conjunto corporal conserve seu equilíbrio harmônico. Promove, assim, as cicatrizações de ferimentos, a cura de enfermidades localizadas, etc."*.[185]

Tudo indica, a propósito, que a carga de energia vital contida no duplo etérico condiciona, basicamente, a maior ou menor longevidade do ser humano, ainda que não possam deixar de ser considerados fatores como a hereditariedade, as diminutas mas efetivas reposições de energia via respiração e alimentação e outros que possam, eventualmente, compor o esquema cármico de cada reencarnação. E como a energia vital ("*neuropsíquica*") que o duplo etérico retém e distribui a todas as células, pela ação dos centros vitais, parece guardar relação com o ectoplasma, pode-se afirmar que a predisposição maior ou menor ao fornecimento deste, para a produção dos diversos efeitos de cura ou, simplesmente, demonstrativos da sobrevivência espiritual, diz com a própria quantidade de energia armazenada pelo duplo etérico. *"É bem possível"* – escreve Jorge ANDRÉA – *"que esse campo energético forneça boa parte do ectoplasma, substância que se completaria com outros elementos da organização física, principalmente o trifosfato de adenosina (ATP) resultante do ciclo bioquímico específico de Krebs. É preciso que se diga que o ectoplasma, para completar a sua estruturação, necessita arrecadar substâncias nos reinos da natureza (mineral, vegetal e animal)"*.[186]

Supõe-se, então, que os médiuns dedicados à cura e os aptos à produção de fenômenos ectoplásmicos particularmente ostensivos, já trazem, em seu duplo etérico, reserva maior de energia.

E se compreende, também, como uma vida na carne pode, eventualmente, ser prolongada, como mostram inúmeros relatos, bem conhecidos, aliás, dos espíritas brasileiros. Em caso de necessidade de prolongamento da vida física, por razões especiais, avaliadas pelos Espíritos Superiores, surge o revigoramento fisiológico, graças a uma suplementação de recursos no duplo etérico da pessoa contemplada com tal benefício. E isso acontece pelo aproveitamento do ectoplasma fornecido pelas diversas fontes, devidamente preparado pelos Espíritos responsáveis, para que, por processo dos mais complexos, possa servir de eficiente suprimento vital.

Uma estreita relação existe, pois, entre o duplo etérico e o corpo denso. A deficiência de energia em um repercute diretamente no outro, com nítida queda de vitalidade. E, ao contrário, o revigoramento do primeiro resulta na revitalização do segundo.

O duplo etérico ainda deve ser mais bem estudado, mas há evidências de que sua ação pode ser muito mais ampla do que hoje se admite. Por exemplo, já por constituir, basicamente, um aglomerado de energia *neuropsíquica*, no dizer de ANDRÉ LUIZ, tudo indica que seja de fundamental importância o seu papel nos fenômenos de exteriorização da sensibilidade, como agente condutor de estímulos em direção ao sistema nervoso.

Nessa linha, pode também ser lembrado o fenômeno da insensibilização causada pelos

anestésicos químicos ou provocada por meios outros, como os empregados nas cirurgias espirituais, na acupunctura e nos próprios processos hipnóticos. A insensibilidade resultaria de um bloqueio induzido fisicamente, parcial ou não, localizado ou não, na passagem da energia do duplo etérico para o corpo, com a possibilidade, até, de um afrouxamento dos próprios liames perispiríticos, que, no caso de anestesia geral, poderia até mesmo favorecer o seu desprendimento.

Um outro efeito que mostraria bem a relação corpo e duplo etérico é o que se verifica em casos de materialização completa, quando, por exemplo, qualquer agressão ao corpo materializado repercute imediatamente no corpo denso do médium, chegando, às vezes, a produzir ferimentos ou marcas dolorosas. Nesses fenômenos de *repercussão*, o fluxo do ectoplasma, do duplo etérico do médium ao psicossoma do Espírito em materialização, revestindo-o e possibilitando-lhe expressão física, pode também servir de via aos estímulos oriundos de eventuais ofensas à forma materializada, produzindo os efeitos citados no corpo do médium que, de resto, a energia vital que sustenta o universo celular é a que também diz com o ectoplasma.

Esses efeitos, aliás, lembram os fenômenos de *estigmatização*, em que o duplo etérico do médium é influenciado por tais ações mentais que a fisiologia se altera, tecidos podem se romper, feridas aparecer e o sangue fluir, para, passado o momento de influenciação, restabelecer-se o estado de normalidade anátomo-fisiológica, com o pleno equilíbrio entre perispírito, duplo etérico e corpo.

Em verdade, praticamente todos os chamados efeitos físicos, magnificamente definidos no sistema kardeciano, por dependerem, basicamente, do ectoplasma, guardam relação com o duplo etérico, cujas propriedades e funções são ainda muito pouco conhecidas.

*

O duplo etérico – denominado, ainda, corpo vital, duplo ou corpo etéreo, biossoma, corpo ódico, corpo bioplásmico, etc. – é conhecido desde épocas remotas (os hindus já o designavam como *prânamâyakosha*, veículo de prana), passando a ser, desde o início do século passado, alvo da atenção de renomados cientistas europeus.

Entre os autores, geralmente as informações ou estudos a respeito têm sido escassos – ainda que, nos últimos tempos, tenham surgido, em maior número, títulos que tratam do tema.

Mas, já por falta de mais informações mediúnicas – e os Espíritos, obviamente, sabem das razões –, já por se tratar de assunto em plena investigação, a verdade é que, a rigor, ainda não se estabeleceu concordância desejável em torno de matéria tão importante como essa.

Os clássicos, em grande parte, ativeram-se a uma conceituação ampla do perispírito, usando, até mesmo, às vezes, a expressão "duplo etéreo", para designar o corpo espiritual.

Nos tempos atuais, entre os espíritas, começou-se a prestar mais atenção à existência de tal estrutura, principalmente depois que o Espírito André Luiz, pela mediunidade de Francisco Cândido Xavier, trouxe notícias a respeito.

Deveras, em comentário acerca de um trabalho mediúnico, o assunto foi assim enfocado pelo notável Instrutor Espiritual:

> Com o auxílio do Supervisor, o médium foi convenientemente exteriorizado. A princípio, seu perispírito ou 'corpo astral' estava revestido com os eflúvios vitais que asseguram o equilíbrio entre a alma e o corpo de carne, conhecidos aqueles, em seu conjunto, como sendo o 'duplo etérico', formado por emanações neuropsíquicas que pertencem ao campo fisiológico e que, por isso mesmo, não conseguem maior afastamento da organização terrestre, destinando-se à desintegração, tanto quanto ocorre ao instrumento carnal, por ocasião da morte renovadora.[187]

Essas e outras informações têm atraído, cada vez mais, o interesse dos estudiosos para as memoráveis investigações realizadas pelos metapsiquistas europeus, nas primeiras décadas do século XIX.

Com efeito, Albert DE ROCHAS, antigo diretor da Escola Politécnica de Paris e o grande pioneiro da metapsíquica experimental, Hector DURVILLE, Hyppolite BARADUC, destacado estudioso da força vital e da fotografia das formas-pensamentos, construtor do revolucionário Biômetro de Baraduc, para o registro das emanações energéticas do corpo humano, L. LEFRANC, Charles LANCELIN, Charles RICHET, Gustave GELEY, Ernesto BOZZANO e outros destacados homens de ciência, com suas pesquisas e obras, dando passos gigantescos para o seu tempo, contribuíram notavelmente para o conhecimento da natureza espiritual do homem.

Os experimentos de DE ROCHAS, DURVILLE, BARADUC, LANCELIN e LEFRANC, especialmente, repercutem até hoje e servem, indubitavelmente, de estímulo para novos avanços. Operando com sujeitos ("*passivos*") de alta sensibilidade, que eram levados a estados profundos de hipnose, e apoiando-se, como método de controle, em videntes comprovadamente idôneos e em outros sujeitos, igualmente hipnotizados, examinando, ainda, as correlações existentes entre os resultados que eram obtidos por outros grupos ou por intermédio de outros sujeitos, com assistentes também diferentes, esses cientistas conseguiram detectar uma outra estrutura, a destacar-se do corpo físico como um *"fantasma exteriorizado"*.[188] (DE ROCHAS teria sido o pioneiro a conseguir tal exteriorização, relatando suas experiências na célebre obra *Exteriorização da Sensibilidade*, editada no Brasil pela Edicel, em 1971)

Hyppolite Baraduc em seu laboratório

(De ***Le Fantôme des Vivants***, **H. DURVILLE**. Imprimeurs, Paris)

Hector DURVILLE, particularmente (*Le Fantôme des Vivants*), depois de sucessivas experiências, concluiu que esse *fantasma*, ligado ao corpo por um cordão de substância mui tênue, era portador da sensibilidade do sujeito em transe. Lembrando as teorias existentes a respeito de *duplos*, denominou-o *corpo ódico* ou *duplo etérico*. (Consta que, prosseguindo em suas investigações, DURVILLE teria chegado a verificar que um outro *fantasma*, permanecendo, de sua vez, ligado a este, também exteriorizava-se do primeiro, por um cordão fluídico. Estimulando essas formações, segundo as indicações dos assistentes, teria constatado que a luminosidade e a sensibilidade do primeiro fantasma teriam passado para o segundo, aceitando, então, a ideia de que se tratava do *corpo astral*, citado já por outros pesquisadores.)[189]

Essas experiências vinham confirmar descrições anteriores de médiuns célebres, como Frederica HAUFFE (1801-?), a célebre Vidente de Prevorst, Daniel Dunglas HOME (1833-1886), Eusápia PALADINO (1854-1918) e tantos outros. E há, aliás, passagens particularmente notáveis, como a citada pelo Dr. Justinus KERNER (1786-1862), que se tornou famoso pelos trabalhos feitos com *Frau* Hauffe. Antecipando revelações, e referindo-se ao *"princípio de vitalidade nervosa"*, informava a médium que *"por meio dessa substância, a alma entrava em relação com o corpo e o corpo com o mundo"*, asseverando mais:

> Por esse intermediário, os Espíritos que se acham em uma esfera média são colocados em condições de atrair a si materiais atmosféricos que lhes conferem o poder de se fazer ouvir dos vivos, de interromper as leis da gravidade ou de mover objetos inertes. Quando uma pessoa morre em estado de grande pureza, não arrasta consigo nada do 'princípio de vitalidade nervosa'; é por isso que os Espíritos felizes, que não estão impregnados dessa vitalidade nervosa, não podem aparecer aos vivos nem deles se fazer ouvir, nem tocá-los.[190]

Após as investigações empreendidas pelos metapsiquistas citados, experiências surgiram que lhes conferiram maior valor ainda.

Relata BOZZANO que no Instituto de Investigações Psicológicas, fundado pelo Dr. William Bernard Johnson, em Reno, Nevada (EUA), importantes experimentos foram levados a efeito por equipe comandada pelo Dr. WATTERS, daquela instituição, em torno da existência de um "duplo" do corpo. Na ocasião, com base em sugestão da Professora GASKEL (autora de *What is Life?* – Que É a Vida?), foram realizadas experiências com insetos e pequenos animais, alcançando-se resultados realmente surpreendentes.[191]

A Professora GASKEL sustentava que *"os átomos físicos que constituem o organismo de qualquer criatura viva são interpenetrados por um* ***elemento vital****, uma* certa vida*, aos quais se deve a organização dos seres vivos. Essa nova unidade ou essência, não possuindo as propriedades físicas do átomo, não entraria nas combinações atômicas e, conseqüentemente, não poderia formar combinações químicas, mas permaneceria intra e*

infra-atômica e, na hora da morte, se desprenderia do sistema atômico que ela havia organizado e vitalizado".

E na citada obra, a cientista convidava seus colegas, físicos e químicos, que dispunham de laboratório, *"para procederem a experiências cruciais sobre esta questão, consistindo em provocar a morte e aplicar, ao mesmo tempo, métodos aptos para medir, registrar e assinalar, por qualquer modo, a 'quantidade de vida' que teoricamente deveria escapar-se de um organismo vivo (isto é, de um sistema atômico) durante a crise da morte"*.

Aceitando a ideia, o Dr. WATTERS e seus colaboradores, com base no princípio de que, havendo um *"elemento vital"*, seria possível fotografá-lo, imaginaram métodos e aparelhos minuciosamente descritos (*Boletim do Instituto*, outubro, 1933), *"graças aos quais, os experimentadores efetivamente conseguiram obter fotografias de formas fantasmais bem definidas, determinadas por algo que se separa do corpo no momento da morte. Essas formas reproduziam exatamente o corpo físico do qual emanavam"*.

Embora trabalhando com pequenos seres vivos, os resultados foram altamente significativos. Por exemplo, trabalhando com um "grilo dos campos", e um equipamento fotográfico, acionado no momento de sua morte, conseguia registrar a *"presença de um grilo-fantasma* superposto *ao cadáver do inseto"*. Resultados como este foram, também, obtidos com ratos e rãs.

"O que de mais sugestivo há nas experiências em apreço" – observa BOZZANO – *"reside neste fato: quando os experimentadores, no fim de certas experiências, conseguiram restituir a vida ao animalzinho 'eterizado', verificaram que a chapa fotográfica não fora impressionada. Ao contrário, quando a chapa havia fixado o fantasma fluídico do animalzinho morto, os experimentadores se esforçavam em vão para restituir a vida ao animal sacrificado, para o que nunca deixaram de recorrer a injeções de adrenalina."*

Ao final, os experimentadores chegaram à convicção de que *"durante a crise da morte do corpo físico escapava um 'corpo espiritual', inferindo, logicamente, que aquilo que se verifica nos animais pertencentes às formas inferiores da vida, deve evidentemente verificar-se também nas formas superiores da vida, inclusive a espécie humana, e que os mesmos resultados devem ser obtidos, o que parece incontestável"*.[192]

Experiências semelhantes foram relatadas por Raoul MONTANDON, em sua obra *De la Bête a l'Homme* (Do Animal ao Homem), publicada na Suíça, em 1943. Tais pesquisas, informa J. Herculano PIRES, encontram-se minuciosamente descritas no capítulo "Sobrevivência Animal". *"Várias fotografias batidas com filmes sensíveis à luz infravermelha, de grupos de gafanhotos e insetos mortos com éter, revelavam ao lado dos animais mortos uma sombra semelhante ao corpo morto, enquanto ao lado dos que não haviam morrido, mas estavam em estado letárgico, não aparecia a mesma sombra"*, observa o Autor.

Nesse capítulo, aliás, como lembra Herculano PIRES, reportando-se a fotografias ocasionais ou conseguidas em sessões mediúnicas experimentais, *"os anais espíritas apresentam impressionante volume de casos significativos, cercados de todos os recursos de garantia*

da autenticidade do fenômeno".[193]

Nos tempos atuais, por sua inegável importância, ainda repercutem as experiências realizadas pelos russos, com base nas descobertas do casal KIRLIAN, relativas à fotografia de alta frequência. Na década de 1960, cientistas dedicados às pesquisas sobre os fenômenos de bioluminescência, revelados pela câmera Kirlian (e elas aconteciam em diversas universidades e institutos soviéticos), fizeram importante descoberta. Fotografando uma folha de uma planta, num campo elétrico de alta frequência, constatavam que, além de uma luminescência que aparecia ao redor de suas bordas, uma aura faiscante e colorida existia, espalhada por toda a extensão da folha, uma *"massa de luzes cintilantes"*, mostrando *"aqui e ali, clarões vívidos e brilhantes"*. Cortando, a seguir, uma parte dessa mesma folha, o padrão de energia *de toda a folha* permanecia inalterado, como se a folha permanecesse inteira! Ficava, assim, evidente que o "fantasma" do pedaço cortado continuava emitindo energia.

Pouco depois, como informam Sheila OSTRANDER e Lynn SCHROEDER – as citadas jornalistas e pesquisadoras americanas, que visitaram a Bulgária, a Checoslováquia e a União Soviética, de então, estudando, especialmente, os programas de pesquisas que se desenvolviam em Alma-Ata, na conceituada Universidade de Kirov, Cazaquistão –, biologistas, bioquímicos e biofísicos, acoplando um imenso microscópio ao equipamento dos KIRLIAN,[194] viram, *"na silenciosa descarga de alta frequência"*, o duplo vivo de um organismo vivo em movimento, aparentando uma espécie de *"constelação elementar, semelhante ao plasma, feita de elétrons e prótons ionizados, excitados, e possivelmente de outras partículas"*, não aparecendo, porém, como constituído só de partículas, e mostrando ser *todo um organismo unificado*, atuando como unidade e, como tal, emitindo *"os próprios campos eletromagnéticos"*, representando *"a base de campos biológicos"*.

"Em 1968," – anotam as pesquisadoras, citando fontes certas – *"os Drs. Inyushin, V. Grishchenko, N. Vorobev, N. Shouiski, N. Fedorova e F. Gibadulin anunciaram o seu descobrimento: todas as coisas vivas – plantas, animais e seres humanos – possuem não só um corpo físico, constituído de átomos e moléculas, mas* também um corpo energético equivalente*, a que dão o nome de 'Corpo do Plasma Biológico'"*.[195]

A ideia, aliás, da existência de um *bioplasma* sustentador dos processos biológicos, não era nova entre os russos. Segundo INYUSHIN, já em 1944, seu colega V. S. GRISHCHENKO,[196] antes mencionado, levantou a hipótese de sua presença nos organismos vivos, parecendo até ser um *"quarto estado da matéria existente nos seres vivos"*.[197]

Experiências que se seguiram mostraram que, quando cortada parte do corpo físico de um ser vivo, *"o corpo bioplasmático subsiste, inteiro e claramente visível num campo de alta frequência"* e que, também, quando *"o corpo energético desaparece, a planta ou o animal morre"*.

Concluíram, então, os cientistas, que a bioluminescência visível nas fotografias de KIRLIAN *"é causada pelo bioplasma e não pelo estado elétrico do organismo"*. O que leva a conjeturar que se a aura registrável por meio da Kirliangrafia pode ser semelhante ao

chamado *efeito corona* (campo eletromagnético apresentado por todo corpo que contenha energia – visível, às vezes, e até fotografável – e entendido como produto de radiações puramente físicas), como já anotado, esse efeito não seria, todavia, produzido só pela energia do corpo biológico em si, mas, principalmente – como evidenciam as experiências com estruturas vivas, tiradas algumas de suas partes –, pelo dinamismo ínsito ao duplo etérico, também de natureza física, sustentado, naturalmente, pelas forças fundamentais do perispírito (ou da protoestrutura psicossômica, nos reinos infra-hominais), o que, representa, em si, sem dúvida, tema fascinante e desafiador, decisivo que é para o conhecimento dos princípios essenciais que regem a Vida.

Registre-se que os pesquisadores da antiga União Soviética trabalharam muitas vezes com o momento da morte.

> Por ocasião da morte do corpo físico de uma planta ou de um animal, os russos viram fagulhas e clarões do corpo bioplasmático arremessando-se, pouco a pouco, ao espaço, nadando para longe e desaparecendo. Gradativamente se dissipava toda e qualquer luminescência proveniente da planta ou do animal mortos. Entrementes, detectores a distância do campo biológico continuavam a detectar campos de força pulsantes do corpo morto.[198]

Esses resultados obtidos pelos cientistas soviéticos guardam relação com os alcançados pelos suecos, a partir de 1972. Relata, a propósito, Carlos de Brito IMBASSAHY, fato constatado por uma equipe sueca, em um desses aparentes *acasos* que abrem novas portas para o Conhecimento:

> Trabalhava com um moribundo no qual havia instalado um espectrógrafo com um dispositivo de dinamômetro acoplado a um osciloscópio, para as devidas leituras.
>
> O osciloscópio registra as variações do campo orgânico, idêntico ao que as UTI e CTI dispõem, a fim de localizar a vida do paciente; o dinamômetro mede a variação do peso do campo gravitacional, no caso, o da pessoa em quem se tenha instalado a aparelhagem.
>
> Examinando os registros, o que se pôde notar é que, exatamente, no momento do trespasse, o paciente perdeu um campo cujo peso correspondia a 2,2dam (decagrama-força), contudo, o campo bioenergético declinante que estava sendo detectado pelo osciloscópio continuava se mostrando ativo no cadáver.
>
> (...)
>
> Com isso, evidenciam-se duas coisas consecutivas: o dito campo de vida abandonou o corpo no momento do desencarne, mostrando que ele independe das funções celulares orgânicas que continuam ativas no corpo sem vida, e incapazes de o dotarem dela como ocorria antes.[199]

Essas investigações russas e suecas, nos momentos de morte, aliadas a informações e resultados alcançados por outros pesquisadores e estudiosos, sugerem que, na desencarnação, com o desligamento do perispírito, grande parte da energia vital contida no corpo etérico ainda permanece no cadáver, liberando-se pouco a pouco – e, às vezes, antes de diluir-se, adensando-se em suas proximidades; uma parcela reintegra-se, desde logo, no Todo, e uma outra parte permanece com o próprio perispírito, que o utiliza, em sua interação com o meio, enquanto necessário. Esse contingente de *plasma físico* que permanece agregado ao perispírito, em maior ou menor quantidade, de acordo com a evolução do Espírito, dilui-se à medida que a alma se sensibiliza e se distancia das necessidades físicas.

Mas ao lado das pesquisas realizadas pelos cientistas suecos e do extinto bloco soviético, impõe-se não deslembrar, por sua indiscutível importância, as já mencionadas experiências de Harold Saxton BURR, e seus colaboradores, entre os quais F. S. C. NORTHROP e Leonard J. RAVITZ, em torno da provável existência de *campos eletrodinâmicos* vinculados às organizações biológicas.

A propósito, revela Guimarães ANDRADE, após meticulosa pesquisa que, já em 1935, portanto antes das descobertas do casal KIRLIAN, BURR e NORTHROP já publicavam um artigo em que tratavam de uma *teoria eletrodinâmica da vida – "The Electro-Dynamic Theory of Life"* (***Quarterly Review of Biology***, 10:322-333) –, sugerindo *"que os seres vivos devem ser considerados sob o ponto de vista eletrodinâmico"*.[200]

Depois disso, inúmeros trabalhos foram publicados por BURR e seus colegas, com resultados que apontavam firmemente a favor da mencionada *teoria eletrodinâmica da vida*, atraindo centenas de comunicações da classe científica, valorizando o seu esforço.

O relato mais completo dessas investigações foi publicado em 1972, com a edição da obra *Blueprint for Immortality*, em que BURR *"explica minuciosamente os métodos usados para a obtenção de medidas dos campos elétricos, por ele previstos e encontrados em todos os seres vivos, desde as bactérias, sementes, ovos, vegetais, animais e até em seres humanos"*, informa o Prof. ANDRADE.[201]

Outros cientistas teorizaram a respeito desses campos de força, detectados fisicamente – entre eles, na França, J. BERHIER, e na Inglaterra, J. W. CAMPBELL e G. D. WASSERMANN, que os denominou *campos M* (de morfogênese), referindo-se ao ser humano, e *campos B* (de *behavior*), aludindo ao comportamento animal –, todavia a tese de BURR e seus colegas, mesmo porque baseada em dezenas de anos de experiências, mostrando a efetiva existência dos *campos vitais* (*fields of life*), é a que mais alcança repercussão, atraindo o justo respeito do mundo científico.

Essas investigações todas dizem da existência de uma estrutura com inúmeros pontos (projeção do corpo espiritual), em que o fluxo de energia vital surge mais acentuado. A respeito, opina Jorge ANDRÉA:

> Seria um campo de energias muito mais desenvolvido que o da zona física, cujo trabalho e estrutura mais avançada permitiria orientação e proteção nos esquemas

fisiológicos das células, tecidos e órgãos. Portanto, a zona que assim se revela, não seria propriamente o perispírito, mas conseqüência de suas irradiações e mesclagem com aquelas da matéria. Esta zona de energias esfuziantes, mesmo após a morte do indivíduo, quando o próprio perispírito já se deslocou com a organização espiritual do corpo físico, por algum tempo ainda persiste como resultado da existência de uma zona intermediária, entre perispírito e matéria – o duplo etérico –, com tendência a desaparecer também, tal qual acontece com o processo de cadaverização das células físicas. Entretanto, o tempo necessário para a dissolução do duplo etérico não estaria relacionado ao das células físicas; suas variações estariam ligadas à evolução do ser.[202]

Em conclusão, as informações já disponíveis asseguram a existência de um campo energético mais adensado, que serve de ligação entre as estruturas perispirítica e somática, interpenetrando-se com ambas. Esse campo – o chamado duplo ou corpo etérico – é o grande aglutinador de energia vital e sustenta o corpo físico sob o influxo das forças oriundas do corpo espiritual, mostrando inúmeros pontos, dos quais emana a energia vital, que, por sua qualidade, é mais detectável que a energia perispirítica, força matriz, propriamente.

Esses pontos energéticos – que podem ser relacionados com os pontos de acupunctura e outros –, por sua disposição, formam microcentros de força vital (os *"campos de vida"*), os quais, todavia, *apenas refletem o comando dos núcleos energéticos do perispírito, regidos pelos sete grandes centros vitais*, já citados; mesmo porque – cumpre ter presente – *o duplo etérico só existe em função da sustentação perispirítica*.

* * *

VII.
O CORPO MENTAL

Se poucos são os autores espíritas que tratam do duplo etérico, menor é a quantidade dos que se referem ao chamado corpo mental, denominação dada pelo médico e pesquisador francês Hyppolite BARADUC a uma estrutura que conseguira isolar, e depois fotografar.[203] Informa seu colega Antonio J. FREIRE:

> (…) o dr. BARADUC, de Paris, que consagrou sua vida à fotografia do pensamento, tinha muitas e muitas vezes obtido sobre a placa sensível a reprodução dum fenômeno particular, consistindo num globo luminoso envolvendo o cérebro da pessoa fotografada. Visto a sua localização constante e invariável, julgou que este globo devia ter relação com o trabalho cerebral, com a produção do pensamento e, daí, por uma espécie de intuição presciente, denominou-o corpo mental.[204]

Segundo ANDRÉ LUIZ, em lição transmitida por Francisco Cândido XAVIER, "o corpo

espiritual retrata em si o corpo mental que lhe preside a formação".

E o corpo mental seria "o envoltório sutil da mente".

Trata-se, como se vê, não só de um tema muito complexo, como bem pouco conhecido ainda. Atento a isso, é que o citado Autor anota no trabalho em que busca pincelar a respeito:

> O corpo mental, assinalado experimentalmente por diversos estudiosos, é o envoltório sutil da mente, e que, por agora, não podemos definir com mais amplitude de conceituação, além daquela com que tem sido apresentado pelos pesquisadores encarnados, e isto por falta de terminologia adequada no dicionário terrestre.[205]

Por ora, ao que parece, pelo pouco que efetivamente se sabe a respeito, pode-se apenas estabelecer que o corpo mental guardaria direta relação com a alma, fonte do pensamento, podendo comparecer como uma espécie de estrutura vibratória diferenciada no campo perispiritual, sem uma forma definida propriamente.[206]

Nessa direção, seria possível conjeturar que a notável construção de André Luiz, "envoltório sutil da mente", referir--se-ia, de fato, a um campo específico a envolver a alma, matriz psíquica, resultado de sua projeção.

Compreender-se-ia, então, que realmente o campo mental, de certa forma, presidiria a formação do corpo espiritual, pois, ao influxo da alma, expandir-se-ia em campo perispirítico – sem, contudo, deixar de mostrar-se diferenciadamente, na estrutura perispiritual –, irradiando vida e sustentação.[207]

À medida que a alma evolui, quintessenciam-se, obviamente, suas projeções, com o natural apuro do corpo mental e do corpo perispirítico.[208]

* * *

VIII.
A AURA

A aura humana, psicosfera ou *fotosfera psíquica* (termos criados pelo Espírito André Luiz), ou *fotosfera humana* (expressão empregada por Léon Denis), é um campo resultante de emanações de natureza eletromagnética, a envolver todo o ser humano, encarnado ou desencarnado. Reflete, não só sua realidade evolutiva, seu padrão psíquico, como sua situação emocional e o estado físico (se encarnado) do momento. Espelha, pois, o ser integral: alma – perispírito – duplo etérico – corpo. (No desencarnado, obviamente, é apenas o reflexo da alma e de seu perispírito.)

Tem sido descrita como uma projeção de forma ovoide, circundando o corpo e mostrando inúmeros aspectos cromáticos, em constante e dinâmica variação. A respeito, leciona André Luiz, por Francisco C. Xavier:

> Articulando, ao redor de si mesma, as radiações das sinergias funcionais das agregações celulares do campo físico ou do psicossomático, a alma encarnada ou desencarnada está envolvida na própria aura ou túnica de forças eletromagnéticas, em cuja tessitura circulam irradiações que lhe são peculiares.[209]

A aura (do lat. *aura* – brisa, sopro) é conhecida desde tempos imemoriais. Referida pela primeira vez no século XIX, quando o famoso químico alemão Karl von REICHENBACH (1788-1869) descobriu radiações originárias de cristais e ímãs, ou emitidas por plantas, animais e seres humanos, passou a ser cada vez mais estudada, tornando-se hoje, graças ao próprio desenvolvimento científico, objeto de importantes e frutuosas pesquisas.

Para a percepção, registro e análise da aura, diversos métodos têm sido aplicados. Podem ser alinhados, como principais, o método *Químico*, o *Eletrônico*, o *Anímico-Mediúnico* e o método de *Técnicas Associadas*.

Método químico

Os anais metapsíquicos e espíritas registram diversas experiências de percepção da aura com o simples uso de produtos químicos, como, por exemplo, as realizadas pelo médico Walter J. KILNER, do Hospital de São Tomás, Londres, em 1911, com o uso de filtros coloridos (ampolas finas e achatadas contendo diciamina dissolvida em álcool) e empregando os diversos matizes de acordo com o fim a atingir.

Esses experimentos – embora possa parecer estranho e até simplista o método empregado – alcançaram, graças à reputação do Dr. KILNER, significativa repercussão. Segundo suas averiguações (relatadas em *The Human Atmosphere*, com reedição americana, 1965, com o título *The Human Aura*), a aura mostra camadas distintas e difere de pessoa para pessoa, conforme o sexo, idade, capacidade mental, saúde, etc. E observa até mesmo o sistema de diagnósticos com base em suas variações cromáticas e outros dados.

Registros de efetiva validade científica, todavia, já eram realizados no século XIX. Experiências que implicavam até processos fotoquímicos tornavam-se cada vez mais conhecidas. Após exposições mais ou menos prolongadas, placas mergulhadas no banho revelador (banho de prata) mostravam, próximo às imagens captadas, manchas, sinais, estrelas, faixas, cones luminosos, envolvendo a cabeça, membros, partes menores ou maiores do corpo do Espírito fotografado. As primeiras fotografias desse tipo teriam sido obtidas em março de 1872, por Samuel GUPPY, com o apoio mediúnico de sua mulher, Nichol GUPPY, chamando a atenção do cientista Alfred Russell WALLACE (1823-1913) – famoso naturalista inglês, codescobridor, com DARWIN, dos princípios da evolução –, que os descreveu e analisou em artigo de grande repercussão, *"A Defence of Modern Spiritualism"*, publicado em 1874 (*Fortnightly Review*), e que, depois, fez parte de sua célebre obra *On Miracles and Modern Spiritualism* (3. ed., 1895).

A concreta possibilidade de se fotografarem os Espíritos e as formas luminosas, denotadoras da existência da aura, tornou-se, todavia, evidente, depois das notáveis

experiências do fotógrafo australiano John BEATTIE, acompanhadas por diversos pesquisadores, e cujos resultados – a ocorrerem a partir de 1872 –, pelos cuidadosos procedimentos adotados, acabaram por se impor como respeitável demonstração da realidade espiritual.

A propósito, uma explicação constante de uma carta de BEATTIE, dirigida ao *British Journal of Photography*, dá uma ideia desses procedimentos: sistema de diagnósticos com ba-se em suas variações cromáticas e outros dados.

> A câmara escura, munida de uma objetiva Ross, era construída de maneira que se pudesse obter três provas negativas sobre a mesma placa. Amortecia-se a luz, para poder prolongar a exposição até quatro minutos. O fundo era semelhante ao que se emprega ordinariamente, de cor parda carregada, e encostava na parede. O médium lhe voltava as costas; estava sentado e tinha uma mesa pequena à sua frente. O Dr. Thompson e o Sr. Tommy estavam sentados de um lado, à mesma mesa, enquanto eu me conservava defronte, durante a exposição.

E, em carta dirigida ao *Human Nature*, mais tarde (1874), o Dr. G. S. THOMPSON, citado, mostrava que o processo permanecia praticamente o mesmo, durante todas as pesquisas:

> Começamos as nossas experiências no meado de junho de 1872, reunindo-nos uma vez por semana, às 6 horas da tarde (hora que nos era imposta pelas ocupações pessoais do médium). Servimo-nos de uma objetiva de Ross, com foco de seis polegadas; a câmara negra era das que se empregam ordinariamente para a fotografia de formato de cartão de visita, com caixilho construído de maneira a se poderem obter três provas sobre a mesma placa. O banho de prata era preparado em um vaso de porcelana. O fundo era igual aos que se empregam ordinariamente, de ferro, montado sobre um caixilho e de uma cor tirando ao pardo. Começávamos cada sessão colocando-nos em roda de uma mesa pequena, a qual nos indicava, por movimentos, de que maneira deveríamos operar. Seguindo essas instruções, o Sr. Beattie ocupava-se com a preparação e desenvolvimento da maior parte das placas, enquanto eu dirigia a exposição, cuja duração era igualmente indicada pelos movimentos da mesa, em roda da qual estavam sentados todos os experimentadores, à exceção de mim.
>
> Tiravam-se as placas dos banhos preparados de antemão, sem observar ordem alguma particular. Julgo importante mencionar esse fato, porque ele permite recusar grande parte das objeções, senão todas, tendentes a pôr em dúvida a autenticidade dessas fotografias. Além das precauções tomadas para a escolha das placas, tínhamos recorrido a outras, e o médium não deixava a mesa, salvo se convidado para assistir à revelação; dessa maneira – admitindo-se mesmo que as chapas tivessem sido preparadas previamente –, tornava-se absolutamente impossível saber qual seria a imagem que se obteria sobre a placa; entretanto, o médium nos descrevia essas imagens até em suas particularidades mínimas.

As nossas sessões não duravam habitualmente além de duas horas.[210]

Em outro trecho dessa carta, o depoimento do Dr. THOMPSON, referindo-se a um dos últimos trabalhos realizados pelo grupo de experimentadores, é deveras significativo:

> No decurso dessa sessão, ele [o médium] atraiu, repentinamente, a nossa atenção para uma luz viva e no-la mostrou; estava admirado de que nenhum de nós a visse. Quando a placa foi revelada, notava-se ali uma mancha luminosa e o dedo do médium que a indicava. Todos aqueles que estudaram a série inteira dessas fotografias notaram que a maior parte das imagens obtidas apresentavam, por assim dizer, um desenvolvimento sucessivo; começando por pequena superfície luminosa, que aumentava gradualmente, mudam de contornos, e a última fase de mudança consiste na fusão de duas imagens primitivamente independentes.
>
> O Sr. BEATTIE nos fazia freqüentemente observar a rapidez com a qual essas imagens apareciam à revelação, enquanto que as imagens normais só apareciam muito mais tarde. A mesma particularidade foi notada por outras pessoas que se ocupavam com semelhantes experiências e nos assinalaram esse fato.
>
> Sucedia freqüentemente no fim da sessão, quando a luz era consideravelmente amortecida, não notarmos sobre as placas submetidas à revelação nenhuma outra coisa além das impressões dessas formações luminosas que tinham sido *invisíveis* aos nossos olhos. Esse fato demonstra que a força luminosa que agia sobre a placa, se bem que sem ação sobre a nossa retina, era considerável; por isso trabalhávamos às escuras, porque a luz visível, refletida pelos objetos que estavam no quarto, não podia produzir ação alguma sobre a camada sensível.[211]

Essas experiências (1872-1874), segundo AKSAKOF,[212] eram noticiadas pelos principais órgãos especializados da imprensa inglesa, entre os quais, *British Journal of Photography*, *Spiritual Magazine*, *Photographic News*, *Medium*, *Spiritualist*, *Human Nature*, ganhando destaque, como se observa das crônicas da época, tanto na Europa como nos Estados Unidos.

Nessa fase, além de BEATTIE, diversos outros pioneiros, entre eles nomes destacados dos meios universitários da época (TAYLOR, TOMMY, JONES, BUTLAND, T. SLATER, HUDSON, REEVES, PARMES, REIMERS, WAGNER, WILLIAMS, etc.), colaboraram para que novas fronteiras fossem abertas, em direção a futuros desenvolvimentos, cumprindo observar, todavia, que, embora com resultados não tão expressivos, o processo de registro das emanações energéticas apoiava-se, às vezes, em técnicas mais simples ainda, principalmente quando se tratava de registrar os eflúvios emanados de encarnados. Anotava, a respeito, Léon DENIS:

> Se, em completa obscuridade, se coloca a mão acima de uma placa sensível imergida no banho revelador, ao fim de alguns minutos de exposição, verifica-se que a placa se acha impressionada. Se a ela aderiram os dedos, da mancha que cada um deles produzir

se vê, como de outros tantos focos, desprenderem-se, e irradiarem em todos os sentidos, ondulações, espirais, o que demonstra que a força psíquica, como os raios ultravioleta ou os raios Roentgen, atua sobre os sais de prata.

E, relatando, a propósito, experiências pessoais, o mestre de Tours chega a um importante testemunho:

> Colocada a extremidade dos dedos sobre a chapa mergulhada no banho revelador, se, elevando o pensamento, num subitâneo e ardente impulso, fazemos uma prece, verificaremos em seguida que as irradiações adquiriram no vidro uma forma particular – a de uma coluna de chamas que se eleva de um jato. Esse fato demonstra, não somente a ação do nosso pensamento sobre os fluidos, mas também quanto influem as nossas disposições psíquicas sobre o meio em que operamos e lhe podem modificar as condições vibratórias.[213]

A detecção dos eflúvios emanantes da aura, com apoio, basicamente, em recursos químicos, embora a simplicidade do processo, surge, pois, como fato comprovado, mercê do gabarito moral e intelectual dos respeitáveis investigadores que nele trabalharam, inaugurando, assim, um dos mais importantes capítulos da história do conhecimento.

Efluviografia (I)

Efluviografia (auragrafia parcial) de uma mão, conseguida através do contato direto com a placa fotográfica, em banho revelador. (*De* ***Les Apparitions Matérialisées des Vivants & des Morts***, **Gabriel Delanne**. Paris: Leymarie, 1911, Tomo I)

Método eletrônico

Desde os primeiros experimentos com a eletricidade até os atuais desenvolvimentos eletrônicos, prenunciando avanços inimagináveis até, em benefício da Humanidade, cientistas e pesquisadores buscaram construir aparelhos capazes de detectar e registrar as energias que emanam do corpo humano, facultando, assim, o surgimento da mais sofisticada instrumentação para o progresso geral das ciências.

Na área que diz com a dimensão espiritual, não poderia ser diferente. Ainda no século XIX,

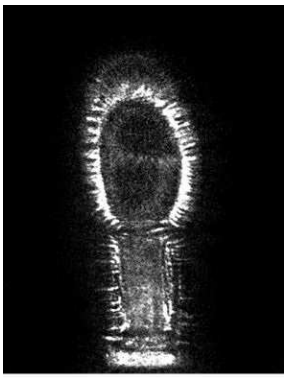
pesquisadores de renome já construíam aparelhos capazes de registrar as emissões dos eflúvios humanos. Serve de exemplo a célebre *Bobina de Rhumkorff*, cujo funcionamento é assim descrito por Albert DE ROCHAS:

> Numa câmara instala-se uma bobina de Rhumkorff, acionada por uma pilha suficientemente possante. Um de seus fios é deixado em comunicação com o ar ambiente: o outro, muito mais comprido, termina por uma proveta de vidro, cheia de água acidulada, na qual sua extremidade é fixada por meio de uma rolha de cortiça. Uma pessoa colocada num quarto vizinho, completamente escuro, toma numa das mãos a proveta e aproxima um dedo da outra mão de uma placa fotográfica, que lhe apresenta, do lado do colódio, uma segunda pessoa, sem comunicação direta com a pilha; quando o dedo estiver suficientemente próximo da placa, dele desprender-se-á um fluxo elétrico, que se inscreve por si mesmo sobre a película sensível e que se assemelha inteiramente aos eflúvios que os sensitivos vêem se desprender dos dedos de uma pessoa em estado normal.[214]

Com esse equipamento conseguia-se já registrar os eflúvios que se desprendiam dos dedos, podendo, pois, as experiências que com ele se faziam, ser consideradas como autênticas predecessoras das que aconteceriam mais de meio século depois, com base no método KIRLIAN.

Como já anotado, fundamental para a detecção e análise da aura foi, sem dúvida, a descoberta do casal KIRLIAN, de grande repercussão nos meios científicos e com desdobramentos deveras promissores.

Observando, numa demonstração de um aparelho de eletroterapia de alta frequência, que, enquanto o paciente se submetia ao tratamento através de eletrodos, lampejos minúsculos surgiam entre a pele e os eletrodos, Semyon Davidovich KIRLIAN passou a pensar na possibilidade de fotografar tal fenômeno. Isso aconteceu em 1939, num instituto de pesquisas, em Crasnodar, Cubão, sul da Rússia, próximo ao Mar Negro. Daí por diante, aplicando seus conhecimentos de eletrônica, entregou-se a incessantes pesquisas, acompanhado de sua mulher Valentina Khrisanfovna KIRLIAN. Fazendo experiências pessoais, chegou a sofrer queimaduras muito sérias, mas a persistência iria trazer-lhe o êxito certo. Ao fim de dez anos de experimentações (1949), os KIRLIAN, finalmente, chegaram à certeza de terem encontrado os instrumentos que lhes possibilitavam examinar os efeitos das correntes de alta frequência, tanto em seres humanos e animais como em plantas e objetos inanimados.[215]



Efluviografia (II)

Fotografia dos eflúvios do dedo de uma pessoa contatada com uma Bobina de Rhumkorff. (Em ***L' Exteriorisation de la Sensibilité***, **Albert DE ROCHAS**. Paris: Bibliothèque Chacornac, 1909)

A divulgação dos resultados alcançados, no mundo acadêmico, atraiu para a sua humilde casa de madeira, na rua Kirov, em Crasnodar, os mais ilustres expoentes do mundo científico soviético, interessados em conhecer mais de perto a *fotografia de alta frequência*, descoberta pelo ilustre casal.[216]

*

Basicamente, esse tipo de fotografia, segundo OSTRANDER e SCHROEDER, com um campo de alta frequência, capaz de registrar as fantásticas nuanças das emanações que compõem a aura (*"notável fenômeno de luminescência"*), envolveria um gerador de oscilações elétricas, ou oscilador de alta frequência (75.000 a 200.000 oscilações elétricas por segundo), *"ligado a vários grampos, chapas, instrumentos ópticos, microscópios comuns ou eletrônicos"*. Para a obtenção da fotografia, o objeto da investigação deve ser inserido entre os grampos, juntamente com o papel fotográfico. *"Ligando-se o gerador, cria-se um campo de alta frequência entre os grampos, que provoca, aparentemente, a irradiação de uma espécie de bioluminescência dos objetos para o papel fotográfico. Não se faz mister uma câmera para o processo de fotografia"*.[217]

Modelos aperfeiçoados ou modificados foram, depois, surgindo e patenteados, tornando-se hoje conhecidos em todo o mundo. Anote-se, contudo, que embora o equipamento original dispensasse a câmera fotográfica, propriamente, ela acabou por integrá-lo; de tal sorte que, atualmente, chega a ser conhecido simplesmente como "câmera Kirlian".

De outro lado, discutem-se as informações relacionadas com a necessidade de emprego da alta frequência – superior a 20.000 hertz para a obtenção dessa fotografia (necessária, talvez, para o registro das emanações, sem a câmera fotográfica, como acontecia nos primeiros tempos), uma vez que os equipamentos simples, hoje disponíveis, operam com frequência comum de 60 hertz, como, por exemplo, mostra Carlos B. IMBASSAHY, explicando o funcionamento do aparelho Kirlian:

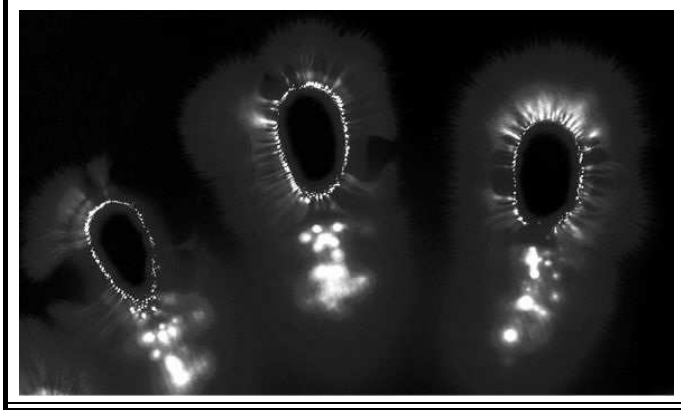
> É uma câmara fotográfica disposta de tal sorte que seu foco incida sobre uma placa de

indução elétrica e sobre a qual coloca-se o dedo para a foto (ou outra parte do corpo adaptável à câmera). Esta placa está induzida por um campo elétrico de altíssima voltagem e baixíssima amperagem, motivo por que não dá a sensação de choque; o campo é obtido por um transformador de corrente que trabalha com a freqüência das nossas instalações elétricas, ou seja, 60 hertz, o que equivale a 60 ciclos por segundo (…)

Quando colocamos o dedo sobre a placa induzida pelo sistema elétrico da aparelhagem, as energias que emanam dele vão modular o campo simples ali existente e é esta modulação que irá ser fotografada, fornecendo sobre a película a configuração que se vê após revelado o filme.[218]

Na verdade, hoje existem dois tipos de equipamento: os que servem à pesquisa científica sobre a kirliangrafia, propriamente, operando com radiofrequência (RF) – que corresponde à técnica originalmente desenvolvida pelo casal KIRLIAN –, de alto custo e maior complexidade, e os mais simples, de uso popular e comumente usados na procura de diagnósticos, que dispensam frequência elevada.

Ressalte-se, todavia, que as pesquisas que se desenvolvem em todo o mundo revelam, às vezes, dados surpreendentes. Assim, por exemplo, as variações cromáticas estampadas na kirliangrafia nem sempre refletem a realidade da aura, surgindo até como sérias distorções.



Kirliangrafia

Fotografia da aura dos dedos de uma mão esquerda.

No Congresso Internacional de Bioeletrografia (denominação adotada pela Associação Internacional de Kirliangrafia), realizado em Londres (1990), salientou-se que, em se tratando de equipamento de alta frequência, o padrão lilás era o predominante, e para os de baixa frequência (muito utilizado pelos pesquisadores europeus na área de diagnósticos), o padrão cromático é o violeta-azul. Entretanto, não é esse o padrão kirliangráfico comumente conhecido. O Professor Wilson PICLER, da Faculdade de Ciências Biopsíquicas do Paraná, em judiciosa análise, assim pondera:

O padrão kirliangráfico mais popular apresenta predominância cromática rosa-avermelhada com manchas azuis e esporadicamente surgem regiões alaranjadas. Essas

cores são artefatos que ocorrem devido à ionização de minúsculas bolsas de ar que se formam entre o filme e a placa polarizadora, conforme ficou demonstrado em pesquisas realizadas. As referidas bolsas de ar são ionizadas com a aplicação de alta tensão, produzindo corona (efeito luminoso que surge no ar em torno de objetos energizados com alta tensão). O referido efeito possui uma predominância cromática violeta-azul, com grande porcentagem de radiação ultravioleta, que sensibiliza o filme, no caso das bolsas, pelo lado oposto.

Sendo a última emulsão do filme justamente a responsável pelo vermelho, no caso de ionização oposta, seria a primeira a ser atingida. Embora a referida emulsão seja a responsável pelo vermelho, ela também é sensível ao ultravioleta e azul, ocorrendo o mesmo com a camada responsável pelo verde. Essa é a razão de o filme possuir uma camada de filtro que evita a sensibilização das camadas de vermelho e verde pelas radiações ultravioleta-violeta-azul. Porém, o filtro foi intercalado pelo fabricante do filme, prevendo a sensibilização pela face correta. Com a ocorrência de corona embaixo do filme, a camada de vermelho é atingida diretamente e, dependendo das dimensões das referidas bolsas, a quantidade de luminosidade gerada embaixo do filme atinge também a camada do verde. Em processos fotográficos, a mistura de verde com vermelho gera as cores laranja e amarelo. Eis a razão para o surgimento das cores rosa, vermelho, laranja e amarelo no padrão mais popular no Brasil.[219]

Chamando a atenção para tema tão relevante, adverte, a propósito, o ilustre pesquisador:

Curiosamente, os pesquisadores envolvidos com esse padrão correlacionam essas cores a diversos estados psíquicos e patológicos, como sendo sensitivos de cura, equilíbrio de energia *ynn-yang*, etc. Pesquisas tecnológicas no controle de variáveis interferentes em kirliangrafia indicam que essas cores são artefatos causados por deficiências técnicas nos equipamentos e não constituem, de forma alguma, indicadores de patologia ou estados psíquicos. A correlação dessas cores com os referidos estados não passam, no caso de equipamentos de baixa freqüência utilizados no Brasil, de lamentáveis equívocos, refletindo a falta de fundamentos científicos em trabalhos que se traduzem, apenas, em comércio indevido. Isso agrava-se ainda mais, pois alguns profissionais da área psicológica e médica, menos avisados, oferecem seus trabalhos de auradiagnósticos com kirliangrafia à comunidade baseados em técnica totalmente falha, expondo seus pacientes a altos riscos de enganos em diagnósticos médicos.[220]

Mas, além das distorções cromáticas, devidas à rudimentariedade do equipamento usado, outras podem surgir no espectro obtido, resultantes de fatores os mais diversos, desde as variações da incidência do raio focal (a simples inclinação do dedo ou da mão já produz o efeito) e os resíduos ou irregularidades no eletrodo biológico (dedo, mão, etc.), até os defeitos ou irregularidades na placa polarizadora, e as próprias condições atmosféricas.

Significativas, pois, as dificuldades para se chegar a uma auragrafia e a um diagnóstico

confiáveis (principalmente com aparelhos de baixa frequência), embora certos os rumos.

Assim é que surgem, agora, meios que vêm propiciando a eliminação das aberrações cromáticas, como, por exemplo, o *dactilopressômetro*, instrumento destinado à medição da pressão digital (força que o dedo exerce sobre o filme) e, também apropriadamente, um dispositivo pressor eletromecânico, que, detectando a pressão que o objeto em estudo exerce sobre o filme e o deslocamento deste, *"elimina as bolsas de ar embaixo do filme"*, evitando, assim, as distorções cromáticas. Experiências realizadas com tal dispositivo – *Porta-Filme Dotado de Quadro Pressor*, segundo a denominação de PICLER – *"mostraram que sem o quadro pressor as fotos surgem com manchas de cores vermelha e rosa. Quando implantado, imediatamente surge o padrão totalmente azul"*.[221]

*

As pesquisas nesse campo continuam e, certamente, ainda trarão muitas surpresas.[222]

Desde o famoso achado do cientista russo, Alexandre GURVITCH, nos anos 1930, que eletrizou o mundo com a declaração de que "todas *as células vivas produzem uma radiação invisível"* (que denominou "radiação mitomagnética"), muitas descobertas vêm acontecendo, mostrando a realidade da aura, cujo campo, hoje, já é possível detectar e, também, delinear.

Já no final da década de 1960 – enquanto se divulgavam as descobertas dos KIRLIAN –, no Laboratório de Cibernética Biológica do Departamento de Fisiologia da Universidade de Leningrado (hoje, São Petersburgo), o Prof. Pavel GULYAIEV, sucessor do famoso parapsicólogo Dr. VASILIEV, usando eletrodos de detecção de alta resistência, extremamente sensíveis, conseguia delinear o campo de força que denominou *"aura elétrica"*. Informam OSTRANDER e SCHROEDER:

> O dispositivo do Dr. GULYAIEV destinado a obter 'eletro-aurogramas' é tão sensível que pode medir o campo elétrico de um nervo. Os nervos de uma rã, por exemplo, têm um campo elétrico de vinte e quatro centímetros. As emanações elétricas em torno do corpo se alteram de acordo com a saúde, o estado de espírito, o temperamento. A distância a que esse campo pode ser medido depende da quantidade de tensão gerada.[223]

E no Canadá, na Universidade de Saskatchewan, segundo noticiam as citadas autoras, um grupo chefiado pelos cientistas Abram HOFFER e Harold KELM, operando com um detector inventado pelo norte-americano David THOMSON, que consiste em *"duas placas de condensador, um pré-amplificador e um registrador de linha, como o de um eletrocardiógrafo"*, consegue delinear a *distância* a aura do corpo humano. *"Quando, por exemplo, um paciente entra numa sala, o detector determina, a distância, se o seu nível de ansiedade é alto, médio ou baixo"*.

Esse tipo de pesquisa vai mais longe. O Dr. David THOMSON, precitado, coadjuvado pelo Dr. Jack WARD, de Trenton, N. Jersey, sofisticando equipamentos, descobriu que o campo áurico de uma pessoa detecta as frequências dos campos de outras pessoas, a distância, e é

afetado por elas. *"Os campos de força das pessoas sentem imediatamente o medo, a agressão, o pânico ou a benevolência de outra pessoa"*, afirma o Dr. THOMSON.[224]

Mas as investigações prosseguem, interessando cada vez mais os meios científicos de todo o mundo (sabe-se também das verbas que a NASA tem destinado a esse tipo de pesquisa), e já chegando à era da tomografia por emissão de pósitrons (TEP), das surpreendentes aplicações da luz *laser* e outros maravilhosos alcances tecnológicos, certamente logo teremos como definitivamente assentada, via eletrônica, em laboratório, a realidade espiritual do ser humano, a repercutir, inevitavelmente, em todos os campos do Conhecimento, comprovando o que os mestres do pensamento já afirmavam há milênios e o Espiritismo, hoje, ratifica.

Método anímico-mediúnico

A aura é conhecida desde tempos imemoriais, graças à sensibilidade de mestres e aprendizes que conseguiam detectá-la pela vidência, o modo mais comum e antigo de percebê-la. E hoje, depois das pesquisas metapsíquicas e instaladas as investigações parapsicológicas ou psicotrônicas, e, principalmente, com o advento do Espiritismo, a vidência continua sendo o caminho natural de se chegar à realidade da aura, representando, sem dúvida – mercê das correlações que informam o princípio da universalidade e da própria idoneidade moral de experimentadores e sujeitos –, um dado valioso e de validade incontestável para o conhecimento mais integral do ser humano.[225]

A vidência – faculdade que possibilita colher impressões visuais do mundo espiritual (visão espiritual) ou de caráter espiritual – é fenômeno que demanda, em princípio, um certo desprendimento perispiritual do sujeito, não implica necessariamente um estado de transe, embora, às vezes, isso possa acontecer nos casos de desprendimento mais acentuado e, naturalmente, nos fenômenos de desdobramento.

Permite ela perceber tanto a aura de pessoas encarnadas como de desencarnadas – e isso tem alta significação neste estágio primário em que ainda se encontra, nesse campo, a Ciência experimental, que só agora tem conseguido captar, ainda que por meios singelos, emanações periféricas geradas pelas estruturas biológicas.

E não se dê menos importância a esse método subjetivo (vidência) de conhecer a verdade, não só porque, historicamente, o conhecimento subjetivo seguidamente precede – e até preside – a experimentação objetiva, como as correlações internacionais entre os resultados (princípio da universalidade) fornecem sólidas bases asseguradoras, tanto da validade do processo como da autenticidade dos registros.

A faculdade de ver espiritualmente é, quase sempre, associada ao contexto mediúnico e seus agentes têm sido conhecidos, desde KARDEC, como *médiuns videntes*. Com efeito, na maior parte das vezes, as percepções comparecem como dados de informação do mundo espiritual que servem ao avanço dos encarnados. Por isso, aliás, a assistência direta dos Espíritos, nesses processos, aos médiuns videntes.

Mas casos há em que a vidência não tem significado mediúnico, propriamente, como, por

exemplo, ocorre em certos processos de desprendimento, em que as percepções colhidas interessam somente ao agente.

*

Além da visão espiritual, outros processos mediúnicos, ou simplesmente anímicos, podem servir à demonstração da aura. Assim, fenômenos como o da mediunização psicofônica e psicográfica, facultando aos Espíritos comunicantes descreverem, às vezes, a aura de um paciente, com a confirmação de videntes e outros Espíritos, merecem ser avaliados como recursos também significativos. Alguns processos de materialização de Espíritos podem, da mesma forma, fornecer subsídios aproveitáveis quando o Espírito consegue – se bem que mui raramente – mostrar um halo mais ou menos luminoso a envolver parcialmente, ou não, a formação ectoplásmica.

Também devem ser elencados, ainda que como meio indireto de se chegar à detecção da aura ou ao conhecimento de sua existência, os fenômenos ligados à *psicometria*,[226] faculdade que permite captar a história e o estado atual, tanto dos seres vivos como dos objetos inanimados e, também, por vezes, os ambientes e outros elementos externos ligados à sua existência. Ou, como sintetiza André Luiz, *"a faculdade de ler impressões e recordações ao contato de objetos comuns"*.[227]

*

O fenômeno designado como *psicometria* constitui, na verdade, um tipo especial de vidência, hoje classificado como *vidência psicométrica*, associado à audiência e, às vezes, a percepções olfativas, gustativas e, até, tácteis. As primeiras observações a seu respeito aconteceram poucos anos antes do surgimento da Codificação Espírita e, ao que consta, são devidas ao cientista norte-americano J. Rhodes Buchanan (1814-1899), professor do Instituto Médico Eclético de Convington, Kentucky, que também, em 1842, cunhou a palavra. Seu interesse foi deflagrado pelos relatos do General Bishop Polk – Comandante na Guerra Civil – em torno de uma sensibilidade especial que possuía: se tocasse, no escuro, latão ou bronze, não só o percebia imediatamente, como sentia um estranho *gosto metálico*…

O Dr. Buchanan, no trabalho com estudantes de medicina, logo descobriu que as sensações não se restringiam ao sabor e ao tato, concluindo, ao final de longas experiências, que algum tipo de emanação é liberada pelos seres vivos e objetos, e que esta pode ser captada por pessoas especialmente sensíveis, hipnotizadas ou não.

Em 1849, depois de ter já verificado que certos sujeitos conseguiam localizar e reconhecer doenças em pessoas próximas, constatou que, colocando na fronte de algumas pessoas um objeto qualquer, estes conseguiam descrever sua história, detalhando fatos e circunstâncias a ele relacionados, que iam desde ambientes e cenas ligados à sua existência, em diversas épocas, até o caráter das pessoas que o tiveram em seu poder! (*"As descobertas da psicometria"* – anotaria depois – *"nos capacitarão a explorar a história do homem, como as da geologia nos capacita a explorar a história da Terra."*)

Aprofundando suas pesquisas – divulgadas principalmente pelos periódicos *Journal of Man* e *Light of Truth*, de Columbus, Ohio –, BUCHANAN não só inaugurou um surpreendente campo de estudo como despertou interesse de outros pesquisadores de seu tempo, dentre eles o não menos famoso professor de geologia de Boston, William DENTON, autor, depois, de diversas obras importantes sobre psicometria.[228]

BUCHANAN, contemporâneo, admirador e sistemático defensor das Irmãs Fox, reuniu seus trabalhos no *Manual of Psychometry* (Boston, 1889), obra fundamental para o estudo da história da psicometria, que, na realidade, só poderia ser bem entendida à luz do Espiritismo.

Os fenômenos de vidência psicométrica apontam diretamente para a existência da aura, presente em todos os seres, animados e inanimados, e sua captação por pessoas detentoras de uma faculdade própria para tal. Ernesto BOZZANO sugere, como condição fundamental, a existência de uma sintonia entre o sujeito perceptivo e a aura do objeto. Por meio de um *"fenômeno de sintonização"*, sustenta BOZZANO, a pessoa sensível *"vibra em uníssomo com o sistema de vibrações da 'aura' com que se relaciona, o que vale dizer que sente em si todas as sensações organopsíquicas, ou os estados da matéria que contribuem para especializar o sistema de vibrações contidos na 'aura' psicometrada"*. O sujeito deve, pois, *"sentir-se identificado com a pessoa viva ou morta, com o ser animal, organismo vegetal ou matéria mineral, a que se refira a 'aura' contida no objeto"*.[229]

Normalmente, o processo psicométrico é desencadeado pelo contato do sensível com um objeto, que serve de elemento indutor. Mas, às vezes, ainda que raramente, sem nenhum contato com qualquer coisa, o sujeito passa a perceber, no ambiente que o cerca, todo um desenvolvimento de cenas que ali aconteceram.

Trata-se, em realidade, de um fato mui singular (*"uma espécie de rastreamento psíquico"*, na expressão de L. PALHANO JR.),[230] esse que se refere à percepção de ambientes impregnados das correntes mentais e energias oriundas de pessoas, animais e coisas que com ele se relacionaram (psicosfera ambiental) e que são captadas pelos sujeitos, conhecidos hoje como videntes psicômetras. Tal fenômeno, ao que tudo indica, deve-se à impregnação energética do ambiente.

BOZZANO, na obra precitada, relata vários casos de vidência psicométrica, rigorosamente comprovados, e no Brasil não são poucas as ocorrências conhecidas e dignas do maior crédito. A notável médium e escritora Yvonne do Amaral PEREIRA (1900-1984), uma das mais destacadas intermediárias do Mundo Espiritual que o Brasil conheceu, relata, por exemplo, várias experiências pessoais, entre elas, uma ocorrida na cidade do Rio de Janeiro e cuja transcrição serve de modo especial à ilustração do tema:

> Visitamos, certa vez, uma amiga de nossa família, cuja residência, muito antiga, de aparência senhorial, datava do Segundo Império. Tratava-se de uma chácara, já arruinada, localizada em adiantado subúrbio do Rio de Janeiro. Nossa visita, que se estendeu por seis dias consecutivos, necessariamente nos obrigou a pernoitar na dita residência outras tantas noites. Não nos foi possível, porém, conciliar o sono na

primeira noite ali passada, enquanto que nas subseqüentes apenas pela madrugada repousávamos ligeiramente, o que nos debilitou, alterando a saúde. É que o que ali acontecera durante a escravatura, pelos meados do Segundo Império, nos foi revelado pela própria ambiência onde os fatos ocorreram (…)

A chácara fora uma fazenda de escravos. Assistimos ali, então, a cenas típicas da escravatura: desapareceram as ruas atuais que estruturam o bairro, a paisagem que compõe o panorama do momento. Às nossas percepções espirituais (estávamos em vigília, o que víamos não era como em sonho, nem durante os transportes, mas em nosso estado natural, embora estando já recolhida), se delineara a fazenda antiga, as senzalas, os milharais, o canavial, a movimentação cotidiana, acompanhada do cântico dolente e magoado dos escravos, que iam e vinham, em suas lides obrigatórias, sobraçando pesados cestos ou carregando à cabeça sacos ou feixes de lenha e ferramentas, ou batendo enxadas, etc. Toda a excitação de um dia de trabalho, numa pequena propriedade rural, objetivou-se aos nossos olhos espirituais, atônitos, que não chegavam a compreender o que se passava. No pequeno pátio lateral, para onde deitavam janelas e portas do aposento que ocupávamos, separado do terreiro fronteiro por um muro, típica obra de cantaria que denunciava o labor do braço escravo, vimos uma escrava trajada de saia preta e camisa de algodão cru, lenço branco à cabeça, mexendo, com enorme colher de pau, em um grande tacho de cobre, cujo conteúdo refervia sobre um fogão de pedras e tijolos, no próprio chão, parecendo tratar-se do 'sabão de cinza' fabricado em casa, o que era comum pela época, e, até há bem pouco tempo, em certas cidades do Estado de Minas Gerais. Outra escrava, no mesmo local, em plano aéreo pouco mais elevado, surrava, com uma palmatória, um 'moleque', provavelmente seu filho, regulando oito a dez anos de idade, o qual, de bruços sobre seus joelhos, esperneava, gritando sem parar. E vimos um velho escravo atado ao pelourinho pelos pulsos, para o suplício do chicote, o qual chorava e gemia angustiadamente, invocando o socorro divino:

— 'Meu Deus do Céu! Meu Anjo da Guarda! Tenham dó de mim!' – enquanto se repetiam os estalidos do chicote, acionado pelo capataz.

E surpreendemos ainda, cremos que perfeitamente materializada, e não retratada nas ondas etéricas, uma dama de aspecto senhorial: esbelta e bonita, com longos e amplos vestidos em tafetá azul-forte, cabelos muito negros e luzidios, penteados com esmero, brincos de pingentes de ouro, tão compridos que lhe iam quase aos ombros, colar amarelo, reluzente, como de ouro, um laço de veludo negro ornando o topete dos cabelos. E até mesmo o ruge-ruge do tafetá e das saias engomadas ouvimos, quando de suas idas e vindas pela casa, passando por nós como se se tratasse de uma pessoa. Tais cenas e movimentação, no entanto, eram confusas, como incrustadas umas nas outras, sem seqüência lógica ou enredo previsto.

No dia imediato à primeira noite que ali passamos, participamos à nossa amiga, cujas

idéias eram igualmente espíritas, a singularidade observada, tendo o cuidado, porém, de omitir os detalhes mais fortes, visto que poderíamos não ser devidamente compreendidas. Ouvindo-nos o relato do velho escravo ao pelourinho, respondeu, excitada:

— 'Esta chácara foi uma fazenda de escravos, ao tempo do Império. Ainda existem, nos fundos do quintal, as ruínas de um pelourinho…'

Com efeito, levando-nos a uma pequena elevação existente nos fundos do extenso terreno, contemplamos o pedestal, em cantaria pesada, ainda quase intacto, e os restos da coluna onde eram amarrados os pobres negros, para serem açoitados.

Diante dessas ruínas, nossa alma chorou enternecida, elevando uma prece fraterna em intenção do pobre velho, cujo drama entrevíramos na véspera, narrado pelas próprias vibrações locais… e também pelo seu algoz, que, certamente, através de uma reencarnação reparadora, ainda andará pelas ruas do próprio Rio de Janeiro, a exercer o Bem em desagravo das odiosas atitudes do passado…[231]

*

O exame das numerosas ocorrências ligadas a esse tipo de fenômeno, já estudadas há mais de século e meio, mostra que esses processos fundam-se numa espécie de interação entre a aura do médium e a aura do objeto, ou a psicosfera do ambiente, impregnadas de energia mental e de outras categorias, a se traduzirem para aquele em visões espirituais e sensações as mais diversas, dentro de um tal quadro de realidade que, para os mais sensíveis, o ontem parece desaparecer e tudo torna-se atual e transparente.[232]

Compreende-se também, finalmente, de acordo, aliás, com os ensinamentos espirituais, que o bom êxito no processo psicométrico depende, fundamentalmente, da ação dos Espíritos, operando em auxílio do vidente psicômetra, ainda que este, por ignorância, não o perceba. Escreve, a propósito, André Luiz, por Francisco C. Xavier: *"Como em qualquer atividade coletiva entre os homens, é forçoso convir que médium algum pode agir a sós, no plano complexo da psicometria. Igualmente, aí, o sensitivo está como peça interdependente no mecanismo da ação"*.[233]

Método de técnicas associadas

Casos há em que a metodologia seguida para a detecção da aura apoia-se em mais de uma das técnicas mencionadas (método misto), como, por exemplo, nas famosas experiências da Dra. Valerie Hunt e sua equipe, empregando recursos eletrônicos associados aos anímico-mediúnicos.

Estudando o *"campo de energia neuromuscular estrutural"*, e levando em conta os aspectos emocionais, a pesquisadora, utilizando eletrodos elementares (feitos de prata ou cloreto de prata), colocados sobre a pele, fazia o registro da frequência de sinais de

milivoltagem baixa, emitidos pelo corpo humano, enquanto uma vidente, Rosalyn BRUYERE (do Centro de Luz Curativa, Glendale, Califórnia), observava as auras do agente e do paciente.

Analisando, em seguida, à luz da matemática, *"os modelos de ondas registrados por uma análise de Fourier e uma análise da frequência de um sonograma"*, os cientistas chegaram a resultados notáveis: formas e frequências das ondas guardavam específica correlação com as cores registradas pela vidente. Operando, depois, com outros videntes ("leitores de aura"), verificaram que as variações cromáticas da aura registradas correlacionavam-se, de igual forma, com os mesmos modelos de frequência-onda. (Foram assinaladas, na época – fevereiro, 1988 –, importantes correlações entre cores e frequências: azul – 250-275Hz; verde – 250-475Hz; amarelo – 500-700Hz; laranja – 950-1.050Hz; vermelho – 1.000-1.200Hz; violeta – 1.000-2.000Hz, etc.).

Obviamente – e essa é a opinião dos investigadores –, novos instrumentos e técnicas mais aprimoradas deverão possibilitar registros mais aperfeiçoados, com frequências muito mais elevadas, ainda que o até aqui alcançado já represente, sem dúvida, avanço respeitável. Diz a Dra. HUNT:

> Em todo o correr dos séculos em que os sensitivos viram e descreveram as emissões áuricas, esta é a primeira prova eletrônica objetiva da freqüência, da amplitude e do tempo, que lhes valida a observação subjetiva da descarga da cor.[234]

*

Mas o trabalho da Dra. HUNT tem aspectos mais significativos ainda. Operando com registros da atividade elétrica muscular e já tendo verificado que quando um vidente via uma emanação luminosa específica na aura de uma pessoa, o eletromiógrafo sempre captava um padrão também específico de frequências, que correspondiam à cor detectada, como visto, buscou a ilustre pesquisadora obter também, por meio de um osciloscópio, um padrão visual correspondente. Assim, por exemplo, segundo anotação de Robert MONROE, *"quando um leitor de aura via azul no campo energético de uma pessoa, Hunt podia confirmar que era azul ao olhar para o padrão no osciloscópio. Num experimento, ela testou até oito leitores de aura simultaneamente, para ver se eles concordariam com o osciloscópio assim como entre si. 'O resultado foi exatamente o mesmo', atestou HUNT"*.[235]

*

Embora a aura, refletindo todo o complexo de forças que sustentam e caracterizam o ser, alcance expressão maior na dimensão hominal, tudo que vive tem seu *"halo energético"* peculiar. Diz ANDRÉ LUIZ, por intermédio de Waldo VIEIRA:

> Considerando-se toda célula em ação por unidade viva, qual motor microscópico, em conexão com a usina mental, é claramente compreensível que todas as agregações celulares emitam radiações e que essas radiações se articulem, através de sinergias funcionais, a se constituírem de recursos que podemos nomear por 'tecidos de força', em torno dos corpos que as exteriorizam.
>
> Todos os seres vivos, por isso, dos mais rudimentares aos mais complexos, se revestem de um 'halo energético' que lhes corresponde à natureza.
>
> No homem, contudo, semelhante projeção surge profundamente enriquecida e modificada pelos fatores do pensamento contínuo (…).[236]

Em se tratando do ser humano, importa lembrar que o campo áurico mostra dinamicamente, a cada instante, diferentes variações cromáticas, refletindo, como já visto, os seus diversos estados psicofísicos, a dizer, sua posição intelectual, suas emoções, sua saúde física, seus temores e angústias, suas alegrias e inclinações amorosas, enfim, a sua inteira realidade evolutiva. (Inserem-se nesse capítulo as manifestações conhecidas como "formas-pensamentos", projeções mentais coloridas que configuram – às vezes, com detalhes – as imagens produzidas pela mente.) A respeito, é muito clara, mais uma vez, a lição do Espírito ANDRÉ LUIZ:

> Nas reentrâncias e ligações sutis dessa túnica eletromagnética de que o homem se entraja, circula o pensamento, colorindo-a com as vibrações e imagens de que se constitui, aí exibindo, em primeira mão, as solicitações e os quadros que improvisa, antes de irradiá-los no rumo dos objetos e das metas que demanda.
>
> Aí temos, nessa conjugação de forças físico-químicas e mentais, a aura humana, peculiar a cada indivíduo, interpenetrando-o, ao mesmo tempo que parece emergir dele, à maneira de campo ovóide, não obstante a feição irregular em que se configura, valendo por espelho sensível em que todos os estados da alma se estampam com sinais característicos e em que todas as idéias se evidenciam, plasmando telas vivas, quando perduram em vigor e semelhança, como no cinematógrafo comum.
>
> Fotosfera psíquica, entretecida em elementos dinâmicos, atende à cromática variada, segundo a onda mental que emitimos, retratando-nos todos os pensamentos em cores e imagens que nos respondem aos objetivos e escolhas, enobrecedores ou deprimentes.[237]

Compreende-se, então, como todo Espírito, encarnado ou desencarnado (a inexistência do

equipamento físico nada importa), torna-se transparente, em matéria de identidade, aos Espíritos que lhe são superiores (a acuidade psíquica é diretamente proporcional ao grau de desenvolvimento evolutivo), pois, pelo simples exame da aura, as almas mais evoluídas sabem da intimidade das menos adiantadas.

*

É comum considerar a aura como se fosse patrimônio exclusivo do ser vivo. Todavia, sabe-se que todo ser, animado ou inanimado, tem a sua projeção energética.

Tal conhecimento, aliás, em sede científica, não é novo. Franz Anton MESMER (1734-1815), o famoso médico alemão que, ressuscitando antigos conceitos egípcios a respeito, desenvolveu importante doutrina sobre o "magnetismo animal" (mesmerismo) e a possibilidade de sua transmissão através do *passe*, já sustentava que as emanações de um ímã tinham a propriedade de curar doenças.

Karl von REICHENBACH (Barão de Reichenbach), em seu célebre trabalho sobre a chamada "força ódica", publicado em Brunswick, 1845 – com tradução francesa com o título *Les Phénomènes Odiques ou Recherches Physiques et Physiologiques Sur les Dynamides du Magnétisme, de l'Electricité, de la Chaleur, de la Lumière, de la Cristallisation et de l'Affinité Chimique Consideres dans leurs Rapports avec la Force Vitale* (simplificado na tradução inglesa para *Researches on Magnetism, Electricity, Heat, Light, Crystallization and Chemical Attraction in Relation to the Vital Force*) –, trouxe à evidência resultados incontestáveis, demonstrando que não só os magnetos mas também os cristais emanam uma energia que chamou de "força ódica" ou simplesmente, *"od"*.

Tendo como referência os diversos tipos de fontes emanantes de tal força, REICHENBACH chegou a criar um esquema contendo denominações como *crystallod*, *electrod*, *photod*, *thermod*, etc. Estabelecendo que essa energia é também presente nos seres humanos e animais, sustentou ainda, o notável pesquisador – e suas conclusões foram confirmadas por outros importantes cientistas europeus –, que o *"od "* transfere-se de um corpo a outro, com ou sem contato.

Hoje, com os desenvolvimentos ocorridos no campo da psicometria e em áreas afins, desde o início do século, e com as reiteradas lições mediúnicas, amplamente confirmadas pelas pesquisas eletrônicas, o fato de que todas as coisas projetam, ao redor de si, um campo energético específico, retratando suas peculiares características e condições, surge, já, como inquestionável.

E, levando-se em conta os efeitos ligados à psicometria, tem-se que a aura das coisas impregna-se das emanações dos seres que lhe estão próximos, refletindo-as também com as que lhe são próprias, e compondo, afinal, um ambiente que é o reflexo do conjunto das projeções oriundas de todos os elementos, vivos ou não, materializados ou não, presentes ou não – pois que pode reter essas emanações por tempo indeterminado. É a *aura ambiental*, que pode ser sentida como agradável quando formada pela emissão de forças espiritualmente mais *purificadas*, ou desagradável – e até repulsiva –, no caso contrário. Como, evidentemente, a

energia predominante – e onde ela atua é determinante – é de natureza *mental*, alguns autores são levados a denominá-la, também, *psicosfera ambiental*.

Nessa linha, poder-se-ia também cogitar da existência da *aura coletiva*, a refletir o grau de evolução de uma comunidade, e até da *aura terrestre*, de caráter mais abrangente, evidenciando todas as qualidades físicas e espirituais do nosso Mundo.

A esse respeito, aliás, observe-se que os autores que consideram, principalmente, o aspecto espiritual da aura terrestre, têm escolhido a denominação *psicosfera terrestre* para definir o ambiente psíquico da Terra. Nessa direção, por exemplo, a posição do Professor Cícero M. TEIXEIRA, que, entende tratar-se a *psicosfera terrestre* de um novo conceito, ao lado de outros, como barisfera, litosfera, atmosfera ou biosfera, a traduzir a existência de um envoltório *"constituído pela multi e variadíssima gama de pensamentos e emoções que traduz o grau de evolução geral da Humanidade"*.[238]

* * *

IX.
PERISPÍRITO E EVOLUÇÃO

A evolução constitui tema que interessa a todos os campos do conhecimento, impondo-se, para uma sua melhor compreensão, à luz do Espiritismo, uma imersão, mesmo que rápida, na história das investigações que a seu respeito têm se desenvolvido.

*

A teoria que explica o mecanismo pelo qual se verifica a evolução surgiu, na ciência, das comparações entre as diversas espécies de seres vivos, feitas, de início, com o objetivo de classificá-las, o que levou, depois, à descoberta das semelhanças entre as diferentes estruturas dos animais, possibilitando, com o progresso da anatomia comparada, o estabelecimento de um modelo teórico geral para cada grupo de animais ou plantas, com as características fundamentais que todas as espécies do grupo compartilham.

Mas, desde a antiguidade, no Oriente e na Grécia, muitos doutrinadores e filósofos tinham noção – às vezes, muito avançada – da evolução dos seres vivos. Aliás, a concepção dialética do mundo, que se originou na filosofia grega, e que via os objetos e os seres em contínua transformação, pressupunha a ideia de que as espécies não poderiam ser imutáveis. Famoso é o conceito de HERÁCLITO DE ÉFESO (550-480 a.C.), cujo sistema previa que, na Natureza, tudo se transforma (*"o universo é uma eterna transformação, onde os contrários se equilibram"*; *"tudo flui e nada permanece como é"*), contrariamente à posição de PARMÊNIDES DE ELEIA (515 a.C. - ?), para quem os seres e as coisas seriam imutáveis, como defenderiam, mais tarde, os teóricos do fixismo, cujos conceitos, reforçados pelos critérios teológicos e antievolucionistas, projetar-se-iam até os albores do séc. XIX, margeando as construções já magnificamente tecidas por filósofos e pensadores orientais e ocidentais.

E o fato surpreendente é que naturalistas de nomeada tenham chegado a defender a tese da imutabilidade, fixista, oriunda, aliás, da doutrina de Aristóteles,[239] quando não embalados pela visão essencialista, que admitia existir na essência de cada ser um mapa definido de potencialidades, cujo desdobramento marcaria o seu progresso, conforme consentido por essas potencialidades, sem possibilidade de mudança, ou seja, sem nenhuma evolução efetiva.

*

Na história do evolucionismo, o primeiro nome em importância, ao tempo em que ainda não havia separação entre ciência e filosofia, é o de Gottfried Wilhelm LEIBNIZ (1646-1717), cujas ideias foram das mais importantes para a compreensão da natureza como um todo.[240]

Na filosofia de LEIBNIZ (*Monadology*, 1712), dois conceitos, principalmente, repercutiram na construção da biologia evolutiva: o conceito de continuidade e gradualismo (*a natureza não dá saltos*; tudo avança gradual e continuamente) e o conceito de que em tudo há uma orientação para o progresso, para a perfeição.

Verdade que ARISTÓTELES foi o primeiro a pensar na existência de uma graduação na natureza viva, que, segundo o estagirita, passava dos objetos inanimados para os animais, por meio das plantas, em ininterrupta sequência.

Estranhamente, a despeito de tal concepção, admitia Aristóteles que as espécies e suas formas eram fixas. De qualquer forma, porém, suas ideias levaram à construção do extraordinário conceito de *scala naturae* (*"Grande Corrente do Ser"*, segundo a expressão de A. O. LOVEJOY, da Universidade de Harvard), que iria influenciar o pensamento evolucionista que já se projetava da obra de LEIBNIZ.

Os conceitos plantados por LEIBNIZ certamente contribuíram para novos avanços, ainda que só no fim do século XVIII é que tenham começado a surgir as teses, cujos fundamentos foram aceitos como biologicamente consistentes pela comunidade científica de então.

Nessa época, Georges Louis LECLERC (1707-1788), conde de BUFFON, autor de obra admirável no campo da História Natural, comparando a fauna de diversos países, afirma, ainda que timidamente, o princípio evolucionista. Desenvolvendo o projeto de uma história natural universal, escreveu uma obra extraordinária (*Histoire Naturelle*), em quarenta e quatro volumes, nove dos quais conhecidos após sua morte. Embora pendendo, na verdade, mais para o criacionismo (admitia que, por obra do Criador, o primeiro par de cada espécie surgira plenamente formado), não deixava de aceitar a possibilidade de uma "descendência comum", aparecendo, aliás, ao que parece, como primeiro autor a fixar tal conceito.

Tal posição é explicável pelo fato de que BUFFON passou a familiarizar-se com as ideias de LEIBNIZ, depois de já ter escrito alguns volumes de sua obra. De qualquer forma, teve o mérito de trazer a ideia da evolução ao campo de pesquisas. (Dele teria KANT, provavelmente, tirado a hipótese contida na sua *Crítica do Juízo*, 1790, de um "parentesco real" das formas vivas e de sua derivação de uma "mãe comum", além de um desenvolvimento contínuo da natureza, desde a primitiva nebulosidade até aos homens.)

LAMARCK (Jean Baptiste Pierre Antoine de Monet, *chevalier de Lamarck*, 1744-1829), seu discípulo – e inventor da palavra biologia –, confirmou os princípios esboçados por BUFFON naquilo que diziam com o evolucionismo (ligava-se profundamente às ideias de DESCARTES, NEWTON, LEIBNIZ e BUFFON), estabelecendo, na sua *Philosophie Zoologique* (1809), a primeira teoria científica do transformismo biológico.

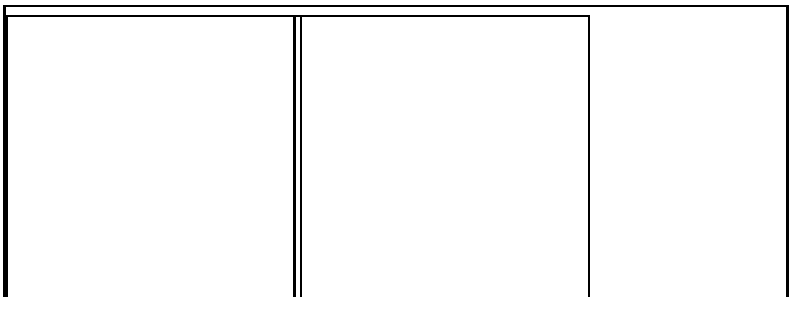
LAMARCK atribuiu importância primordial ao meio e a adaptação dos animais a ele. Todavia, seu mérito maior foi suscitar debates e pesquisas num campo que, até então, era do domínio da filosofia e da religião.

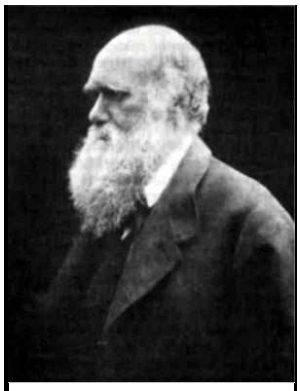
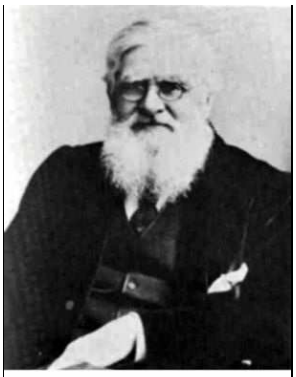
Suas ideias não tiveram, de imediato, repercussão maior, apesar de defendidas por alguns notáveis pesquisadores da época. Mas as concepções transformistas ressurgiriam com novo ímpeto, quando, em 1858, os conceituados pesquisadores Charles LYELL e Joseph D. HOOKER apresentaram à *Linnean Society of London* (Sociedade Lineana de Londres), trabalhos de Charles Robert DARWIN e Alfred Russell WALLACE,[241] descobridores independentes do princípio da seleção natural, seguindo-se, em 1859, a publicação de *A Origem das Espécies* (*The Origin of Species*), a célebre obra de Darwin, impondo, à atenção geral, a sua explicação de que os fatores principais da evolução são a luta pela vida e a seleção natural.[242]

O paradigma evolucionista de Charles DARWIN (1809-1882), aceitando como fundamentais a ascendência comum, a gradualidade e a seleção natural, não constitui um todo indivisível, sendo, na verdade, composto por várias teorias, algumas das quais não aceitas por todos os evolucionistas.[243]

Em síntese, pode-se dizer que, basicamente, a tese darwiniana versa sobre duas ordens de fatos: **a**) – a existência de pequenas variações orgânicas que se verificam, a intervalos irregulares, nos seres vivos, as quais, em parte pela lei da probabilidade, tornam-se vantajosas para os indivíduos que as apresentam; **b**) – a luta pela vida que se verifica entre os indivíduos vivos, pela tendência de cada espécie a multiplicar-se segundo uma progressão geométrica. (DARWIN teria buscado em MALTHUS – *Essay on Population*, 1798 – os subsídios para esse último pressuposto.)

Resulta dessas duas ordens de fatos que os indivíduos que apresentam alterações orgânicas vantajosas têm mais probabilidades de sobrevivência na luta pela vida e, em virtude da hereditariedade, podem mostrar forte tendência a transmitir aos seus descendentes os caracteres acidentais. Essa, a *lei da seleção natural*, coluna mestra da doutrina darwiniana.[244]



	
Charles Robert Darwin (1809-1882)	**Alfred Russell Wallace** (1823-1913)

O darwinismo foi objeto de muitas polêmicas. Novas teorias, aceitando outros fatores ligados à evolução, surgiram. Mencione-se, entre as correntes principais, os *neolamarckianos* (GIARD, COPE, etc.), que insistiam na relação do organismo com o ambiente, atribuindo a essa relação a capacidade de produzir as novidades orgânicas que seriam depois transmitidas pela via hereditária (hereditariedade dos caracteres adquiridos); os *neodarwinianos*, agrupados em torno de WEISMANN e preconizando a importância da seleção natural como único princípio da evolução;[245] os *saltacionistas* (KÖLLIKER, DE VRIES, etc.), dominantes no início do século XX, com o seu *mutacionismo*; os *vitalistas* (STAHL, LIEBIG, etc.) e *neovitalistas* (MAYER, DRIESCH, etc.), concebendo a evolução como resultado da atuação do princípio da vida (*força vital*) nos seres animados; os *progressionistas* ou *teleologistas* (NÄGELI, EIMER, etc.), defensores das chamadas teorias *ortogenéticas*, que sustentam a existência de uma componente finalística na evolução e que o princípio da perfeição, força diretora por excelência, é imanente a toda vida orgânica. (HAACKE chegou a usar o termo *ortogênese* para designar o princípio da perfeição, mas outros biólogos e filósofos empregaram, mais tarde, denominações diferentes: OSBORN, *aristogênese*; BERG, *nomogênese*; TEILHARD DE CHARDIN, o *princípio ômega*.)

*

Entrementes, a evolução passava a ser admitida como matéria fundamental, tanto por pensadores materialistas, como espiritualistas (HEGEL, SPENCER, ARDIGÓ, HAECKEL, WANDT, FOUILLÉE, etc.).

Diversos filósofos teceram concepções importantes (HEGEL, por exemplo, em sua dialética, procurou estabelecer as leis pelas quais se dão as transformações), porém o destaque é de Herbert SPENCER (1820-1903), com seu ensaio *Progresso*, publicado em 1857. A nota fundamental é que evolução significa, essencialmente, *progresso*. Todos os aspectos da realidade dizem com o progresso: *"Quer se trate do desenvolvimento da Terra,"* – diz ele, no citado ensaio – *"quer se trate do desenvolvimento da vida na sua superfície ou do desenvolvimento da sociedade, ou do governo, ou da indústria, ou do comércio, ou da linguagem, ou da literatura, ou da ciência, ou da arte, sempre no fundo de todo o progresso está a mesma evolução que vai do simples ao complexo através de diferenciações*

sucessivas". Essa ideia de uma progressão necessária em direção a um nível sempre superior e de maior complexidade, embora não coincida com o conceito que DARWIN tinha da evolução, repercute até hoje.

Em sua célebre obra *The Synthetic Philosophy*, SPENCER apresentou, no volume inicial (*Primeiros Princípios*, 1862), temas gerais sobre o desenvolvimento e a constituição do universo, definindo a evolução como *uma integração* de matéria e uma concomitante dissipação de movimento, durante a qual a matéria passa de uma homogeneidade indefinida e incoerente para uma heterogeneidade definida e coerente, sendo ainda o movimento conservado, passível de uma transformação paralela. (Esse conceito da evolução, como passagem do homogêneo indiferenciado ao heterogêneo diferenciado, teria sido sugerido pela evolução da ameba aos organismos superiores.)

Nessa linha, Roberto ARDIGÓ, influenciado por COMTE e SPENCER, afirmando a necessidade de serem aplicados à Filosofia os métodos objetivos das Ciências Naturais, definia a evolução como *"a passagem do indistinto para o distinto"* (*Opere*, 1884). E Ernst HAECKEL (1834-1919) – feliz autor da frase *"a ontogênese repete a filogênese"*–, mesmo em seu materialismo, via em todas as formas da realidade, graus de evolução progressivamente ordenados (*Os Enigmas do Mundo*, 1899).

De outro lado, começam a surgir as primeiras construções espiritualistas, que encontram nas várias formas de realidade, graus de desenvolvimento de um princípio espiritual. Wilhelm WUNDT (1832-1920) reconhece esse princípio na vontade (*System der Philosophie*, 1889). Alfred FOUILLÉE encontra na *ideia força*, o substrato da evolução (*L' Évolutionnisme des Idées-Forces*, 1890).

*

Dentre as correntes que discutem o darwinismo, antes citadas, merecem destaque, por sua importância e repercussão, o *saltacionismo* (*mutacionismo*), o *vitalismo* e o *teleologismo*. Com referência à primeira (teoria dos saltos), nome de destaque é o de Hugo DE VRIES (1848-1935), que, buscando mostrar que as variações hereditárias podem ter origem diferente, desenvolve, em 1901, a sua famosa *teoria das mutações*, na qual estabelece que, às vezes, os genes sofrem modificações espontâneas, não relacionadas diretamente com a influência do ambiente (o qual, todavia, poderia facilitar, impedir ou dificultar o surgimento de tais mutações), passando a determinar novos caracteres hereditários.

Segundo o botânico holandês, essas mutações nem sempre são adaptativas, mas se uma delas vier a ser útil ao seu portador, num determinado ambiente, este indivíduo teria probabilidade maior de deixar prole numerosa, a qual herdaria o gene mutado.[246] E o novo caráter genético passaria, aos poucos, a predominar numa população, dando início a uma variedade que poderia transformar-se numa espécie nova.[247]

Segundo DE VRIES, se o gene que sofreu mutação determina um caráter inconveniente, tenderia a ser eliminado pela seleção natural, descrita por DARWIN,[248] mas se a mutação é benéfica, os caracteres favoráveis à sobrevivência da espécie passariam a ser

progressivamente fixados pela hereditariedade. E a frequência do gene correspondente a esta mutação tenderia a aumentar cada vez mais nas gerações sucessivas, não perdendo, também, suas características, por coexistir com seus alelos nos indivíduos híbridos.[249]

*

Experiências que se seguiram aos trabalhos de H. De Vries, como as de Hermann Joseph Muller, por exemplo, que lhe valeram o prêmio Nobel, demonstraram que a frequência das mutações aumentava proporcionalmente com a dose de raios X empregada (1927). Soube-se, depois, que outros tipos de radiação (ultravioleta, raios gama) e certos produtos químicos também podem gerar efeitos idênticos aos dos raios X.

Resultados como esses fizeram com que a teoria das mutações, buscando explicar a origem súbita de novas espécies ou tipos, atraísse um significativo número de pesquisadores (Maupertius, Kölliker, Bateson, Willis, Schindewolf, etc.) e chegasse a repercutir em nossos dias, embora seja atualmente evidente que, na verdade, são poucos os casos em que se podem encontrar mutações do gene, como hoje admitidas, sendo certo que grande parte delas, segundo o conceito de H. de Vries, são agora tidas como manifestações de rearranjos cromossômicos, a envolver aspectos outros. (Obviamente, o trabalho de H. de Vries não perde em importância; ao contrário, a mutação continua sendo questão das mais importantes em Genética.)

De qualquer forma, entende-se que certamente, se vários outros fatores responsáveis pela evolução não atuassem, não haveria variação na frequência dos genes através das gerações, pois – conforme matematicamente demonstrado por Hardy e Weimberg, já em 1908 – mesmo um gene dominante de alta frequência seria incapaz de eliminar seu antagônico recessivo da população.[250]

Desse modo, outras fontes conhecidas de variação hereditária podem também ser catalogadas, não deixando a *seleção natural*, todavia, de desempenhar seu relevante papel. É que o organismo que consegue melhor adaptação ganha em probabilidade de sobrevivência, tem mais força de reprodução, transmitindo à prole o seu genótipo, e seus descendentes aumentarão, enquanto os outros morrerão mais facilmente, enfraquecendo e diminuindo as demais gerações.

Mas, causas importantes de variação são também a *recombinação de genes*, que pode gerar um número extraordinário de genótipos diferentes[251] e que, segundo alguns autores, seria a mais importante fonte de variação genética das populações, e a chamada *oscilação genética*, que ocorre quando, numa população pequena, uma circunstância qualquer, como, por exemplo, a morte de um organismo, pode causar a eliminação do *pool* genético (lastro genético) da população, certos genes, ou conjunto de genes, que ele possuía, e que assim desaparecerão para sempre.

Fator relevante, ainda, é a *migração*, que possibilita sejam acrescentados ou retirados genes, ou conjunto de genes, existentes numa população, conforme imigrem nessa população,

ou dela emigrem, deixando, pois, de compor seu genótipo.

Além desses fatores de variação, diversos outros elementos merecem ser considerados em matéria de diversificação genética, quer sob aspecto da microevolução – a envolver, por exemplo, no quadro de variação das espécies, a influência da ecologia e da geografia na troca de genes entre as populações –, quer sob o aspecto da macroevolução (grupos superiores às espécies – gêneros, ordens, etc.).[252]

E se ainda não se encontram bem esclarecidos, as portas do futuro próximo estão a abrir-se promissoramente, e certamente, com o progresso científico, dados decisivos sobre a realidade evolutiva virão à luz, corroborando também as formulações espíritas relacionadas com o tema. (Veja, por exemplo, os trabalhos que agora abrem novas fronteiras e que buscam, através de apurada metodologia, elucidar a questão da própria origem da vida a partir da natureza inanimada, mercê dos respeitáveis esforços de UREY, BLUM e MILLER, nos EUA; BERNAL, na Inglaterra; DAUVILLIER e DESGUIN, na França; entre outros.)

*

O *vitalismo*, como já acentuado, projeta-se também como construção das mais respeitáveis entre as teorias evolutivas.

Enquanto – mesmo hoje – mecanicistas (na esteira de DESCARTES, Thomas Henry HUXLEY, etc.) e darwinistas (SIMPSON, MAYR, BEADLE, WATSON, LEDERBERG, etc.) admitem que a vida e a própria mente possam ser reduzidas a meras reações físico-químicas complexas, os vitalistas, embora considerando essas reações necessárias à vida, entendem que são elas regidas por um *princípio vital*, o que tornaria o ser vivo essencialmente diferente e irredutível ao inanimado.

Apesar das objeções opostas pelos mecanicistas e outros, que a deram por contrária ao saber científico, no início do século passado – quando se chegou até mesmo a proclamar o próprio declínio do interesse filosófico pelo conceito de evolução –, a doutrina vitalista, sob o rótulo de *neovitalismo*, chega aos nossos dias aureolada pelo respeito.

O vitalismo, no seu sentido exato, é a doutrina defendida por filósofos e cientistas, a partir do século XVIII, que estabelece como fundamento dos fenômenos vitais uma *força vital* independente dos mecanismos físico-químicos. Essa ideia, em torno da existência de uma força ou princípio vital subjacente a toda manifestação de vida (correspondente ao *princípio dominante* de J. REINKE e à *enteléquia* de H. DRIESCH), foi acolhida pelo químico George Ernst STAHL (1660-1734), em sua teoria *"animista"*, de grande repercussão na época. Chegando prestigiada ao séc. XIX, foi adotada por vários pesquisadores ilustres, entre eles Justus von LIEBIG (1803-1873), um dos fundadores da química orgânica.

As críticas e as demonstrações bioquímicas contra a sua postura, que refutava a utilidade da pesquisa físico-química dos fenômenos vitais, levaram à reformulação da doutrina vitalista, ensejando, então, o surgimento do neovitalismo, que, já reconhecendo a utilidade daquela pesquisa, continua admitindo a irredutibilidade destes fenômenos às forças físico-químicas, aceitando, entretanto, que estes são regidos por um elemento específico (princípio, impulso, força), criador, *vital*.

Neovitalistas foram cientistas e filósofos de prestígio como Robert Mayer, Von Bunge, Rinfleisch, W. Thonson, Chausius, W. Ostwald e, principalmente, H. Driesch, que centrou na *enteléquia* – termo criado por Aristóteles para indicar o ato final ou perfeito, a realização acabada da potência – o seu vitalismo. Hans Driesch (1867-1941) concebeu a evolução como a atuação do princípio da vida nos seres animados: um fator *espiritual*, irredutível aos agentes físico-químicos. (*A Alma como Fator Elementar da Natureza*, 1903; *O Vitalismo*, 1906)

Henri Bergson, que se filiou a esta corrente, deu ao princípio o nome de *élan vital*. Em reação ao materialismo mecanicista, entende Bergson que a matéria tem o espírito como origem longínqua, contrariamente à tese do evolucionismo materialista, para o qual o espírito é apenas matéria evoluída e complexa. A evolução só acontece porque um impulso vital – *élan vital* –, força criadora, faz surgir formas vivas cada vez mais complexas, porém não segue um plano previamente determinado. (Bergson rejeita tanto o finalismo clássico como o mecanicismo.)[253]

*

A corrente que se seguiu, derivada do vitalismo, mas denominada *teleológica* ou *finalista*, sustentando que a evolução tem uma finalidade (Cuénot, Vandel, Lecomte de Noüy, Dacqué, Naef), atraiu pensadores ilustres como Teilhard de Chardin, cuja obra – refletindo também as elaborações do *psicovitalismo*, do início do século XX (Pauly, Wagner, Francé) – com ela guarda clara afinidade.

Para Teilhard – que chegou a qualificar sua doutrina como "neocristianismo" –, *"o universo se ordena em uma única grande série, claramente orientada e ascendente desde o átomo mais simples até os seres vivos elevados"*.

A vida emerge da matéria e, por sua vez, a biosfera (o ecossistema planetário) vê surgir em si a noosfera, ou seja, o mundo dos seres conscientes e pensantes, o mundo dos homens. A evolução visa, na realidade, a realizar a passagem da matéria ao espírito. O fenômeno humano aparece como resultado de uma imensa história orientada. A matéria mineral, depois vegetal, depois animal, tomou sucessivamente formas cada vez mais complexas. No curso da evolução das espécies animais, *"de camada em camada, por saltos gigantes, o sistema nervoso vai se desenvolvendo, se diversificando. Mas o homem atual não é ainda senão um estágio embrionário, além do qual já se delineia uma grande margem do ultra-humano"*. O homem seguirá um processo de hominização. No fim deste progresso intelectual, moral, espiritual, a humanidade não será mais que um corpo místico de pessoas que se amam umas às outras, e esta unidade será o reflexo da própria unidade divina, o termo último (o *Ponto Ômega*) – e também o princípio desta grandiosa história.[254]

Interessante notar que a doutrina de Teilhard lembra a chamada *nova teoria geral dos sistemas*, que enfatiza as tradições místicas orientais, especialmente as ligadas ao taoísmo.

De fato, o conceito fundamental de Teilhard, a denominada *lei de complexidade e consciência*, enuncia que a evolução se desenrola na direção de uma crescente complexidade, e que esse aumento de complexidade é acompanhado por uma correspondente elevação do

nível de consciência, culminando na espiritualidade humana. Já a teoria sistêmica, que se concentra no processo de autotransformação e na dinâmica da autotranscendência, inclui entre as características da evolução, *"o aumento progressivo de complexidade, coordenação e interdependência; a integração de indivíduos em sistemas de múltiplos níveis; e o refinamento contínuo de certas funções e tipos de comportamento"*.

Na visão sistêmica – fruto da contribuição de numerosos cientistas de várias áreas, como os químicos Iliá PRIGOGIN e Manfred EIGEN, os biólogos Conrad WADDINGTON e Paul WEISS, o antropólogo Gregory BATESON, além de teóricos de sistema e outros –, o processo de evolução *"não é dominado pelo acaso cego, mas representa um desdobramento de ordem e complexidade que pode ser visto como uma espécie de processo de aprendizagem, envolvendo autonomia e liberdade de escolha"*.[255]

*

De complexidade em complexidade chega-se ao *Homo*. E uma das mais surpreendentes constatações antropológicas refere-se à rapidez com que evoluiu e ao fato de que, atingido o estado de *Homo sapiens*, não se verificou mais nenhum aumento visível do cérebro. O homem primitivo, há mais de 100.000 anos, chegou a um cérebro pronto e perfeito, que lhe permitiria, através de um inimaginável universo de sinapses, desvendar os mistérios da energia e viajar ao espaço exterior.

Desde o primeiro encontro de fósseis hominídeos (antes, até, de conhecido o trabalho de DARWIN), particularmente o homem de Neanderthal (*Homo neanderthalensis*, 1856),[256] batizado por HAECKEL com o nome de *Pithecanthropus* e cujo crânio foi depois (1891) encontrado em Java (*Homo erectus*), não mais parou de crescer o número de achados.

As descobertas que se seguiram, da criança de Sterkfontein, Taung, na África do Sul (*Australopithecus africanus*) e de outros fósseis no sudeste da Ásia, na Etiópia, na Tanzânia, no Quênia, permitem hoje a reconstrução da cadeia que já possibilita vislumbrar a rota evolutiva do espírito, na dimensão hominal, forjando, sob o impulso de um perispírito cada vez mais apurado, a sua instrumentação física.[257]

Compreende-se, pelo exposto, o interesse e o abnegado esforço desenvolvido no tempo, por tantos e notáveis homens de pensamento, preocupados em resolver as desafiadoras e complexas questões ligadas à origem da vida e ao processo de evolução. As inúmeras teorias dão mostra de sua coragem e persistência no desbravamento de novas e auspiciosas fronteiras para o Conhecimento.

Forçoso convir, todavia, que se trata de matéria muito longe de ser resolvida.

De fato, são ainda muitas as controvérsias existentes entre os evolucionistas, ainda que não haja mais dúvida sobre o fato de que os patrimônios genéticos tendem a mudar no decorrer das gerações.

De um lado, alguns cientistas patrocinam o ressurgimento do antisselecionismo.[258]

De outro, uma boa parte dos pesquisadores rejeita (e isso se compreende no tipo de cultura que assola o mundo) tanto o saltacionismo como o vitalismo e as teorias ortogenéticas, sustentadas por princípios teleológicos, buscando uma teoria que pretende ser sintética, e que, aceitando a seleção natural e sua natureza probabilística, o gradualismo e a importância da adaptação e diversificação, no processo evolutivo, também valoriza aspectos que dizem, p. ex., com a estrutura das populações nas espécies e a hereditariedade.

Certo é que prosseguem as pesquisas nas principais universidades e há um crescente e especial interesse pela evolução. E embora as divergências – e as percepções fragmentárias da realidade –, verifica-se hoje, como assinala o Professor E. MAYR, da Universidade de Harvard, *"o impacto geral do pensamento evolucionista em todas as esferas do pensamento humano"*, sendo certo que *"já não é prerrogativa da biologia"*, uma vez que *"não existe nenhuma área de reflexão humana, em que entre o aspecto histórico, que não tenha adotado o pensamento e a metodologia evolucionários"*.[259]

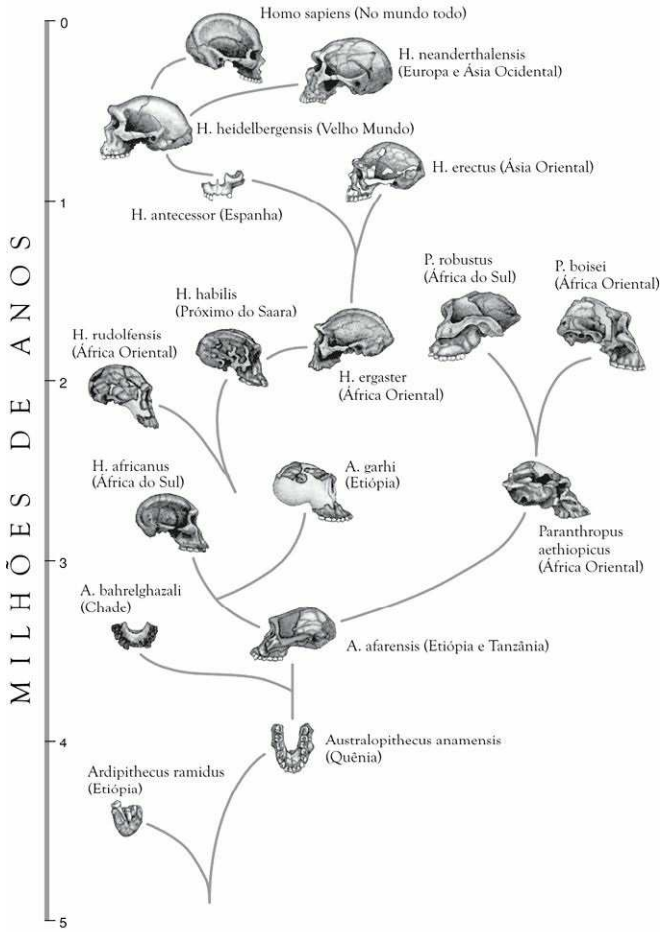
*

Em Espiritismo, respeitando-se a nobreza dos esforços empreendidos por notáveis investigadores da verdade, na busca de um entendimento maior do processo evolutivo, tem-se que os elementos alcançados pelos autores desencarnados e encarnados, não obstante o que de adiantado já existe em ciência e filosofia, podem fornecer os mais significativos subsídios para a clarificação do tema.

De feito, as mensagens que, desde os tempos da Codificação, no século XIX, vêm mostrando como se desenvolve o psiquismo, no tempo e no espaço, propiciam, mercê da profunda racionalidade que lhes serve de característica, uma percepção mais profunda e global da história evolutiva do ser humano, a mostrar, sobretudo, o divino impulso de transcendentalidade que o move.

E essas mensagens – preciso é que se fixe – constituem memoráveis ensinamentos forrados de inteira credibilidade científica, porque a Revelação dos Espíritos, além de tudo, tem como vigas mestras a *Prova Material da Imortalidade* e da *Ação Mediúnica*, conjugada com o *Princípio da Universalidade das Comunicações Espirituais*.

Realmente, a comunicação dos Espíritos através da mediunidade é hoje um fato universalmente notório. O Espírito é imortal e se comunica em toda parte e em qualquer tempo, uma vez que a mediunidade é faculdade natural como qualquer outra. E torna-se incontestável a validade de uma tese transmitida pela Espiritualidade aos homens, quando sua recepção é feita por vários médiuns, de culturas e lugares diferentes, em tempos diversos, mostrando, as mensagens, perfeita identidade de conteúdo. É a revelação universal, com toda sua força e certeza.[260]



Hipótese Evolutiva*

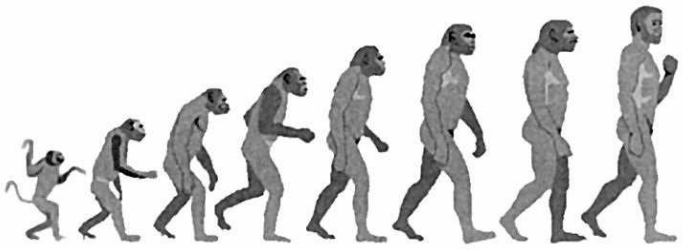
* Adaptado de uma ilustração publicada em ***Scientific American***, N. York, janeiro, 2000.

Sabe-se, então, de primeiro, que a evolução acontece dentro da Ordem Suprema que rege toda a Criação,[261] aspecto fundamental que, aliás, é sublinhado pela unanimidade dos autores espiritualistas e espíritas. Escreve Pietro UBALDI:

> A evolução não é uma ascensão confusa, desordenada, caótica, mas é um movimento exatamente disciplinado, sem possibilidade de enganos ou imposições. A Lei tem seu ritmo absoluto e segundo ele nada avança senão por continuidade; é necessário existir, viver, experimentar, amadurecer, semear e colher sob íntima concatenação de causas e de efeitos. O mundo pode vos parecer caótico; os seres misturados e largados ao acaso, mas não importa uma aparente confusão espacial quando cada ser traz inconfundivelmente inscrita a lei em sua própria natureza, e o caminho evolutivo não é espacial. O princípio é mais do que o movimento; é o que lhe traça a senda.[262]

O processo evolutivo, pois, tem, essencialmente, o sentido da progressão; não é só passagem de umas formas a outras, num sistema em que o movimento é considerado lei geral. É muito mais: significa íntimo aprimoramento de estruturas e funções psíquicas, a se manifestarem, sim, através de formas e características funcionais diversas, cada vez menos grosseiras, rumo à espiritualidade superior.

*



A Verticalização

Notável, a propósito, o fato de os Espíritos Reveladores mostrarem essa verdade a KARDEC, antes de conhecidos, sequer, os trabalhos de DARWIN (publicados em 1859 e só divulgados anos mais tarde), ou de Gregor MENDEL (publicados em 1865, mas inteiramente desconhecidos até 1900). De feito, já escrevia o Codificador no final da Introdução de *O Livro dos Espíritos* (XVII): *"Se observarmos a série dos seres, percebemos que eles formam uma cadeia sem solução de continuidade, desde a matéria bruta até o homem mais inteligente"*. No item 540, anotava que *"tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, pois ele mesmo começou pelo átomo"*.[263] E no item 607-a, referindo-se aos seres inferiores da Criação, os Espíritos constroem lição induvidosa:

> É nesses seres, que estais longe de conhecer inteiramente, que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco e ensaia para a vida (…).[264] É, de certa maneira, um trabalho preparatório, como o de germinação, em seguida ao qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna Espírito. É então que começa para ele o período de humanidade, e com este a consciência do seu futuro, a distinção do bem e do mal e a responsabilidade dos seus atos.[265]

No item 607-b, respondendo a uma indagação de KARDEC a respeito do ciclo inicial de humanização, esclarecem:

> A Terra não é o ponto de partida da primeira encarnação humana. O período de humanidade começa, em geral, nos mundos mais inferiores. Essa, entretanto, não é uma regra absoluta e poderia acontecer que um Espírito, desde o seu início humano, esteja apto a viver na Terra. Esse caso não é freqüente e seria antes uma exceção.

E, afinal, no item 611, arrematam decisivamente:

> Desde que o princípio inteligente atinge o grau necessário para ser Espírito e entrar no período da humanização, já não guarda relação com o seu estado primitivo e já não é a alma dos animais, como a árvore já não é a semente. De animal só há no homem o corpo e as paixões que nascem da influência do corpo e do instinto de conservação inerente à matéria.[266]

*

Nesse contexto, obviamente, não há lugar para a ideia do acaso, seguidamente lembrado no estudo da evolução e inteiramente inadmissível quando se pensa num processo fundamentalmente presidido pela Ordem.

Incogitável tal possibilidade (que necessariamente implicaria a desordem), inconsistentes se tornam, então, as proposições de que certos tipos de fenômenos ligados às variações hereditárias subordinam-se a acontecimentos puramente casuais.

Compreende-se, na verdade, que em situações de instabilidade – própria e necessária, aliás, ao processo de desenvolvimento –, quando ocorre o rompimento passageiro do equilíbrio que preside cada estádio, acontecem *instantes* de desordem, *momentos de aparente acaso*, mas que se situam num plano geral, ordenado e dirigido de evolução;[267] que as pequenas e transitórias desordens – num esquema que, entretanto, não deixa de abranger os automatismos gerados e respeitados pela evolução – tendem, assim, por *homeostase*, a rapidamente desaparecer, dando lugar a novos níveis de ordem.[268]

E em se tratando, especificamente, daquelas raras mudanças genotípicas ocasionadas por mutação, cuja observação tem levado biólogos a pensar na existência do acaso, é imperioso ter presente que o fato fundamental, nesse e nos demais casos, é a *evolução do princípio psíquico*, a qual envolve dimensões insuscetíveis até de se aninhar no exíguo conceito que se tem da biosfera terrestre.[269]

Assim, se a evolução é essencialmente do *princípio psíquico*, que se exercita no laboratório genético, através das formas, deve-se admitir que as causas de uma possível mutação só podem ser, intimamente, de natureza psíquica, a traduzir o *potencial de transcendência* inerente a todos os organismos e a revelar o psicodinamismo imanente à Criação. Pode-se, então, dizer que possíveis fatores mutagênicos e outros, que impulsionam a evolução, nos reinos vegetal e animal, na realidade, apenas expressam esse *potencial de transcendência*, equivalente a um *fator psicoevolutivo* (ou *fator evolutivo psicobiológico*), de caráter essencial.[270]

Chegado o momento próprio de transformação e ascendência, manifestam-se os elementos modificativos que, embora aparentemente só de natureza física, respondem em sua intimidade, ao impulso do *fator psicoevolutivo*.

Verdade que mutações[271] podem ocorrer, devido a agentes mutagênicos como os raios X e outros tipos de radiação ou influência. Porém, se a mutação pode acontecer por causa de fatores que parecem interferir em sua espontaneidade, não significa que não estejam estimulando o *potencial de autotranscendência* – psiquismo imanente –, em seu contínuo impulso de absorção, superação (repotencialização), reequilíbrio e progresso, no decorrer dos milênios infindáveis.

Em suma, mutação, recombinação genética ou qualquer outro processo de variação

hereditária acontecem, essencialmente, em função do *potencial de autotranscendência* subjacente a todo processo evolutivo, impulsionando a transformação e o progresso, dentro de um plano global e ordenado.

Os resultados genéticos aparentemente negativos, em certos ciclos, que passam a informar processos cromossômicos que resultam em efeitos e formas consideradas diferentes, até mesmo os híbridos, tendem, como se viu, a desaparecer, à medida que o psiquismo – que impulsiona intimamente os seres e que também evolui através da experiência, percorrendo o caminho dos automatismos e chegando ao instinto e à inteligência –, sob ímpeto incoercível, se reequilibra dentro da Ordem, em novos níveis evolutivos.

Por isso, não se pode falar em desordem ou acaso real, mas sim em *pseudas* desordens, em momentos de suposto acaso, que são fases de aparente involução, em que acontece, no curso do tempo, um reagrupamento de potenciais para um salto maior e mais adiantado, na escala evolutiva.

Destaque-se no processo evolutivo a importância da atuação dos Espíritos responsáveis pelo aprimoramento do psiquismo, através das inúmeras formas que lhe servem de ninho na Terra – e nos quintilhões e sextilhões de sóis e planetas que constituem as *"muitas moradas do Pai"*.

Efetivamente, se nos primeiros degraus evolutivos o *potencial de transcendência* faz-se presente através de férreos automatismos, à medida que os seres crescem na escala evolutiva, avançando em sensibilidade, mais suscetíveis se tornam à influência dos Espíritos Superiores, direcionando recursos e conduzindo a transformação, e ainda ativando, enfraquecendo, neutralizando – ou até anulando – potenciais genéticos, se for o caso.

Trata-se de um processo, cuja intimidade, obviamente, ainda estamos muito longe de conhecer. Mas a maneira como os Espíritos operam o ectoplasma nos procedimentos de materialização e de desmaterialização, através de fenômenos rigorosamente comprovados por cientistas de ontem e hoje, na Europa e nas Américas,[272] o modo como acontece esse extraordinário tipo de ação espiritual, e também como atuam os Espíritos no preparo do processo reencarnatório, operando sobre os elementos genéticos (V. Cap. XII, "Perispírito e Reencarnação"), possibilita uma compreensão analógica do processo pelo qual os Mestres Espirituais operam na intimidade celular, conduzindo as transformações e influindo nas variações hereditárias.

E se entende que, assim como os Espíritos fazem surgir através do ectoplasma – que também é expressão modificada do fluido universal –[273] as formas materiais transitórias, os Grandes Mestres da Vida, operando essa substância matriz, podem provocar mudanças consistentes, de efeitos perenes, aprimorando os suportes biológicos que facultam a evolução psíquica, desde os rudimentos até as excelsitudes, sempre que necessário do ponto de vista da ordem e da economia cósmica.

Tal o papel dos Engenheiros Siderais, Mestres Maiores e sábios manipuladores do fluido universal (energia cósmica fundamental), de que nos dão notícia as inúmeras lições

mediúnicas que, principalmente nestes dois últimos séculos, têm sido alcançadas à Humanidade, em diferentes lugares, línguas e épocas.

*

Compreende-se claramente que evoluir é alcançar escalas psíquicas cada vez mais avançadas.

Escreve Gabriel DELANNE:

> Através de mil modelos inferiores, nos labirintos de uma escalada ininterrupta; através das mais bizarras formas; sob a pressão dos instintos e a sevícia de forças inverossímeis, a cega psique vai tendendo para a luz, para a consciência esclarecida, para a liberdade.[274]

E Gustave GELEY (1868-1924) sublinha:

> Da mesma maneira que o indivíduo, o Universo deve conceber-se como representação temporária e como dínamo-psiquismo essencial e real. Do mesmo modo que o organismo do indivíduo é apenas o produto ideoplástico de um dínamo-psiquismo essencial, assim o Universo se apresenta como a formidável materialização da potencialidade criadora.[275]

Fraçois Marie Gabriel Delanne (1857-1926)

Gustave Geley (1868-1924)

Esse dinamismo psíquico essencial, segundo o cientista, que foi diretor do Instituto Metapsíquico Internacional, traduz-se pela progressiva passagem do *inconsciente ao consciente*.

A partir das dimensões mais primitivas de vida, o princípio psíquico é ininterruptamente impulsionado, através dos milênios, em direção ao sol da razão e do autorreconhecimento, e daí, a expansões inimagináveis, em um contexto cósmico que, como se sabe, é marcado pela infinidade.

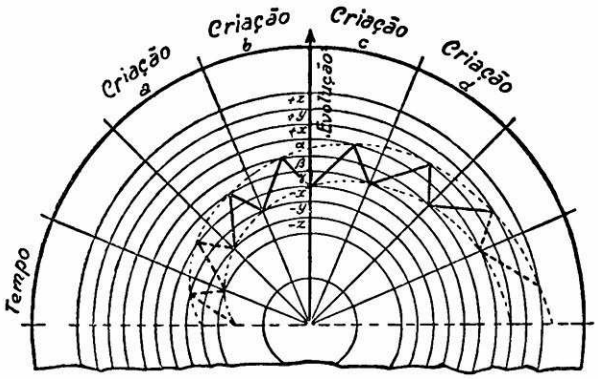
Pietro UBALDI (1886-1972) traz, a propósito, visão bem abrangente:[276]

> (…) nas formas dinâmicas temos uma (…) progressão de períodos: raios X, vibrações que desconheceis, raios luminosos, caloríficos e químicos, espectro visível e invisível do infravermelho ao ultravioleta, vibrações eletromagnéticas, outras vibrações que ignorais e, finalmente, vibrações acústicas. (…) Das formas dinâmicas passa-se às psíquicas, começando pelas inferiores, em que o psiquismo é mínimo: os cristais. (…) Os cristais são sociedades moleculares, verdadeiros povos organizados e regidos por um princípio de orientação matematicamente preciso e neste princípio está o já mencionado psiquismo. E observai que a cristalografia vos oferece sete sistemas cristalinos, que são a graduação de um conceito sempre mais complexo, de um psiquismo sempre evidente, que se revela conforme planos e eixos simétricos, regulados por critérios exatos.[277] Do triclínico ao monométrico, através do monoclínico, do trimétrico, do trigonal, do dimétrico, do hexagonal, ou de sistemas que, embora difiram no nome, são substancialmente os mesmos; subimos (…) ao reino vegetal, depois ao reino animal, que possui expoente psíquico sempre mais profundo e evidente. Dos protozoários aos vertebrados (…) a vossa zoologia classifica os animais existentes em sete tipos. Chegamos, assim, através de repetições rítmicas, de uma graduação fundamental e da reprodução de períodos constantes da matéria, condensação máxima da substância, às superiores formas de consciência humana, para vós, espiritualização máxima.[278]

E acrescenta:

> Da zoologia chegamos ao mundo humano, mas toda vida, mesmo a vegetal, tem uma única significação: construção de consciência (…) Todas as formas de vida são irmãs da vossa e lutam para alcançar a mesma meta espiritual, que é o escopo da vossa vida humana. A escala dos estádios psíquicos, que a vida percorre para aí chegar, parte das primeiras e inconscientes formas de sensibilidade vegetal, percorre as fases de instinto, de intuição inconsciente, de raciocínio (vossa fase atual), de consciência, de intuição consciente ou superconsciência (…) Seguem-se as unidades coletivas, em que as consciências se coordenam em mais amplos e complexos organismos psíquicos, como a família, a nação, a raça, a humanidade e as formas de consciência coletiva que lhes correspondem.[279]

UBALDI estabelece a seguir que esse *"imenso fenômeno"*, fundamentalmente, *"representa a exteriorização de um princípio único, uma Lei encontrada em toda a parte"*,[280] esclarecendo que esse princípio *"pode ser expresso graficamente sob a forma de uma espiral, em cujo âmbito cada pulsação rítmica é um ciclo que, mesmo voltando ao ponto de partida, se desloca, repetindo em tom e nível diversos o período precedente"*.[281]



Espiral Evolutiva

Um aspecto da espiral evolutiva, segundo UBALDI. A espiral, como indica o gráfico, deriva da quebrada, que mostra como a "pulsação" evolutiva (de três fases) volta sobre si mesma (duas fases) antes de se deslocar para o período seguinte, em ritmo de recapitulação e consolidação.

Nessa linha, o Espírito ANDRÉ LUIZ – para quem também é a partir das *"cristalizações atômicas e dos minerais"* que o princípio espiritual inicia sua viagem em direção às *"conquistas do instinto e da inteligência"* [282] –, referindo-se ao momento em que, já estruturado como unidade psíquica (*"mônadas celestes"*), passa a cumprir seu maior desenvolvimento,[283] transmite-nos por Francisco C. XAVIER valiosos ensinamentos:

> A matéria elementar, de que o eletrão é um dos corpúsculos-base[284] (…), ao sopro criador da Eterna Inteligência, dera nascimento à província terrestre, no Estado Solar a que pertencemos, cujos fenômenos de formação original não conseguimos por agora abordar em sua mais íntima estrutura.
>
> A imensa fornalha atômica estava habilitada a receber as sementes da vida e, sob o impulso dos Gênios Construtores, que operavam no orbe nascituro, vemos o seio da Terra recoberto de mares mornos, invadido por gigantesca massa viscosa a espraiar-se no colo da paisagem primitiva.
>
> Dessa geléia cósmica, verte o princípio inteligente, em suas primeiras manifestações…
>
> Trabalhadas, no transcurso de milênios, pelos operários espirituais que lhes magnetizam os valores, permutando-os entre si, sob a ação do calor interno e do frio exterior, as mônadas celestes exprimem-se no mundo através da rede filamentosa do protoplasma de que se lhes derivaria a existência organizada no Globo constituído.[285]
>
> Séculos de atividade silenciosa perpassam, sucessivos… [286]

Também:

> Cada espécie de seres, do cristal até o homem, e do homem até o anjo, abrange inumeráveis famílias de criaturas, operando em determinada freqüência do Universo. E o amor divino alcança-nos a todos, à maneira do Sol que abraça os sábios e os

vermes.[287]

Todavia, quem avança demora-se em ligação com quem se localiza na esfera próxima.

O domínio vegetal vale-se do império mineral para sustentar-se e evolutir. Os animais aproveitam os vegetais na obra de aprimoramento. Os homens se socorrem de uns e outros para crescerem mentalmente e prosseguir adiante…

Atritam os reinos da vida, conhecidos na Terra, entre si.

Torturam-se e entredevoram-se, através de rudes experiências, a fim de que os valores espirituais se desenvolvam e resplandeçam, refletindo a divina luz.[288]

Em outro local, a lição é mais explícita ainda:

O princípio espiritual acolheu-se no seio tépido das águas, através dos organismos celulares, que se mantinham e se multiplicavam por cissiparidade. Em milhares de anos, fez longa viagem na esponja, passando a dominar células autônomas, impondo-lhes o espírito de obediência e de coletividade, na organização primordial dos músculos. Experimentou longo tempo, antes de ensaiar os alicerces do aparelho nervoso, na medusa, no verme, no batráquio, arrastando-se para emergir do fundo escuro e lodoso das águas, de modo a encetar as experiências primeiras, ao sol meridiano. Quantos séculos consumiu, revestindo formas monstruosas, aprimorando-se, aqui e ali, ajudado pela interferência indireta das Inteligências Superiores? Impossível responder, por enquanto. Sugou o seio farto da Terra, evolucionando sem parar, através de milênios, até conquistar a região mais alta, onde conseguiu elaborar o próprio alimento.

(...)

(…) o princípio espiritual, desde o obscuro momento da criação, caminha sem detença para a frente. Afastou-se do leito oceânico, atingiu a superfície das águas protetoras, moveu-se em direção à lama das margens, debateu-se no charco, chegou à terra firme, experimentou na floresta copioso material de formas representativas, ergueu-se do solo, contemplou os céus e, depois de longos milênios, durante os quais aprendeu a procriar, alimentar-se, escolher, lembrar e sentir, conquistou a inteligência… Viajou do simples impulso para a irritabilidade, da irritabilidade para a sensação, da sensação para o instinto, do instinto para a razão. Nessa penosa romagem, inúmeros milênios decorreram sobre nós. Estamos, em todas as épocas, abandonando esferas inferiores, a fim de escalar as superiores. O cérebro é o órgão sagrado de manifestação da mente, em trânsito da animalidade primitiva para a espiritualidade humana.

(...)

Em síntese, o homem das últimas dezenas de séculos representa a humanidade vitoriosa, emergindo da bestialidade primária.[289]

*

O perispírito

Fato deveras relevante é que a evolução, na verdade, é um processo de natureza interexistencial. Com efeito, mostra o Espiritismo que ela acontece, contínua e ininterruptamente, em dois planos existenciais: material e espiritual.[290] Nesse sentido, lembra ANDRÉ LUIZ que *"o princípio divino aportou na Terra, emanando da Esfera Espiritual, trazendo em seu mecanismo o arquétipo a que se destina, qual a bolota de carvalho encerrando em si a árvore veneranda que será de futuro, não podemos circunscrever-lhe a experiência ao plano físico simplesmente considerado, porquanto, através do nascimento e morte da forma, sofre constantes modificações nos dois planos em que se manifesta (...)".*[291]

E nesse maravilhoso evolver contínuo e eterno do princípio inteligente, nos múltiplos laboratórios da Natureza, surge, pouco a pouco, cada vez mais nítida, a estrutura que, um dia, na dimensão hominal, se consolidará como o meio perene de sua expressão, o *perispírito*.

Assinala bem Gabriel DELANNE (1857-1926):

> O princípio espiritual evolui lentígrado, das mais ínfimas formas aos organismos mais complexos. Durante o longuíssimo período das idades geológicas, as faculdades rudimentares do Espírito desenvolveram-se sucessivamente, agindo sobre o perispírito, modificando-o e deixando nele, em cada etapa, os traços do progresso realizado.[292]

E uma vez mais, ANDRÉ LUIZ, sempre citado, traz, pela mediunidade de F. C. XAVIER, importantes informações a respeito:

> Assim como o aperfeiçoado veículo do homem nasceu nas formas primárias da Natureza, o corpo espiritual foi iniciado também nos princípios rudimentares da inteligência.[293]
>
> (...)
>
> (…) ao longo da atração no mineral, da sensação no vegetal e do instinto no animal, vemos a crisálida de consciência construindo as suas faculdades de organização, sensibilidade e inteligência, transformando, gradativamente, toda a atividade nervosa em vida psíquica.
>
> (...)
>
> Os dias da Criação, assinalados nos livros de MOISÉS, equivalem a épocas imensas no tempo e no espaço, porque o corpo espiritual que modela o corpo físico e o corpo físico que representa o corpo espiritual constituem a obra de séculos numerosos, pacientemente elaborada em duas esferas diferentes da vida, a se retomarem no berço e

no túmulo com a orientação dos Instrutores Divinos que supervisionam a evolução terrestre.

O veículo do espírito, além do sepulcro, no plano extrafísico ou quando reconstituído no berço, é a soma de experiências infinitamente repetidas, avançando vagarosamente da obscuridade para a luz. Nele, situamos a individualidade espiritual, que se vale das vidas menores para afirmar-se – das vidas menores que lhe prestam serviço, delas recolhendo preciosa cooperação para crescerem a seu turno, conforme os inelutáveis objetivos do progresso.

(...)

Todos os órgãos do corpo espiritual e, conseqüentemente, do corpo físico foram, portanto, construídos com lentidão, atendendo-se à necessidade do campo mental em seu condicionamento e exteriorização no meio terrestre.

É assim que o tato nasceu no princípio inteligente, na sua passagem pelas células nucleares em seus impulsos amebóides; que a visão principiou pela sensibilidade do plasma nos flagelados monocelulares expostos ao clarão solar; que o olfato começou nos animais aquáticos de expressão mais simples, por excitações do ambiente em que evolviam; que o gosto surgiu nas plantas, muitas delas armadas de pêlos viscosos destilando sucos digestivos, e que as primeiras sensações do sexo apareceram com as algas marinhas, providas não só de células masculinas e femininas que nadam, atraídas umas para as outras, mas também, de um esboço de epiderme sensível, que podemos definir como região secundária de simpatias genésicas.

(...)

Examinando, pois, o fenômeno da reflexão sistemática, gerando o automatismo que assinala a inteligência de todas as ações espontâneas do corpo espiritual, reconhecemos sem dificuldade que a marcha do princípio inteligente para o reino humano e que a viagem da consciência humana para o reino angélico simbolizam a expansão multimilenar da criatura de Deus que, por força da Lei Divina, deve merecer, com o trabalho de si mesma, a auréola da imortalidade em pleno Céu.[294]

*

O trabalho dos milênios, construindo a consciência individual, sustenta também, logicamente, o aperfeiçoamento dos necessários instrumentos à sua manifestação, nos diferentes momentos evolutivos. Assim, as *protoformas perispirituais*,[295] mercê da ação espiritual superior junto aos seres em evolução, passam, gradativamente, a apresentar características e propriedades que refletem os avanços alcançados, propiciando a formação de estruturas físicas, anatômica e fisiologicamente cada vez mais aprimoradas.[296]

A respeito, EMMANUEL, o mestre de sempre, reportando-se à evolução espiritual dos seres

ligados já, à Terra, em estágio superior de desabrochamento consciencial, alcança-nos ensinamentos tão claros quão significativos:

> Os antropóides das cavernas espalharam-se, então, aos grupos, pela superfície do globo, no curso vagaroso dos séculos, sofrendo as influências do meio e formando os pródromos das raças futuras em seus tipos diversificados; a realidade, porém, é que as entidades espirituais auxiliaram o homem do sílex, imprimindo-lhe novas expressões biológicas. Extraordinárias experiências foram realizadas pelos mensageiros do invisível. As pesquisas recentes da ciência sobre o tipo de Neanderthal, reconhecendo nele uma espécie de homem bestializado, e outras descobertas interessantes da Paleontologia, quanto ao homem fóssil, são um atestado dos experimentos biológicos a que procederam os prepostos de JESUS, até fixarem no 'primata' os característicos aproximados do homem futuro.
>
> Os séculos correram o seu velário de experiências penosas sobre a fronte dessas criaturas de braços alongados e de pêlos densos, até que um dia as hostes do invisível operaram uma definitiva transição no corpo perispiritual preexistente, dos homens primitivos, nas regiões siderais e em certos intervalos de suas reencarnações.
>
> Surgem os primeiros selvagens de compleição melhorada, tendendo à elegância dos tempos do porvir. Uma transformação visceral verificara-se na estrutura dos antepassados das raças humanas.[297]

*

Em conclusão, compreende-se que das lições dos Espíritos Reveladores, de KARDEC e de outros mestres, desencarnados e encarnados,[298] pode-se colher, em síntese, a certeza de que quando o princípio psíquico já alcança estrutura e dinamismo avançados, na dimensão pré-hominal e, depois, na hominal – atingida, então, a idade do pensamento definitivamente contínuo e a consolidação do perispírito –, a atuação dos Espíritos Superiores passa a ser cada vez mais ostensiva e significativa, no comando da evolução individual e social, já então subordinada também aos efeitos da Lei da Causalidade Espiritual (expressão espiritual da Lei de Causa e Efeito), os quais perduram até que o Espírito, no correr dos milênios, emancipando-se dos ciclos reencarnatórios, alcance condições de ascender a outros níveis, no domínio terrestre, ou não, rumo ao seu destino maior, que é, essencialmente, nas palavras de EMMANUEL, irmanar-se *"com o Todo da Criação, crescendo para a Unidade Cósmica – porto divino a esperar-nos sem distinção, de modo a investir-nos, um dia, na posse da celeste herança que nos é reservada"*.[299]

Do átomo ao anjo,[300] na Terra e fora dela, a progressão do ser constitui um processo único e ordenado, que obedece à direção espiritual, constante, onipresente e decisiva em todos os estágios de desenvolvimento.[301]

A Espiritualidade Superior comanda a evolução, que é essencialmente psíquica,

interferindo e ordenando-a, com apoio no impulso de vida e progresso, no potencial de autotranscendência, próprio de cada ser e que o leva a crescer sempre e ininterruptamente.

* * *

X.
PERISPÍRITO E MEMÓRIA

Função psíquica das mais delicadas, pouco se sabe, ainda, sobre a memória, capacidade que tem o Espírito, em suas existências, de fixar, conservar, evocar, reconhecer e localizar, sob a forma de lembranças, as impressões resultantes das experiências vividas, recuperando-as mais ou menos nítidas.

Surge evidente, todavia, que se trata, intrinsecamente, de uma faculdade da alma, cuja manifestação opera-se por meio do perispírito, envolvendo, em estado de encarnação, um padrão específico de atividade nervosa.

O grande pioneiro do estudo moderno da memória foi Hermann EBBINGHAUS (*Über das gedächtnis: Untersuchungen zur experimentellen Psychologic* – Sobre a Memória: Pesquisas de Psicologia Experimental, 1885).[302] Depois, nomes respeitáveis como John Hughlings JACKSON, Pierre JANET, Edward Chace TOLMAN, Théodule RIBOT, Édouard CLAPARÈDE, Jean DELAY, Edward Lee THORNDIKE, Donald Olding HEBB, William JAMES, Brenda MILNER, Frederic C. BARTLETT, Alfred JOST, Ernst CASSIRER, Henri BERGSON, Wolfgang KOHLER, H. V. RESTORFF, Kurt LEVIN, Paul GUILLAUME, David WRENCH, Karl Spencer LASHLEY, Endel TULVING, Joseph PSOTKA e tantos outros ampliaram perspectivas, estimulando, hoje, centenas de pesquisadores nas universidades de todo o mundo, sendo certo que as contribuições do Espiritismo, principalmente no tocante a um maior conhecimento do perispírito, serão decisivas para uma compreensão mais avançada do processo mnemônico, fundamental recurso de identificação da individualidade, em suas peregrinações evolutivas.

De momento, embora o conhecimento que hoje se tenha em neurofisiologia e psicologia, com apoio de subsídios oriundos de outros campos científicos, seja ainda superficial, impõe-se ressaltar a importância das pesquisas de incansáveis investigadores da memória, que buscam desvendar as leis que regem seu fantástico dinamismo.[303]

Nessa direção, oportuno destacar que os cientistas, ainda que alheios ao aspecto espiritual, já estabeleceram genericamente, que:

– o processo da memória é extremamente complexo, pois que o sistema nervoso deve ser capaz de recriar, em ocasião posterior, o mesmo – ou quase o mesmo – padrão de estimulação do sistema nervoso central;

– a memória mais profunda independe da plena e contínua atividade de todo o sistema nervoso central, uma vez que, por efeito de anestesia geral, isquemia, congelamento ou outro, pode o cérebro ser inativado e, não obstante, conservar todo material perceptivo adquirido, conforme se prova quando, com o ressurgimento da atividade funcional,

reaparecem as recordações armazenadas, mostrando que a memória fixa as experiências vividas, as informações recebidas, e as restitui;

– a memória (na pessoa reencarnada) está ligada à maturação do sistema nervoso e seu funcionamento envolve todo o psiquismo, principalmente as dimensões relacionadas com a percepção e a afetividade;[304]

– a memória funciona de maneira extremamente seletiva (*"num determinado momento só pensamos ou lembramos de uma coisa"* – TULVING; *"arrastamos conosco, sem saber, todo o nosso passado; mas nossa memória só traz no presente a lembrança singular ou aquela que, de alguma maneira, completa a nossa situação atual"* – BERGSON);

– não há uma região específica da memória, sabendo-se, por pesquisas relacionadas com os mecanismos bioquímicos da memória, que a memória de curto prazo circula pelo córtex pré-frontal e que informações mais duradouras passam pelo hipocampo,[305] componente do sistema límbico, de especial importância no estudo das emoções, sendo depois armazenadas em função de várias regiões do córtex, e como a evocação das lembranças envolve, afinal, todo o córtex – que hoje se sabe que o cérebro organiza-se como que em módulos de funções inter-relacionadas –, continua presente a dificuldade em se saber onde ou como se conservam (pessoas com lesões cerebrais graves reencontram a memória perdida depois de algum tempo, o que, aliás, diz com a existência de uma mente extracorpórea, comandando a atividade cerebral);[306]

– é possível encontrar na memória, dependendo de alguns fatores, mormente os de natureza afetiva, certos caracteres como facilidade, tenacidade, prontidão, extensão, fidelidade;

– a memória, entretanto, é quase sempre interpretativa; por isso, seguidamente imperfeita, quando não fragmentária. É que, até pela própria interferência do fator afetivo, a memória sempre retrata uma interpretação subjetiva do que foi percebido;[307]

– diversos são os tipos de memória, variando as classificações de acordo com os respectivos critérios adotados; assim, tendo-se como referência a duração, as memórias podem ser *muito curtas* (de poucos segundos), *intermediárias* (de segundos a horas) e de *longo termo* (de horas a toda a vida); com relação ao processo em si, a memória pode ser designada como sendo de *fixação* ou de *evocação*; de acordo com o tempo de recuperação, distingue-se a memória *imediata*, da *retardada*; considerando-se as estruturas físicas e as funções psíquicas envolvidas é possível catalogar, no âmbito da chamada memória *sensível*, a *visual*, a *auditiva* e a *motora*, podendo-se relacionar, nessa linha, também as chamadas memórias *intelectual* e *afetiva*; outros critérios permitem distinguir, ainda, a memória *sensorial-motora*, que diz com a sensação e o movimento, a *autista*, que alimenta, às vezes, o sonho e, nos transtornos mentais, o delírio, e a *social*, superior, que se caracteriza pela narração lógica;

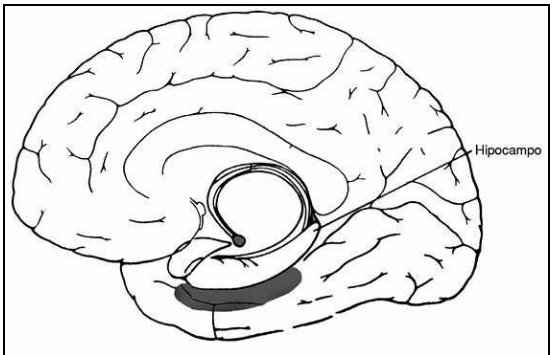
– uma mnemônica eficaz deve levar em conta, mesmo que ainda discutíveis, princípios relativos à associação de ideias, às concepções globalísticas (o todo é apreendido com mais facilidade que as partes), a boa inteligibilidade do conteúdo a ser memorizado, a

vivacidade, a intensidade das impressões, a repetição, e, principalmente, a repercussão afetiva (que vai significar o interesse e a atenção), de fundamental importância, aliás. Grava-se mais o que nos diz respeito; o agradável melhor que o desagradável; o que é mais importante; o que combina com nossas convicções; de outro lado, esquece-se mais facilmente o que se nos comparece como afetivamente neutro, mal estruturado ou pouco significativo;[308]

– no tocante ao esquecimento, ocupam destaque, entre outras teorias como a do *desuso* e a do *recalcamento* (certos esquecimentos não teriam como causa uma suposta fraqueza de memória, mas uma inibição devida a uma força contrária em que a ansiedade exerceria função significativa), a da *inibição retroativa* (o aprendizado pode sofrer obstrução por outro), a da *consolidação* e a da *informação* (informações redundantes são mais facilmente armazenadas e lembradas);

– não é incomum ocorrer o fenômeno da chamada "ilusão do já visto" (*déjà vu*), caracterizando um tipo de reconhecimento ligado a uma impressão de familiaridade com certos ambientes, pessoas, objetos ou situações que, entretanto, são vistas ou experimentadas pela primeira vez (esse fenômeno, que acontece frequentemente nas crises epilépticas focais ou parciais, em que não há comprometimento da consciência, pode ocorrer, todavia, com qualquer pessoa normal, sugerindo a emersão de lembranças do subconsciente profundo, arquivo das experiências vividas em outras encarnações);

– é possível, finalmente, catalogar como distúrbios da memória,[309] as *amnésias* tidas como orgânicas (axiais, corticais ou específicas) e não orgânicas (psicógenas) – abrangendo as formas anterógradas ou retrógradas, parciais ou totais –, as *hiperamnésias* (visões panorâmicas da existência, pré-agônicas, exaltações e outras manifestações mnêmicas semelhantes) e as *paramnésias* (ilusões de memória, confusões de lembranças no tempo).[310]



Hipocampo

*

À luz do Espiritismo, entende-se, de primeiro, como já salientado, que a memória é patrimônio da alma. *A alma é que pensa.*[311]

O perispírito, como um campo aglutinador de energias que dizem com a condição da Terra,

apenas reflete a alma, servindo-lhe de agente de transmissão. KARDEC, aliás, é muito claro a esse respeito:

> Como o perispírito é apenas um agente de transmissão, pois é o Espírito[312] que possui a consciência, deduz-se que, se pudesse existir perispírito sem Espírito, ele não sentiria mais que um corpo morto.[313-314]

Em outro local, preleciona o Codificador:

> Hão dito que o Espírito é uma chama, uma centelha. (…) Mas, qualquer que seja o grau em que se encontre, o Espírito está sempre revestido de um envoltório, ou perispírito, cuja natureza se eteriza, à medida que ele se depura e eleva na hierarquia espiritual. De sorte que, para nós, a idéia de forma é inseparável da de Espírito e não concebemos uma sem a outra. O perispírito faz, portanto, parte integrante do Espírito, como o corpo o faz do homem. Porém, o perispírito, só por si, não é o Espírito, do mesmo modo que só o corpo não constitui o homem, porquanto o perispírito não pensa. Ele é para o Espírito o que o corpo é para o homem: o agente ou instrumento de sua ação."[315-316]

Fica claro, assim, que se é a alma que pensa e que, por conseguinte, guarda e lembra as impressões das experiências vividas em sua peregrinação evolutiva, ela imprescinde, como visto, do perispírito como seu indestrutível, indissociável agente de manifestação,[317] ainda que possa estar sujeito a transformações, de acordo com o grau de adiantamento da alma e, consequentemente, do plano em que estagia e o meio em que opera.

*

Sabe-se que entre os centros de força, sobressaem em importância, impulsionando os demais, o centro coronário e o cerebral, a comporem, possivelmente – ainda não se sabe ao certo –, o corpo mental, expressão perispirítica da mente, a poderosa usina espiritual do pensamento.

Nesse contexto, surge clara a evidência de que esses dois centros, a comandarem a fisiologia cerebral, desempenham o papel fundamental no processo mnemônico.

Desde a percepção até a fixação e a evocação, todos os fenômenos, envolvendo os mais complexos circuitos e estruturas neuroniais, desenvolvem-se sob a regência psicofisiológica dos centros coronário e cerebral, com realce, naturalmente, para o primeiro, como já visto.

Esses centros, ao que tudo indica, a expressarem o comando mental da alma, em nível perispirítico e físico, se encarnada, não só servem de expressão à memória pretérita armazenada, como canalizam, constantemente, as impressões atuais para o arquivo espiritual (conhecido em alguns círculos como memória extracerebral ou memória etérica).

Compreende-se, então, que o registro de toda aprendizagem ocorre fundamentalmente em sede anímica, no *cérebro espiritual*, segundo a expressão de Francisco C. XAVIER (*"... quando me vejo fora do corpo, sinto que meu cérebro é diferente daquele que tenho no*

físico", relata o médium, referindo-se ao cérebro espiritual).[318]

De feito, a fisiologia do cérebro físico espelha, rigorosamente, a do cérebro espiritual, que se projeta inteiro no perispírito; os circuitos neuroniais que servem ao processo mnemônico correspondem aos respectivos circuitos espirituais (*semimaterializados* no perispírito), que lhes servem de suporte, e que possibilitam, em ritmo bidimensional, o arquivamento e a recuperação de todas as experiências vividas.

Verdade que certas pesquisas têm levado alguns investigadores a especular sobre a existência de uma memória de base puramente física. Nessa linha, ao lado dos defensores da teoria eletrofisiológica (ou sináptica), existem, por exemplo, os que pensam numa teoria química da memória[319] ou os que se preocupam até com os registros cromossômicos (memória genética).

Um enfoque mais preciso do tema, todavia, revela que tais cogitações referem-se ao que se poderia denominar *memória material*, de caráter meramente instrumental, a servir de ponte ou passageiro suporte à consolidação da *memória espiritual* (como, aliás, acontece com o próprio perispírito), que memória é processo mental por excelência.

Tanto é que, nos períodos de intermissão, o Espírito tem, também, significativamente ampliado o seu campo mnemônico.

Imersa na matéria, a mente, instrumentada pelo cérebro físico, laboratório sublime que serve ao registro e arquivamento das experiências, consegue operar com lembranças que dizem, basicamente, com a vida atual, disponíveis no *consciente*, ou depositadas no *subconsciente*.[320]

Desencarnado, o Espírito é dono de uma memória mais completa e aguda. Livre do arrimo biológico, que o sustentava – mas que também o cerceava –, o Espírito recorda mais. Quanto mais evoluído, mais perfeitas surgem-lhe as lembranças, passando a alcançar, de acordo com suas condições e necessidades, número cada vez maior de encarnações passadas, arquivadas no *subconsciente profundo*.[321]

É o que se pode chamar de gradativa recuperação da *memória integral*, marcando a identidade, a unidade e a continuidade do Eu através das múltiplas reencarnações.

*

No capítulo da memória, não pode ser esquecido um tipo especial de esquecimento, *natural* (não patológico, pois), que se refere às experiências vividas em outras reencarnações.

Como antes apontado, nos eventos da encarnação atual, o esquecimento superficial, em nível consciente, verifica-se *seletivamente* em função do que se pode denominar *princípio de economia psíquica*, segundo o qual, o que é menos importante ou que já está aprendido cede lugar, transitoriamente ou não, ao que é mais importante ou a novas aprendizagens. As impressões saem do foco consciencial, depositando-se na *memória consciente* e disponível.

Com o tempo, os conteúdos apreendidos sedimentam-se, tornam-se menos disponíveis: é a

memória subconsciente, reservatório das experiências vividas durante a reencarnação.

E ao voltar ao mundo físico, apagando-se de novo, em parte e transitoriamente, a memória *integral*, retrocitada, o Espírito conserva impresso em sua *memória profunda* (subconsciente profundo) todo o acervo intelecto-afetivo construído nas vidas passadas.

Dispõe a Ordem Divina que só remanesçam na nova encarnação os conteúdos que forem úteis à evolução do Espírito, os quais, normalmente, se manifestam através de tendências ou aptidões inatas. Graças a esse esquecimento, mais profundo, que funciona quase sempre como uma verdadeira e maravilhosa pausa revitalizadora, na história pessoal do Espírito,[322] pode a jornada evolutiva prosseguir com mais proveito, possibilitando-lhe o reajuste cármico e novos progressos.[323]

Observe-se, afinal, que, conforme o grau de evolução – e de sensibilidade – do Espírito encarnado, pode ele, em estado comum de vigília ou durante o sono, ter algumas lembranças, ainda que rápidas e fragmentárias, de encarnações anteriores, principalmente da última.[324]

* * *

XI.
PERISPÍRITO E MEDIUNIDADE

Mediunidade é a *natural aptidão para intermediar os Espíritos*.

É, pois, uma faculdade inerente ao ser humano. O ser humano é um ser mediúnico, encarnado ou desencarnado.

Embora a mediunidade seja principalmente considerada como envolvendo *desencarnados* e *encarnados*, importante é lembrar que ela também ocorre no mundo espiritual, entre Espíritos desencarnados, e, ainda que raramente, entre os próprios Espíritos encarnados.

Referindo-se à mediunidade, escreve KARDEC:

> Para conhecer as coisas do mundo visível e descobrir os segredos da natureza material, outorgou Deus ao homem a vista corpórea, os sentidos e instrumentos especiais. Com o telescópio ele mergulha o olhar nas profundezas do espaço e, com o microscópio, descobriu o mundo dos infinitamente pequenos. Para penetrar no mundo invisível, deu-lhe a mediunidade.[325]

E lembra EMMANUEL, por intermédio de Francisco C. XAVIER:

> Sendo luz que brilha na carne, a mediunidade é atributo do Espírito, patrimônio da alma imortal, elemento renovador da posição moral da criatura terrena, enriquecendo todos seus valores no capítulo da virtude e da inteligência, sempre que se encontre ligada aos princípios evangélicos na sua trajetória pela face do mundo.[326-327]

*

A classificação de KARDEC

Em *O Livro dos Médiuns*, KARDEC divide os médiuns em duas grandes categorias: médiuns de efeitos físicos e médiuns de efeitos intelectuais. É a mais antiga e conhecida classificação que se conhece, merecendo destaque o fato de ter sido construída apenas alguns anos após o seu primeiro contato com o fenômeno mediúnico.

O quadro a seguir possibilita uma visão mais abrangente dos vários tipos de médiuns elencados pelo venerando sistematizador da Doutrina Espírita.

MÉDIUNS DE EFEITOS FÍSICOS	MÉDIUNS DE EFEITOS INTELECTUAIS
1. MÉDIUNS TIPTÓLOGOS	1. MÉDIUNS AUDIENTES
2. MÉDIUNS MOTORES	2. MÉDIUNS FALANTES
3. MÉDIUNS DE TRANSLAÇÕES E DE SUSPENSÕES	3. MÉDIUNS VIDENTES
4. MÉDIUNS DE EFEITOS MUSICAIS	4. MÉDIUNS INSPIRADOS
5. MÉDIUNS DE APARIÇÕES	5. MÉDIUNS DE PRESSENTIMENTOS
6. MÉDIUNS DE TRANSPORTES	6. MÉDIUNS PROFÉTICOS
7. MÉDIUNS NOTURNOS	7. MÉDIUNS SONÂMBULOS
8. MÉDIUNS PNEUMATÓGRAFOS	8. MÉDIUNS EXTÁTICOS
9. MÉDIUNS CURADORES	9. MÉDIUNS PINTORES OU DESENHISTAS
10. MÉDIUNS EXCITADORES	10. MÉDIUNS MÚSICOS
	11. MÉDIUNS ESCREVENTES (CATEGORIA ESPECIAL) OU PSICÓGRAFOS

De acordo com o esquema exposto, os *médiuns de efeitos físicos* comparecem como tiptólogos, motores, de translações e de suspensões, de efeitos musicais, de aparições, de transportes, noturnos, pneumatógrafos, curadores e excitadores.

Categorizam-se como *médiuns de efeitos intelectuais* os audientes, falantes, videntes, inspirados, de pressentimentos, proféticos, sonâmbulos, extáticos, pintores ou desenhistas, músicos e escreventes ou psicógrafos.

A importância dessa notável contribuição de KARDEC é dada pelo fato de que, transcorridos os tempos, o seu trabalho permanece como referência das mais valiosas e respeitáveis, ainda que a prática mediúnica tenha ensejado o surgimento de alguns novos conceitos e designações.

Mediunidade, hoje

Com o extraordinário desenvolvimento dos estudos relacionados com a teoria e a prática mediúnicas, diversos esquemas classificatórios têm sido construídos, sob a influência, sempre, do trabalho genial e pioneiro de KARDEC.

Entre eles, a proposta que classifica, basicamente, as aptidões mediúnicas em: *Intuição*, *Vidência*, *Audiência*, *Psicofonia*, *Psicografia*, *Psicopictura*, *Psicomúsica*, *Desdobramento* e *Ectoplasmia (Efeitos Físicos)*.[328]

*

Importante anotar que, ao lado das ocorrências mediúnicas, podem eventualmente acontecer as *não mediúnicas* ou *paramediúnicas*, que não envolvem uma intermediação espiritual, propriamente. Assim, por exemplo, determinada intuição[329] pode ter caráter mediúnico servindo à comunicação de um Espírito, ou não mediúnica, em que o registro mental diz respeito somente aos interesses do agente captador.

De igual forma, nos fenômenos de vidência e audiência, as visões espirituais, acompanhadas das audições, podem visar à transmissão de mensagens e impressões do mundo espiritual, ou apenas servir de observação ao próprio vidente. São os casos de *vidência* e

audiência não mediúnicas.

Também, nos casos de desdobramento e de materialização, como visto, ocorrências há que não se caracterizam como mediúnicas, propriamente.

No desdobramento, o agente pode projetar-se perispiriticamente, registrar o que vê e ouve em determinado local ou situação e, por não ser o caso, nada relatar, deixando, pois, de atuar como um intermediário espiritual. É o que se pode caracterizar como um desdobramento *não mediúnico*.

No tocante ao fenômeno de materialização, ocorre uma singularidade: não só o próprio agente pode materializar-se (*ocorrência não mediúnica*), como, com base em suas potencialidades ideoplásticas, materializar objetos, completa ou incompletamente, de forma tangível, ou não (materialização inanimada).

*

Seja qual for o tipo de manifestação mediúnica, o perispírito é sempre o principal elemento a ser considerado.

O perispírito, assinala KARDEC, *"é o princípio de todas as manifestações. O conhecimento dele foi a chave da explicação de uma imensidade de fenômenos (...)"*.[330]

É fácil perceber a importância do tema quando se compreende, de primeiro, que constituindo, como já visto, um campo aglutinador de energia cósmica adequada à Terra, a envolver a alma, o perispírito integra o Espírito. Segundo, que – em se tratando de mediunidade no plano material – a faculdade mediúnica não é, a rigor, do corpo (ainda que condicionada a possibilidades nervosas que se elaboram na morfogênese, sob o impulso perispiritual do reencarnante), porém do Espírito, como mostra claramente *O Livro dos Espíritos: "Todas as percepções constituem atributos do Espírito e lhe são inerentes ao ser"*.[331] E finalmente que, por suas condições – pois já se trata de uma estrutura de natureza mais próxima da matéria –, o perispírito é o fator de contato e comunicação entre os mundos espiritual e físico. (Assim, substancialmente, se quase sempre o processo mediúnico ocorre mente a mente, o perispírito é o instrumento – tanto do comunicante, como do médium.)

*

Nesse contexto, importa considerar ainda alguns fatores especiais relacionados com o processo mediúnico, como, por exemplo, os que dizem com a aura e com a compatibilidade entre as partes, principalmente, nas modalidades mediúnicas classificadas por KARDEC *como de efeitos intelectuais*.

Quanto à aura, ressalta à evidência que, constituindo uma projeção do perispírito, envolvendo-o, representa o primeiro nível de contato, nos casos de relação direta, entre comunicante e médium. *"É por essa couraça vibratória, espécie de carapaça fluídica, em que cada consciência constrói o seu ninho ideal",* – anota ANDRÉ LUIZ – *"que começaram todos os serviços da mediunidade na Terra, considerando-se a mediunidade como um atributo do homem encarnado para corresponder-se com os homens liberados do corpo físico".*[332]

Se toda aproximação de ordem mediúnica significa contato e ligação entre auras, é óbvio, também, que deve haver um mínimo de compatibilidade energética (magnética ou psicomagnética) entre elas.

Verdade que, muitas vezes, essa necessária compatibilidade parece até ser de alguma forma induzida por ação direta dos Espíritos responsáveis, atendendo a requisições transitórias, ditadas pela necessidade de esclarecimento ou orientação, mas, fundamentalmente, a sintonia mediúnica, momentânea ou não, imprescinde de uma certa compatibilidade, superficial ou não, entre as auras dos Espíritos envolvidos.

*

Na base do fenômeno mediúnico encontra-se o desprendimento do perispírito, graças ao qual, amplia-se e afina-se a sensibilidade do médium, o seu campo de percepção, permitindo um registro mais apurado da presença do comunicante.

*

Faculdade natural, inerente, pois, à própria vida, a mediunidade manifesta-se diferentemente em cada pessoa. Com efeito, se não há dois Espíritos iguais, é evidente que cada indivíduo apresenta características perispiríticas próprias, a ensejarem ocorrências que obviamente digam respeito a essas qualidades, especificamente. Assim, embora os processos mediúnicos possam ser enquadrados em um esquema geral, as peculiaridades que marcam os modos de manifestação guardam relação com a estrutura psíquica de cada médium, sua constituição orgânica, sua história espiritual, a evidenciarem condições perispiríticas únicas, que vão definir os vários tipos de intercâmbio mediúnico.

Observe-se, a propósito, que, justamente por tratar-se de uma faculdade ínsita a todo ser humano, a mediunidade existe independentemente das condições morais da pessoa, sendo certo, todavia, que quanto mais realizado moralmente o médium, mais se lhe apura o filtro perispirítico e, de conseguinte, mais proveitosa será sua produção, pela facilidade de atrair, pela lei de afinidade, Espíritos cada vez mais adiantados. Já escrevia KARDEC:

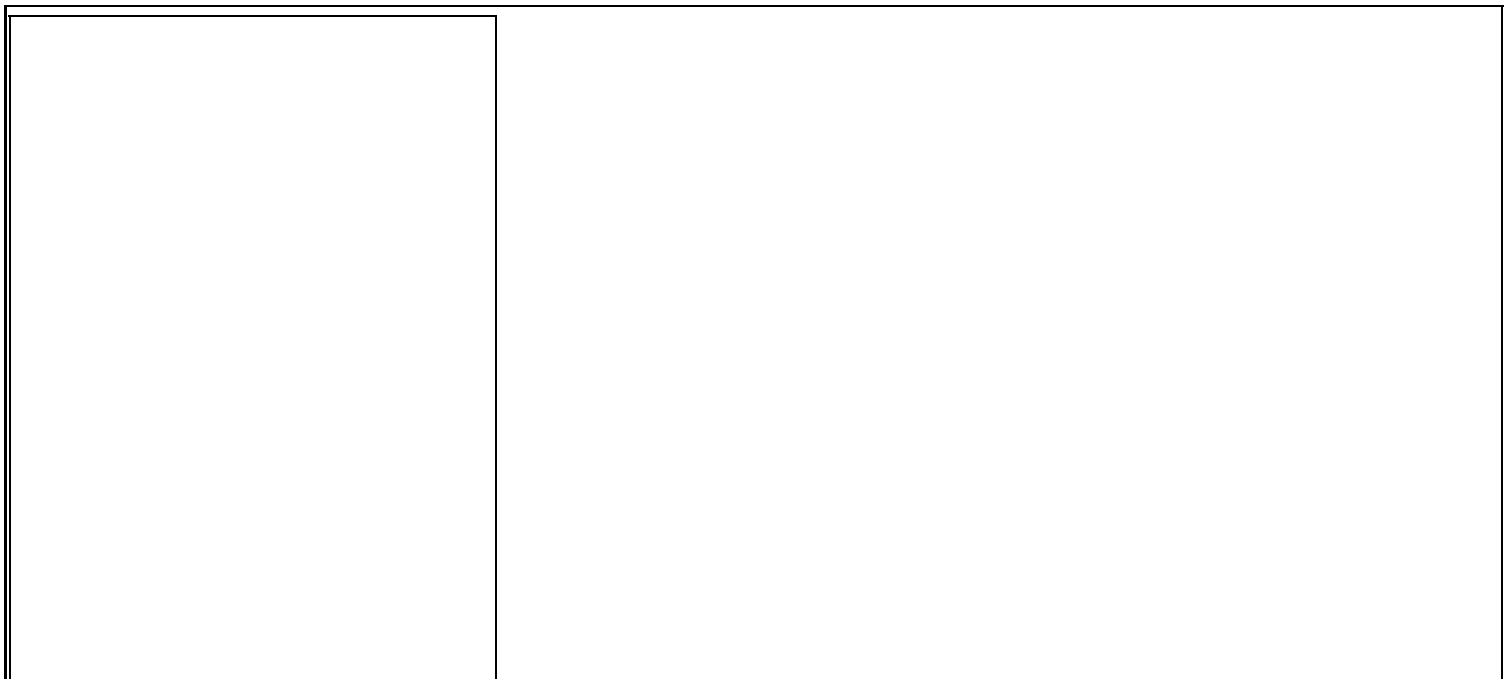
> Se o médium, do ponto de vista da execução, não passa de um instrumento, exerce, todavia, influência muito grande, sob o aspecto moral. Pois que, para se comunicar, o Espírito desencarnado se identifica com o Espírito do médium, esta identificação não se pode verificar, senão havendo, entre um e outro, simpatia e, se assim é lícito dizer-se, afinidade. A alma exerce sobre o Espírito livre uma espécie de atração, ou de repulsão, conforme o grau de semelhança existente entre eles. Ora, os bons têm afinidade com os bons e os maus com os maus, donde se segue que as qualidades morais do médium exercem influência capital sobre a natureza dos Espíritos que por ele se comunicam.[333]

E o consagrado Instrutor André Luiz, por Waldo Vieira, assinala:

> Forçoso reconhecer (…) que a mediunidade, na essência, quanto a energia elétrica em si mesma, nada tem a ver com os princípios morais que regem os problemas do destino e do ser.
>
> Dela podem dispor, pela espontaneidade com que se evidencia, sábios e ignorantes, justos e injustos, expressando-se-lhe, desse modo, a necessidade da condução reta, quanto a força elétrica exige disciplina a fim de auxiliar.
>
> Esse o motivo por que os Orientadores do Progresso sustentam a Doutrina Espírita na atualidade do mundo, por Chama Divina, cristianizando fenômenos e objetivos, caracteres e faculdades, para que o Evangelho de Jesus seja de fato incorporado às relações humanas.[334]

*

Se todo processo mediúnico assenta-se nas possibilidades perispiríticas, não é menos certo que a função do psicossoma varia de acordo com o tipo de fenômeno.



Ectoplasmia. Levitação

Foto do médium britânico Colin EVANS em levitação. Sessão pública acontecida em Londres, 1938. (Em *Los Fenómenos de la Parapsicologia*, Stuart HOLROYD. NOGUER, Barcelona, 1976)

Assim, se no desdobramento o perispírito se desprende e se desloca – ainda que guardando ligação com o corpo físico –, na materialização e nos demais fenômenos de efeitos físicos, faculta a liberação do ectoplasma responsável pelos vários tipos de ocorrência.

Da mesma forma, nas manifestações de natureza intelectual, em que a ação perispirítica sustenta e define o fenômeno, como, por exemplo, ocorre na psicofonia e na psicografia, processos mediúnicos são peculiarmente caracterizados por um estreito contato perispírito a perispírito, que, também, pode chegar a um estado de verdadeira *"interpenetração psíquica"*, como aventa Herculano PIRES, em magnífica descrição:

> O ato mediúnico é o momento em que o espírito comunicante e o médium se fundem na unidade psico-afetiva da comunicação. O espírito aproxima-se do médium e o envolve nas suas vibrações espirituais. Essas vibrações irradiam-se do seu corpo espiritual atingindo o corpo espiritual do médium. A esse toque vibratório, semelhante ao de um brando choque elétrico, reage o perispírito do médium. Realiza-se a fusão fluídica. Há uma simultânea alteração no psiquismo de ambos. Cada um assimila um pouco do outro. Uma percepção visual desse momento comove o vidente que tem a ventura de captá-la. As irradiações perispirituais projetam sobre o rosto do médium a máscara transparente do espírito. Compreende-se então o sentido profundo da palavra intermúndio. Ali estão, fundidos e ao mesmo tempo distintos, o semblante radioso do espírito e o semblante

> humano do médium, iluminado pelo suave clarão da realidade espiritual. Essa superposição de planos dá aos videntes a impressão de que o espírito comunicante se incorpora no médium. Daí a errônea denominação de incorporação para as manifestações orais. O que se dá não é uma incorporação, mas uma interpenetração psíquica, como a da luz atravessando uma vidraça. Ligados os centros vitais de ambos, o espírito se manifesta emocionado, reintegrando-se nas sensações da vida terrena, sem sentir o peso da carne. O médium, por sua vez, experimenta a leveza do espírito, sem perder a consciência de sua natureza carnal, e fala ao sopro do espírito, como um intérprete que não se dá ao trabalho da tradução.[335]

Já na vidência e na audiência é a expansibilidade do perispírito que torna possível a captação de impressões visuais e auditivas oriundas do plano espiritual, a repercutirem, por ação dos centros perispiríticos superiores, nas vias nervosas especializadas. *"Provocando o estado de semidesprendimento*", lembra DENIS, o Espírito *"faculta ao sensitivo a visão espiritual"*, que, aliás, independe do *"sentido físico da vista"*, uma vez que é comum *"o médium ver com os olhos fechados"*.[336-337]

Como se vê, seja qual for, enfim, o tipo de evento medianímico, o perispírito, com suas múltiplas propriedades e funções, é sempre o fator fundamental.

*

Transe

Com relação ao transe[338] – capítulo dos mais importantes em Espiritismo, Parapsicologia, Psicobiofísica, Neurofisiologia, Psicologia, Psiquiatria e outras importantes áreas do Conhecimento –, impõe-se, desde logo, considerar que são diversos, também, os tipos de ocorrência.

Guardadas as diferenças de enfoque, por parte dos autores que se debruçaram sobre o tema,[339] é lícito admitir que o transe (estado especial de consciência que se situa entre a vigília e o sono natural) pode apresentar-se como *patológico*, *hipnótico*, *farmacógeno*, *anímico*, *noctípico* e *mediúnico*.

O *transe patológico*, a constituir categoria especial e refletindo disfunções neurofisiológicas de certa gravidade, é gerado por diversos fatores. *"O caso mais elementar ocorre no chamado estado crepuscular dos epilépticos e histéricos"*, observa o médico e escritor paulista, Ary LEX, anotando:

> O indivíduo tem a crise convulsiva e depois fica longo tempo como que 'abobado' ou 'desligado', falando coisas sem nexo, sem noção de espaço e tempo. Em certas epilepsias, o paciente fica sem exercer totalmente o controle de seus atos, e, automaticamente, se põe a andar e vai acordar, às vezes, a quilômetros de distância de sua casa. Este tipo de transe também ocorre nos delírios febris, nos estados de coma, nas lesões traumáticas do cérebro.[340]

*

O *transe hipnótico* [341] decorre basicamente de um estado de inibição cortical provocada, cujas causas ainda não se encontram totalmente definidas, conjeturando-se que esse fenômeno *"originar-se-ia no próprio córtex ou seria secundário à ação do sistema ativador do subcórtex"*.

As reações emotivas às sugestões do operador e os reflexos neurovegetativos que as acompanham (palidez, sudorese, modificação do ritmo cardíaco e outras alterações vasomotoras) sugerem, todavia, a clara participação no processo de centros subcorticais (tálamo e hipotálamo). *"À medida que se estende e se intensifica a inibição cortical,"* – assinala o neurologista Jayme CERVIÑO – *"as estruturas do subcórtex entram em 'efervescência', liberadas da ação frenadora da corticalidade. A personalidade profunda – pólo subcortical do psiquismo – assume mais intimamente o controle da atividade nervosa"*.[342]

O *transe hipnótico* – processo de *interiorização* induzido por via da sugestão – chamou a atenção de renomados investigadores, como BREUER, em Viena, e CHARCOT, em Paris, quando se observou que paralisias, anestesias e hiperestesias podiam ser induzidas através do hipnotismo. BREUER, aliás, notabilizou-se como um pioneiro no uso da hipnoterapia no tratamento da histeria. (FREUD, entre 1885 e 1900, foi seu colaborador assíduo.) Nesse tipo de terapia, o paciente é levado ao transe hipnótico e encorajado a recordar e verbalizar suas dificuldades, cenas esquecidas, experiências traumáticas, sendo-lhe, então, dadas sugestões de apoio.

Assinale-se, finalmente, que, como processo suscetível a comando exterior, pode servir tanto a interesses construtivos (psicoterapia, anestesia) como destrutivos, qual ocorre no processo obsessivo, desde a sugestão pós-hipnótica, plantada durante o sono, até os casos mais agudos e tenebrosos de influenciação, que chegam a causar a própria alteração do perispírito.[343]

*

Charcot

CHARCOT, em uma de suas demonstrações, na Salpetrière

O *transe farmacógeno* produzido pelas drogas conhecidas como psicolíticas (mescalina, psilocibina, LSD-25, etc.) e por várias outras do conhecimento comum, incluindo os anestésicos,[344] pode assemelhar-se, em alguns aspectos ou efeitos, a outros tipos de transe, principalmente o *hipnótico*. A nota diferencial, todavia, é que o processo não se apoia na sugestão, é provocado por meios químicos e somente ocorre com encarnados.

Nesse tipo de transe – que não se confunde com os estados de perturbação mental provocados por certos produtos –, algumas vezes pode até acontecer, como no *transe hipnótico*, um certo afrouxamento dos laços perispirituais, tornando possível um certo desprendimento.

*

O *transe anímico*, que pode ser espontâneo ou provocado (pelo próprio sujeito ou por influências do mundo espiritual), guarda certa relação, de um lado, com o *transe hipnótico*, e, de outro, com o *mediúnico*.

Mergulhado em processo de progressivo apagamento da consciência vígil, qual acontece no ritmo hipnótico, a pessoa sensível, com o relativo desprendimento perispirítico que se segue, pode entrar em um estado de transe, com características mui semelhantes às observáveis na ocorrência mediúnica.

No *transe anímico*, à medida que diminui ou enfraquece a presença consciente, vêm à tona as impressões armazenadas no subconsciente e no subconsciente profundo (depósito de informações de vidas passadas) e o sujeito pode chegar a manifestar até uma personalidade diferente, ainda que, na realidade, apenas exteriorize o seu próprio mundo.

*

O *transe noctípico* (do lat. *noctis* + *typicu*) acontece comumente no período de repouso noturno e, embora mostre linhas de estreito contato com o *transe anímico* propriamente, pode apresentar, também, características de natureza *mediúnica*.

É possível distinguir no *transe noctípico* três tipos de ocorrências: (**1**) os fenômenos *oníricos*, relacionados com as imagens, representações, ideias, que brotam espontaneamente do subconsciente e do subconsciente profundo – algumas delas depois lembradas, ainda que confusamente; (**2**) os fenômenos de *desprendimento* e *desdobramento* durante o sono, com vivências também suscetíveis de serem lembradas (sonho lúcido), principalmente nos casos em que já passam a ter caráter mediúnico (comunicações, informações, visões, etc.); (**3**) os *sonambúlicos*, com peculiaridades que, em verdade, ainda estão a requisitar investigação maior, embora já se saiba que o fenômeno sonambúlico diferencia-se claramente do fenômeno mediúnico.

*

O *transe mediúnico* é normalmente provocado pelos Espíritos e apresenta, como já salientado, características peculiares e bem definidas.

Nas situações em que ocorre o transe (em diversos tipos de mediunidade, como a intuitiva, a auditiva, a vidência e outras, o medianeiro, embora alcance um relativo desprendimento, não chega a entrar em transe, senão superficialmente, permanecendo lúcido todo o tempo), o médium geralmente prepara-se psicologicamente para a tarefa de intermediar os Espíritos ou para o trabalho de liberação de recursos para efeitos ectoplásmicos.

Registre-se, geralmente, na mediunização, um processo de abrandamento da atividade consciencial, o qual vai se tornando mais significativo à medida que o perispírito do médium, em ritmo de maior ou menor desprendimento, com a expansão da aura ou não, passa a sofrer o influxo crescente do Espírito em via de comunicar-se. Com a conexão interperispirítica final (Espírito-médium), instala-se, então, o processo do transe.[345]

* * *

XII.
PERISPÍRITO E REENCARNAÇÃO

A reencarnação, como se sabe, é o processo pelo qual o Espírito, organizando um novo corpo, retorna à dimensão física.

O papel do perispírito nesse processo, como não poderia deixar de ser, é fundamental.

Com efeito, o psicossoma, com suas propriedades e funções, comanda o desenvolvimento ontogênico já a partir dos momentos iniciais em que, após o choque biológico provocado pela ruptura da película que envolve o óvulo, pelo espermatozoide (fecundação), chega o elemento masculino ao centro da célula feminina, soldando-se os pró-núcleos (concepção, propriamente) em uma estrutura matriz e deflagrando, assim, o processo embriogênico.

Entende-se que é nesse instante, da concepção, que se verifica, normalmente, a ligação do corpo espiritual à estrutura embrionária, que, então, passa a desenvolver-se segundo as linhas de força projetadas por aquele.

A união alma-corpo *"começa na concepção, mas só é completa por ocasião do nascimento",* ensina o Codificador.[346] E em outro local, explica:

> Quando o Espírito tem de encarnar (...), um laço fluídico, que mais não é do que uma expansão do seu perispírito, o liga ao gérmen que o atrai por uma força irresistível, desde o momento da concepção. (…) Sob a influência do *princípio vito-material do gérmen*, o perispírito, que possui certas propriedades da matéria, se une, *molécula a molécula*, ao corpo em formação, donde o poder dizer-se que o Espírito, por intermédio de seu perispírito, se *enraíza*, de certa maneira, nesse gérmen, como uma planta na terra. Quando o gérmen chega ao seu pleno desenvolvimento, completa é a união; nasce então o ser para a vida exterior.[347]

Obviamente, não há dois casos idênticos de reencarnação. Cada Espírito é um universo com sua história própria, a atrair recursos e possibilidades que dizem com sua exclusiva necessidade evolutiva. Todavia, alguns Autores Espirituais, buscando auxiliar-nos o entendimento em assunto de tão magna importância, trazem-nos relatos que bem podem ser aceitos como paradigmas, ainda que não abrangentes da maioria das situações.

Nesse contexto, a pena magnífica de André Luiz e a sensibilidade ímpar de Francisco Cândido Xavier presentearam-nos, em 1945, com a obra *Missionários da Luz*, em que são trazidas à luz informações inéditas acerca do processo reencarnatório. Os capítulos 13 e 14 da citada obra[348] indicam, em especial, algumas etapas que seriam as comuns em casos de *reencarnação especialmente assistida* [349] e que, com outros subsídios, poderiam ser assim vistas:

1) Estudo prévio da situação cármica do reencarnante pelos "Espíritos Construtores", mestres espirituais para quem a Genética já não guarda segredo.

Nessa oportunidade, são examinados com o *"gráfico referente ao organismo físico"*, que o reencarnante receberá de futuro, os mapas cromossômicos que retratam as potencialidades dos progenitores, suscetíveis de receber os *"recursos magnéticos para a organização das propriedades hereditárias"*, a situação mental, o clima afetivo existente entre os futuros pais, as condições genotípicas e fenotípicas relativamente predisponentes (jamais determinantes), além de outros elementos de análise sumamente complexa, a dizerem com o futuro espiritual do reencarnante, desde, por exemplo, os projetos de uma recomposição cármica através do perdão e do sofrimento, até o possível cumprimento de missões que irão contribuir para o aumento de seu conhecimento e sensibilidade.

Estabelecidos os planos gerais para a reencarnação programada – a qual, de acordo com o mérito do reencarnante, poderá contar com o auxílio não só de um protetor individual (o chamado *guia espiritual*), designado para acompanhá-lo de perto nos primeiros sete anos, ao menos, mas de inúmeros outros Amigos Espirituais –, tem início o trabalho de condicionamento mental do reencarnante, a fim de que se livre de pensamentos que possam prejudicar o processo de retomada da forma física.

Oportuno ressaltar que, com relação aos fatores suscetíveis de prejudicar um programa de renascimento, alinham os autores espíritas várias situações impeditivas do desenvolvimento regular do processo, destacando-se, entre outras, o antagonismo consciente ou subconsciente dos pais, resultante, na maioria das vezes, de reminiscências de outras vidas; as influências obsessivas que prejudicam a formação do novo ser, sobretudo quando inexiste o apoio afetivo dos progenitores; e, principalmente, o medo do reencarnante, diante do futuro, que produz um grave retraimento energético, um campo desagregador que acaba desestruturando os próprios processos de mitose, inviabilizando, assim, o projeto ontogenético. Esse medo, aliás, é comum, chegando seguidamente a uma situação de profunda angústia, sendo certo que a reencarnação, por sua complexidade e incerteza, pode parecer mais preocupante até que a desencarnação.[350]

2) Preparado espiritualmente, passa o reencarnante, sob o influxo de comandos superiores, a exercitar-se na mentalização da futura forma fetal, a fim de facilitar o processo de *redução perispirítica* que deve se seguir, ao mesmo tempo em que se processa a ligação fluídica direta com os futuros pais, ou, se for o caso, com a futura mãe.

E à medida que se intensifica tal aproximação, o reencarnante *"vai perdendo os pontos de contato com os veículos que consolidou"* na dimensão espiritual. *"Semelhante operação é necessária para que o organismo perispiritual possa retomar a plasticidade que lhe é característica, ainda que tal serviço imponha algum sofrimento"* – elucida André Luiz.

3) Etapa seguinte diz com o trabalho de redução do perispírito, propriamente, executado pelos chamados *Espíritos Construtores*. Trata-se de procedimento dos mais importantes, apoiado numa das principais propriedades do corpo espiritual, que é a plasticidade, já referida. Varia de caso para caso, de acordo com a evolução do reencarnante. Assim, se para um Espírito altamente desenvolvido, basta sua própria vontade, em processo de autoindução, para chegar a um determinado estado de redução perispirítica, para outros – e constituem a maioria –, a intervenção dos Construtores surge imprescindível, atuando diretamente sobre o psicossoma do reencarnante a fim de que se reduza. A respeito, o Espírito André Luiz, em outro local, transmite lição valiosa:

> Unido à matriz geradora do santuário materno, (…) o perispírito sofre a influência de fortes correntes eletromagnéticas, que lhe impõem a redução automática. Constituído à base de princípios químicos semelhantes, em suas propriedades, ao hidrogênio, a se expressarem através de moléculas significativamente distanciadas umas das outras, quando ligado ao centro genésico feminino experimenta expressiva contração, à maneira do indumento da carne sob carga elétrica de elevado poder. Observa-se, então, a redução volumétrica do veículo sutil pela diminuição dos espaços intermoleculares. Toda matéria que não serve ao trabalho fundamental de refundição da forma é devolvida ao plano etereal, oferecendo-nos o perispírito um aspecto de desgaste ou de maior fluidez.[351]

E, em muitos casos, tendo o reencarnante já alcançado certo padrão mental, o trabalho

redutivo, implementado pelos Mestres Espirituais, pode ser muito facilitado pela própria postura do reencarnante, que, mentalizando concentradamente a forma fetal que o aguarda, consegue até participar conscientemente de boa parte do processo.

4) Alcançada a forma infantil, graças à operação redutora, mais ou menos prolongada, o reencarnante – quase sempre em estado de inconsciência – passa a ser conectado ao perispírito da mãe, enquanto os Espíritos responsáveis pelo evento acompanham, minuciosamente, todos os momentos do complexo processo de fecundação, já a partir da seleção, entre os duzentos milhões de espermatozoides em disparada, do gameta que chegará ao óvulo. Anote-se, a propósito, que a identificação do espermatozoide mais apto implica a definição dos elementos que guardam mais sintonia com as vibrações do reencarnante. Espermatozoide mais apto não é, pois, necessariamente, o que apresenta, proporcionalmente, o melhor material genético, mas sim, os potenciais que, em afinidade com o magnetismo do reencarnante, possibilitem a formação e o desenvolvimento de um organismo que seja propício ao cumprimento do projeto cármico em pauta.

Com relação a esse tema, aliás, sublinhe-se que resultados de pesquisas atuais parecem mostrar, de modo até bem significativo, que os óvulos emitem "sinais" que atraem os espermatozoides, elegendo-os e guiando-os até as tubas uterinas (de Falópio).[352] A tese espírita é, assim, confirmada nos laboratórios do mundo: há, efetivamente, um sistema de forças que se instala entre o óvulo e o espermatozoide que, por suas qualidades, torna-se o eleito para a fecundação. Essas linhas de força expressam, em última análise, a influência perispiritual do reencarnante que, através do óvulo, projeta-se no universo dos gametas liberados com a união sexual, atraindo o elemento que mais guarda sintonia com o seu tônus vibratório, e que pode propiciar a formação de um corpo sadio, ou, se for o caso, a ocorrência de malformações embrionárias, afecções ou disposições congênitas ligadas às mais complexas patologias, tudo em função das condições do reencarnante. Assim, o candidato ao renascimento atrairá sempre o espermatozoide com a carga genética (eletromagnética) que diz com sua realidade perispirítica, fato que, em si, aliás, no caso das reencarnações diretamente assistidas, facilita o trabalho dos responsáveis espirituais, incumbidos de desembaraçar ou ativar o espermatozoide destinado à fecundação.

Tem-se, pois, que se trata de um esquema mui complexo, suscetível de ser dominado, em seus inúmeros meandros psicobiofísicos, apenas por mentes muito avançadas.

De fato, não se pode perder de vista que, a começar, cada um dos cem mil genes, ou mais, que constituem o genoma humano, é portador de uma carga energética e que as estrias cromossômicas representam um somatório dessas cargas, apresentando peculiaridades magnéticas específicas (vibração própria). Também, como se sabe, o Espírito traz em seu perispírito a marca vibratória do seu estado mental. No processo reencarnatório, ao que tudo indica, atuando na célula feminina através do contato perispiritual, o reencarnante transmite-lhe os impulsos que irão resultar na atração do espermatozoide, por afinidade vibratória, em direção à construção do zigoto e à deflagração da embriogênese, sendo certo que, às vezes, conforme o caso, esse desenvolvimento é diretamente assistido por Espíritos altamente categorizados.

5) Superado o choque biológico que marca o ingresso e o posterior alojamento do espermatozoide no óvulo, fundem-se as forças masculina e feminina, convertendo-se, aos olhos espirituais, em um *"tenuíssimo foco de luz"*. Completado o serviço de divisão da cromatina, cuidadosamente executado pelos Espíritos responsáveis, a forma reduzida do renascente, a interpenetrar-se com o perispírito materno, é ajustada magneticamente *"sobre aquele microscópico globo de luz, impregnado de vida"*, no dizer de ANDRÉ LUIZ, sujeitando-se, então, a uma prolongada aplicação magnética, que culmina com a ligação do perispírito do reencarnante à nova formação. Inicia-se, então, ao influxo das forças que dele emanam e do automatismo biológico milenar que sustenta e impulsiona a vida, o processo de divisão celular, com a rápida formação da vesícula de germinação.

Ao que consta, especialmente críticos comparecem os primeiros vinte e um dias de desenvolvimento, até que o embrião possa atingir sua configuração básica. Durante esse tempo, o reencarnante normalmente permanece estreitamente jungido à intimidade materna, alimentando, com os potenciais perispiríticos que lhe são próprios, a formação dos folhetos blastodérmicos. Diz o Espírito EMMANUEL, por F. C. XAVIER:

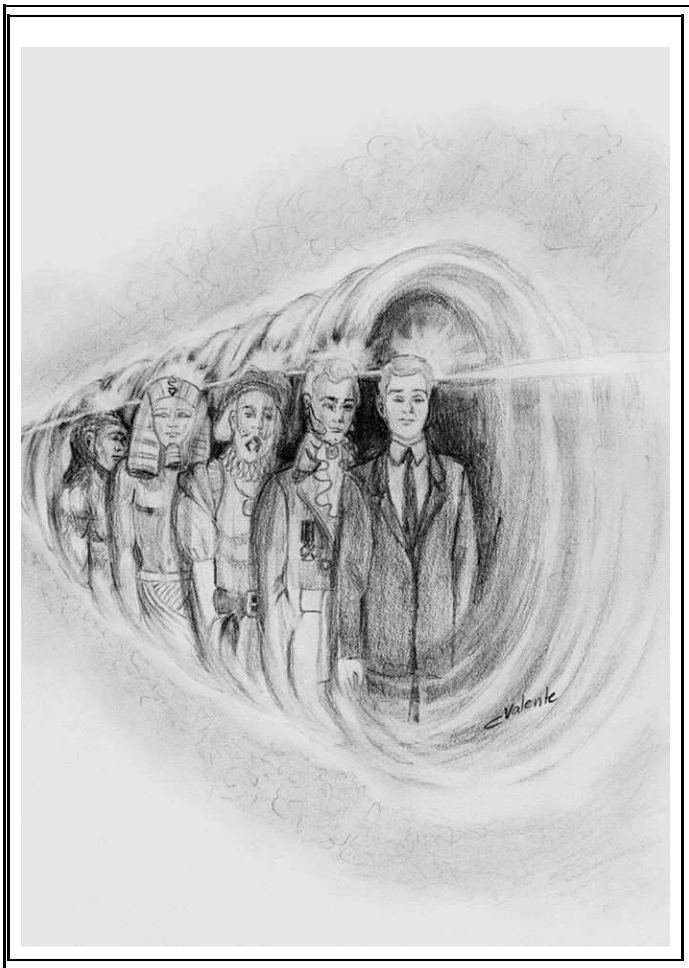
> Trazendo consigo mesmo a soma dos reflexos bons e menos bons de que é portador, segundo a colheita de méritos e prejuízos que semeou para si mesmo no solo do tempo, o Espírito incorpora aos moldes reduzidos do próprio ser as células do equipamento humano, associando-as à própria vida, desde a vesícula germinal.
>
> Amparado no colo materno, estrutura-se-lhe o corpo mediante as células referidas, que, em se multiplicando ao redor da matriz espiritual, como a limalha de ferro sobre o ímã, formam, a princípio, os folhetos blastodérmicos de que se derivam o tubo intestinal, o tubo nervoso, o tecido cutâneo, os ossos, os músculos, os vasos.
>
> (…) Desde a fase embrionária do instrumento em que se manifestará no mundo, o Espírito nele plasma os reflexos que lhe são próprios.[353]

Graças, pois, à função organizadora do perispírito, o processo orienta-se para a construção de um equipamento físico que não só reflete a realidade psíquica do reencarnante – com todos os equilíbrios ou disfunções que lhe caracterizam o estado espiritual – como lhe serve de instrumento – o melhor possível – para que, em nova existência, através de processos de desenvolvimento e purificação mental, e de sensibilização, seguidamente dolorosos, consiga, em benefício de sua evolução, melhor harmonizar-se com o Bem e a Vida. (*"O corpo humano"* – diz Francisco Cândido XAVIER – *"assume com os nossos delitos o mesmo papel de um mata-borrão com a tinta. Grava-os e os absorve para que possamos nos recuperar dos males cometidos"*)[354-355]

O processo reencarnatório, com a participação consciente do interessado, refere-se, naturalmente, aos casos dos reencarnantes que já alcançaram uma melhor compreensão da realidade espiritual. Mas, na verdade, isso não é comum. A maioria dos que retornam à existência corporal na esfera do Globo, como mostra ANDRÉ LUIZ, *"é magnetizada pelos benfeitores espirituais, que lhe organizam novas formas redentoras, e quantos recebem*

semelhante auxílio são conduzidos ao templo maternal de carne como crianças adormecidas. O trabalho inicial, que a rigor lhes compete na organização do feto, passa a ser executado pela mente materna e pelos amigos que os ajudam de nosso plano".[356]

De qualquer forma, porém, a Misericórdia Divina propicia, em todas as situações, a supervisão espiritual superior. *"A modelagem fetal e o desenvolvimento do embrião obedecem a leis físicas naturais, qual ocorre na organização de formas em outros reinos da Natureza, mas, em todos os fenômenos, os ascendentes de cooperação espiritual coexistem com as leis, de acordo*



Vidas Sucessivas

(Adaptação de uma ilustração publicada na ***Revista Internacional de Espiritismo***, Matão-SP, julho, 1999)

com os planos de evolução ou resgate", leciona o eminente Instrutor Espiritual.[357]

*

Sabe-se que cada célula possui sua individualidade magnética, representando o somatório das forças de seus componentes. O núcleo celular, por concentrar a maior parte do DNA (ácido desoxirribonucleico), é a grande usina da vida, reunindo os milhares de núcleos de força, que são os genes, cada qual formando um bloco energético de características próprias. Sua importância é tão fundamental, quanto se sabe que representam não só a fronteira, como a ponte entre as dimensões física e espiritual.

De fato, como já visto, entende-se que o perispírito do reencarnante, logo após a concepção, é ligado à intimidade da rede genética, passando a influir – comumente sob a assistência superior – no próprio processo de divisão celular.

Tal ligação, que, obviamente, acontece em nível atômico, tem atraído diversos tipos de explicação por parte dos autores espíritas. Jorge ANDRÉA, por exemplo, sugere a possibilidade de que seja o *méson*, o vínculo de ligação entre a matéria e o espírito, *"o rudimento perispiritual do átomo"*.[358] Embora já se conheçam mais de duas centenas de partículas que compõem o núcleo atômico (*hádrons*) – ainda que não elementares, pois que constituídas pelas dezenas de variedades de *quarks*, estas sim, subpartículas indivisíveis até o momento –, os mésons, em seus vários tipos, apresentariam características que permitiriam a suposição de que representem, de fato, a passagem entre as duas dimensões da vida. *"Os mésons, de qualquer qualidade, leves ou pesados, de carga negativa, positiva ou neutra,"* – escreve o ilustre médico e autor espírita – *"apresentam um inusitado comportamento no núcleo atômico. Mostram-se e ocultam-se a todo momento, denotando a existência de canais ou pontos de união entre a nossa conhecida dimensão material e aquel'outra onde vicejam as camadas mais próximas do perispírito. Não existiria aí um ponto de união ou passagem entre o espírito e a matéria?"* [359]

Outros aventam a hipótese de que sejam os neutrinos os que melhor guardariam relação com a dimensão espiritual. Situando-se dentro e fora do átomo, não possuindo carga e não se sabendo ao certo donde vêm (originar-se-iam nos nêutrons, nos mésons e nos elétrons), os neutrinos, suscetíveis à força de interação fraca, poderiam, também, representar um vínculo entre matéria e espírito…

Nessa linha de pesquisa, aliás, várias hipóteses têm surgido. Para ilustrar, cite-se, apenas como exemplo de tentativa de entendimento de processo tão complexo, a que estabelece o médico e professor Sérgio Felipe de OLIVEIRA, conjeturando que, do fato de haver o gene, cuja estrutura é única, e um campo de forças eletromagnéticas que une os átomos entre si, decorre que *"as forças Van der Waals, as iônicas, as covalentes, as pontes hidrogeniônicas, são todas padrões de força para unir um átomo a outro para que seja possível construir a molécula de DNA, mas o comando dessas forças vem do interior do átomo, da estrutura intra-atômica. Na estrutura de vácuo de cada átomo, onde, obviamente, não existe matéria, encontramos o perispírito. Este tipo de estrutura é detectado na forma do que os físicos chamam de energia flutuante quântica do vácuo. É o perispírito que está ali. Então, numa estrutura interna, o perispírito vai estar agindo sobre o DNA, induzindo-o a se abrir ou a se fechar, conforme as ordens de comando vindas do Espírito"*.[360]

Supõe mais, o Dr. OLIVEIRA, que, presente a força de interação fraca,[361] esta formaria um túnel com a força eletromagnética. A força nuclear eletrofraca, por ser intra-atômica, estaria mais ligada *"ao universo do vácuo atômico"*, e as forças eletromagnéticas, por serem interatômicas, estariam *"do lado de fora"*. Entre essas forças formar-se-ia um túnel *"que liga o lado de dentro com o lado de fora, sendo que as ordens de comando do perispírito vêm por dentro"*, abrindo ou fechando as alças do DNA…

Sugere, em síntese, que *"há uma malha eletromagnética extra-atômica, ligada por uma espécie de túnel com a malha de forças intra-atômicas, representada pela força nuclear fraca, a qual, por sua vez, tem ligação com a energia flutuante quântica do vácuo. Nesse vácuo atômico, tem-se todo um campo de grávitons que vai fazer com que haja a agregação de matéria. Na verdade, esse campo de grávitons é que vai dar a característica lenticular para a molécula, permitindo o processo de materialização. Se se observar bem, o útero materno é uma sala de materialização. É aí, nessa câmara escura, que se dá a transdução de matéria 'invisível' para matéria tangível, biológica".*[362]

Trata-se, como afirmado, de uma hipótese, mas – cumpre anotar –, ainda que atraente, forçoso é reconhecer que se apresenta como de difícil confirmação, à vista de que os físicos nem tentam modelar o DNA a partir de suas partículas subatômicas (se se tentar colocar, p. ex., as milhares de partículas que compõem um só dos pares de bases de um cromossomo, num modelo mecânico quântico ou clássico, não há como tratá-lo mesmo pelos mais rápidos computadores, imagine-se, então, as dificuldades diante de um genoma, mesmo o mais simples, como o de uma bactéria, com cadeias de DNA de milhares de pares de bases…) e que ainda se discutem modelos de experimento com o DNA e se procura descobrir efeitos relacionados a fatores que formam a mais surpreendente teia de complexidades…

Mas tais concepções, ainda que não passem de hipóteses ou sugestões, têm o mérito de estimular pesquisas que possibilitem entender um dos fenômenos mais complexos de que se tem notícia, que é a ligação do espiritual ao material e da qual, em verdade, o que de efetivo se sabe é ainda muito pouco. (Bem lembra ANDRÉ LUIZ que, a rigor, é difícil determinar onde termina o espiritual e onde começa o material ou vice-versa…)[363]

*

O tempo, evidentemente, trará o entendimento certo de todo o processo. Por enquanto, valorizando os esforços dos que buscam respostas, tanto na dimensão física como na espiritual, mas não perdendo de vista que o conhecimento se faz por etapas, e que toda construção para explicar o ainda desconhecido traz seus perigos, é de mister aceitar, na estrada da prudência, o fato de que os avanços científicos propiciarão no devido momento, inevitavelmente, os recursos necessários a uma compreensão mais profunda e exata da dinâmica perispiritual em todos os processos vitais.

Isso inclui naturalmente os casos ligados à manipulação genética, de tanto interesse nos dias atuais, como, por exemplo, os processos de clonagem, de fecundação assistida ("bebê de proveta") e o de congelamento de embriões (criogênico), os quais, embora seu ineditismo, submetem-se infalivelmente aos comandos da Providência.

Mais: ainda que longo se nos descortine o caminho da aprendizagem a respeito, pode-se afirmar com segurança que, em todos esses processos, os valores espirituais são absolutos.

Sob a luz dessa realidade, a clonagem e os demais procedimentos técnicos precitados surgem como recursos evolutivos plausíveis, desenvolvidos, naturalmente, por pesquisadores com missão específica no campo científico.

*

Com relação à clonagem (do gr. *klon* – broto), técnica de duplicação, ou replicação,[364] realiza-se, como se sabe, de duas maneiras. Um dos procedimentos parte da fertilização assistida: o óvulo fecundado (zigoto) é dividido e cada uma das partes, nos princípios da reprodução celular (mitose), é implantada num óvulo que teve o DNA (material genético, do núcleo) retirado. Cada óvulo tende a se tornar, então, um embrião. Essa técnica de clonagem *reprodutiva*, a diferenciar-se da que caracteriza a clonagem não reprodutiva ou *terapêutica*, dirigida ao cultivo de tecidos e órgãos, foi usada, por exemplo, para a geração de macacos, na Universidade de Oregon (EUA), por Ron WOLF, sendo, aliás, hoje prática corrente com ratos, coelhos, carneiros e vacas. Outro tipo de clonagem consiste na retirada do DNA de uma célula somática (não reprodutiva) de certo animal e a sua consequente implantação no óvulo de outro, do qual se tenha retirado o núcleo (clonagem assexuada). Esse óvulo é, então, implantado num terceiro animal, passando a desenvolver-se normalmente. Foi o caso da célebre Dolly (Ian Wilmut, Instituto Roslin, Escócia), em que foi retirado o núcleo de uma célula da mama de uma ovelha e, a seguir, implantado no óvulo de outra, em que o núcleo também foi retirado. (Hoje, não só se opera com outros tipos de animais como com células de outras partes do corpo.)

A clonagem, tanto com células vegetais, como animais, apresenta muitas variantes e possibilidades e o futuro, certamente, ainda trará muitas surpresas.

A partir das experiências de HALL e STILMANN, duplicando embriões humanos, surge possível – pelo menos teoricamente – a clonagem de seres humanos, razão pela qual, aliás, movimenta-se hoje a sociedade mundial no sentido de limitar experiências que firam os princípios bioéticos, haja vista, por exemplo, a recente polêmica, nos círculos científicos e não científicos, em torno da chamada transferência citoplasmática, em casos de infertilidade (técnica testada em 1995 por Jacques Cohen, tendo o primeiro bebê nascido em 1997), significando, na verdade, transferência, *in vitro*, de DNA mitocondrial (que não participaria na determinação das características de um indivíduo, porque não codifica), de um óvulo humano para outro, para reforçar o desenvolvimento de embriões que correm risco.[365]

Do ponto de vista espírita, pode-se admitir como possível o aproveitamento do ensejo laboratorial para que o Espírito, de acordo com sua situação cármica, reassuma a forma física. (Um Espírito que, por exemplo, tenha fortes compromissos com a futura mãe e que, por suas condições cármicas, deva submeter-se à orfandade, com relação ao pai, poderia, em teoria, até dispensar a intervenção de um gameta masculino.)

Assim, os programas reencarnacionistas poderiam, no futuro, se fosse o caso, não excluir a possibilidade da clonagem. Da mesma forma como os chamados Construtores Espirituais podem aproveitar a fertilização assistida, *in vitro*, para propiciar a reencarnação de um Espírito (e observe-se o empenho da Espiritualidade, inspirando mesmo novas técnicas, como, p. ex., a citada transferência de mitocôndrias de uma doadora para o óvulo de uma receptora deficitária, etc.), tal processo poderia servir até à reencarnação de um grupo de almas ligadas entre si por compromissos cármicos…

Claro é que essas hipóteses não poderiam excluir, necessariamente, o caráter de eventualidade, ou mesmo de excepcionalidade, porque, sob o ponto de vista biológico, a clonagem afeta a diversidade, fator essencial para a garantia da preservação das espécies, dado relevante no esquema divino da evolução.[366]

De qualquer forma, o importante é ter presente que o essencial é o comando do Espírito. (O Espírito *"é o senhor dos genes e não o contrário, fato que precisa ser levado em consideração pela Ciência ortodoxa"*, enfatiza a Dra. Marlene NOBRE, em um de seus trabalhos. – "Reencarnação e Clonagem")[367]

Sem a sustentação do perispírito, embora o impulso inicial ditado pelo automatismo biológico, impossível o pleno desenvolvimento fetal. (Haja vista, por exemplo, nos processos ordinários, o caso de malformações – especialmente dos denominados acardíacos –, em que a causa aparente relacionar-se-ia com um defeito cromossômico, a comprometer o desenvolvimento mitótico, mas que, na verdade, diz respeito, apenas, à inexistência de um reencarnante…)[368]

De outro lado, em existindo um Espírito que, por um motivo ou outro, estivesse em condições de aproveitar o desenvolvimento de certa clonagem assistida, o processo ontogênico seria, sem dúvida, deflagrado em direção a possível sucesso.

Nessa linha, aliás, lícito é considerar que o reencarnante não seria uma mera "cópia". O caso dos gêmeos univitelinos (clonagem espontânea) ilustra bem o caso. Embora possam apresentar semelhanças quanto ao genótipo (constituição genética), ostentam notáveis diferenças, atribuíveis não só às circunstâncias fenotípicas (notavelmente, as ambientais) como, principalmente, aos fatores de natureza espiritual que dizem com a condição particular do reencarnante. Ora, na clonagem assistida, cada embrião necessitando de uma mãe – o que torna um mito a reprodução em série –, as diferenças poderiam ser ainda mais acentuadas do que as existentes entre os univitelinos.

Em conclusão, os fatores espirituais é que determinam o resultado em um processo de clonagem. Os agentes genéticos apenas predispõem; se se contiver nos planos espirituais, nada impedirá que, no futuro, com o avanço da Ciência, aconteça – ainda que com mães diversas – a "reencarnação clonada". Tudo sem surpresas ou acasos – que eles inexistem. E nesse caminho, o Espiritismo, que caminha com a Ciência, mais uma vez servirá também de seu farol.

*

No tocante à fecundação assistida (fertilização em laboratório), já referida, diverso não é o raciocínio: sem o comando espiritual nenhum processo se completa, mesmo porque toda reencarnação submete-se, inevitavelmente, não só à lei de causa e efeito, como à da sintonia psíquica (vibratória).

O tema "bebê de proveta" surgiu recentemente, há cerca de duas décadas, com as notícias de que, na Inglaterra, teria, pela primeira vez, acontecido com sucesso um caso de concepção

in vitro.

Desenvolveram-se, desde então, as inseminações artificiais humanas, tanto com material genético oriundo do mesmo casal, trabalhado *in vivo* ou *in vitro*, e servindo de ninho o próprio útero da esposa (inseminação homóloga), como com material que não seja, propriamente, do casal (inseminação heteróloga), desenvolvendo-se o feto no ventre da esposa, ou não, caso da chamada "mãe de aluguel", objeto, aliás, de discussões de natureza ética e jurídica, mas que, levando-se em conta que se trata, também, de uma situação de renúncia, pode representar trabalho de alto alcance espiritual, se bem desempenhado. Diz Francisco Cândido XAVIER:

> Quando a mulher se dispõe a ser mãe, consciente e digna do elevado encargo de se responsabilizar por determinadas vidas, sem possibilidades próprias para isso, julgamos justo que uma companheira, se possível, tome a si o trabalho de gestar, em favor dela, o filho ou os filhos que essa mulher digna da maternidade consciente se propõe receber nos próprios braços.[369]

Verdade que nesse contexto poderiam surgir algumas indagações. Por exemplo, se numa encarnação regular o Espírito tem à sua disposição mais de 200 milhões de opções, representadas por igual número de espermatozoides, a fim de que, por sintonia – e com a intervenção da Espiritualidade Maior – possa encontrar os exatos recursos genéticos, capazes de sustentarem a formação do corpo de que necessita, poderia parecer difícil de compreender que a escolha de um determinado gameta, por micromanipulação, não comprometesse a ação espiritual. A solução, porém, surge clara, quando se sabe que os Espíritos responsáveis pelo processo reencarnatório detêm a possibilidade de comandar o procedimento de seleção do espermatozoide (ou da espermátide),[370] não só via intuição, como pelo emprego de recursos magnéticos, sabidamente decisivos.

Em síntese, a concepção *in vitro*, orientada por padrões éticos rigorosos,[371] poderá bem servir, nos casos em que for indicada, aos programas reencarnatórios. Assinala, a propósito, EMMANUEL, por intermédio de Francisco C. XAVIER, que *"quando a Ciência na Terra, iluminada pela bênção da fé na imortalidade puder intervir no auxílio, realmente digno, ao trabalho da genética no campo humano, sem nenhuma disposição para extravagâncias e abusos através de experimentações absolutamente desaconselháveis, a implantação do óvulo fertilizado no claustro da mulher responsável evitará muitos desastres na reencarnação, especialmente os que se referem ao aborto sem justificativas"*.[372]

*

Finalmente, já no que diz respeito ao capítulo da criogenia, particularmente no que se refere ao congelamento de embriões, três situações ou possibilidades merecem consideradas:

a) inexistência de um plano reencarnatório e, pois, de qualquer Espírito interessado na manipulação laboratorial dirigida à consolidação de um embrião, caso em que este se

forma sob o impulso biológico natural e se, após vários anos, for destruído, implicará menos, do ponto de vista espiritual, sendo certo que, de outro lado, se for aninhado em algum útero, o feto não se viabilizará;

b) existência de um programa para a reencarnação de um determinado Espírito, a partir de uma fecundação artificial, caso em que, se alojado o embrião na câmara uterina, o feto poderá resultar viável, e se for congelado, o Espírito poderá desligar-se, sem maiores consequências;

c) existência de um Espírito pretendendo o renascimento físico, mas com graves compromissos cármicos e, por isso, possivelmente sujeito a ficar ligado ao embrião, a partir da concepção, por um certo tempo – ou mesmo até sua destruição, se for o caso –, registrando, neste ínterim, os efeitos do congelamento, que, devido à sensibilidade perispirítica, poderiam ser até muito dolorosos.

* * *

XIII.
PERISPÍRITO E ENFERMIDADE

As causas da doença (genericamente referida como o comprometimento da higidez psíquica e física), em sua inteireza, ainda estão longe de serem conhecidas pelo mundo acadêmico, que, por enquanto, se satisfaz apenas com os efeitos materiais.

Diz EMMANUEL, por Francisco C. XAVIER:

> Se foi possível devassar o mistério da Natureza, a mentalidade humana ainda não conseguiu apreender o mecanismo das suas leis. É que os estudiosos, com poucas exceções, se satisfazem com o mundo aparente das formas, demorando-se nas expressões exteriores, incapazes de uma excursão espiritual no domínio das origens profundas. Sondam os fenômenos sem lhes auscultarem as causas divinas.[373]

Na realidade, a enfermidade só pode ser verdadeiramente entendida à luz dos conhecimentos que dizem com o perispírito.

De fato, só o estudo das funções do psicossoma, do dinamismo que rege seus centros de força, sustentado pela mente, de suas propriedades, de seu papel, enfim, na organização e sustentação da vida física, nas diversas etapas reencarnatórias, pode dilucidar matéria tão complexa como essa, relacionada com as origens profundas dos processos patológicos e a cura real.[374]

Impõe o tema que se considere, de primeiro, o fato de que todas as ocorrências de caráter patológico, em princípio, têm sua gênese em disfunções dos centros vitais, e estes, em seu dinamismo, simplesmente refletem o estado da mente. Pensamento equilibrado, harmonizado com o Bem, significa fluxo normal da energia vital, sob o comando dos centros de força,

traduzindo, de consequência, regularidade fisiológica.

Em outras palavras, mente serena, limpa e amorosa, sustentando harmoniosamente um campo perispirítico, representa perfeita higidez física. Ao contrário, mente doente, com as forças psicossômicas em regime de disfunção, significa corpo enfermo.[375]

Assinala André Luiz por F. C. Xavier:

> Quase sempre o corpo doente assinala a mente enfermiça. A organização fisiológica, segundo conhecemos no campo de cogitações terrestres, não vai além do vaso de barro, dentro do molde preexistente do corpo espiritual. Atingido o molde em sua estrutura pelos golpes das vibrações inferiores, o vaso refletirá imediatamente.[376]

Em outro trecho, esclarece o venerável Instrutor, que

> o desequilíbrio da mente pode determinar a perturbação geral das células orgânicas. É por este motivo que as obsessões, quase sempre, se acompanham de característicos muito dolorosos. As intoxicações da alma determinam as moléstias do corpo.[377]

Naturalmente, é muito raro ou mesmo quase impossível que se encontre na Terra – planeta, ainda, de expiações e de provas, como mostra Kardec –,[378] entre os Espíritos ainda presos à roda das reencarnações, uma mente realmente sã, capaz de organizar e sustentar um corpo realmente sadio. Vale a ideia mais como uma meta a ser alcançada, na esteira dos ensinamentos de Jesus.

Entrementes, vai se compreendendo cada vez mais que, fundamentalmente, o homem é o artífice único de seu bem-estar e que o sofrimento, afinal, é mero meio de corrigenda e avanço no caminho da aprendizagem evolutiva.

Lembra, a propósito, J. Herculano Pires:

> As doenças revelam desajustes da nossa posição existencial. Esses desajustes decorrem da liberdade de que dispomos em face das exigências evolutivas. A dor, a angústia, as inibições são como campainhas de alarme prevenindo-nos de abusos ou descuidos. Sem a liberdade de errar, não poderíamos desenvolver as nossas potencialidades espirituais.
>
> Somos passageiros de uma nave cósmica, envoltos no escafandro de carne e osso, submetidos a experiências semelhantes às dos astronautas que, não podendo ainda atingir as estrelas, fazem treinamento na órbita planetária. Acidentes de viagem, falhas técnicas, dificuldades, fracassos perigosos, dor e morte dependem da nossa maneira de agir durante a viagem e da perícia ou imperícia nossa, do grau de responsabilidade, de perspicácia, de bom senso, de calma, de amor e respeito ao semelhante que conseguimos desenvolver.[379]

*

Antes de se fazer perceptível na organização física, a doença, como disfunção dos centros vitais, já se encontra instalada no perispírito. Justamente por isso, a aura, projeção do complexo perispiritual (duplo etérico, corpo físico), mostra os sinais da enfermidade antes de sua manifestação física, o que, também, possibilita aos médicos espirituais não só diagnosticá-la, como atendê-la de acordo com o merecimento de cada um. Esse capítulo, aliás, é um dos mais importantes para a medicina do futuro, e as observações que nestas últimas décadas já se vêm fazendo, com apoio na eletrônica e outros recursos, como já visto, abrem perspectivas inimagináveis, indicando que logo será comum, também entre os médicos encarnados, principalmente pelo diagnóstico áurico, a abordagem da doença em seu nascedouro. Estabelece, a respeito, o médico e escritor J. ANDRÉA DOS SANTOS:

> A aura é própria de cada ser. No caso da espécie humana, podemos mal comparar às impressões digitais. Não há coincidência entre duas pessoas. Isto levou a se estudar as variações desses campos em face das emoções nos diversos estados de higidez ou patológicos. Os tecidos doentes mostram sempre uma aura turva, como no caso dos tumores degenerativos; o tecido sadio está sempre límpido. Tem-se observado que nas pequenas modificações, manchas ou turvações, em auras de indivíduos considerados sadios, com o tempo a doença se instala na zona física. Isto permitiu que se pensasse que a maioria das doenças físicas teria origem nas desestruturações dos campos perispirituais e, o que é mais importante, poderiam ser anotadas antes de sua instalação nas células da zona material.
>
> Apesar de muito já se ter feito neste setor, ainda necessitamos de imensos esclarecimentos científicos. Os caminhos são promissores.
>
> Existem pesquisas da aura em face das doenças degenerativas e mentais. Nas psicoses foram observadas certas distorções que permitiriam a alguns estudiosos da questão equacionarem os mecanismos em pauta.[380-381]

*

A enfermidade constitui, em regra, o processo de cura da alma. E neste processo, a força deflagradora é quase sempre o remorso, essa inquietação consciencial suscitada pelo sentimento de culpa, que se segue à percepção melhor de efeitos e responsabilidades, induzindo, inexoravelmente, ao arrependimento.

O estudo do remorso,[382] em si, sua ação fundamental e seus efeitos psicofísicos, constitui capítulo dos mais importantes, e, a rigor, em que pesem as respeitáveis construções conhecidas em Psicologia, ainda muito pouco conhecido. Pela mediunidade de Waldo VIEIRA, o Espírito ANDRÉ LUIZ, examinando a etiologia das enfermidades perduráveis, busca clarear o tema:

> A recordação dessa ou daquela falta grave, mormente daquelas que jazem recalcadas no espírito, sem que o desabafo e a corrigenda funcionem por válvulas de alívio às chagas ocultas do arrependimento, cria na mente um estado anômalo que podemos classificar

de ‘zona de remorso’, em torno da qual a onda viva e contínua do pensamento passa a enovelar-se em circuito fechado sobre si mesma, com reflexo permanente na parte do veículo fisiopsicossomático ligada à lembrança das pessoas e circunstâncias associadas ao erro de nossa autoria.

Estabelecida a idéia fixa sobre esse ‘*nódulo de forças mentais desequilibradas*’, é indispensável que acontecimentos reparadores se nos contraponham ao modo enfermiço de ser, para que nos sintamos exonerados desse ou daquele fardo íntimo, ou exatamente redimidos perante a Lei.[383]

As lições dos Espíritos, desde Allan KARDEC, têm nos mostrado que a Lei de Causa e Efeito, ou de Correspondência, atua sensivelmente na dimensão espiritual.

Com efeito, o Espírito, no caminho da evolução, agredindo, maltratando, destruindo, ferindo ou prejudicando, desarmoniza-se com relação à Ordem que rege a Criação. Todavia, chegado o momento de conscientização de suas faltas (*insight*), marcada até por um certo desanuviamento da acuidade psíquica, o Espírito chega à percepção das consequências de seus atos, fato que seguidamente acontece depois de padecimentos resultantes de disfunções perispiríticas, impostas pela mente em desequilíbrio.

Esse processo de introvisão atrai outro, o de retificação por via do renascimento físico, surgindo, então, a dor como mestra maior.

Trata-se, em verdade, de um desenvolvimento dirigido, simultaneamente, à cura e à aprendizagem: cura das lesões psicossômicas provocadas pela mente desordenada, e aprendizagem que o sofrimento propicia, em caminho para níveis superiores de consciência. É a Lei do Progresso Espiritual.

Nessa direção, desdobram-se os incontáveis casos de reencarnações dolorosas, porém retificantes e, ao fim, auspiciosas para os Espíritos que conseguem, por meio delas, drenar para as células físicas os elementos psíquicos “miasmáticos” que perturbam sua consciência, restaurando a paz perdida. Mostra desse estupendo dinamismo nos é dada por ANDRÉ LUIZ, graças à mediunidade de Francisco Cândido XAVIER, em admirável lição a respeito das *“deficiências congeniais com que ressurgimos no berço físico”*:

> Aqueles que por vezes diversas perderam vastas oportunidades de trabalho na Terra, pela ingestão sistemática de elementos corrosivos, como sejam o álcool e outros venenos das forças orgânicas, tanto quanto os inveterados cultores da gula, quase sempre atravessam as águas da morte como suicidas indiretos e, despertando para a obra de reajuste que lhes é indispensável, imploram o regresso à carne em corpos desde a infância inclinados à estenose do piloro, à ulceração gástrica, ao desequilíbrio do pâncreas, à colite e às múltiplas enfermidades do intestino que lhe impõem torturas sistemáticas, embora suportáveis, no decurso da existência inteira.
>
> Inteligências notáveis, com sucessivas quedas morais, através da leviandade com que se utilizaram do esporte e da dança, espalhando desespero e infortúnio nos corações

afetuosos e sensíveis, pedem formas orgânicas ameaçadas de paralisia e reumatismo, visitadas de achaques e neoplasmas diversos, que lhes obstem os movimentos demasiado livres.

Companheiros que, em muitas circunstâncias, se deixaram envenenar pelos olhos e pelos ouvidos, comprometendo-se em vasta rede de criminalidade, através da calúnia e da maledicência, imploram veículos fisiológicos castigados por deficiências auditivas e visuais que lhes impeçam recidivas desastrosas. Intelectuais e artistas que despenderam sagrados recursos do espírito na perversão dos sentimentos humanos, por intermédio da criação de imagens menos dignas, rogam aparelhos cerebrais com inibições graves e dolorosas para que, nas reflexões de temporário ostracismo, possam desenvolver as esquecidas qualidades do coração.

Homens e mulheres que abusaram de dotes físicos, manobrando a beleza e a perfeição das formas para disseminar a loucura e o sofrimento naqueles que lhes admitiam as falsas promessas, solicitam corpos vulneráveis às dermatoses aflitivas, quais o eczema e a tumoração cutânea, ou portadores de alterações na tireóide que os constranjam a reiteradas lutas educativas. Grandes faladores que escarneceram da divina missão do verbo, conturbando multidões ou enlouquecendo almas desprevenidas, suplicam doenças das cordas vocais, para que, atravessando afonias periódicas, desistam de tumultuar os espíritos por intermédio da palavra brilhante.

E milhares de pessoas que transformaram o santuário do sexo numa forja de perturbações para a vida alheia, arruinando lares e infelicitando consciências, imploram equipamentos físicos atormentados por lesões importantes no campo genésico, experimentando, desde a puberdade, inquietantes desequilíbrios ovarianos e testiculares.

A cegueira, a mudez, a idiotia, a surdez, a paralisia, o câncer, a lepra, a epilepsia, o diabete, o pênfigo, a loucura e todo o conjunto das moléstias dificilmente curáveis significam sanções instituídas pela Misericórdia Divina, portas adentro da Justiça Universal, atendendo-nos aos próprios rogos, para que não venhamos a perder as bênçãos eternas do espírito a troco de lamentáveis ilusões humanas.[384]

Nesse quadro, a propósito, em se tratando de efeitos cármicos, não podem deixar de ser particularmente lembradas as consequências advindas do suicídio intencional, de tão tristes repercussões perispiríticas. EMMANUEL transmite por Francisco C. XAVIER lição das mais valiosas e pungentes, a respeito:

(…) os suicidas são habitualmente reinternados no plano carnal, em regime de hospitalização na cela física, que lhes reflete as penas e angústias na forma de enfermidades e inibições.

Ser-nos-á fácil, desse modo, identificá-los, no berço em que repontam, entremostrando a expiação a que se acolhem.

Os que se envenenaram, conforme os tóxicos de que se valeram, renascem trazendo as afecções valvulares, os achaques do aparelho digestivo, as doenças do sangue e as disfunções endocrínicas, tanto quanto outros males de etiologia obscura; os que incendiaram a própria carne amargam as agruras da ictiose ou do pênfigo; os que se asfixiaram, seja no leito das águas ou nas correntes de gás, exibem os processos mórbidos das vias respiratórias, como no caso do enfisema ou dos cistos pulmonares; os que se enforcaram carreiam consigo os dolorosos distúrbios do sistema nervoso, como sejam as neoplasias diversas e a paralisia cerebral infantil; os que estilhaçaram o crânio ou deitaram a própria cabeça sob rodas destruidoras, experimentam desarmonias da mesma espécie, notadamente as que se relacionam com o cretinismo, e os que se atiraram de grande altura reaparecem portando os padecimentos da distrofia muscular progressiva ou da osteíte difusa.

Segundo o tipo de suicídio, direto ou indireto, surgem as distonias orgânicas derivadas, que correspondem a diversas calamidades congênitas, inclusive a mutilação e o câncer, a surdez e a mudez, a cegueira e a loucura, a representarem terapêutica providencial na cura da alma.

Junto de semelhantes quadros de provação regenerativa, funciona a ciência médica por missionária da redenção, conseguindo ajudar e melhorar os enfermos de conformidade com os créditos morais que atingiram ou segundo o merecimento de que disponham.[385]

*

No exame das causas espirituais das enfermidades, compreende-se que a desarmonia mental mostra-se primeiramente no centro coronário em disfunção. Através dele, chega aos demais centros vitais, repercutindo imediatamente no edifício celular.[386]

Trata-se de um processo que diz, substancialmente, com a própria circulação e equilíbrio da energia vital no corpo humano, sob o comando do campo perispirítico, refletindo a posição mental. Com efeito, força vital ativa significa sustentação plena da estrutura celular; circulação precária, por disfunção ou deficiência de um centro de força, significa morbidez e sofrimento.

Essa energia, também conhecida como princípio vital, é, na verdade, a *"essência fundamental que regula a existência das células vivas, e na qual elas se banham constantemente, encontrando assim a sua necessária nutrição"*, explica EMMANUEL, acrescentando que ela *"se encontra esparsa por todos os escaninhos do universo orgânico, combinada às substâncias minerais, azotadas e ternárias, operando os atos nutritivos de todas as moléculas"*.

Ensina, mais, o venerável mestre espiritual:

O princípio vital é o agente entre o corpo espiritual, fonte da energia e da vontade, e a matéria passiva, inerente às faculdades superiores do Espírito, que o adapta segundo as

> forças cósmicas que constituem as leis físicas de cada plano de existência, proporcionando essa adaptação às suas necessidades intrínsecas. Essa força ativa e regeneradora, de cujo enfraquecimento decorre a ausência de tônus vital, precursor da destruição orgânica, é simplesmente a ação criadora e plasmadora do corpo espiritual sobre os elementos físicos.[387]

Com as informações de que já dispomos – embora poucas, pela própria falta, ainda, de terminologia que propicie à Espiritualidade esclarecimentos mais amplos –, pode-se entender, em suma, que a desarmonia mental traduz-se, no campo perispirítico, em prejuízo funcional dos centros de força, a repercutir, de sua vez, na circulação da energia vital e, consequentemente, no estado de saúde. A perturbação, registrada de início pelo centro coronário e, depois, pelos demais centros, atinge, assim, o perispírito como um todo, ainda que afete de modo mais sensível a fisiologia das estruturas físicas que mais digam com o comprometimento psíquico.

Óbvia, então, a importância da reencarnação como fator de reequilíbrio perispiritual e insubstituível processo de cura.

Assim, pode-se ter, por exemplo, em tese, que os efeitos dos abusos da inteligência, que comprometem o centro cerebral e trazem ao Espírito desencarnado o desequilíbrio psíquico, poderão ser apagados por meio da reencarnação, quando a fisiologia neuronial, sob a regência do centro cerebral afetado, impuser restrições específicas, com relação às possibilidades mentais; o descontrole emocional, suscetível de atrair, depois, o remorso e o consequente comprometimento do centro cardíaco, poderá demandar, para o devido reajuste da mente e o reequilíbrio das forças perispiríticas, o sofrimento que os distúrbios das coronárias acarretam; os excessos da gula afetarão o centro gástrico, construindo os distúrbios do aparelho digestivo; os abusos sexuais comprometerão o centro genésico, trazendo as inúmeras complicações que atingem o aparelho reprodutor, e assim por diante.

Obviamente, os processos de reajuste espiritual (de que os exemplos citados não passam de pálida demonstração) são de uma complexidade inimaginável e, na realidade, ainda não se sabe como se verificam em sua intimidade, existindo somente a certeza de que seu dinamismo subordina-se inteiramente ao comando mental.[388]

EMMANUEL transmite, a esse respeito, por Francisco Cândido XAVIER, lição magistral:

> A falta cometida opera em nossa mente um estado de perturbação, ao qual não se reúnem simplesmente as forças desvairadas de nosso arrependimento, mas também as ondas de pesar e acusação da vítima e de quantos se lhe associam ao sentimento, instaurando desarmonias de vastas proporções nos centros da alma, a percutirem sobre a nossa própria instrumentação.
>
> Semelhante descontrole apresenta graus diferentes, provocando lesões funcionais diversas.
>
> A cólera e o desespero, a crueldade e a intemperança criam zonas mórbidas de natureza

particular no cosmo orgânico, impondo às células a distonia pela qual se anulam quase todos os recursos de defesa, abrindo-se leira fértil à cultura de micróbios patogênicos nos órgãos menos habilitados à resistência.

É assim que, muitas vezes, a tuberculose e o câncer, a lepra e a ulceração aparecem como fenômenos secundários, residindo a causa primária no desequilíbrio dos reflexos da vida interior.

Todos os sintomas mentais depressivos influenciam as células em estado de mitose, estabelecendo fatores de desagregação.

Por outro lado, importa reconhecer que o relaxamento da nutrição constrange o corpo a pesados tributos de sofrimento.

Enquanto encarnados, é natural que as vidas infinitesimais que nos constituem o veículo de existência retratem as substâncias que ingerimos. Nesse trabalho de permuta constante adquirimos imensa quantidade de bactérias patogênicas que, em se instalando comodamente no mundo celular, podem determinar moléstias infecciosas de variegados caracteres, compelindo-nos a recolher, assim, de volta, os resultados de nossa imprevidência.

Alargando os ensinos, prossegue a luminosa exposição do respeitável mestre espiritual:

Mas não é somente aí, no domínio das causas visíveis, que se originam os processos patológicos multiformes.

Nossas emoções doentias mais profundas, quaisquer que sejam, geram estados enfermiços.

Os reflexos dos sentimentos menos dignos que alimentamos voltam-se sobre nós mesmos, depois de convertidos em ondas mentais, tumultuando o serviço das células nervosas que, instaladas na pele, nas vísceras, na medula e no tronco cerebral, desempenham as mais avançadas funções técnicas; acentue-se, ainda, que esses reflexos menos felizes, em se derramando sobre o córtex encefálico, produzem alucinações que podem variar de fobia oculta à loucura manifesta, pelas quais os reflexos daqueles companheiros encarnados ou desencarnados, que se nos conjugam ao modo de proceder e de ser, nos atingem com sugestões destruidoras, diretas ou indiretas, conduzindo-nos a deploráveis fenômenos de alienação mental, na obsessão comum, ainda mesmo quando no jogo das aparências possamos aparecer como pessoas espiritualmente sadias.

Não nos esqueçamos, assim, de que apenas o sentimento reto pode esboçar o reto pensamento, sem os quais a alma adoece pela carência de equilíbrio interior, imprimindo no aparelho somático os desvarios e as perturbações que lhe são consequentes.[389]

*

Tendo-se presente que a mente é a fonte geradora da saúde e da doença; que *"mágoas,*

ressentimentos, desesperos, atritos e irritações entretecem crises do pensamento, estabelecendo lesões mentais que culminam em processos patológicos";[390] que a mente *"é mais poderosa para instalar doenças e desarmonias do que todas as bactérias e vírus conhecidos"* ;[391] que a patogenia diz, então, essencialmente, com o perispírito, expressão direta da alma, a sustentar o desempenho do organismo e a transmitir-lhe também os efeitos das desarmonias mentais, comprometedoras de sua fisiologia, e que, afinal, a doença funciona como meio restaurador da estabilidade psíquica, surgindo, pois, a carne como *"uma espécie de carvão milagroso, absorvendo-nos os tóxicos e resíduos de sombra que trazemos no corpo substancial"*,[392] guardando-se consciência dessas realidades, surge muito clara a necessidade do reajuste íntimo como solução peremptória para os problemas de hoje e amanhã.

*

Quase todas as enfermidades, em tese, mesmo as tidas como fortuitas, guardam relação, direta ou indiretamente, com o merecimento individual, resultante do modo de pensar e agir no passado, e também no presente, que a ele sempre se liga.[393]

Sem perder de vista essa realidade, é possível catalogar, em moldura didática, alguns fatores de enfermidades: *injunções cármicas*, *invigilância mental*, *tensões psicológicas*, *influências psicoambientais*, *ocorrências acidentais*, *obsessão*.

Injunções cármicas

As injunções de natureza cármica, que dizem com o comportamento remoto, respondem por doenças, inibições ou predisposições que se diferenciam nitidamente das manifestações de caráter patológico devidas a causas mais atuais. Assim, erros pretéritos, a comprometerem o delicado dinamismo dos centros de força do corpo espiritual, demandam um processo restaurador que pode se prolongar, às vezes, por diversas encarnações, manifestando-se em forma de moléstias, defeitos congênitos ou predisposições à enfermidade.

Certo, pois, que o *fator conduta*, como já salientado, é sempre o determinante.

Por isso, aliás, a insistência da Espiritualidade Superior convocando-nos à reforma íntima. É que mesmo se reencarnarmos com predisposições mórbidas, sempre guardaremos a possibilidade de melhorar nosso estado perispiritual, através de uma mudança de comportamento, à luz do ensino de JESUS, indicando que *"o amor cobre uma multidão de pecados"*.[394] ANDRÉ LUIZ, por Francisco C. XAVIER, baliza esse importantíssimo tema com lição das mais primorosas:

> Não será lícito (…) esquecer que o bem constante gera o bem constante e, que, mantida a nossa movimentação infatigável no bem, todo o mal por nós amontoado se atenua, gradativamente, desaparecendo ao impacto das vibrações de auxílio, nascidas, a nosso favor, em todos aqueles aos quais dirijamos a mensagem de entendimento e amor puro,

sem necessidade expressa de recorrermos ao concurso da enfermidade para eliminar os resquícios de treva que, eventualmente, se nos incorporem, ainda, ao fundo mental.[395]

Obviamente, a hereditariedade, no domínio físico,[396] desempenha importante função, porém não impõe nenhum fatalismo biológico.

Se é verdade que muitas doenças têm caráter hereditário, não é menos certo que os Espíritos, no traçado de suas reencarnações regeneradoras, encontram a oportunidade de aproveitar o material genético que lhes favoreça a formação do corpo ideal para a recomposição do equilíbrio psicossômico. E, aliás, ensina EMMANUEL, por intermédio de Francisco C. XAVIER, que as próprias *"leis da genética encontram-se presididas por numerosos agentes psíquicos que a ciência da Terra está longe de formular, dentro dos seus postulados materialistas"*. E acrescenta: *"Esses agentes psíquicos, muitas vezes, são movimentados pelos mensageiros do plano espiritual, encarregados dessa ou daquela missão junto às correntes da profunda fonte da vida. Eis por que, aos geneticistas, comumente se deparam incógnitas inesperadas, que deslocam o centro de suas anteriores ilações"*.[397]

*

Aproveitando o suporte oferecido pelas condições hereditárias, o Espírito, na morfogênese, através do perispírito, imprime às estruturas em formação o desenvolvimento que leva às malformações ou disfunções necessárias ao seu *reajuste cármico*, e que, afinal, apenas retratam o estado de seu psiquismo.[398]

Podem alinhar-se, também, no âmbito desse raciocínio, os eventos gestatórios responsáveis pelas inúmeras ocorrências de caráter patológico, tidas como congênitas (resultantes do trauma perispirítico do remorso) e, ainda, as inatas disposições às enfermidades (fatores predisponentes), cujas eclosões, as deficiências imunológicas poderão depois propiciar. A esse respeito, traz ANDRÉ LUIZ, por Francisco C. XAVIER, lição preciosa:

> (…) a alma ressurge no equipamento físico transportando consigo as próprias falhas a se lhe refletirem na veste carnal, como zonas favoráveis à eclosão de determinadas moléstias, oferecendo campo propício ao desenvolvimento de vírus, bacilos e bactérias inúmeros, capazes de conduzi-la aos mais graves padecimentos, de acordo com os débitos que haja contraído, mas também carreia consigo as faculdades de criar no próprio cosmo orgânico todas as espécies de anticorpos, imunizando-se contra as exigências da carne, faculdades essas que pode ampliar consideravelmente pela oração, pelas disciplinas retificadoras a que se afeiçoe, pela resistência mental ou pelo serviço ao próximo com que atrai preciosos recursos em seu favor. Não podemos esquecer que o bem é o verdadeiro antídoto do mal.[399]

Claro, então, que se *"o corpo doente reflete o panorama interior do espírito enfermo"*, é

"na alma que reside a fonte primária de todos os recursos medicamentosos definitivos", lembra EMMANUEL, assentando categoricamente:

> A assistência farmacêutica do mundo não pode remover as causas transcendentes do caráter mórbido dos indivíduos. O remédio eficaz está na ação do próprio espírito enfermiço.[400]

*

Ao lado das enfermidades ou disposições tidas como de natureza cármica, alinham-se, conforme já visto, os inumeráveis eventos – muitos deles ainda não constantes dos esquemas nosológicos oficiais – atribuíveis a fatores outros, antes citados, como a invigilância mental, as tensões psicológicas, as influências psicoambientais, as ocorrências acidentais e, particularmente, a obsessão.

Invigilância mental

A invigilância no pensar atual, a produzir efeitos imediatos e futuros, constitui tema dos mais importantes.

A ausência do autodomínio que leva ao descontrole emocional, o trato antifraterno com os semelhantes, os pensamentos de agressão, ou vingança, a refletirem os sentimentos de orgulho, egoísmo e ambição, refletem-se, de imediato, no perispírito e na aura, produzindo as conhecidas *formas-pensamentos*, que, embora a transitória guarnição carnal, mostram bem a condição de quem os emite.

Allan KARDEC, com a argúcia que lhe era característica, estudou bem o fenômeno:

> Criando o pensamento imagens fluídicas, ele se reflete no invólucro perispiritual como num espelho; aí toma forma e é, de certo modo, fotografado. Se um homem, por exemplo, tem idéia de matar um outro, mesmo que o seu corpo material permaneça impassível, o seu corpo fluídico é posto em ação pelo pensamento, do qual reproduz todas as nuanças. Executa fluidicamente o gesto, o ato que deseja realizar. O pensamento cria a imagem da vítima e a cena inteira se desenha, como num quadro, tal como está em seu espírito.
>
> É deste modo que os mais secretos movimentos da alma repercutem no indivíduo fluídico; que uma alma pode ler em outra alma como num livro, e enxergar o que não é perceptível aos olhos do corpo.[401]

As ideias pensadas projetam-se, pois, na aura, possibilitando até mesmo a identificação espiritual da mente emissora. (Formas-pensamentos há que são perfeitamente suscetíveis de serem fotografadas, se presentes as necessárias condições. KARDEC chegou a cunhar a denominação *"fotografia do pensamento"* cujo processo, aliás, foi investigado por diversos pesquisadores, entre eles BARADUC.)

É bem de ver, pois, que os pensamentos de cólera ou ódio, de paz ou amor, claramente representados na aura de quem os emite, não só podem refletir-se nos outros, como, de modo especial, produzem efeitos certos no equipamento fisiológico de quem os produz, atraindo forças semelhantes.[402]

Essas formas-pensamentos,[403] quando refletem estados mentais em descontrole, podem nutrir, a partir do centro coronário, as mais sérias disfunções do corpo espiritual. Pelos *"torturados desequilíbrios"* que produzem, chegam a ser classificados por ANDRÉ LUIZ como *"larvas mentais, de extremo poder corrosivo e alucinatório, não obstante a fugaz duração com que se articulam"* ![404]

E seu significado patogênico cresce em importância quando se compreende que as projeções das mentes em desequilíbrio, como antes apontado, atrai, por *sintonia* e *afinidade*, a companhia de afins espirituais, igualmente enfermiços, amplificando sobremaneira os efeitos patológicos.

Tensões psicológicas

As tensões psicológicas e as experiências traumáticas alinham-se também, claramente, entre os fatores desencadeantes de enfermidades.

Sabem os psiquiatras e psicólogos da influência decisiva do psiquismo na fisiologia orgânica.

Já não é desconhecido o prejuízo físico que o sofrimento emocional, a chamada *dor moral* (atribuível a inúmeras circunstâncias, até mesmo a certos afloramentos subconscientes), o estresse, em suas múltiplas faces (até mesmo o causado pelos exageros de imaginação), podem acarretar, favorecendo, com a queda da imunidade, a instalação até das mais graves patologias.

É que a mente em desgoverno causa a disfunção dos centros de força do perispírito, não só propiciando o surgimento de distúrbios psicológicos como pela repercussão neuroendócrina que desestabiliza o próprio sistema defensivo.[405]

Essa, aliás, a razão da insistente convocação dos Espíritos ao equílibrio mental, como, a propósito, faz EMMANUEL, pela mediunidade de Francisco C. XAVIER:

> (…) os sintomas patológicos na experiência comum, em maioria esmagadora, decorrem dos reflexos infelizes da mente sobre o veículo de nossas manifestações, operando desajustes nos implementos que o compõem.
>
> Toda emoção violenta sobre o corpo é semelhante a martelada forte sobre a engrenagem de máquina sensível, e toda aflição amimalhada é como ferrugem destruidora, prejudicando-lhe o funcionamento.
>
> Sabe hoje a medicina que toda tensão mental acarreta distúrbios de importância no corpo físico.

(...)

O pensamento sombrio adoece o corpo são e agrava os males do corpo enfermo.

Se não é aconselhável envenenar o aparelho fisiológico pela ingestão de substâncias que o aprisionem ao vício, é imperioso evitar os desregramentos da alma que lhe impõem desequilíbrios aviltantes, quais sejam aqueles hauridos nas decepções e nos dissabores que adotamos por flagelo constante do campo íntimo.

Cultivar melindres e desgostos, irritação e mágoa, é o mesmo que semear espinheiros magnéticos e adubá-los no solo emotivo de nossa existência, é intoxicar, por conta própria, a tessitura da vestimenta corpórea, estragando os centros de nossa vida profunda e arrasando, conseqüentemente, sangue e nervos, glândulas e vísceras do corpo que a Divina Providência nos concede entre os homens, com vistas ao desenvolvimento de nossas faculdades para a Vida Eterna.

Guardemos, assim, compreensão e paciência, bondade infatigável e tolerância construtiva em todos os passos da senda, porque somente ao preço de nossa incessante renovação mental para o bem, com o apoio do estudo nobre e do serviço constante, é que superaremos o domínio da enfermidade, aproveitando os dons do Senhor e evitando os reflexos letais que se fazem acompanhar do suicídio indireto.[406]

Influências psicoambientais

As influências do ambiente psíquico (*psicosfera ambiental*) podem comparecer como fator bem significativo na instalação de uma doença. É que, se impregnado de energias salutares, produz efeitos benfazejos, e se saturado de forças deletérias, resquícios de formas-pensamentos degeneradas, pode causar malefícios, dadas as inevitáveis repercussões no corpo espiritual.

Esse tema também mereceu do Codificador, em *A Gênese*, preciosas considerações:

Se os eflúvios são de boa natureza, o corpo ressente uma impressão salutar; se são maus, a impressão é penosa. Se são permanentes e enérgicos, os eflúvios maus podem ocasionar desordens físicas; não é outra a causa de certas enfermidades.

(...)

(...) do mesmo modo que há radiações sonoras, harmoniosas ou dissonantes, também há pensamentos harmônicos ou discordantes. Se o conjunto é harmonioso, agradável é a impressão; penosa, se aquele é discordante. Ora, para isso, não se faz mister que o pensamento se exteriorize por palavras; quer ele se externe, quer não, a irradiação existe sempre.

Tal a causa da satisfação que se experimenta numa reunião simpática, animada de pensamentos bons e benévolos. Envolve-a uma como salubre atmosfera moral, onde se respira à vontade; sai-se reconfortado dali, porque impregnado de salutares eflúvios

> fluídicos. Basta, porém, que se lhe misturem alguns pensamentos maus, para produzirem o efeito de uma corrente de ar gelado num meio tépido, ou o de uma nota desafinada num concerto. Desse modo também se explica a ansiedade, o indefinível mal-estar que se experimenta numa reunião antipática, onde malévolos pensamentos provocam correntes de fluido nauseabundo.[407]

Vê-se, pois, em suma, que se as formas-pensamentos, por si só, projetam efeitos *corrosivos* na fisiologia perispirítica, quando associadas às influências psicoambientais – e isso acontece na maioria das vezes –, as consequências apresentam-se mais nefastas e duradouras.

Ocorrências acidentais

As ocorrências acidentais, obviamente, surgem também como causas possíveis de enfermidades.

Desde os abusos alimentares e as condutas ditadas pela imprudência até os acidentes mais graves, fatos inúmeros acontecem que, podendo afetar perigosamente até o regime de sustentação vital propiciado pelo perispírito, trazem transtornos e sofrimentos, estados enfermiços que ganham a mais diversa rotulagem – sempre, é verdade, de acordo com a Lei do Merecimento.

Obviamente, eventos dolorosos do cotidiano, em suas diversas feições, nem sempre se traduzem, ainda que respeitadas as predisposições, por resgates inevitáveis, expiação de vidas pretéritas – como é o caso, por exemplo, de certos acidentes aviatórios ou rodoviários –, sabendo-se que, por um lado, ao usufruirmos do livre-arbítrio, semeamos e colhemos a todo instante, e, de outro, que o percurso evolutivo, em si, oferece-nos continuamente os mais variados – e, às vezes, imprevistos – estímulos à aprendizagem e sensibilização.

Em verdade, estabelece a economia evolutiva que todo sofrimento, ainda que, de alguma forma, sem raízes no passado, serve ao despertamento psíquico,[408] como convite divino ao crescimento espiritual em direção ao Reino da Luz.

Obsessão

A obsessão, reconhecidamente, é fonte das mais diversas e perigosas patologias.

Tratando-se de matéria especialmente importante, impõe-se seja aprofundada em capítulo próprio, como a seguir acontece.

* * *

XIV.
PERISPÍRITO E OBSESSÃO

obsessão constitui um dos capítulos mais importantes do Espiritismo, pois, como se sabe,

A inscreve-se no rol das experiências mais dolorosas do ser humano.

Consiste, genericamente, na ação maléfica de um ou mais Espíritos sobre outro(s), de nefastas consequências psíquicas – ou psicofísicas, no caso de paciente(s) encarnado(s).

Suas causas são sempre de ordem moral e embora, às vezes, se nos escapem a uma melhor compreensão, seus perigosos efeitos já são bem conhecidos.

Relaciona-se, comumente, com os desejos de vingança, mas pode ligar-se também à simples vontade de prejudicar ou a outros motivos ou circunstâncias. De qualquer forma, não deixando de considerar que a obsessão *"é sempre uma prova, nunca um acontecimento eventual"*, como indica EMMANUEL,[409] impõe-se lembrar, também, o aviso de ANDRÉ LUIZ, de que *"toda obsessão tem alicerces na reciprocidade"*.[410]

Nessa direção, aliás, o notável Instrutor nos transmite esclarecimento dos mais preciosos:

> A obsessão é sinistro conúbio da mente com o desequilíbrio comum às trevas.
>
> Pensamos, e imprimimos existência ao objeto idealizado.
>
> A resultante visível de nossas cogitações mais íntimas denuncia a condição espiritual que nos é própria, e quantos se afinam com a natureza de nossas inclinações e desejos aproximam-se de nós, pelas amostras de nossos pensamentos.
>
> Se persistimos nas esferas mais baixas da experiência humana, os que ainda jornadeiam nas linhas da animalidade nos procuram, atraídos pelo tipo de nossos impulsos inferiores, absorvendo as substâncias mentais que emitimos e projetando sobre nós os elementos de que se fazem portadores.[411]

*

A obsessão é fenômeno dos mais complexos e, na verdade, ainda é cedo para que se alcancem conclusões que digam com todos os aspectos de sua manifestação, embora a literatura espírita já mostre importantes trabalhos a respeito, todos de inegável valor científico.

O primeiro estudo sistemático da obsessão, que se conhece, deve-se a Allan KARDEC. Examinando seus efeitos na *prática mediúnica*, constatou a existência de três tipos básicos de ocorrência: *obsessão simples*, *fascinação* e *subjugação*.

Verifica-se a obsessão simples, *"quando um Espírito malfazejo se impõe a um médium, se imiscui, a seu mau grado, nas comunicações que ele recebe, o impede de se comunicar com outros Espíritos e se apresenta em lugar dos que são evocados"*.

Nesse tipo de obsessão, *"o médium reconhece sua dificuldade a felonia e, como se mantém em guarda, raramente é enganado"*. (O Codificador inclui nessa categoria os casos que qualifica como *obsessão física*: *"manifestações ruidosas e obstinadas de alguns Espíritos, que fazem se ouçam, espontaneamente, pancadas ou outros ruídos"*.)

A *fascinação*, muito mais grave, é caracterizada por KARDEC como *"uma ilusão produzida pela ação direta do Espírito sobre o pensamento do médium e que, de certa maneira, lhe paralisa o raciocínio, relativamente às comunicações"*. Explica mais, o Codificador: *"O médium fascinado não acredita que o estejam enganando: o Espírito tem a arte de lhe inspirar confiança cega, que o impede de ver o embuste e de compreender o absurdo do que escreve, ainda quando esse absurdo salte aos olhos de toda gente. A ilusão pode mesmo ir até ao ponto de o fazer achar sublime a linguagem mais ridícula"*.

Se na obsessão simples, o obsessor não passa, seguidamente, de um inoportuno, na fascinação o Espírito mostra-se perigosamente ardiloso, *"porquanto não pode operar a mudança e fazer-se acolhido, senão por meio da máscara que toma e de um falso aspecto de virtude"*.

Finalmente, quanto à subjugação, KARDEC a define como "*um verdadeiro jugo*" a que fica submetido o paciente, ao contrário do que ocorre na fascinação, em que é menor o domínio do obsessor. *"A subjugação é uma constrição que paralisa a vontade daquele que a sofre e o faz agir a seu mau grado"*, esclarece o Codificador, entendendo, ainda, que pode ela ser moral ou corporal. No primeiro caso, *"o subjugado é constrangido a tomar resoluções muitas vezes absurdas e comprometedoras que, por uma espécie de ilusão, ele julga sensatas"*. Na subjugação corporal, "o Espírito atua sobre os órgãos materiais e provoca movimentos involuntários".[412]

*

Com o desenvolvimento do Espiritismo – no Brasil, principalmente –, autores encarnados e desencarnados, buscando identificar aspectos particulares das ocorrências ligadas à obsessão, têm sugerido alguns esquemas classificatórios mais ou menos abrangentes e que, por vezes, se complementam.

Assim, por exemplo, Carlos Toledo RIZZINI (1921-1992), que foi membro da Academia Brasileira de Ciências, identificou os seguintes tipos de obsessão: (**1**) *obsessões devidas à atração por sintonia com o plano inferior*; (**2**) *obsessões devidas à influência recíproca de encarnados e desencarnados (obsessões bidirecionais)*; (**3**) *obsessões causadas por sugestão hipnótica durante o sono*; (**4**) *obsessões resultantes de uma dominação telepática*; (**5**) *obsessões devidas à influência sutil*; (**6**) *obsessões oriundas da mediunidade perturbada*; (**7**) *obsessões surgidas da imantação pela cumplicidade ou conivência*; (**8**) *obsessões vindas do desejo de vingança*; (**9**) *obsessões entre vivos*; (**10**) *obsessões coletivas*.[413]

Já os pesquisadores do Centro de Treinamento e Estudo – CTE –, da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, classificam os vários tipos de obsessão de acordo com os seguintes critérios: (**1**) *Segundo a Natureza do Agente Obsessor* : Desencarnado para Encarnado; Desencarnado para Desencarnado; Encarnado para Desencarnado; Encarnado para Encarnado; (**2**) *Segundo a Variedade do Agente Obsessor* : Obsessão Individual ou Unidirecional; Obsessão Recíproca ou Bidirecional; Obsessão Múltipla; Obsessão Coletiva.[414]

Marlene Rossi Severino NOBRE, Presidente da Associação Médico-Espírita do Brasil, constrói, de sua vez, quadro dos mais abrangentes. Segundo a festejada autora, as obsessões podem ser de *Natureza Anímica* ou de *Natureza Espirítica*.

As de *Natureza Anímica* surgem como obsessões de *Efeitos Inteligentes* ou de *Efeitos Físicos*. Definem-se como de Efeitos Inteligentes, as seguintes ocorrências: (**1**) *Obsessão Telepática*; (**2**) *Auto-Obsessão*; (**3**) *Personalidade Antiga Cristalizada (Fixação Mental)*; (**4**) *Possessão Partilhada (Parceiros no Vício)*. Já as de *Efeitos Físicos* dizem respeito aos casos de *poltergeist*.

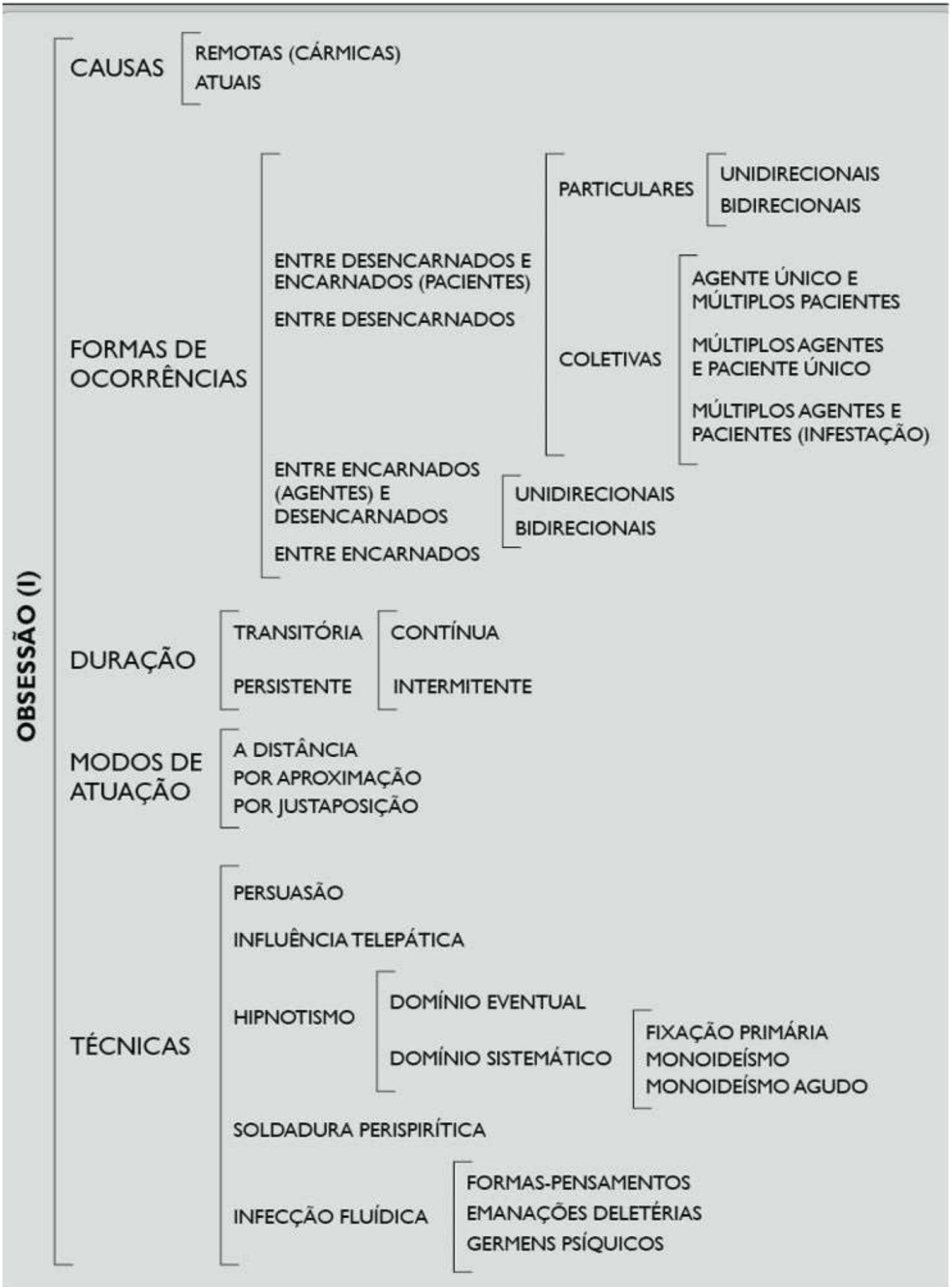
As de *Natureza Espirítica* comparecem também como sendo de *Efeitos Inteligentes* ou de *Efeitos Físicos*. Classificam-se como de *Efeitos Inteligentes*, as obsessões ligadas às seguintes causas ou situações: (**1**) *Simbioses em Graus Diversos*; (**2**) *Parasitose Mental* ou *Vampirismo Espiritual*: *Infecções Fluídicas*, *Fixação Mental*, *Patologias do Corpo Espiritual* (*Parasitas Ovoides*, *Deformações* e *Zoantropia*), *Vampirismo com Repercussões Orgânicas* (*Possessão*, *Epilepsias*, *Neuroses*, etc.); (**3**) *Sintonia – Prevalência do Mecanismo Hipnótico*: *Fascinação*, *Canalização com Dominação Telepática*; *Obsessão Oculta*; *Obsessão durante o Sono Físico*; *Obsessão Coletiva*; (**4**) *Pensamentos Sonorizados*; (**5**) *Processo Alérgico*.

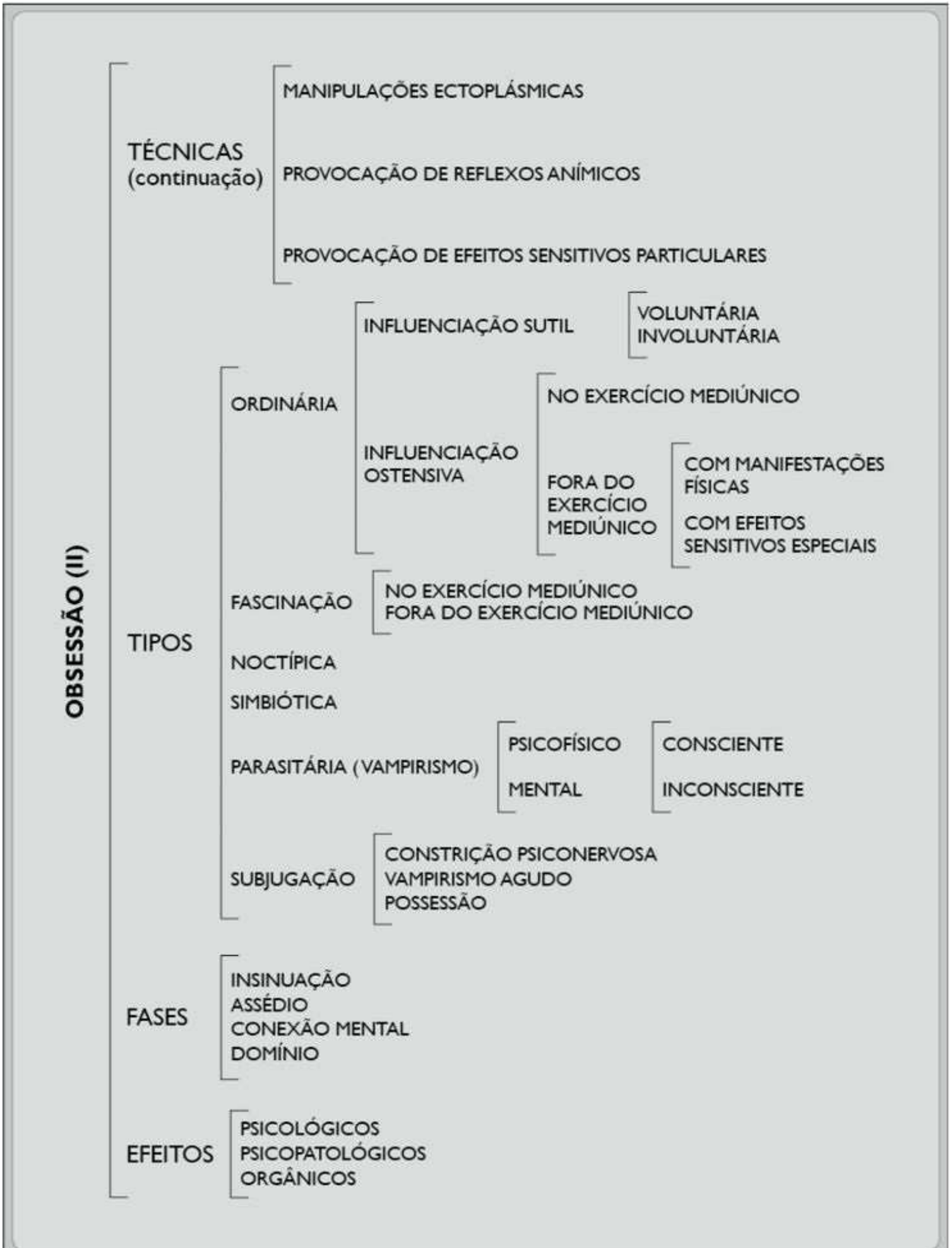
As obsessões de *Efeitos Físicos*, como anteriormente, guardam relação com os casos de *poltergeist*.[415]

*

As elaborações precitadas servem de mostra das dificuldades existentes para uma identificação clara das múltiplas ocorrências de natureza obsessiva, dificuldades essas, ditadas, como ressaltado, pela extraordinária complexidade que emoldura o tema.

Considerando-se, todavia, esse notável edifício doutrinário que Mestres desencarnados e pesquisadores encarnados têm sabido construir, há século e meio, é possível pensar, ainda – sem deixar de reconhecer a extraordinária importância dos trabalhos mencionados –, num esquema taxionômico que especifique, a par dos diversos *tipos*, aspectos como as *causas* da obsessão, as suas *formas de ocorrência*, a *duração*, os *modos de atuação* dos agentes obsessores, suas *técnicas*, as *fases do processo obsessivo* e os seus *efeitos*, como a seguir é exposto.


OBSESSÃO (I)
CAUSAS
REMOTAS (CÁRMICAS)
ATUAIS
FORMAS DE OCORRÊNCIAS
ENTRE DESENCARNADOS E ENCARNADOS (PACIENTES)
ENTRE DESENCARNADOS
PARTICULARES
UNIDIRECIONAIS
BIDIRECIONAIS
COLETIVAS
AGENTE ÚNICO E MÚLTIPLOS PACIENTES
MÚLTIPLOS AGENTES E PACIENTE ÚNICO
MÚLTIPLOS AGENTES E PACIENTES (INFESTAÇÃO)
ENTRE ENCARNADOS (AGENTES) E DESENCARNADOS
UNIDIRECIONAIS
BIDIRECIONAIS
ENTRE ENCARNADOS
DURAÇÃO
TRANSITÓRIA
CONTÍNUA
PERSISTENTE
INTERMITENTE
MODOS DE ATUAÇÃO
A DISTÂNCIA
POR APROXIMAÇÃO
POR JUSTAPOSIÇÃO
TÉCNICAS
PERSUASÃO
INFLUÊNCIA TELEPÁTICA
HIPNOTISMO
DOMÍNIO EVENTUAL
DOMÍNIO SISTEMÁTICO
FIXAÇÃO PRIMÁRIA
MONOIDEÍSMO
MONOIDEÍSMO AGUDO
SOLDADURA PERISPIRÍTICA
INFECÇÃO FLUÍDICA
FORMAS-PENSAMENTOS
EMANAÇÕES DELETÉRIAS
GERMENS PSÍQUICOS


OBSESSÃO (II)
TÉCNICAS (continuação)
MANIPULAÇÕES ECTOPLÁSMICAS
PROVOCAÇÃO DE REFLEXOS ANÍMICOS
PROVOCAÇÃO DE EFEITOS SENSITIVOS PARTICULARES
TIPOS
ORDINÁRIA
INFLUENCIAÇÃO SUTIL
VOLUNTÁRIA
INVOLUNTÁRIA
INFLUENCIAÇÃO OSTENSIVA
NO EXERCÍCIO MEDIÚNICO
FORA DO EXERCÍCIO MEDIÚNICO
COM MANIFESTAÇÕES FÍSICAS
COM EFEITOS SENSITIVOS ESPECIAIS
FASCINAÇÃO
NO EXERCÍCIO MEDIÚNICO
FORA DO EXERCÍCIO MEDIÚNICO
NOCTÍPICA
SIMBIÓTICA
PARASITÁRIA (VAMPIRISMO)
PSICOFÍSICO
MENTAL
CONSCIENTE
INCONSCIENTE
SUBJUGAÇÃO
CONSTRIÇÃO PSICONERVOSA
VAMPIRISMO AGUDO
POSSESSÃO
FASES
INSINUAÇÃO
ASSÉDIO
CONEXÃO MENTAL
DOMÍNIO
EFEITOS
PSICOLÓGICOS
PSICOPATOLÓGICOS
ORGÂNICOS

Causas

De acordo com essa proposta, as *Causas* da obsessão – que sempre acontece como resultado da sintonia mental que se estabelece entre agente(s) e paciente(s), ditada, sobretudo, pela afinidade moral existente entre os partícipes do processo – podem ser *Remotas* ou *Atuais*.

Causas remotas (cármicas)

As causas remotas – admitidas, muitas, como *cármicas* – guardam relação com as vidas pregressas e dizem, principalmente, com os vínculos de ódio e desejos de vingança resultantes de relacionamentos pretéritos. Esclarece, a propósito, KARDEC:

> Quase sempre a obsessão exprime vingança tomada por um Espírito e cuja origem freqüentemente se encontra nas relações que o obsidiado manteve com o obsessor, em precedente existência.[416]

Considerando as deficiências que ostentamos, principalmente em matéria afetiva, não é difícil, pois, compreender que, como anota o Espírito ODILON FERNANDES, *"não somos poucos os que padecemos obsessões cármicas, alimentadas pelo ódio secular dos que magoamos em outras existências, plantando em suas almas os espinhos com que agora nos ferem"*.[417]

Por essa razão, porque alimentada, quase sempre, pelo ódio dos que foram magoados em pretéritas existências, a obsessão cármica *"não raro, se arrasta por séculos e envolve uma série de fatores que não podem ser menosprezados"*, escreve, ainda o citado Autor, pela mediunidade de Carlos A. BACELLI, acrescentando:

> Todo processo obsessivo que assim se caracterize, engloba em seu contexto um grupo de almas que se movimentam como peças num tabuleiro de xadrez (…) Inter-reagindo psiquicamente, nada há que afete um de seus integrantes que não repercuta sobre os demais; por isto a solução de um problema de obsessão cármica demanda trabalho mais abrangente, quase sempre relacionando componentes além dos que diretamente se revelem envolvidos na trama.[418]

Causas atuais

Relacionam-se, principalmente, com os prejuízos que, inadvertidamente, em pensamento e atos, causamos aos nossos semelhantes, no dia a dia de nossa existência atual, atraindo merecidas perturbações e sofrimentos, e, de resto, com muitas de nossas atitudes mentais (orgulho, luxúria, etc.), com as quais oferecemos condições para que nossos afins espirituais instalem-se confortavelmente em nossa mente, contaminando-nos com seus potenciais deletérios. Como leciona ANDRÉ LUIZ, hábitos menos dignos funcionam quais entidades vivas

"oferecendo elementos de ligação com os infelizes que se encontram em nível inferior".[419]

Em outras palavras, a invigilância que leva a atitudes irreverentes, maledicentes, hipócritas, egoístas, desonestas, agressivas, e até espoliadoras de vidas e bens, acaba comprometendo a própria harmonia mental, abrindo brechas perispiríticas, que, seguidamente, podem comparecer como canais propícios às mais sérias obsessões.

Formas de ocorrência

Com relação às *Formas de Ocorrência* do processo obsessivo, constata-se que elas acontecem tanto entre *Desencarnados e Encarnados* (pacientes, estes), como entre *Encarnados e Desencarnados* (agentes, aqueles), ou entre *Desencarnados e Encarnados* entre si.

Entre desencarnados e encarnados (pacientes)

A atuação de agentes desencarnados sobre pacientes encarnados marca o fenômeno obsessivo, propriamente. Com efeito, segundo o conceito kardeciano,[420] a obsessão é a ação persistente de um Espírito sobre um indivíduo (encarnado). Assim considerando, poder-se-ia afirmar que essa forma de ocorrência obsessiva seria a típica e, aliás, a mais facilmente observável.

Observa-se que, nessa modalidade, o processo pode envolver um ou mais partícipes em cada polo da relação obsessiva.

São as ocorrências *particulares* ou *coletivas*.

Nas *particulares*, constata-se que tanto a influenciação pode partir do obsessor, exclusivamente – e este é o caso mais comum –, como, no início ou durante o processo, o obsidiado também pode passar a influenciar o agente, em caráter de reciprocidade e em direção, não raro, ao estabelecimento, até, de uma relação simbiótica.

A maneira como se processa o fenômeno obsessivo entre as partes, permite, então, nele encontrar tanto as ocorrências *unidirecionais*, como as *bidirecionais*, em que obsessores e obsidiados trocam forças psíquicas, sustentando-se, muitas vezes, mutuamente, ainda que o alimento não passe de energia degradada.[421]

Essas obsessões, marcadas pela atuação de Espíritos em pacientes encarnados, podem acontecer – ainda que não comumente – com o envolvimento de mais de dois partícipes: são as ocorrências coletivas.

As obsessões *coletivas* podem implicar a ação de (**a**) *agente único sobre múltiplos pacientes*, a ação de (**b**) *múltiplos agentes sobre paciente único*, ou a participação de (**c**) *múltiplos agentes e pacientes*.

O primeiro caso – *agente único e múltiplos pacientes* –, refere-se ao domínio que *um Espírito*, avançado em conhecimento e pobre em amorosidade, pode exercer sobre *um grupo de indivíduos*, receptivos, por suas condições (culpa, medo, maldade, etc.), a esse tipo de

influência. Um só Espírito pode impor sua vontade sobre vários outros, submissos ao seu comando telepático ou, até, hipnótico.

Com relação à ação simultânea de *vários Espíritos sobre um outro*, observe-se que é mais facilmente detectável naquelas situações obsessivas em que muitas vítimas de ontem, do atual obsidiado, associam-se em doloroso processo de vingança coletiva. Trata-se de ocorrência muito comum – como, aliás, também comuns, infelizmente, têm sido em todas as épocas os massacres e os martírios impostos nas guerras e perseguições por infelizes detentores de poder, obrigados, depois, a se submeter aos efeitos de seus atos.

Já os casos que envolvem *vários agentes e pacientes* ao mesmo tempo, constituindo as chamadas *infestações obsessivas* ou "epidemias de obsessão", soem acontecer menos comumente. Observa KARDEC:

> O que pode um Espírito fazer com um indivíduo, podem-no muitos Espíritos com muitos indivíduos simultaneamente e dar à obsessão caráter epidêmico. Uma nuvem de maus Espíritos invade uma localidade e aí se manifestam de diversas maneiras. Foi uma epidemia desse gênero que se abateu sobre a Judéia ao tempo do Cristo. Ora, o Cristo, pela sua imensa superioridade moral, tinha sobre os demônios ou maus Espíritos tal autoridade, que bastava lhes ordenasse que se retirassem para que eles o fizessem e, para isso, não empregava fórmulas nem gestos ou sinais.[422]

A literatura espírita registra vários casos de infestação obsessiva, entre eles o célebre episódio envolvendo os habitantes da localidade francesa de Morzine, situada entre as montanhas da Alta-Saboia.

A esse respeito, KARDEC, que acompanhou pessoalmente os acontecimentos, informa:

> Os primeiros sintomas da epidemia de Morzine se declaravam em março de 1857 em duas meninas de uns doze anos. Em novembro seguinte o número de doentes era de vinte e sete e em 1861 atingiu o máximo de cento e vinte.

A seguir, reportando-se a relatório feito pelo enviado do governo francês (1861), Dr. CONSTANT, para estudar a "doença", assim o sintetiza:

> Essas moças falam francês durante a crise, com uma admirável facilidade, mesmo as que, fora daí, só sabem algumas palavras.
>
> Uma vez em crise, as moças perdem completamente qualquer reserva, seja para o que for; também perdem completamente toda afeição de família.
>
> A resposta é sempre tão pronta e fácil, que parece vir antes da interrogação. Esta resposta é sempre direta, exceto quando quem fala responde por tolices, insultos ou uma recusa formal.
>
> Durante a crise o pulso fica calmo e, no maior furor, o personagem tem um ar de domínio, como alguém que tivesse a cólera sob comando, sem parecer nem exaltado

nem tomado de um acesso de febre.

Notamos durante as crises uma insolência incrível, que ultrapassa qualquer limite, em meninas que, fora daí, são delicadas e tímidas.

Durante a crise há em todas as meninas um caráter de impiedade permanente, levado além de todo o limite, dirigido contra tudo o que lembra Deus, os mistérios da religião, Maria, os santos, os sacramentos, a prece, etc.; o caráter dominante destes momentos terríveis é o ódio a Deus e a tudo quanto a Ele se refere.

Constatamos muito bem que essas meninas revelam coisas que chegam de longe, bem como fatos passados de que não tinham conhecimento; também revelaram pensamento de várias pessoas.

Algumas vezes anunciaram o começo, a duração e o fim das crises, o que farão mais tarde e o que não farão. Sabemos que deram respostas exatas a perguntas feitas em línguas desconhecidas, como alemão, latim, etc.

No estado de crise as moças têm uma força sem proporção com a idade, pois são precisos três ou quatro homens para conter, durante o exorcismo, meninas de dez anos.

É de notar-se que, durante a crise, as meninas não se maltratam, nem pelas contrações, que parecem de natureza a deslocar os membros, nem pelas quedas, nem pelas pancadas violentas que se dão.

(...)

Fora das crises as meninas não têm qualquer lembrança do que disseram ou fizeram; quer a crise tenha durado todo o dia, quer tenham feito trabalhos prolongados ou encargos dados no estado de crise.[423]

Esse caso extraordinário chamou a atenção de toda a Europa. O jornal *Magnétiseur*, publicado em Genebra, Suíça (maio de 1864, nº 15), noticiou assim o fato:

A epidemia demoníaca que, desde 1857, reina no burgo de Morzine e nos casebres vizinhos, situados entre as montanhas da Alta-Sabóia, ainda não cessou a sua devastação. O governo francês, desde que a Sabóia lhe pertence, preocupou-se com o caso. Enviou ao local homens especializados, inteligentes e capazes, inspetores dos hospícios de alienados etc., a fim de estudar a natureza e observar a marcha da doença. Tomaram algumas medidas, tentaram o deslocamento e transportaram as jovens doentes para Chambéry, Annecy, Evian e Thonon, etc. Mas os resultados dessas tentativas não foram satisfatórios. Malgrado o tratamento médico, as curas foram inexpressivas. E quando as infelizes jovens retornaram às suas casas, recaíram no mesmo estado de sofrimento. Depois de haver atingido, inicialmente, as crianças e as mocinhas, a epidemia estendeu-se às mães de famílias e às senhoras idosas. Poucos homens lhe sentiram a influência; contudo, custou a vida de um deles. Esse infeliz meteu-se no estreito espaço entre o fogão e a parede, de onde dizia não poder sair; ali ficou um mês,

sem se alimentar – morreu de esgotamento e inanição.[424]

Um outro periódico, *Courrier de Alpes*, assim se manifestava:

> Todos conhecem a triste e singular doença que, há anos, aflige a comunidade de Morzine, à qual não se sabe que nome dar. A ciência aí se perde – eis uma confissão da impotência. Então, que é que farão os médicos? Os alienistas fracassaram. Ora, desde que a ciência em si se perde, o que é uma grande verdade, os alienistas não são mais especialistas que os cirurgiões… Tudo revela uma causa moral e enviam homens que só acreditam na matéria. Procuram na matéria e aí nada encontram. Isto prova que não procuram onde é preciso. Se querem médicos mais especialistas, que os escolham entre os espiritualistas e não entre os materialistas. Ao menos aqueles poderão compreender que possa haver algo fora do organismo.[425]

O episódio Morzine, envolvendo toda uma localidade, evidentemente é incomum – e, por isso mesmo, atraiu tanta atenção, até mesmo do governo e dos médicos franceses. Mas a história tem registrado fatos semelhantes, envolvendo pequenas comunidades, até mesmo religiosas, em que turbas de obsessores levavam freiras e padres, nos antigos conventos, a caírem em contorsões, em grupos (caso dos *convulsionários*), quando não os conduziam à prática de desatinos, até de natureza sexual.

No quadro das obsessões coletivas podem também ser incluídos os tristes casos em que falsos profetas, fazendo-se de místicos, e servindo às legiões trevosas, atraem incautas multidões em torno de suas pregações, e que, depois, por processo de sintonia, passam a servir de pasto às falanges de obsessores, que também podem levá-las ao suicídio, como nos dá conta a história recente, em que um pregador americano induziu ao suicídio, por envenenamento, centenas de seguidores, de uma só vez.

Fatos como esse, aliás, infelizmente, têm acontecido em todos os tempos e lugares, até no Brasil. Carlos Toledo RIZZINI, a propósito, refere-se a um episódio acontecido antes do surgimento da Codificação:

> Aqui, no Brasil, houve um caso típico em Pedra Bonita, MG, entre 1836 e 1838. Um homem obsedado pregava que havia um reino encantado que, banhado o solo com sangue humano, seria desencantado e ofereceria grandes riquezas. Conseguiu atrair ao local cerca de 300 pessoas falando-lhes, em tom místico, dos tesouros; a ignorância e a cobiça fizeram o resto. O relator do episódio esclarece que o chefe disso pudera 'mergulhar aquela turba numa espécie de delírio ou embriaguez continuada' – isto é, na obsessão. As pessoas ofereciam os próprios filhos para o sacrifício e algumas suicidavam-se, dando em resultado a morte de 53 em dois dias e meio! Um dos seduzidos conseguiu escapar e avisou pessoas gradas das redondezas que, indignadas, puseram fim à loucura coletiva pelas armas, salvando ainda uma porção de coitados.[426]

Entre desencarnados

O fenômeno da obsessão pode ocorrer entre Espíritos desencarnados – fato, aliás, muito comum. São os dolorosos dramas, geralmente envolvendo almas sedentas de vingança, ou Espíritos que só se comprazem com o sofrimento alheio, influenciando, conduzindo, magnetizando, dominando outras mentes, roídas pelo sentimento de culpa ou enfraquecidas de vontade, forjando inevitáveis futuros de dor.

Como se verifica na obsessão de encarnados por desencarnados, também no caso de ocorrência entre desencarnados pode ela se verificar de forma a envolver dois indivíduos (obsessor e obsidiado), *unidirecional* ou *bidirecionalmente*, ou uma coletividade, *unidirecionalmente*.

Nas obsessões *unidirecionais*, a atuação do(s) obsessor(es) é preponderante ou exclusiva.

Nas *bidirecionais*, a atuação passa a ser recíproca.

Mentes desencarnadas, jungidas em intrincado processo obsessivo, sob o sustento da afetividade em desequilíbrio, podem permutar, até inconscientemente, energias entre si, passando o(s) paciente(s), com o tempo, a exercer, recíproca, simultaneamente, ação sobre o(s) agente(s). Obviamente, tal processo, como os demais, relaciona-se basicamente com a qualidade do sentimento, responsável pelo padrão mental.

Quanto às formas *coletivas* de obsessão entre os desencarnados, as obras do Espírito ANDRÉ LUIZ, ditadas principalmente a Francisco C. XAVIER, mostram casos em que, do mesmo modo como acontece entre desencarnados e encarnados, um *agente único*, no exercício inteligente da liderança, consegue impor seu comando a um *grupo de Espíritos*, até por via hipnótica; ou, de outro lado, em que *múltiplos Espíritos*, normalmente movidos por sentimentos de ódio e vingança, cercam e dominam um *desencarnado*, quase sempre antigo algoz, sufocando-o, pelas brechas da culpa, em pesadelos e alucinações.

Finalmente, os casos de obsessão entre desencarnados, envolvendo *múltiplos agentes e pacientes* (infestação obsessiva), caracterizam, sem dúvida, relações obsessivas das mais nefastas de que se tem conhecimento. De fato, se a força mental que brota de um grupo de Espíritos elevados pode restaurar as energias de muitos, a produzida por mentes inferiores, em conjunto, sintonizadas entre si, pode possibilitar-lhes – dentro de seus recursos e se presentes as necessárias condições ditadas pela lei da afinidade – o domínio de um outro grupo de desencarnados, propício a esse tipo de ação, impondo-lhes, por vezes, os mais graves prejuízos.

Entre encarnados (agentes) e desencarnados

Encarnados também podem obsedar Espíritos desencarnados, por meio de uma ação telepática persistente. São comuns, aliás, esses processos em que encarnados, emitindo constantemente pensamentos de ódio, inconformação, revolta, desespero – ou, por vezes, de incontida saudade –, em direção a alguém que tenha desencarnado, acaba por atingi-lo em seu equilíbrio mental e perispirítico.

Também nesses casos, a ação obsessiva pode apresentar-se *bidirecionalmente*, se o paciente desencarnado, captando os pensamentos projetados em sua direção, passar a uma ação de resposta, compondo, então, um possível quadro de obsessão recíproca.

Entre encarnados

Laços obsessivos que se estabelecem entre os encarnados são comuns e não menos perigosos. Ideias fixas, decorrentes de paixão, desejo de poder, ciúme, ânsia sexual, desejo de vingança, ressentimento, raiva, são forças vivas a se projetarem em direção às mentes-alvos, construindo, em havendo sintonia, reflexos e, depois, circuitos obsessivos de perigosas consequências.

Essas influenciações de natureza telepática podem chegar a representar domínio de uma das partes que, aliás, é geralmente revigorado durante o sono físico.

Presentes as condições de receptividade – fundamentais, como se sabe –, pode instalar-se, como nos outros casos, a influenciação mútua, bidirecional, trilha de duas mãos semeada de sofrimentos psíquicos e físicos, resultado de disfunções perispiríticas que podem, aliás, projetar-se além-desencarnação e pós-renascimento.

Francisco C. XAVIER, intermediando o luminoso pensamento do Espírito EMMANUEL, em notável lição sobre esse tipo de obsessão, escreve:

> Fenômeno de reflexão pura e simples, não ocorre tão-somente dos chamados mortos para os chamados vivos, porque, na essência, muita vez aparece entre os próprios Espíritos encarnados a se subjugarem reciprocamente pelos fios invisíveis da sugestão.
>
> A mente que se dirige à outra cria imagens para fazer-se notada e compreendida, prescindindo da palavra e da ação para insinuar-se, porquanto, ambientando a repetição, atinge o objetivo que demanda, projetando-se sobre aquela que procura influenciar. E, se a mente visada sintoniza com a onda criadora lançada sobre ela, inicia-se vivo circuito de força, dentro do qual a palavra e a ação se incumbem de consolidar a correspondência, formando o círculo de encantamento em que o obsessor e o obsidiado passam a viver, agindo e reagindo um sobre o outro.
>
> Não há, por isso, obsessão unilateral. Toda ocorrência desta espécie se nutre à base de intercâmbio mais ou menos completo. Quanto mais sustentadas as imagens inferiores de um Espírito para outro, em regime de permuta constante, mais profundo o poder da obsessão, de vez que se afastam da justa realidade para o circuito de sombra em que se entregam a mútuo fascínio.[427]

Esse é o quadro que, de uma maneira geral, diz com as relações obsessivas entre Espíritos encarnados, impondo-se ressaltar todavia que, na realidade multifárias, apresentam, às vezes, características inusitadas. É o caso, por exemplo, do chamado *vampirismo natural*, que resulta numa espécie de *transfusão de vitalidade* e suscetível de ocorrer entre as pessoas até

de forma inconsciente.

Tal fato, aliás, já é de muito conhecido.

Julien OCHOROWITZ (1850-1918), investigador famoso, premiado pela Academia de Ciências de Paris, em um de seus relatos – segundo anotação de Carlos Bernardo LOUREIRO –, já assinalava:

> O fato de transfusão fisiológica entre o corpo de uma criança e de um velho está empiricamente averiguado. Até o presente, a ciência não se ocupou deste assunto, mas a antiga ciência achava o fato mais natural e a tradição dos povos a consagra.

Casos bem ilustrativos, a esse respeito, são apontados pelo conhecido Autor brasileiro:

> Cappivacius, vendo o herdeiro de uma nobre casa da Itália sem a menor vitalidade, consegue-o manter vivo, deitando-o entre duas fortes e saudáveis mulheres.[428]
>
> (...)
>
> O Dr. Georges, médico e filósofo francês (1757-1808), autor do "Tratado do Físico e do Moral do Homem", relata que, nas Montanhas de Auvergue, região histórica da França, havia o estranho costume de, quando qualquer viajante cansado chegava a uma estalagem, fazerem-no deitar, previamente, na sua cama, um rapaz cheio de vida e saúde. À noite, quando o hóspede se deitava, absorvia a vitalidade que o jovem havia deixado na sua cama, e, no dia seguinte, acordava reanimado e bem disposto.
>
> Antônio Cardoso, antigo redator da revista Estudos Psíquicos, fundada em Lisboa, Portugal, por D. Maria Gonçalves Duarte dos Santos, cita, na referida revista de fevereiro de 1951, o caso de uma mulher que sugava a vitalidade das damas de companhia que entravam para o seu serviço. Por melhor que fosse a saúde dessas jovens, passado pouco tempo, viam-se definhar sem qualquer explicação plausível e, por fim, morriam.
>
> A última dama de companhia – filha de um cocheiro – sentindo-se definhar e conhecedora da fama de que a velha gozava, não titubeou e se queixou à polícia. Esta, com o concurso de vários médicos, estudou o caso, chegando à conclusão que seria fatal para a jovem se continuasse a viver em companhia de tão estranha criatura. Vendo-se privada da vitalidade de jovens, que era o seu alimento, a mulher começou a perder peso, debilitando-se de tal forma que, em pouco tempo, faleceu.[429]

Duração

Quanto ao tempo que pode o processo obsessivo perdurar, as obsessões soem ser *transitórias* ou *persistentes*.

Dependendo, pois, das circunstâncias, podem ser passageiras ou duradouras.

Normalmente, as manifestações comparecem de forma *contínua*, durante determinado tempo, que pode ser curto (nas manifestações transitórias) ou longo (nas manifestações persistentes). Mas é possível que aconteçam, também, de forma *intermitente*, seja qual for o ciclo de duração.[430]

Modos de atuação

No processo obsessivo, os agentes obsessores atuam de várias maneiras. Seus *Modos de Atuação* variam de acordo com as técnicas empregadas, sendo possível encontrar três modelos básicos: *atuação a distância*, por *aproximação* e por *justaposição*.

A distância

A atuação a distância caracteriza-se pelo distanciamento *perispirítico* entre obsessor e obsidiado, embora presente a ação mental – que para o pensamento, obviamente, inexistem espaço e tempo.

Um dos aspectos desse tipo de atuação diz com a chamada obsessão *oculta*, em que inteligências trevosas, treinadas no uso de recursos telepáticos, agem nas sombras, influenciando mentes menos avisadas – com quem, todavia, guardam correspondência sintônica –, conduzindo-as, por vingança ou simples maldade, a descaminhos que podem implicar até graves prejuízos de ordem cármica. (O processo, aliás, é tecnicamente semelhante ao usado pelos Espíritos Elevados no atendimento das almas que se recomendam aos seus carinhosos cuidados, com ações dirigidas exclusivamente à construção do Bem)

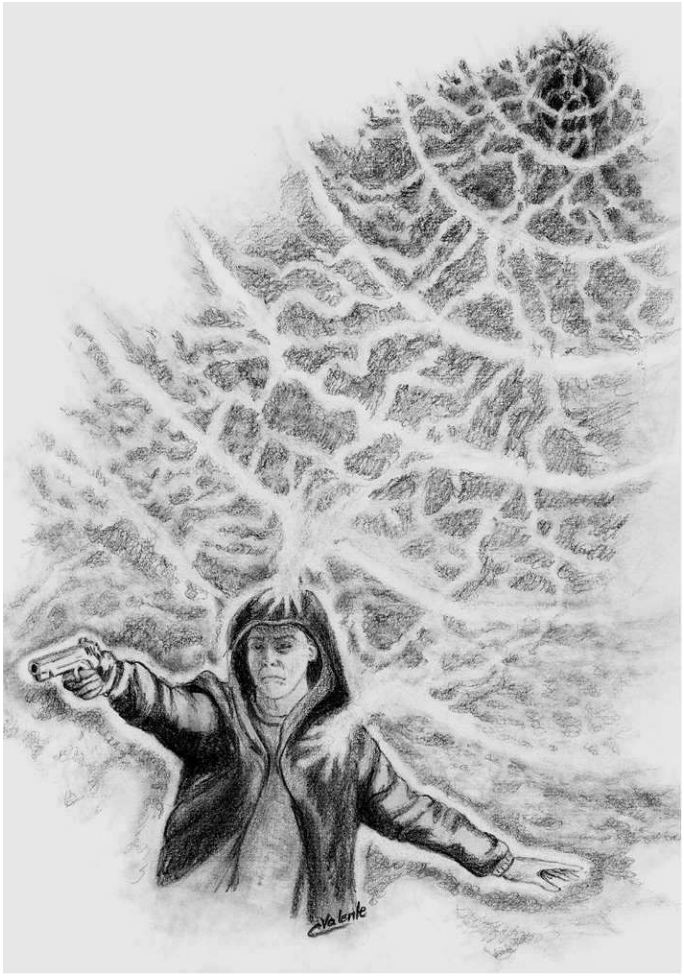
Muitas vezes, a influenciação telepática a distância, dependendo da receptividade, pode levar a uma fase mais adiantada de obsessão, de caráter, já, hipnótico, evoluindo depois para posições de domínio mental cada vez mais completo.

De outras, depois de separados obsessor e obsidiado, sem o devido esclarecimento e a aceitação sincera da situação por parte do primeiro, permanece entre as partes, como lembra ANDRÉ LUIZ, "*a fusão magnética, mesmo a distância*",[431] com seus efeitos – ainda que não tão ostensivos como antes.

Por aproximação

A atuação obsessiva por aproximação facilita a magnetização direta do paciente, a transferência de energias deletérias, as manipulações ectoplásmicas perniciosas, as operações, enfim, que desestabilizam as funções perispiríticas e, por via de consequência, o equilíbrio mental e físico.

Esse tipo de atuação, sem deixar de considerar os efeitos da influenciação a distância, faz-se especialmente perigoso no caso



Obsessão a Distância

dos médiuns invigilantes, que, devedores, oferecem sintonia fácil, descuidados de suas tendências nem sempre elogiáveis.

Por justaposição

É a forma mais grave da atuação obsedante. Casos dolorosos de simbiose, parasitose, subjugação espiritual, são caracterizados pela justaposição perispirítica das partes. Por isso mesmo, a reversão do processo é sempre demorada e trabalhosa.

Anote-se, a respeito, que casos há de justaposição obsessiva aguda que chegam a se transformar num processo de fusão psicomagnética tão estreita que pode até ser tida como uma espécie de *soldadura perispirítica*, ainda que sempre marcada pela transitoriedade.

Técnicas

O elenco de *Técnicas Obsessivas* conhecidas impressiona pela quantidade e pelos efeitos, sempre marcantes e danosos.

Podem ser enumeradas as seguintes: *Persuasão*, *Influenciação Telepática*, *Hipnotismo*, *Soldadura Perispirítica*, *Infecção Fluídica*, *Manipulações Ectoplásmicas*, *Provocação de Reflexos Anímicos*, *Provocação de Efeitos Sensitivos Particulares*.

Persuasão

A *técnica da persuasão* é usada tanto em forma de sugestões mentais, em estado de vigília, como por meio do processo mediúnico, levando médiuns e circunstantes desprevenidos a perigosos enganos, como se observa, por exemplo, na fascinação e em certos comportamentos individuais e coletivos, de caráter religioso ou pseudamente místico.

Sabe-se, todavia, que é durante o sono que essa nefasta arte de convencer se torna mais presente, construindo resultados, às vezes, os mais comprometedores para o futuro espiritual dos envolvidos.

É no repouso do corpo que, muitas vezes, almas vingativas ou maldosas encontram melhores condições de insinuar-se astuciosamente, envenenando os sentimentos dos Espíritos encarnados e levando-os a plantar aflições e dores para si e seus semelhantes.

Influenciação telepática

A influenciação telepática é recurso presente basicamente em todos os processos obsessivos, uma vez que todos têm seu início marcado por uma influenciação sutil, que, depois, pode evoluir para estágios de verdadeiro controle mental, se presentes as necessárias condições de sintonia.

Essa influenciação telepática sutil – que, aliás, é também magnética – mostra normalmente alguns sinais claros: derrotismo "*sem causa orgânica ou moral de destaque*"; dificuldade de "*concentrar ideias em motivos otimistas*"; dificuldade de orar ou "*concentrar-se em leituras edificantes*"; aborrecimentos reprimidos; pessimismos, queixas, irritações surdas; suscetibilidade exagerada; "*aptidão a condenar quem não tem culpa*"; "*ânsia de investir-se no papel de vítima ou de tomar posição absurda de automartírio*".[432]

Esse tipo de ação obsessiva, quase imperceptível ao encarnado, é, por isso mesmo, das que mais devem preocupar. *"Não se sabe"* – ressalta André Luiz, por intermédio de Waldo Vieira – *"o que tem causado maior dano à Humanidade: se as obsessões espetaculares, individuais ou coletivas, que todos percebem e ajudam a desfazer ou isolar, ou se essas meio-obsessões de quaseobsidiados, despercebidas, contudo bem mais freqüentes, que minam as energias de uma só criatura incauta, mas influenciando o roteiro de legiões de outras"*.[433]

Como em outros casos, nem sempre o agente responsável tem consciência da influência que exerce e o mal que causa.

De outras vezes, porém, não só o obsessor é consciente, como ardiloso, preparando a ocorrência *"com antecedência e meticulosidade, às vezes, dias e semanas antes do sorrateiro assalto, marcado para a oportunidade de encontro em perspectiva, conversação, recebimento de carta, clímax de negócio ou crise imprevista de serviço"*.[434]

A influenciação telepática (que é também magnética, como já assinalado) pode chegar, em muitos casos, a um tal estado de dominação que a transmissão persistente de mesmas ideias ou imagens acaba corroendo possíveis resistências mentais, em direção a desequilíbrios até bem

graves. Em outros, o perigoso circuito de ódio entre as partes pode levar a um regime de influenciação recíproca, com efeitos desestabilizadores da própria integridade psíquica.

Esse fenômeno, aliás, torna-se, às vezes, bem visível, em certos lares onde Espíritos se reencontram em programas de reajustes cármicos mais severos. Ensina o Espírito André Luiz, pela mediunidade de Francisco Cândido Xavier:

> Muitas vezes, dentro do mesmo lar, da mesma família ou da mesma instituição, adversários ferrenhos do passado se reencontram. Chamados pela Esfera Superior ao reajuste, raramente conseguem superar a aversão de que se vêem possuídos, uns à frente dos outros, e alimentam com paixão, no imo de si mesmos, os raios tóxicos da antipatia que, concentrados, se transformam em venenos magnéticos, suscetíveis de provocar a enfermidade e a morte. Para isso, não será necessário que a perseguição recíproca se expresse em contendas visíveis. Bastam as vibrações silenciosas de crueldade e despeito, ódio e ciúme, violência e desespero, as quais, alimentadas, de parte a parte, constituem corrosivos destruidores.[435]

As influenciações telepáticas, desde as involuntárias até as meticulosamente dirigidas, apresentam nuanças inúmeras, e, se podem construir benefícios, também servem a propósitos nada edificantes. Daí, a oportuna advertência de André Luiz, lembrando que todos vivemos em comunhão mental:

> O pensamento exterioriza-se e projeta-se, formando imagens e sugestões que arremessa sobre os objetivos que se propõe atingir. Quando benigno e edificante, ajusta-se às Leis que nos regem, criando harmonia e felicidade, todavia, quando desequilibrado e deprimente, estabelece aflição e ruína.[436]

Ressalta à obviedade que, diante desse fato, só a fraternidade, com perdão e amor, poderá evitar que a influenciação telepática destrutiva continue a produzir os efeitos maléficos que tanto têm atormentado a Humanidade.

Hipnotismo

O reconhecimento científico do hipnotismo aconteceu no século passado, mas seu uso como técnica simples de se chegar à hipnose data da antiguidade,[437] não sendo desconhecidas – quando empregado pelos Espíritos, para o mal – as possibilidades que oferece como recurso altamente perigoso na produção de danos mentais e perispiríticos.

Como técnica de obsessão, destaca-se como das mais usadas, aparecendo, na verdade, como uma fase mais adiantada na escala das influenciações telepáticas, sabendo-se, entretanto, que na hipnose, em termos espirituais, o envolvimento telepático já comparece também associado a um maior envolvimento magnético, proporcional, sempre, à intensidade do domínio obsedante. A persistência e os efeitos da operação obsessiva determinam estados hipnóticos que podem ser considerados – especialmente, quanto às possibilidades de sua

reversão – como menos ou mais graves.

São os casos em que o domínio do agente pode ser tido como *eventual*, ou aqueles em que esse domínio – já altamente perigoso – passa a ser *sistemático*.

Domínio eventual – Nas hipnoses marcadas por esse tipo de comando mental, passageiro, as perturbações resultantes não chegam a minar ou comprometer as resistências psíquicas, possibilitando ampla reversão do quadro obsessivo.

Tal ocorrência pode significar apenas um momento mais agudo de uma influenciação telepática que já venha se desenvolvendo, ou, simplesmente, um evento isolado, em que um agente, quase sempre por pura maldade, alicerçado em condições propícias que se lhe oferece, consegue impor seu domínio mental, ainda que transitoriamente.

É o caso, por exemplo, dentre inúmeros outros, de encarnados que, durante o sono, recebem sugestões relativas a doenças ou desastres e que, ao acordarem, sentem os sintomas das enfermidades que lhe foram implantadas na subconsciência, ou sensações de perigo iminente, a lhe atormentarem a vida.[438] (Situações há em que, embora momentâneo, esse domínio pode ser tão expressivo, dadas as condições e circunstâncias, até mesmo as de natureza cármica, que o paciente pode chegar mesmo a sofrer o acidente maldosamente preanunciado…)

Domínio sistemático – O processo hipnótico, a envolver operações que vão desde a sugestão até a manipulação de recursos magnéticos, surge, às vezes, como instrumento dos mais perigosos quando comandado por inteligências dedicadas ao mal, possibilitando até o pleno domínio de mentes moralmente despreparadas, por períodos que podem, mesmo, ser bem longos.

São os casos de hipnose que se pode qualificar como de *domínio sistemático*, marcados pela gravidade dos efeitos e pelas acentuadas dificuldades de reversão.

Nesse quadro, impõe-se aceitar que a severidade das consequências é determinada pela continuidade e intensidade da ação obsessiva (respeitada, sempre, a Lei do Merecimento ou da Causalidade Espiritual), dirigida à construção de *ideias fixas* na mente do obsidiado – ou seja, a cristalização do pensamento do paciente em torno de certas imagens ou ideias –, que podem levá-lo até a uma gradativa e delicada obliteração das vias psíquicas de percepção e expressão, resultante da disfunção dos centros coronário e cerebral.[439]

Numa primeira fase, esse processo de *fixação mental*, embora represente operação telepática mais avançada, ainda, e provoque respostas que não deixam de ser, às vezes, sumamente dolorosas, pode ser interrompido com certa facilidade, se presentes, é claro, como em qualquer tipo de assistência espiritual, as necessárias condições de merecimento. Essa espécie de fixação mental pode ser tida como *primária*.

A continuidade, a intensificação desse processo, pode determinar seu agravamento, propiciando o surgimento de um estado de *monoideísmo*, suscetível de evoluir para um *monoideísmo agudo*.

Fixação primária – Ocorre, infelizmente, de maneira muito comum no cenário humano,

assumindo os mais variados aspectos, embora, basicamente, a estrutura do fenômeno seja idêntica em todos os casos.

Assinala, a propósito, ANDRÉ LUIZ, por Francisco Cândido XAVIER, reportando-se a diálogo envolvendo uma de suas personagens:

> (…) todos possuímos, além dos desejos imediatistas comuns, em qualquer fase da vida, um 'desejo central' ou 'tema básico' dos interesses mais íntimos.
>
> Por isso, além dos pensamentos vulgares que nos aprisionam à experiência rotineira, emitimos com mais freqüência os pensamentos que nascem do 'desejo-central' que nos caracteriza, pensamentos esses que passam a constituir o reflexo dominante de nossa personalidade. Desse modo, é fácil conhecer a natureza de qualquer pessoa, em qualquer plano, através das ocupações e posições em que prefira viver. Assim é que a crueldade é o reflexo do criminoso, a cobiça é o reflexo do usurário, a maledicência é o reflexo do caluniador, o escárnio é o reflexo do ironista e a irritação é o reflexo do desequilibrado, tanto quanto a elevação moral é o reflexo do santo…
>
> Conhecido o reflexo da criatura, (…) é, assim, muito fácil superalimentá-la com excitações constantes, robustecendo-lhe os impulsos e os quadros já existentes na imaginação e criando outros que se lhes superponham, nutrindo-lhe, dessa forma, a fixação mental.[440]

Dentre as modalidades de fixação primária, podem ser citadas as que dizem respeito, por exemplo, com os casos em que os hipnotizadores a serviço das trevas conseguem ressuscitar dos porões da subconsciência do paciente imagens do passado, que passam a habitar sua consciência de relação, em forma de temores, desejos, ideias agressivas ou de autodestruição, impulsos sexuais, etc., de relativa duração, porém, muitas vezes, com possibilidades de comprometer o equilíbrio psíquico, ainda que temporariamente.

Alinham-se nesse quadro, também, as ocorrências relacionadas com a prática mediúnica, em que o magnetizador espiritual, através de regressão de memória, leva o médium a um processo de fixação mental em torno de fatos, pessoas ou circunstâncias do seu pretérito, ensejando o fenômeno que se tem convencionado chamar – com relativo acerto – de *animismo*, e que, quando identificado, leva o paciente a ser julgado como agente fraudador, quando, na verdade, não passa de uma vítima de hipnose obsessiva, a necessitar, isso sim, de zelosa orientação terapêutica e mediúnica.

Um outro caso de fixação mental que, pelas consequências, pode ser considerada primária, relaciona-se com a prática de natureza hipnótica usada pelos encarnados entre si, também de efeitos temporários e imprevisíveis. (Tal prática é igualmente comum entre os desencarnados entre si, sabendo-se, todavia, que, na maioria das vezes, o comando pode ser mais persistente e pernicioso.)

O desenvolvimento do processo de fixação mental pode levar, como anotado, ao *monoideísmo* e, em casos de comando mais severo e persistente, ao *monoideísmo agudo*.

Monoideísmo – Define-se como um estado mental caracterizado pela predominância de uma ideia central. Quanto mais avançado o processo, mais essa ideia prevalece no campo mental, chegando a tornar-se única. Tal fenômeno, em que uma ideia determinada é cristalizada na mente do paciente, responde por vários tipos de desequilíbrios psíquicos, até mesmo os de natureza demencial, em que a deterioração mental torna-se, já, dificilmente reversível em dada encarnação.

O monoideísmo é tema complexo e multifário, oferecendo, por isso, dificuldade a uma abordagem mais abrangente. Importante, todavia, notar que nem sempre resulta de um processo hipnótico, induzido por terceiro, como também nem sempre chega a ser, de fato, produto de uma ação hipnótica consciente.

Com efeito – como se nota, às vezes, no processo simbiótico, por exemplo –, mentes fixadas em necessidades ou recordações funestas – mesmo sem nenhuma influência hipnótica exterior – unem-se a outras, por sintonia decorrente da afinidade espiritual, induzindo-as a estado semelhante, sem sequer se darem conta do que acontece.

De outro lado, como se sabe, há o caso dos obsessores inconscientes dos atos que praticam, que chegaram ao estado de monoideísmo pela ação magnética de inteligências treinadas e más, que, penetrando em seu psiquismo, pelo caminho da culpa, conseguem perturbar-lhes a fisiologia do centro coronário de modo a impor-lhes ideia ou visão única, comumente relacionada com seu passado delituoso. Esses Espíritos em desequilíbrio são conduzidos à união com outros que lhes correspondam em sintonia, estabelecendo-se o processo de obsessão sem que o agente direto sequer o perceba. (Muitos casos, aliás, de obsessão "por encomenda" acontecem com base nessa técnica hedionda.)

Nesse quadro, caberia a menção, ainda, aos casos, entre outros, de reencarnação com desequilíbrios psíquicos congênitos, a evidenciarem que, muitas vezes, a cristalização mental, gerando graves disfunções perispiríticas, mormente nos centros coronário e cerebral, perdura mesmo depois do *"choque biológico do renascimento no corpo físico"*, no dizer de André Luiz,[441] comparecendo, então, como distúrbio de natureza psicopatológica, a atrair até tratamento psiquiátrico severo, em que mesmo o eletrochoque ou a insulinoterapia comparecem como recursos indicados.

São dolorosas situações de consciências torturadas por imagens danosas do pretérito e que ainda poderão ser amplificadas pela ação hipnótica de perseguidores espirituais, cuja influência persista após a reencarnação. Trata-se, sobretudo, de grave enfermidade espiritual, a requisitar tratamento consciente e grande amparo afetivo.

Monoideísmo agudo – De todas as tragédias ligadas à obsessão, nenhuma atrai mais tristeza do que a relacionada com o que se pode designar como *monoideísmo agudo*, a refletir um estado tão avançado de fixação mental que chega a provocar modificações morfológicas e fisiológicas do próprio perispírito, e de tal ordem que podem, também, afetar temporariamente o próprio ritmo evolutivo do Espírito em perturbação.

Entre os efeitos do monoideísmo agudo, arrola a literatura espírita os casos de *contração perispirítica*, seguida de alterações funcionais dos centros vitais e de consequências

imprevisíveis, pelas graves limitações que impõe.

André Luiz (que, aliás, até agora, é o único dos autores espirituais de prestígio que traz notícias a respeito) menciona casos em que o monoideísmo agudo pode provocar tais efeitos morfológicos no perispírito, que os Espíritos chegam a assemelhar-se a *ovoides*. Estacionando nesse nível, perdido o contato com o mundo exterior, "*dormitam em estranhos pesadelos*", caracterizando-se como verdadeiros "*fetos ou amebas mentais, mobilizáveis, contudo, por entidades perversas ou rebeladas*".[442]

Tal fenômeno nem sempre envolve a ação hipnótica exterior ou guarda, em si, relação com o processo obsessivo, embora, na maioria das vezes, possa representar instrumento dos mais perigosos se manipulado pelas Inteligências perversas.

Assim, esse estado agudo de cristalização mental pode ser o resultado de uma gradativa e profunda imersão do Espírito em si mesmo, que, fechando-se em suas culpas, acaba isolando-se completamente do mundo exterior.

Essa ocorrência, porém, não se constata somente entre os Espíritos de consciência ensombrada pela delinquência. Informa o referido Autor[443] que se trata de fato comum, também, entre os Espíritos primitivos, que, ao desencarnarem, perturbados e atemorizados, passam a nutrir com tal intensidade o desejo de "*retorno ao abrigo fisiológico*" que, por *"monoideísmo auto-hipnotizante"*, passam também a sofrer a retração morfológica e fisiológica do organismo psicossômico, processo que só é reversível por meio da reencarnação.

Nos casos de obsessão, propriamente, o monoideísmo já é o produto da ação mental danosa de obsessores desencarnados sobre as almas que, por sintonia, como visto, submetem-se ao seu domínio. *"Inteligências infelizes, treinadas na ciência da reflexão, conseguem formar telas aflitivas em circuitos mentais fechados e obsessivos, sobre as mentes que magneticamente jugulam"*, frisa André Luiz, pela mediunidade de Francisco C. Xavier.[444]

E, como se viu, as infelizes vítimas desse processo, imersas em si mesmas, ainda são seguidamente aproveitadas por mentes trevosas, que delas se servem como instrumento, justapondo-as a novas vítimas, principalmente encarnadas, que então passam a afundar em sofrimento e loucura – sempre, porém, de acordo com os desígnios ditados pela Lei das Consequências.

Da mesma forma, os que foram especificamente induzidos a cair em tal estado, pela ação hipnótica persistente, podem ficar submetidos a envolvimento magnético dos mais danosos. Essa técnica perversa, aliás, encontra terreno fácil nos casos em que o monoideísmo agudo chegou a se instalar, de início, pela própria ação auto-hipnotizante do paciente.

Soldadura perispirítica

A justaposição do agente ao paciente pode se verificar de tal forma que os perispíritos parecem se interpenetrar, como a configurar uma quase fusão entre eles.

Esse processo, que, pela persistência dessa interpenetração psicossômica, pode ser chamado de *Soldadura Perispirítica*, acontece sob o comando magnético de terceiros – Espíritos treinados em tais perversidades – ou por ação natural do próprio obsessor.

No primeiro caso, almas em desequilíbrio – inconscientes, até, do que ocorre, catalogando-se, entre elas, particularmente, as submetidas aos efeitos do monoideísmo – são magneticamente jungidas aos perispíritos das vítimas, provocando-lhes os mais graves desajustes psíquicos, responsáveis pelo surgimento dos numerosos distúrbios elencados em psicopatologia.

No segundo, a atitude mental vingativa do próprio obsessor, fechado em seu ódio contra o obsidiado – ontem, normalmente, seu cruel algoz –, leva-o a unir-se de tal maneira a este que os perispíritos parecem como que *soldados* entre si.

A separação, nesses casos, demanda, não raro, especial cuidado e tempo, uma vez que seus efeitos, além de particularmente danosos, podem ser especialmente duradouros, considerando-se que esse tipo de processo quase sempre chega a abranger mais de uma encarnação, persistindo mesmo na(s) fase(s) de intermissão do paciente.[445]

Infecção fluídica

Fenômeno dos mais comuns, tal como a infecção de natureza física, a *infecção fluídica*[446] pode também, às vezes, ser usada como recurso de agravamento do processo obsessivo. Pelas informações que se colhe na literatura espírita mediúnica, é possível considerar que a infecção fluídica deva ser atribuída a diversos fatores, entre os quais a projeção obsessiva de *formas-pensamentos*, a canalização de *emanações deletérias* e a transmissão ou implantação de *germens psíquicos*.

Infecção por formas-pensamentos – Esse tipo de ocorrência, a significar a infestação da mente obsidiada por formas-pensamentos de teor altamente maligno, insistentemente projetadas pelo obsessor, podem causar prejuízos psiconervosos de dificílima reversão, até.

Formas-pensamentos com tal poder de dano não se confundem com as formas mentais comumente produzidas por encarnados e desencarnados (ainda que com nefastas intenções). São produto de inteligências treinadas, quase sempre cultivadas, do ponto de vista intelectual, mas tristemente descuidadas de sua evolução moral, cujas criações malignas são marcadas por especial intensidade e persistência.

Observe-se, a propósito, que também nos casos de *justaposição* obsessiva, Espíritos em processo de monoideísmo comunicam os pensamentos que se lhes fixaram no quadro mental, contaminando, assim, os que ficam sob seu jugo, mas produzindo efeitos que podem não ser tão acentuados como no caso anterior, em que as formas-pensamentos são planejadamente criadas e projetadas, sob o impulso da vingança ou de simples maldade.

Infecção causada por emanações deletérias – Espíritos com graves desequilíbrios psíquicos, que mostram em seu perispírito as mazelas que os refletem, transmitem aos sujeitos à sua influência – voluntária ou involuntariamente, por si ou sob o comando de terceiros – as

forças deletérias que liberam, causando efeitos os mais nocivos e dolorosos.

Com efeito, impregnando o perispírito do obsidiado com as emanações enfermiças que dele emanam, o obsessor, pouco a pouco, atinge não só a resistência psíquica do paciente (por comprometimento funcional dos centros coronário e cerebral) como, de consequência, o seu próprio sistema imunológico, de sorte que, sob a ação de tal processo de contaminação fluídica, passa este a apresentar com o tempo sinais que correspondem ao estado doentio do agente, podendo o quadro evoluir para situações de morbidez em que o prognóstico de cura se torna até difícil, se não for considerado o aspecto espiritual, fundamental no caso.

Infecção causada por germens psíquicos – Micro-organismos de natureza mental,[447] produzidos por mentes enfermiças, encarnadas e desencarnadas, servem ao surgimento de todo um elenco de moléstias, muitas das quais nem sequer catalogadas no repertório patológico atual.

Explica, a propósito, ANDRÉ LUIZ:

> A cólera, a desesperação, o ódio, o vício, oferecem campo a perigosos germens psíquicos na esfera da alma. E qual acontece no terreno das enfermidades do corpo, o contágio (…) é fato consumado, desde que a imprevidência ou a necessidade de luta estabeleçam ambiente propício, entre companheiros do mesmo nível.[448]

Em outra passagem, explanando o tema, comenta o destacado Instrutor que *"se temos a nuvem de bactérias produzidas pelo corpo doente, temos a nuvem de larvas mentais produzidas pela mente enferma, em identidade de circunstâncias. Desse modo, na esfera das criaturas desprevenidas de recursos espirituais, tanto adoecem corpos, como almas. No futuro, por esse mesmo motivo, a medicina da alma absorverá a medicina do corpo".*[449]

Os germens psíquicos, que expressam matéria mental deteriorada, encontram-se presentes tanto nos organismos de encarnados como nos de desencarnados, podendo também servir a propósitos obsessivos.

Assim, Espíritos em lastimável desequilíbrio, com as funções perispirituais em desarmonia, devido à ação deletéria desses germens, podem espontaneamente atuar junto aos encarnados, atraídos por ódio ou simpatia, ou ser conduzidos para perto de encarnados invigilantes, que lhes correspondam à condição, ensejando, por contágio, o surgimento de enfermidades diversas, ou agravando as já existentes, em processo que pode levar a situações irreversíveis, se não houver intervenção espiritual segura.

Manipulações ectoplásmicas

As manipulações com o ectoplasma, fornecido geralmente por quem é detentor de faculdades mediúnicas, traduzem-se em ocorrências especiais que KARDEC classificou, genericamente, de *manifestações físicas*. *"Dá-se o nome de manifestações físicas às que se traduzem por efeitos sensíveis, tais como ruídos, movimentos e deslocação de corpos*

sólidos" – anota o Codificador. "Umas são espontâneas, isto é, independentes da vontade de quem quer que seja; outras podem ser provocadas".[450]

Essas manifestações – devidas, sempre, ao suporte ectoplásmico – são multifárias. Tanto podem ocorrer em forma de simples pancadas e ruídos, como chegar a perturbações de extrema gravidade. Salienta KARDEC:

> As manifestações espontâneas nem sempre se limitam a ruídos e pancadas. Degeneram, por vezes, em verdadeiro estardalhaço e em perturbações. Móveis e objetos diversos são derribados, projetis de toda sorte são atirados de fora para dentro, portas e janelas são abertas e fechadas por mãos invisíveis, ladrilhos são quebrados, o que não se pode levar à conta de ilusão.[451-452]

Tais fenômenos acontecem pela ação de Espíritos que, muitas vezes, agem mais por leviandade que por maldade: almas frívolas que, aproveitando os recursos ectoplásmicos à disposição, a emanarem naturalmente dos organismos humanos, divertem-se atormentando encarnados.

Observe-se, todavia, que também podem servir a propósitos de vingança, tornando-se tão nocivos que chegam a afetar o próprio psiquismo dos envolvidos. KARDEC, há século e meio, já observava:

> Tais fatos assumem, não raro, o caráter de verdadeiras perseguições. Conhecemos seis irmãs que moravam juntas e que, durante muitos anos, todas as manhãs encontravam suas roupas espalhadas, rasgadas e cortadas em pedaços, por mais que tomassem a precaução de guardá-las à chave. A muitas pessoas tem acontecido que, estando deitadas, mas completamente acordadas, lhes sacudam os cortinados da cama, tirem com violência as cobertas, levantem os travesseiros e mesmo as joguem fora do leito. Fatos destes são muito mais freqüentes do que se pensa; porém, as mais das vezes, os que deles são vítimas nada ousam dizer, de medo do ridículo. Somos sabedores de que, por causa desses fatos, se tem pretendido curar, como atacados de alucinações, alguns indivíduos, submetendo-os ao tratamento a que se sujeitam os alienados, o que os torna realmente loucos. A Medicina não pode compreender estas coisas, por não admitir, entre as causas que as determinam, senão o elemento material; donde, erros freqüentemente funestos. A história descreverá um dia certos tratamentos em uso no século dezenove, como se narram hoje certos processos de cura da Idade Média.[453]

Trata-se de ocorrências que, em verdade, estiveram presentes em todas as épocas da Humanidade. Bem conhecidas ao tempo do Codificador, foram por ele cuidadosamente analisadas e até alguns casos de grande repercussão, na época, chegaram a ser citados na *Revue Spirite*; entre eles, por exemplo, o célebre episódio do Espírito batedor de Bergzabern, na Baviera, cuja ação durou oito anos (edições de maio, junho, julho, 1858); o do Espírito de Dibbelsdorf, na Baixa Saxônia (agosto, 1858); o da rua Des Noyers, em Paris, em que a vítima

principal, uma doméstica, chegou a receber sérios ferimentos (agosto, 1860); o de São Petersburgo, Rússia, com a produção, também, de golpes violentos, vindos, aparentemente, do vazio (abril, 1860), etc.

Um dos maiores pesquisadores contemporâneos do *poltergeist*, o renomado cientista brasileiro Hernani Guimarães ANDRADE, fundador do Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas – IBPP –, em cujos arquivos constam relatórios de numerosos casos, rigorosamente confirmados e estudados, assim o descreve:

> Infelizmente, um *poltergeist* nem sempre se mostra passageiro e benigno. É mais provável que ele volte a manifestar-se reiteradas vezes, de maneira insólita e inesperada, furtando-se à observação e ao controle das pessoas. Lenta e determinadamente, irá desmantelando a casa onde se instalou, criando uma atmosfera de permanente desordem e também de aflitiva apreensão.
>
> À noite poderão ouvir-se vozes e ruídos estranhos, pancadas e estrondos, seguidos de inúmeros focos de incêndio. Ninguém conseguirá dormir em paz. Ao esgotamento físico dos moradores da casa infestada, seguir-se-á a desnutrição. Surgem detritos repugnantes na comida. As panelas são levitadas e atiradas ao chão, derramando tudo e formando uma imundícia que desafia qualquer tentativa de limpar e pôr em ordem os objetos da casa.
>
> Alguns deles levam muitos anos para extinguir-se. Outros são mais benignos e logo cessam. Os mais temíveis são aqueles que provocam incêndios (parapirogenia). A variedade é grande, mas todos eles apresentam características em comum: queda de pedras, movimento de objetos, ruídos, objetos que saem ou entram em recintos totalmente fechados, etc.
>
> (...)
>
> Os *poltergeists* têm vida variável. Alguns duram horas, outros permanecem alguns dias, meses ou anos em atividade; cessam espontaneamente, ou aparentemente em virtude de alguma providência, tal como o exorcismo, as sessões mediúnicas, cerimônias de Umbanda ou Candomblé, etc. Às vezes, voltam à atividade de maneira recorrente, isto é, duram algum tempo em efervescência e tornam a cessar, sem motivo ou supostamente devido a providências como as já mencionadas.
>
> (...)
>
> Considerando-se os danos materiais, psíquicos e físicos sofridos pelas pessoas perturbadas pelos *poltergeists*, chega-se à conclusão de que eles são altamente nocivos e suficientemente agressivos para merecerem a atenção e os cuidados que se aplicam a determinadas pragas predatórias.[454]

Nesse quadro fenomenológico, atraem particular atenção duas ocorrências em que a manipulação ectoplásmica desponta com características muito especiais: o *aporte* e o

endoporte.

KARDEC, ao estudar o processo mediúnico, já identificava entre as manifestações físicas espontâneas, o que chamou de *fenômeno de transporte*: *"trazimento espontâneo de objetos inexistentes no lugar onde estão os observadores"*.[455]

O *aporte* refere-se mais a um tipo de ocorrência em que o objeto é transportado para dentro de um recinto fechado – ou mesmo introduzido em móveis fechados. É o *"transporte de objetos de um local para outro sem efetuar trajetórias normais dentro do nosso espaço físico, aparentando, alguns, a transposição de matéria através da matéria"*, assinala Guimarães ANDRADE.[456]

Esse fenômeno, por suas características peculiares, tem atraído a atenção, desde o século passado, de renomados cientistas e pesquisadores. A respeito, escreve Herculano PIRES:

> Uma flor, uma cadeira, uma pedra podem ser transportadas para uma sala totalmente fechada e sem nenhum desvão pelo qual o objeto pudesse passar. William CROOKES, que não acreditava nessa possibilidade, desafiou os espíritos a fazerem coisa muito mais simples: baixar o prato de uma balança lacrada de laboratório. Mas, no prosseguimento de suas pesquisas, viu e constatou a veracidade do fenômeno com objetos maiores e muitas vezes bastante pesados, como relata em seu livro *Fatos Espíritas*. Nas pesquisas atuais da Parapsicologia, esses fenômenos, considerados como de ação direta da mente sobre a matéria, foram e continuam a ser produzidos, como nas experiências de SOAL e CARRINGTON, na Universidade de Cambridge, na Inglaterra.
>
> (...)
>
> As pesquisas de Friedrich ZÖLLNER, na Universidade de Leipzig, sobre *apports* e fenômenos correlatos, revelaram a possibilidade de interpenetração de corpos estranhos em estruturas materiais fechadas. ZÖLLNER interpretou essa possibilidade, no século passado [XIX], como provenientes da multidimensionalidade do real. Fenômenos como os de nós, produzidos em cordas sem pontas, e de introdução de argolas de madeira (inteiriças) em estruturas fechadas, acusando aquecimento intenso das argolas, levaram-no a considerar a ocorrência de atritos na passagem do objeto de uma dimensão para outra.
>
> As pesquisas do Barão Von SCHRENCK-NOTZING e de Madame BISSON, em Berlim, provaram que o retorno do ectoplasma das materializações ao corpo do médium, se dava por infiltração nos poros da epiderme. As provas atuais de permeabilidade da matéria, pelas descobertas da Física Nuclear, trazem uma contribuição nova para essas tentativas do passado que foram relegadas ao esquecimento durante todo um século. Tornou-se teoricamente possível a introdução de objetos estranhos em corpos fechados, que no século passado [XIX] pareciam impossíveis.[457]

Sugerem alguns textos, como visto, que o fenômeno do *aporte* acontece devido à

permeabilidade da matéria. Todavia, não pode deixar de ser especialmente valorizada a hipótese de que os objetos possam, também, graças ao suporte ectoplásmico, ser desmaterializados e, depois, rematerializados, ideia que, de igual forma, se aplica ao caso de transporte de corpos humanos – que passam de um local para outro sem que se perceba por onde, como assinala J. H. PIRES[458] –, em processo que seria necessariamente sustentado pelo perispírito, para o qual, como se sabe, inexistem barreiras físicas.

Tal possibilidade, aliás, é perfeitamente admissível quando se lembra, por exemplo, que uma médium famosa como Elisabeth D'ESPÉRANCE (Madame D'Espérance), diante de pesquisadores os mais respeitáveis, tinha seu corpo parcialmente desmaterializado e, a seguir, rematerializado, conforme nos dá conta o notável investigador AKSAKOF, em trabalho de grande repercussão, publicado em Leipzig, sob o título *Ein seltsames und belehrendes Phanomen im Gebiete der Materialisation von Alexander N. Aksákof* . (A FEB o publicou sob o título: *Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo duma Médium*. 1900)[459]

Diante do exposto, é fácil compreender como o aporte e as ocorrências de *poltergeist* em geral podem crescer em nocividade quando empregados como técnica de obsessão. Espíritos vingativos ou inescrupulosos, aproveitando os recursos ectoplásmicos disponíveis, podem levar suas vítimas a perturbações suscetíveis de comprometer gravemente até sua saúde física e mental.

O fenômeno de *endoporte*, bem mais complexo, refere-se, geralmente, à introdução de objetos no corpo humano e é especialmente encontrado nos casos de obsessão parasitária.

O estudo dessa importantíssima ocorrência foi, antes, prejudicada pela opinião apressada de psiquiatras despreparados que a consideravam, simplesmente, como produto doentio do propósito de autoflagelação ou exibicionismo: o paciente é que introduziria em suas carnes agulhas, fios de arame, estiletes de madeira, etc., buscando, ele próprio, torturar-se. Tal concepção, evidentemente, só poderia contribuir para o aumento do sofrimento dos obsidiados, sem solução após anos e anos de infrutífero tratamento… Hoje, com os conhecimentos que nos chegam pelas portas do Espiritismo, sabe-se que essa ordem de fenômenos enquadra-se também no esquema das técnicas obsessivas, e de efeitos especialmente dolorosos.

As ocorrências de *endoporte* variam de acordo com o tipo de operação desenvolvida, a qual envolve diversos fatores, até os de natureza cármica – fundamentais, aliás.

A literatura espírita mostra numerosos casos de endoporte, cuja realidade restou rigorosamente comprovada.

J. Herculano PIRES, autor dos mais cultos e credenciados, em testemunho pessoal, cita, por exemplo, diversos episódios que de perto acompanhou, entre eles, os que se seguem:

> Em nosso grupo de trabalhos espíritas, em São Paulo, apareceu um caso assustador de endoporte que foi encaminhado à sessão reservada de tratamento de casos difíceis e ainda se encontra em fase de observação. Uma jovem funcionária de determinada empresa sofre há 14 anos de ocorrência desse fenômeno com pregos, arames e outros

objetos que aparecem introduzidos em seu corpo, particularmente nas mãos. Esses objetos são expelidos, mas não raro encravam e necessitam de socorro cirúrgico. Guia automóveis e realiza outros serviços. Expele às vezes pela boca, acompanhado de sangue, pedaços de arame e pregos. Como sempre, só procurou os recursos do Espiritismo depois de haver tentado a solução do problema em outros campos. Tem as mãos deformadas por intervenções cirúrgicas de extração forçada de pregos e arames em posição difícil. Esse caso revelou-nos a necessidade de se encarar de frente, sem preconceitos e sem precipitações, a solução do problema do *endopport*. É bastante angustiosa a situação das vítimas, que além de suas dores físicas têm de enfrentar as suspeições de seu ambiente familiar, de seu local de trabalho e dos círculos de amizade. É fácil imaginar-se o que sofrem, as dificuldades que enfrentam. A jovem R. desligou-se da família e mora em casa de uma de suas amigas que se apiedou de sua situação. Suas condições psicológicas são naturalmente traumáticas, o que aumenta as dificuldades de seu relacionamento com outras pessoas.

Pouco depois do aparecimento desse caso, chegou-nos de Indaiatuba, cidade próxima a Itu e Campinas, o pedido do Sr. João Gonçalves para examinarmos o caso – 17 anos de torturas – da Sra. Odila Bertoni, residente naquela cidade e empregada doméstica. O aludido senhor, comerciante, ali estabelecido com loja de fazendas, é também dirigente de um Centro Espírita. Há anos empenhou-se no tratamento do caso em forma de desobsessão. Pacientemente foi conseguindo abrandar as agressões, melhorando consideravelmente a situação da vítima. A médium, que produz também efeitos físicos diversos, adquiriu confiança nos trabalhos espirituais realizados, adquirindo alguma esperança de cura. O Dr. Ramos, médico da cidade, vem prestando socorros à médium na extração dos objetos encravados em seu corpo. Providenciou chapas radiográficas em que se constatou a presença no corpo da médium de 60 agulhas e pedaços de ferro em menor número. A revista italiana GENTE, muito conhecida entre nós, publicou em seu número de 12 de fevereiro de 1977, ampla reportagem sobre esta ocorrência, com ilustrações fotográficas e reprodução das chapas radiográficas do Dr. Ramos. A Medicina se mostra impotente diante destes casos, limitando-se a verificá-los e, quando possível, a socorrer as vítimas com a extração cirúrgica dos objetos encravados no corpo.[460]

As manifestações de *endoporte* comparecem, às vezes, tão insólitas que chegam a surpreender até os mais experientes pesquisadores.[461] (E há, ainda, relatos de casos que até se tornaram populares, em que além de objetos, organismos vivos teriam sido introduzidos nos corpos das vítimas, sendo depois expulsos, graças à intervenção espiritual superior!…)

A propósito desses casos incomuns, citam-se, no Brasil, ocorrências com conhecidos médiuns dedicados ao serviço de curas, rigorosamente constatadas, em que se verifica uma *dupla ação* do *endopport*, envolvendo, além do paciente, o próprio intermediário mediúnico, num singular processo de *transposição* de resíduos pós-operatórios.

Valiosos os depoimentos e as observações de J. Herculano PIRES, também a esse respeito:

> Nos casos de operações de cura (…) como os ocorridos com a médium Bernarda Torrúbio, em Garça, na Alta Paulista, observados por médicos de Marília, ou os ocorridos com José ARIGÓ, em Congonhas do Campo, observados por numerosos cirurgiões do Rio, de São Paulo e do Exterior (como a equipe de cientistas norte-americanos que realizou pesquisas sobre as faculdades do médium, comprovando-as), verificaram-se transposições do operado para o médium, que vomitava (ele, médium, e não o paciente operado) os resíduos da intervenção cirúrgica invisível, constatando-se posteriormente a eficácia da operação.
>
> (...)
>
> Em nossas pesquisas, realizadas em Congonhas e nas observações de convivência com o médium em períodos que variaram de uma semana a quinze dias de cada vez – na maioria das vezes, hospedando-nos na própria residência do médium –, pudemos observar intensamente as atividades de sua vida diária, interpelá-lo muitas vezes e observar as suas atividades cirúrgicas com mais de cem pacientes.
>
> A cirurgia (…) de Arigó, como a da médium Bernarda TORRÚBIO, se processava de maneira simples, por meio de incorporação mediúnica e imposição das mãos, sem toque no paciente. Este sentia engulhos, dores leves, e, quando supunha que ia vomitar, era o médium quem vomitava os resíduos da operação. Nesse estranho processo, é evidente que havia transposição dos resíduos do organismo do paciente operado para o estômago do médium, que os vomitava. A realidade desse fato, em que temos observado em cada operação a evidência de uma dupla ação de *endopport*, no paciente e no médium, revela-nos a possibilidade da introdução de objetos no corpo de uma pessoa por entidades vampirescas.[462]

Provocação de reflexos anímicos

Entre as técnicas empregadas pelos obsessores, figura o uso de recursos como a indução telepática e o magnetismo, para a provocação de *reflexos anímicos*, principalmente no exercício mediúnico.

Em princípio, o termo *animismo*, em Espiritismo, como já visto, sói traduzir a ideia de que o próprio Espírito do médium manifesta-se, em estado de transe, independentemente da presença de um desencarnado. O fenômeno que não se confunde com o mediúnico, propriamente, liga-se a uma espécie de *"dissociação psíquica"*, que não só leva à exteriorização de lembranças recalcadas na subconsciência, como pode provocar também, em casos mais agudos, o ressurgimento até de personalidades vividas no pretérito.

Também, um agente obsessor pode atuar sobre o médium e levá-lo a perder parcialmente o domínio da mente, fazendo-o mergulhar nos arquivos mnemônicos de suas pretéritas experiências e manifestar-se como se mediunizado estivesse.[463]

Referindo-se a esse fenômeno, aproveitado pelas Inteligências obsessoras, ensina ANDRÉ LUIZ, por Waldo VIEIRA:

> Freqüentemente, pessoas encarnadas, nessa modalidade de provação regeneradora, são encontráveis nas reuniões mediúnicas, mergulhadas nos mais complexos estados emotivos, quais se personificassem entidades outras, quando, na realidade, exprimem a si mesmas, a emergirem da subconsciência nos trajes mentais em que se externavam noutras épocas, sob o fascínio constante dos desencarnados que as subjugam.[464]

José Herculano Pires
(1914-1979)

Os efeitos da ação obsessiva comprometendo diretamente o equilíbrio funcional dos centros coronário e cerebral e levando o médium a centralizar-se em si mesmo, em preocupações do presente e experiências do passado, bloqueando a possibilidade de manifestação de outro psiquismo que não seja seu, podem comprometer o progresso espiritual do paciente, se ausentes o conhecimento, a vigilância e a vontade de melhorar-se, pois bem se sabe que, seguidamente, o animismo, no exercício mediúnico, é estimulado por obsessores inteligentes e tecnicamente preparados, que, também, não só visam a prejudicar o médium, como o próprio grupo mediúnico.

Provocação de efeitos sensitivos particulares

Numerosos registros dão conta, também, da existência de uma técnica de obsessão especialmente perturbadora, que consiste na provocação de *efeitos sensitivos particulares*.

Agentes obsessores, aproveitando-se das potencialidades mediúnicas dos pacientes, provocam-lhes sensações não só desagradáveis como, às vezes, até bem dolorosas.

Obras que tratam da mediunidade têm mostrado como chegam a ser comuns, até, casos em que o paciente passa a sentir dores constantes em certa parte do corpo, dando a impressão de que se referem a súbita enfermidade, mas cuja origem surge, afinal, inexplicável.

Tal processo não se restringe à geração de sintomas dolorosos de doenças fantasmas. Acontece muitas vezes, serem ativadas, por meio de ação magnética dirigida aos centros de força do perispírito, faculdades específicas do sensitivo, que então passa a ouvir, por

exemplo, ruídos,[465] gargalhadas, vozes estranhas, zombeteiras ou ameaçadoras, como que vindas do exterior ou produzidas dentro do próprio cérebro (uma espécie de *"pensamento sonorizado"*, segundo palavras de Francisco C. Xavier), ou a ver imagens assustadoras, Espíritos revestindo aspectos medonhos, ou, ainda, a sentir incessantes odores nauseabundos, sem que seja definida sua origem.

Trata-se, infelizmente, de mais um arsenal de recursos obsessivos, que Inteligências maldosas e bem treinadas utilizam para martirizar suas vítimas – e os que com elas se encontram envolvidos –, por vingança ou por simples vontade de prejudicar, sempre, porém, de acordo com a lei da sintonia mental. (Observe-se, contudo, que, às vezes, embora o móvel nefasto dos obsessores, Espíritos Superiores, buscando aperfeiçoar mediunidades, permitem, enquanto necessário, que esses utilizem tais técnicas, com vistas a resultados de significativo valor didático.)

Tipos de obsessão

Os tipos de processo obsessivo variam, praticamente, de acordo com as técnicas empregadas pelos obsessores, podendo, de conformidade com certas características perceptíveis como dominantes, ser catalogados como *Obsessão Ordinária*, *Fascinação*, *Obsessão Noctípica*, *Obsessão Simbiótica*, *Obsessão Parasitária* e *Subjugação*.

Trata-se, evidentemente, de uma tentativa apenas de classificação, que o tema é dos mais complexos e sabendo-se que, em verdade, por enquanto, só nos foi dado perceber alguns sinais do que acontece em tal domínio.

Obsessão ordinária

Tipo de ocorrência mais comum, a obsessão ordinária geralmente é temporária e seus efeitos podem não ser, relativamente, tão danosos como nos demais casos. Pode surgir como *influenciação sutil* ou como *influenciação ostensiva*.

Influenciação sutil – É a mais frequente, embora não menos perigosa. Geralmente, suas causas não são propriamente de natureza cármica, a dizer, não têm raízes no pretérito; seus efeitos, porém, podem ser tão malignos como os ocorrentes nos demais casos.

Caracteriza-se esse tipo de influenciação por uma ação mental discreta e persistente sobre o paciente, quase sempre a distância, em seus começos, crescendo em intensidade à medida que suas resistências vão sendo minadas. Pode, por isso, tornar-se muito perigosa se ausente a autovigilância, porque serve ao desenvolvimento de processos mais avançados de obsessão. Começa como mera insinuação mental e, conforme a passividade oferecida, pode transformar-se em forma disfarçada de domínio, cujas repercussões psicofísicas soem ser geralmente danosas.

A respeito, leciona André Luiz, por intermédio de Francisco C. Xavier e Waldo Vieira:

> Sempre que você experimente um estado de espírito tendente ao derrotismo, perdurando

> há várias horas, sem causa orgânica ou moral de destaque, avente a hipótese de uma influenciação espiritual sutil. Seja claro consigo para auxiliar os Mentores Espirituais a socorrer você. Essa é a verdadeira ocasião da humildade, da prece, do passe.[466]

Cita o referido Autor outros sintomas que podem sugerir a existência dessa influenciação sutil, entre eles a indisposição para orar, tristeza inexplicável, *"pessimismos subreptícios", "exageros de sensibilidade e aptidão a condenar quem não tem culpa", "hiperemotividade ou depressão raiando na iminência do pranto"*.

Tais manifestações, segundo o renomado Instrutor Espiritual, refletem sempre "*acompanhamentos discretos e eventuais por parte do desencarnado e imperceptíveis ao encarnado pela finura do processo*".[467]

A influenciação sutil pode ser *voluntária* ou *involuntária*.

Quando *voluntária*, exercida, pois, geralmente de forma consciente, a ocorrência quase sempre *"é preparada com antecedência e meticulosidade, às vezes, dias e semanas antes do sorrateiro assalto..."*.[468]

Na influenciação *involuntária*, o obsessor atua inconscientemente sobre o obsidiado, contaminando-o sem o desejar, com suas ideias e sensações.

Às vezes, até, essa ação prejudicial acontece quando o Espírito busca a companhia dos encarnados que lhe são caros. Seguidamente, porém, é levado a servir, sem o saber, a indignos propósitos de almas maldosas, que abusam de seu estado de perturbação.

Esse tipo de obsessão, que pode parecer simples e superficial, tem, entretanto, condições de gerar, no tempo, disfunções perispiríticas que acabam por afetar o psiquismo do paciente, quebrando seu equilíbrio orgânico. Daí, o cuidado que deve merecer.

Influenciação ostensiva – A influenciação de caráter obsessivo pode ultrapassar as fronteiras da traiçoeira discrição e fazer-se sentir ostensivamente e de várias formas, tanto *no exercício da mediunidade*, propriamente, como *fora dele* – ainda que, quase sempre, guardando relação com potenciais medianímicos.

No *exercício mediúnico* – A influenciação ostensiva no exercício da mediunidade é fato dos mais comuns e pode também servir significativamente ao aprendizado do médium.

Allan KARDEC, tratando especificamente da obsessão na mediunidade, como já referido, catalogou três tipos de ocorrência: *obsessão simples*, *fascinação* e *subjugação*.

O caso em foco corresponde, precisamente, à obsessão simples. Esclarece o Codificador, com sua extraordinária nitidez de raciocínio, que ela ocorre *"quando um Espírito malfazejo se impõe a um médium, se imiscui, a seu mau grado, nas comunicações que ele recebe, o impede de se comunicar com outros Espíritos e se apresenta em lugar dos que são evocados"*.

E, ainda:

> Na obsessão simples, o médium sabe muito bem que se acha presa de um Espírito mentiroso e este não se disfarça; de nenhuma forma dissimula suas más intenções e o seu propósito de contrariar. O médium reconhece sem dificuldade a felonia e, como se mantém em guarda, raramente é enganado. Este gênero de obsessão é, portanto, apenas desagradável e não tem outro inconveniente, além do de opor obstáculo às comunicações que se desejara receber de Espíritos sérios, ou dos afeiçoados.[469]

Fora do exercício mediúnico – No capítulo da influenciação ostensiva fora do exercício mediúnico regular – o que não significa, como já apontado, que não haja o aproveitamento de recursos que estejam ligados a faculdades medianímicas –, registram-se ocorrências em que a ação dos agentes obsessivos pode surgir acompanhada de (**a**) *Manifestações Físicas* de várias espécies (*poltergeist*, aporte), resultantes da manipulação do ectoplasma fornecido pelo próprio paciente.[470]

Outras vezes, como já referido quando do exame das técnicas obsessivas (*Provocação de Efeitos Sensitivos Particulares*), essas manifestações apresentam caráter mais subjetivo, aparecendo na forma de (**b**) *Efeitos Sensitivos Especiais* (sons, imagens, sensações), os quais, embora temporários, podem causar dores e mal-estares.

A propósito, depoimento memorável do célebre médium brasileiro Francisco Cândido XAVIER, em entrevista a Geraldo LEMOS NETO (outubro, 1991), relatando experiência pessoal que teve no passado, ilustra magnificamente esse tema:

> (…)
>
> Desta vez, não só ouvíamos o barulho característico da labirintite, como também registramos a voz nítida dos espíritos inimigos da Causa Espírita Cristã, perturbando-nos a tranqüilidade interior. Essa presença de espíritos infelizes, desde então, tem sido uma constante. Ouvimos-lhe diariamente os ataques à Mensagem Cristã e à Doutrina Espírita; as sugestões desagradáveis; as induções ao desequilíbrio; os sarcasmos em relação aos episódios por nós vividos no decorrer desta existência; as alusões ferinas às ocorrências menos dignas de nossos círculos doutrinários; as calúnias em relação a fatos conhecidos por nós; e até maledicências dirigidas ao nosso círculo de amizades. Tudo isso de forma tal que nos sentimos tolhidos na liberdade de pensar.
>
> Nossos Amigos Espirituais classificam este tipo de atuação como sendo *pensamentos sonorizados* dos obsessores em nós mesmos. Dr. BEZERRA DE MENEZES nos recomendou muita calma em relação ao assunto, incentivando-nos, inclusive, a conversar com esses irmãos infelizes pelo pensamento, mostrando-lhes o ângulo de visão que nos é próprio e rogando-lhes paciência e compreensão para as nossas atividades mediúnicas.[471]

Fascinação

Tipo mais grave de obsessão, a fascinação é basicamente uma ilusão produzida na mente do

paciente pela ação direta do agente obsessor. Utilizando técnicas telepáticas e, em casos mais graves, hipnóticas, o obsessor passa a dominar o pensamento da vítima com sugestões de grandeza que, agasalhadas por seu orgulho, podem levá-la até à própria desestabilização psíquica.

Tal processo pode também ocorrer tanto no *exercício da mediunidade*, como *fora dele*.

No exercício mediúnico – KARDEC analisou de perto a fascinação na mediunidade e deixou balizas tão seguras a respeito que, século e meio depois, permanecem intocáveis. *"O médium fascinado"*, ensina o Codificador, *"não acredita que o estejam enganando: o Espírito tem a arte de lhe inspirar confiança cega, que o impede de ver o embuste e de compreender o absurdo do que escreve, ainda quando esse absurdo salte aos olhos de toda gente. A ilusão pode mesmo ir até ao ponto de o fazer achar sublime a linguagem mais ridícula"*.[472]

Os efeitos tristes de tal atuação podem comprometer seriamente o futuro do médium.

Efetivamente, como ensina KARDEC, *"graças à ilusão que dela decorre, o Espírito conduz o indivíduo de quem ele chegou a apoderar-se, como faria com um cego, e pode levá-lo a aceitar as doutrinas mais estranhas, as teorias mais falsas, como se fossem a única expressão da verdade. Ainda mais, pode levá-lo a situações ridículas, comprometedoras e até perigosas"*.

Para atingir seu objetivo – elucida, ainda, KARDEC –, o obsessor usa a máscara da virtude para fazer-se acolhido. *"Os grandes termos – caridade, humildade, amor de Deus – lhe servem como que de carta de crédito, porém, através de tudo isso, deixa passar sinais de inferioridade, que só o fascinado é incapaz de perceber. Por isso mesmo, o que o fascinador mais teme são as pessoas que vêem claro. Daí o consistir a sua tática, quase sempre, em inspirar ao seu intérprete o afastamento de quem quer que lhe possa abrir os olhos"*.[473]

Fora do exercício mediúnico – A fascinação acontece, também e seguidamente, fora da prática mediúnica, desde que presente a sintonia derivada da afinidade.

Agentes obsessores, apoiados na vaidade da vítima, insuflam-lhe pensamentos de pseudossabedoria, ou falso poder, levando-a também a situações perigosamente ridículas. Esse tipo de obsessão, aliás, envolve pessoas de todos os graus de cultura. *"Fora erro acreditar que a este gênero de obsessão só estão sujeitas as pessoas simples, ignorantes e baldas de senso"*, salienta KARDEC, referindo-se à fascinação na mediunidade, em lição que também aqui se aplica. *"Dela não se acham isentos nem os homens de mais espírito, os mais instruídos e os mais inteligentes sob outros aspectos, o que prova que tal aberração é efeito de uma causa estranha, cuja influência eles sofrem"*, sublinha o mestre de LYON.[474]

Obsessão noctípica

Esse tipo de obsessão manifesta-se durante o estado de sono. Quando ganha representação onírica, com maior ou menor lembrança, pode, até, de acordo com a frequência, causar sérios padecimentos emocionais e físicos.[475] Quase sempre, porém, não chega a ocorrer um registro

onírico com intensidade suficiente para ser lembrado, embora se manifestem, depois, seus efeitos deletérios.

A obsessão noctípica resulta, muitas vezes, das ligações do paciente com seus afins, ainda mergulhados nos desequilíbrios morais e sexuais, ou da perseguição de inimigos espirituais, vítimas do paciente, no pretérito, ou mesmo na vida atual, como ocorre, por exemplo, no caso de aborto.[476]

Obsessão simbiótica

O processo simbiótico, em si, é marcado pela dependência recíproca dos Espíritos envolvidos, os quais, em regime de trocas, desenvolvem um tipo de associação que tanto pode ser útil ou não, como sobejam exemplos no reino vegetal.

Na dimensão hominal, com o desenvolvimento do pensamento contínuo, tal processo surge mais especializado e sensível: as trocas já são, sobretudo, de natureza mental, envolvendo conteúdos cuja complexidade guarda proporção com as diferenças evolutivas individuais. (André Luiz, por Francisco C. Xavier, designa essas operações de permuta de forças psíquicas, como sendo de *mentossíntese*, *"porque baseadas na troca de fluidos mentais multiformes, através dos quais emite as próprias idéias e radiações, assimilando as radiações e idéias alheias"*).[477]

A simbiose entre os Espíritos, principalmente entre desencarnados e encarnados, é, infelizmente, ocorrência comum, aglutinando almas fracas, amedrontadas, ignorantes ou egoístas a outras, também carentes ou desprevenidas, em processo que não só resulta em atraso na evolução, como pode produzir consequências significativamente danosas para as partes, tendo-se em vista que é suscetível de chegar a um estado de *soldadura perispirítica*, gravemente comprometedor.

O processo obsessivo simbiótico é dos mais perniciosos e também de mais difícil solução, devido à interdependência psíquica que se estabelece entre as mentes envolvidas, em regime de franca adesão e cumplicidade.

"Temos acompanhado casos" – assinala Odilon Fernandes, pela mediunidade de Carlos A. Bacelli – *"nos quais obsessor e obsidiado permanecem tão interligados no processo simbiótico a uni-los, que não suportam a separação, à maneira de xifópagos, que renascem com este ou aquele órgão em comum"*.[478]

Trata-se, como se vê, de uma relação sintônica, a configurar intrincado processo de interdependência, de mútua adesão, que algumas vezes mais parece uma espécie de "obsessão recíproca", como a denominam alguns autores.[479]

Esses dramas obsessivos, na maioria das vezes, como mostram os inúmeros relatos presentes na literatura espírita, só se resolvem pela reencarnação conjunta.

Obsessão parasitária (vampirismo)

Assim como parasitos agridem o hospedeiro, nos reinos vegetal e animal, absorvendo-lhe a vitalidade e vivendo à sua custa, almas enfermas, aproveitando-se das condições parasitogênicas que as qualidades morais de pacientes invigilantes propiciam, podem justapor-se aos seus perispíritos, sugando-lhes as energias, infectando-os com seus miasmas e alterando-lhes, seriamente, o equilíbrio fisiológico e mental.

Nesse processo, especifica André Luiz, por Francisco C. Xavier, o obsessor liga-se à vítima *"através do veículo perispirítico, na região cerebral, dominando a complicada rede de estímulos nervosos e influenciando os centros metabólicos, com o que lhe altera profundamente a paisagem orgânica"*.[480]

Buscando analogia nos reinos inferiores da natureza, onde os parasitas são classificados em *ectoparasitas* (com ação limitada às zonas de superfície) e *endoparasitas* (alojados na intimidade do corpo do hospedeiro), André Luiz, pela mediunidade de Waldo Vieira, compara os agentes do vampirismo espiritual a esses seres:[481]

> Alguns, como os ectoparasitas temporários, procedem à semelhança dos mosquitos e dos ácaros, absorvendo as emanações vitais dos encarnados que com eles se harmonizam, aqui e ali; mas outros muitos, quais endoparasitas conscientes, após se inteirarem dos pontos vulneráveis de suas vítimas, segregam sobre elas determinados produtos, filiados ao quimismo do Espírito, e que podemos nomear como simpatinas e aglutininas mentais, produtos esses que, sub-repticiamente, lhes modificam a essência dos próprios pensamentos a verterem, contínuos, dos fulcros energéticos do tálamo, no diencéfalo.[482]

Assim, pois, como o parasito, entre os vegetais e animais, pode atuar na *superfície* do hospedeiro, a parasitose, na dimensão espiritual, pode manifestar-se sem chegar a causar danos que se digam irreversíveis (as próprias ocorrências de endoporte são transitórias e resolúveis), ou em *profundidade*, a dizer, já afetando gravemente o perispírito, suas funções e a delicada tessitura (parasitose espiritual aguda), com a consequente derrocada do equilíbrio fisiológico, compreendendo-se que os fatores responsáveis pelos dois tipos de manifestação têm raízes, sempre, no pensamento desgovernado do próprio obsidiado.

O renomado médico e benfeitor espiritual, Francisco de Menezes Dias da Cruz, pela mediunidade de Francisco C. Xavier, dita precioso ensinamento a respeito:

> Justapõem-se à aura das criaturas que lhes oferecem passividade e, sugando-lhes as energias, senhoreiam-lhes as zonas motoras e sensórias, inclusive os centros cerebrais, em que o espírito conserva as suas conquistas de linguagem e sensibilidade, memória e percepção, dominando-as à maneira do artista que controla as teclas de um piano, criando, assim, no instrumento corpóreo dos obsessos, as doenças-fantasmas de todos os tipos que, em se alongando no tempo, operam a degenerescência dos tecidos orgânicos, estabelecendo o império de moléstias reais, que persistem até à morte.

> Nesse quadro de enfermidades imaginárias, com possibilidades virtuais de concretização e manifestação, encontramos todos os sintomas catalogados na patogenia comum, da simples neurastenia à loucura complexa e do distúrbio gástrico habitual à raríssima afemia estudada por Broca.[483]

Esse tipo de obsessão, aliás, por se tornar cada vez mais comum, comparece, hoje, como tema dos mais sérios. *"O vampirismo transformou-se na endemia planetária que cresce e se alastra mais rápida que o tempo"*, observa J. Herculano PIRES, assinalando que *"Kardec diagnosticou com segurança o estado patológico do mundo e receitou o remédio certo: ampliação dos conhecimentos humanos para favorecer a ajuda espiritual das entidades protetoras do planeta"*.[484]

Subjugação

O processo mais avançado de obsessão é a *subjugação*, marcado, já, por um domínio acentuado sobre o paciente.

Apresenta-se a subjugação sob várias formas. Basicamente, é possível admitir que ela pode se manifestar como uma severa *constrição psiconervosa*, como *vampirismo agudo* ou como *possessão*.

Constrição psiconervosa – Sob tal domínio, o paciente é levado a um estranho e absurdo comportamento mental e físico, que em nada corresponde à sua normal maneira de ser.

O Espírito, atuando sobre os centros coronário e cerebral do obsidiado, subjuga seu pensamento, provocando, também, simultaneamente ou não, mediante ação sobre outros centros perispiríticos, relacionados com plexos nervosos específicos, reações que podem envolver diversos tipos de atividade motora ou postura física.

O Codificador, analisando essa espécie de ocorrência, particularmente entre os médiuns, definiu dois tipos de manifestação: *"subjugação moral"* e *"subjugação corporal"*. Na primeira, como se privado de seu senso crítico, o subjugado é constrangido a tomar resoluções ou atitudes *"muitas vezes absurdas e comprometedoras"*. Na segunda, o obsessor *"atua sobre os órgãos materiais provocando movimentos involuntários"*, levando à prática incontrolável de atos ridículos ou tomada de posturas de todo lamentáveis.[485]

Qualquer pessoa que detenha faculdades mediúnicas que favoreçam esse tipo de domínio obsessivo, pode, se invigilante, tornar-se um subjugado. KARDEC, a propósito, cita o exemplo de um médium escrevente, no qual a subjugação se traduzia *"por uma necessidade incessante de escrever, ainda nos momentos menos oportunos"*, relatando, ainda, que observara alguns subjugados que, à falta de pena ou lápis, simulavam escrever com o dedo, onde quer que se encontrassem, mesmo nas ruas, nas portas, nas paredes, e acrescentando:

> Vai, às vezes, mais longe a subjugação corporal; pode levar aos mais ridículos atos. Conhecemos um homem, que não era jovem, nem belo e que, sob o império de uma

obsessão dessa natureza, se via constrangido, por uma força irresistível, a pôr-se de joelhos diante de uma moça a cujo respeito nenhuma pretensão nutria e pedi-la em casamento. Outras vezes, sentia nas costas e nos jarretes uma pressão enérgica, que o forçava, não obstante a resistência que lhe opunha, a se ajoelhar e beijar o chão nos lugares públicos e em presença da multidão. Esse homem passava por louco entre as pessoas de suas relações; estamos, porém, convencidos de que absolutamente não o era; porquanto tinha consciência plena do ridículo do que fazia contra a sua vontade e com isso sofria horrivelmente.[486]

Esse tipo de subjugação, em que a justaposição perispirítica e os efeitos magnéticos e telepáticos – ou hipnóticos – aparecem bem visíveis, embora temporária e, às vezes, intermitentemente, pode persistir, por um bom tempo, se ausentes as necessárias providências espirituais.

Vampirismo agudo – O parasitismo espiritual, que encontra no vampirismo a sua expressão, pode deixar de significar um processo (imperceptível, às vezes) de sucção de energias alheias, no qual, o agente nem sempre tem consciência do que acontece, para apresentar-se como uma espécie – mais triste e degradante, ainda – de *vampirismo agudo* ou *subjugante*, em que o obsessor, absorvendo a vitalidade do paciente, impõe-lhe, ainda, o pleno domínio de sua vontade – se bem que, às vezes, essa imposição do obsessor, paradoxal e surpreendentemente, acontece com a adesão do paciente, numa espécie de "*vampirismo consentido*", em processo semelhante ao simbiótico, mas configurando um quadro obsessivo dos mais avassaladores.[487]

Possessão – Esse tipo de subjugação – raro, felizmente – comparece como a mais funesta das formas de obsessão.[488]

Nesse processo, jungido, por afinidade espiritual, ao perispírito do paciente, o Espírito domina-lhe as funções, assenhoreando-se, de consequência, de suas faculdades psíquicas e estruturas nervosas, capacitando-se, assim, ao estreito controle orgânico do subjugado, ao mesmo tempo que neutraliza sua vontade para melhor absorver seus recursos vitais.

"À subjugação, quando no paroxismo, é que vulgarmente dão o nome de possessão", analisa KARDEC, observando, a propósito, que, muitas vezes, o paciente surpreendentemente chega a ter consciência *"de que o que faz é ridículo, mas é forçado a fazê-lo, tal como se um homem mais vigoroso do que ele o obrigasse a mover, contra a vontade, os braços, as pernas e a língua"*.[489]

A possessão, todavia, assinala o Codificador, *"é sempre temporária e intermitente, porque um Espírito desencarnado não pode tomar definitivamente o lugar de um encarnado, pela razão de que a união molecular do perispírito e do corpo só se pode operar no momento da concepção"*.[490]

Subjugação

Em outro local esclarece: *"O termo possesso só se deve admitir como exprimindo a dependência absoluta em que uma alma pode achar-se com relação a Espíritos imperfeitos que a subjuguem".*[491]

Nesse tipo de obsessão, verifica-se o mais alto grau de constrangimento que um Espírito pode impor ao obsidiado. Manifesta-se de diversas formas: desde aquelas em que o Espírito se "apossa" provisoriamente das faculdades psíquicas do paciente, em processo que, embora seguidamente marcado pela violência, cenas terrificantes e indignidades, não chega propriamente a causar dano maior à integridade psicofísica do obsidiado, ou os casos em que esse tipo de fenômeno pode acontecer até coletivamente, como, por exemplo, mostra o já citado episódio dos *"possessos de Morzine"*, famoso caso de infestação obsessiva, estudado por KARDEC,[492] até as gravíssimas ocorrências catalogadas pela medicina como casos de *epilepsia essencial*, a traduzirem muitas vezes, como descreve ANDRÉ LUIZ, situações de possessão completa, a configurarem, certamente, os mais graves casos de obsessão.

É que, envolvendo mentes desequilibradas presas *"às teias de ódio recíproco"*, em doloroso processo marcado pelo *"bombardeio de emissões magnéticas de natureza tóxica"*, por parte do perseguidor, e afetando, por via do perispírito, as células do córtex, os centros motores, as camadas mais profundas do cerebelo, provoca *"estranhas transformações nos neurônios"*, inibindo totalmente *"o delicado aparelho encefálico"*, desorganizando os centros da memória e da fala, *"perturbando as vias de equilíbrio"*, *"destrambelhando a tensão muscular"* e determinando, enfim, as convulsões, *"nas quais o corpo físico,*

prostrado, vencido, mais se assemelha à embarcação repentinamente à matroca".[493]

Ressalta à evidência que, embora respeitáveis os esforços e os recursos terapêuticos empregados pela medicina atual, tipos de obsessão como esses, capazes de produzir lesões perispiríticas da mais alta gravidade, só encontram solução efetiva com o amparo de uma terapia que leve em conta, sobretudo, a realidade espiritual. "*O que se depreende dos ensinamentos*" – escreve a conceituada médica e pesquisadora Marlene R. S. NOBRE – *"é que a psiquiatria iluminada, que coloca o Espírito imortal como centro das doenças, aconselha, no caso de lesões perispiríticas, que se remonte à origem das perturbações, não a golpes simplesmente verbalísticos, mas socorrendo os doentes com a força da fraternidade e do amor, a fim de que tenham forças de modificarem-se, reajustando as próprias forças…".*[494]

E a contribuição do Espiritismo nesse campo – em todos os tipos de obsessão –[495] surge realmente decisiva: compreendendo a reencarnação, a lei de causa e efeito e o significado da vivência evangélica, a realidade, enfim, de que estamos todos *"subordinados a indefectíveis leis morais"*, como lembra DIAS DA CRUZ,[496] psiquiatras, psicólogos e pacientes poderão encontrar recursos de cura acentuadamente superiores aos oferecidos pelas baterias químicas, de efeito quase sempre paliativo.

Fases do processo obsessivo

O estudo da ação obsessiva sugere a existência nítida de momentos diversos no processo de atuação dos desencarnados sobre os encarnados – e, eventualmente, dos desencarnados sobre outros, suscetíveis à sua influenciação.

Nessa direção podem ser detectadas as seguintes fases: de *insinuação*, *assédio*, *conexão mental* e de *domínio*.

Insinuação

No processo obsessivo planejado, o agente busca atrair a sintonia do paciente, projetando, sutilmente e quase sempre a distância, ideias e imagens, que, pouco a pouco, passam a ser recepcionadas por este, se tais as condições propiciadas pela afinidade, associada à invigilância. É o momento que pode ser qualificado como de *insinuação* espiritual maligna e que, pela sagacidade do perseguidor, dificilmente é detectada pela maioria dos moralmente adormecidos, que somos nós, renitentes aprendizes do Evangelho na escola Terra.

Surge assim a insinuação como a ponte de acesso à mente do paciente, o qual, presente a receptividade, poderá ficar sujeito, a partir daí, a avanços obsidiantes mais significativos, em que a atuação do perseguidor, por aproximação e até por justaposição, pode levar a efeitos psicofísicos devastadores.

Como o incêndio destruidor começa com a primeira labareda mal atendida, os mais tristes processos obsessivos, na maioria das vezes, iniciam-se pela insinuação ardilosa de

inteligências nuas de amor, que não titubeam em usar a telepatia, o hipnotismo, o magnetismo, para invadir o sagrado território mental de irmãos seus, desprevenidos no serviço de autovigilância. Sempre atual, pois, a advertência de JESUS: *"**Vigiai e Orai**"*.[497]

Assédio

Resultados favoráveis, decorrentes do esforço de insinuação, levam o perseguidor, geralmente, a um cerco mental mais insistente: é o *assédio* obsessivo, cujos efeitos passam logo a ser notados, como, por exemplo, mudanças perigosas de atitudes, pensamentos às vezes desordenados, falhas de memória, falta de concentração, cansaço físico e mental, sintomas diversos sem causa aparente, etc.

Analisando as consequências do assédio, Celina FIORAVANTI assim as descreve:

> Junto com as falhas de memória, ocorrem outros problemas mentais, como a falta de concentração, a dispersão dos pensamentos. Todos os processos mentais se tornam pouco estáveis, gerando falta de atenção, dificuldade de aprendizado, pouca compreensão de assuntos subjetivos e problemas para realizar operações que exigem clareza de raciocínio, como cálculos.
>
> Sintomas de doenças, nas quais o médico não consegue detectar uma causa, como febres, vômitos, dores de cabeça, aceleração dos batimentos cardíacos, cãimbras, podem indicar assédio. As características destas situações é que elas surgem inesperadamente e podem desaparecer por completo, de forma súbita, deixando a pessoa com a sensação de estar exausta.
>
> Outra maneira de se perceber um assédio é a manifestação de muita ansiedade. Essa ansiedade tem como característica o manifestar-se subitamente, dando a impressão de que a pessoa está ansiosa por sair de onde está, pois nada tem a fazer ali. Por exemplo, um empregado que deve ficar na sua mesa trabalhando, de repente sai do escritório sem sequer avisar seu superior. Quando volta, não recorda onde foi nem o que fez, parece confuso e cansado.[498]

Tais efeitos já refletem um princípio de desestabilização das funções perispiríticas, perturbado o comando dos centros coronário e cerebral, principalmente sob a ação deletéria dos agentes obsessores.

Importante anotar aqui que se a *insinuação* reflete uma ação consciente por parte do obsessor, podendo servir de degrau ao *assédio* ostensivo, propriamente, este também pode acontecer, desde logo; notadamente, em casos de ação involuntária ou não premeditada – muito comum, aliás –, em que o obsessor, mergulhado em sofrimento, nem chega bem a se dar conta do que acontece. A respeito, escreve Suely C. SCHUBERT:

> Nem sempre (…) a ação do obsessor é fria e calculista. Nem sempre ele age com premeditação e com requintes de crueldade. Há obsessões, sim, que apresentam estas

características, mas nem todas. Existem aquelas outras em que o algoz atua como que enlouquecido pela dor, pela angústia e sofrimentos. Não tem condições de raciocinar com clareza e sofre até mais que o obsidiado. Sua ação é desordenada, irrefletida e ele sabe apenas que deve ou tem de pedir contas ou se vingar daquele que o tornou infeliz. Não tem noção de tempo, de lugar, às vezes, esqueceu-se do próprio nome, ensandecido pelas torturas que o vitimaram.

Muitos não têm consciência do mal que estão praticando. Podem estar sendo usados por obsessores mais inteligentes e mais cruéis, que os atormentam, enquanto os obrigam a, por sua vez, atormentarem os que são objeto de vingança ou ódio.[499]

O *assédio* surge tão perigoso pela ação do obsessor quanto se sabe que quase sempre é revitalizado pela ação do obsessor, durante o sono físico do paciente.

Por isso, por suas consequências imediatas ou futuras – pois que dolorosos desenvolvimentos poderão ocorrer –, não prescindem do necessário cuidado que, a começar, deve partir do próprio obsidiado. Nesse sentido, a lúcida advertência de ANDRÉ LUIZ, por Francisco C. XAVIER:

Em todos os quadros do Universo, somos satélites uns dos outros. Os mais fortes arrastam os mais fracos, entendendo-se, porém, que o mais frágil de hoje pode ser a potência mais alta de amanhã, conforme nosso aproveitamento individual. Expedimos raios magnéticos e recebemo-los ao mesmo tempo. É imperioso reconhecer, todavia, que aqueles que se acham sob o controle de energias cegas, acomodando-se aos golpes e sugestões da força tirânica, emitidos pelas inteligências perversas que os assediam, demoram-se, longo tempo, na condição de aparelhos receptores da desordem psíquica. Muito difícil reajustar alguém que não deseja reajustar-se. A ignorância e a rebeldia são efetivamente a matriz de sufocantes males.[500]

Especialmente delicado é o *assédio* na mediunidade, porque deliberadamente dirigido à perturbação e à fragilização psicofísica do médium, que, já por suas faculdades, pode apresentar-se perispiritualmente mais sensível.

Daí, a necessidade de que tenha consciência do processo que o envolve, para que, pela força da humildade, da paciência e da persistência no serviço de auxílio, consiga livrar-se da perniciosa influenciação.

Conexão mental

Se exitoso o assédio, agrava-se o processo obsessivo com a ligação mais estreita das partes envolvidas.

O que antes era uma tentativa de aproximação, a refletir-se em forma de *insinuação*, ou já uma aproximação, propriamente, significando um processo de *assédio* sistemático, em que a

influenciação sutil corrói, pouco a pouco, as resistências psíquicas do paciente, pode transformar-se em processo mais rigoroso de obsessão, em que a influenciação adquire maior densidade ainda.

É a fase da *conexão mental*, em que o perispírito do perseguidor passa a ligar-se mais ao corpo espiritual do obsidiado, inaugurando, perigosamente, as possibilidades de justaposição perispirítica, que pode abrir as portas, não só para um tipo de fascinação mais persistente como para os processos simbióticos e parasitários.

Nessa fase, a ligação entre as mentes do obsessor e do paciente torna-se cada vez mais íntima, enfraquecendo-se, gradual e dramaticamente, a vontade deste.

Domínio

O momento mais grave do processo obsessivo é o que marca a quebra da resistência volitiva do perseguido, passando o agente a instalar o seu domínio mental sobre aquele.

Essa fase já caracteriza a subjugação – sem dúvida, o estado mais avançado de obsessão –, em que o obsidiado passa a mostrar mudanças ostensivas em seu comportamento e pode, tristemente, chegar a perder a própria capacidade de discernir. Observa o Espírito ODILON FERNANDES, pela mediunidade de Carlos A. BACELLI:

> A obsessão, de início, nem sempre se instala com todo o ímpeto sobre o obsidiado. Poderíamos compará-la a pequena tumoração, que, a pouco e pouco, se desenvolve, chegando, não raro, a tomar conta de todo um órgão…
>
> A obsessão alcança o seu estado de maior gravidade justamente quando o obsidiado perde a faculdade de discernir o que é certo do que é errado.
>
> Confuso, praticamente anulado em suas condições intelectuais, o obsidiado coloca-se à mercê dos espíritos obsessores que lhe substituem a vontade.
>
> Quando o obsidiado luta contra as idéias estranhas que lhe são sugeridas, ainda há esperança de rápida reversão no quadro obsessivo que se desenha, mas quando ele as 'incorpora' de modo totalmente passivo, o problema torna-se por demais preocupante e sem qualquer previsão de melhora.[501]

Da simples insinuação à completa dominação da vontade, desdobra-se dolorosamente o processo obsessivo, ainda que o paciente, mormente nos períodos iniciais, usando de seu livre-arbítrio, tente muitas vezes reagir.

É que, também, não basta a consciência do envolvimento e a vontade de se livrar, sem uma efetiva mudança da postura moral, como, a propósito, ensinava o apóstolo da caridade, Dr. BEZERRA DE MENEZES, quando ainda encarnado:

> O uso que fazemos do nosso livre-arbítrio, na repulsão daquela causa perturbadora, pode ser eficaz ou inútil, conforme a natureza dos nossos sentimentos. Se forem bons, a

> nossa resistência rechaçará todos os ataques do inimigo. Se forem maus, serão ventos a auxiliarem as correntes do inimigo. Cada um de nós forma sua atmosfera moral, dentro da qual somente podem penetrar Espíritos da nossa natureza, que são os únicos que a podem respirar…[502]

Verdade, ainda, que a Misericórdia Divina, através da assistência de abnegados Benfeitores Espirituais, interfere no sentido de aliviar o sofrimento dos que passam pela obsessão, propiciando, seguidamente, pausas de reequilíbrio que possam favorecer o redirecionamento de seu comportamento moral.

Efeitos da obsessão

De acordo com o exposto, é possível, em caráter conclusivo, estabelecer genericamente três tipos de efeitos, ligados ao processo obsessivo: os efeitos *psicológicos*, os *psicopatológicos* e os chamados efeitos *orgânicos*.

Efeitos psicológicos

Nas fases iniciais do processo obsessivo, tanto no exercício mediúnico como fora dele, os primeiros efeitos notados são mais de ordem psicológica, embora seguidamente acompanhados de um certo mal-estar físico: perda de memória, desatenção, tristeza, desânimo, excitação sexual anormal, sentimentos de inferioridade, suscetibilidade exagerada, ressentimento, agressividade, perda ou aumento de apetite, impulsos dirigidos à bebida, à droga, ou ao jogo, dificuldade de raciocínio, problemas de percepção e de aprendizagem, descontrole emocional, juízo crítico deficitário, etc.

Trata-se de sintomas depressivos que nem sempre comparecem suficientemente perceptíveis nos primeiros momentos, só sendo notados quando já se tornam mais agudos. Daí, o cuidado que merecem.

Efeitos psicopatológicos

Nos tipos mais graves de obsessão (simbiótica, parasitária, subjugante), os efeitos já podem ser de ordem a comprometer a estabilidade psíquica do obsidiado, configurando os inúmeros quadros psicopatológicos, cuja análise ocupa a atenção de psicoterapeutas de todo o mundo.

Desde a ansiedade incontrolável e a psicose maníaco-depressiva (transtorno bipolar) até a histeria (transtorno dissociativo), a depressão aguda ou as esquizofrenias, todas as manifestações arroladas no farto catálogo dos Transtornos Mentais e do Comportamento, que compõem a Classificação Internacional de Doenças (CID-10), podem, quase sempre, ser associadas à obsessão. E, pelo aumento assustador de ocorrências, requisitam, mais do que nunca, uma abordagem médica e psicológica de fundo espiritual, que diga, fundamentalmente, com os conhecimentos espíritas.

KARDEC, aliás, bem a propósito, já profetizava:

> Tempo virá – e não tão longe quanto se pensa – em que a ação do mundo invisível será geralmente admitida e a influência dos maus Espíritos posta entre as causas patológicas. Será levado em conta o importante papel desempenhado pelo perispírito na fisiologia e uma nova via de cura será aberta para uma porção de doenças consideradas incuráveis.[503]

E o Espírito conhecido como SÃO LUÍS, guia espiritual da Sociedade Espírita de Paris e um dos Instrutores da Codificação, apontava, pela médium Mme. COSTEL:

> O Espiritismo está chamado a prestar grandes serviços: será o curador dos males cuja causa era antes desconhecida e ante às quais a ciência continua impotente; sondará as chagas morais e lhes ministrará o bálsamo reparador; tornando os homens melhores, deles afastará os maus Espíritos atraídos pelos vícios da Humanidade.[504]

Efeitos orgânicos

Não é segredo para os profissionais esclarecidos da Medicina que os distúrbios mentais soem comumente refletir-se no organismo físico. E o desenvolvimento, nas últimas décadas – embora a oposição materialista de ontem e de hoje –, do que se convencionou chamar de medicina psicossomática, atesta não só o reconhecimento, por muitos, da influência do psiquismo no equilíbrio orgânico como o esforço de dedicados terapeutas, buscando diagnósticos e tratamentos alicerçados numa visão mais integral do ser humano.

De fato, o ser humano é muito mais que um corpo físico. É, sim, um Espírito que se reveste, provisoriamente, de um corpo carnal.[505]

Assim, se é possível admitir que, quando encarnada, a pessoa apresente-se como uma *totalidade psicofísica*, segundo se admite em Psicologia, há que se ter em vista que o psiquismo, embora sustentando o edifício celular, vibra também numa dimensão extracorporal, não só se manifestando autonomamente (como no desdobramento, p. ex.), como influenciando e continuamente sendo influenciado por outros psiquismos atuantes, tanto na dimensão física como na espiritual.

Essa influência, que a mente encarnada capta continuamente, pode produzir efeitos positivos ou negativos, dependendo da condição pessoal de quem a recebe, sabendo-se que a lei de sintonia por afinidade preside, inexoravelmente, qualquer tipo de comunicação ou conexão mental.

Se positivos, os efeitos comparecem sempre estimulantes e revitalizantes. Quando negativos, apresentam-se psicológica e fisicamente danosos.

Se a influência negativa já é de caráter obsidiante, podem surgir, de início, como já visto, distúrbios psicológicos diversos – já acompanhados de certos mal-estares físicos –, os quais,

em se desenvolvendo a ação obsessiva, tendem a agravar-se, com o surgimento de transtornos capazes de afetar a higidez psíquica.

E como os desequilíbrios da mente – por influência espiritual direta ou por disposição cármica – tendem a determinar condições de desestabilização fisiológica, fica aberto o acesso à instalação das moléstias orgânicas.

Com efeito, embora variem as explicações, conhece hoje a Medicina (até por imposição de natureza estatística) os efeitos da mente sobre o corpo, o papel das emoções com relação à fisiologia neuroendócrina, sua repercussão no metabolismo geral, não só através de passageiros transtornos psicossomáticos (somatoformes) como pelos sinais de efetiva e crescente debilitação imunológica, que vai propiciar, como se sabe, um sem-número de doenças da mais requintada patogenia.

Infelizmente, a maioria dos que cuidam da saúde ignora que esses efeitos, resultantes dos distúrbios mentais, têm seguidamente, como causa primeira, a atuação obsidiante.

Realmente, a atuação do obsessor pode comprometer o equilíbrio perispirítico, atingindo, de início, os centros coronário e cerebral e, depois, os demais, causando a alteração do comportamento psíquico do paciente. Instalado o processo de perturbação, abre-se a porta de acesso aos distúrbios da saúde, pois, se persistente, passa a repercutir com intensidade cada vez maior, comprometendo o sistema defensivo e facilitando, assim, o surgimento dos males orgânicos.

Se a autointoxicação da alma, com ideias doentias e emoções de efeito corrosivo, em descompasso com a recomendação evangélica, já afeta, por via do perispírito, o equilíbrio geral das células orgânicas, a intoxicação oriunda da obsessão, pela infiltração dos miasmas do obsessor na tessitura perispirítica do paciente, pode gerar moléstias físicas as mais incomuns, se não até desconhecidas, e cuja cura dependerá, em verdade, da solução definitiva do processo obsessivo, sob a luz da compreensão, do arrependimento e do perdão.

* * *

XV.
PERISPÍRITO E REJUVENESCIMENTO

Em qualquer doença, o foco patológico, como já visto, encontra-se comumente no corpo espiritual, impondo que a cura efetiva só possa acontecer com a sua definitiva remoção.

A saúde do corpo físico, pois, depende basicamente do equilíbrio perispiritual, ou seja, da saúde psíquica.

A Medicina já se encontra no caminho desse entendimento fundamental e, em alcançando estádios mais avançados de conhecimento, aportará certamente recursos terápicos de tal forma diferentes e mais sensíveis que os métodos de cura atuais serão considerados tão primitivos quanto os meios empregados no passado, que hoje nos surpreendem, e que não excluíam até as sanguessugas e as cauterizações com ferro em brasa…

Verdade que, além dos recursos psicoterápicos, algumas modalidades de tratamento já bem conhecidas e cujas fontes também remontam ao passado, dizem mais de perto com o perispírito do que o emprego, por exemplo, das baterias químicas e irradiações, sempre de efeitos colaterais muitas vezes imprevisíveis e até dolorosos, justamente pelos impactos que produzem no psicossoma.

Alinham-se, certamente, entre essas modalidades de cura, métodos tão antigos como a *acupunctura*, que restaura a saúde pelo reequilíbrio das forças vitais, através da estimulação dos centros de força do perispírito, expressos, fisicamente, quase sempre, por terminações nervosas,[506] e a *homeopatia*, introduzida pelo sábio médico alemão Christian Friedrich Samuel HAHNEMANN (1755-1843), baseada no emprego de substâncias *dinamizadas*, capazes de provocar respostas imunológicas adequadas.

Assinale-se, a propósito do tratamento homeopático, que tudo indica que, devido ao chamado processo de dinamização, a substância medicamentosa torna-se quintessenciada e, por isso, energeticamente mais ativa e eficaz em sua atuação na tessitura íntima do corpo espiritual, que, como se sabe, é *semimatéria*. Assimilada pelo metabolismo perispirítico, a dose homeopática, quanto mais alta a dinamização – e, portanto, o grau de sua desmaterialização –, mais repercutirá, reequilibrando, consequentemente, a fisiologia orgânica, se prestada a devida atenção à lei de afinidade, presente em todas as dimensões da vida.[507]

*

Mas, nesse campo, tema particularmente relevante é o que diz com a atuação psicomagnética direta dos Espíritos junto ao perispírito do necessitado, com vistas à solução de certos quadros críticos.

De fato, um dos mais extraordinários fenômenos, dos revelados pela Espiritualidade, diz com a revitalização perispiritual, que sói ocorrer para acelerar a recuperação da saúde diante de uma enfermidade mais pertinaz ou, até, para prolongar a vida física de um Espírito encarnado, cuja carga vital (armazenada, principalmente, ao que se deduz, no duplo etérico) já se encontra em via de exaurimento.

Nessas oportunidades, quando há o necessário crédito espiritual, o psicossoma é rejuvenescido magneticamente, e as melhoras que a organização perispiritual passa a adquirir são "apressadamente assimiladas pelas células do equipamento fisiológico",[508] aumentando decisivamente o tônus vibratório de toda organização psicofísica.

Essa revitalização do perispírito pode acontecer durante o sono, ou não. Nos casos mais graves, os Espíritos muitas vezes aproveitam o sono natural do paciente para também provocar o seu desdobramento e, assim, mais facilmente desenvolver a operação de revigoramento.

Nessas ocasiões, não é incomum que ocorra, até muitas vezes, uma espécie de "limpamento" do psicossoma, que assim é escoimado de todos os resíduos do magnetismo

degenerado e nocivo para, a seguir, ser revitalizado, em delicado processo que, na verdade, se traduz como autêntica transfusão de energia vital.

* * *

XVI.
PERISPÍRITO E ANESTESIA

A insensibilidade obtida com o emprego de substâncias químicas, ou através de recursos como o hipnotismo e a acupuncturação, diz muito com o perispírito.

De fato, dada a profunda interação entre o sistema nervoso e a estrutura perispirítica que lhe corresponde, sob o comando do centro coronário, a ação química no primeiro reflete-se imediatamente na segunda.

De outro lado, a ação hipnótica que se realiza em nível mental, através de processo gradual de retraimento do foco consciencial, tem a ver diretamente com os centros coronário e cerebral a comandarem, no plano físico, as funções neuroendócrinas e, por conseguinte, em sentido inverso ao anterior, uma eventual *desensibilização*.

A estimulação de acupontos, por sua vez, em se tratando de processo de cura, propriamente, atingiria pelos meridianos, a dizer, através da tela perispirítica e das vias nervosas, o córtex cerebral, com imediatos reflexos no hipotálamo, na hipófise e no bulbo, provocando respostas em que hormônios e neuroquímicos conjugar-se-iam na produção dos efeitos terápicos.[509]

Já nos processos de analgesia ou de anestesia, a estimulação de acupontos muito específicos geraria impulsos especiais que levariam os interneurônios – neurônios multipolares que auxiliam a processar e integrar informações neurais, em uma determinada região do sistema nervoso – à produção de um opioide (substância de efeitos iguais ao ópio), capaz de bloquear, assim, os sinais da dor.

*

Nos casos de anestesia local ou parcial, surge à evidência de que ela ocorre não só em função do entorpecimento de áreas do sistema nervoso como – e fundamentalmente – do bloqueio da ação perispirítica a elas correspondente, tal como acontece, por exemplo, quando, em determinado setor, é interrompida a passagem da força elétrica atuante num extenso campo de ação.

Na anestesia geral, o bloqueio generalizado da energia nervosa e da ação perispirítica poderia, em princípio, provocar até o próprio desprendimento do corpo espiritual, facilitando, assim, o processo.

* * *

XVII.

A energia criadora, a dizer, o impulso de vida, renovação e crescimento, é inerente a todo ser.[510]

Essa energia, força da alma, sustenta, na dimensão física, o processo vital em seus diversos níveis, manifestando-se, em parte, como impulso sexual a serviço da evolução, cuja presença é detectada desde muito cedo, na viagem do ser em direção à consciência.

De feito, segundo ANDRÉ LUIZ,[511] a comunhão sexual já se inaugura com a chegada do princípio inteligente à forma das algas verdes, passando, então, a reprodutividade a se definir e a se aperfeiçoar, apurando-se, cada vez mais, "*no regaço dos milênios*", os tecidos germinais, em delicado preparo para o desempenho superior, no estádio hominal.[512]

*

A nota característica da sexualidade é a sua bipolaridade, embora nos primórdios da jornada evolutiva, até que ela se definisse, tenha o princípio inteligente, na construção do instinto sexual, passado pelos ciclos de hermafroditismo e de unissexualidade.

A bipolaridade desenvolve-se à medida que o princípio inteligente cresce em aquisições, comparecendo definitiva na dimensão hominal, a serviço, então, do sagrado processo reencarnatório.

Mas se essa bipolaridade manifesta-se entre os encarnados, marcando a distinção entre homens e mulheres, há que se atentar para o fato de que, na dimensão espiritual, a realidade é outra.

Leciona KARDEC, em *O Livro dos Espíritos*, item 202:

> Os Espíritos encarnam como homens ou mulheres, porque não têm sexo. Visto que lhes cumpre progredir em tudo, cada sexo, como cada posição social, lhes proporciona provações e deveres especiais e, com isso, ensejo de ganharem experiência. Aquele que só como homem encarnasse, só saberia o que sabem os homens.[513]

A sexualidade, então, é força a serviço do Espírito e o fator determinante da polaridade, na dimensão física, é a sua necessidade evolutiva. Anota, a respeito, Herculano PIRES:

> Sabemos hoje com segurança que a sexualidade é um sistema de polaridade não adstrito à forma específica do aparelho sexual. Na verdade, a sexualidade é a fonte única dos dois sexos, o masculino e o feminino. Para a mudança de sexo na reencarnação, em face da necessidade de experiências novas no plano evolutivo, basta a inversão da polaridade na adaptação do espírito ao novo corpo material. Essas inversões se processam no perispírito, como ensina KARDEC, pois é este e não o corpo o controlador de todo o funcionamento orgânico e fisiológico do corpo material.[514]

Se a alma, como se viu, não tem sexo, assumindo a masculinidade e a feminilidade físicas, de acordo com o seu projeto evolutivo, é certo, também, que essas posições, a não ser em casos de expiação ou prova, tendem a refletir os característicos ativos ou passivos, que estão a definir sua individualidade no estádio em que se encontre. (Feminilidade e masculinidade, diz ANDRÉ LUIZ, *"constituem característicos das almas acentuadamente passivas ou francamente ativas"*)[515-516]

Mas, exaurido o ciclo reencarnatório na Terra e ingressando em experiências que dizem com mundos e planos mais adiantados, o Espírito, à medida que evolui, vê o seu perispírito cada vez mais quintessenciado e, por fim, dispensada a imersão periódica na matéria densa, passa a aplicar, no serviço de seu crescimento, toda a potencialidade psíquica, uma vez que já prescinde do emprego de parte de suas energias na área da sexualidade. Arquivada, aí, a polaridade sexual, com a alma integrando em si, após milênios de burilamento, as qualidades inerentes à masculinidade e à feminilidade, desenvolve-se a *multipolaridade afetiva* que vai uni-lo, cada vez mais, a todos os seres da Criação.

*

Patrimônio da mente, a sexualidade manifesta-se, obviamente, por intermédio do perispírito.

Sob o impulso do pensamento, força matriz, o centro coronário, a expressar-se pelo corpo pineal, sustenta e controla todo o mecanismo sexual.

ANDRÉ LUIZ, por Francisco Cândido XAVIER, consigna, a esse respeito, lições das mais elucidativas, espancando até mesmo a antiga concepção de que a glândula pineal, aninhada no diencéfalo, é órgão sem maior significação para a economia psicofisiológica do ser humano:

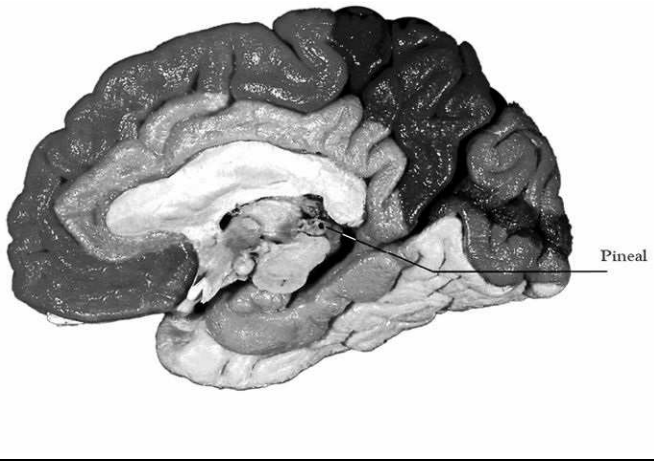
> É a glândula da vida mental. Ela acorda no organismo do homem, na puberdade, as forças criadoras e, em seguida, continua a funcionar, como o mais avançado laboratório de elementos psíquicos da criatura terrestre.
>
> (...)
>
> Ela preside aos fenômenos nervosos da emotividade, como órgão de elevada expressão no corpo etéreo. Desata, de certo modo, os laços divinos da Natureza, os quais ligam as existências umas às outras, na seqüência de lutas, pelo aprimoramento da alma, e deixa entrever a grandeza das faculdades criadoras de que a criatura se acha investida.
>
> (...)
>
> Acham-se [as glândulas genitais] absolutamente controladas pelo potencial magnético de que a epífise é a fonte fundamental. As glândulas genitais segregam os hormônios do sexo, mas a glândula pineal, se me posso exprimir assim, segrega 'hormônios psíquicos' ou 'unidades-força' que vão atuar, de maneira positiva, nas energias geradoras. Os cromossomos da bolsa seminal não lhe escapam à influenciação absoluta e determinada.
>
> (...)

Segregando delicadas energias psíquicas (…), a glândula pineal conserva ascendência em todo o sistema endocrínico. Ligada à mente, através de princípios eletromagnéticos do campo vital, que a ciência comum ainda não pode identificar, comanda as forças subconscientes sob a determinação direta da vontade. As redes nervosas constituem-lhe os fios telegráficos para ordens imediatas a todos os departamentos celulares, e sob sua direção efetuam-se os suprimentos de energias psíquicas a todos os armazéns autônomos dos órgãos. Manancial criador dos mais importantes, suas atribuições são extensas e fundamentais. Na qualidade de controladora do mundo emotivo, sua posição na experiência sexual é básica e absoluta.[517]

Tais informações, datadas de 1945, quando mais raros, ainda, eram os conhecimentos a respeito – o que fala alto da autenticidade e do valor da operação mediúnica envolvida –, têm sido gradualmente ratificadas pelas pesquisas que se dirigem ao desvendamento da fisiologia do complexo neuroendócrino, as quais, também, já mostram que as conexões do corpo pineal ocorrem, mormente, através das vias simpáticas (a inervação do corpo pineal *"é feita por fibras simpáticas pós-ganglionares provenientes dos gânglios cervicais superiores"*)[518] e que não só modulam ou regulam as atividades do sistema endócrino como se projetam, por meio de complexos circuitos, sobre outros sistemas e estruturas (sistema límbico, hipotálamo, etc.) implicados na sustentação do processo vital, em todas as suas dimensões.

Compreende-se, então, que a pineal, ao impulso do centro coronário, pode comandar a vida orgânica em sua totalidade. A partir dos sistemas nervoso e endócrino, sustentando o sistema imunológico e as funções vitais, sua ação, a refletir, sempre, o psiquismo, é fundamental e decisiva. Daí, sua destacada importância no exame da sexualidade.[519]

De fato, produzindo a melatonina – sua estrutura foi identificada a partir de 1958, com as descobertas de Aaron Lerner e suas colegas da Universidade de Yale –, sintetizada a partir da serotonina, por um tipo exclusivo de célula, o pinealócito, e representando o protótipo de uma família de hormônios que também secreta, os methoxindóis, a pineal é parte constituinte do epitálamo, um dos componentes do diencéfalo, correlacionando-se estreitamente com a fisiologia sexual, uma vez que comanda todas as funções glandulares.



Pineal

Em estudo digno de nota, reportando-se à pesquisa de Reiter e outros importantes investigadores da ação da epífise na atividade reprodutora, assinala, a respeito, a médica paulista Marlene NOBRE:

> No homem, os methoxindóis, a família de hormônios produzidos pela pineal, influem sobre diferentes aspectos da função gonadal. (…) As pesquisas sugerem que a ação do hormônio pineal é exercida, pelo menos em grande parte, em nível hipofisário, interferindo na secreção de gonadotrofinas. Com a administração de pequenas doses intraperitoniais de melatonina em ratos, conseguiu-se elevar a quantidade de serotonina do mesencéfalo e do hipotálamo. Essas mudanças no conteúdo celular de serotonina

nesses centros parecem indicar que a melatonina produz seus efeitos sobre as gônadas por modificação na atividade desses neurônios.

(...)

Trabalhos recentes mostraram a relação entre melatonina e anti-ovulação em mulheres normais, em pacientes com amenorréia hipotalâmica e em atletas que tiveram intenso treinamento físico. No homem, também ficou demonstrado que a melatonina atua tanto no desenvolvimento das gônadas quanto na secreção de testosterona, o principal hormônio masculino.

Enfim:

A epífise é o centro das emoções; controla as glândulas sexuais e todo o sistema endócrino; comanda as forças subconscientes; supre de energias psíquicas todos os armazéns autônomos dos órgãos e é a glândula da vida mental. Essas revelações feitas em 1945, podem agora ser confrontadas, à medida que a ciência médica avança em suas pesquisas para descobrir a influência da melatonina na economia orgânica.[520]

Assim, o centro coronário, refletindo o pensamento e projetando seus impulsos aos demais centros perispiríticos, rege, no plano corpóreo, a partir da epífise, cada célula do ser.

É, pois, fácil compreender, com referência às funções sexuais, que a ação do aparelho reprodutor, expressão biofisiológica do centro genésico, corresponde, então, a uma atividade meramente reflexa, em resposta ao comando fundamental do centro coronário, ou seja, da mente.

*

A Conexão Psicoendócrina

Como se vê, a importância da pineal na regulação do sistema reprodutor surge, hoje, como fato comprovado.

Todavia, como nos círculos de investigação científica, cresce cada vez mais o interesse em desvendar e compreender todo o seu significado fisiológico, ampliam-se as pesquisas e

revelações, dando conta do seu papel em todo o equilíbrio psíquico – distúrbios sexuais, confusões mentais, incapacidade de concentração, alucinações, efeitos depressivos, deficiências de memória, pensamentos de suicídio, etc., já aparecem, hoje, como ligados a disfunções patológicas da pineal.[521]

Nessa linha, aliás, outros dados a respeito de seu papel, fundamental, no mecanismo da vida, têm sido alcançados. Recentes experiências mostram que é um órgão neuroendócrino, que apresenta conexões funcionais e anatômicas com o sistema imunológico, em particular, sendo em consequência, reconhecido, agora, como um importante órgão imunoneuroendócrino, tanto no animal como no homem.[522] (Essas e outras construções confirmam a lição espiritual de que o pensamento equilibrado, amoroso, sem o látego da culpa, traduz-se, através do centro coronário e da pineal, em saúde e bem-estar físico e mental.)

Não é, pois, sem razão, que essa glândula tem merecido tanta atenção dos que se dedicam às ciências da vida. *"Este minúsculo órgão parece estar escondido no cérebro, mas sua função é tremendamente essencial para a vida animal"*, e a pesquisa a seu respeito – afirmam os atuais investigadores – deve ser *"verdadeiramente interdisciplinar, abrangendo desde a biologia molecular até a psicologia e a etiologia"*.[523]

Pesquisas outras produzem informações não menos significativas. Por exemplo, resta, hoje, bem comprovada a influência que um campo eletromagnético pode exercer sobre a fisiologia pineal.[524]

Constatou-se que a exposição a um campo eletromagnético (0,5G, 60Hz) pode resultar na supressão da melatonina (de produção noturna), porque provoca *"alterações nos receptores das superfícies celulares, interrompendo os sinais de estímulo da norepimefrina, que atravessam a membrana, ativando a produção intracelular da melatonina"*.[525]

Ora, já há algum tempo vem sendo acentuada a importância da melatonina no processo do sono (controle dos ritmos circadianos), diante da evidência de que, sob o comando do sistema nervoso central, *"a síntese de melatonina é limitada ao período noturno e fortemente inibida pela luz."* (*"A retina detecta a informação ótica e envia sinais neurais através da via retino-hipotalâmica ao Sistema Nervoso Central e daí à pineal, que controla, através da produção de melatonina, os ciclos circadianos", sendo que "esse processo difere bem daquele que ocorre na visão".*)[526]

Experiências, pois, como a citada, buscando verificar a influência de um campo magnético de baixa frequência sobre o complexo pineal, são de grande significado, propiciando até revelações surpreendentes, como, por exemplo, a constatação do efetivo efeito que é capaz de exercer na regulação dos limiares da dor, inibin*do ou não "a hipoalgesia produzida pela melatonina"*.[527]

De fato, pesquisas com um campo de baixíssima frequência (5Hz) foram dirigidas ao estudo da "paralisia do sono" (*sleep paralysis*), que ocorre durante o sono, produzindo

sensação de imobilização forçada (esforço para se mover), pesadelos e até alucinações. Como a melatonina tem sido implicada "*na indução e sustentação do sono REM e na patogenia da paralisia do sono*", introduziu-se a terapia magnética e verificou-se que esses episódios ligados à esclerose múltipla *"diminuíam gradualmente, desaparecendo por completo por cerca de três anos"*.[528]

Tais experiências e resultados, dizendo da influência do magnetismo sobre a fisiologia pineal, com repercussão em várias estruturas do sistema nervoso, favorece a compreensão dos efeitos do magnetismo espiritual, que atua em outra dimensão, sobre os centros perispiríticos, a partir do coronário, facilitando-nos, assim, o entendimento acerca de uma série de fenômenos ligados à cura através do passe, à obsessão, à mediunidade em geral, enfim.

O futuro próximo, sem dúvida, alcançará novas e importantes revelações, compensando o desinteresse do passado. Com efeito, embora os primeiros relatos sobre a glândula pineal datem de mais de dois mil anos (DESCARTES designava-a como *"sede da alma"*), somente nas últimas décadas é que começaram a surgir os trabalhos mais significativos a respeito. Agora, os estudos se aceleram e lícito é admitir que, em breve tempo, com a pesquisa tornando-se interdisciplinar, surja a confirmação oficial da existência do perispírito, contribuindo, como assinala M. NOBRE, para *"a mudança definitiva do enfoque materialista-mecanicista em que ela [a ciência oficial] está lastreada"*.[529]

*

Em sexualidade, o conceito de bipolaridade associa-se, naturalmente, ao de permuta de energias entre os agentes envolvidos no processo sexual.

Todavia, esse intercâmbio energético nem sempre ocorre. Com efeito, basicamente três tipos de situação podem ser detectadas no relacionamento sexual. Assim, pode ele acontecer sem o envolvimento real de uma das partes, satisfazendo, momentânea e aparentemente, somente um dos parceiros, não passando, muitas vezes, de uma mera aventura genital, em que prevalece, unicamente, o interesse pela satisfação sensorial própria, não importando a situação da outra parte. Em tais circunstâncias, obviamente, em que o ato sexual tem a marca do egoísmo, da despreocupação com a sensibilidade alheia, não há que falar em reciprocidade ou troca de eflúvios. Mesmo que a excitação de uma das partes possa resultar na emissão de energia, esta não é absorvida pela outra, que, dessintonizada, permanece sem a resposta que poderia confortar magneticamente o processo.

Outro tipo de relação diz com a participação interessada de ambos os agentes, buscando o prazer da descarga orgástica, mas com escassa afetuosidade. A atração que se exerce nesse caso relaciona-se mais com o magnetismo animal do que com o espiritual, mas, de qualquer forma, há troca e compensação energética, permuta revitalizante de recursos bioeletromagnéticos, que podem se misturar a conteúdos de energia mais espiritual, de acordo com a afetividade que, eventualmente, presida tal relacionamento.

Ao que parece, a grossa maioria humana, por própria condição evolutiva, exerce assim a sexualidade, em níveis primários de mera satisfação pessoal, ou, se já existente algum

interesse de caráter afetivo entre as partes, em condições de pouco amor, a dizer, de escassa espiritualidade.

Não sem razão, escreve o iluminado autor espiritual André Luiz, por Francisco C. Xavier, que tão aviltado tem sido o sexo, pela maioria dos encarnados na Terra, que os Espíritos têm dificuldade, por enquanto, de *"elucidar o raciocínio humano, com referência ao assunto." "Basta dizer que a união sexual entre a maioria dos homens e mulheres terrestres"*, salienta o celebrado Instrutor, *"se aproxima demasiadamente das manifestações dessa natureza entre os irracionais. No capítulo de relações dessa espécie, há muita inconsciência criminosa e indiferença sistemática às leis divinas"*. (…) *"Trata-se dum domínio de semibrutos onde muitas inteligências admiráveis preferem demorar em baixas correntes evolutivas"*. E acrescenta:

> O amor, nesses planos mais baixos, é tal qual o ouro perdido em vasta quantidade de ganga, exigindo largo esforço e laboriosas experiências para revelar-se aos entendidos. Entre as criaturas, porém, que se encaminham, de fato, aos montes de elevação, a união sexual é muito diferente.[530-531]

Num terceiro e raro tipo de relacionamento, de natureza superior, a comunhão sexual já acontece sob o influxo amoroso, delicado e puro, dos envolvidos. O sexo, então, em não se confundindo com o amor é, nesse caso, por ele impregnado, sublimando-se a função procriadora.

Nesse tipo de relação, a sexualidade já não se apresenta como mero agente de reprodução biológica, mas avançado processo de permuta de energias psíquicas e eletromagnéticas – e também, segundo a expressão de André Luiz, de *"união de qualidades"*–,[532] que, sustentado pela simpatia, pelo afeto, revigora os perispíritos, alimentando mentes e corações.

Se nos processos mais primitivos entram em jogo os centros coronário e cerebral, estimulando o centro genésico e convocando o equipamento neuroendócrino a respostas que dizem com o intercâmbio sexual em nível meramente biológico, onde só o prazer sensorial é buscado, fato diferente ocorre nas relações em que o amor já começa a prevalecer, quando aparece também significativamente a atividade do centro cardíaco, unindo perispíritos e propiciando amplas compensações vitais (magnetismo animal) e psíquicas (magnetismo espiritual).

Quando o ser humano chega a esse nível de relacionamento, evidentemente já se encontra em condição respeitável, embora um estádio superior ainda o aguarda, em que a união sexual orgânica, como é conhecida, deixa, definitivamente, de ser importante.

André Luiz, mais uma vez, ilumina admiravelmente o tema, pela mão de Francisco C. Xavier:

> (…) os homens e as mulheres, cuja alma se vai libertando dos cativeiros da forma física, escapam, gradativamente, do império absoluto das sensações carnais. Para eles, a união sexual orgânica vai deixando de ser uma imposição, porque aprendem a trocar

os valores divinos da alma, entre si, alimentando-se reciprocamente, através de permutas magnéticas, não menos valiosas para os setores da Criação Infinita, gerando realizações espirituais para a eternidade gloriosa, sem qualquer exigência dos atritos celulares. Para esse gênero de criaturas, a união reconfortadora e sublime não se acha circunscrita à emotividade de alguns minutos, mas constitui a integração de alma com alma, através da vida inteira, no campo da Espiritualidade Superior. Diante dos fenômenos da presença física, bastam-lhes, na maioria das vezes, o olhar, a palavra, o simples gesto de carinho e compreensão, para que recebam o magnetismo criador do coração amado, impregnando-se de força e estímulo para as mais difíceis edificações.[533]

Lições como estas facilitam-nos entender as revelações acerca de Espíritos desencarnados mais evoluídos, que já têm, em si, funcionalmente apagados ou desativados os centros genésico e gástrico, mostrando, de outra parte, significativo desenvolvimento funcional dos centros superiores.[534] (Especula-se, a propósito, que, em regiões diferentes da Terra – mundo "*de expiações e de provas*", conforme KARDEC, em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, Cap. III, item 4 –, a encarnação dos Espíritos, já por suas próprias condições perispirituais, a refletirem as do planeta em que estagiam, dispensaria o contato sexual, como conhecido, bastando a vontade amorosa dos pais, em processo de profunda comunhão mental e afetiva, para que se organizasse a nova estrutura capaz de servir ao reencarnante, com densidade, ao que se presume, diferente da do corpo físico…)

Nessa direção, compreendem-se também outros aspectos relacionados com a sexualidade, como a compensação da atividade sexual física pela atividade psíquica criadora e, especialmente, pelo exercício da caridade, com resultados altamente proveitosos para o equilíbrio psicossomático do agente. É que, em vez de canalizar sua energia para o ato sexual, com apoio no centro genésico, em regime, às vezes, de permuta magnético-vital, o indivíduo, em programa de disciplina sexual, entregando-se ao trabalho de ajuda aos semelhantes, não só pode colher as vibrações de gratidão dos beneficiados, como, principalmente, os contingentes energéticos que lhe são outorgados pelos Espíritos Superiores, revitalizando-se de forma muito mais substancial do que em qualquer ato sexual (quando acontece), além de sensibilizar-se perispiritualmente rumo a novas e superiores percepções e sensações.

Esse tipo de comunhão espiritual, em que o ser, dispensando o emprego físico de parte de sua vitalidade psíquica, sob a moldura de sexualidade, consegue abrir-se, inteiro, para os outros, é, aliás, desde muito conhecido, como mostra a literatura de todos os tempos, contando a história de místicos e nobres cultores da mente e do sentimento que se nutrem apenas do bem que semeiam.

*

O comportamento equilibrado e amoroso, próprio das almas mais experimentadas e sensíveis, entretanto está longe de caracterizar o modo de ser da densa maioria humana, imersa, ainda, no caldeirão das emoções desequilibradas e dos prazeres sensoriais.

Consequência disso são as torturas advindas dos abusos, especialmente tristes no âmbito da sexualidade, onde a invigilância emocional, levando à agressão, compromete perigosamente o equilíbrio psicossômico, além de, seguidamente, sustentar negra teia de obsessões.

Efetivamente, como escreve W. BARCELOS, *"entre todos os vícios das criaturas humanas, nenhum ocasiona desequilíbrios tão vastos e profundos na organização do corpo espiritual como a viciação sexual"*.[535]

Em seu longo e doloroso aprendizado sexual, o Espírito desprevenido, ao percorrer o caminho das sensações, usando seu livre-arbítrio para dispor estranhamente de suas forças sexuais, desde os rituais marcados pela torpeza e os abusos ligados aos desvios da sexualidade[536] até as indignidades e violências criminosas, alimentadas pelo egoísmo e pelas emoções em descontrole, desarmoniza sua mente, provocando a desestruturação funcional do perispírito, com grave comprometimento dos centros vitais, só reparável por doridas experiências impostas pelo processo cármico, sempre certo e infalível.

ANDRÉ LUIZ, em letras firmes e claras, que tocam o raciocínio e a sensibilidade, explicita bem o tema:

> Esses abusos [sexuais], são responsáveis não apenas por largos tormentos nas regiões infernais, mas também por muitas moléstias e monstruosidades que ensombram a vida terrestre, porquanto os delinqüentes do sexo, que operaram o homicídio, o infanticídio, a loucura, o suicídio, a falência e o esmagamento dos outros, voltam à carne, sob o impacto das vibrações desequilibrantes que puseram em ação contra si próprios, e são, muitas vezes, as vítimas da mutilação congênita, da alienação mental, da paralisia, da senilidade precoce, da obsessão enquistada, do câncer infantil, das enfermidades nervosas de variada espécie, dos processos patogênicos inabordáveis e de todo um cortejo de males, decorrentes do trauma perispirítico que, provocando desajustes nos tecidos sutis da alma, exige longos e complicados serviços de reparação a se exteriorizarem com o nome de inquietação, angústia, doença, provação, desventura, idiotia, sofrimento e miséria.
>
> Aliás, muito antes da pompa terminológica das escolas psicanalíticas modernas, que se permitem arrojadas conjeturas em torno das flagelações mentais, há quase vinte séculos ensinou-nos JESUS que 'todo aquele que comete o mal é escravo do mal' (*Evangelho de João*, 8:34) e podemos acrescentar que, para sanar o mal, a que houvermos escravizado o coração, é imprescindível sofrer a purgação que o extirpa.[537]

Tal é a lei de correspondência (ou da Causalidade Espiritual), que nos devolve por inteiro as consequências de todas as nossas ações de *"lesa-fraternidade"*, conforme a expressão de EMMANUEL, valendo o sofrimento resultante como importante fator de reajuste e aprendizagem, em direção a novos impulsos evolutivos.

Anota bem Jorge ANDRÉA, que *"o negativo, o erro, o processo degenerativo desenvolverá sempre mecanismos de defesa e de impulsos no sentido contrário, portanto evolutivo"*, e

que *"da distonia fica a experiência e vivência, a fim de criar defesas para a sedimentação de novas posições mais expressivas no bem comum"*.[538]

Nesse contexto, cumpre admitir que, inegavelmente, o reto exercício da sexualidade, em sua ampla significação, comparece como lição das mais difíceis de aprender, mas também, das mais valiosas, porque diz, justamente, com substratos do ser que o impulsionam na jornada ascensional. Daí a sempre oportuna indicação de EMMANUEL:

> (…) a energia sexual envolve o impositivo de discernimento e responsabilidade em sua aplicação, e (…) por isso mesmo, deve estar controlada por valores morais que lhe garantam o emprego digno, seja na criação de formas físicas, asseguradora da família, ou na criação de obras beneméritas da sensibilidade e da cultura para a reprodução e extensão do progresso e da experiência, da beleza e do amor, na evolução e burilamento da vida no Planeta.[539-540]

* * *

XVIII.
PERISPÍRITO E DESENCARNAÇÃO

Desencarnar é desprender-se completamente do corpo físico, após a morte cardíaca, passando a viver plenamente na dimensão espiritual.

Uma das primeiras descrições que se conhece, do processo desencarnatório, deve-se ao famoso médium norte-americano, Andrew Jackson DAVIS.[541]

A visão que captou, em tempo anterior ao surgimento da Doutrina Espírita, surpreende pelos vários pontos de coincidência com os relatos de ANDRÉ LUIZ e outros autores espirituais que trataram do tema. Eis o seu depoimento:

> Minhas faculdades de vidência me permitiram estudar o fenômeno psíquico e psicológico da morte à cabeceira de um moribundo.
>
> Tratava-se de uma senhora de cerca de sessenta anos, a quem havia dado muitas vezes conselhos médicos. Quando a hora da morte chegou, estava eu gozando muito boa saúde, o que permitiu que pudesse exercer livremente, sem qualquer obstáculo, as minhas faculdades de vidente. Coloquei-me de maneira a não ser visto ou perturbado nas minhas observações psíquicas, e pus-me a estudar com acurada atenção os misteriosos processos da morte.
>
> Vi que a organização física não podia mais bastar às necessidades do princípio intelectual, mas diversos órgãos internos pareciam resistir à partida da alma. O sistema vascular se debatia para reter o princípio vital; o sistema nervoso lutava com todo o seu poder contra a "debacle" dos sentidos físicos, e o sistema cerebral esforçava-se para reter o princípio intelectual. O corpo e a alma, como dois esposos, resistiam à sua

separação absoluta. Esses conflitos internos pareciam, a princípio, produzir sensações penosas e perturbadoras, mas quedei-me tranqüilo e mesmo feliz quando me apercebi que essas manifestações físicas indicavam – não a dor e a angústia –, mas simplesmente a separação da alma e do corpo.

Logo depois, a cabeça foi envolvida por uma atmosfera brilhante; de repente, vi o cérebro e o cerebelo estenderem suas partes interiores, fazendo cessar suas funções galvânicas; eles se tornaram saturados de princípios vitais de eletricidade e de magnetismo, que penetravam pelas partes secundárias do corpo. Por outras palavras: o cérebro subitamente se tornou dez vezes mais vigoroso do que no seu estado normal. Esse fenômeno precede, invariavelmente, a dissolução física.

A seguir, verifiquei o processo pelo qual a alma se separa do corpo. O cérebro atrai os elementos de eletricidade, magnetismo, vida, movimento, sensibilidade, espalhados por todo o organismo.

A cabeça ficou como que iluminada e notei que, ao mesmo tempo, as extremidades se tornaram frias e escuras; o cérebro tomou um brilho particular.

Em torno dessa atmosfera fluídica que envolvia a cabeça, vi formar-se uma outra cabeça que se desenhava cada vez mais nitidamente: ela era tão brilhante que eu só podia fixá-la com dificuldade, mas, à medida que esta cabeça fluídica se condensava, a atmosfera brilhante desaparecia. Daí deduzi que esses princípios fluídicos que haviam sido atraídos de todas as partes do corpo para o cérebro, e então eliminados sob a forma de uma atmosfera particular, estavam antes unidos solidamente de acordo com o princípio superior de afinidade do Universo, que se faz sempre sentir em cada parcela da matéria. Com surpresa e admiração, segui as fases do fenômeno.

Do mesmo modo que a cabeça fluídica, vi formarem-se sucessivamente o pescoço, as espáduas, o dorso, e enfim o conjunto do corpo fluídico. Tornou-se evidente para mim que as partes intelectuais do ser humano são dotadas duma afinidade eletiva que permite a sua reunião no momento da morte. As deformidades do corpo físico haviam desaparecido do corpo fluídico.

Enquanto esse fenômeno espiritualista se desenvolvia diante das minhas faculdades particulares, de outro lado, para os olhos materiais das pessoas presentes no quarto, o corpo da agonizante parecia experimentar sintomas de angústia e de penosas dificuldades, que eram puramente fictícios, pois provinham tão só da separação das forças vitais e intelectuais, que se retiravam de todo o corpo para se concentrarem no cérebro e, em seguida, no novo organismo.

O Espírito se colocou no ângulo direito da cabeça do corpo abandonado, mas, antes da separação final do laço que havia ligado durante tanto tempo os elementos materiais e intelectuais, vi uma corrente de eletricidade vital formar-se na cabeça da agonizante e na parte baixa do corpo fluídico. Isso me deu a convicção de que a morte mais não era

> do que um renascimento da alma ou do espírito, passando de um estado inferior para um estado superior, e que o nascimento de uma criança neste mundo ou de um Espírito no outro mundo eram fatos idênticos. Nada aí falta, nem mesmo o cordão umbilical, sob a forma de um laço de eletricidade vital. Esse laço permaneceu durante algum tempo entre os dois organismos. Descobri então o que me passara despercebido em minhas observações psíquicas, isto é, que uma pequena parte do fluido vital voltava ao corpo material logo que o cordão ou laço elétrico era rompido; esse elemento fluídico ou elétrico, espalhando-se por todo o organismo, impedia a dissolução imediata do corpo.
>
> Não é prudente enterrar o corpo antes que a decomposição tenha começado. O cordão umbilical a que me referi não está muitas vezes ainda rompido. É o que acontece nos casos de morte aparente, em que os indivíduos voltam à vida depois de um ou dois dias, como na letargia, na catalepsia, etc.".[542]

Como na encarnação, o processo de desencarnação normal acontece gradualmente.

O perispírito se desprende *"molécula por molécula, conforme se unira"*, assinala o Codificador.[543] Não há, pois, na desencarnação comum, uma separação brusca entre o Espírito e o corpo. Ao contrário, o desligamento da alma, dependendo do estado mental do desencarnante, pode demandar muito tempo, até.[544]

Em *O Livro dos Espíritos*, informam os Instrutores Maiores que a alma *"se desprende gradualmente, não escapa como um pássaro cativo a que se restitua subitamente a liberdade"*, e que o Espírito *"se solta pouco a pouco dos laços que o prendiam"*, ou seja, *"se desatam, não se quebram"*.[545]

A respeito, KARDEC constrói, ainda, importantes lições:

> O fluido perispiritual só pouco a pouco se desprende de todos os órgãos, de sorte que a separação só é completa e absoluta quando não mais reste um átomo do perispírito ligado a uma molécula do corpo. 'A sensação dolorosa da alma, por ocasião da morte, está na razão direta da soma dos pontos de contato existentes entre o corpo e o perispírito, e, por conseguinte, também da maior ou menor dificuldade que apresenta o rompimento.[546]

Ressaltando que o principal fator no desprendimento é o *"estado moral da alma"*, esclarece que *"para o homem cuja alma se desmaterializou e cujos pensamentos se destacam das coisas terrenas, o desprendimento quase se completa antes da morte real, isto é, ao passo que o corpo ainda tem vida orgânica, já o Espírito penetra a vida espiritual, apenas ligado por elo tão frágil que se rompe com a última pancada do coração"*. Todavia, para o homem *"materializado e sensual que mais viveu do corpo que do Espírito, e para o qual a vida espiritual nada significa, nem sequer lhe toca o pensamento, tudo contribui para estreitar os laços materiais, e, quando a morte se aproxima, o desprendimento,*

conquanto se opere gradualmente também, demanda contínuos esforços".[547]

Por derradeiro, observa KARDEC:

> O estado do Espírito por ocasião da morte pode ser assim resumido: Tanto maior é o sofrimento, quanto mais lento for o desprendimento do perispírito; a presteza deste desprendimento está na razão direta do adiantamento moral do Espírito; para o Espírito desmaterializado, de consciência pura, a morte é qual um sono breve, isento de agonia, e cujo despertar é suavíssimo.[548]

Como se deduz – da mesma forma, também, que na encarnação –, não há dois processos idênticos de desencarnação.

KARDEC, notavelmente, identifica quatro tipos de *"situações extremas"*, em cujos limites pode ocorrer *"uma infinidade de variantes"* :

> 1ª – Se no momento em que se extingue a vida orgânica o desprendimento do perispírito fosse completo, a alma nada sentiria absolutamente.
>
> 2ª – Se nesse momento a coesão dos dois elementos estiver no auge de sua força, produz-se uma espécie de ruptura que reage dolorosamente sobre a alma.
>
> 3ª – Se a coesão for fraca, a separação torna-se fácil e opera-se sem abalo.
>
> 4ª – Se após a cessação completa da vida orgânica, existirem ainda numerosos pontos de contato entre o corpo e o perispírito, a alma poderá ressentir-se dos efeitos da decomposição do corpo, até que o laço inteiramente se desfaça.
>
> Daí resulta que o sofrimento, que acompanha a morte, está subordinado à força adesiva que une o corpo ao perispírito; que tudo o que puder atenuar essa força, e acelerar a rapidez do desprendimento, torna a passagem menos penosa; e, finalmente, que, se o desprendimento se operar sem dificuldade, a alma deixará de experimentar qualquer sentimento desagradável.[549]

*

ANDRÉ LUIZ, por intermédio de Francisco Cândido XAVIER,[550] sugere a possibilidade de se identificar, em um processo normal de desencarnação programada, diversas etapas liberatórias do Espírito.

Assim, no início do processo de desencarnação, os operadores espirituais, através de complexo serviço de magnetização, insensibilizando o vago *"para facilitar o desligamento das vísceras"*, isolam o sistema nervoso simpático, neutralizando, mais tarde, *"as fibras inibidoras do cérebro"*.

Em seguida, a operação magnética, dirigindo-se ao plexo solar (centro gástrico), desata laços *"que localizavam forças físicas"*, provocando o extravasamento, pelo umbigo, de

"certa porção de substância leitosa", que fica pairando em torno, enquanto começam a surgir sintomas de esfriamento dos membros inferiores.

Ação magnética, através de passes concentrados sobre o centro emocional (centro cardíaco), relaxa, em continuação, os elos que mantêm *"a coesão celular"* nesse centro, com imediata repercussão no coração, que passa a funcionar desreguladamente, ao mesmo tempo em que nova *"cota de substância desprende-se do corpo, do epigastro à garganta"*. Foge, então, o pulso, cessa a capacidade de raciocinar e sobrevém o coma.

Nessa oportunidade, o perispírito entra em processo de desligamento. Inversamente do que acontece na encarnação, dilui-se, agora, a sustentação psicossômica das estruturas citoplasmáticas, através dos bióforos,[551] prenunciando a histólise do invólucro físico.

Logo após, operação com especial concentração de energias na região cerebral (*centros coronário* e *cerebral*) provoca o surgimento de *"brilhante chama violeta-dourada"*, emitindo luz quase impossível de ser fitada, a qual, desligando-se da região craniana, absorve *"instantaneamente a vasta porção de substância leitosa já exteriorizada"*, transformando-se na cabeça espiritual do desencarnante; ato contínuo, passa a constituir-se o corpo espiritual, *"membro a membro, traço a traço"*, com a luz violeta dourada no cérebro desaparecendo e *"espraiando-se em seguida, através de todos os escaninhos do organismo perispirítico, assegurando, desse modo, a coesão dos diferentes átomos, nas novas dimensões vibratórias"*.

Recompondo o perispírito, o desencarnante, já pairando próximo ao corpo em ritmo de rápida cadaverização, permanece a ele ligado por algum tempo mais (em média, vinte e quatro horas), através de *"leve cordão prateado, semelhante a sutil elástico, entre o cérebro de matéria densa, abandonado, e o cérebro de matéria rarefeita do organismo liberto"*.

Para muitos Espíritos, esse tempo em que permanece ligado ao corpo físico representa oportunidade de revitalização energética, após o esforço do desprendimento desencarnatório, uma vez que continuam a ser drenadas energias do veículo físico para o perispírito do desencarnante.

Trata-se, ao que parece (escassas, em verdade, são as notícias a respeito), de forças vitais necessárias, ainda, ao Espírito, em seu retorno à dimensão espiritual, transferidas do corpo etérico antes do seu desprendimento do veículo físico, marcando o início da decomposição orgânica. A quantidade de energia que o desencarnante absorveria dependeria, obviamente, do seu adiantamento, ou seja, de seus condicionamentos, das suas necessidades *materiais*, ainda, e das suas condições de adaptação à nova vida.[552]

Nessas fases, em que o perispírito entra em processo de separação e de reconsolidação – *"histogênese espiritual"*, segundo André Luiz[553] –, ocorre também o singular fenômeno conhecido como "visão panorâmica" de todo o passado, em que o Espírito passa a recordar todas as experiências de sua vida, em vertiginosa sucessão de imagens.

Esse fato, aliás, tem sido bem notado. *"Caído o vestuário da carne,"* escreve Denis, *"a luz penetra-o e sua alma aparece nua, deixando ver o quadro vivo de seus atos, de suas*

vontades, de seus desejos. Momento solene, exame cheio de angústia e, muitas vezes, de desilusão. As recordações despertam em tropel e a vida inteira desenrola-se com seu cortejo de faltas, de fraquezas, de misérias. Da infância à morte, tudo, pensamentos, palavras, ações, tudo sai da sombra, reaparece à luz, anima-se e revive".[554-555]

León Denis
(1846-1927)

A importância dessa ocorrência, nos casos de morte efetiva, é dada pelas indicações de que essa recapitulação de todos os lances vividos – *"como numa tela cinematográfica"* – projetar-se-ia nas linhas de reconstituição do perispírito, de modo que, em última análise, a tessitura do corpo espiritual se plasmaria segundo o estado mental-evolutivo do desencarnante, ou seja, de acordo com o que é, vive, pensa e sente.

Valiosas, a esse respeito, as observações de ANDRÉ LUIZ, por Francisco C. XAVIER:

> Assim como recapitula, nos primeiros dias da existência intra-uterina, no processo reencarnatório, todos os lances de sua evolução filogenética, a consciência examina em retrospecto de minutos ou de longas horas, ao integrar-se definitivamente em seu corpo sutil, pela histogênese espiritual, durante o coma ou a cadaverização do veículo físico, todos os acontecimentos da própria vida, nos prodígios de memória, a que se referem os desencarnados quando descrevem para os homens a grande passagem para o sepulcro.
>
> É que a mente, no limiar da recomposição de seu próprio veículo, seja no renascimento biológico ou na desencarnação, revisa automaticamente e de modo rápido todas as experiências por ela própria vividas, imprimindo magneticamente às células, que se desdobrarão em unidades físicas e psicossomáticas, no corpo físico e no corpo espiritual, as diretrizes a que estarão sujeitas, dentro do novo ciclo de evolução em que ingressam.[556]

Na etapa derradeira do percurso liberatório – segundo, ainda, o depoimento de ANDRÉ LUIZ (obra precitada) –, o *"cordão prateado"* é desligado do corpo e absorvido pelo Espírito, que então é afastado. Muitas vezes, dependendo de suas condições, esse desligamento só ocorre após o sepultamento dos restos físicos.

Desencarnação – Fotografia transcendente

Na foto, o Espírito Karin Fisher, deixando o corpo físico, após parada cardíaca que sofreu, em uma cirurgia realizada por uma equipe de cardiologistas de um hospital de Frankfurt, Alemanha. Surgida quando da revelação do filme tirado durante a intervenção, para os arquivos médicos. (V. Cap. V, pp. 165 e segs.)

Tudo indica que é a partir desse momento, em que é cortado o contato entre o desencarnante e o duplo etérico, que este, acumulando as forças vitais remanescentes, desprende-se dos envoltórios densos, sobrepairando sobre o cadáver durante algum tempo, até dissolver-se.

Assinale-se, a propósito, que o duplo etérico, sustentado por linhas de força perispirituais e aglutinando força vital, como já visto,[557] com a morte do corpo físico, pode perdurar por mais ou menos tempo, de acordo com a evolução do indivíduo. Anota, a respeito, Jorge ANDRÉA:

> Se o ser é medianamente evoluído, este campo persiste por dias ou meses, até desfazer-se, quase sempre auxiliado pelas equipes espirituais. Isto porque, sendo um campo de energias de predominância física, poderá servir de sustentação a espíritos inferiores.
>
> Nos indivíduos evoluídos, o duplo-etérico sofre quase que de imediato uma espécie de queima ou desfazimento de suas energias, cujo produto de transformações ao ser entregue à Natureza não estará mais submetido às ligações com o perispírito.[558]

Completada a desencarnação, com o perispírito plenamente reconstituído, ingressa o Espírito em outra faixa vibratória,[559] variando grau de consciência e equilíbrio de acordo

com suas aquisições. É o momento do reencontro consigo mesmo. Na verdade, como explica EMMANUEL, *"morrer significa penetrar mais profundamente no mundo de nós mesmos, consumindo longo tempo em despir a túnica de nossos reflexos menos felizes, metamorfoseados em região alucinatória decorrente do nosso monoideísmo na sombra, ou transferindo-nos simplesmente de plano, melhorando o clima de nossos reflexos ajustados ao bem, avançando em degraus consequentes para novos horizontes de ascensão e de luz"*.[560]

Resta claro, assim, que a volta do Espírito depende sempre de seu estado mental.[561] Se já no processo desencarnatório, a *"rápida solução do problema liberatório"*, como salienta BEZERRA DE MENEZES, depende *"em grande parte, da vida mental e dos ideais a que se liga o homem na experiência terrestre"*,[562] emancipado do envoltório material, o estado de perturbação, característico dos momentos de desencarnação do Espírito, pode acompanhá-lo por um certo tempo, se presentes as condições que o favoreçam.

Essa perturbação, segundo se constata, pode apresentar-se, de início, como uma acentuada confusão mental. BOZZANO já observara, a propósito, que os Espíritos *"quando dominados por paixões humanas, se conservam ligados ao meio onde viveram, por um lapso mais ou menos longo de tempo. Segue-se que, não podendo gozar do benefício do sono reparador, esses Espíritos persistem na ilusão de se julgarem ainda vivos, se bem que presas de estranho sonho, ou de um opresssivo pesadelo"*.[563]

Nessa linha, a necessidade de o encarnado cuidar-se, em caminho para o seu regresso à Espiritualidade, surge evidente. Oportuna, pois, a advertência de IRMÃO JACOB, por F. C. XAVIER:

> (…) se o homem não se preparou, convenientemente, para a renúncia aos hábitos antigos e comodidades dos sentidos corporais, demorar-se-á preso ao mesmo campo de luta em que a veste de carne se decompõe e desaparece. E se esse homem complicou o destino, assumindo graves compromissos à frente dos semelhantes, através de ações criminosas, debater-se-á, chorará e reclamará embalde, porque as leis que mantêm coesos os astros do Céu e as células da Terra lhe determinam o encarceramento nas próprias criações inferiores.[564]

Todavia, de outro lado, sabe-se, depois de um século e meio de comprovações mediúnicas, que outro é o futuro dos que cuidam de seu íntimo. Destaca, a esse respeito, o Prof. Cícero M. TEIXEIRA:

> (…) as pessoas que na vida física pautaram o seu viver em harmonia com a ética do bem praticado e do cumprimento dos deveres consagrados, trabalhando construtivamente, amando solidariamente sem paixões egoísticas, puderam de imediato entrar em contato com os planos espirituais mais elevados, sentindo-se felizes na convivência com espíritos afins em colônias espirituais cujo padrão vibratório e

ambiental se caracteriza por uma atmosfera luminosa, a refletir beleza, harmonia e plenitude.[565]

*

Entende-se, pois, que a desencarnação não passa de mero episódio da vida. Observa, Hernani Guimarães ANDRADE, com muita propriedade:

> O nascer e o morrer são os pontos de inflexão da gigantesca senóide biológica que se desenvolve em alternâncias, às quais ora chamamos vida, ora chamamos morte. Viver e morrer são os dois aspectos de um mesmo fenômeno, ao qual poderíamos chamar, simplificadamente, de *vida*, apenas, pois a morte já está nela implícita.[566]

Encarnar e desencarnar, em ritmo constante, esse o processo de vida e aperfeiçoamento na Terra. *"Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a lei"* (*"Naitre, mourir, renaître encore et progresser sans cesse, telle est la loi"*), eis a síntese magistral, inscrita no frontispício do dólmen que ornamenta o túmulo em que jazem os restos físicos de Allan KARDEC, no cemitério Père Lachaise, Paris.

*

Mas há mortes e mortes.

Nem sempre a desencarnação segue o ritmo do processo padrão antes descrito, colhido das informações de ANDRÉ LUIZ, pois, de fato, cada caso é um caso, dependendo do estado mental do desencarnante e de outras variáveis que, naturalmente, entram em jogo no processo liberatório. Assim, se numa desencarnação regular, nem sempre o Espírito, por suas condições cármicas, deixa de colher sofrimentos – prolongados, às vezes –, nos episódios de morte traumática, os choques perispiríticos podem produzir os mais imprevistos e dolorosos efeitos.

Tais efeitos, aliás, não guardam somente relação com os casos de acidente, em que, normalmente, entram em pauta os resgates cármicos, mas, tristemente, com as situações de *suicídio* e outras, de consequências não menos perigosas, como, por exemplo, as que dizem com a *cremação*, a *eutanásia*, o *aborto* e, até, em certas circunstâncias, com o *transplante de órgãos* e o próprio *congelamento de corpos*.

*

No caso do *suicídio*, efetivamente, o impacto perispiritual, resultante da interrupção violenta da vida física, causa inenarráveis sofrimentos ao Espírito que nele mergulha.[567]

Desde a dolorosa constatação de que a vida continua e a terrível confusão mental que toma a consciência do desencarnado, até a mais terrível sensação de ser devorado pelos vermes, apropriando-se dos restos físicos em decomposição, os efeitos são os mais dolorosos e angustiantes para a alma que deixa o corpo pela via do suicídio.

É que tais sofrimentos, normalmente de longa duração, acompanham por vezes o processo

de desagregação da carga vital aglutinada ao corpo etérico e ao campo perispirítico, destinada à sustentação das tarefas programadas para a encarnação.

Diferentemente da morte natural, em que a exaustão dos recursos vitais propicia a liberação normal do Espírito, no autoextermínio deliberado, o Espírito não consegue desligar-se da organização física, senão depois de afrouxadas as resistências oferecidas pelos contingentes vitais que circulam no circuito perispírito – duplo etérico – corpo, e cujo desgaste demanda, seguidamente, tempo igual ao que fora programado para a reencarnação.

Em síntese admirável, explica o Codificador:

> A observação (…) mostra que os efeitos do suicídio não são idênticos. Alguns há, porém, comuns a todos os casos de morte violenta e que são a conseqüência da interrupção brusca da vida. Há primeiro, a persistência mais prolongada e tenaz do laço que une o Espírito ao corpo, por estar quase sempre esse laço na plenitude da sua força no momento em que é partido, ao passo que, no caso de morte natural, ele se enfraquece gradualmente e muitas vezes se desfaz antes que a vida se haja extinguido completamente. As conseqüências deste estado de coisas são o prolongamento da perturbação espiritual, seguindo-se à ilusão em que, durante mais ou menos tempo, o Espírito se conserva de que ainda pertence ao número dos vivos.
>
> A afinidade que permanece entre o Espírito e o corpo produz, nalguns suicidas, uma espécie de repercussão do estado do corpo no Espírito, que, assim, a seu mau grado, sente os efeitos da decomposição, donde lhe resulta uma sensação cheia de angústias e de horror, estado esse que também pode durar pelo tempo que deveria durar a vida que sofreu interrupção. Não é geral este efeito; mas, em caso algum, o suicida fica isento das conseqüências da sua falta de coragem e, cedo ou tarde, expia, de um modo ou de outro, a culpa em que incorreu.[568-569]

*

A *cremação* também não é ocorrência que possa atrair indiferença. Embora se torne cada vez mais comum, impõe-se observar que nem sempre o Espírito, nesse processo, por suas próprias condições evolutivas, consegue escapar ao choque perispiritual, podendo até mesmo ficar sujeito a sensações e perturbações realmente desagradáveis.

Já Léon Denis, venerável consolidador do Espiritismo na Europa, tratando do tema, escrevia, no início do século passado:

> Pergunta-se, muitas vezes, se a cremação é preferível à inumação sob o ponto de vista da separação do Espírito. Os invisíveis, consultados, respondem que, em tese geral, a cremação provoca desprendimento mais rápido, mais brusco e violento, doloroso mesmo para a alma apegada à Terra por seus hábitos, gostos e paixões. É necessário certo arrebatamento psíquico, certo desapego antecipado dos laços materiais, para sofrer sem dilaceração a operação crematória. É o que se dá com a maior parte dos

> orientais, entre os quais está em uso a cremação. Em nossos países do Ocidente, em que o homem psíquico está pouco desenvolvido, pouco preparado para a morte, a inumação deve ser preferida (…) porque permite aos indivíduos apegados à matéria que o Espírito lhes saia lenta e gradualmente do corpo.[570]

Não é por outra razão, aliás, que os Instrutores Maiores têm advertido sobre a necessidade de acautelamento em assunto de tão magna importância. Recomenda EMMANUEL:

> Na cremação, faz-se mister exercer a piedade com os cadáveres, procrastinando por mais horas o ato de destruição das vísceras materiais, pois, de certo modo, existem sempre muitos ecos de sensibilidade entre o Espírito desencarnado e o corpo onde se extinguiu o "tônus vital", nas primeiras horas seqüentes ao desenlace, em vista dos fluidos orgânicos que ainda solicitam a alma para as sensações da existência material.[571]

Complementando a lição, esclarece, em outro local, Francisco C. XAVIER, que, segundo lição de EMMANUEL, a cremação não deveria ocorrer antes de 72 horas da desencarnação *"de vez que, além da chamada morte clínica, o espírito liberado, em muitos casos, ainda está em processo de mudança, retirando aos poucos os remanescentes da sua própria desencarnação. No caso em exame, será importante que o corpo seja mantido em câmara frigorífica, evitando-se-lhe qualquer indício de decomposição".*[572]

De qualquer forma, impõe-se a prudente espera, pois, no precário estádio evolutivo em que estacionamos, lícito é supor que nem todos estejam em condições de desligamento imediato e pleno, mesmo respeitado o tempo mínimo recomendado pelo iluminado Mestre EMMANUEL, acautelando os desprevenidos quanto a possíveis – e desnecessários – padecimentos.

Na *eutanásia*,[573] da mesma forma, pode o desencarnante ficar sujeito aos efeitos de um delicado trauma perispirítico, ainda que de repercussão bem menos significativa do que no suicídio – mesmo porque ausente, na maioria das vezes, a vontade ou a consciência plena do doente.

É que a interrupção da vida orgânica programada – a dizer, provida da reserva vital que lhe diz respeito –, impede que se escoem normalmente as forças de sustentação física, ao mesmo tempo em que vão sendo drenadas para a carne as cargas deletérias que ainda impregnam o perispírito, produtos da mente em desequilíbrio e responsáveis pelas mazelas que atormentam e retificam.

Tal a razão que leva a admitir como temerária e irresponsável qualquer decisão, por parte dos encarnados, dirigida ao apressamento do processo desencarnatório de alguém, por mais definitivo possa parecer o quadro. Mesmo porque mui complexos são os fenômenos que acompanham os derradeiros momentos do Espírito no corpo e, na verdade, ainda bastante resta a saber a esse respeito.

KARDEC, a propósito, submetendo a questão a um de seus respeitáveis orientadores

espirituais, obteve resposta que ilustra bem o tema e induz a séria meditação:

> Ainda que haja chegado ao último extremo um moribundo, ninguém pode afirmar com segurança que lhe haja soado a hora derradeira.
>
> Sei bem haver casos que se podem, com razão, considerar desesperadores; mas, se não há nenhuma esperança fundada de um regresso definitivo à vida e à saúde, existe a possibilidade, atestada por inúmeros exemplos, de o doente, no momento mesmo de exalar o último suspiro, reanimar-se e recobrar por alguns instantes as faculdades! Pois bem: essa hora de graça, que lhe é concedida, pode ser-lhe de grande importância. Desconheceis as reflexões que seu Espírito poderá fazer nas convulsões da agonia e quantos tormentos lhe pode poupar um relâmpago de arrependimento.
>
> O materialista, que apenas vê o corpo e em nenhuma conta tem a alma, é inapto a compreender essas coisas; o espírita, porém, que já sabe o que se passa no além-túmulo, conhece o valor de um último pensamento. Minorai os derradeiros sofrimentos, quanto o puderdes; mas, guardai-vos de abreviar a vida, ainda que de um minuto, porque esse minuto pode evitar muitas lágrimas no futuro. – *S. Luís*, *Paris*, 1860.[574]

*

O *aborto*, como as demais ocorrências citadas, constrói efeitos dos mais nefastos; guardadas as proporções, pode repercutir tão dolorosamente no perispírito da alma rejeitada como no suicídio.

Com efeito, a interrupção violenta do processo de gestação – seguidamente, com o estraçalhamento do feto – produz, inevitavelmente, um choque doloroso que, embora proporcional ao estádio do desenvolvimento fetal, sempre causa, pela ruptura forçada dos liames que unem o perispírito ao organismo em desenvolvimento, graves perturbações.

São sofrimentos que, associados às frustrações, despertam depois o sentimento de revolta, o fogo do ódio e a sede de vingança, que vão alimentar as obsessões, plantando a dor e o desespero que queimam as consciências culpadas.[575]

Trata-se, infelizmente, de drama que assola hoje grande parte da Humanidade – e, infelizmente, também detectado entre os que não desconhecem, propriamente, a realidade do Espírito.

Reconheça-se, todavia, que se presente em todas as sociedades e em todos os tempos – e, também, suas terríveis consequências –, nunca deixaram de existir as advertências sobre os perigos do aborto voluntário, providenciadas pela Espiritualidade Superior, com base já nas próprias legislações penais.

E certo também é que, com o advento do Espiritismo, clarificaram-se definitivamente as responsabilidades espirituais que assumem os autores de tal agressão, a definirem-se, depois, inevitavelmente, ao impulso da culpa, em complexo desajustamento das energias psicossômicas.

Esse desajustamento, a refletir-se em perigoso desequilíbrio funcional da cadeia vital (centros coronário, cerebral e genésico, principalmente), acaba mergulhando homens e mulheres, réus em delito de *"lesa-maternidade"*, segundo expressão de André Luiz,[576] em tristes e prolongadas noites de aflição.[577]

*

Com relação aos *transplantes de órgãos*, faz-se necessário considerar que, dependendo das circunstâncias, podem também, às vezes, afetar – embora nem sempre significativamente – tanto o perispírito do doador como o do receptor.

Assim, em princípio, de parte do doador se este não fez, previamente, a doação de seus órgãos, movido pelo desprendimento e pela vontade sincera de ajudar os que deles possam necessitar, poderá sentir-se depois espoliado, chegando mesmo a perturbar-se com a sensação de que lhe faltam os órgãos no corpo espiritual.[578] E tal postura mental pode, ainda, agravar o processo de rejeição que normalmente se instala no organismo do receptor.

Sábia lição de Francisco Cândido Xavier (1910-2002), a respeito, informa que *"se a pessoa chegou a um ponto de evolução em que a noção da posse não mais a preocupa, esta criatura está em condições de doar, porque não vai afetar o perispírito em coisa alguma"*. Mas, se a pessoa *"tiver qualquer apego à posse, inclusive dos objetos, das propriedades, dos afetos, ela não deve doar, porque se perturbará"*.

Explicando, mais, elucida o apóstolo da Verdade e do Amor:

> Quando o doador é pessoa habituada ao desprendimento da posse de quaisquer objetos e desinteressada desse ou daquele domínio sobre pessoas e situações, a doação prévia de órgãos que lhe pertençam, por ocasião da morte física, não afeta o corpo espiritual do doador a que nos referimos. Entretanto, se estamos à frente de alguém que não atingiu o desprendimento que mencionamos, será importante pensar que esse alguém não se encontra com a precisa habilitação para doar recursos além da desencarnação, que provavelmente reclamará.[579]

Compreende-se, então, que o receptor, diante das reclamações do Espírito que se sentir lesado, possa ter seu perispírito afetado pelo pensamento nocivo deste.

De outro lado, uma eventual incompatibilidade perispirítica entre o receptor e o doador, que as condições espirituais daquele não possam superar, poderá resultar – mesmo que o doador não reclame o que lhe foi tirado – em trauma que torne incontrolável a rejeição da peça transplantada. (Há sempre uma clara relação entre a histocompatibilidade e a compatibilidade perispiritual.)

Pela sua complexidade, a envolver aspectos os mais diversos, o transplante, em verdade, apresenta-se como tema ainda não resolvido.

De fato, se a doação é ato sublime, denotador de clara evolução espiritual, impõe-se, de

outra face, respeitar a vida que estaria prestes a findar, para que nenhuma oportunidade de aproveitamento perispiritual seja subtraída ao possível desencarnante.

E aí surgem as dificuldades, uma vez que o órgão a ser transplantado deve ser retirado estando o doador, ainda, com vitalidade.

O primeiro questionamento diz com a chamada morte encefálica (morte de todo encéfalo, abrangendo o córtex e o tronco cerebral, e que pode ocorrer antes da morte cardiológica, propriamente).

Embora com seu conceito relativamente definido desde 1968, a partir de trabalhos desenvolvidos na Faculdade de Medicina de Harvard, Estados Unidos, e ainda que respeitáveis critérios clínicos de diagnóstico,[580] acompanhados de exames complementares com certas condições de aferir a reatividade eletroencefálica, o desempenho do processo circulatório cerebral (perfusão sanguíneo-encefálica) ou a atividade metabólico-encefálica, mesmo diante desses extraordinários avanços, persiste, inegavelmente, no caso de uma ocorrência de morte encefálica, a dúvida sobre o direito que alguém possa se arrogar de fazer cessar a vida orgânica de seu semelhante, coisificando-o, sejam quais forem as condições.

É que, realmente, uma efetiva constatação de morte encefálica, no estado atual de nossos conhecimentos, pode, em tese, apenas apontar a possibilidade de um processo desencarnatório, não alcançando, obviamente, nenhuma certeza acerca do tempo em que poderá ocorrer o efetivo desligamento do Espírito, o que permite conjeturar sobre a hipótese de que a retirada de órgãos, seguida da cessação definitiva da vida, equivalha, afinal, de certa forma, e guardadas as diferenças quanto aos efeitos perispiríticos, à própria eutanásia.[581]

No futuro, certamente, ou o desenvolvimento científico permitirá a retirada de órgãos sem que o ritmo de desencarnação efetiva seja afetado por constrangimentos perispirituais desnecessários, ou os recursos tecnológicos, associados aos das ciências que informam a Medicina, propiciarão a construção de órgãos artificiais que substituam os que hoje são transplantados – se, antes, avanços no campo da genômica e da engenharia genética, ou engenharia de tecidos, já não possibilitarem, com suporte no perispírito do necessitado, meios de sustentação ou revitalização (ou até substituição) do órgão afetado, sem o trauma do transplante.

Entrementes, permanece o conforto da certeza de que na doação desejada, iluminada pelo sentimento de solidariedade, faz-se sempre presente a ostensiva assistência espiritual, cortando sofrimentos e agasalhando o doador com o manto do bem-estar; e também, de que, sejam quais forem as circunstâncias, tanto com relação ao receptor como ao doador, vige, soberana, a Lei do Merecimento, sustentando a realidade de que *"a vida não erra"* (ANDRÉ LUIZ).

*

Por último, no que diz respeito ao *congelamento de corpos*, também antes referido, importa admitir que a aplicação atual do processo criogênico para a conservação de corpos humanos,

na expectativa de uma futura possibilidade de cura para os males que os acometeram, pode também repercutir de forma muito aflitiva, uma vez que o perispírito, sujeito a *ficar retido no corpo congelado*, por tempo indeterminado, se assim ditarem suas condições, torna-se passível dos efeitos dos impactos da operação.[582]

Esclarece EMMANUEL, a propósito, por intermédio de Francisco Cândido XAVIER:

> (…) o congelamento do corpo ocupado pelo Espírito, em processo de desencarnação, pode retê-lo, por algum tempo, junto à forma física, ocasionando para ele dificuldade e perturbações. Isso, de algum modo, já sucedia no Egito Antigo, quando o embalsamento nos retinha, por tempo indeterminado, aos pés das formas que teimávamos em conservar. Semelhante retenção, porém, só se verifica na pauta da Lei de Causa e Efeito. E, quanto ao congelamento, se alguns dos interessados – por força da provação deles mesmos – retornarem ao corpo frio a fim de reaquecê-lo, a Ciência não pode assegurar-lhes um equipamento orgânico claramente ideal, como seria de desejar, especialmente no tocante ao cérebro, que o congelamento indeterminado deixará em condições imprevisíveis.[583-584]

A prática, pois, de processos como o do congelamento – ou da embalsamação – pode produzir consequências até bem perigosas; tanto para os pacientes como, aliás, para os próprios agentes, conforme sejam seus efetivos propósitos.

Daí, o constante cuidado dos Espíritos em mostrar-nos os verdadeiros efeitos de nossos atos, pois se o livre-arbítrio é marca de progresso, dita responsabilidades e traça o futuro de cada um.

* * *

OBSERVAÇÕES FINAIS

Compreende-se claramente, pelo que exposto ficou, que um conhecimento mais avançado do perispírito pressupõe condição humana bem superior à atual.

Por isso, a tentativa de uma abordagem, mesmo periférica, como a aqui realizada, de um tema tão complexo e importante como o Perispírito – fundamental, mesmo, para o entendimento da própria vida –, nada mais significou que uma mera tentativa de indicação do quanto, em verdade, nos falta saber acerca desta maravilhosa estrutura, que PAULO, em sua extraordinária sabedoria e com notável propriedade, definiu como o *corpo espiritual*.[585]

O futuro, todavia, embora os tropeços evolutivos, certamente iluminará os horizontes do Conhecimento, ampliando o nível de consciência que o homem tem de si mesmo e de seu papel na Criação.

* * *

OBRAS CITADAS

AKSAKOF, Alexander N. 1900. *Ein seltsames und belehrendes Phanomen im Gebiete der Materialisation von Alexander N. Aksakof*. Ed. brasileira – *Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo duma Médium*. Rio de Janeiro: FEB.

____. 1990. *Animismo e Espiritismo*. Vol. II. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB. Trad. Dr. C. S.

____. 1991. *Animismo e Espiritismo*. Vol. I. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB. Trad. Dr. C. S.

ANDRADE, Hernani Guimarães. 1958. *A Teoria Corpuscular do Espírito*. São Paulo: Edição do Autor.

____. 1960. *Novos Rumos à Experimentação Espirítica*. São Paulo: Ed. do Autor.

____. 1972. "O Que Ocorre nas Sessões Espíritas? Materializações? Ectoplasmia?". *Revista Internacional de Espiritismo*. Matão-SP, janeiro: p. 364.

____. 1991. *Morte, Renascimento, Evolução: Uma Biologia Transcendental*. 5. ed. São Paulo: Pensamento.

____. 1993. *Morte, Renascimento, Evolução: Uma Biologia Transcendental*. 9. ed. São Paulo: Pensamento.

____. 1993. *Psi-Quântico (Uma Extensão dos Conceitos Quânticos e Atômicos à Idéia do Espírito)*. 9. ed. São Paulo: Pensamento.

____. 1994. *Poltergeist: Algumas de Suas Ocorrências no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Pensamento.

____. 1995. *Espírito, Perispírito e Alma: Ensaio sobre o Modelo Organizador Biológico*". 10. ed. São Paulo: Pensamento.

____. 1997. *A Transcomunicação através dos Tempos*. São Paulo: FE.

____. 1999. *Morte: Uma Luz no Fim do Túnel*. São Paulo: FE.

ANDRÉA, Jorge. *Anais do Instituto de Cultura Espírita do Brasil*. *In* ROCHA, Alberto de Souza. 1991. *Reencarnação em Foco*. Matão-SP: O Clarim.

____. 1990. *Dinâmica Psi*. 2. ed. Lorenz, Petrópolis.

____. 1991. *Enfoques Científicos na Doutrina Espírita*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lorenz.

____. 1992. *Correlações Espírito-Matéria*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lorenz.

____. 1994. "Morte – Passo Renovatório". *Revista Internacional de Espiritismo*, Matão-SP, novembro: p. 297.

____. 1994. *Psicologia Espírita*. 6. ed. Rio de Janeiro: Lorenz.

ANDRÉA DOS SANTOS, Jorge. 1989. *Impulsos Criativos da Evolução*. 2. ed. Niterói-RJ: Arte Cultura.

____. 1991. *Forças Sexuais da Alma*. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB.

____. 1992. *Correlações Espírito-Matéria*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lorenz.

____. 1995. “Pelos Campos da Mediunidade”. *A Reencarnação*. Porto Alegre, 2º semestre: p. 16.

Azevedo, José Lacerda de. 1990. *Espírito/Matéria – Novos Horizontes para a Medicina*. 3. ed. Porto Alegre: Ed. do Autor.

Bacelli, Carlos A. Odilon Fernandes, Espírito. 1996. *Mediunidade e Obsessão*. Votuporanga-SP: Didier.

Barcelos, Walter. 1995. *Sexo e Evolução*. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB.

Bentley, W. P. “*An Approach to a Theory of Survival of Personality*”. *Journal of the American Society for Psychical Research*. *In* Ostrander, Sheila. Schroeder, Lynn.

1974. *Experiências Psíquicas além da Cortina de Ferro*. Trad. Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix.

Bergson, Henri. 1907. *L’Évolution Créatrice*.

Bernard, Claude. 1992. *Introduction à la Médecine*. Cf. Delanne, Gabriel. *A Evolução Anímica*. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB.

Boirac, Emil. 1915. Paris: *La Psychologie Inconnue*.

____. 1917. Paris: *L’Avenir des Sciences Psychiques*.

Boletim Médico-Espírita. 1993. São Paulo: Associação Médico-Espírita de São Paulo, nº 7, maio: p. 269.

Bozzano, Ernesto. Gibier, Paul. *Materialização de Espíritos*. Trad. Francisco Klors Werneck. 4. ed. Rio de Janeiro: ECO.

____. 1980. *Metapsíquica Humana*. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB.

____. 1990. *A Crise da Morte*. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB.

____. 1990. *Fenômenos de Bilocação – Desdobramento*. Trad. Francisco Klors Werneck. 3. ed. São Bernardo do Campo-SP: Correio Fraterno.

____. 1991. *Os Enigmas da Psicometria*. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB.

____. 1991. *Pensamento e Vontade*. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB.

Braid, James. 1843. *Sono Neuripnológico*.

Brennan, Barbara Ann. 1993. *Mãos de Luz*. Trad. Octávio Mendes Cajado. 9. ed. São Paulo: Pensamento.

Brólio, Roberto. 1997. *Doenças da Alma*. São Paulo: FE.

Buchanan, J. Rhodes. 1889. *Manual de Psychometry*. Boston.

Burgiermann, R. Denis. 1999. “O Milagre da Multiplicação dos Neurônios”. *Superinteressante*. Abril, julho, pp. 40 a 46.

Burr, H. S. 1971. *Blueprint of Immortality*. Neville Spearman, Londres, pp. 11 e 12. *Apud*

ANDRADE, Hernani Guimarães. 1984. *Espírito, Perispírito e Alma – Ensaio sobre o Modelo Organizador Biológico*. 10. ed. São Paulo: Pensamento.

BURR, H. S. NORTHRUP, F. S. C. RAVITZ, L. J. "*The Eletro-Dynamic Theory of Life*". *Quarterly Review of Biology*. 10: 322 e 323. *In* ANDRADE, Hernani Guimarães. 1993. *Psi-Quântico – Uma Extensão dos Conceitos Quânticos e Atômicos à Idéia do Espírito*. 9. ed. São Paulo: Pensamento.

CAPRA, Fritjof. 1997. *O Ponto de Mutação*. 20. ed. São Paulo: Cultrix.

CERVIÑO, Jayme. 1989. *Além do Inconsciente*. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB.

CHARON, Jean E. 1977. *L'Esprit, cet Inconnu*. **ALBIN** MICHEL, Paris. *In* MIRANDA, Hermínio C. 1994. *Nas Fronteiras do Além*. Rio de Janeiro: FEB.

CHEVREUIL, L. *On Ne Meurt Pas*. Paris: Jouve & Cie.

CIAMPONI, Durval. 1999. *Perispírito e Corpo Mental*. São Paulo: FEESP.

COIMBRA, Cícero Galli. 1999. "Transplante Cardíaco Deve Ser Abandonado". *Folha Espírita*. São Paulo: FE, novembro: p. 4.

COSTA, Vitor Ronaldo. 1996. "Síndrome dos Aparelhos Parasitas no Sistema Nervoso do Campo Astral". *Revista Internacional de Espiritismo*. Matão-SP, agosto: pp. 200 a 203.

CRAWFORD, W. J. 1963. *Mecânica Psíquica*. São Paulo: LAKE. Trad. Haydée de Magalhães.

CROOKES, William. 1991. *Fatos Espíritas*. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB.

CUMMINS, Geraldine. 1935. *Beyond Human Personality*. NICHOLSON & WATSON, Londres. *In* OSTRANDER, Sheila. SCHROEDER, Lynn. 1974. *Experiências Psíquica além da Cortina de Ferro*. Trad. Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix.

DARWIN, Charles Robert. 1859. *On the Origin of Species by Means of Natural Selection, or the Preservation of Favored Races in the Struggle for Life*. Londres.

DEITOS, F. H. GASPARY, J. F. P. 1996. "Teorias Psiconeuroimunológicas – Implicações Clínicas". *Psiquiatria Biológica*. São Paulo, nº 4: pp. 127 a 136.

DELANNE, Gabriel. 1911. *Les Apparitions Matérialisées des Vivants & des Morts*. Paris: Leymarie, Tomos I e II.

____. 1989. *A Evolução Anímica*. 6. ed. FEB. *Apud* JORGE, José. 1991. *Antologia do Perispírito*. 4. ed. Rio de Janeiro: Celd.

____. 1989. *A Evolução Anímica*. 6. ed. FEB. *Apud* JORGE, José. 1997. *Antologia do Perispírito*. 5. ed. Rio de Janeiro: Celd.

____. 1990. *A Alma É Imortal*. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB. Trad. Guillon Ribeiro.

____. 1992. *A Evolução Anímica*. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB. Trad. Manuel Quintão.

____. 1993. *O Espiritismo perante a Ciência*. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB. Trad. Carlos Imbassahy.

DENIS, Léon. 1994. *Cristianismo e Espiritismo*. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB. Trad. Leopoldo

Cirne.

____. 1994. *Depois da Morte*. 18. ed. Rio de Janeiro: FEB. Trad. João Lourenço de Souza.

____. 1994. *No Invisível*. 15. ed. Rio de Janeiro: FEB. Trad. Leopoldo Cirne.

____. 1994. *O Porquê da Vida*. 17. ed. Rio de Janeiro: FEB.

____. 1995. *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*. 18. ed. Rio de Janeiro: FEB.

____. 1995. *O Mundo Invisível e a Guerra*. Rio de Janeiro: Celd. Trad. José Jorge.

DENTON, William. 1863. *The Soul of Things*. Boston; *Nature's Secret, or Psichometric Research*, 1863; *Our Planet its Past and Future*, 1896. *In* FODOR, Nandor. 1974. *Na Encyclopaedia of Psychic Science*. N. Jersey: The Citadel Press, Secaucus.

DE ROCHAS, Albert. 1897. *La Exteriorización de la Motilidad*. Barcelona: Imprenta de Pujol.

____. 1899. *L'Exteriorisation de la Sensibilité*. Paris: Chamuel.

____. 1971. *Feitiçaria – Exteriorização da Sensibilidade*. Trad. Júlio Abreu Filho. São Paulo: Edicel.

____. 1924. *Les Vies Successives*. 12. ed. Paris: Chacornac Frères (Librairie Général Des Sciences Occultes).

____. 1991. *Las Vidas Sucesivas*. Barcelona: Editora Amelia Boudet.

DORETTO, Dario. 1996. *Fisiopatologia Clínica do Sistema Nervoso – Fundamentos da Semiologia*. 2. ed. São Paulo: Atheneu.

DOYLE, Arthur Conan. 1995. *História do Espiritismo*. Trad. de Júlio Abreu Filho. São Paulo: Pensamento.

DRIESCH, Hans. 1903. *A Alma como Fator Elementar da Natureza*.

____. 1906. *O Vitalismo*.

DURVILLE, H. *Le Fantôme des Vivants*. Paris: Imprimeurs.

EBBINGHAUS, Hermann. 1885. *Über das gedächtnis: Untersuchungen zur experimentellen Psychologic* – Sobre a Memória: Pesquisas de Psicologia Experimental.

ERNY, Alfred. 1982. *O Psiquismo Experimental*. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB.

FACURE, Núbor O. 1999. *Muito além dos Neurônios*. São Paulo: Associação Médico-Espírita de São Paulo.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO RIO GRANDE DO SUL. 1992. *Obsessão – Desobsessão*. Porto Alegre: FERGS.

FERREIRA, Inácio. 1962. *Subsídios para a História de Eurípedes Barsanulfo*. Ed. do Autor. Uberaba. *In* THIAGO, Lauro S. 1980. "Eurípedes Barsanulfo – Centenário de Seu Nascimento". *Reformador*. Rio de Janeiro: FEB, nº 1.814, maio.

FIORAVANTI, Celina. 1995. *Causas Espirituais da Depressão*. São Paulo: Pensamento.

FODOR, Nandor. 1974. *An Encyclopaedia of Psychic Science*. N. Jersey: The Citadel Press.

Secaucus.

Fouillée, Alfred. 1890. *L'Evolutionnisme des Idées-Forces*.

Freire, Antônio J. *Da Alma Humana*. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB.

Garcia, J. B. "Enxergando sem os Olhos". *Revista Espírita Allan Kardec*. Goiânia, nº 27: p. 18.

Gaspary, J. F. P. Deitos, F. H. 1996. "Teorias Psiconeuroimunológicas – Implicações Clínicas". *Psiquiatria Biológica*. São Paulo, nº 4: pp. 127 a 136.

Geley, Gustave. 1919. *De L'Inconscient au Conscient*. Paris. *In* Mariotti, Humberto. 1967. *O Homem e a Sociedade numa Nova Civilização*. São Paulo: Edicel.

Gerber, Richard. 1997. *Medicina Vibracional – Uma Medicina para o Futuro*. Trad. Paulo César de Oliveira. 12. ed. São Paulo: Cultrix.

Haeckel, Ernst. 1899. *Os Enigmas do Mundo*.

Hahnemann, Samuel. 1978. *Organon de la Medicina*. 6. ed. Buenos Aires: Albatroz. Trad. William Boericke.

Hawking, Stephen W. 2000. *Uma Breve História do Tempo*. Trad. Maria Helena Torres. 30. ed. Rio de Janeiro: Rocco.

Heisenberg, Werner. 1999. *Física e Filosofia*. Trad. Jorge Leal Ferreira. 4. ed. Brasília: Universidade de Brasília.

Henry, E. Bernard, P. Brisset, Ch. 1975. *Tratado de Psiquiatria*. 7. ed. Barcelona: Masson.

Holbe, Rainer. 1987. *Bilder Aus dem Reich der Toten* (Imagens do Reino dos Mortos). Alemanha: Knaur.

Holroyd, Stuart. 1976. *El Mundo del Oculto – Los Fenômenos de la Parapsicologia*. Barcelona: Noguer.

Horgan, John. 1999. *O Fim da Ciência – Uma Discussão Sobre os Limites do Conhecimento*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras.

Hunt, V. Massey, W. Weinberg, P. Bruyere, R. Hahn, P. 1977. *Project Report, A Study of Structural Integration from Neuromuscular, Energy Field, and Emotional Approaches*. Ucla. *In* Brennan, Barbara Ann. 1993. *Mãos de Luz*. Trad. Octávio Mendes Cajado. 9. ed. São Paulo: Pensamento.

Imbassahy, Carlos de Brito. 1988. "A Vida dentro do Átomo". *Revista Internacional de Espiritismo*. Matão-SP, dezembro: p. 491.

____. 1995. *Quem Pergunta Quer Saber*. 3. ed. São Paulo: Petit.

____. 1997. *A Bioenergia no Campo do Espírito*. São Paulo: Mnêmio Túlio.

____. 1997. "A Reencarnação perante os Clones". *Jornal Espírita*. São Paulo: Feesp, julho: p. 4.

____. 1997. "Perguntas e Respostas". *Jornal Espírita*. São Paulo: Feesp, dezembro: p. 4.

____. 1998. “A Outra Face da Ciência Espírita”. Matão-SP: O Clarim, julho: p. 8.

____. 1999. “Ectoplasmia será a Porta para a Ciência”. *Jornal Espírita*. São Paulo: FEESP, janeiro: p. 5.

INYUSHIN, V. M. 1971. “*Biological Plasma of Human and Animal Organism*”. *Journal of Paraphysics*. *In* ANDRADE, Hernani Guimarães. 1993. *Morte, Renascimento, Evolução – Uma Biologia Transcendental*. 9. ed. São Paulo: Pensamento.

JAMES, William. *Proceedings of the American S. P. R.* 1885-89. *In* BOZZANO, Ernesto. 1990. *Fenômenos de Bilocação – Desdobramento*. 3. ed. São Bernardo do Campo-SP: Correio Fraterno.

JANET, Pierre. 1889. *L”Automatisme Psychologique Expérimentale sur les formes inférieures de l’activité humaine”*. Paris: Félix Alcan.

JORGE, José. 1991. *Antologia do Perispírito*. 4. ed. Rio de Janeiro: Celd.

____. 1997. *Antologia do Perispírito*. 5. ed. Rio de Janeiro: Celd.

JUERGENSON, Friedrich. 1964. *Les Voix de l’Univers*.

KANT, 1790. *Crítica do Juízo*.

KARDEC, Allan. 1863. “*Photographie des Esprits*”. *In Revue Spirite*. Paris, maio.

____. 1858-1869. *Revue Spirite – Journal D’Études Psychologiques*. Paris.

____. 1960. *O Livro dos Médiuns*. 61. ed. Rio de Janeiro: FEB.

____. 1964. *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos*. Trad. Júlio Abreu Filho. São Paulo e Sobradinho-DF: Edicel.

____. 1978. *A Gênese*. Trad. Sylvia Mele Pereira da Silva. São Paulo: Edicel.

____. 1993. *A Obsessão*. Trad. Wallace Leal V. Rodrigues. 5. ed. Matão-SP: O Clarim.

____. 1993. *Le Livre des Médiums*. Vermet, Paris. (Título do original: *Le Livre des Médiums ou Guide des Médiums et des Évocateurs*. Janeiro, 1861.)

____. 1993. *Obras Póstumas*. Trad. Guillon Ribeiro. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB.

____. 1994. *O Céu e o Inferno*. 39. ed. Rio de Janeiro: FEB. Trad. Manuel Justiniano Quintão.

____. 1994. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro. 109. ed. Rio de Janeiro: FEB.

____. 1994. *O Livro dos Espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 75. ed. Rio de Janeiro: FEB.

____. 1995. *A Gênese*. Trad. Guillon Ribeiro. 36. ed. Rio de Janeiro: FEB.

____. 1995. *Iniciação Espírita*. Trad. Cairbar Schutel. 13. ed. Sobradinho-DF: Edicel.

____. 1995. *O Livro dos Médiuns*. Trad. Guillon Ribeiro. 61. ed. Rio de Janeiro: FEB.

____. 1995. *O Que É o Espiritismo*. 37. ed. Rio de Janeiro: FEB.

____. 1996. *O Livro dos Espíritos*. Trad. J. Herculano Pires. 55. ed. São Paulo: LAKE.

____. 1996. *O Livro dos Espíritos*. Trad. J. Herculano Pires. 2. ed. Capivari-SP: EME.

____. 1996. *O Livro dos Médiuns*. Trad. Guillon Ribeiro. 62. ed. Rio de Janeiro: FEB.

____. 1997. *O Livro dos Espíritos*. Trad. J. Herculano Pires. 2. ed. Capivari-SP: EME.

____. 1997. *O Livro dos Espíritos*. Trad. J. Herculano Pires. São Paulo: FEESP.

KILNER, Walter J. 1965. *The Human Atmosphere*. Reedição americana sob o título *The Human Aura*.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. 1977. *Sobre a Morte e o Morrer*. São Paulo: EDART.

____. 1995. *Death is of Vital Importance*. Nova York: Station Hill Press.

LAMARCK (Jean Baptiste Pierre Antoine de Monet). 1809. *Philosophie Zoologique*.

LANCHEC, Jean Yvon. *Psico-Lingüística e Pedagogia das Línguas*. *In* SOUZA, Dalva Silva. 1988. "Perispírito e Memória". *Reformador*. Rio de Janeiro, fevereiro, nº 1.907: p. 17.

LAPPONI, José. 1988. *Hipnotismo e Espiritismo*. Trad. Almerindo Martins de Castro. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB.

LAVATER, Johann Kaspar. 1858. *Johann-Kaspar Lavater's briefe and die kaiserin Maria Feodorawana* (…) Trad. S. Petersburg. *In* DENIS, Léon. 1994. *O Porquê da Vida*. 17. ed. Rio de Janeiro: FEB.

LECLERC, Georges Louis (Conde de Buffon). *Histoire Naturelle*.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. 1712. *Monadology*.

LEX, Ary. 1994. *Do Sistema Nervoso à Mediunidade*. 2. ed. São Paulo: FEESP.

____. 1999. "Atuação do Princípio Inteligente não Começa nos Minerais". *Jornal Espírita*. São Paulo: FEESP, setembro: p. 7.

LIMA, Antônio. 1982. *Vida de Jesus*. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB.

LOBO, Ney. 1995. "A Multifuncionalidade da Mediunidade". *A Reencarnação*. Porto Alegre: FERGS, nº 411, 2º semestre: pp. 22 a 26.

LOCHER, Theo. HARSCH, Maggy. 1997. *Transcomunicação – A Comunicação com o Além por Meios Técnicos*. Trad. Harry Meredig. 10. ed. São Paulo: Pensamento.

LOMBROSO, César. 1990. *Hipnotismo e Mediunidade*. Trad. Almerindo Martins de Castro. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB.

LOUREIRO, Carlos Bernardo. 1995. *A Obsessão e Seus Mistérios*. 2. ed. Salvador: Telma.

____. 1995. "Fotografias Científicas do Perispírito no Momento da Morte". *Revista Internacional de Espiritismo*. Matão-SP, novembro: pp. 312 e 313.

____. 1996. *A Visão Espírita da Morte*. Salvador: Telma.

LUNA, Sabino Antônio e outros. 1999. *La Salud y la Enfermedad en el Tercer Milenio*. Separata anexa à *La Idea*. Buenos Aires, abril-outubro, nº 610.

LYELL, Charles. 1833. *Principles of Geology*.

MAASS, Peter. 2000. "Rezar Resolve?" *Superinteressante*. Abril, setembro: pp. 58 a 62.

MACHADO, Adésio Alves. 1999. "Chico Xavier: a Morte e a Desencarnação". *Correio Fraterno do ABC*, São Bernardo do Campo-SP, janeiro, p. 6.

MACHADO, Angelo. 1986. *Neuroanatomia Funcional*. São Paulo: Atheneu.

MAES, Hercílio. RAMATIS, Espírito. 1959. *A Sobrevivência do Espírito*. Rio de Janeiro: Divino Mestre.

MAGRO FILHO, Osvaldo. 1987. "Kepler, Jung, Einstein e seus desdobramentos espirituais". *Revista Internacional de Espiritismo*. Matão-SP, dezembro, pp. 29 e 30.

MALTHUS. 1798. *Essay on Population*.

MARIOTTI, Humberto. 1979. "*El Ser y la Persona Espiritual em el Fenómeno Ectoplásmico*". *Reformador*. Rio de Janeiro: FEB, nº 1.809, dezembro.

____. 1967. *O Homem e a Sociedade numa Nova Civilização*. São Paulo: Edicel.

MARRYAT, Florence. *A Morte não Existe*. *In* ERNY, Alfred. 1982. *O Psiquismo Experimental*. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB.

MARTIN, John H. 1998. *Neuroanatomia: Textos e Atlas*. Trad. Antonio C. H. Marrone, Felipe L. Schneider e Mauro G. Aquini. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas.

MARTINS, Celso. 1997. *Mediunidade ao seu alcance*. Capivari-SP: EME Editora.

MÁSPERO, Gaston. 1886. *História Antiga dos Povos do Oriente*. Paris.

MAYR, Ernst. 1998. *O Desenvolvimento do Pensamento Biológico*. Trad. Ivo Martinazzo. Brasília: Universidade de Brasília.

MCCONNELL, Malcom. 1999. "A Fé Pode Favorecer a Cura". *In Reader's Digest – Seleções*, março, p. 108.

MENEZES, Adolfo Bezerra de. 1963. *A Loucura sob Novo Prisma*. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB.

MIGUEL, Alfredo. 1989. *Fenômenos Espíritas e Anímicos*. 2. ed. São Paulo: FEESP.

MIRANDA, Hermínio C. 1977. *Processo dos Espíritos – Resumo da Memória Escrita por Mme. Marina Leymarie*. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB.

____. 1994. *Nas Fronteiras do Além*. Rio de Janeiro: FEB.

____. 1997. *A Reinvenção da Morte*. Niterói-RJ: Lachâtre.

MONROE, Robert A. 1985. *For Journeys*. DOUBLEDAY, Nova York. *In* TALBOT, Michael. 1991. *O Universo Holográfico*. Trad. Maria de Fátima S. M. Marques. 2. ed. São Paulo: Best Seller.

MONTANDON, Raoul. 1943. *De La Bête a l'Homme* (Do Animal ao Homem). Suíça. *In* PIRES, J. Herculano. 1994. *Agonia das Religiões*. 4. ed. São Paulo: Paideia.

MONTRAVEL, Tardy de. 1785. *Essai sur la Theorie du Somnambulisme Magnetique*.

MOODY Jr., Raymond. 1975. *Vida Depois da Vida*. Rio de Janeiro: Nórdica.

MORGAN, C. D. *From Matter to Spirit, the Result of Ten Years Experience in Spirit Manifestations*. *In* BOZZANO, Ernesto. 1980. *Metapsíquica Humana*, 3. ed. Rio de Janeiro: FEB.

MOTOYAMA, Hiroshi. 1993. *Teoria dos Chakras – Ponte para a Consciência Superior*. Trad. Zuleika T. Wiechmann Freschi. 9. ed. São Paulo: Pensamento.

MUMLER, William H. 1875. *Personal Experiences of William H. Mumler in Spirit Photography*. Boston.

NOBACK, Charles R. STROMINGER, Norman L. DEMAREST, Robert J. 1999. *Neuroanatomia – Estrutura e Função do Sistema Nervoso Humano*. Trad. Ivone Castilho Benedetti e Terezinha Oppido. 5. ed. São Paulo: Premier.

NOBRE, Marlene Rossi Severino. 1996. *Lições de Sabedoria*. São Paulo: FE.

____. 1997. *A Obsessão e Suas Máscaras*. São Paulo: FE.

____. 1997. "Perguntas e Respostas". *Folha Espírita*. São Paulo, dezembro: p. 4.

____. 1997. "Reencarnação e Clonagem". *Folha Espírita*. São Paulo, maio: p. 3.

____. 1998. *Nossa Vida no Além*. São Paulo: FE.

NOTZING, A. Schrenk. 1914. *Materialisations Phenomene*.

NUNES, Clóvis S. 1990. *Transcomunicação*. 2. ed. Sobradinho-DF: Edicel.

OLIVEIRA, Sérgio Felipe de. 1997. Entrevista publicada na *Folha Espírita*. São Paulo, abril: p. 3.

____. 1998. "Cristais da Glândula Pineal: Semicondutores Cerebrais". *Saúde e Espiritismo*. São Paulo. Associação Médico-Espírita do Brasil.

OSTRANDER, Sheila. SCHROEDER, Lynn. 1974. *Experiências Psíquicas além da Cortina de Ferro*. Trad. Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix.

PALHANO Jr., Lamartine. 1997. *Dicionário de Filosofia Espírita*. Rio de Janeiro: Celd.

____. 1998. *Dimensões da Mediunidade*. Rio de Janeiro: Celd.

PENFIELD, Wilder. *The Mistery of the Mind*. *In* DORETTO, Dario. 1996. *Fisiopatologia Clínica do Sistema Nervoso – Fundamentos da Semiologia*. 2. ed. São Paulo: Atheneu.

PEREIRA, Yvonne A. 1991. *Devassando o Invisível*. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB.

____. 1997. *Memórias de Um Suicida*. 19. ed. Rio de Janeiro: FEB.

PEREIRA, Yvonne A. BEZERRA DE MENEZES, Espírito. 1994. *Dramas da Obsessão*. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB.

PETETIN. 1808. *Eletricité Animale*.

PICLER, Wilson. "Kirliangrafia". *Boletim Médico-Espírita*. Associação Médico-Espírita de São Paulo, nº 7, maio.

PINHEIRO, Luiz Gonzaga. 1997. *Vinte Temas Espíritas Empolgantes*. Capivari-SP: EME.

PIRES, J. Herculano. 1991. *Vampirismo*. 3. ed. São Paulo: Paideia.

____. 1992. *Mediunidade*. 2. ed. São Paulo: Paideia.

____. 1993. *Educação para a Morte*. 4. ed. São Bernardo do Campo-SP: Correio Fraterno.

____. 1994. *Agonia das Religiões*. 4. ed. São Paulo: Paideia.

____. 1995. *Ciência Espírita e Suas Implicações Científicas*. 5. ed. São Paulo: USE.

____. 1995. *O Espírito e o Tempo*. 7. ed. Sobradinho-DF: Edicel.

POPPER, Karl C. ECCLES, John C. 1995. *O Eu e Seu Cérebro*. 2. ed. Brasília e Campinas-SP: UNB e PAPIRUS, Trad. Sílvio M. Garcia, Helena C. F. Arantes e Aurélio O. C. de Oliveira.

____. 1977. *Project Report, A Study of Structural Integration from Neuromuscular, Energy Field, and Emotional Approaches*. UCLA. *Apud* BRENNAN, Barbara Ann. 1993. *Mãos de Luz*. Trad. Octávio Mendes Cajado. 9. ed. São Paulo: Pensamento.

RANIERI, R. A. 1995. *Materializações Luminosas*. 5. ed. São Paulo: FEESP.

REICHENBACH, Charles de. 1845. *Les Phénomènes Odiques ou Recherches Physiques et Physiologiques sur le Dynamides de Magnétisme, de l'Electricité, de la Chaleur, de la Lumière, de la Cristalization et de l'Affinité Chimique considérés dans leurs rapports avec la Force Vitale*. Tradução inglesa: *Researches on Magnetism, Electricity, Heat, Light, Crystallisation and Chemical Atraction in their Relations to the Vital Force*. Brunswick.

RHINE, J. B. 1956. *El Alcance de la Mente*. Buenos Aires: Paidos.

RHINE, J. B. PRATT, J. G. 1966. *Parapsicologia – Fronteira Científica da Mente*. São Paulo: HEMUS.

RINALDI, Sonia. 1997. *Transcomunicação Instrumental – Contatos com o Além por Vias Técnicas*. 2. ed. São Paulo: FE.

RIZZINI, Carlos Toledo. 1993. *Evolução para o Terceiro Milênio*. 10. ed. Sobradinho-DF: Edicel.

ROCHA, Alberto de Souza. 1991. *Reencarnação em Foco*. Matão-SP: O Clarim.

RODRIGUES, Henrique. 1985. *A Ciência do Espírito*. Matão-SP: O Clarim.

ROMAINS, Jules. 1974. *Vision Extra-Retinienne – A Study of Extra Retinal Vision and the Parapotic Sense*. *In An Encyclopaedia of Psychic Science*. Secaucus – Nova Jersey: The Citadel Press, Hyperaesthesia.

SALISBURY, E. H. *The Soviet Union: The Fifty Years*. *In* OSTRANDER, Sheila. SCHROEDER, Lynn. 1974. *Experiências Psíquicas além da Cortina de Ferro*. Trad. Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix.

SALVO, Salvatore di. 1992. *Sinfonia da Energética*. São Paulo: Schimidt.

SCHNEIDER, Alex. 1971. *Breakthrough*. Nova York: Taplinger.

SCHUBERT, Suely Caldas. 1994. *Obsessão-Desobsessão*. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB.

SCHUTEL, Cairbar. 1993. *Parábolas e Ensinos de Jesus*. 13. ed. Matão-SP: O Clarim.

____. 1999. "Cairbar Schutel na Intimidade". *Correio do ABC*, São Bernardo do Campo-SP, março: p. 8.

SEVERINO, Paulo Rossi. 1996. *Aprendendo com Chico Xavier – Um Exemplo de Vida*. São Paulo: FE.

SHELDRAKE, Rupert. 1981. "*A New Science of Life: The Hipothesis of Morphic Resonance*"; 1988. "*The Presence of the Past: Morphic Resonance and the Habits of Nature*". *In* "Ressonância Mórfica". *Galileu*. Globo, fevereiro, 1999, pp. 74 a 81.

SMITH, Susy. 1965. *Out of Body Travel*. GARRET, Nova York. *In* OSTRANDER, S. SCHROEDER, L. 1974. *Experiências Psíquicas além da Cortina de Ferro*. São Paulo: Cultrix.

SOUZA, Dalva Silva. 1988. "Perispírito e Memória". *Reformador*. Rio de Janeiro, nº 1.970, fevereiro: p. 17.

SPENCER, Herbert. 1862. *The Synthetic Philosophy – First Principles*.

STROGATZ, Steven. 2003. *Sync – The Emerging Science of Spontaneous Order*. Nova York: Theia.

TALBOT, Michael. 1991. *O Universo Holográfico*. Trad. Maria de Fátima S. M. Marques. 2. ed. São Paulo: Best Seller.

TEIXEIRA, Cícero Marcos. 1996. *Psicosfera – Reflexões – Espiritismo Ciência*. 2. ed. Sobradinho-SP: Edicel.

____. 1997. *Anatomia do Desencarne*. Porto Alegre: Kuarup.

THIAGO, Lauro S. 1980. "Eurípedes Barsanulfo – Centenário de Seu Nascimento". *Reformador*. Rio de Janeiro: FEB, nº 1.814, maio: p. 10.

THIESEN, Sérgio. 1999. "O Espiritismo e a Medicina – Um Novo Paradigma para o Milênio". *Reformador*. Rio de Janeiro: FEB, nº 2.040, março: pp. 20 a 23.

____. 1999. "O Livro dos Espíritos e a Física Moderna – Os Espíritos Antecipam a Verdade". *Reformador*. Rio de Janeiro: FEB, agosto: pp. 20 a 23.

TOBEN, Bob. WOLF, Fred Allan. 1993. *Espaço-Tempo e Além*. Trad. Hernani Guimarães ANDRADE e Newton Roberval Eichenberg. 3. ed. São Paulo: Cultrix.

TUBINO, Matthieu. 1997. *Um 'Fluido Vital' Chamado Ectoplasma*. Niterói-RJ: Lachâtre.

UBALDI, Pietro. 1955. *A Grande Síntese*. Trad. Mário Corbioli. 5. ed. São Paulo: LAKE.

VAN WATT, H. P. 1937. *The Two Worlds*. Março.

WALLACE, Alfred Russel. 1853. *A Narrative of Travels on the Amazon and Rio Negro*. Londres.

____. 1870. *Contributions to the Theory of Natural Selection*. Londres.

____. 1874. "*A Defence of Modern Spiritualism*". *Fortnightly Review*. Londres.

____. 1876. *Geographical Distribution of Animals*. Londres.

____. 1895. *On Miracles and Modern Spiritualism*. 3. ed. Londres.

WEISS, Brian L. 1991. *Muitas Vidas, Muitos Mestres*. Rio de Janeiro: Salamandra.

____. 1996. *A Cura através da Terapia de Vidas Passadas*. Rio de Janeiro: Salamandra.

WILBER, Ken. PRIBAM, Karl H. e outros. 1994. *O Paradigma Holográfico e Outros Paradoxos*. Trad. Maria de Lourdes Eichenberger e Newton Roberval Eichemberg. 9. ed. São Paulo: Cultrix.

WUNDT, Wilhelm. 1889. *System der Philosophie*.

XAVIER, Francisco Cândido. VIEIRA, Waldo. ANDRÉ LUIZ, Espírito. 1993. *Evolução em Dois Mundos*. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB.

____. 1995. *Mecanismos da Mediunidade*. 14. ed. Rio de Janeiro: FEB.

XAVIER, Francisco Cândido. VIEIRA, Waldo. EMMANUEL, Espírito. 1965. *Leis do Amor*. 2. ed. São Paulo: LAKE.

XAVIER, Francisco Cândido. VIEIRA, Waldo. EMMANUEL e ANDRÉ LUIZ, Espíritos. 1993. *Estude e Viva*. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB.

XAVIER, Francisco Cândido. ANDRÉ LUIZ, Espírito. 1994. *Missionários da Luz*. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB.

____. 1994. *Ação e Reação*. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB.

____. 1994. *Nos Domínios da Mediunidade*. 22. ed. Rio de Janeiro: FEB.

____. 1994. *Os Mensageiros*. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB.

____. 1994. *E a Vida Continua*. 21. ed. Rio de Janeiro: FEB.

____. 1995. *Entre a Terra e o Céu*. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB.

____. 1995. *Libertação*. 17. ed. Rio de Janeiro: FEB.

____. 1995. *No Mundo Maior*. 20. ed. Rio de Janeiro: FEB.

____. 1995. *Nosso Lar*. 43. ed. Rio de Janeiro: FEB.

____. 1995. *Sexo e Destino*. 18. ed. Rio de Janeiro: FEB.

____. 1996. *Ação e Reação*. 17. ed. Rio de Janeiro: FEB.

____. 1996. *Obreiros da Vida Eterna*. 22. ed. Rio de Janeiro: FEB.

Xavier, Francisco Cândido. Francisco de Menezes Dias da Cruz, Espírito. 1991. *Instruções Psicofônicas*. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB.

Xavier, Francisco Cândido. Emmanuel, Espírito. 1993. *Religião dos Espíritos*. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB.

____. 1989. *Semeador em Tempos Novos*. São Bernardo do Campo-SP: GEEM.

____. 1991. *Emmanuel*. 15. ed. Rio de Janeiro: FEB.

____. 1991. *Pensamento e Vida*. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB.

____. 1992. *Encontro Marcado*. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB.

____. 1993. *O Consolador*. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB.

____. 1994. *A Caminho da Luz*. 20. ed. Rio de Janeiro: FEB.

____. 1994. *Emmanuel*. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB.

____. 1994. *Roteiro*. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB.

____. 1994. *Vida e Sexo*. 15. ed. Rio de Janeiro: FEB.

Xavier, Francisco Cândido. Irmão Jacob, Espírito. 1994. *Voltei*. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB.

"O amor a Deus e ao próximo constituem o
verdadeiro livro que precisamos escrever e
editar no coração dos homens." – Nora

Editora Allan Kardec
Av. Theodureto de Almeida Camargo, 750 – Vila Nova
Campinas/SP – 13075-630
Fone/Fax: (19) 3242-5990
www.allankardec.org.br — editora@allankardec.org.br

CÓLOFON

Título: *Perispírito*
Autoria: Zalmino Zimmermann
Capa: Gustavo Bordoni
Preparação: Mary Eudóxia da Silva Sistonen
Ilustrações: Cláudia Valente
Revisão: Ademar Lopes Júnior
Editoração: Josué Luis Cavalcanti Lira
Editoração Kindle: Helton M. Monteiro
Tipologia: Palatino Linotype (16/24)
ITC New Baskerville (13,50/16,30)
Gill Sans MT (11/16,30; 13/16,30)
Composição: InDesign CS em plataforma Windows
Produção: Janeiro/2015

1. O Professor Hernani Guimarães Andrade (1913-2003), emérito cientista brasileiro, notabilizou-se como o maior divulgador de conhecimentos científicos ligados à realidade do Espírito.

Engenheiro e ex-professor de Física e Matemática, fundador e ex-Presidente do Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas, IBPP, laureado por diversas Universidades e Institutos internacionais, membro das principais organizações de pesquisa psíquica da Europa e EUA, com centenas de artigos publicados no País e no exterior, monografias e livros de ampla repercussão nacional e internacional, credencia-se como um dos mais notáveis autores espíritas de nosso tempo, mercê de sua enciclopédica cultura e de uma dedicação ímpar ao trabalho de pesquisa e divulgação, aliada a uma rara capacidade de compreensão dos problemas humanos.

Destacam-se, entre as suas obras mais importantes: *A Teoria Corpuscular do Espírito – Uma Extensão dos Conceitos Quânticos e Atômicos à Ideia do Espírito*, 1958; *Novos Rumos à Experimentação Espirítica – Uma Nova Metodologia para a Experimentação Espirítica, em Laboratório e com Base nos Princípios da Teoria Corpuscular do Espírito*, 1960; *Parapsicologia Experimental*, 1967; *A Matéria Psi*, 1970; *Morte, Renascimento, Evolução: Uma Biologia Transcendental*, 1983; *Espírito, Perispírito e Alma: Ensaio sobre o Modelo Organizador Biológico*, 1984; *Psi Quântico (Uma Extensão dos Conceitos Quânticos e Atômicos à Ideia do Espírito)*, 1986; *Reencarnação no Brasil: Oito Casos que Sugerem Renascimento*, 1988; *Poltergeist: Algumas de Suas Ocorrências no Brasil*, 1989; *Transcomunicação Instrumental, TCI* (sob o pseudônimo de Karl W. Goldstein), 1992; *Renasceu por Amor*, 1995; *A Transcomunicação através dos Tempos*, 1997; *Morte: Uma Luz no Fim do Túnel* (Evidências da Sobrevivência após a Morte), 1999; *Você e a Reencarnação*, 2002; *Parapsicologia: Uma Visão Panorâmica*, 2002; *O Caso Ruytemberg Rocha* (Um Caso de "Drop In") (Monografia), 1971 – Trad. Inglesa: *The Ruytemberg Rocha* CASE, 1976; *The Psi Matter* (Monografia), 1976; *A Case Suggestive of Reincarnation: Jacira & Ronaldo* (Monografia), 1980.

2. V. Cap. V, "Provas da Existência do Perispírito".

3. "O Espírito, propriamente dito, nenhuma cobertura tem, ou, como pretendem alguns, está sempre envolto numa substância qualquer?

— *Envolve-o uma substância, vaporosa para os teus olhos, mas ainda bastante grosseira para nós; assaz vaporosa, entretanto, para poder elevar-se na atmosfera e transportar- se aonde queira.*

Envolvendo o gérmen de um fruto, há o perisperma; do mesmo modo, uma substância que, por comparação, se pode

chamar perispírito, serve de envoltório ao Espírito propriamente dito." (***O Livro dos Espíritos***. Trad. Guillon Ribeiro. 75. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, item 93, p. 85)

O termo criado por KARDEC foi depois – a partir do item 141 dessa obra – plenamente endossado pelos Espíritos Instrutores.

4. ***O Que é o Espiritismo.*** 37. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995. Cap. II, item 14, p. 155.

5. ***Idem***. ***Ibidem***.

6. **KARDEC**, **Allan**. ***Revue Spirite***. Trad. Júlio Abreu Filho. Sobradinho-DF: Edicel, pp. 138 e 139. Orig. ***Revue Spirite***, 1864, maio.

7. ***Cristianismo e Espiritismo***. Trad. Leopoldo Cirne. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 219.

8. **DENIS**, **Léon**. ***Depois da Morte***. Trad. João Lourenço de Souza. 18. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994. Cap. XXIX, pp. 199 e 200.

9. Antes de KARDEC, uma das mais perfeitas descrições do corpo espiritual foi feita por Johann-Kaspar LAVATER (1741-1801). Em carta enviada de Zurique, à Imperatriz Maria Feodorawna, da Rússia, em agosto de 1796, escrevia:

"A alma *aperfeiçoa em sua existência material* as qualidades do corpo espiritual, veículo este com que continuará a existir depois da morte do corpo material, e pelo qual conceberá, sentirá e obrará em sua nova existência." (*Johann-Kaspar Lavater's briefe, an die kaiserin Maria Feodorawna* (…), S. Petersburg, 1858. (Cf. **DENIS**, **Léon**. ***O Porquê da Vida***. 17. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, "Correspondência Inédita de Lavater – Primeira Carta", pp. 60 e 61)

10. O perispírito, ou corpo espiritual, foi reconhecido pela Igreja desde os primeiros tempos. Tertuliano, Basílio, Cirilo de Jerusalém, Evódio (bispo de Uzala), Agostinho e muitos outros a ele se referiram.

Observa DENIS, a propósito, que, no Segundo Concílio de Nicéia (787), declarava João de Tessalônica que "(...) *sobre as almas, a Igreja decide que esses seres são na verdade espirituais, mas não completamente privados de corpo, ao contrário, dotados de um corpo 'tênue, aéreo ou ígneo'. Sabemos que assim têm entendido muitos santos padres, entre os quais Basílio, cognominado o grande, o bem-aventurado Atanásio e Metódio e os que ao lado deles são colocados. Não há senão Deus, unicamente, que seja incorpóreo e sem forma. Quanto às criaturas espirituais, não são de modo algum incorpóreas.*"

E Clemente V, no Concílio realizado em Viena (1312), declarava heréticos "*os que não admitissem a materialidade da alma*"... (V. **DENIS**, **León**. ***Cristianismo e Espiritismo***. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, pp. 294-295)

11. Dada sua natureza altamente dinâmica, o perispírito, instrumentando a alma, é um ininterrupto emissor de energia – tão mais quintessenciada, quão mais evoluída essa for – e, ao mesmo tempo, um receptor, dependendo, sempre, do estado mental e, de consequência, do meio em que gravita.

12. **XAVIER**, **Francisco Cândido**. **VIEIRA**, **Waldo**. **ANDRÉ LUIZ**, **Espírito**. ***Evolução em Dois Mundos***. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, Cap. II, p. 26.

13. Essa energia fundamental (provavelmente, a tida hoje em Física como a energia amorfa fundamental), denominada por KARDEC "fluido cósmico", tem sido cada vez mais entendida como o veículo do pensamento divino, no fantástico processo de criação e sustentação da Vida.

Em tempos, aliás, da chamada Teoria da Grande Unificação, em que se busca reunir os quatro tipos de forças fundamentais conhecidas (eletromagnética, gravitacional, interação fraca e interação forte) em uma única grande força, a ideia de um "fluido cósmico" (ou universal), apontada pelos Instrutores de KARDEC, surge cada vez mais compreensível. (V. **THIESEN**, **Sérgio**. "O Livro dos Espíritos e a Física Moderna – Os Espíritos Antecipam a Verdade". ***Reformador***. Rio de Janeiro: FEB, agosto, 1999, pp. 20 a 23)

14. O campo perispirítico como um todo é, na verdade, o resultante de vários campos estruturadores, correspondentes, cada qual, a um determinado órgão. Sua interação conjunta responde pelo estado fisiológico geral.

15. Tão inconcebível é a alma sem perispírito, quanto a luz sem a sua projeção. Por isso, o emprego comum – até mesmo por parte dos Mestres da Espiritualidade – dos termos alma e Espírito, como sinônimos, ainda que, no aspecto filosófico, como assinala o Codificador (V. p. 24), seja clara a diferença.

16. V. **TOBEN**, **Bob**. **WOLF**, **Fred Allan**. ***Espaço-Tempo e Além***. Trad. Hernani Guimarães Andrade e Newton Roberval Eichenberg. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1993, p. 42.

Importante anotar que o Espírito EMMANUEL, já em 1952, afirmava: "*Em seus múltiplos estados, a matéria é força coagulada, dentro de extensas faixas dinâmicas* (…)" (**XAVIER, Francisco Cândido**. **EMMANUEL, Espírito**. ***Roteiro***. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, Cap. 5, p. 27)

E, em 1968, o Espírito ANDRÉ LUIZ referia-se à matéria como "*luz coagulada, substância divina, que nos sugere a onipresença de Deus*". (**XAVIER, Francisco Cândido**. **ANDRÉ LUIZ, Espírito**. ***E a Vida Continua***. 21. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, pp. 69-70)

17. V. Cap. XII, "Perispírito e Reencarnação".

18. Espíritos desencarnados atestam, à unanimidade, que sentem, normalmente, o pulsar do coração, o respirar dos pulmões, o funcionamento, enfim, de seu todo orgânico.

O cientista William CROOKES, a propósito, entre outros notáveis pesquisadores do fenômeno de materialização, auscultando o tórax de Katie, Espírito materializado, ouvia perfeitamente seu coração e os pulmões, observando, até, que as pulsações eram mais regulares que as da médium que lhe servia de apoio, Florence Cook, e enquanto o pulso do Espírito chegava a 75, o da médium atingia a marca dos 90 batimentos. (V. **CROOKES, William**. ***Fatos Espíritas***. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB , 1991, p. 79)

19. O cientista norte-americano, Harold Saxton BURR, com sua equipe de colaboradores, investigando, durante mais de 30 anos, os campos elétricos em estruturas biológicas, verificou, através de minuciosas e delicadas medições, a existência de campos elétricos que pareciam presidir às diferentes funções biológicas de todos os seres vivos, desde os seus componentes biomoleculares, celulares, citológicos e glandulares. Segundo a sua conclusão, esses campos se estruturam no estilo de uma organização hierárquica, evidenciando que "*não são resultantes funcionais, mas sim, determinantes das funções peculiares aos organismos, isto é, formam uma estrutura que governa e mantém a organicidade do ser vivo!*" (Conf. **ANDRÉA, Jorge**. ***Psicologia Espírita***. 6. ed. Rio de Janeiro: Lorenz, 1994, p. 31)

Tais campos eletrodinâmicos foram denominados "campos de vida" (*fields of life*) e, segundo BURR – professor emérito de Anatomia, da Escola de Medicina da Universidade de Yale –, todos os seres, "*do homem ao rato, das árvores às sementes*", são por eles "*moldados e controlados*", podendo, ainda, "*ser medidos e localizados por meio de modernos voltímetros*". Como os campos da Física, afiança o cientista, "*possuem qualidades organizadoras e diretoras que foram reveladas por muitos milhares de experimentos*". (**BURR, H. S**. ***Blueprint of Immortality***. Londres: Neville Spearman, 1971, pp. 11 e 12. Cf. **ANDRADE, Hernani Guimarães**. ***Espírito, Perispírito e Alma***. 10. ed. São Paulo: Pensamento, 1984, p. 7)

E, nessa linha, graças aos métodos avançados de pesquisa e à pertinácia dos investigadores, pode-se hoje já afirmar que "*a ciência atual não admite, sequer, a existência de uma partícula elementar sem que a ela corresponda um agente estruturador pertencente a outro domínio, porque a energia do universo, por si só, jamais se alteraria no seu processo de expansão*." (**IMBASSAHY, Carlos de Brito**. "A Reencarnação perante os Clones". ***Jornal Espírita***. São Paulo: FEESP, julho, 1997, p. 4, V. adiante, Cap. VI, "O Duplo Etérico")

20. ***A Gênese.*** 36. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, Cap. XIV, item 10, p. 279.

21. ***Obras Póstumas***. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, Cap. "Manifestações dos Espíritos", item 9, p. 45.

22. ***O Livro dos Espíritos***. Rio de Janeiro: FEB, item 186.

23. **XAVIER, Francisco Cândido**. **EMMANUEL, Espírito**. ***Roteiro***. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, pp. 31-32.

24. Tal fato explica o fenômeno de rejuvenescimento que experimentam os Espíritos desencarnados, conscientes de seu estado. Mesmo tendo desencarnado com idade física avançada, sentindo-se mais jovens, apresentam-se como tal. "*Livre do condicionamento humano do corpo físico, o espírito humano não sofre o envelhecimento. Quando se manifestam envelhecidos, o fazem artificialmente, para comprovação de sua identidade humana.*" (**PIRES, José Herculano**. ***Educação para a Morte***. 4. ed. São Bernardo do Campo-SP: Correio Fraterno, 1993, pp. 65-66)

25. ***Roteiro***. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, pp. 32-33.

26. **XAVIER, Francisco Cândido**. **VIEIRA, Waldo**. **ANDRÉ LUIZ, Espírito**. ***Evolução em Dois Mundos***. Rio de Janeiro: FEB, pp. 117-118.

27. **KARDEC, Allan**. ***A Gênese***. Trad. Guillon Ribeiro. 36. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, Cap. XIV, item 14, pp. 281 e 282.

28. Pode o Espírito assumir, também, ainda que momentaneamente, as formas de uma pessoa encarnada, se tiver a necessária capacidade mental, chegando até a tornar-se tangível, "*ao ponto de causar completa ilusão*", como assinala KARDEC, ao classificar esse fato como "*singular fenômeno dos agêneres*". (***O Livro dos Médiuns***. 61. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, 2ª Parte, Cap. VII, item 125, p. 162) Essa modalidade de aparição não se confunde com o desdobramento, em que o Espírito aparece com sua própria imagem, apresentando, todavia, linhas de semelhança com o fenômeno da materialização anímica. (V. adiante, Cap. V, "Provas da Existência do Perispírito")

29. **KARDEC**, **Allan**. ***Obras Póstumas***. Trad. Guillon Ribeiro. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, pp. 48-49.

30. É comum, por exemplo, no decorrer dos trabalhos de ectoplasmia, o surgimento até de interferências mentais do próprio médium e dos circunstantes, a perturbarem o ritmo do processo. ANDRÉ LUIZ classifica-as de interferências ideoplásticas e exemplifica convincentemente:

"*Mentalizemos o orientador desencarnado, numa sessão de ectoplasmia regularmente controlada, quando esteja constituindo a forma de um braço com os recursos exteriorizados do médium, a planejar maior desdobramento do trabalho em curso. Se, no mesmo instante, o experimentador terrestre, tocando a forma tangível, solicita, por exemplo: – 'uma pulseira, quero uma pulseira no braço' –, de imediato a mente do médium recolhe o impacto da determinação e, em vez de prosseguir sob o controle benevolente do operador desencarnado, passa a obedecer ao investigador humano, centralizando, de modo inconveniente, a própria onda mental induzida sobre o braço já parcialmente materializado, aí plasmando a pulseira, nas condições reclamadas.*

Surgida a interferência, o serviço da Esfera Espiritual sofre enorme dificuldade de ação, diminuindo-se o proveito da assembléia encarnada.

E, na mesma pauta, requerimentos fúteis e pedidos desordenados dos circunstantes provocam ocorrências ideoplásticas de manifesta incongruência, baixando o teor das manifestações, por viciarem a mente mediúnica, ligando-a à influência de agentes inferiores que, não raro, passam a atuar com manifesto desprestígio dos projetos de sublimação, a princípio acalentados pelo conjunto de pessoas irmanadas para o intercâmbio." (**XAVIER**, **Francisco Cândido**. **VIEIRA**, **Waldo**. **ANDRÉ LUIZ**, **Espírito**. ***Mecanismos da Mediunidade***. 14. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995: Cap. XIX, pp. 139-140)

31. ANDRÉ LUIZ refere-se à existência, na delicada tessitura perispirítica, de "espaços intermoleculares", que possibilitam a sua "redução volumétrica". (V. **XAVIER**, **Francisco Cândido**. **ANDRÉ LUIZ**, **Espírito**. ***Entre a Terra e o Céu.*** 15. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, p. 179).

32. KARDEC administra, a propósito, lição extraordinária:

"*No momento da concepção do corpo que se lhe destina, o Espírito é apanhado por uma corrente fluídica que, semelhante a uma rede, o toma e aproxima da sua nova morada.*

Desde o instante da concepção, a perturbação ganha o Espírito; suas idéias se tornam confusas; suas faculdades se somem; a perturbação cresce à medida que os liames se apertam; torna-se completa nas últimas fases da gestação, de sorte que o Espírito não aprecia o ato de nascimento do seu corpo, como não aprecia o da morte deste; nenhuma consciência tem, nem de um, nem de outro.

Desde que a criança respira, a perturbação começa a dissipar-se, as idéias voltam pouco a pouco, mas em condições diversas das verificadas quando da morte do corpo.

No ato da reencarnação, as faculdades do Espírito não ficam apenas entorpecidas por uma espécie de sono momentâneo, conforme se dá quando do regresso à vida espiritual; todas, sem exceção, passam ao estado de latência. A vida corpórea tem por fim desenvolvê-las mediante o exercício, mas nem todas se podem desenvolver simultaneamente, porque o exercício de uma poderia prejudicar o de outra, ao passo que, por meio do desenvolvimento sucessivo, umas se firmam nas outras. Convém, pois, que algumas fiquem em repouso, enquanto outras aumentam. Esta a razão por que, na sua nova existência, pode o Espírito apresentar-se sob aspecto muito diferente, sobretudo se pouco adiantado for, do que tinha na existência precedente." (***Obras Póstumas***. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, pp. 202-203)

33. **LAMENNAIS**, ***O Livro dos Médiuns***, item 51.

34. ***O Livro dos Médiuns***. 62. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996, Cap. IV, item 74, nota à questão XII, p. 94.

35. **Xavier, Francisco Cândido**. **André Luiz, Espírito**. ***Entre a Terra e o Céu***. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, Cap. XX, p. 126.

36. ***Roteiro***. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, p. 33.

37. A ideia da existência do corpo espiritual com um peso específico não é nova. O célebre teólogo e filósofo Johann-Kaspar Lavater, já citado, ligado ao movimento místico de Jacob Boehme, escrevia no século XVIII (Zurique, agosto de 1796), em correspondência que mantinha com a Imperatriz Maria Feodorawna, da Rússia:

"*Cada alma, separada do seu corpo, livre das prisões da matéria, se apresenta a si própria tal como é na realidade.*

Assim, ela manifestará irresistível tendência a dirigir-se para as almas que lhe estão em afinidade e a afastar-se das que lhe são dessemelhantes. Seu peso intrínseco, como que obedecendo à lei da gravitação, atraí-la-á aos abismos insondáveis (ao menos isso assim lhe parece), ou, segundo o seu grau de força, lançá-la-á qual chispa, por sua ligeireza, aos ares e ela passará rapidamente às regiões luminosas, fluídicas, etéreas."

Mais: "*A alma, por seu senso íntimo, conhece o seu próprio peso e é este, ou seu estado de progresso, que a impele para diante, para trás ou para os lados, e seu caráter moral ou religioso é que lhe inspira certas tendências particulares.*

O bom Espírito elevar-se-á para os bons; será atraído para eles em virtude da necessidade que sente do bem.

O perverso ou mau será forçosamente empurrado para os perversos ou maus. A descida precipitada das almas grosseiras, imorais e irreligiosas para as que se lhes assemelham, será tão rápida e inevitável como a queda do junco num abismo onde nada o detém." (Cf. **Denis, Léon**. ***O Porquê da Vida***. 17. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, "Correspondência Inédita de Lavater – Primeira Carta", pp. 62-63.

38. ***O Céu e o Inferno***. Trad. Manuel Justiniano Quintão. 39. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, 2ª Parte, Cap. IV, p. 292.

39. ***Obras Póstumas***. Rio de Janeiro: FEB, pp. 47-48.

40. **Delanne, Gabriel**. ***O Espiritismo perante a Ciência***. Trad. Carlos Imbassahy. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, Cap. II, 4ª Parte, pp. 237-238.

41. "Perguntas e Respostas". ***Jornal Espírita***. FEESP, dezembro, 1997, p. 4.

42. V. Cap. III, "Função Organizadora".

43. V. Cap. IV, "Materialização".

44. ***O Livro dos Médiuns***. 61. ed. Rio de Janeiro: FEB, Cap. I, 2ª Parte, item 57, p. 80.

45. **Lombroso, César**. ***Hipnotismo e Mediunidade***. Trad. Almerindo Martins de Castro. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990, p. 71.

46. ***Encyclopaedia of Psychic Science***. N. Jersey: The Citadel Press, Secaucus, 1974, Verb. "Hyperaesthesia", pp. 178-179.

47. Em documentário de grande repercussão, a TV inglesa mostrou, em nossos dias, diversos casos de pessoas que enxergavam "*através da pele*", como a jovem russa Kulechova que, "*de olhos vendados, lia qualquer texto, bastando para isso passar os dedos sobre as palavras impressas*". Curiosamente, o Instituto de Neurologia de Moscou atribuiu tal fenômeno ao fato de a sensitiva possuir "*células óticas nos dedos*".

No mesmo documentário, fulminando a hipótese russa, foi também dado a conhecer como a Sra. Ferrel Stanley, dos EUA, "*identificava cores, de olhos vendados, com espantosa exatidão e facilidade*", e a Sra. Fancher, em Massachussets, "*cega e paralítica, devido a um acidente de automóvel, lia com facilidade, na luz e nas trevas.*" (Conf. **Garcia, J. B**. "Enxergando sem os Olhos". Goiânia: ***Revista Espírita Allan Kardec***, nº 27, p. 18)

48. O fenômeno de desdobramento (que nada tem a ver com que se conhece, em Neurologia, como sensação de "despersonalização") é hoje, não só plenamente reconhecido, como estudado por pesquisadores de importantes centros – entre eles, a Universidade de Kansas City (EUA) –, que a ele se referem como experiência de "saída do corpo" (*Out-of-the-Body Experience* – OBE).

49. ***Obras Póstumas***. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, pp. 56-57.

50. **Kardec, Allan**. ***Iniciação Espírita***. Trad. Cairbar Schutel. 13. ed. Sobradinho-DF: Edicel, 1995, p. 213.

51. **Delanne, Gabriel**. ***A Alma É Imortal***. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990: 3ª Parte, Cap. IV, p. 288.

52. ***Idem***. ***Evolução Anímica***. Trad. Manuel Quintão. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1992, Cap. IV, p. 125.

53. **Denis**, **Léon**. ***No Invisível***. Trad. Leopoldo CIRNE. 15. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, 1ª Parte, Cap. III, p. 46.

54. Poder-se-ia assentar que o desenvolvimento do perispírito, através dos milênios incontáveis, passa, como formação rudimentar, pelo estágio vegetal, viaja pelo reino animal, já como uma protoestrutura psicossômica, chegando, então, à dimensão hominal como veículo elaborado, sensível e complexo, a refletir as próprias condições da alma que surge vitoriosa, tocada pelo Pensamento Divino. (V. Cap. IX, "Perispírito e Evolução")

55. ***A Gênese***. 36. ed. Rio de Janeiro: FEB, Cap. XIV, item 10, p. 278.

56. **Denis**, **Léon**. ***Depois da Morte***. Trad. João Lourenço de Souza. 18. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, 3ª Parte, item XXI, pp. 175-176.

57. "Haverá mundos onde o Espírito, deixando de revestir corpos materiais, só tenha por envoltório o perispírito?

— *Há e mesmo esse envoltório se torna tão etéreo que para vós é como se não existisse. Esse o estado dos Espíritos puros.*" (***O Livro dos Espíritos***. 75. ed. Rio de Janeiro: FEB, item 186)

58. **Xavier**, **Francisco Cândido**. **André Luiz**, **Espírito**. ***Libertação***. 17. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, Cap. IV, pp. 58-60.

59. Pela mediunidade de Francisco C. Xavier, informa André Luiz que "*todas as criaturas vivem cercadas pelo halo vital das energias que lhes vibram no âmago do ser e esse halo é constituído por partículas de força a se irradiarem por todos os lados, impressionando-nos o olfato, de modo agradável ou desagradável, segundo a natureza do indivíduo que as irradia. Assim sendo, qual ocorre na própria Terra, cada entidade aqui se caracteriza por exalação peculiar.*" (**Xavier**, **Francisco Cândido**. **André Luiz**, **Espírito**. ***Ação e Reação***. 17. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996, Cap. 5, p. 64)

601. Há quem critique o emprego do termo "*plano*" em expressões como *plano físico* ou *plano espiritual*. Observe-se, todavia, que esse vocábulo, de acordo com a tradição de nossa Língua, é literariamente empregado como sinônimo de *nível*, *situação*, *posição*, *domínio*, etc. (Fato semelhante ocorre, aliás, com o uso da palavra "*esfera*" – *ambiente*, *meio*, *setor*, *campo*, etc.)

Ainda assim, em nota de rodapé da p. 34, da obra *Evolução em Dois Mundos* (13. ed., FEB), esclarece André Luiz que as expressões *Plano Físico* e *Plano Espiritual* "*foram utilizadas por nós, à falta de termos mais precisos que designem as esferas de evolução para os Espíritos encarnados e desencarnados, pertencentes ao 'habitat' planetário*".

61. Cf. **Delanne**, **Gabriel**. ***A Evolução Anímica***. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1992, p. 40.

62. ***Folha Espírita***. São Paulo, dezembro, 1997, p. 6.

63. *In* "Fraternidade", Lisboa, Portugal, maio, 1995. Conf. **Martins**, **Celso**. ***Mediunidade ao seu alcance***. Ed. EME, 1997, p. 81.

64 **Ostrander**, **Sheila**. **Schroeder**, **Lynn**. ***Experiências Psíquicas além da Cortina de Ferro***. Trad. Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1974, Cap. 17, p. 237.

65. O inglês Cudworth, segundo Delanne, imaginou uma substância intermediária entre o corpo e a alma, a que ele chamava mediador plástico e cujo papel consistia em unir o Espírito à matéria, participando da natureza de ambos. (**Delanne**, **Gabriel**. ***O Espiritismo perante a Ciência***. Trad. Carlos Imbassahy. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, p. 224)

66. Outro renomado pesquisador espírita brasileiro, Prof. Henrique Rodrigues, denominou-o "*campo estruturador das formas físicas*". (***A Ciência do Espírito***. Matão-SP: O Clarim, 1985, Cap. III, p. 79)

67. **Andrade**, **Hernani Guimarães**. ***Espírito, Perispírito e Alma: Ensaio sobre o Modelo Organizador Biológico***. 10. ed. São Paulo: Pensamento, 1995, Cap. III, p. 54.

68. Entre as demonstrações que Sheldrake propicia, chama a atenção o caso, p. ex., dos platelmintos. Se um animal é cortado em pedaços, cada parte transforma-se em um organismo completo, mostrando que existe uma "matriz invisível", que permite a regeneração mesmo que removidas partes importantes. Sheldrake propôs, também, a existência de um processo de "ressonância mórfica", que explicaria as alterações ocorrentes nos campos mórficos. Segundo essa hipótese, "*cada vez que um indivíduo de uma espécie aprende um comportamento novo, o campo causativo da espécie toda muda, ainda que levemente. Se esse comportamento for repetido por bastante tempo, sua 'ressonância mórfica' influi sobre a espécie inteira*". Essa "ressonância mórfica", aliás, guardaria relação com a chamada "energia escalar", tema que atualmente surge

como dos mais fascinantes no capítulo da Energética. (V. **Salvo**, **Salvatore di**. ***Sinfonia da Energética***. São Paulo: Schimidt, 1992, Cap. I, Parte II, pp. 156 e 157; "Ressonância Mórfica". Galileu. São Paulo: ***Globo***, fevereiro, 1999, pp. 74-81)

69. ***A Gênese***. Trad. Guillon Ribeiro. 36. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995: Cap. XI, item 11, p. 211.

70. ***A Gênese***. Trad. Guillon Ribeiro. 36. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, Cap. XI, item 11, p. 211.

71. ***Evolução em Dois Mundos***. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, Cap. XIX, p. 152.

72. **Xavier**, **Francisco Cândido**. **Emmanuel**, **Espírito**. ***Pensamento e Vida***. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991, Cap. 11, p. 55.

73. ***O Livro dos Espíritos***. 75. ed. Rio de Janeiro: FEB, p. 202.

74. ***Evolução em Dois Mundos***. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, p. 154.

75. **Delanne**, **Gabriel**. ***Evolução Anímica***. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1989, pp. 43 e 46. Cf. **Jorge**, **José**. ***Antologia do Perispírito***. 5. ed. Rio de Janeiro: Celd, 1997, pp. 150-151.

76. Tem-se admitido, até aqui, que os neurônios, não se reproduzindo, não podem também ser substituídos, representando, assim, uma exceção ao princípio geral da renovação celular periódica.

Em 1988, os neurobiólogos Fred Gage, da Universidade da Califórnia, e Peter Erikson, do Instituto Universitário de Gotemburgo, Suécia, descobriram a presença de neurônios novos na região límbica – especificamente, no hipocampo, estrutura ligada ao processo da memória. (V. Cap. X, "Perispírito e Memória")

Constatou-se, a seguir, que neurônios novos surgem da divisão de um outro tipo de célula, as células-tronco, que, sob certos comandos químicos, passariam, logo após o processo de divisão, a se especializar, transformando-se em células nervosas.

Recentemente (1999), o cientista mexicano Arturo Alvarez Buylla, da Universidade Rockefeller, Nova York, pesquisando a zona subventricular, teria descoberto que essas células-tronco são os conhecidos astrócitos, que envolvem os neurônios.

Trata-se de um dado revolucionário, indicando um potencial praticamente ilimitado de regeneração do cérebro. (Para um total aproximado de 10 bilhões de neurônios, existiriam cerca de 100 bilhões de astrócitos…)

As pesquisas evoluem e, segundo o agora anunciado pelo pesquisador russo Valery Kakekov, da Universidade do Tennessee, já se consegue cultivar em laboratório células-troncos retiradas do cérebro de pacientes em estado grave, buscando-se, com o auxílio de certas substâncias ("fatores de crescimento"), chegar à geração de novas células-tronco e, depois, neurônios. Ampliam-se assim, significativamente, as possibilidades de tratamento de doenças graves que afetam o sistema nervoso, principalmente depois que o tcheco Hynek Wichterle, também da Universidade Rockefeller, demonstrou que neurônios imaturos, injetados em cobaias com danos cerebrais, migravam, guiados automaticamente por sinais químicos, para os locais onde eram necessários, servindo, assim, ao restabelecimento de conexões perdidas. (**Burgiermann**, **R. Denis**. "O Milagre da Multiplicação dos Neurônios". ***Superinteressante***. São Paulo: Abril, julho, 1999, pp. 40-46).

Esses dados comprovam, mais uma vez, o papel fundamental dessa extraordinária malha energética que é o perispírito – já desde suas mais primitivas protoformas, na dimensão animal –, sustentando e reorganizando continuamente o edifício celular, através de um número incontável de substâncias químicas, que, sob o comando mental e de acordo com suas características evolutivas, produz e aciona.

77. **Denis**, **Léon**. ***No Invisível***. 15. ed. Rio de Janeiro: FEB, Cap. III, 1ª Parte, p. 47.

78. As raízes do Taoísmo perdem-se na noite dos tempos. Textos importantes, enaltecendo a prática moral, teriam surgido a partir do século XII a.C., mas a obra fundamental, *Lao-Tze* ou *Lao-Tzu* ("velho mestre" – apelido de Li Pe-Yang), teria aparecido no século IV ou V a.C. Explicavam os mestres chineses que Tao é o princípio absoluto, cuja emanação gerou o que existe. Cada elemento existente – mineral, vegetal, animal – é sua expressão, por isso é a alma de cada coisa, regendo, ao mesmo tempo, o todo. Pelo conhecimento sustentado por uma vida moral, pela meditação profunda sobre a verdade da interpenetração dos contrários, que acontece através da atuação das forças *Iang* e *Inn*, chega-se a apreender o sentido da unidade do cosmo. A partir do século IV, o Taoísmo passou a sofrer modificações profundas e, mais tarde, sob a influência do Budismo, surgiram correntes e seitas, embora, nos círculos tradicionais de estudo, continuasse sendo estudada a doutrina dos antigos mestres. Interessante anotar que, com as primeiras modificações do Taoísmo, na dinastia Han (séc. III a.C.), a comunicação com os Espíritos desencarnados já era detectada como prática chinesa comum. Mais tarde, o Taoísmo já comparece como religião, com sacerdotes, hierarquia, cerimoniais e ritos.

79. V. Cap. XVI, "Perispírito e Anestesia".

80. **Andrade**, **Hernani Guimarães**. ***Espírito, Perispírito e Alma***. 10. ed. São Paulo: Pensamento, pp. 1-2.

81. **Gerber**, **Richard**. ***Medicina Vibracional – Uma Medicina para o futuro***. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 1997, p. 100.

82. O perispírito rege a vida física, dinamizando a energia vital aglutinada no chamado duplo etérico, através de seus centros de força. Como estes se projetam no duplo etérico, de natureza mais próxima à do corpo material, refletindo-se neste, torna-se possível sua detecção por instrumentação física. (V. Cap. VI, "O Duplo Etérico")

83. Motoyama, **Hiroshi**. ***Teoria dos Chakras – Ponte para a Consciência Superior***. Trad. Zuleika T. Wiechmann Freschi. 9. ed. São Paulo: Pensamento, 1993, Cap. IX, p. 248.

84. Apresentando a tese "*Emissão de Energia dos Chakras da Ioga e dos Pontos dos Meridianos da Acupuntura*", no VII Congresso Internacional de Parapsicologia (Gênova, 1975), o Prof. Motoyama deu a conhecer um mapeamento perfeito dos meridianos, via eletrônica, que coincidia perfeitamente com o feito pelos chineses, há 4 mil anos! E nesse mapeamento, segundo anota o Prof. Henrique Rodrigues, foi também constatado o potencial de diversos meridianos (pulmões, intestino grosso, intestino delgado e bexiga). (V. **Rodrigues**, **Henrique**. ***A Ciência do Espírito***. Matão-SP: O Clarim, 1985, Cap. 3, p. 75)

85. **Xavier**, **Francisco Cândido**. **André Luiz**, **Espírito**. ***Entre a Terra e o Céu***. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, Cap. XX, p. 126.

86. Pelas descrições conhecidas, podem-se imaginar os centros vitais como vórtices muito luminosos, cujo movimento poderia lembrar, às vezes, o abrir e fechar (contínuo e altamente dinâmico, no caso) das lâminas de um diafragma de máquina fotográfica; seu aspecto lembraria, também, as "*pétalas do lótus*", na poética expressão da filosofia hindu. Trata-se, obviamente, de uma imagem pálida e imprecisa da realidade, mas ajuda a entendê-la.

87. ***Op. cit.***, p. 127.

88. ***Evolução em Dois Mundos***. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, Cap. II, pp. 27-28.

89. ***Entre a Terra e o Céu***. 16. ed. pp. 127-128.

90. ***Evolução em Dois Mundos***, p. 27.

91. Em nota de rodapé referente a esta passagem, entendeu o Autor espiritual dever esclarecer (ed. cit., p. 99) que "*a via olfatória não passa pelo tálamo, contudo, mantém conexões com alguns núcleos talâmicos através de fibras provenientes do corpo mamilar, situado no hipotálamo*".

92. ***Op. cit.***, Cap. XIII, pp. 98-99.

93. ***Entre a Terra e o Céu***. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, p. 128.

94. ***Evolução em Dois Mundos***, p. 27.

95. ***Evolução em Dois Mundos***. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, Cap. II, p. 28.

96. ***O Problema do Ser, do Destino e da Dor***. 18. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, p. 58, rodapé.

97. **Xavier**, **Francisco C.**; **Vieira**, **Waldo**. ***Evolução em Dois Mundos***, p. 45.

98. ***Id. Ib.***, p. 45.

99. V. **Ranieri**, **R. A**. ***Materializações Luminosas***. 5. ed. São Paulo: FEESP, 1995, Cap. VIII, p. 247.

100. Historicamente, pode-se dizer, com Denis, que foi na Inglaterra que esse tipo de manifestação foi mais metodicamente analisado, produzindo os mais formais e importantes testemunhos. "*Em 1869,*" anota o Autor, "*a Sociedade Dialética de Londres, uma das mais autorizadas agremiações científicas, nomeou uma Comissão de trinta e três membros, sábios, literatos, prelados, magistrados, entre os quais Sir John Lubbock, da Royal Society, Henry Lewes, hábil fisiologista, Huxler, Wallace, Crookes, etc., para examinar e 'aniquilar para sempre' esses fenômenos espíritas, que, dizia a moção, 'são produto da imaginação'. Depois de dezoito meses de experiências e de estudos, a Comissão, em seu relatório, reconheceu a realidade dos fenômenos e concluiu em favor do Espiritismo*".

Na descrição dos fatos observados, acrescenta Denis, o relatório não só demonstrou as pancadas e os movimentos da mesa, como também se referiu a "*aparições de mãos e de formas que, não pertencendo a nenhum ente humano, pareciam vivas por sua ação e mobilidade. Essas mãos eram algumas vezes tocadas e seguradas pelos assistentes, convencidos de que elas não eram o resultado de uma impostura ou de uma ilusão*".

"*Um dos trinta e três, A. Russel Wallace, colaborador de Darwin, e, depois da morte deste, o mais eminente representante do evolucionismo, prosseguiu suas investigações e consignou os seus resultados numa obra de grande êxito: '**Miracles and Modern Spiritualism**'*. Falando dos fenômenos, exprime-se nestes termos:

"*Quando me entreguei a essas experiências, era fundamentalmente materialista. Não havia em minha mente concepção alguma de existência espiritual. Contudo, os fatos são obstinados; venceram e obrigaram-me a aceitá-los muito tempo antes que eu pudesse admitir a sua explicação espiritual. Esta veio sob a influência constante de fatos sucessivos que não podiam ser afastados nem explicados de nenhuma outra maneira*". (**Denis**, **Léon**. ***Depois da Morte***. Trad. João Lourenço de Souza. 18. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, Parte Terceira, Cap. XIX, pp. 161-162)

101. Antes de Richet, já se conjeturava, com base em comunicações obtidas por W. Crookes, através do médium Dunglas Home, dadas a conhecer à Sociedade Dialética de Londres, que o fenômeno da materialização tinha como suporte o ectoplasma das células orgânicas.

Em Biologia, como se sabe, o vocábulo designa a parte da substância citoplásmica mais proximamente ligada à membrana plasmática, ou seja, a película externa do citoplasma.

102. ***História do Espiritismo***. São Paulo: Pensamento, 1995, Cap. XVIII, p. 352.

103. A respeito desse imenso esforço desenvolvido pelos cientistas, buscando conhecer o ectoplasma e os efeitos dele resultantes, lembra Antônio Lima:

"*Para a consecução de tamanha obra de investigação e fiscalização científica, houve um singular movimento de interesse e sincero amor à verdade, levando muitos cultores da Física a construírem uma aparelhagem para os diversos casos, como o magnetoscópio, de Rutter; o pêndulo, de Briche; o biômetro, de Lucas; o galvanômetro, de Puyfontaine; o magnetômetro, de Fourlin e Baraduc; o cilindro, de Thoré; o estenômetro, de Joire; o aparelho elétrico, de Krall; o sensitivômetro, de Durville; o aparelho de Fayol e finalmente as moldagens em parafina devidas ao professor Denton. Também se criou a báscula para registrar a perda de peso do médium, d'Arsonval inventou o selenóide, Deprez, outro galvanômetro* (…)" (**Lima**, **Antônio**. ***Vida de Jesus***. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1982, p. 196).

104. ***Op. cit.***, p. 349.

105. Segundo observações de M. Tubino, os efeitos do toque são perfeitamente detectáveis. "*Quando se toca o ectoplasma de algumas pessoas, a uma certa distância do corpo, isto é, a alguns centímetros,*" anota o Autor, "*elas sentem este toque, com sensações diversas, que dependem de cada indivíduo. Em função de como é feito, este toque pode causar ânsia de vômito, tosse e até algumas sensações mais desagradáveis.*" (**Tubino**, **Matthieu**. ***Um 'Fluido Vital' Chamado Ectoplasma***. Niterói-RJ: Lachâtre, 1997, p. 55)

106. *Revue Spirite*, 1906 – V. **Denis**, **Léon**. ***No Invisível***. Trad. Leopoldo Cirne. 15. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 286.

107. **Andrade**, **Hernani Guimarães**. ***Novos Rumos à Experimentação Espirítica***. São Paulo: Edição do Autor, 1960, Cap. III, p. 98.

108. São diversos os casos conhecidos em que os médiuns, nas sessões de materialização, são tão atingidos pelos efeitos da luz branca repentina que chegam até a necessitar de hospitalização. (V. **Gibier**, **Paul**. **Bozzano**, **Ernesto**. ***Materialização de Espíritos***. Trad. Francisco Klors Werneck. 4. ed. Rio de Janeiro: ECO, nº 15, p. 91)

109. V. **Crawford**, **W. J.** ***Mecânica Psíquica***. Trad. Haydée de Magalhães. São Paulo: Lake, 1963. **Doyle**, **A. C.** ***História do Espiritismo***. São Paulo: Pensamento, 1995, pp. 352 e segs.

110. Cf. **Andrade**, **Hernani Guimarães**. ***A Teoria Corpuscular do Espírito***. São Paulo: Edição do Autor, 1959, Cap. IX, p. 195.

111. A complexidade da questão favorece o surgimento de posições que também contrariam a opinião dos mais abalisados investigadores. O Professor Imbassahy, por exemplo, afirma que o ectoplasma não é, propriamente, o material que se desprende do médium no processo de materialização (gosma ou esputo), mas uma "*névoa aparente*" que enche o ambiente à medida que vai se desprendendo daquele, precipitando-se, depois, sobre o "*fulcro emergente*", dando-lhe "*a forma dita materializada*".

Segundo o pesquisador, essa "névoa aparente" é visível, sua temperatura está sempre abaixo da do ambiente, "*não se comporta como fluido, não sofre influência do toque e do vento, nem de qualquer outro recurso material capaz de*

remover substâncias gasosas".

Sustenta, finalmente, que "*ninguém conseguiu isolar qualquer quantidade de ectoplasma formado durante os fenômenos de materialização de Espíritos, porque não se tem qualquer dispositivo capaz de recolhê-lo*", porém, sem dúvida, será "*a porta para a Ciência, pela qual irão se adentrar os estudos acerca das verdades espíritas.*" (**Imbassahy**, **Carlos de Brito**. "Ectoplasmia Será a Porta para a Ciência". São Paulo: ***Jornal Espírita***, janeiro, 1999, p. 5)

Trata-se, sem dúvida, de posição respeitável, todavia, em processo tão complexo como a ectoplasmia, dependente de tantas variáveis – a partir, já, das características psicobiológicas do médium e do tipo de fenômeno em pauta –, impõe-se não perder de vista o valor do que até aqui tem sido construído a respeito, mercê do esforço lúcido de pesquisadores de vários tempos e países – operando, pois, em circunstâncias as mais diversas –, cujas conclusões apresentam-se, na maioria das vezes, ostensivamente convergentes.

112. **Andréa**, **Jorge**. ***Dinâmica PSI***. 2. ed. Petrópolis-RJ: Lorenz, 1990, pp. 198-199.

113. ***Missionários da Luz***. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, p. 121.

114. ***Nos Domínios da Mediunidade***. 22. ed. Rio de Janeiro: FEB, p. 264.

115. **Xavier**, **Francisco Cândido**. **André Luiz**, **Espírito**. ***Nos Domínios da Mediunidade***. 22. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, Cap. 28, pp. 271-272.

116. É possível que no Plano Espiritual, em trabalhos que corresponderiam, entre os encarnados, aos de ectoplasmia, seja empregado um tipo de energia ou substância), cujos efeitos se assemelhariam aos que se obtêm com o ectoplasma.

Significativa, a esse respeito, é a indicação de André Luiz de que os Espíritos Superiores, muitas vezes, usam desse recurso a fim de poderem ser convenientemente vistos e ouvidos pelas almas menos elevadas. (V. **Xavier**, **Francisco Cândido**. **André Luiz**, **Espírito**. ***Libertação***. 17. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, Cap. XX, pp. 257-260)

De outro lado, segundo se sabe, casos há em que o próprio ectoplasma, tal como é conhecido, é empregado em benefício dos desencarnados que se encontram em condições dolorosas. (V. **XAVIER**, **Francisco Cândido**. **Irmão Jacob**, **Espírito**. ***Voltei***. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, Cap. 1, p. 21)

117. ***Nos Domínios da Mediunidade***, Cap. 28, p. 265.

118. **Andrade**, **Hernani Guimarães**. ***Espírito, Perispírito e Alma***. 10. ed. São Paulo: Pensamento, 1995, Cap. VIII, p. 174.

119. "*El Ser y la Persona Espiritual en el Fenómeno Ectoplásmico*". ***Reformador***. Rio de Janeiro: FEB, nº 1.809, dezembro, 1979, pp. 29-30.

120. Cf. **Ranieri**, **R. A.** ***Materializações Luminosas***. São Paulo: FEESP, Cap. VIII, pp. 248-249.

121. Há quem considere o termo "**materialização**", tal como é comumente empregado, portador, na verdade, de uma impropriedade semântica.

Nesse sentido, por exemplo, a posição do Prof. Hernani Guimarães Andrade:

"*O vocábulo 'materialização' pode sugerir a idéia de transformação da* ***substância espiritual em substância material****. Algumas pessoas chegam a admitir tal possibilidade. Isso não nos parece certo. Na 'ectoplasmia' não ocorre, ao que se nos afigura, nem 'materialização' nem 'desmaterialização'. O fenômeno em jogo tem as características da organização morfológica (modelação) de uma determinada substância material (o ectoplasma). O espírito não chega a materializar-se, pois ele já é uma forma de matéria, matéria quintessenciada, como ensinaram os espíritos a Allan Kardec (ou como explica claramente André Luiz). O que ocorre é uma ação modeladora do espírito sobre a matéria ectoplásmica.*" (**Andrade**, **Hernani G.** "O Que Ocorre nas Sessões Espíritas? Materializações? Ectoplasmia?". ***Revista Internacional de Espiritismo***. Matão-SP: O Clarim, janeiro, 1972, p. 364.

Obviamente, essa ação acontece graças ao perispírito.

122. Sabe-se que Espíritos encarnados também se materializam.

123. **Xavier**, **Francisco C.** ***Missionários da Luz***. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, Cap. 10.

124. Aksakof viu, ao lado dos fenômenos classificados como *anímicos*, um tipo de ocorrência que chamou de *personismo* e que se produziria *nos limites* da esfera corpórea do médium… (V. **Aksakof**, **Alexandre**. ***Animismo e Espiritismo***. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991, Vol. I, p. 23) Na esteira do famoso cientista russo, Palhano Jr. (1946-2000) sugere a existência,

ao lado dos fenômenos anímicos e mediúnicos, os *personímicos*, produzidos "*pela simples presença de um indivíduo dotado de força psíquica mensurável, estando ele consciente ou inconsciente das ocorrências.*" (**Palhano Jr., L. *Dimensões da Mediunidade***. Rio de Janeiro: Celd, 1998, p. 26)

125. **Kardec**, **Allan**. ***O Livro dos Médiuns***. 61. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, Cap. XIX, 2ª Parte, pp. 268-269

126. Ver o Cap. XI, "Perispírito e Mediunidade".

127. A literatura espírita aponta casos, também, de materialização de animais; particularmente de cães.

128. **Aksakof**, **Alexandre**. ***Animismo e Espiritismo***. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991, Vol. I, Cap. I, pp. 181-182.

129. Em nome da Ciência, os pesquisadores – não se importando, mesmo, com o sacrifício dos médiuns – tomavam providências cautelares que chegavam até ao absurdo. Referindo-se, por exemplo, a experiências outras, realizadas com Eglinton, informa Erny:

"*O médium fora encerrado numa espécie de gaiola, cercado por um fio, e a porta dessa gaiola foi fechada e por nós selada. Por cúmulo da precaução, espalhou-se farinha em torno da gaiola. Era, pois, humanamente impossível sair dessa gaiola sem ser descoberto; ora, em tais casos, quando um prisioneiro foge está salvo; mas, quando o mesmo acontece a um médium, ele está perdido. Apesar deste luxo de precauções, as materializações se realizaram.*" (**Erny**, **Alfred**. ***O Psiquismo Experimental***. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, p. 140)

130. ***O Psiquismo Experimental***. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1982, Cap. V, p. 143.

131. **Delanne**, **Gabriel**. ***A Alma É Imortal***. Trad. Guillon Ribeiro. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990, Cap. IV, 3ª Parte, p. 263.

132. **Ranieri**, **R. A.** ***Materializações Luminosas***. 5. ed. São Paulo: FEESP, 1995, Cap. XX, 2ª Parte, p. 142.

133. R. A. Ranieri designa este fenômeno como superincorporação. (***Materializações Luminosas***. 5. ed. São Paulo: FEESP, 1995. Última Parte, Cap. III, pp. 203-206).

134. Esse tipo de fenômeno, que tanto atraiu a atenção dos investigadores no passado, foi estudado também por William Crookes, em seus clássicos e notáveis experimentos com a médium Florence Cook e o Espírito Katie King, jovem indiana que, em sua última encarnação, chamava-se Annie Morgam.

Relata, a propósito, a pesquisadora Florence Marryat (*A Morte Não Existe*), que acompanhava o cientista em algumas de suas investigações:

"*Miss Cook é uma mocinha morena, de olhos e cabelos negros. Às vezes, Katie parecia- se muitíssimo com ela, mas em outras sessões a dissemelhança era palpável.*

Em uma fotografia que ainda possuo, Katie parece o duplo de miss Cook, e entretanto esta também olhava quando se tirou a fotografia." (…) "*Vi muitas vezes miss Cook e Katie, uma ao lado da outra. Não tenho, pois, dúvida de que eram duas criaturas diferentes. W. Crookes também constatou o mesmo fato.*" (Cf. **Erny**, **Alfred**. ***Op. cit.***, pp. 117-118)

135. V. ***Animismo e Espiritismo***. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990, Vol. II, Cap. IV, p. 270

136. O pesquisador italiano Prof. Imoda, que, em conjugação com Richet, realizou uma série de experiências com a médium Linda Gazzera, encontrou três formas de ectoplasma: a *invisível*, a *fluídica-visível* e a *concreta* (*Fotografia de Fantasmas*). (Em se aceitando tal tese, pode-se admitir que o ectoplasma na forma *fluídica-visível*, quando menos denso, propiciaria materializações mais "eterizadas".)

A respeito do ectoplasma **invisível**, anote-se, ainda, que Geley constatou – segundo J. H. Pires – que esse "*girava em torno das pessoas, nas sessões, antes da produção de fenômenos.*" (**Pires**, **J. Herculano**. ***O Espírito e o Tempo***. 7. ed. Sobradinho-DF: Edicel, 1995, Cap. I, 1ª Parte, p. 25)

137. A história do Espiritismo registra também processos notáveis de desdobramento, desenvolvidos sob as mais rigorosas condições de controle científico. É o caso, por exemplo, das experiências de W. Crookes com a médium Annie Eva Fay: colocada em uma cabine, à vista de todos os presentes, desdobrava-se, materializando-se no canto oposto da sala, chegando mesmo a mostrar o mesmo vestido, joias, etc. Ao redor da cabine passava uma "corrente galvânica" e sua mais leve interrupção indicaria que a médium havia se movido do local, fato que, entretanto, jamais aconteceu. (V. **Aksakof**, **Alexandre**. ***Animismo e Espiritismo***. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990, Vol. II, Cap. IV, p. 267)

138. V. "Expansibilidade", Cap. II, p. 59.

139. A rigor, já por constituir a capacidade de desprender-se uma faculdade natural do ser humano, toda pessoa – embora nem

sempre possa qualificá-lo – experiencia, em maior ou menor grau, o estado de desprendimento, mormente em situação de repouso ou sono. Aliás, não só na história das Religiões e da Arte como na da Ciência e da Filosofia, o fenômeno do desprendimento – seguido, muitas vezes, do desdobramento – é frequentemente encontrado na raiz das grandes criações. Os exemplos são incontáveis: Johannes KEPLER (1571–1630), desprendendo-se e transportando-se, por desdobramento, para além da Terra, e fixando um ponto determinado do espaço, encontrou os dados que lhe possibilitaram construir as três leis do movimento planetário (Conf. **MAGRO FILHO**, **Osvaldo**. "Kepler, Jung, Einstein e Seus Desdobramentos Espirituais". ***Revista Internacional de Espiritismo***. Matão-SP, dezembro: O Clarim, 1987, pp. 325-326); René DESCARTES (1596-1650), depois de três desprendimentos sucessivos, durante o sono, teve a percepção de um novo método para a organização da Filosofia e das bases da geometria analítica que, com FERMAT, inventaria; Albert EINSTEIN (1879-1954), aos 26 anos, desdobrando-se e transportando-se para fora do contexto estelar, alcança os elementos para estruturar as suas Teorias; Carl Gustav JUNG (1875-1961), reconhecidamente um médium de diversas aptidões, descreve com minúcias uma *Experiência de Quase--Morte* (EQM) que teve durante um ataque cardíaco, e na qual, desprendendo-se, alcançou um estado de desdobramento que lhe permitiu ver a Terra, de grande altura, e com detalhes fascinantes…

140. **KARDEC**, **Allan**. ***O Livro dos Espíritos***. Trad. J. Herculano Pires. 55. ed. São Paulo: Lake, 1996, item 407, p. 168.

141. Obviamente, os níveis ou dimensões conscienciais, ainda que, às vezes, possam até ser relativamente associados a certos tipos de estruturas cerebrais, não têm, propriamente, correspondência espacial.

142. Ver o Cap. XI, "Perispírito e Mediunidade".

143. Importante compreender que, durante a comunicação do Espírito, o médium, em regime de desprendimento, acompanha e controla todo o processo de mediunização. Os termos *consciente*, *semiconsciente* e *inconsciente*

dizem com os estados conscienciais resultantes do menor ou maior desprendimento do médium, a ditar, de sua vez, o grau de lembrança pós-transe. (V. Cap. XI, "Perispírito e Mediunidade")

Assim, embora não guarde lembrança do ocorrido, depois de reintegrar-se plenamente ao organismo somático – e, por isso, tido por *inconsciente* –, o médium, mesmo em transe profundo, resultante do maior desprendimento, não deixa de acompanhar a manifestação, controlando a ação do Espírito, quanto saiba e possa. O uso do termo *inconsciente*, pois, para que equívocos sejam evitados, deve ser entendido e empregado em seu significado relativo.

144. V. "Transe Noctípico", pp. 337 e segs.

145. **BOZZANO**, **Ernesto**. ***Fenômenos de Bilocação – Desdobramento.*** Trad. Francisco Klors Werneck. 3. ed. São Bernardo do Campo-SP: Correio Fraterno, 1990, pp. 77-78.

146. A comunicação mediúnica de encarnados era, desde os primeiros tempos, fato tão conhecido – e comum – que, segundo o célebre Juiz John EDMONDS, da Suprema Corte Americana (*Spiritual Tracts*), chegaram a se organizar, em Boston e em Nova York, dois grupos dedicados a esse tipo de trabalho. "*Os membros desses círculos reuniam-se simultaneamente nas duas cidades e comunicavam entre si por seus médiuns. O círculo de Boston recebia, por seu médium, comunicações emanantes do espírito do médium de Nova York, e vice-versa. As coisas duraram assim por muitos meses, no decurso dos quais, os dois grupos inscreviam cuidadosamente as atas*" (*sic*). (**AKSAKOF**, **Alexandre**. ***Animismo e Espiritismo***. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990, Vol. II, Cap. IV, p. 248)

147. **FERREIRA**, **Inácio**. ***Subsídios para a História de Eurípedes Barsanulfo***. Uberaba-MG: Edição do Autor, 1962. Conf. **THIAGO**, **Lauro** S. "Eurípedes Barsanulfo – Centenário de Seu Nascimento". ***Reformador***. Rio de Janeiro: FEB, nº 1.814, maio, 1980, p. 10.

148. ***Fenômenos de Bilocação – Desdobramento***. 3. ed. São Bernardo do Campo-SP: Correio Fraterno, p. 60.

149. **AKSAKOF**, **Alexandre**. ***Animismo e Espiritismo***. Trad. Dr. C. S. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990, Vol. II, pp. 256-262.

150. "Eurípedes Barsanulfo – Centenário de Seu Nascimento". ***Reformador***. Rio de Janeiro: FEB, maio, 1980, p. 9.

151. **DELANNE**, **Gabriel**. ***A Alma É Imortal***. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB 1990, p. 110.

152. **KARDEC**, **Allan**. ***Obras Póstumas***. Trad. Guillon Ribeiro. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, p. 76.

153. ***Op***. e p. cits.

154. A indução verbal, aqui referida, guarda certa diferença em relação à indução hipnótica, propriamente. Na primeira, o dirigente convida o médium à concentração, ao relaxamento, sugerindo-lhe indiretamente entregar-se ao trabalho espiritual,

acompanhando-lhe, depois, o possível desdobramento, que pode, então, adquirir caráter mediúnico.

Na indução hipnótica, como tal, o sujeito apassiva-se completamente diante da sugestão direta do agente, caindo em processo de dissociação de consciência, próprio do transe hipnótico, em condição de isolamento integral do meio exterior (como, por exemplo, ocorre no sonambulismo) e de inteira obediência ao comando do controlador. (V. adiante, pp. 333 e segs.).

155. A duplicação corpórea – conhecida pelos parapsicólogos ingleses como "*out-of-the-body experience*" ("*experiência fora do corpo*") e pela sigla OOBE, ou apenas OBE – tem sido objeto de constantes pesquisas e avaliações em laboratório. Esses estudos incluem desde a medição da atividade cerebral do sujeito até o emprego dos mais sofisticados sistemas de controle e registro, visando à "*detectação física de projeções fora do corpo*", com resultados altamente positivos, segundo anota Guimarães ANDRADE, mencionando experimentos realizados por Karlis OSIS e Donna MCCORMICK (**Andrade**, **Hernani Guimarães**. ***Morte, Renascimento, Evolução – Uma Biologia Transcendental.*** 5. ed. São Paulo: Pensamento, 1991, pp. 68-69)

156. A fotografia transcendente foi também conhecida como "*fotografia espírita*", "fotografia psíquica" e "fotografia fluídica".

157. ***Animismo e Espiritismo***. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, Vol. I, p. 55.

158. A fotografia de flores chega a revelar aspectos surpreendentes. Fotografando um botão de rosa, F. M. Melton constatou que apareciam na fotografia as pétalas de uma rosa e quando a flor se abriu, verificou que a foto havia mostrado exatamente as mesmas pétalas, até mesmo quanto ao número! (Cf. **Bozzano**, **Ernesto**. ***Pensamento e Vontade***. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991, pp. 131-132) Esse e outros fatos mostram bem a existência, já no reino vegetal, de uma *protoestrutura* sustentadora do desenvolvimento celular. (V. p. 225, nota de rodapé 8)

159. Há registros de que fotografias chegaram a ser obtidas diretamente "*sobre o papel em branco, luvas de pelica, lenços e peças de vestuário*", como, por exemplo, acontecia com a médium inglesa Ada Lee, segundo documentos publicados pela revista *The Greater World* – O Mundo Maior. (***Tribuna Espírita***. Natal-RN, abril-maio, 1997; e ***Goiás Espírita***. Goiânia-GO, julho-setembro, 1997, p. 29)

Embora tal processo guarde semelhança com o da escrita direta, não deixa de apresentar, por sua peculiaridade, aspectos especialmente significativos.

160. **Doyle**, **Arthur Conan**. ***História do Espiritismo***. Trad. Júlio Abreu Filho. São Paulo: Pensamento, 1995, Cap. XIX, pp. 362-363.

161. "Photographie des Esprits", ***Revue Spirite***, maio, 1863, p. 92.

O relato completo das experiências de Mumler, desencarnado em 1884, constam de seu livro *Personal Experiences of William H. Mumler in Spirit Photography* (Experiências Pessoais de William H. Mumler com Fotografia de Espírito), documentário dos mais valiosos, publicado em Boston, 1875.

162. **Miranda**, **Hermínio C.** ***Processo dos Espíritas – Resumo da Memória Escrita por Mme. Marina Leymarie***. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1977, p. 32.

163. ***História do Espiritismo***. São Paulo: Pensamento, 1995, p. 369.

164. "*Os fotógrafos preparavam suas próprias chapas, desde o corte do vidro, com diamante, até a fase de acabamento da foto. O vidro era cuidadosamente limpo, usualmente com um pano ou um pouco de algodão embebido em álcool. Em seguida, cobria-se a sua superfície com fina camada de uma substância coloidal, à qual aderia o sal de prata contido num banho em que era mergulhada a chapa. Daí, a chapa ia para o chassi da máquina, com os cuidados necessários para não receber qualquer exposição à luz. As lâminas de vidro poderiam ser reutilizadas, após a limpeza acima referida. A revelação e a fixação seguiam basicamente o mesmo procedimento atual, embora se disponha, hoje, de produtos químicos muito mais sofisticados.*" (**Miranda**, **Hermínio C.** ***Processo dos Espíritas***. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1977, p. 33)

165. O Prof. Guimarães ANDRADE chegou a compor um projeto com vistas à construção de uma "*Câmara Espiritoscópica*", para a obtenção comum da fotografia transcendente. (**Andrade**, **Hernani Guimarães**. ***Novos Rumos à Experimentação Científica***. São Paulo: Edição do autor, 1960, Cap. V, pp. 143 e segs.)

166. Esse método de registro da existência espiritual é tão notável quanto se sabe que os retratos de Espíritos não só surgem

em placas fotográficas contidas em caixas *fechadas*, ou em filmes virgens, como, também, quando em operação duas ou mais máquinas, somente por meio de uma delas.

167. A história da fotografia transcendente contém relatos surpreendentes, até demonstrando a existência do perispírito. BOZZANO, por exemplo, cita um caso, rigorosamente comprovado e divulgado pela imprensa especializada, de *fotografia do braço fluídico de um amputado*, feita por Alphonse Bouvier, pesquisador francês, muito conhecido pelas numerosas curas magnéticas que então realizava. (V. **Bozzano**, **Ernesto**. ***Fenômenos de Bilocação – Desdobramento***. 3. ed. São Bernardo do Campo-SP: Correio Fraterno, 1990, pp. 26-27)

168. **Rinaldi**, **Sonia**. ***Transcomunicação Instrumental – Contatos com o Além por Vias Técnicas***. 2. ed. São Paulo: FE, 1997, p. 4.

169. O trabalho de Juergenson, com a gravação de vozes dos Espíritos, não só foi reconhecido pelo mundo científico como pela própria Igreja. (Em 1969, Juergenson recebeu das mãos do Papa Paulo VI a Comenda da Ordem de S. Gregório, "*pelo reconhecimento da autenticidade das vozes*". – Cf. **Nunes**, **Clóvis S.** ***Transcomunicação***. 2. ed. Sobradinho-DF: Edicel, 1990, p. 41)

170. Escrevia a notável médium Yvonne A. Pereira, em 1963:

"*No ano de 1915, no correr de memorável sessão a que assistiram nossos pais, em seu próprio domicílio, na cidade de São João Del-Rei, em Minas Gerais, e na qual servia o médium Silvestre Lobato, já falecido – o melhor médium de incorporação por nós conhecido até hoje –, o Espírito do Dr. Bezerra de Menezes anunciou o advento do Rádio e da Televisão, asseverando que este último invento (ou descoberta) facultaria ao homem, mais tarde, captar panoramas e detalhes da própria vida no Mundo Invisível, antecipando, assim, que a Ciência, mais do que a própria Religião, levaria os espíritos muito positivos a admitir o mundo dos Espíritos, encaminhando-os para Deus. A revelação foi rejeitada pelos componentes da mesa. O médium viu-se acoimado de invigilante, convidado a orar e vigiar, e o Espírito comunicante 'doutrinado' como mistificador e perturbador da ordem e do bom senso. No entanto, parte da profecia já foi cumprida. E não será difícil que a segunda parte o seja também, quando o homem se tornar merecedor da graça de entrever o Além-Túmulo através do seu aparelho televisor...*" (**Pereira**, **Yvonne A.** ***Devassando o Invisível***. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB 1991, Cap. VIII, pp. 177-178)

Em 1943, CORNÉLIO PIRES, Espírito, em sua obra *Coisas D'Outro Mundo,* anunciava que "dentro de pouco tempo, veremos num aparelho provido de lentes e espelhos ou tela, os nossos entes queridos que deixaram a Terra e com eles conversaremos (…)" (Cf. **Rinaldi**, **Sonia**. ***Transcomunicação Instrumental (…)*** 2. ed. São Paulo: FE, p. 90) Cornélio Pires, aliás, quando ainda encarnado, por volta de 1930, chegou a iniciar a construção "de um dispositivo eletrônico destinado à comunicação espírita", tendo desistido devido às "várias dificuldades de ordem técnica, bem como críticas desfavoráveis de alguns companheiros espíritas". (Cf. **Andrade**, **Hernani Guimarães**. ***A Transcomunicação através dos Tempos***. São Paulo: FE, 1997, p. 217)

171. ***Op. cit.***, p. 90.

172. **Locher**, **Theo**. **Harsch**, **Maggy**. ***Transcomunicação – A Comunicação com o Além por Meios Técnicos***. Trad. Harry Meredig. 10. ed. São Paulo: Pensamento, 1997, pp. 77-78.

173. **Andrade**, **Hernani Guimarães**. ***A Transcomunicação através dos Tempos***. São Paulo: FE, 1997, p. 16.

174. Cf. **De Rochas, Albert**. ***L'Exteriorisation de la Sensibilité***. Paris: Chamuel, 1899. Edição brasileira: ***Feitiçaria – Exteriorização da Sensibilidade***. São Paulo: Edicel, 1971, pp. 189-190.

175. **De Rochas**, **A.** ***Les Vies Successives***. 12. ed. Paris: Chacornac Frères, 1924, p. 42.

176. V. **Imbassahy**, **Carlos de Brito**. ***A Bioenergia no Campo do Espírito***. São Paulo: Mnêmio Túlio, 1997, p. 107.

177. **Bozzano**, **Ernesto**. ***Fenômenos de Bilocação – Desdobramento***. 3. ed. São Bernardo do Campo-SP: Correio Fraterno, 1990, pp. 25-26.

178. O neurocirurgião canadense Wilder Penfield descobriu, em 1950, que o córtex, camada mais externa do cérebro, contém uma espécie de "mapa" do corpo humano, responsável, inclusive, pelas sensações dos membros. Assim, para o cérebro, parte do corpo amputada é como se ainda existisse.

Esse conhecimento, todavia, é insuficiente para explicar certos fenômenos. No caso, por exemplo, plausível admitir que a

aproximação de uma chama do local onde deveria estar o membro físico ausente afetaria o *membro perispiritual*, com imediata repercussão no centro cerebral (dada a integridade do perispírito) e, de conseqüência, no córtex cerebral, produzindo, então, a sensação de queimadura.

179. ***Proceedings of the American S. P. R.***, 1885-89. Cf. **Bozzano**, **Ernesto**. ***Op. cit.***, p. 23.

180. Um tipo de ocorrência há que, de certa forma, não deixa de guardar relação com esse tema e que só pode ser explicada à luz do Espiritismo: a extirpação de segmentos do cérebro sem que a mente seja afetada. Numerosas constatações são citadas em todo o mundo. Entre elas, por exemplo, as realizadas pelo famoso neurocirurgião canadense, Dr. Wilder Penfield, da McGill University, de Montreal, que, depois de extirpar maciços segmentos cerebrais e verificar que a mente continuava a funcionar normalmente, "*sem qualquer distúrbio da consciência*", declarava: "*Talvez precisemos visualizar sempre um elemento espiritual... uma essência espiritual capaz de controlar o mecanismo. A máquina jamais explicará cabalmente o homem, nem os mecanismos explicarão a natureza do espírito*". (**Smith**, **Susy**. ***Out of Body Travel***. N. York: Garret, 1965. Conf. **Ostrander, S. Schroeder, L.** ***Experiências Psíquicas além da Cortina de Ferro***. São Paulo: Cultrix, 1974, p. 234)

181. Entre os fenômenos de vidência, destacam-se os de *clarividência*, que já diz com as potencialidades superiores da consciência. Normalmente, a clarividência ocorre com a clariaudiência.

A vidência, propriamente, pode apresentar-se de forma **ativa**, em que o sujeito projeta-se e percebe o mundo espiritual, ou **passiva**, em que recebe a imagem em sua mente, como num processo telepático comum.

A **vidência ativa** pode ocorrer na forma de uma vidência *externa* (*objetiva*), em que o médium capta a ocorrência espiritual como normalmente percebe qualquer objeto do mundo físico que o rodeia, ou como vidência *interna* (*subjetiva*), em que as imagens se sucedem na intimidade da mente, sem a sensação que uma percepção em nível tridimensional pode realmente produzir.

Esse tipo de percepção (vidência interna) marca particularmente os fenômenos de **vidência passiva** (em que, aliás, não é incomum – ressalte-se – as imagens significarem apenas projeções do subconsciente ou do subconsciente profundo).

182. V. Cap. XIII, "Perispírito e Enfermidade".

183. No ato da desencarnação, segundo inúmeras constatações concordantes entre si, o duplo etérico, ao se desprender do corpo, pode às vezes ficar próximo a este ou pairar no ambiente, por algum tempo, até mesmo depois do sepultamento, até que, ocorrido o desligamento definitivo, sobrevenha a sua desintegração. O registro de sua presença por pessoas sensíveis, mas despreparadas, tem gerado as mais diversas crendices, o que, aliás, não chega a causar estranheza quando se sabe que até em certos círculos espiritualistas, hipóteses as mais esdrúxulas são formuladas a respeito.

184. Cf. **Xavier**, **Francisco Cândido**. **André Luiz**, **Espírito**. ***Nos Domínios da Mediunidade***. 22. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, Cap. 11, p. 99.

185. **Azevedo**, **José Lacerda de**. ***Espírito-Matéria – Novos Horizontes para a Medicina***. 3. ed. Porto Alegre: Edição do Autor, 1990, p. 30.

186. **Andréa**, **Jorge**. ***Correlações Espírito-Matéria***. 3. ed. Rio de Janeiro: Lorenz, 1992, p. 24.

187. **Xavier**, **Francisco Cândido**. **André Luiz**, **Espírito**. ***Nos Domínios da Mediunidade***. 22. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, Cap. 11, pp. 98-99, primeira edição em 1954.

Autores há que, buscando explicar o que ocorre com os Espíritos menos desenvolvidos, que percebem certos objetos como se materiais fossem, observam que isso se deve ao "duplo etérico" desses objetos.

Preferível atribuir tal ilusão à *imagem etérica* deles, uma vez que, como aqui exposto, bem diverso é o sentido da expressão "duplo etérico".

188. Hyppolite Baraduc chegou a fotografar sua mulher e seu filho no momento em que cada um desencarnou, verificando na chapa uma espécie de nuvem luminosa pairando sobre os corpos inanimados. (Mais tarde, Watters explicaria que a fotografia dessa nuvem luminosa, que se formava durante a desencarnação, era possível, porque, segundo observou, aderia a íons infinitamente pequenos, provocando, assim, um rastro suscetível de ser registrado.)

189. V. **Freire**, **Antonio J.** ***Da Alma Humana***. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, pp. 116-117; **Lombroso**, **César**. ***Hipnotismo e Mediunidade***. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990, pp. 329 e segs.

190. Conf. **Morgan**, **C. D.** ***From Matter to Spirit, the Result of Ten Years Experience in Spirit Manifestations***, p. 137. Cit. por **Bozzano**, **Ernesto**. ***Metapsíquica Humana***. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1980, p. 132.

191. Segundo anotação de H. P. Van Watt (*The Two Worlds*, março, 1937), Gaskel teria feito suas experiências empregando principalmente a câmara de Wilson, construída originalmente para o exame da ionização de gás por meio de raios X e de minerais radioativos.

Com a citada câmara, foi possível bem observar como uma névoa se desprendia do animal moribundo, tomando a conformação de seu corpo. (Conf. Loureiro, **Carlos Bernardo**. "Fotografias Científicas do Perispírito no Momento da Morte". ***Revista Internacional de Espiritismo***. Matão-SP: O Clarim, novembro, 1995, pp. 312-313)

192. **Bozzano**, **Ernesto**. ***Fenômenos de Bilocação – Desdobramento***. Trad. Francisco Klors Werneck. 3. ed. São Bernardo do Campo-SP: Correio Fraterno, 1990, pp. 138-139.

Evidentemente, o duplo etérico de pequenos ou grandes animais liga-se a uma protoestrutura perispirítica, já mencionada.

193. **Pires**, **J. Herculano**. ***Agonia das Religiões***. 4. ed. São Paulo: Paideia, 1994, Cap. VIII, pp. 66-67.

194. V. Cap. VIII, "A Aura".

195. **Ostrander**, **Sheila**. **Schroeder**, **Lynn**. ***Experiências Psíquicas além da Cortina de Ferro***. São Paulo: Cultrix, , 1974, Cap. 17, pp. 234-239.

196. Informa Carlos Imbassahy:

"*Medindo com aparelhos espectrográficos, estes cientistas chegaram à conclusão de que o que definia a fecundidade da mulher não era somente sua capacidade biológica, mas, ainda, um campo estranho às suas entranhas e que lá se instalava, preparando-a ao engravidamento. Sem ele, o processo não se realizaria.*" (**Imbassahy**, **Carlos de Brito**. ***A Bioenergia no Campo do Espírito***. São Paulo: Mnêmio Túlio, 1997, pp. 39-40).

Obviamente, esse campo já diz com o perispírito em si.

197. **Inyushin**, **V. M.** "Biological Plasma of Human and Animal Organism". ***Journal of Paraphysics***, 1971: Vol. 5, p. 50. Cf. **Andrade**, **Hernani Guimarães**. ***Morte, Renascimento, Evolução – Uma Biologia Transcendental***. 9. ed. São Paulo: Pensamento, 1993, p. 56.

198. **Ostrander, S. Schroeder, L.** ***Experiências Psíquicas além da Cortina de Ferro***. São Paulo: Cultrix, p. 239.

199. **Imbassahy**, **Carlos de Brito**. ***A Bioenergia no Campo do Espírito***. São Paulo: Mnêmio Túlio, 1997, pp. 41-42.

200. **Andrade**, **Hernani Guimarães**. ***Psi-Quântico – Uma Extensão dos Conceitos Quânticos e Atômicos à Idéia do Espírito***. 9. ed. São Paulo: Pensamento, 1993, Cap. VI, p. 113.

201. ***Id. Ib.***, p. 114.

202. **Andréa**, **Jorge**. ***Enfoques Científicos na Doutrina Espírita***. 2. ed. Rio de Janeiro: Lorenz, 1991, p. 31.

203. Outros pesquisadores da época, segundo alguns registros, teriam tentado distinguir mais elementos na área perispirítica. Assim, por exemplo, consta que L. Lefranc, em 1911, pensou ter isolado o que imaginou tratar-se do *corpo causal*, hipotética sede da vontade e da memória.

Observe-se, entretanto, que entre os autores desencarnados e encarnados, raras são as referências ao tema. Por exemplo, André Luiz menciona-o apenas uma vez, de passagem e sem explicitá-lo, quando do início de seu trabalho de divulgação, na década de 1940. (V. **Xavier**, **Francisco Cândido**. **André Luiz**, **Espírito**. ***Nosso Lar***. 43. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, p. 70)

Ao que parece, o eventual interesse de alguns pesquisadores pelo assunto prende-se ao fato de que tal *corpo* encontra-se seguidamente citado na tradição esotérica (*Vijñânamaya* e *Ânandamaya-Kosha*, "veículo do Espírito Universal", no sistema vedantino; *Karanopudhi*, "a base da Causa", no *Târaka-Râja-Yoga*; *Buddhi-Manas*, princípios resultantes das experiências passadas e moldadores das vidas futuras, na interpretação teosófica, etc.).

Todavia, ao que tudo indica – e exegetas das doutrinas orientalistas há que assim o sugerem –, pode até não se tratar de nenhum corpo, mas sim de uma *condição* ou um *princípio causal* – mencionado, às vezes, como conjunto ou união de *princípios*.

204. **Freire**, **Antonio J.** ***Da Alma Humana***. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, Cap. VI, p. 118.

205. **Xavier, Francisco Cândido**. **Vieira, Waldo**. **André Luiz, Espírito**. ***Evolução em Dois Mundos***. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, Cap. II, p. 25.

206. Autores há que chegam a atribuir-lhe a forma ovoide.

207. Poder-se-ia até estabelecer uma certa analogia com o que ocorre com o Sol, cujo núcleo e zona próxima de irradiação escapam à possibilidade de observação, sem a aparelhagem específica, mas que, projetando-se, expandindo seus potenciais energéticos, origina a fotosfera, a qual, de sua vez, forma a cromosfera e esta, a coroa solar e um vasto campo que chega a abranger todo um sistema planetário! Percebe-se, assim, normalmente, só a sua projeção, mas sabe-se que lá está ele, desde o centro, irradiando e sustentando a vida em tudo que se encontra sob sua regência gravitacional.

208. Kardec não se referiu expressamente ao corpo mental. Natural, pois, que em torno de tema tão complexo possam surgir teses diferentes.

209. **Xavier, Francisco Cândido**. **André Luiz, Espírito**. ***Mecanismos da Mediunidade***. 14. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, Cap. X, p. 83.

210. **Aksakof, Alexandre**. ***Animismo e Espiritismo***. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991, Vol. I, Cap. I, pp. 59, 64 e 65.

211. ***Id. Ib.***, pp. 66 e 67.

212. ***Op. cit.***, pp. 56 e segs.

213. **Denis, Léon**. ***No Invisível***. Trad. Leopoldo Cirne. 15. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 174.

214. **De Rochas, Albert**. ***L'Exteriorisation de la Sensibilité***. Paris, 1899. Edição brasileira sob o título: ***A Feitiçaria – Exteriorização da Sensibilidade***. Trad. Júlio Abreu Filho. São Paulo: Edicel, 1971, pp. 35-36.

215. Entre as muitas experiências realizadas pelo casal Kirlian e outros pesquisadores, com animais e plantas, algumas têm sido especialmente citadas. Por exemplo, numa foto (efluviografia) de uma salamandra que tem uma de suas perninhas cortadas, ela mostra a continuidade da perna, no mesmo lugar onde existia o membro físico e, em cortando-se um pedaço de uma folha, a foto mostra-a inteira, numa prova clara da existência de um segundo corpo, fluídico, que pode ser considerado uma expressão primária do que um dia, na dimensão hominal, será o perispírito. (V. o Cap. IX, "Perispírito e Evolução", pp. 298 – "Protoformas Perispirituais").

216. Interessante observar que Kirlian iniciava suas pesquisas mais ou menos na mesma época (princípios da década de 1940) em que Burr, no outro lado do Oceano, estava medindo os campos eletromagnéticos presentes em torno dos seres vivos. "*Ambos os cientistas desenvolveram técnicas experimentais que podiam medir alterações nos campos de energia dos organismos vivos*", assinala o Dr. Richard Gerber. "*O método de Burr utilizava voltímetros convencionais e os dados eram apresentados na forma de níveis de microvoltagem. Embora Kirlian tivesse estudado os mesmos campos elétricos, suas técnicas eletrográficas transformavam as mensurações elétricas de Burr nas características visuais de uma corona elétrica. Burr e Kirlian descobriram que doenças como o câncer provocavam significativas alterações nos campos eletromagnéticos dos organismos vivos. Burr fizera essa revelação depois de examinar os resultados de mensurações superficiais da pele feitas com o seu voltímetro. Kirlian registrou imagens de descarga em corona no corpo para comprovar a ocorrência de alterações em campos de energia associadas a doenças.*" (**Gerber, Richard**. ***Medicina Vibracional – Uma Medicina para o Futuro***. Trad. Paulo César de Oliveira 12. ed. São Paulo: Cultrix, 1997, p. 44.)

217. **Ostrander, Sheila**. **Schroeder, Lynn**. ***Experiências Psíquicas além da Cortina de Ferro***. São Paulo: Cultrix, 1974, p. 223.

218. **Imbassahy, Carlos de Brito**. ***Quem Pergunta Quer Saber***. 3. ed. São Paulo: Petit, 1995, pp. 98-99.

219. **Picler, Wilson**. "Kirliangrafia". ***Boletim Médico-Espírita. Associação Médico-Espírita de São Paulo***, nº 7, maio, 1993, pp. 211-212.

220. ***Idem***, p. 212.

221. ***Id. Ib.***, p. 213.

222. Embora algumas interpretações discordantes, impõe o bom-senso se admita que – pelo menos até agora – o equipamento Kirlian, como visto, possibilita tão somente o registro da aura, projeção energética do ser vivo em seu conjunto.

223. **Ostrander, S. Schroeder, L.** ***Experiências Psíquicas além da Cortina de Ferro***. São Paulo: Cultrix, 1974, p. 419.

224. ***Id. Ib.***, p. 420.

225. V. Cap. V, "Provas da Existência do Perispírito" – Vidência.

226. Em Psicologia, o termo "psicometria" relaciona-se com a medição de resultados fornecidos pelos recursos psicotécnicos. Em sentido amplo, designa o estudo quantitativo dos fenômenos psicológicos. Em Parapsicologia, os fenômenos identificados como de "psicometria" não têm denominação particular, podendo enquadrar-se no esquema de possibilidades da chamada Percepção Extrassensorial – "*Extra-Sensory Perception* – ESP" ("*percepção de um evento externo sem a intervenção de nenhum sentido atualmente conhecido ou concebível*" – segundo Ricardo Musso, anexo à obra de Joseph Banks RHINE, ***El Alcance de la Mente***, PAIDOS, Buenos Aires, 1956: p. 236. Ou "*consciência ou resposta a uma influência ou evento externo não apreendido por meios sensoriais*", de acordo com o próprio Rhine e J. G. Pratt, em ***Parapsicologia – Fronteira Científica da Mente***, HEMUS, São Paulo, 1966, p. 217). Já entre os metapsiquistas, tendo sido considerado impróprio o termo, para a designação desse tipo de percepção, criou-se a denominação Criptestesia Pragmática (Richet).

227. **Xavier**, **Francisco Cândido**. ***Nos Domínios da Mediunidade***. 22. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 242.

228. *The Soul of Things, 1863; Nature's Secret, or Psichometric Research*, 1863; Our Planet its Past and Future, 1896. – Conf. **Fodor**, **Nandor**. ***An Encyclopaedia of Psychic Science***. Secaucus-N. Jersey: The Citadel Press, 1974, p. 321.

229. **Bozzano**, **Ernesto**. ***Os Enigmas da Psicometria***. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991, p. 53.

230 ***Dicionário de Filosofia Espírita***. Rio de Janeiro: Celd, 1997, p. 301.

231. **Pereira**, **Yvonne A.** ***Devassando o Invisível***. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991, Cap. VIII, pp. 191-194.

232. A dinâmica que informa o processo psicométrico, parece ser a mesma que, com algumas variáveis, sustentaria outras modalidades de percepção como, por exemplo, a conhecida *radiestesia*, desenvolvida na Inglaterra pelo Dr. Guyon Richards e sua equipe, investigando, na sua *Medical Society for the Study of Radiesthesia*, nova forma de diagnóstico e tratamento, e, também, a *radiônica*, surgida com as pesquisas dos americanos Drs. Albert Abrams e Ruth Drown, e do inglês Dr. George De La Warr, na década de 1990. Ressalve-se, todavia, que a percepção psicométrica, propriamente, já por envolver a vidência e a audiência, além de outras percepções, apresenta-se como processo mais abrangente e, por isso, mais significativo.

233. **Xavier**, **Francisco Cândido**. **Vieira**, **Waldo**. **André Luiz**, **Espírito**. ***Mecanismos da Mediunidade***. 14. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, pp. 145 e 146. Aliás, Yvonne A. Pereira, em nota ao relato antes transcrito, salienta: "*Não fora a assistência de nossos Guias Espirituais e, ainda, a 'operação psíquica' para imunização do médium* (…)*, estas cenas, suportadas por nossa faculdade durante seis noites consecutivas, provavelmente teriam alterado nosso sistema de vibrações mentais, ocasionando um gênero de obsessão.*" (***Devassando o Invisível***, pp. 192-193)

234. **Hunt**, **Valerie**. **Massey**, **W. Weinberg, P. Bruyere, R. Hahn, P.** "*Project Report, A Study of Structural Integration from Neuromuscular, Energy Field, and Emotional Approaches*", ***U.C.L.A.***, 1977. Cf. **Brennan**, **Barbara Ann**. ***Mãos de Luz (Hands of Light)***. Trad. Octavio Mendes Cajado. 9. ed. São Paulo: Pensamento, 1993, pp. 58-59.

Segundo a Dra. Hunt, em avaliação pessoal, as experiências realizadas teriam também demonstrado que os matizes observados nos centros vitais (chacras) correspondiam aos tradicionalmente indicados na maior parte da literatura esotérica e ainda "*que a atividade de certos centros parece desencadear um* aumento da atividade de outros". (***Op. cit.***, pp. 59-60)

235. **Monroe**, **Robert A.** ***For Journeys. Doubleday***, Nova York, 1985, p. 64. Conf. **Talbot**, **Michael**. ***O Universo Holográfico***. Trad. Maria de Fátima S. M. Marques. 2. ed. São Paulo: Best Seller, p. 217.

236. **Xavier**, **Francisco Cândido**. **Vieira**, **Waldo**. **André Luiz**, **Espírito**. ***Evolução em Dois Mundos***. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, Cap. XVII, p. 129.

237. ***Id. Ib.***, pp. 129-130.

238. **TEIXEIRA**, **Cícero Marcos**. ***Psicosfera – Reflexões – Espiritismo Ciência***. 2. ed. Sobradinho-DF: Edicel, 1996, p. 85.

239. "As e*spécies são tantas quantas o Ser Infinito criou no princípio*", sustentava Lineu (Carl von Linné, 1707-1778), apegado à interpretação literal da Bíblia. Era o fixismo confundindo-se com o criacionismo bíblico, segundo o qual todas as espécies teriam surgido de um ato único do Criador.

Foi, entretanto, a autoridade científica de Georges CUVIER (1769-1831), iniciador dos estudos de anatomia comparativa e de paleontologia, que impôs a doutrina fixista aos meios científicos, nos começos do séc. XIX, de acordo com a qual as espécies conservam integralmente os seus caracteres, não variando e não dando origem a outras.

240. Inúmeros pensadores, obviamente, desde os pré-socráticos, trataram de temas relacionados com a questão evolutiva, mas as concepções de Leibniz marcam momento decisivo na jornada que levaria às construções inaugurais da biologia evolutiva.

241. Alfred Russell WALLACE (1823-1913), célebre naturalista inglês, autor de *Contributions to the Theory of Natural Selection* (1870) e *Geographical Distribution of Animals* (1876), entre outros, é também nome dos mais importantes na história do Espiritismo. Entre suas valiosas contribuições, destaca-se o clássico *On Miracles and Modern Spiritualism* (1874).

Quando viajava pelo mundo, em busca de evidências que fundamentassem sua teoria (como também acontecia com DARWIN), Wallace esteve até no Brasil, acompanhado de outro naturalista, Henry Walter BATES. Os resultados dessa viagem são descritos em *A Narrative of Travels on the Amazon and Rio Negro* (1853).

242. "*Assim é que a guerra natural, a fome e a morte originam diretamente o efeito mais admirável que possamos conceber: a formação lenta dos seres superiores"*, sustenta DARWIN. *"Há grandeza em prismar assim a vida e seus diversos poderes, que animam originariamente muitas ou uma única forma, sob o influxo do Criador. E enquanto o planeta continuou a preencher ciclos perpétuos, adstrito às leis fixas da gravitação, essas formas se desenvolveram, inumeráveis, e, cada vez mais belas, mais maravilhosas, seguirão desenvolvendo-se num evoluir sem fim.*" (Conf. **DELANNE**, **Gabriel**. ***A Evolução Anímica***. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1992, Cap. II, p. 81)

243. A ideia da evolução não era nova. Charles LYELL (1797-1875), por exemplo, dela falava em seu famoso trabalho *Principles of Geology* (1833), conhecido tanto por WALLACE como por DARWIN. Aliás, a semelhança entre os argumentos desses cientistas é atribuída ao fato de que ambos refutaram teses específicas sustentadas por LYELL, que não aceitava a modificação das espécies. (A heterogenia – conversão de uma espécie em outra –, por sinal, é conceito que já vinha de THEOFRASTO, 372-288 a.C. – *Inquisição sobre as Plantas* –, e autores célebres fizeram menções a respeito. Virgílio, 70-19 a.C. – *Geórgicas* –, chegou a descrever como acontecia a conversão do trigo e da cevada em aveia selvagem.)

244. Para a maioria dos biólogos evolucionistas de hoje, o darwinismo chega a ser sinônimo de seleção natural. (Observe-se, a propósito, que o título completo de sua obra é *On the Origin of Species by Means of Natural Selection, or the Preservation of Favored Races in the Struggle for Life*. Londres, 1859)

245. August WEISMANN (1834-1914), biólogo alemão, estabeleceu distinção fundamental entre células *germinais* e células *somáticas*. Nas espécies de reprodução sexuada, todas as células do indivíduo provêm da célula inicial única que lhe deu origem. Durante o desenvolvimento, dois tipos surgem diferenciados, com destinos biológicos diferentes. A linhagem de células portando caracteres hereditários (*gametas*) liga os ancestrais aos descendentes.

As células somáticas, que constituem o resto do corpo (*soma*), nada passam à prole; morrem com o indivíduo. Complementando as ideias de WEISMANN, Wilhelm Ludvig JOHANSSEN (1857-1927), geneticista dinamarquês, demonstra, em 1909, que a variabilidade dos indivíduos dentro de uma espécie é o resultado, em parte, das diferenças nos *genes* (moléculas de ácido desoxirribonucleico, ou ADN) que o indivíduo possui e, em parte, por influência do meio. O conjunto dos genes do indivíduo, o *genótipo*, é que passa para a prole. Com a variação do meio, a característica de um indivíduo surge determinada pelo seu *genótipo* e pelas condições ambientais, e ele passa a ter um *fenótipo* diferente. Mas o caráter adquirido, em resultado da adaptação individual, segundo o cientista, não se transmitiria à prole.

246. Por essa ótica, inegavelmente, uma alteração ambiental poderia fazer com que certos tipos, dentro de uma espécie, passassem a ser mais eficientes e acabassem predominando. Não haveria lugar para a seleção natural se todos os indivíduos de uma espécie fossem geneticamente iguais. Como as mutações produziriam sempre novas variações dentro da população, promoveriam a diversidade necessária à influência da seleção natural na composição das populações, de acordo com as modificações do ambiente.

247. Caracteres novos e hereditários poderiam, então, segundo essa teoria, surgir por mutação de um único gene ou por mutações cromossômicas, resultantes de vários acidentes que os cromossomos sofrem (perda ou duplicação de um fragmento, inversão na posição de um pedaço, translocação de um fragmento de um cromossomo para outro).

248. A se considerar como válida, em parte, a posição darwiniana, impõe-se observar que nem todos os genes nocivos seriam eliminados a curto prazo pela seleção natural. Genes recessivos – sob o impulso do automatismo evolutivo e, depois, sob os ditames cármicos – poderiam perfeitamente, se for o caso, ser mantidos por tempo maior nos heterozigotos, que, fenotipicamente normais, têm condições de transmiti-los à metade de seus descendentes.

249. Como se sabe, em Genética, os alelos são formas alternativas de um gene. Os genes que ocupam a mesma posição (lócus) em um par de cromossomos homólogos (um de cada progenitor, com os genes na mesma sequência) são alelos. Quando ambos os membros de um par de alelos são iguais, o indivíduo é homozigoto; quando diferentes, o indivíduo é heterozigoto (portador).

250. Godfrey Harold HARDY e Wilhelm Robert WEIMBERG, independentemente, mostraram que a espécie humana não surgiu de um único casal, como impunha a mitologia bíblica, mas se originou da evolução gradual de populações ancestrais; que para compreender a evolução é preciso considerar o que ocorre com a população em conjunto; que a frequência dos genes nas populações, se dependesse apenas da reprodução sexuada, não se alteraria nas gerações sucessivas, dependendo a evolução de fatores diversos. (A ação do meio ambiente, embora indiretamente, comparece não menos importante.) As demonstrações que fizeram e que vieram dar um novo enfoque ao tema da evolução resultaram na conhecida lei de HARDY-WEIMBERG.

251. A redescoberta dos trabalhos de Gregor MENDEL, 1822-1884, especialmente sobre o fenômeno que ficou conhecido como a *segregação mendeliana*, e o conhecimento mais completo do processo de divisão celular, mostraram que, ao passar de uma geração para outra, os genes são reagrupados, aparentemente por acaso, por três vezes, propiciando, essa *recombinação*, o surgimento de genótipos diferentes.

252. A macroevolução tem como referência a microevolução e conjuga-se à denominada *radiação adaptativa*. Não é tão bem conhecida como a microevolução, porém o desenvolvimento dos achados paleontológicos propiciará, sem dúvida, conclusões cada vez mais avançadas. Já se sabe que quando um tipo de organismo é bem-sucedido origina ramos divergentes de fauna variada, cada qual adaptado para ocupar, eficientemente, um nicho ecológico, ficando, depois, cada ramo, sujeito à microevolução. Dessa forma, no Terciário, por exemplo, os mamíferos *irradiaram* em felinos, cavalos, baleias, morcegos, etc. (Entre os elementos da *radiação adaptativa*, notam-se não só mudanças de tamanho do corpo em conjunto como do tamanho relativo das partes.) Naturalmente, por exigir uma reorganização mais profunda do organismo, a macroevolução é muito mais demorada que a microevolução.

253. A obra-prima de BERGSON (1859-1941) é *L'Évolution Créatrice*, de 1907. Com ela, ganhou fama universal e, em 1914, para completar seu sucesso, viu incluídos seus livros no *Index Expurgatorius*. Nesse mesmo ano, entretanto, foi eleito para a Academia Francesa. Em 1927, recebeu o prêmio Nobel de Literatura. O ponto inicial do pensamento bergsoniano é a ação e sua doutrina é marcada por uma sistemática oposição ao método intelectualista, influenciando algumas correntes filosóficas contemporâneas, entre elas – como reconhecido pelo próprio William JAMES –, o pragmatismo. Estabelece BERGSON que "***o principal conhecimento é o fornecido pela intuição***" e que "***o pensamento científico, só pela análise e pela abstração, mostra-se insuficiente à captação ou à compreensão da vida e do espírito, que constituem o fundo da realidade***".

254. Pierre TEILHARD DE CHARDIN (1881-1955), embora padre jesuíta – e com suas obras sob suspeita do Santo Ofício, que chegou, em 6 de dezembro de 1951, a emitir um *monitum* contra sua aceitação, indicando que "*os livros do padre* TEILHARD DE CHARDIN *devem ser retirados das bibliotecas dos seminários e das instituições religiosas*" –, foi considerado o filósofo da síntese da unidade. "*Tudo o que ascende, converge*", disse. Sua metafísica é considerada mais uma "*ultrafísica realista da União*". Somente após sua morte é que toda sua obra foi publicada (era conhecida apenas por textos mimeografados que circulavam discretamente), alcançando enorme sucesso. Suas ideias aproximam-se das de BERGSON (embora, saliente-se, TEILHARD desconfie menos da chamada inteligência científica), porém relacionam-se muito mais com os ensinos expostos em *A Grande Síntese* de Pietro UBALDI, recebida a partir de 1932 e já, então, do domínio público. Observe-se também que, ao tempo de TEILHARD, a Codificação já era bem conhecida e crescia extraordinariamente a literatura espírita.

255. V. **CAPRA, Fritjof**. ***O Ponto de Mutação***. Trad. Álvaro Cabral. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1997, p. 281.

256. Essa designação (*Homo neanderthalensis*) foi dada pelo alemão Johann FUHLROTT, em 1856, quando, tendo recebido

dezesseis pedaços de um esqueleto desenterrado por mineiros no vale do rio Neander, Alemanha, constatou que se tratava de peças de um ser humano arcaico. Sua tese foi contestada e esquecida, porém a descoberta de ossadas com a mesma forma do Neanderthal e artefatos da época da pedra lascada, na caverna de Spy, Bélgica, ressuscitou a teoria de FUHLROTT, mostrando que um antecessor do homem, embora tenha aparecido há muito, viveu até 30 mil anos atrás. FUHLROTT, entretanto, já havia desencarnado, esquecido, em 1877.

257. Embora as dúvidas e incertezas ainda existentes entre os paleoantropólogos, a lição definitiva, resultante das últimas descobertas, é que a evolução não leva ao surgimento de um tipo novo de cada vez, em linha reta. Em se tratando do gênero humano (*Homo*), é certo que houve mais de uma espécie no planeta, compondo, na verdade, uma árvore com vários ramos colaterais, o que, todavia, não impede que se tenha uma escala mais ou menos abrangente, que propicie uma visão geral do processo.

Assim, partindo dos ancestrais comuns (seis ou sete milhões de anos atrás), que são os macacos africanos – e é espantosa a semelhança existente entre esses e o homem, no tocante às características moleculares e à estrutura cromossômica –, já se pode pensar, com base nos achados fósseis até agora conhecidos, na seguinte cadeia: *Ardipithecus ramidus*, *Australopithecus anamensis*, *Australopithecus bahrelghazali* e *Australopithecus afarensis*, há 4 milhões de anos, aproximadamente; *A. africanus*, de cerca de 3 milhões de anos atrás; *A. garhi*, *Paranthropus aethiopicus*, *A. bolsei*, *A. robustus*, de 2,5 a 1 milhão de anos atrás; *Homo ergaster*, que desapareceu por volta de 1 milhão de anos atrás; *Homo rudolfensis* e *Homo habilis*, marcando o surgimento dos humanos, propriamente, há cerca de 2 milhões de anos; *Homo erectus*, que existiu até 500 mil anos atrás; *Homo antecessor*, *Homo heidelbergensis*, *Homo neanderthalensis*, que teriam vivido a seguir; o *Homo sapiens* (também conhecido como o *homem de Cro-Magnon*), que teria surgido do *H. erectus*, entre 200 e 100 mil anos atrás; *Homo sapiens sapiens*, o homem atual, em direção ao *Homo moralis*.

Novas descobertas (como a do *Ramapithecus*, p. ex.) poderão, evidentemente, iluminar ainda mais o nosso passado.

258. Nessa linha, por exemplo, Stuart KAUFFMAN, bioquímico do Instituto Santa Fé, sustenta que o princípio ordenador do Cosmo, que também chama de *princípio anticaos*, "*pode ter desempenhado um papel muito mais importante do que a seleção natural, na orientação da evolução da vida, particularmente à medida que a vida crescia em complexidade.*" (V. **HORGAN**, **John**. ***O Fim da Ciência – Um Discurso sobre os Limites do Conhecimento Científico***. Trad. Rosanna Eichemberg. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, Cap. 5, p. 169)

259. **MAYR**, **Ernst**. ***O Desenvolvimento do Pensamento Biológico***. Trad. Ivo Martinazzo. Brasília: Universidade de Brasília, 1998, Parte II, Cap. 13, p. 698.

260. "*A característica essencial de qualquer revelação tem que ser a verdade.*" (**KARDEC**, **Allan**. ***A Gênese***. 36. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, Cap. I, item 3, p. 14)

261. "*Todos os seres, desde a região ontológica mineral – segundo a terminologia da moderna ontologia – até a região vegetal, a animal e a hominal, estão todos integrados no mesmo processo e submetidos às mesmas leis e ao mesmo destino.*" (**PIRES**, **J. Herculano**. ***O Espírito e o Tempo***. 7. ed. Sobradinho-DF: Edicel, 1995, 3ª Parte, Cap. III, p. 154)

262. **UBALDI**, **Pietro**. ***A Grande Síntese***. Trad. Mário Corbioli. 5. ed. São Paulo: Lake, 1955, Cap. XXIX, p. 103.

263. "*Tudo se liga na obra da criação. Outrora consideravam-se os três reinos como inteiramente independentes entre si e teriam rido de quem pretendesse encontrar uma correlação entre o mineral e o vegetal, entre o vegetal e o animal. Uma observação atenta fez desaparecer a solução de continuidade, e provou que todos os corpos* formam uma cadeia ininterrupta; de tal sorte que os três reinos não subsistem, na realidade, senão pelos caracteres gerais mais marcados; mas *nos seus limites respectivos eles se confundem, a ponto de se hesitar em saber onde um termina e o outro começa, e em qual certos seres devem ser colocados.*" (**KARDEC**, **Allan**. ***Revue Spirite – Journal D'Études Psychologiques***, março, 1866. Edição brasileira: ***Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos***. Trad. Júlio Abreu Filho. Sobradinho-DF: Edicel, p. 74.)

264. A individualização do princípio inteligente é marcada, sobretudo, pelo surgimento da vontade. Daí, a dificuldade em se encontrar o momento em que isso possa ter acontecido, uma vez que, junto com o instinto, a assinalar o padrão psicoevolutivo de cada espécie, a vontade já pode ser detectada em seres tão primários como os artrópodes (insetos, aracnídeos, etc.) e outros, mais primitivos até… (*O Livro dos Espíritos*, item 593)

Diante disso, teorias como, p. ex., a da chamada alma-grupo, presente em alguns escritos doutrinários e a exercer justificado fascínio, mereceriam, talvez, ser mais cuidadosamente analisadas.

Certo é que cada dimensão (mineral, vegetal, animal, hominal) é caracterizada por um padrão psíquico geral, e cada espécie, por um padrão psíquico específico, marcando o conjunto de suas condições evolutivas, num determinado momento. (No reino animal, esse padrão mostra-se primeiramente pelo instinto.)

A evolução de cada espécie, ou seja, do seu padrão psíquico, é comandada pelas Inteligências Superiores responsáveis, impulsionando o despontar da vontade de cada ser psíquico componente – e, com ela, a inteligência –, ainda que, para sua sobrevivência, permaneça por longo tempo agrupado com seus semelhantes.

Na dimensão humana, o padrão psíquico já diz com a gradativa substituição do instinto pela razão, rumo à angelitude.

265. **Kardec**, **Allan**. ***O Livro dos Espíritos***. Trad. J. Herculano Pires. São Paulo: FEESP, 1997, p. 250.

266. **Kardec**, **Allan**. ***O Livro dos Espíritos***. Trad. Guillon Ribeiro. 75. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, pp. 301-302.

267. Em tudo que é ou existe, há uma ordem subjacente (Bohm refere-se a uma *ordem implicada*). Aparentes e transitórias *desordens*, seja qual for o domínio, do microcosmo ao macrocosmo, acontecem dentro da Ordem geral que preside a Criação e, pois, o processo evolutivo. Tal constatação, naturalmente, afasta qualquer ideia de acaso ou incerteza.

Importantes trabalhos têm surgido nas últimas décadas, afirmando a organicidade do cosmos. Nesse sentido, por exemplo, J. S. Bell, propondo, em 1964, seu famoso teorema – "teorema de Bell" –, levou à demonstração de que se duas partículas idênticas em sua polaridade se separarem, e a polaridade de uma for modificada, a da outra, também, *instantaneamente*, se modificará, mostrando, assim, a *unicidade* que sustenta a teia cósmica.

Verdade que alguns cientistas, não se conformando com a ideia de Einstein, de que "*Deus não joga dados*", buscam reconhecer, na ocorrência de certos eventos, sinais de alguma incerteza, relacionando-os com a questão filosófica do livre-arbítrio, que, entretanto, só é importante em relação já à dimensão humana.

Assim, Werner Heisenberg, constatando a impossibilidade instrumental de aferir com precisão o *momentum* ou posição de uma partícula elementar, chegou à formulação, em 1971, do Princípio da Incerteza (princípio de indeterminação da mecânica quântica), de inegável repercussão, ainda que só diga com o microcosmo. (Multiplicando a incerteza na posição da partícula – oriunda da imprecisão que rege a medida –, pela incerteza em sua velocidade, e o produto destas, pela massa da partícula, constatou que o resultado nunca pode ser menor do que a constante de Planck, concluindo ser não determinista a configuração total.)

Pribam (Karl), todavia, com base nos princípios holográficos, sustenta que a incerteza da ocorrência é apenas superficial, uma vez que há *simetrias subjacentes* que afastam a ideia do acaso.

Já Hawking (Stephen W.) argumenta que o elemento imprevisível, "*o acaso, aparece apenas quando se tenta interpretar a onda em termos das posições e velocidades das partículas.*" E que "*talvez seja este o nosso erro: talvez não haja quaisquer posições e velocidades da partícula, mas apenas ondas*". "*É exatamente por isto que tentamos ajustar as ondas a nossas idéias preconcebidas de posições e velocidades. O descompasso resultante é a causa da aparente imprevisibilidade*". (**Hawking**, **Stephen W.** ***Uma Breve História do Tempo***. Trad. Maria Helena Torres. 30. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 235)

Observe-se, pois, que, não obstante o significado do trabalho de Heisenberg – e ainda que possa não se referir, necessariamente, à existência do acaso –, há uma certa intranquilidade científica com relação ao seu enunciado – a envolver temas tão polêmicos como probabilidade, potencialidade, causalidade e determinismo –, não só porque se refere, particularmente, ao microcosmo das partículas como, com a evolução científico-tecnológica, ampliam-se percepções e aprimoram-se os recursos que impulsionam o crescente aperfeiçoamento da teoria física. De fato, cientistas e filósofos, com posição contrária, argumentam que somente o fato de haver incerteza na predição de certos fenômenos não é o bastante para que se afirme que eles não sejam passíveis de determinação completa. Propícia, assim, a interpretação de Northrop, segundo a qual Einstein, com sua famosa afirmação sobre DEUS e o jogo de dados, pretendeu dizer que "*o conceito de acaso encontra seu sentido na ciência tão-somente pelas limitações epistemológicas que decorrem da finitude da mente humana, em sua relação com o objeto onicompleto do conhecimento científico, sendo, portanto, erroneamente aplicado quando ontologicamente diz respeito ao próprio objeto*". (*In* **Heisenberg**, **Werner**. ***Física e Filosofia***. Trad.

Jorge Leal Ferreira. 4. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1999: "Introdução aos Problemas da Filosofia Natural", p. 14)

Ressalte-se, por fim, o notável trabalho atualmente desenvolvido pelo matemático Steven STROGATZ, da Universidade de Cornell (EE.UU.), pioneiro do que vem sendo rotulado de Ciência da Sincronicidade. "*A sincronia se manifesta do subatômico ao macrocosmo, em escala de freqüências que variam de bilhões de oscilações por segundo a apenas um ciclo em um milhão de anos. O Universo inteiro parece carregar as sementes de sua ordenação*" – sustenta STROGATZ, que, com o físico japonês Yoshiki KURAMOTO, estabeleceu modelos matemáticos para a sincronia. (V. *Sync – The Emerging Science of Spontaneous Order*. Theia, New York, 2003)

Destaque-se que, no âmbito dos eventos humanos, Carl JUNG já buscava explicar a ocorrência telepática, tomando por base o fenômeno da sincronia, conhecido, aliás, desde o séc. XVIII, com as notáveis observações do físico Christian HUGGENS.

268. Sejam quais forem as instabilidades, são sempre transitórias. Observe-se, por exemplo, o que acontece com os efeitos da própria fissão nuclear e que tanto têm atormentado a Humanidade. Uma explosão atômica produz mais de 300 diferentes tipos de isótopos radioativos, e produtos de fissão existem, como o estrôncio-90, ou o radioestrôncio, que têm uma meia-vida de 28 anos, e outros, como o radioiodo (iodo 131), o radiocésio (césio 137) ou o radiocarbono (carbono 14) duram muito mais, sendo que este último chega a ter uma meia-vida de 5.760 anos. Embora seja possível que a maior parte das radiações possa causar algum tipo de mutação genética, certamente ela acabaria se submetendo aos impulsos homeostásicos ditados pela evolução (5 ou 6 mil anos nada significam na história dos tempos).

269. Oportuno lembrar, a respeito de *mutação*, que o termo tem comparecido na literatura especializada com um significado bem mais abrangente. Assim, p. ex., é da antiga sabedoria chinesa que, em qualquer dimensão, quando um desenvolvimento alcança seu nível máximo, no respectivo ciclo evolutivo, chegando ao ponto de saturação, de amadurecimento – que passa, então, a significar estagnação, *decadência*, o ***ponto de mutação*** –, ocorre a transformação, o movimento de ascendência, de mudança cíclica, surgindo um novo impulso evolutivo, em substituição ao que se esvaiu. É a lição que se tira, principalmente, do *I Ching, O Livro das Mutações*.

("*Ao término de um período de decadência sobrevém o ponto de mutação. A luz poderosa que fora banida ressurge. Há movimento, mas este não é gerado pela força... O movimento é natural, surge espontaneamente. Por essa razão, a transformação do antigo torna-se fácil. O velho é descartado e o novo é introduzido. Ambas as medidas se harmonizam com o tempo, não resultando daí, portanto, nenhum dano.*" – **CAPRA**, **Fritjof**. ***O Ponto de Mutação***. 20. ed. São Paulo: Cultrix,1997, p. 5)

270. Já anotava Bergson que o princípio da evolução não estava no que é visível, mas no invisível: "*Todos os dados científicos tendem a transpor a evolução, elevando-a do visível para o invisível.*"(Cf. **Denis**, **Léon**. ***O Mundo Invisível e a Guerra***. Trad. José Jorge. Rio de Janeiro: Celd, 1995, Cap. XIX, p. 201)

271. Embora o mutacionismo, como antes anotado, já não goze do prestígio que teve no passado (aparentemente também ocorreria a chamada mutação reversa), pesquisas demonstraram bem a realidade das mutações, ainda que infrequentes, como um dos possíveis fatores de evolução.

272. Conhecidos são os trabalhos notáveis, nesse campo, de cientistas como William Crookes (com as fascinantes materializações de Katie King, através da médium Florence Cook), Wallace, Lodge, Myers, Hodgson, na Inglaterra; Zöllner, Weber, Fechner, Ulrici, Frièze, Carl Du Prel, na Alemanha; Aksakof e Bouterow, na Rússia; Gibier, Richet, De Rochas, Flammarion, na França; Falconer, Chiaia, Broffério, Finzi, Schiaparelli e o próprio e cético Lombroso, na Itália, deslumbrando-se com a mediunidade de Eusápia Paladino.

273. A expressão foi cunhada por Isaac Newton (em 1642) para designar o que imaginava ser substância cósmica imponderável, propícia à gravitação dos astros; mais tarde, Einstein a entenderia, em sua teoria da relatividade generalizada (1905), como energia fundamental em expansão, a caracterizar o primeiro estado físico da energia (o segundo já seria a sua condensação, formando a matéria).

Kardec, ao que parece, usou-a para denominar a substância matriz da Criação. Aparentemente, tratar-se-ia da mesma substância (ou energia), mas – ressalte-se – muito há, ainda, a esclarecer, pois não se sabe, ao certo, se o conceito kardeciano de "fluido universal", corresponderia, realmente, à concepção de Einstein (primeiro estado físico da energia).

274. **Delanne**, **Gabriel**. ***A Evolução Anímica***. Trad. Manuel Quintão. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1992, Cap. II, p. 75.

275. **Geley**, **Gustave**. ***De L'Inconscient au Conscient***, 1919. Conf. **Mariotti**, **Humberto**. ***O Homem e a Sociedade numa Nova Civilização***. São Paulo: Edicel, 1967, p. 47.

276. Embora Ubaldi não possa ser tido como um pensador espírita, propriamente – confessava-se, em *As Noúres*, adepto da Ultrafania, corrente neoespiritualista fundada pelo Prof. Trespiolli, na Itália –, sua notável obra *A Grande Síntese* mostra inúmeros pontos de contato com a Doutrina Espírita, sendo, aliás, reconhecida por Emmanuel, em memorável encontro do Autor com Francisco C. Xavier, como o "*Evangelho da Ciência*".

277. A existência, já, de um psiquismo ordenador na formação dos cristais, surge, hoje, como fato cada vez mais evidente entre os pesquisadores da evolução. Jorge ANDRÉA, por exemplo, vê claramente aí a ação de um "*princípio unificador espiritual*", constituindo um "*campo unificador*" capaz de reunir as moléculas dos corpos inorgânicos. (**Andréa**, **Jorge**. ***Anais do Instituto de Cultura Espírita do Brasil***. Conf. **Rocha**, **Alberto de Souza**. ***Reencarnação em Foco***. Matão-SP: O Clarim, 1991, p. 262)

278. **Ubaldi**, **Pietro**. ***A Grande Síntese.*** Trad. Mário Corbioli. 5. ed. São Paulo: Lake, 1955, Cap. XVI, p. 60, Cap. XIX, pp. 69-70.

279. ***Id. Ib.***, Cap. XIX, p. 7.

280. Relembre-se que a grande aspiração de Albert Einstein era chegar a um arcabouço teórico que envolvesse todos os fenômenos conhecidos, do mundo subatômico ao mundo das grandes distâncias e velocidades, a expressar-se numa **Teoria Unificadora Geral** (*GUT – Grand Unified Theory*, também conhecida como TOE – Theory of Everything).

281. ***Id. Ib.***, Cap. XIX, p. 71.

282. V. **Xavier, F. C**. **André Luiz**, **Espírito**. ***Evolução em Dois Mundos***. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, pp. 33-34.

283. Óbvia é a compreensão de que o processo evolutivo, a desdobrar-se através de milênios, sem conta, não se circunscreve a um só planeta, pois muitas são "*as moradas na casa do Pai*". (V. Cap. III, "Funções do Perispírito")

284. "*Na Esfera Espiritual, em que estagiamos, o eletrão é também partícula atômica dissociável.*" (Nota do Autor espiritual)

A propósito, o famoso físico e escritor francês Jean Charon, alinhado com o que chama de Física Neognóstica, sustenta, curiosamente, que o princípio espiritual – ou o que entende como tal – localiza-se num miniburaco negro (*black hole*), existente no elétron… (**Charon**, **Jean E.** ***L'Esprit, cet Inconnu***. Paris: Albin Michel, 1977. *Apud* **Miranda**, **Hermínio C.** ***Nas Fronteiras do Além***. Rio de Janeiro: FEB, 1994: p. 203)

285. Escreve, a respeito, EMMANUEL:

"*Assim como o químico humano encontra no hidrogênio a fórmula mais simples para estabelecer a rota de suas comparações substanciais, os Espíritos que cooperaram com o Cristo, nos primórdios da organização planetária, encontraram, no protoplasma, o ponto de início para a sua atividade realizadora, tomando-o como base essencial de todas as células vivas no organismo terrestre.*" (**XAVIER, Francisco Cândido**. **EMMANUEL, Espírito**. ***O Consolador***. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB,1993, questão 6, p. 26)

286. **XAVIER, Francisco Cândido**. **VIEIRA, Waldo**. **ANDRÉ LUIZ, Espírito**. ***Evolução em Dois Mundos***. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, Cap. III, pp. 31-32.

287. "*Do átomo nasce o minério; deste, o vegetal; deste, o animal; deste, o homem e deste, o Anjo*", assinala J. Herculano PIRES.

"*Os átomos se aglutinam em formações diversas e produzem os elementos minerais. Mas estes elementos não estão mortos, não são estáticos. No seio de sua aparente placidez os átomos continuam em permanente agitação e produzem, quando as condições se tornam favoráveis, as primeiras formas vegetais. Nestas formas temos o nascimento da sensibilidade rudimentar, que vai desenvolver-se até a produção das primeiras formas animais. A atividade atômica transmite-se a essas formas produzindo a motilidade, a capacidade de movimentação própria, que arranca os animais do solo e os submete às experiências vitais. A sensibilidade se aguça e se aprimora através de milênios. Os cérebros rudimentares se desenvolvem e se enriquecem, o sistema nervoso* ***(desenvolvimento do sistema fibroso vegetal)*** *estrutura-se numa rede sensível, permitindo a organização de um aparelho cerebral que capta e reelabora os estímulos exteriores. Os animais evoluem até o aparecimento dos primatas, que assinalam o salto qualitativo do cérebro animal para o cérebro humano.*" (**PIRES, J. Herculano**. ***Agonia das Religiões***. 4. ed. São Paulo: Paideia, Cap. VI, pp. 50-51)

288. **XAVIER, Francisco Cândido**. **ANDRÉ LUIZ, Espírito**. ***Libertação***. 17. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, Cap. I, pp. 17-18.

289. ***Id. No Mundo Maior***. 20. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, Cap. 4, pp. 56-59.

290. É perfeitamente compreensível que, a partir de determinados níveis de desenvolvimento – dispensando, já, o suporte da matéria –, o processo evolutivo prossiga só no plano espiritual.

291. **XAVIER, F. C. VIEIRA, Waldo**. ***Evolução em Dois Mundos***, Cap. III, p. 35.

292. **DELANNE, Gabriel**. ***A Evolução Anímica***. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, Cap. III, p. 120.

293. **XAVIER, Francisco Cândido**. **ANDRÉ LUIZ, Espírito**. ***Entre a Terra e o Céu***. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, Cap. XXI, p. 132.

294. **XAVIER, Francisco Cândido**. **VIEIRA, Waldo**. **ANDRÉ LUIZ, Espírito**. ***Evolução em Dois Mundos***. Rio de Janeiro: FEB, Primeira Parte, Cap. IV, pp. 39-41.

295. As protoformas perispirituais mostram-se evidentes não só na escala animal como no reino vegetal. O fenômeno de transporte de plantas, por exemplo, sua desmaterialização e rematerialização, o seu próprio crescimento, a substituição das folhas, todos os fenômenos, enfim, referentes ao seu desenvolvimento e sustentação dizem da existência de um "*modelo organizador*", nas palavras do Professor Guimarães ANDRADE, "*orientando sucessivamente a formação da planta e promovendo a correta recolocação de cada célula em seu devido lugar.*" (**ANDRADE, Hernani Guimarães**. ***Psi Quântico***, pp. 85-86)

296. Pesquisas em Psicologia Animal vêm demonstrando, cada vez mais, a presença de um psiquismo mais desenvolvido não só nos primatas, cujo genoma já se aproxima do humano, como em diversas outras espécies de animais, algumas delas, convivendo de perto com o ser humano, como, por exemplo, ocorre com os cães, gatos, cavalos e elefantes.

O comportamento inteligente e afetivo desses animais, superior à mera conduta instintiva, mostra, já, a existência de uma *alma animal* e, consequentemente, de um *perispírito animal*, que lhe corresponde, em processo de evolução mais adiantada, rumo à dimensão humana.

297. **XAVIER, Francisco Cândido**. **EMMANUEL, Espírito**. ***A Caminho da Luz***. 20. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, Cap. II, pp. 31-32.

298. "*Todas as teorias evolucionistas no orbe terrestre caminham para a aproximação com as verdades do Espiritismo,*

ao abraço final com a verdade suprema." (**Xavier**, **Francisco Cândido**. **Emmanuel**, **Espírito**. ***O Consolador***. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, questão 41, p. 40)

299. **Xavier**, **Francisco Cândido**. **Emmanuel**, **Espírito**. ***Semeador em Tempos Novos***. São Bernardo do Campo-SP: GEEM, 1989, p. 96.

300. Hermes Trismegisto já ensinava, no antigo Egito, que "*a pedra se converte em planta; a planta em animal; o animal em homem, em Espírito; o Espírito, em Deus.*" E o ensinamento hinduísta, que remonta a milhares de anos, tem a sua versão poética da evolução: "*a alma dorme na pedra, sonha na planta, agita-se no animal e desperta no homem.*" (Nesse diapasão, mas com alguma diferença, grifa Léon Denis: "*Na planta, a inteligência dormita; no animal, sonha; só no homem acorda, conhece-se, possui-se e torna-se consciente* (…)" – V. **Denis**, **Léon**. ***O Problema do Ser, do Destino e da Dor***. 18. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, 1ª Parte, Cap. IX, p. 123)

301. Consigne-se que – até pela dificuldade que para alguns pode surgir, quanto ao entendimento de que rudimentos de psiquismo já são detectados no reino mineral – nem todos os autores espíritas concordam com a tese de que o princípio psíquico tem nos minerais o seu primeiro suporte evolutivo.

Assim, o destacado escritor brasileiro Dr. Ary Lex (1916-2001) sustenta que "*existe uma barreira intransponível entre os seres brutos (inorgânicos) e os seres vivos*", e que um conjunto de caracteres permite distinguir os minerais dos seres vivos: forma, propriedades físico-químicas, irritabilidade, metabolismo e evolução.

Nega o ilustre autor a existência de um agente estruturador em cada átomo, entendendo que para "*haver vida é preciso protoplasma*", que "*o átomo, a molécula, os minerais, estão simplesmente sujeitos a leis físicas, não às leis do Espírito*" e que a afinidade química nada tem com a afinidade psíquica.

A primeira manifestação do princípio inteligente, enfim, aconteceria no reino vegetal. (**Lex**, **Ary**. "Atuação do Princípio Inteligente Não Começa nos Minerais". ***Jornal Espírita***. São Paulo: FEESP, setembro, 1999, p. 7)

Tal posição, ao que se vê, nega a existência, nas estruturas minerais, de um psiquismo rudimentar em evolução, sustentado por leis universais (como, p. ex., as que regem a afinidade química e a atração entre os átomos e moléculas, da mesma forma que leis morais regem a afinidade espiritual e a atração entre almas) orientadas por um Princípio Ordenador e Impulsionador Geral, absolutamente presente em tudo que existe...

302. A mais antiga teoria sobre o processo da memória é, ao que parece, de Descartes (1596-1650). Observa, a propósito, K. Raimund Popper, que ela até pode ser *traduzida* para uma teoria bem moderna de memória a longo prazo, se entendidas algumas expressões empregadas por Descartes como equivalentes a termos hoje usuais em neurofisiologia. (Por exemplo, quando Descartes fala do "*fluxo do espírito dos animais*", pode-se entendê-lo como o impulso elétrico; quando se refere aos "*poros através dos quais o espírito do animal pode fluir*", pode-se associá-los às sinapses ou botões sinápticos, etc. – V. **Popper**, **Karl R. Eccles**, **John C.** ***O Eu e Seu Cérebro***. 2. ed. Brasília e Campinas-SP: UNB e Papirus, 1995, p. 18, Cap. P4)

303. Investigações neurofisiológicas acerca da memória avolumam-se cada vez mais, propiciando o surgimento, às vezes, de hipóteses interessantes, como, por exemplo, a que sugere possa o cérebro ser comparado a um holograma (K. H. Pribam, K. Lashley, P. Pietsch, etc.). Nesse caso, se o padrão de distribuição das informações no cérebro pudesse ser comparado ao que ocorre num holograma, isso "*explicaria como uma memória específica não possui uma localização bem definida, mas se encontra espalhada por todo o cérebro*". (**Wilber**, **Ken**. **Pribam**, **Karl H. e outros.** ***O Paradigma Holográfico e Outros Paradoxos***. 9. ed. São Paulo: Cultrix, p. 14, Cap. 1) Conclusão que se seguiria é que, comparado a um holograma, o cérebro, "*quando iluminado por luz coerente*" – ou seja, quando estimulado –, reconstruiria a imagem original…

304. A memória, função psíquica fundamental que se consolida de vez com o surgimento do pensamento contínuo, desempenha papel decisivo na escalada evolutiva do ser (haja vista, p. ex., a chamada "memória instintiva", que, embora primária, serve-lhe de suporte ao desenvolvimento), a qual, como se sabe, acontece tanto na dimensão física como na espiritual. (V. Cap. IX, "Perispírito e Evolução")

305. Escreve J. Carew Eccles:

"*Conjectura-se que o hipocampo* [embora não seja ele próprio, o local da armazenagem] *participa na consolidação da memória em virtude da operacionalidade de circuitos, especialmente do lobo pré-frontal para o hipocampo e que*

retornam, novamente, para o neocórtex. (…) *Sugere-se que o hipocampo desempenha um papel chave nesta armazenagem da memória, porque se observou que ele é muito suscetível nos níveis moderados de ativação. Sob tais condições, as sinapses transmissoras demonstram uma eficiência amplamente aumentada e prolongada. Existem muitos tipos desafiantes de investigações, derivando desta teoria geral da armazenagem da memória e do papel do hipocampo*". (**Popper**, **Karl R. Eccles**, **John C.** ***O Eu e Seu Cérebro***. Trad. Sílvio M. Garcia, Helena C. F. Arantes, Aurélio O. C. de Oliveira. 2. ed. Papirus: UNB, p. 462, Cap. E8, 2ª Parte.)

Explica, a propósito, John Martin, que as primeiras informações importantes sobre a função da formação hipocampal "*foram obtidas no estudo do comportamento de pacientes cujos lobos temporais mediais tinham sido retirados para aliviar os sintomas da epilepsia de lobo temporal. Em um dos casos mais extensamente examinado, um paciente, H. M., teve essa região removida bilateralmente. Após a cirurgia, H. M. perdeu a capacidade de consolidação da memória de curto prazo para a memória de longo prazo, mas reteve a memória dos fatos que tinham ocorrido antes da lesão. Esta perda é atribuída à lesão da formação hipocampal, um local comum de dano em outros pacientes que tinham se submetido a cirurgias semelhantes.*" (**Martin**, **John H.** ***Neuroanatomia: Textos e Atlas***. Trad. Antônio C. H. Marrone, Felipe L. Schneider, Mauro G. Aquini. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998, p. 451, Cap. 15)

Nessa direção, também, a informação de Angelo Machado:

"(…) *uma série de dados mostra que certas áreas corticais participam mais diretamente no fenômeno de memória. Neste sentido merecem destaque as experiências clássicas de Penfield, obtidas por estimulação elétrica do lobo temporal em indivíduos acordados durante cirurgias intracranianas realizadas com anestesia local.* (…) *Sabe-se hoje que neste lobo a estrutura mais importante é o hipocampo. Ablações bilaterais do hipocampo, no homem, resultam na perda da memória para todos os fatos ocorridos após a lesão (amnésia anterógrada). Não há qualquer alteração de memória para os fatos acontecidos antes da lesão ou mesmo para fatos ocorridos há muitos anos. Estes e outros dados mostram que o córtex do hipocampo é importante para o aprendizado e para a* ***memória para fatos recentes****. Entretanto, admite-se que o armazenamento permanente de informações (memória para fatos antigos) não se faz no hipocampo, e depende provavelmente de territórios corticais muito maiores.*" (**Machado**, **Angelo**. ***Neuroanatomia Funcional***. São Paulo: Atheneu, 1986, p. 223, Cap. XXVI)

Elucidativas, enfim, as observações de Dario Doretto:

"*Penfield* [Wilder], *em obra recente ('The Mistery of the Mind'), faz interessantes considerações sobre a organização motora e sensitiva do córtex cerebral do homem; refere que, ao nascer, o homem possui apenas certas regiões do córtex aptas a funcionar, representadas pelo córtex motor, somato-sensitivo, sensorial e o córtex hipocampal; assinala que o córtex pertencente aos demais giros, destinados para funções psíquicas (lobo pré-frontal, quase todo o lobo temporal e uma região considerável do lobo parietal) ainda não estão 'prontos para trabalhar'.*

Esse renomado autor admite que o hipocampo relaciona-se funcionalmente ao 'registro de vivências passadas' e tem papel ativo na evocação dos 'fatos passa*dos'.* (…) *Porém, nessa pequena, mas original obra, Penfield vai mais além, fazendo referências ao córtex 'interpretativo', situado anteriormente no giro temporal superior, o qual, submetido a um estímulo, 'abre a porta do hipocampo', resultando ativação de substância cinzenta situada no diencéfalo, a qual denomina de 'tronco cerebral superior' ou 'tronco cerebral alto', onde, ao que tudo indica 'reside a consciência e o armazenamento das vivências passadas'.*

Digno de nota é o fato do hipocampo, cujo córtex é filogeneticamente antigo (alocórtex), ser a única formação límbica *apta a funcionar logo após a criança nascer.*" (**Doretto**, **Dario**. ***Fisiopatologia Clínica do Sistema Nervoso – Fundamentos da Semiologia***. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 1996, pp. 302-303, Cap. 10)

(Observe-se a propósito da menção ao diencéfalo, que nessa estrutura tem sede o complexo pineal.)

306. Henri Bergson (1896-1911), referindo-se ao que chamava de "*memória pura*", registro de todas as experiências na sua ordem temporal, acentuava que esse registro não é feito no cérebro ou em qualquer outra estrutura material; é, na verdade, puramente espiritual.

307. Nossa mente, observa Núbor Facure, faz sempre "*uma composição da realidade com aquilo que pensa ter percebido e não necessariamente com as qualidades das coisas ou das pessoas. Não ocorre na mente uma simples recepção de*

estímulos, mas uma interpretação subjetiva do que se percebeu. (…) *Por isto, podemos compreender que, quando nossa memória nos permite lembrar de um objeto ou de um acontecimento, na verdade estamos recordando aquilo que pensamos ter visto ou vivenciado e não o que realmente era ou realmente aconteceu.*" (**Facure**, **Núbor O.** ***Muito além dos Neurônios***. São Paulo: Associação Médico-Espírita de São Paulo, 1999: pp. 7-8)

308. Significativamente, as estruturas que formam o sistema límbico ou *cérebro emocional* – com realce para a formação hipocampal e a amígdala –, de tão importante papel no processamento da memória, aparecem também relacionadas com a afetividade, ainda que não como fatores únicos.

309. Serghei Sergueievitch Korsakoff (1854-1900), neuropsiquiatra russo do século XIX, foi quem primeiro descreveu os distúrbios da memória. Hoje, uma síndrome observada em várias situações patológicas leva seu nome (Síndrome de Korsakoff).

310. É comum distinguir-se, também, a amnésia de *fixação*, da amnésia de *evocação*. No primeiro caso, a pessoa esquece à medida que ocorrem as experiências e caracteriza-se por uma abolição progressiva das lembranças (amnésia *anterógrada*), e quando o transtorno passa, deixa um vazio de memória que afeta o período em que esteve suspensa. Na amnésia de *evocação*, a memória é afetada em sua capacidade de evocar lembranças de acontecimentos vividos (amnésia *retrógrada*).

No caso de os transtornos afetarem tanto a fixação como a evocação, que é comum, a amnésia surge como *antero-retrógrada*. E quando a dificuldade de fixação e evocação é em grau menor (esquecimento de nomes, "evaporação das lembranças"), fala-se em uma *dismnésia*. (**Henry, EY. Bernard, P. Brisset, Ch.** ***Tratado de Psiquiatria***. 7. ed. Barcelona: Masson, 1975, p. 91, Cap. I, 2ª Parte)

311. ***O Livro dos Espíritos***, item 89-a.

312. Embora tenha bem definido (tecnicamente, por assim dizer) que o termo Espírito designa o complexo alma-perispírito, o Codificador empregava muitas vezes essa palavra em seu sentido genérico de *alma*, fato, aliás, comum entre os autores espíritas de ontem e de hoje.

313. ***O Livro dos Espíritos***. Trad. J. Herculano Pires. 55. ed. São Paulo: Lake, 1996, item 257.

314. Em reunião acontecida na Sociedade Espírita de Paris, em 5 de abril de 1861, observava, a propósito, o Dr. Clas, Espírito comunicante:

"*Crêdes que a faculdade de pensar resida no perispírito? É absolutamente como se perguntásseis se o pensamento reside no vosso corpo.*" (**Kardec**, **Allan**. ***Revista Espírita***. Trad. Júlio Abreu Filho. São Paulo: Edicel, Vol. 1861, maio, p. 159.)

315. **Kardec**, **Allan**. ***O Livro dos Médiuns***. 61. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, pp. 78-79, Cap. I, 2ª Parte, item 55.

316. No original:

"(…) *Le périsprit fait donc partie intégrante de l'Esprit, comme le corps fait partie integrante de l'homme; mais le périsprit seul n'est pas plus l'Esprit que le corps seul n'est l'homme, car le périsprit ne pense pas; il est à l'Esprit ce que le corps est à l'homme; c'est l'agent ou l'instrument de son action.*" (**Kardec**, **Allan**. ***Le Livre des Médiums***. Paris: Vermet, 1993, p. 63, item 55 – Título original: ***Le Livre des Médiums ou Guide des Médiums et des Évocateurs***, janeiro, 1861)

317. O fato de que alma e perispírito constituem uma unidade indissociável (não se pode pensar em alma sem perispírito, porque este é a natural projeção daquela, como a luz o é do foco que a produz, identificando-o) é que, provavelmente, tem levado autores desencarnados e encarnados a sustentar que a memória não apenas se expressa por via do perispírito, mas nele tem sua sede. Impõe-se, todavia, indagar se tal posição não equivale a dizer que o pensamento é produção do perispírito, e não de sua matriz espiritual…

318 V. **Severino**, **Paulo Rossi**. ***Aprendendo com Chico Xavier – Um Exemplo de Vida***. São Paulo: FE, 1996, p. 16.

319. "*Em 1968, Clark, Galvan e Ungar conseguiram produzir o reflexo do medo do escuro nos camundongos, embora se tratasse de um reflexo inabitual. Para obter este resultado, injetaram extratos de cérebros de ratos previamente treinados a fugir da obscuridade, por meio de choques elétricos.*" (**Lanchec**, **Jean Yvon**. ***Psico-Lingüística e Pedagogia das Línguas***. Cit. por Dalva Silva Souza em "Perispírito e Memória". Rio de Janeiro: ***Reformador***, Vol. 106,

fevereiro, 1988, p. 17)

320. Interessante hipótese, a respeito do papel da pineal com relação às lembranças da vida presente, formula o pesquisador Sérgio F. de Oliveira:

"*Elementos da memória de outras existências são bloqueados pelo túnel do complexo pineal. A menos que haja um processo patológico em que revivecências anímicas de outras existências consigam transpassar o túnel temporal do complexo pineal, perfazendo muitas vezes as manifestações psicóticas em complexos casos psiquiátricos. Também através de hipnose ou algumas técnicas de regressão de memória poderíamos alargar o túnel temporal do complexo pineal permitindo a afluência de memórias de vidas passadas.*" (**Oliveira**, **Sérgio Felipe**. "Cristais da Glândula Pineal: Semicondutores Cerebrais". ***Saúde e Espiritismo***. São Paulo: Associação Médico-Espírita do Brasil, 1998, p. 99)

321. De acordo com essa orientação, à luz do Espiritismo, podem ser encontrados os seguintes tipos de memória: **consciente** (atual e imediatamente disponível), **subconsciente** (pretérita) e **profunda** (remota), relacionada com o subconsciente profundo.

322. Lembra Cairbar Schutel: "*O perdão que Deus nos concede é o esquecimento das faltas; se não houvesse esse esquecimento, viveríamos sob a dor pungitiva dos crimes praticados, pois é certo os praticamos, dada a inferioridade em que todos nos achamos.*" (**Schutel**, **Cairbar**. ***Parábolas e Ensinos de Jesus***. 13. ed. Matão-SP: O Clarim, 1993, pp. 199-200)

E no item 392 de *O Livro dos Espíritos*, respondendo à indagação de Kardec – "*Por que perde o Espírito encarnado a lembrança de seu passado?*", dizem os Espíritos: "*Não pode o homem, nem deve, saber tudo. Deus assim o quer em sua sabedoria. Sem o véu que lhe oculta certas coisas, ficaria ofuscado como quem, sem transição, saísse do escuro para o claro. Esquecido do seu passado ele é mais senhor de si.*" (75. ed. Rio de Janeiro: FEB, pp. 214-215)

323. Apesar do manto benéfico do esquecimento, sói acontecer que o Espírito, diante das experiências regeneradoras que lhe cabe enfrentar, entra em situação de grande conflito, chegando a mostrar síndromes dolorosas que espelham até graves distúrbios de comportamento.

Buscando, aliás, atender a esse tipo de sofrimento, propostas psicoterápicas têm surgido, com base no processo de hipnose regressiva que pode chegar até às vidas anteriores, quando presentes as necessárias condições perispirituais, ou no método da chamada regressão consciente, caminhos que possibilitariam encontrar na história espiritual do paciente os ingredientes causadores de seus conflitos. Sua conscientização propiciaria, então, a cura.

Trata-se da denominada Terapia de Vidas Passadas – TVP, conhecida principalmente depois dos trabalhos divulgados pelo psiquiatra norte-americano Brian Weiss. (V. **Weiss**, **Brian L.** ***Muitas Vidas, Muitos Mestres***. Rio de Janeiro: Salamandra, 1991, p. 185 – Tít. orig. ***Many Lives, Many Masters***; ***A Cura através da Terapia de Vidas Passadas***, Rio de Janeiro: Salamandra, , 1996, p. 201 – Tít. orig. ***Through Time Into Healing***; etc.)

Anote-se, a respeito, que, em tese, a pesquisa de lembranças depositadas no subconsciente profundo (**memória profunda**), com vistas à solução de desajustes ou conflitos atuais, poderá até apresentar, às vezes, resultados algo satisfatórios, se certas variáveis não interferirem, como, p. ex., as que dizem respeito aos processos obsessivos – que, aliás, merecem avaliados em todos os processos relativos à perturbação da memória –, caso em que a terapia mediúnico-evangélica surge, indubitavelmente, como recurso de maior valia.

Mas, nesse contexto, impõe-se não deslembrar os efeitos que podem advir do emprego de tal técnica (TVP), por vezes, muito graves. Daí, o ter-se presente que o esquecimento propiciado pela reencarnação constitui sempre bênção misericordiosa e revigorante, a ensejar novos avanços evolutivos.

324. Fragmentos de lembranças de vidas passadas, a propósito, são muitas vezes confundidos com recordações de fatos esquecidos da vida atual (*ecmésia* ou *ecmenésia*, segundo Pitres).

Quanto às lembranças que surgem durante o sono, até as de impressões de vidas passadas, alguns autores classificam o fenômeno como *criptomnésia* (memória latente), sendo certo que nada tem a ver com o da premonição.

325**.** **Kardec**, **Allan**. ***O Evangelho segundo o Espiritismo***. Trad. Guillon Ribeiro. 109. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, pp. 396-397, Cap. XXVIII, item 9.

326. **Xavier**, **Francisco Cândido**. ***O Consolador***. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, pp. 213-214, questão 382.

327. A importância da mediunidade é, reconhecidamente, dada por sua própria multifuncionalidade. Ney Lobo, a propósito, encontra as seguintes funções: Comunicação (contato), Heurística (descobrimento), Científica (conhecimento), Filosófica (reflexão), Religiosa (religião), Pedagógica (educação), Psiquiátrica (desobsessão), Terapêutica (cirurgia), Profética (presciência), Artística (estética). (**Lobo**, **Ney**. "A Multifuncionalidade da Mediunidade". ***A Reencarnação***. Porto Alegre: FERGS, nº 411, 2º sem., 1995, pp. 22-26)

328. V., do autor, ***Teoria da Mediunidade***. Campinas-SP: CEAK.

329. A intuição é o tipo mais comum de mediunidade, ou seja, todos a possuem, em maior ou menor grau. As demais espécies de mediunidades categorizam-se como tipos diferenciados ou específicos de mediunidade.

330. V. **Kardec**, **Allan**. ***O Livro dos Médiuns***. 61. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, Cap. VI, 2ª Parte, item 109, p. 146.

331. **Kardec**, **Allan**. ***O Livro dos Espíritos***. 75. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, item 249-a, p. 163.

332. **Xavier**, **Francisco Cândido**. **Vieira**, **Waldo**. **André LUIZ**, **Espírito**. ***Evolução em Dois Mundos***. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, Cap. XVII, p. 130.

333. **Kardec**, **Allan**. ***O Livro dos Médiuns***. 62. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996, Cap. XX, 2ª Parte, item 227, pp. 287-288.

334. **Xavier**, **Francisco Cândido**. **Vieira**, **Waldo**. **André Luiz**, **Espírito**. ***Evolução em Dois Mundos***. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, Cap. XVII, pp. 135-136.

335. **Pires**, **J. Herculano**. ***Mediunidade***. 2. ed. São Paulo: Paideia, 1992, Cap. V, p. 37.

336. **Denis**, **Léon**. ***No Invisível***. 15. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, 2ª Parte, Cap. XIV, p. 166.

337. Ao lado da *vidência ordinária*, outras modalidades são catalogadas: *vidência autoscópica*, *aloscópica* (*ou heteroscópica*), *psicoscópica*, *psicométrica*, *retrovidência*, *televidência*, *transvidência* e *clarividência*.

338. O transe pode ser caracterizado como um estado de alteração consciencial (abrandamento ou apagamento provisório do consciente vígil), possibilitando a emersão do subconsciente ou a expressão de pensamento alheio. Como já observado, muitos fenômenos mediúnicos só se verificam em estando o sujeito em transe, mas, em alguns casos, também ocorre em estado de plena lucidez, ou quase-lucidez, quando se verifica um menor desprendimento do perispírito.

339. Esquema proposto por Ary Lex aponta três tipos básicos de transe: *Patológico* (Doentio); *Espontâneo* (Sonambulismo); *Provocado* (Hipnótico, Farmacógeno e Mediúnico). (V. **Lex**, **Ary**. ***Do Sistema Nervoso à Mediunidade***. 2. ed. São Paulo: FEESP, 1994, p. 78)

340. **Lex**, **Ary**. ***Do Sistema Nervoso à Mediunidade***. 2. ed. São Paulo: FEESP, 1994, Cap. IV, pp. 77-78.

341. O conceito de dissociação é expresso no DSM-IV, como "uma ruptura nas funções habitualmente integradas da consciência, memória, identidade ou percepção do ambiente".

No processo psicofônico e outros, como visto, nada disso ocorre. Duas personalidades distintas – médium e comunicante – operam em comunhão mental, em regime de absoluta higidez psíquica.

342. **Cerviño**, **Jayme**. ***Além do Inconsciente***. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1989, Cap. 3, pp. 93-99.

343. V. Cap. XIV, "Perispírito e Obsessão".

344. "*Os anestésicos*", anota Ary Lex, "*podem produzir o transe. Velpeau relatou à Academia de Ciências de Paris, o caso de uma senhora que, sob o efeito do clorofórmio, desprendeu-se e expôs o que se estava passando na casa de uma amiga.*" (**Lex**, **Ary**. ***Do Sistema Nervoso à Mediunidade***. 2. ed. São Paulo: FEESP, 1994, p. 82)

345. De acordo com o maior ou menor desprendimento do médium, o transe pode mostrar-se *superficial*, *semiprofundo* ou *profundo*.

No transe *superficial*, ele permanece consciente durante o processo, tendo plena lembrança do ocorrido.

No transe *semiprofundo*, ele permanece relativamente consciente, ou seja, tem lembrança fragmentária do conteúdo da manifestação.

Já no transe *profundo*, ele de nada se recorda.

346. **Kardec**, **Allan**. ***O Livro dos Espíritos***. Trad. Guillon Ribeiro. 75. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, item 344, p. 199.

347. **Kardec**, **Allan**. ***A Gênese***. Trad. Guillon Ribeiro. 36. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, Cap. XI, item 18, p. 214.

348. **Xavier**, **Francisco Cândido**. **André Luiz**, **Espírito**. ***Missionários da Luz***. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994: Caps. 13 e 14, pp. 180 e 249.

349. Todos os processos de reencarnação são, obviamente, assistidos pela Espiritualidade Superior.

O merecimento do reencarnante, de acordo com as circunstâncias, pode atrair uma assistência especial.

350. A respeito, KARDEC faz constar em *O Livro dos Espíritos*, lição primorosa:

"— No momento de encarnar, o Espírito sofre perturbação semelhante à que experimenta ao desencarnar?

— *Muito maior e sobretudo mais longa. Pela morte, o Espírito sai da escravidão: pelo nascimento, entra para ela.*

— É solene para o Espírito o instante da sua encarnação? Pratica ele esse ato considerando-o grande e importante?

— *Procede como o viajante que embarca para uma travessia perigosa e que não sabe se encontrará ou não a morte nas ondas que se decide a afrontar.*

O viajante que embarca sabe a que perigo se lança, mas não sabe se naufragará. O mesmo se dá com o Espírito: conhece o gênero das provas a que se submete, mas não sabe se sucumbirá.

Assim como, para o Espírito, a morte do corpo é uma espécie de renascimento, a reencarnação é uma espécie de morte, ou antes, de exílio, de clausura. Ele deixa o mundo dos Espíritos pelo mundo corporal, como o homem deixa este mundo por aquele. Sabe que reencarnará, como o homem sabe que morrerá. Mas, como este com relação à morte, o Espírito só no instante supremo, quando chegou o momento predestinado, tem consciência de que vai reencarnar. Então, qual do homem em agonia, dele se apodera a perturbação, que se prolonga até que a nova existência se ache positivamente encetada. À aproximação do momento de reencarnar, sente uma espécie de agonia.

— Na incerteza em que se vê, quanto às eventualidades do seu triunfo nas provas que vai suportar na vida, tem o Espírito uma causa de ansiedade antes da sua encarnação?

— *De ansiedade bem grande, pois que as provas da sua existência o retardarão ou farão avançar, conforme as suporte.*

— No momento de reencarnar, o Espírito se acha acompanhado de outros Espíritos seus amigos, que vêm assistir à sua partida do mundo incorpóreo, como vêm recebê-lo quando para lá volta?

— *Depende da esfera a que pertença. Se já está nas em que reina a afeição, os Espíritos que lhe querem o acompanham até o último momento, animam e mesmo lhe seguem, muitas vezes, os passos pela vida em fora.*" (**KARDEC**, **Allan**. ***O Livro dos Espíritos***. Trad. Guillon Ribeiro. 75. ed. Rio de Janeiro: FEB, itens 339 a 342, pp. 197-198.

351. **XAVIER**, **Francisco Cândido**. **ANDRÉ LUIZ**, **Espírito**. ***Entre a Terra e o Céu***. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, Cap. XXIX, p. 179.

352. As primeiras notícias a respeito foram publicadas em 1991, pelo órgão de divulgação científica *Proceedings of the National Academy of Science*, dos Estados Unidos da América, relatando experiências realizadas na Universidade do Texas e no Instituto Weizmann, de Israel. (**RALT, D. GOLDENBERG, M. FETTEROLF, P. e outros**. "*Sperm Attraction to a Follicular Factor(s) Correlates With Human Egg Fertilizability*". EUA: Proc. Natl. Acad., Vol. 88, abril, 1991, pp. 2.840-2.844)

353. **XAVIER**, **Francisco Cândido**. **EMMANUEL**, **Espírito**. ***Pensamento e Vida***. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991, Cap. 14, pp. 70-71.

354. V. **SEVERINO**, **Paulo Rossi**. ***Aprendendo com Chico Xavier – Um Exemplo de Vida***. São Paulo: FE, 1996, p. 22.

355. Descrição dramática de um aspecto desse processo – que, entretanto, não perde em lógica – encontra-se na obra *A Sobrevivência do Espírito*, de Hercílio MAES:

"À medida que vai crescendo o embrião no ventre materno, o perispírito vai se libertando gradativamente de sua carga astral venenosa, que se transfere para o organismo tenro em formação, para mais tarde surgir a mesma enfermidade em toda a sua eclosão perniciosa. Em certos casos, o encarnante drena com demasiada violência o conteúdo tóxico do seu perispírito para o novo corpo físico, ainda em vida uterina, resultando que, ao nascer, já se apresenta com terrível lesão, enfermidade ou estigmas congênitos. Em verdade, o corpo carnal é a materialização completa do perispírito na matriz uterina, e se plasma sob o princípio atualmente esposado pela ciência, de que a matéria é energia condensada.

Então o indivíduo poderá nascer com o corpo coberto de chagas incuráveis, lesado no sistema circulatório, nervoso ou linfático, ou enfermo de outros órgãos vitais do corpo. Em certos casos, as perturbações nos plexos nervosos ou na zona cerebral são as responsáveis por angustiosas paralisias, quadros mórbidos de alucinações vividas no astral inferior, ou ainda pelos estados

confrangedores da epilepsia. Justifica-se, então, a existência dessa tenebrosa caravana de criaturas teratológicas, imbecilizadas ou portadoras das mais aberrativas atrofias, que expõem os seus molambos de carne pelas ruas das cidades ou se arrastam grotescamente como inquilinos torturados de um mundo infernal, e em ânsias frementes de viver! São infelizes almas que há muito tempo vêm se estertorando no resgate dos mais trágicos desatinos do passado ou, então, inveterados suicidas que fugiram da vida esfrangalhados sob veículos ou por quedas desesperadas, carbonizados pelo fogo, envenenados pelos corrosivos ou aniquilados pelas armas de fogo ou pelos punhais. A Lei Cármica então os manietou aos resultados dos próprios tóxicos e lesões perispirituais que em momentos de vingança geraram contra os princípios harmônicos da vida humana.

Em conseqüência, aqueles que se suicidaram em uma encarnação e que, em novo ato de rebeldia, se trucidam em reencarnações retificadoras, são apanhados pelo próprio cientificismo regulador da Vida e agravam, ainda mais, as suas *situações dantescas. O Carma os enlaça novamente e eles retornam ao mundo físico amordaçados aos próprios ergástulos de carne; muitas vezes renascem imbecilizados e com fugidio sopro de consciência flutuando sobre o vigoroso instinto de vida animal, que então se encarrega de impedir-lhes a coordenação psíquica para efetuarem qualquer novo ato de suicídio*". (**Maes**, **Hercílio**. **Ramatis**, **Espírito**. ***A Sobrevivência do Espírito***. Rio de Janeiro: Divino Mestre, 1959, pp. 330-331)

356. **Xavier**, **Francisco Cândido**. **André Luiz**, **Espírito**. ***Missionários da Luz***. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, p. 206.

357. ***Id. Ib.***, p. 207.

358. Interessante observar, a propósito, a marcha da Física em direção à sua "espiritualização". Por exemplo, acentua-se, cada vez mais, entre os cientistas, a convicção de que há um princípio extrafísico, regendo o equilíbrio atômico. O chamado fenômeno de *tunelagem* serve bem de amostra. Quando um pósitron, lépton positivo (antimatéria equacionada por Paul Adrien Maurice Dirac, já em 1932), desestabiliza o equilíbrio atômico, provocando, com sua ação sobre um elétron, a sua fuga, o reequilíbrio acontece pela ação dos mésons, que recolhem e recompõem as energias projetadas pelo elétron em fuga – e que se esvaem ao se propagarem –, neutralizando, assim, o próton correspondente.

Evidente, então, a existência de um *agente agrupador* subjacente à partícula materializada, que Kardec já denominara, em 1857, **perispírito**. "*O princípio espiritual está presente a cada fenômeno observado, a cada equação* deduzi*da, a cada descoberta nova*", assinala o Prof. Imbassahy, ressaltando que "*o nascimento do espiritualismo científico acaba de se dar dentro de aceleradores de partículas que compõem um LEP (laboratório elétron-próton)*". (**Imbassahy**, **Carlos de Brito**. "A Vida Dentro do Átomo". ***Revista Internacional de Espiritismo***, Matão-SP, dezembro, 1998, p. 491)

359. V. **Andréa**, **Jorge**. ***Correlações Espírito-Matéria***. 3. ed. Rio de Janeiro: Lorenz, 1992, pp. 30-45.

360 **Oliveira**, **Sérgio Felipe de**. Entrevista publicada na ***Folha Espírita***, São Paulo: abril, 1997, p. 3.

361. Como se sabe, a Física cataloga, além da força mecânica, relacionada com a produção de trabalho, as chamadas forças da natureza: a força forte de aglutinação atômica, a eletromagnética, a de interação fraca, ditando o equilíbrio interno do átomo, e a gravitacional.

362. ***Folha Espírita***, entrevista citada: p. 3.

363. A complexidade do tema surge mais desafiadora ainda com informações como a do Espírito André Luiz, noticiando que a ação do perispírito na intimidade celular acontece através de *unidades de força* que denomina ***bióforos*** (*condutores de vida* – de *bio* + *phorésis*, ação de levar). Os **bióforos** (de natureza eletromagnética certamente, a traduzirem as pulsações psíquicas do Espírito) atuariam no citoplasma, "*projetando sobre as células e, conseqüentemente, sobre o corpo, os estados da mente* (…)" (V. **Xavier**, **Francisco Cândido**. **Vieira**, **Waldo**. **André Luiz**, **Espírito**. ***Evolução em Dois Mundos***. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, Cap. VII, p. 59) Em outro local, o referido Autor salienta o papel das mitocôndrias na transmissão da energia espiritual: "*Por intermédio dos mitocôndrios, que podem ser considerados acumulações de energia espiritual, em forma de grânulos, assegurando a atividade celular, a mente transmite ao carro físico a que se ajusta,* durante a encarnação, todos os seus estados felizes e infelizes (…)" (***Id. Ib.***, p. 64)

364. A clonagem em laboratório (a rigor, pode-se dizer que os gêmeos univitelinos resultam de uma *clonagem natural*, *espontânea*), não sexuada, atesta o avanço vertiginoso da Ciência nessas últimas décadas: desde 1953, quando o americano James Watson e o inglês Francis Crick descobriram o DNA, até o nascimento de Dolly, em 1996, passando pelas

experiências de Jerry Hall e Robert Stilmann (Universidade George Washington, 1993) com embriões humanos – depois interrompidas –, decorreram pouco mais de quarenta anos, abrindo agora, especialmente com as possibilidades transgênicas, perspectivas inimagináveis para a Bioengenharia Genética, fato, aliás, que deve atrair, cada vez mais, os necessários cuidados governamentais.

365. O DNA mitocondrial é um círculo constituído de 37 genes ligados à produção de energia. Anote-se, a propósito, que embora a mitocôndria seja considerada como fonte de energia química, André Luiz vai mais além, mostrando que elas acumulam energia espiritual, "*em forma de grânulos*" e que, através delas, que sustentam a atividade celular, a mente projeta no organismo "*todos os seus estados felizes e infelizes*". (V. **Xavier, F. C. Vieira, W. André Luiz**, **Espírito**. ***Evolução em Dois Mundos***. Rio de Janeiro: FEB, 1993, p. 63)

366. De qualquer forma, tais conjeturas dizem, na verdade, com um futuro não previsível. Hoje, segundo a geneticista Mayana Zatz, do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo, a clonagem reprodutiva em animais apresenta tão baixa taxa de sucesso que, em alguns casos, chega a 1% ("Clonagem Humana – Quem se Arrisca?", ***Superinteressante***. Abril, São Paulo: março, 2001, pp. 16-17)

Ademais, não se sabe, ainda, como se comporta um clone, com células de corpos de idades diferentes…

367. ***Folha Espírita***. São Paulo: maio, 1997, p. 3

368. Lê-se em ***O Livro dos Espíritos*** (edição definitiva em 1860):

"— Há, como o indica a Ciência, crianças que desde o ventre da mãe não têm possibilidades de viver? E com que fim acontece isso?

— *Isso acontece freqüentemente, e Deus o permite como prova, seja para os pais, seja para o Espírito destinado a encarnar.*

— Há crianças natimortas que não foram destinadas à encarnação de um Espírito?

— *Sim, há as que jamais tiveram um Espírito destinado aos seus corpos: nada devia cumprir-se nelas. É somente pelos pais que essa criança nasce.*

— Um ser dessa natureza pode chegar ao tempo normal de nascimento?

— *Sim, algumas vezes, mas então não vive.*

— Toda criança que sobrevive tem, portanto, necessariamente, um Espírito encarnado em si?

— *Que seria ela, sem o Espírito? Não seria um ser humano.*"

(**Kardec**, **Allan**. ***O Livro dos Espíritos***. Trad. J. Herculano Pires. 55. ed. São Paulo: Lake, 1996: itens 355, 356-a e 356-b, pp. 152-153.

369. **Nobre**, **Marlene Rossi Severino**. ***Lições de Sabedoria***. São Paulo: FE, 1996, pp. 99-100. Entrevista concedida a Fernando Worm.

370. Técnica francesa utiliza, na fertilização *in vitro*, as espermátides (células sexuais imaturas), que têm a mesma carga genética dos gametas, faltando-lhes apenas a cauda que permite sua locomoção até o óvulo. As espermátides são retiradas por punção intratesticular e a introdução no óvulo em laboratório, como é usual, realiza-se com o auxílio de um sofisticado aparelho conhecido como micromanipulador.

371. "*O materialismo inteligente e cruel, sem qualquer idéia de Deus e da imortalidade da alma,*" – alerta Francisco C. Xavier, intermediando Emmanuel – "*é o perigo que ameaça a manipulação dos recursos genéticos sem responsabilidade, mas devemos confiar nos homens de bom senso e de espírito humanitário que, através das legislações dignas, podem e devem coibir quaisquer abusos suscetíveis de aparecer no campo das pesquisas de caráter delituoso e inconseqüente. Confiemos no amparo e na inspiração dos Mensageiros do Cristo, em auxílio das coletividades humanas.*" (Cf. **Nobre**, **Marlene R. S.** ***Lições de Sabedoria***. São Paulo: FE, 1996, p. 99)

372. ***Id. Ib.***: p. 99.

373. **Xavier**, **Francisco Cândido**. **Emmanuel**, **Espírito**. ***Emmanuel***. 15. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991, Cap. XXIII, p. 125.

374. Embora os métodos terapêuticos empregados pela medicina convencional (do tratamento bioquímico à geneterapia) e os conhecidos em medicina não convencional – baseados na homeopatia, acupuntura, antroposofia, homotoxiologia, cromoterapia, eletroterapia, ioga, etc. – produzam seus resultados, e ainda que os métodos diagnósticos alcancem a

sofisticação de um instrumento como a atual ressonância magnética nuclear (RMN), ou, de outro lado, as possibilidades que recursos não convencionais – kirliangrafia (V. pp. 213 e segs.), radiestesia, iridologia, etc. – possam propiciar, terapias e diagnósticos, todos eles, em verdade, não passarão da superfície, sem o conhecimento do perispírito, fator capital para o entendimento certo da doença e da saúde.

375. O poder da mente no equilíbrio fisiológico é hoje cada vez mais compreendido. Veja-se, por exemplo, como pálida amostra desse poder, o chamado efeito placebo, em que o paciente melhora ou se cura, tomando, sem o saber, em lugar do medicamento, uma substância qualquer, inofensiva. Sugestionando-se, o paciente gera forças mentais que, por via dos centros perispirituais, desperta a resposta imunológica que pode até reequilibrá-lo.

Ora, a chave de qualquer cura, como se aprende cada vez mais, está justamente no poder mental, ainda que sejam muito raros, de fato, os que podem dele dispor plenamente, diante das inúmeras variáveis em jogo. Por exemplo, as nossas reais condições perispiríticas, fruto do nosso passado e do nosso presente, o nosso grau de harmonização com o bem e o consequente peso das culpas, já comparecem, em si, como poderosos fatores autolimitantes dos potenciais psíquicos.

Assim, por mais desenvolvida se encontre a mente no exercício da vontade, por mais que pretenda conhecer a realidade psicológica, a vida espiritual ou os recursos do magnetismo, sua possibilidade real de comando do corpo, consciente e subconscientemente, dependerá sempre do seu estado evolutivo, a dizer, do grau de amorosidade, harmonização e de integração com a Humanidade que alcançou, a definir substantivamente as linhas de seu merecimento e, consequentemente, de sua capacidade.

376. **Xavier**, **Francisco Cândido**. **Emmanuel**, **Espírito**. ***Missionários da Luz***. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, Cap. 4, p. 37.

377. ***Op. cit.***, p. 315.

378. ***O Evangelho segundo o Espiritismo***, Cap. III.

379. **Pires**, **J. Herculano.** ***Ciência Espírita e Suas Implicações Científicas***. 5. ed. São Paulo: USE, 1995, Cap. V, p. 66.

380. **Andréa dos Santos**, **Jorge**. ***Enfoques Científicos na Doutrina Espírita***. 2. ed. Rio de Janeiro: Lorenz, 1991: pp. 33-34.

381. Ampliam-se, hoje, como já assinalado, os estudos em torno das possibilidades oferecidas pelas chamadas *auragrafias*. Diante disso, não é difícil pensar que, no futuro, a ciência e a tecnologia poderão propiciar até um *diagnóstico perispiritual* direto, através, por exemplo, de algo como uma "*tomografia*" perispiritual, ou uma *perispiritoscopia*…

382. "*O remorso*" – diz o Espírito Emmanuel, por F. C. Xavier (*Culpa e Libertação*) – "*é um lampejo de Deus sobre o complexo de culpa que se expressa por enfermidade de consciência.*

O sofrimento é a terapia de Deus destinada a erradicá-la."

383 **Xavier**, **Francisco Cândido**. **Vieira**, **Waldo**. ***Evolução em Dois Mundos***. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, Cap. XIX, pp. 213-214.

384. **Xavier**, **Francisco Cândido**. **André Luiz**, **Espírito**. ***Ação e Reação***. 17. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996, Cap. 19, pp. 257-258.

385. **Xavier**, **Francisco Cândido**. **Emmanuel**, **Espírito**. ***Religião dos Espíritos***. Rio de Janeiro: FEB, 1960, Cap. 48, pp. 108-109.

386. O comando mental, a projetar-se na intimidade celular, é fato hoje bem conhecido, ensejando até mesmo o surgimento de teorias de cura, como, p. ex., a que diz com a chamada "Medicina Quântica", relacionada com a ação direta do pensamento junto às próprias partículas atômicas. (V. **Brólio**, **Roberto**. ***Doenças da Alma***. São Paulo: FE, 1997, Cap. XV, pp. 207 e segs.)

387. **Xavier**, **Francisco Cândido**. **Emmanuel**, **Espírito**. ***Emmanuel***. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, pp. 132-133. – V. Cap. VI, "O Duplo Etérico".

388. Algumas conjeturas têm sido formuladas a respeito, entre elas a respeitável e atraente hipótese de que o pensamento em desarmonia atrairia uma espécie de *miasma* ou "*toxina espiritual*", a qual, adensada em torno dos centros vitais, poderia até bloquear sua ação, com graves prejuízos para o Espírito. As doenças físicas propiciariam, então, o *expurgo* dessas forças deletérias para as células físicas, possibilitando, através da dor, o aprendizado e a cura da mente em perturbação. A propósito dessas *toxinas espirituais*, supõem também alguns autores, que parte desses miasmas seriam, tanto quanto possível,

expurgados nos *pântanos* ou *charcos* das regiões inferiores do mundo espiritual – descritos nas obras de André Luiz –, em meio, também, a não poucos sofrimentos psíquicos.

389 **Xavier**, **Francisco Cândido**. **Emmanuel**, **Espírito**. ***Pensamento e Vida***. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991, Cap. 15, pp. 75-78.

390. V. **Xavier**, **Francisco Cândido**. **Vieira**, **Waldo**. **Emmanuel**, **Espírito**. ***Leis do Amor***. 2. ed. São Paulo: Lake, 1965, pp. 73-74.

391. ***Id. Ib.***: pp. 17-18.

392. V. **Xavier**, **Francisco Cândido**. **André Luiz**, **Espírito**. ***Entre a Terra e o Céu***. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, p. 66.

393. O comportamento presente, como se sabe, também é suscetível de atrair, ainda que raramente, a intervenção de Protetores Espirituais, provocando enfermidades *emergenciais* ou *oportunas*, com vistas a evitar maiores comprometimentos e, principalmente, desvios, por parte de seus pupilos, com relação a tarefas que se propuseram a realizar, antes de reencarnar.

Essas enfermidades de caráter eventual e preventivo funcionam como caridosos recursos de correção de rota, na vida de quem os merece.

394. I Pedro, 4:8.

395. **Xavier**, **Francisco Cândido**. **Vieira**, **Waldo**. ***Evolução em Dois Mundos***. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, Cap. XX, p. 219.

396. Inconcebível a hereditariedade psicológica. Como ensina Emmanuel, "*é totalmente inaceitável e descabido o atavismo psicológico, hipótese aventada pelos desconhecedores da profunda independência da individualidade espiritual,* (…) *que reveste a matéria de poderes que nunca ela possuiu em sua condição de passividade característica*". (**Xavier**, **Francisco Cândido**. **Emmanuel**, **Espírito**. ***Emmanuel***. 15. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991, p. 131)

397. **Xavier**, **Francisco Cândido**. **Emmanuel**, **Espírito**. ***O Consolador***. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, questão 35, p. 37.

398. Interessante questão refere-se ao caso das chamadas *enfermidades-missão*, em que o Espírito, para ajudar o progresso de queridos encarnados, aceitaria, após o necessário condicionamento perispirítico, o sacrifício de comparecer junto ao cenário familiar portando enfermidades (síndrome de Down, paralisias, etc.) especialmente requisitantes de atenção e cuidados.

Trata-se de tema ainda não dilucidado, entendendo-se, todavia, que, de qualquer forma, não podem deixar de ser avaliadas as implicações de natureza cármica, como também o fato de que, seja qual for o tipo de reencarnação missionária, é sempre significativo o proveito evolutivo do próprio Espírito.

399. **Xavier**, **Francisco Cândido**. **André Luiz**, **Espírito**. ***Ação e Reação***. 17. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996, Cap. 19, p. 260.

400. **Xavier**, **Francisco C.** ***O Consolador***. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, questão 96, p. 66.

401 **Kardec**, **Allan**. ***A Gênese***. Trad. Sylvia Mele Pereira da Silva. São Paulo: Edicel, 1978, Cap. XIV, p. 273.

402. A Organização Mundial de Saúde, segundo a revista espanhola *El País Semanal* e o *Jornal do Brasil*, com base em estudos da Universidade Johns Hopkins (EUA), em pesquisas da Academia Americana de Ciências, relatórios da Universidade de Miami, reportagens da *New England Journal of Medicine* e entrevistas com médicos de várias áreas, organizou uma lista com 99 indicações para um viver saudável, entre elas – fundamentais – a bondade, o controle da inveja e do rancor, o cultivo da solidariedade, a fé, as amizades e o contato com a natureza. (***SEI – Serviço Espírita de Informações***. Rio de Janeiro: n. 1.615, março, 1999, p. 2)

Nessa linha, a propósito, pesquisas atuais têm comprovado experimentalmente o valor da prece, firmando a importância do pensamento amoroso em direção ao próximo (com benefícios, certamente, para quem os emite). Estudo publicado na revista *Southern Medical Journal* (julho, 1998), de autoria do Dr. Randolph C. Byrd, dá a conhecer que numa Unidade Coronariana de São Francisco (Califórnia, EUA), foi analisada a influência da prece no tratamento de 393 pacientes internados com problemas cardíacos, examinando-se "*de maneira prospectiva,* ***randomizada e duplo-cego****, a evolução comparada de dois grupos semelhantes de pacientes com diagnósticos de infarto agudo do miocárdio ou angina instável*". Um dos grupos recebeu a prece intercessória a distância, e outro não. "*Os pacientes do grupo que recebeu o tratamento espiritual apresentaram menos falências cardíacas, necessitaram menos de diuréticos e antibióticos,*

tiveram menos episódios de pneumonia, menos episódios de paradas cardíacas e necessitaram menos de respiradores mecânicos artificiais." (Cf. THIESEN, Sérgio. "O Espiritismo e a Medicina – Um Novo Paradigma para o Milênio". ***Reformador***. FEB, Rio de Janeiro: nº 2.040, março, 1999, pp. 20 a 23)

Impulsionados pelo crescente interesse geral pelo assunto – principalmente em relação às chamadas "preces intercessoras" –, instituições de renome, como, p. ex., a Fundação John Temple, que financia um estudo sobre a oração, na Universidade de Harvard, vêm dedicando cada vez mais sua atenção ao tema. (Cf. MAASS, Peter. "Rezar Resolve?". ***Superinteressante***. Abril, São Paulo: setembro, 2000, pp. 58 a 62. Publ. original: revista Talk, EUA)

No Brasil, na Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília (UnB), pesquisa desenvolvida no Laboratório de Imunologia Celular, sob a direção do Prof. Carlos Eduardo Tosta, durante os anos de 2000 a 2003, visando a verificar os efeitos da prece intercessória a distância sobre a função das células de defesa, como os monócitos e os neutrófilos, mostraram, para satisfação da equipe, a ocorrência de um significativo aumento na estabilidade celular dos indivíduos beneficiados com as orações. ("Efeitos da Prece na Saúde". ***Assessoria de Comunicação Social da UnB***. Agosto, 2004)

403. Sabe-se que há determinadas formas-pensamentos – captáveis pelos médiuns videntes psicômetras – que chegam a permanecer no ambiente, por tempo mais ou menos longo, mesmo já ausente a sua fonte geradora, encarnada ou desencarnada.

404. **XAVIER, Francisco C. VIEIRA, Waldo**. ***Evolução em Dois Mundos***. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, p. 149.

405. A influência da mente sobre o sistema imunológico é hoje admitida pela Psiconeuroimunologia – surgida na década de 1980, em desenvolvimento à Medicina Psicossomática – como fato evidente. "*Na última década,*" – informam T. F. H. DEITOS e J. F. P. GASPARY ("Teorias Psiconeuroimunológicas – Implicações Clínicas". ***Psiquiatria Biológica***, São Paulo, nº 4, 1996, pp. 127- 136) – "*pesquisas interdisciplinares sofisticadas têm documentado os efeitos dos processos psicológicos e neurais sobre as atividades do sistema imune e, conversivamente, do sistema imune sobre o Sistema Nervoso Central* (SNC), surgindo o conceito de Psiconeuroimunologia."

Referidos pesquisadores explicam que "*processos imunorregulatórios são parte de um integrado sistema de defesa, sendo as alterações das funções dessas células imunes, dependentes da ação de neurotransmissores, neuropeptídeos e neuro-hormônios que afetam a ação imunológica.* (…) *Alguns neurotransmissores (norepinefrina, vasopressina, substância P, peptídeo intestinal vasoativo, colecistoquinina, ocitocina, melatonina), neuro-hormônios (CRH, corticotropina, corticosteroide, GH, prolactina, somatostatina) e moléculas neuroendócrinas (epinefrina, sexo-esteroides, tireoxinas, tri-idrotironina) podem ser afetados pelo estresse e causar modulações no sistema imunológico*".

A Psiconeuroimunologia vem demonstrando cada vez mais os efeitos deletérios dos chamados estressores, aumentando significativamente a susceptibilidade às mais diversas infecções. "*Atualmente, o conceito de micróbio como causa de uma infecção é inadequado e incompleto, porque ignora a influência do hospedeiro e do ambiente social e físico*", proclamam os autores.

Tais constatações têm propiciado, a propósito, o surgimento de alguns métodos de tratamento (SIMONTON, por exemplo), que, embora sem penetrar no âmago da questão, que é de caráter espiritual, já propiciam alívio e recuperação. (**LUNA, Sabino Antônio** e **outros**. "*La Salud y la Enfermedad en el Tercer Milenio*". ***La Idea***, Buenos Aires, abril-outubro, 1999)

406 **XAVIER, Francisco Cândido**. **EMMANUEL, Espírito**. ***Pensamento e Vida***. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991, Cap. 28, pp. 128-130.

407. **KARDEC, Allan**. ***A Gênese***. Trad. Guillon Ribeiro. 36. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, Cap. XIV, p. 286.

408. É o que se conhece como *dor-evolução* (ou sofrimento-evolução), que, ao lado da chamada *dor-provação* e da *dor-expiação*, comparece como valioso instrumento de aprimoramento espiritual.

409. V. **XAVIER, Francisco C. EMMANUEL, Espírito**. ***O Consolador***. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, questão 393.

410. **XAVIER, Francisco C. ANDRÉ LUIZ, Espírito**. ***Nos Domínios da Mediunidade***. 22. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, Cap. 23, p. 218.

411. ***Id. Ib.***, pp. 119 e 120.

412. **KARDEC, Allan**. ***O Livro dos Médiuns***. Trad. Guillon Ribeiro. 61. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, Cap. XXIII, itens 237-

240, pp. 307-309.

413. **Rizzini**, **Carlos Toledo**. ***Evolução para o Terceiro Milênio***. 10. ed. Sobradinho-DF: Edicel, 1993, pp. 206-209.

414. ***CTE. Obsessão-Desobsessão***. Porto Alegre: FERGS, 1992, pp. 10-15.

415. V. **Nobre**, **Marlene R. S.** ***A Obsessão e Suas Máscaras***. São Paulo: FE, 1997, pp. 17-18.

416. **Kardec**, **Allan**. ***A Gênese***. 36. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, Cap. XIV, item 46, p. 305.

417. V. **Bacelli**, **Carlos A. Odilon Fernandes**, **Espírito**. ***Mediunidade e Obsessão***. Votuporanga-SP: Didier, 1996, Cap. 2, p. 14.

418. ***Id. Ib.***, p. 15.

419. **Xavier**, **Francisco C. André Luiz**, **Espírito**. ***Missionários da Luz***. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, Cap. 5, p. 50.

420. ***A Gênese***, Cap. XIV, item 45.

421. Tais especificações, de fins didáticos, dizem mais com o momento e o sentido inicial da deflagração do processo obsessivo entre as partes, pois, a rigor, como explicita Emmanuel, não há "*obsessão unilateral*". (V. **Xavier, Francisco C.** **Emmanuel**, **Espírito**. ***Pensamento e Vida***. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991, p. 124)

422. **Kardec**, **Allan**. ***Obras Póstumas***. Trad. Guillon Ribeiro. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, pp. 73-74.

423. **Kardec**, **Allan**. ***A Obsessão***. Trad. Wallace Leal V. Rodrigues. 5. ed. Matão-SP: O Clarim, 1993, pp. 207-208.

424. Conf. **Loureiro**, **Carlos Bernardo**. ***A Obsessão e Seus Mistérios***. 2. ed. Salvador: Telma, 1995, pp. 72-73.

425. ***Id. Ib.***, p. 75.

426. **Rizzini**, **Carlos Toledo**. ***Evolução para o Terceiro Milênio***. 10. ed. Sobradinho-DF: Edicel, 1993, Cap. V, 2ª Parte, p. 209.

427. **Xavier**, **Francisco Cândido**. **Emmanuel**, **Espírito**. ***Pensamento e Vida***. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991, Cap. 27, pp. 123-124.

428. "O rei Davi conseguiu prolongar sua vida da mesma forma." (Nota do Autor)

429. V. **Loureiro**, **Carlos Bernardo**. ***A Obsessão e Seus Mistérios***. 2. ed. Salvador: Telma, 1995, pp. 24-28.

430. Inexiste a obsessão de caráter *permanente*, pois embora seja perfeitamente possível que sua persistência dê essa ideia – e o caso das vinganças espirituais que se prolongam por diversas vidas não é desconhecido –, inevitavelmente chega o tempo em que ela deixa de existir.

431. ***Nos Domínios da Mediunidade***. 22. ed. Rio de Janeiro: FEB, p. 223.

432. V. **Xavier**, **Francisco Cândido**. **Vieira**, **Waldo**. **Emmanuel** e **André Luiz**, **Espíritos**. ***Estude e Viva***. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, Cap. 35, pp. 202-203.

433. ***Id. Ib.***, Cap. 35, p. 203.

434. ***Id. Ib.***, Cap. 35, p. 203.

435. **Xavier**, **Francisco Cândido**. **André Luiz**, **Espírito**. ***Nos Domínios da Mediunidade***. 22. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, Cap. 19, p. 186.

436. ***Id. Ib.***, p. 186.

437. Informa, a respeito, Lapponi:

"*Os antigos conheceram, em grande parte, provavelmente sob o nome de Magia (que etimologicamente significa* ***sacerdócio***, ***sapiência****), o maior número dos fatos que se referem ao moderno Hipnotismo, e decerto não foram ignorados pelos Medos, Caldeus, Brâmanes da Índia e pelos sacerdotes do antigo Egito.*

Algumas práticas descritas, segundo F. Lenormant, nos monumentos em caracteres cuneiformes; certos casos recordados por Máspero, *na 'História Antiga dos Povos do Oriente' (Paris, 1886, pp. 70 e 142); muitos fatos estrepitosos observados nas primeiras sociedades humanas; e as maravilhas que ainda hoje realizam os Brâmanes indianos,* zelosos custódios das sagradas tradições de casta – são tudo coisas que atestam a *alta antigüidade das práticas que constituem o Hipnotismo de nossos dias. Os milagres, pois, que ante as doenças nervosas se processavam entre os egípcios no templo de Serápis, eram, quase fora de dúvida, efeitos de aplicações hipnóticas.*"(**Lapponi**, **José**. ***Hipnotismo e Espiritismo***. Trad. Almerindo Martins de Castro. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1988, pp. 17 e 18)

Modernamente, retomando as investigações de MESMER e outros pesquisadores, o médico inglês James BRAID realizou os primeiros estudos tidos como de caráter científico, sob o nome de Neuro-Hipnologia, cabendo, depois, a CHARCOT, BREUER, BERNHEIM, LIEBEAULT, LIEGEOIS, e seus seguidores, além de RICHET, a definitiva consolidação do Hipnotismo como técnica corrente. E à luz do Espiritismo, mais ainda se compreendem os fenômenos a ele ligados e a surpreendente extensão de seus efeitos, principalmente em relação ao perispírito.

438. V. adiante, p. 466, "Obsessão Noctípica".

439. Embora o texto se refira à *fixação de ideias* provocada pela ação de obsessor, tal processo, obviamente, pode instalar-se sob impulso próprio, quando a mente se fecha em sentimentos de culpa ou ódio, por exemplo. De qualquer forma, se esse processo habita a mente desencarnada, não importando se causado por obsessão ou não, as consequências reencarnatórias traduzem-se, seguidamente, em estados demenciais. "*Quase todas as perturbações congeniais da mente, na criatura reencarnada,*" – mostra ANDRÉ LUIZ – "*dizem respeito a fixações que lhe antecederam a volta ao mundo.*" (**XAVIER, Francisco Cândido**. **ANDRÉ LUIZ, Espírito**. ***Nos Domínios da Mediunidade***. 22. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, Cap. 25, p. 238)

440. **XAVIER, Francisco Cândido**. **ANDRÉ LUIZ, Espírito**. ***Ação e Reação***. 17. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996, Cap. 8, p. 110.

441. ***Nos Domínios da Mediunidade***. 22. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 21.

442. **XAVIER, Francisco Cândido**. **ANDRÉ LUIZ, Espírito**. ***Libertação***. 17. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, Cap. VI, p. 88.

443. V. **XAVIER, Francisco Cândido**. **VIEIRA, Waldo**. **ANDRÉ LUIZ, Espírito**. ***Evolução em Dois Mundos***. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, pp. 89-91.

444. ***Id. Ib.***, p. 171.

445. Intervalo entre as encarnações. Termo introduzido pelo Prof. Hernani G. ANDRADE, como mencionado.

446. A expressão é de ANDRÉ LUIZ:

"*Muitos* [desencarnados] *acometem os adversários que ainda se entrosam no corpo terrestre, empolgando-lhes a imaginação com formas mentais monstruosas, operando perturbações que podemos classificar como 'infecções fluídicas' e que determinam o colapso cerebral com arrasadora loucura.*" (**XAVIER, Francisco Cândido**. **VIEIRA, Waldo**. **ANDRÉ LUIZ, Espírito**. ***Evolução em Dois Mundos***. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, Cap. XV, p. 116)

447. O Espírito ANDRÉ LUIZ, em suas obras, designa-os como bactérias, larvas ou bacilos mentais, associados, todos, à patogenia da alma.

448. **XAVIER, Francisco Cândido**. **ANDRÉ LUIZ, Espírito**. ***Missionários da Luz***. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, Cap. 4, p. 38.

449. **XAVIER, Francisco Cândido**. **ANDRÉ LUIZ, Espírito**. ***Os Mensageiros***. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, Cap. 40, p. 211.

450. **KARDEC, Allan**. ***O Livro dos Médiuns***. Trad. Guillon Ribeiro. 61. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, Cap. II, 2ª Parte, p. 82.

451. Observe-se que KARDEC se refere, aqui, a manifestações ectoplásmicas gerais. Os fenômenos que dizem com a materialização de Espíritos, propriamente, saem desse enfoque.

452. ***Id. Ib.***, p. 108.

453. **KARDEC, Allan**. ***Op. cit.***, Cap. V, 2ª Parte, pp. 109-110.

454. **ANDRADE, Hernani Guimarães**. ***Poltergeist – Algumas de Suas Ocorrências no Brasil***. 10. ed. São Paulo: Pensamento, 1994, Cap. I, pp. 4-5 e 27-29.

455. ***O Livro dos Médiuns***. 61. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, item 96, p. 119.

456. **ANDRADE, Hernani Guimarães**. ***Poltergeist (…).*** 10. ed. São Paulo: Pensamento, 1994, p. 6.

457. **PIRES, J. Herculano**. ***Vampirismo***. 3. ed. São Paulo: Paideia, 1991, Caps. VI e VII, pp. 53, 65 e 66.

458. ***Op. cit.***, p. 53.

459. Registra-se, ultimamente, um interesse crescente em torno de uma explicação efetiva para o fenômeno de *aporte* – sem deixar de lado, também, algumas construções que existem na Física, sobre o tempo e sua aceleração…

Mas, na verdade, trata-se de um processo cuja intimidade permanece desconhecida, ainda que já se saiba que, necessariamente, se relaciona com a disponibilidade ectoplásmica.

O futuro, certamente, desvendando leis por ora ignoradas, dilucidará também esse tema.

460. **Pires, J. Herculano**. ***Vampirismo***. 3. ed. São Paulo: Paideia, 1991, Cap. VII, pp. 63-65.

461. Entre as ocorrências singulares que se registram, chama a atenção um tipo de fenômeno que guarda certa semelhança com o de endoporte, embora não se relacione com a introdução no corpo de objetos materiais, propriamente. Trata-se da fixação de "*artefatos elaborados por ação ideoplástica do obsessor*" no perispírito do obsidiado. Tais "*aparelhos parasitas*", parecendo, às vezes, "*minúsculos eletrodos*" – detectados pelo médico e pesquisador José Lacerda de Azevedo, autor do chamado método de "*desobsessão apométrica*" –, teriam o potencial de afetar especialmente o sistema nervoso, provocando o surgimento de patologias degenerativas. (**Azevedo, José Lacerda**. ***Espírito/Matéria. Novos Horizontes para a Medicina***. 3. ed. Porto Alegre: Edição do autor, 1990, pp. 81-85 – **Costa, Vitor Ronaldo**. "Síndrome dos Aparelhos Parasitas no Sistema Nervoso do Campo Astral". ***Revista Internacional de Espiritismo***, Matão-SP, agosto, 1996, pp. 200 a 203)

462. **Pires, J. Herculano**. ***Op. cit.***, pp. 55-56.

463. Embora o termo *animismo* (do lat. *anima*, alma) seja mais empregado, em Espiritismo, para designar um tipo especial de manifestação psíquica constatável na prática mediúnica, como visto, há que se convir que, em seu *sentido amplo*, abrange todas as manifestações da *alma*, ou seja, o psiquismo inteiro. Neste ponto de vista, pode-se então ter que todo processo mediúnico apoia-se no animismo (psiquismo) do médium, preparado para captar ou dar passagem ao pensamento do comunicante, ou facultar sua ação.

Os casos em que o médium, sob a influência de obsessores ou não, revive lembranças, ou provoca efeitos, em regime de relativa lucidez, ou não, dificultando, substituindo, ou bloqueando a comunicação mediúnica, caracterizariam o animismo, em seu sentido estrito.

464. **Xavier, Francisco Cândido**. **Vieira, Waldo**. **André Luiz, Espírito**. ***Mecanismos da Mediunidade***. 14. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, Cap. XIII, pp. 165-166.

465. Registram os anais espíritas inúmeras ocorrências desse tipo, muitas delas, apenas servindo de meio de aprimoramento mediúnico. O extraordinário missionário do Espiritismo no Brasil, Cairbar Schutel, por exemplo, participou de um atendimento a um médium perturbado por ruídos incessantes. Constatou-se que lhe havia sido colocada, perto do ouvido, uma corneta. À medida que se realizavam os trabalhos de apoio, foi ela se distanciando, até que, por fim, desapareceu, cessando a importunação. (Conf. ***Correio do ABC***, São Bernardo do Campo-SP: março, 1999, p. 8. Extraído da obra ***Cairbar Schutel na Intimidade***)

466. **Xavier, Francisco Cândido**. **Vieira, Waldo**. **André Luiz, Espírito**. ***Estude e Viva***. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, Cap. 35, p. 202.

467. ***Id. Ib.***, p. 203.

468. ***Id. Ib.***, p. 203.

469. **Kardec, Allan**. ***O Livro dos Médiuns***. 61. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, Cap. XXIII, 2ª Parte, item 238, p. 307.

470. Kardec denominou tais eventos de "*casos de obsessão física*", incluindo-os na categoria de obsessão simples – ***op***. e p. cits.

471. Cf. **Nobre, Marlene Rossi Severino**. ***Lições de Sabedoria***. São Paulo: FE, 1996, Cap. XIV, p. 140.

472. **Kardec, Allan**. ***O Livro dos Médiuns***. 61. ed. Rio de Janeiro: FEB, item 239, p. 308.

473. ***Id. Ib.***, p. 308.

474. ***Id. Ib.***, item 239, p. cit.

475. Tal fato ensejou o surgimento da expressão "obsessão onírica", empregada por alguns autores.

476. V. p. 544, nota de rodapé 35.

477. V. **Xavier, Francisco Cândido**. **Vieira, Waldo**. **André Luiz, Espírito**. ***Evolução em Dois Mundos***. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, Cap. XIV, p. 104.

478. **Bacelli, Carlos A. Odilon Fernandes, Espírito**. ***Mediunidade e Obsessão***. Votuporanga-SP: Didier, 1996, p. 63.

479. ANDRÉ LUIZ cataloga os casos em que os obsessos passam a reclamar a presença dos obsessores, depois de afastados,

como "*perseguição recíproca*". (Cf. **Xavier**, **Francisco Cândido**. **André Luiz**, **Espírito**. ***Nos Domínios da Mediunidade***. 22. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, Cap. 14, pp. 132-133)

480. V. **Xavier**, **Francisco Cândido**. **André Luiz**, **Espírito**. ***Entre a Terra e o Céu***. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, Cap. III, p. 19.

481. "(…) *vampiro*" – assinala André Luiz – "*é toda entidade ociosa que se vale, indebitamente, das possibilidades alheias*". (V. **Xavier**, **Francisco Cândido**. **André Luiz**, **Espírito**. ***Missionários da Luz***. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, Cap. 4, p. 36)

482. **Xavier**, **Francisco Cândido**. **Vieira**, **Waldo**. **André Luiz**, **Espírito**. ***Evolução em Dois Mundos***. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, Cap. XV, p. 116.

483. **Xavier**, **Francisco Cândido**. **Francisco de Menezes Dias da Cruz**, **Espírito**. ***Instruções Psicofônicas***. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991, Cap. 51, p. 228.

484. **Pires**, **J. Herculano**. ***Vampirismo***. 3. ed. São Paulo: Paideia, 1991, Cap. X, p. 92.

485. **Kardec**, **Allan**. ***Op. cit.***, item 240, p. 309.

486. ***Id. Ib.***, item 240, p. 309.

487. André Luiz, relatando um caso de vampirismo sexual, em que o paciente "*se deixava prazerosamente senhorear*" pelo obsessor – no desejo, ambos, de possuírem sexualmente, a filha adotiva daquele –, designa tal tipo de ocorrência como "***possessão partilhada***". (**Xavier**, **Francisco Cândido**. **André Luiz**, **Espírito**. ***Sexo e Destino***. 18. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, Cap. VIII, p. 82)

488. ***O Livro dos Espíritos***, itens 473 a 480, Cap. IX, Livro Segundo.

489. **Kardec**, **Allan**. ***Obras Póstumas***. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, p. 68.

490. **Kardec**, **Allan**. ***A Gênese***. 36. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, Cap. XIV, item 47, p. 306

491. ***O Livro dos Espíritos***. Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 250, nota ao item 474.

492. V. **Kardec**, **Allan**. ***A Obsessão***. 5. ed. Matão-SP: O Clarim, 1993, pp. 161 e segs.; e ***Revue Spirite***, 1862 a 1864.

493. V. **Xavier**, **Francisco Cândido**. **André Luiz**, **Espírito**. ***No Mundo Maior***. 20. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, Cap. 8, pp. 116-118 – ***Id. Nos Domínios da Mediunidade***. 22. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, pp. 79-80.

494. **Nobre**, **Marlene R. S.** ***A Obsessão e Suas Máscaras***. São Paulo: FE, 1997, Cap. 12, pp. 115-116.

495. Referem-se alguns autores a outros tipos de obsessão, como *obsessão anímica* e *auto-obsessão*, categorias não incluídas no esquema aqui proposto. É que, quanto à *obsessão anímica*, se a expressão pretende designar o que ocorre na prática mediúnica – no caso, sem a intervenção direta ou indireta de um Espírito –, o processo não configuraria tecnicamente o fenômeno da obsessão. De outro lado, como já referido (V. nota à p. 456), o termo *animismo*, em seu sentido amplo e etimológico, designa todo e qualquer tipo de expressão da alma, a dizer: toda manifestação psíquica é anímica.

Com relação à chamada *auto-obsessão*, admite-se que se trata de expressão também tecnicamente imprópria, pois, segundo o entendimento clássico, obsessão, em Espiritismo, significa a atuação ou o domínio que um ou mais Espíritos exercem *sobre outro(s)*.

O uso esporádico dessa expressão pelo Codificador (p. ex., ***Obras Póstumas***. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, item 58, p. 72) tem, claramente, sentido figurado: "*As contrariedades que de ordinário cada um concentra em si mesmo, principalmente os desgostos amorosos, dão lugar, com freqüência, a atos excêntricos, que* ***fora errôneo considerar-se fruto da obsessão****. O homem não raramente é o obsessor de si mesmo.*" (Grifado)

Aliás, o conceito que Kardec constrói nessa mesma obra mostra bem a sua posição, na época:

"*A obsessão consiste no domínio que os maus Espíritos assumem sobre certas pessoas, com o objetivo de as escravizar e submeter à vontade deles, pelo prazer que experimentam em fazer o mal.*" (**Kardec**, **Allan**. ***Op. cit.*** Trad. Guillon Ribeiro, item 56, 1ª Parte, p. 67. "Da Obsessão e da Possessão")

496. ***Instruções Psicofônicas***. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991, p. 229.

497. Marcos, 14:38.

498. **Fioravanti**, **Celina**. ***Causas Espirituais da Depressão***. São Paulo: Pensamento, 1995, p. 42.

499. Schubert, **Suely Caldas**. ***Obsessão-Desobsessão***. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, Cap. 14, p. 73.

500. Xavier, **Francisco Cândido**. André Luiz, **Espírito**. ***Libertação***. 17. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, Cap. VI, p. 84.

501. Bacelli, **Carlos A.** Odilon Fernandes, **Espírito**. ***Mediunidade e Obsessão***. Votuporanga-SP: Didier, 1996, p. 33.

502. Menezes, **Adolfo Bezerra de**. ***A Loucura sob Novo Prisma***. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1963, Cap. III, p. 158.

503. Kardec, **Allan**. ***A Obsessão***. 5. ed. Matão-SP: O Clarim, 1993, p. 225.

504. ***Id. Ib.***, p. 228.

505. Felizmente, a Ciência já abriu suas portas ao reconhecimento dessa verdade. Informa, a propósito, a publicação norte-americana *Chronicle of Higher Education*, que um terço das 126 escolas de medicina daquele país já estão oferecendo em seu currículo matérias que relacionam a espiritualidade à medicina. (Cf. ***Planeta***. São Paulo: Três, janeiro, 1998, p. 14)

E a revista *Reader's Digest* esclarece que hoje, nos Estados Unidos, se exige em todos os programas de residência para psiquiatras, a inclusão de matérias que digam com "*questões religiosas e espirituais*", e que, segundo as previsões, cursos sobre "*fé e medicina*" tornar-se-ão "*corriqueiros nas faculdades de medicina*". (McConnell, **Malcolm**. "A Fé Pode Favorecer a Cura". ***Reader's Digest – Seleções***, Rio de Janeiro, março, 1999, p. 108)

No Brasil, principalmente depois da realização, na USP, do I Simpósio de Medicina e Espiritualidade, organizado pela Associação Médico-Espírita de São Paulo, em 2003, e da criação, na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, da disciplina "*Medicina e Espiritualidade*", em 2004, o interesse pelo tema, no meio universitário, ganhou significativa expressão.

506. V. Cap. IV, "Centros Vitais".

507. Hahnemann, o extraordinário missionário da Medicina e um dos Instrutores Espirituais de Kardec, já via, em 1810, que as enfermidades resultam de "aberrações dinâmicas que nossa vida espiritual experimenta em sua maneira de sentir e operar", reconhecendo, também, no passe (introduzido por MESMER), valioso recurso terapêutico, a possibilitar, com a homeopatia, reequilíbrio vital mais pronto e eficaz. (V. Hahnemann, **Samuel**. ***Organon de la Medicina***. Trad. da 6. ed., William Boericke. Buenos Aires: Albatroz, 1978: pp. 37, Introdução, e 304 a 307, §§ 288 e 289.)

508. V. Xavier, **Francisco C.** André Luiz, **Espírito**. ***Ação e Reação***. 17. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996, Cap. 13, p. 179.

509. São conhecidos em acupunctura – método chinês de tratamento que remonta a cerca de 5.000 anos – doze meridianos (*Ching*), canalizando as energias sustentadoras da vida biológica, *Iang* e *Inn*, expressões, na verdade, da energia ou fluido vital. Localizam-se nesses meridianos (dos Pulmões, Intestino Grosso, Estômago, Baço-Pâncreas, Coração, Intestino Delgado, Bexiga, Rim, Circulação-Sexualidade, Tripo Recalentador, Vesícula Biliar, Fígado), ligados a dois canais energéticos fundamentais (Vaso Governador e Vaso Concepção) e a traduzirem as principais funções orgânicas, cerca de 750 pontos de estimulação, os acupontos, sendo certo que alguns autores, discutivelmente, ampliam de muito esse número.

Os acupontos correspondem, ao que se percebe, aos múltiplos núcleos de força localizados no perispírito, comandados pelos centros vitais conhecidos, a partir do centro coronário. (V. Cap. IV, "Centros Vitais")

510. Sigmund Freud, no começo, percebendo apenas um aspecto da realidade, designou-a, genericamente, como *libido*. Seu conceito inicial dizia simplesmente com o desejo sexual. ("*Libido é a expressão direta ou indireta de um desejo sexual.*") Nessa acepção, o termo foi popularizado, aparecendo relacionado com a satisfação ou repressão de um impulso instintivo, ligado, sobretudo, ao princípio do prazer. Mais tarde (principalmente depois da obra *Para Além do Princípio do Prazer*), Freud prestaria atenção ao conceito defendido por Carl Gustav Jung, fundador da Psicologia Analítica, sistema que teve por modelo, originalmente, a psicanálise freudiana, desviando-se dela depois, quando Jung apresentou uma nova interpretação da libido, entendendo-a, não como impulso sexual, necessariamente (segundo a proposta de Freud), mas como a energia geral da vida ("*impulso vital*").

511. ***Evolução em Dois Mundos***. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, Cap. VI.

512. "*Cada criatura traz em si mesma, devidamente estratificada, a herança de um incontável número de experiências sexuais, vividas nos reinos inferiores da Natureza. Tudo quanto o ser armazenou em experiências sucessivas, existência a existência, por séculos e séculos, ora como vegetal, ora como animal inferior, constitui seu patrimônio, quando atinge a razão, recebendo assim, na fase hominal, um mundo de impulsos genésicos que lhe compete educar e reajustar, diante das leis divinas que regem a vida.*" (Nobre, **Marlene**. ***Nossa Vida no Além***. São Paulo: FE, 1998,

Cap. 7, p. 132)

513. ***O Livro dos Espíritos***, 75. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 135.

514. **Pires, J. Herculano**. ***Mediunidade***. 2. ed. São Paulo: Paideia, 1992, pp. 62-63.

515. V. **Xavier, Francisco Cândido**. **André Luiz, Espírito**. ***No Mundo Maior***. 20. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, Cap. 11, p. 157.

516. Característicos preponderantemente ativos ou passivos definem a masculinidade e a feminilidade também – e principalmente – no plano espiritual. Desencarnado, o Espírito, enquanto prisioneiro das necessidades primárias, move-se pelo desejo sexual com a mesma ou maior intensidade até do que quando encarnado, podendo, até mesmo, como se sabe, chegar, em sua busca de satisfações, ao mais grotesco e desenfreado vampirismo. (V. Cap. XIV, "Perispírito e Obsessão") Mais tarde, controlada a manifestação anárquica dos impulsos sexuais, consegue percorrer os caminhos da sublimação de sua sexualidade, passando a conhecer e a viver a comunhão amorosa e pura que enobrece e une as almas em sua jornada de luz.

517. **Xavier, Francisco Cândido**. **André Luiz, Espírito**. ***Missionários da Luz***. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, Cap. 2, pp. 20-22.

518. **Noback, C. Strominger, N. L. Demarest, R. J. Neuroanatomia**. ***Estrutura e Funcionamento do Sistema Nervoso Humano***. 5. ed. São Paulo: Premier, 1999, p. 307.

519. A pineal foi descoberta por Herophilus, sendo, pois, conhecida desde o séc. III d.C. Citada por Descartes, passou a ser estudada depois da descoberta da melatonina e seus efeitos.

520. **Nobre, Marlene R. S.** ***A Obsessão e Suas Máscaras***. São Paulo: FE, pp. 227, 229-231.

521. **Ballard, J. C. Huntzinger, R. M. Pastor, J. M.** "*Psychosis and Progressive Cognitive Decline in an Adolescent Male with Concomitant Pineal Grand Pathology*". ***Archives of Clinical Neuropsychology***. Vol. 10, ed. 4, julho-agosto, 1995, pp. 294-295.

522. **Berkonakli, E. Palaoglus e outros**. "*Effect of Pinealectomy on Immune Parameters (...)*". ***Neurosurgery Revue. Basic Research***, 24:26-30 (2001)

523. **Araki, Masasuke**. "*Sensory and Endocrine Characteristics of the Avian Pineal Organ*" (Introdução). ***Microscopy Research and Technique***. 53:1 (Trad. do A.)

524. "*A influência do magnetismo em nossa fisiologia é algo que merece estudos da ciência contemporânea. O cérebro capta o magnetismo externo conhecidamente através da glândula pineal. O mecanismo desse processo ainda é desconhecido.*" (**Oliveira, Sérgio Felipe de**. ***Saúde e Espiritismo***. Associação Médico-Espírita do BrasiL. 1998, pp. 99 a 100)

525. **Roosen, L. Barber, I. LYLE, D. B.** "A 0,5G, 60Hz *Magnetic Field Supresses Melatonin Production in Pinealocytes*". ***Bioelectromagnetics***. 119:123-127 (Trad. do A.)

526. **Lavie, P.** "*Sleep-Wake as a Biological Rhythm*". ***Annual Review Psychology***. 52:277-303 (Trad. do A.)

527. **Jeong, J. H. Chui, K. B. e outros**. "*Effects of Extremely Low Frequency Magnetic Fields on Pain Theresholds (...)*". ***Journal of Autonomic Pharmacology***. 20:259-264 (Trad. do A.)

528. **Sandyk, R.** "*Resolution of Sleep Paralysis by Weak Electromagnetic Field in a Patient with Multiple Sclerosis*". ***International Journal of Neuroscience***. 90 (3-4):145-157 (Trad. do A.)

529 **Nobre, Marlene R. S.** ***A Obsessão e Suas Máscaras***. São Paulo: FE, 1997, p. 230.

530. **Xavier, Francisco Cândido**. **André Luiz, Espírito**. ***Missionários da Luz***. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, Cap. 13, pp. 198-199.

531. Diante dessa realidade, é fácil compreender o surgimento de teorias como a da libido, estabelecendo que a conduta do homem é basicamente determinada pelo instinto sexual…

532. ***Missionários da Luz***, p. 200.

533. **Xavier, Francisco Cândido**. **André Luiz, Espírito**. ***Missionários da Luz***. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, Cap. 13, p. 202.

534. Cientistas que estudam a evolução constatam, no processo de desenvolvimento, um encurtamento na cauda dos animais.

Notando, como sinal desse fenômeno, que nos antropoides, agora classificados como humanoides, já não existe o rabo, recentes estudos mostram que, na evolução do homem, desde o *Australopithecus aferensis*, esse encurtamento já atinge a própria coluna, ao mesmo tempo em que aumenta o tamanho do lobo frontal. Tal fato, a mostrar o próprio desenvolvimento do perispírito, indicaria, obviamente, uma clara tendência à valorização das funções psiconervosas superiores, em detrimento de outras, em regime de desativação ou extinção. Nessa linha, é fácil entender como, com o tempo, o avanço da alma, correspondendo, no plano psicossômico, ao aprimoramento dos centros coronário e cerebral, poderia até, simultaneamente, refletir-se numa progressiva alteração funcional do centro genésico…

535. **Barcelos**, **Walter**. ***Sexo e Evolução***. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, p. 128.

536. A homossexualidade (atração sexual de uma pessoa por outra do mesmo sexo) e a transexualidade (caracterizada pelo desejo impulsivo de mudança de sexo), constituem, sem dúvida, tema dos mais delicados no capítulo das relações humanas, atraindo, por isso, as mais elucidativas orientações do Plano Espiritual.

Sabe-se, assim, que em tarefa expiatória, Espíritos em marcada posição mental de masculinidade ou feminilidade podem reencarnar em condições inversivas, com roupagem feminina ou masculina, respectivamente, em dura jornada disciplinadora.

Outras vezes, almas encarnadas em corpos masculinos ou femininos podem passar a sentir o palpitar da bissexualidade (atração sexual por ambos os sexos) – reflexo das inúmeras vivências passadas em posição de feminilidade e masculinidade –, a aflorar até mesmo depois de já ter vivido longo tempo em aparente normalidade como homens ou mulheres.

Também, almas carmicamente comprometidas podem voltar à carne em regime de intersexualidade (com caracteres sexuais primários e secundários intermediários aos dois sexos, chegando ou não ao hermafroditismo), a fim de purgar o pretérito e recompor-se.

Finalmente, já em situação completamente diversa, pode o Espírito, para o melhor cumprimento de tarefas específicas, optar por reencarnar em corpo que não corresponde exatamente ao seu psiquismo feminino ou masculino.

Em todos esses casos, relacionados com o desenvolvimento e a orientação sexual – responsáveis, muitas vezes, por delicados transtornos psicológicos e comportamentais –, o Espírito, conseguindo superar suas tendências e dificuldades, sem cair no homossexualismo e outras condutas comprometedoras, certamente põe-se apto a matricular-se em cursos evolutivos mais avançados.

537. **Xavier**, **Francisco Cândido**. **André Luiz**, **Espírito**. ***Ação e Reação***. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, Cap. 15, p. 208.

538. **Andréa dos Santos**, **Jorge**. ***Forças Sexuais da Alma***. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991, Cap. IV, p. 133.

539. **Xavier**, **Francisco Cândido**. **Emmanuel**, **Espírito**. ***Vida e Sexo***. 15. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, Cap. 5, p. 26.

540. O doloroso reajuste que a viciação sexual atrai mereceu de Emmanuel amorosa recomendação, transmitida por F. C. Xavier:

"*Ouvirás referências descaridosas, em torno do sexo transviado; no entanto, guardarás invariável respeito para com os acusados, sejam eles quais forem.*

É preciso saber penetrar fundo nas necessidades do espírito, para enxergá-las com segurança.

Aplica a bondade e a compreensão, toda vez que alguém se levante contra alguém, porque, em matéria de sexo, com raras exceções, todos trazemos heranças dolorosas de existências passadas, dívidas a resgatar e problemas a resolver.

Muitos daqueles que apontam, desdenhosamente, os irmãos caídos em desequilíbrio emotivo, imaginando-se hoje anichados na virtude, são apenas devedores em moratória, que enfrentarão, amanhã, aflitivas tentações e provações, quando soar o momento de reencontrarem os seus credores de outras eras.

Nas quedas de sentimento, há que considerar não somente a fraqueza, necessitada de compaixão, mas também, e muito comumente, o processo obsessivo que reclama socorro ao invés de censura.

Não podemos medir a nossa capacidade de resistência, no lugar do companheiro em crise e, por isso, é aconselhável caminhar com a misericórdia em quaisquer situações, para que a misericórdia não nos abandone quando a vida nos chame ao testemunho de segurança moral." (**Xavier**, **Francisco Cândido**. **Emmanuel**, **Espírito**. ***Encontro Marcado***. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1992, Cap. 31, "Sexo Transviado", pp. 100-103)

541. Andrew Jackson Davis (1826-1910), um dos precursores do Espiritismo, chegou a ser conhecido como o "profeta da Nova

Revelação".

"Anteriormente, ao ano de 1856, previu a invenção do automóvel e de veículos aéreos acionados por uma força motriz de natureza explosiva, as máquinas de escrever e, ao que tudo indica, também locomotivas movidas por motores de combustão interna. É simplesmente assombrosa a descrição que o médium deu sobre esses inventos em sua obra hoje centenária, denominada 'Penetrália'.

Em 1847, ele predisse a manifestação ostensiva dos Espíritos com as criaturas humanas, adiantando que o advento desses dias não estava muito distante.

Foi um prelúdio daquilo que surgiria um ano mais tarde, em 31 de março de 1848, quando se estabeleceu um sistema de intercâmbio com o plano espiritual, através das médiuns irmãs Fox". (**Lucena**, **Antônio de Souza**; **Godoy**, **Paulo Alves**. ***Personagens do Espiritismo***, São Paulo: FEESP, 1982, p. 35).

542. **De Rochas**, **Albert**. ***Les Vies Successives***, p. 287 e segs., conf. **Michaelus**, *in* ***Magnetismo Espiritual***, Rio de Janeiro: FEB, 1991, pp. 281 a 283. Também, ***Las Vidas Sucesivas***, Barcelona: Ed. Amélia Boudet, 1991, pp. 246 a 248; **Miguel**, **Alfredo**. ***Fenômenos Espíritas e Anímicos***, 2. ed. São Paulo: FEESP, 1989, pp. 87-88.

543. **Kardec**, **Allan**. ***A Gênese***. 36. ed. Rio de Janerio: FEB, Cap. XI, item 18, pp. 214 e 215.

544. Justamente por não ocorrer de modo instantâneo, é que a desencarnação (que, tecnicamente, não se confunde com a morte, embora os vocábulos, normalmente, sejam empregados como sinônimos) é vista como um processo.

545. ***O Livro dos Espíritos***. 75. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, item 155-a.

546. **Kardec**, **Allan**. ***O Céu e o Inferno***. Trad. Manuel Justiniano Quintão. 39. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994: Cap. I, 2ª Parte, p. 167.

547. ***Id. Ib.,*** p. 170.

548. ***Id. Ib.***, p. 172.

549. ***Op. cit.***, p. 168.

550. **Xavier**, **Francisco Cândido**. ***Obreiros da Vida Eterna***. 22. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996, Cap. XIII, pp. 209 a 212.

551. O termo "bióforo" foi criado por August Weismann (1834-1914), biólogo alemão em seus estudos sobre a hereditariedade. Admitia Weismann, em teoria considerada a mais bem elaborada do período pré-experimental, uma distinção fundamental entre o *protoplasma nutriente* (morfoplasma) e um *idioplasma*, portador de tendências hereditárias, constituído de um grande número de unidades, os *bióforos*. Vários bióforos formariam um "determinante". A reunião de vários determinantes formariam um "ide". Os "ides" agrupar-se-iam em "idantes", que corresponderiam aos cromossomos.

Em Espiritismo, conforme o conceito do Espírito André Luiz, os bióforos – para Weismann, elementos constitutivos básicos das estruturas vivas, como visto – representam "*unidades de força*" psicossômica atuando no citoplasma, e através das quais são projetados sobre as células os estados da mente, determinando até mesmo a saúde ou a doença, o equilíbrio orgânico, ou não. (**Xavier**, **Francisco Cândido**. **Vieira**, **Waldo**. ***Evolução em Dois Mundos***. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, Cap. VII, p. 59)

Esse tema, aliás, não é novo. Na década de 1930, escrevia Geraldine Cummins, conceituada médium inglesa:

"*A mente não opera diretamente sobre o cérebro. Existe um corpo etérico que é o elo entre a mente e as células do cérebro.* (…) *Partículas corpusculares, muito menores do que os cientistas já conhecem, viajam ao longo de fibras do corpo etérico ou duplo, para certas regiões do corpo e para o cérebro. Eu poderia chamar-lhes unidades de vida* (…)" (**Cummins**, **Geraldine**. ***Beyond Human Personality***. Londres: Nicholson & Watson, , 1935. Conf. **Ostrander, S. Schroeder, L.** ***Experiências Psíquicas além da Cortina de Ferro***. São Paulo: Cultrix, 1974, p. 234)

552. Provavelmente, é nesse momento de transferência de energia vital ou logo após, que certos Espíritos conseguem aparecer aos conhecidos, dando sinal de seu passamento…

553. A histogênese espiritual diz respeito à reconstrução dos tecidos do corpo espiritual, processo que, em geral, ocorre simultaneamente à destruição dos tecidos do corpo físico (histólise).

554. **Denis**, **Léon**. ***Depois da Morte***. Trad. João Lourenço de Souza. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, Cap. XXXI, Parte Quarta, p. 205.

555. Esse fenômeno de recapitulação de todos os momentos da existência tem sido registrado também, de certa forma, nos

casos das chamadas Experiências de Quase Morte – EQM (*Near-Death Experiences*), trazidas ao conhecimento geral graças aos esforços e contribuições de destacados pesquisadores, dentre eles os famosos médicos norte-americanos Elizabeth KÜBLER-ROSS (*On Death and Dying* – 1969. Edição brasileira – *Sobre a Morte e o Morrer*. EDART, São Paulo, 1977) e Raymond MOODY JR. (*Life After Life*, 1975. Edição brasileira – *Vida Depois da Vida*. NÓRDICA, Rio de Janeiro, 1979), cujos trabalhos têm alcançado repercussão internacional não só pelos resultados como pelo rigor científico empregado no acompanhamento dos casos, atraindo, assim, diversos outros renomados pesquisadores como, p. ex., o respeitado psicólogo da Universidade de Connecticut Kenneth Ring (*Life at Death*, 1980), fundador e atual presidente da *Association for Near-Death Studies* (ANDS) – Associação para Estudos da Quase Morte –, com sede na citada Universidade. (V. **NOBRE**, **Marlene**. ***Nossa Vida no Além***. São Paulo: FE, 1998: pp. 13 e segs.; **MIRANDA**, **Hermínio C. A *Reinvenção da Morte***. Niterói-RJ: Lachâtre, 1997: pp. 99 e segs.; **KÜBLER-ROSS**, **Elisabeth**. ***Death is of Vital Importance***. Nova York: Station Hill Press, 1995)

Esses estudos permitem concluir que tal processo de revisão do passado poderia surgir sempre que se afrouxam mais significativamente os laços perispirituais, resultando, quase sempre, em mudanças decisivas no modo de ser do paciente que sobrevive. "O *resultado dessa recapitulação sobre os que sofreram a EQM*" – anota o Prof. Guimarães ANDRADE – "*é uma mudança radical de comportamento, em que o paciente passa a valorizar imensamente o amor e o conhecimento.*" (**ANDRADE**, **Hernani Guimarães**. ***Morte – Uma Luz no Fim do Túnel***. São Paulo: FE, 1999, Cap. II, p. 19). Naturalmente, em se tratando de desencarnação, propriamente, quando ocorre o efetivo desligamento do perispírito, o processo de recapitulação é peculiarmente mais acentuado, em direção a efeitos fundamentalmente bem mais significativos.

Como mostram os Encontros Internacionais sobre Experiência de Quase-Morte, o tema tem chamado, cada vez mais, a atenção de médicos e pesquisadores de todo o mundo.

556. ***Evolução em Dois Mundos***. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, Cap. XII, p. 93.

557. V. Cap. VI, "O Duplo Etérico".

558. **ANDRÉA**, **Jorge**. "Morte – Passo Renovatório". ***Revista Internacional de Espiritismo***, Matão-SP, novembro, 1994: p. 297.

559. "*Decerto que na esfera nova de ação, a que se vê arrebatado pela morte,* [o homem desencarnado] *encontra matéria conhecida no mundo, em nova escala vibratória*", elucida o Espírito ANDRÉ LUIZ. "*Elementos atômicos mais complicados e sutis, aquém do hidrogênio e além do urânio, em forma diversa daquela em que se caracterizam na gleba planetária, engrandecem-lhe a série estequiogenética.*" (**XAVIER**, **Francisco Cândido**. **ANDRÉ LUIZ**, **Espírito**. ***Evolução em Dois Mundos***. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, Cap. XIII, pp. 95-96)

560. **XAVIER**, **Francisco Cândido**. **EMMANUEL**, **Espírito**. ***Pensamento e Vida***. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991, pp. 134-135.

561. Muito do medo da morte deve-se – mais do que ao reflexo do instinto de conservação ou ao temor do desconhecido – à consciência que temos de nossas precárias condições pessoais. "*O medo da morte*" – diz Francisco Cândido XAVIER – "*é uma conseqüência das dificuldades que já enfrentamos em outras mortes. Geralmente, nunca estamos em posição muito tranqüila com relação à nossa consciência na posição de desencarnados. Desta forma, temos muito receio do retorno ao além, com os complexos de culpa que levamos.*" (Conf. **MACHADO**, **Adésio Alves**. "Chico Xavier: a Morte e a Desencarnação". São Bernardo do Campo-SP: ***Correio Fraterno do ABC***. Janeiro, 1999, p. 6)

562. **XAVIER**, **Francisco Cândido**. **IRMÃO JACOB**, **Espírito**. ***Voltei***. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, Cap. 5, p. 56.

563. **BOZZANO**, **Ernesto**. ***A Crise da Morte***. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990, p. 168.

564. ***Voltei***. Rio de Janeiro: FEB, pp. 63-64.

565. **TEIXEIRA**, **Cícero Marcos**. ***Anatomia do Desencarne***. Porto Alegre: Kuarup, 1997, Cap. 2, p. 27.

566. **ANDRADE**, **Hernani Guimarães**. ***Morte, Renascimento, Evolução***. 9. ed. São Paulo: Pensamento, 1993, Cap. XI, p. 155.

567. V. Cap. XIII, "Perispírito e Enfermidade", p. 378.

568. **KARDEC**, **Allan**. ***O Livro dos Espíritos***. Trad. Guillon Ribeiro. 75. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, item 957, nota, pp. 443 e 444.

569. O suicídio, pelas terríveis consequências que atrai, tem merecido a maior atenção dos Instrutores Maiores, que não poupam esforços no sentido de mostrar o erro em que incidem os que nele pensam. Assim, diversos e importantes trabalhos

dedicados ao tema têm surgido em nosso tempo, destacando-se entre eles, notavelmente, a extraordinária obra da médium brasileira Yvonne A. PEREIRA, *Memórias de Um Suicida*, editada pela Federação Espírita Brasileira, que narra, sob a supervisão de Léon DENIS, as experiências de famoso escritor português (Camilo Castelo Branco) no além-túmulo.

570. **DENIS, Léon**. ***O Problema do Ser, do Destino e da Dor***. Rio de Janeiro: FEB 1995, p. 135.

571. **XAVIER, Francisco Cândido**. **EMMANUEL, Espírito**. ***O Consolador***. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, item 151, p. 95.

572. **NOBRE, Marlene R. S.** ***Lições de Sabedoria***. São Paulo: FE, 1996, p. 46.

573. Tecnicamente, o termo *eutanásia* (do gr. *eu* + *tánathos*), conhecido a partir de Francis BACON (1623), quando o empregou em sua *Historia Vitae et Mortis*, no sentido de "boa morte" – sua origem seria mais antiga, com presença, inclusive, no pensamento romano –, refere-se tanto à *eutanásia ativa* (também designada benemortásia ou sanidicídio), como à *eutanásia passiva* ou *ortotanásia*.

No primeiro caso, há deliberação de antecipar a morte do doente, a pedido seu ou de seus familiares, ante a aparente incurabilidade de sua moléstia e da insuportabilidade de seu sofrimento, reconhecido como inútil o tratamento. Em regra, são empregados recursos farmacológicos. (Uma variação é o *suicídio assistido*, em que o próprio paciente provoca sua morte, orientado por médico ou por terceiros.)

Na *ortotanásia* são suspensos os medicamentos ou medidas que aliviem a dor, ou se deixa de usar os meios artificiais para prolongar a vida de um paciente em estado tido como de coma irreversível, a pedido do enfermo ou de seus familiares. É a "eutanásia por omissão".

No polo contrário, está a *distanásia*, prática dirigida ao prolongamento da vida do enfermo, a todo custo, por obstinação terapêutica.

574. ***O Evangelho segundo o Espiritismo***. Trad. Guillon Ribeiro. 109. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, Cap. V, item 28, pp. 124-125.

575. O abortamento acarreta tristes consequências, tanto na existência atual, como na Espiritualidade, e nas vidas futuras.

Na *vida atual* os efeitos podem ser de *ordem física* (morte por embolia, perfuração do útero, hemorragias, septicemias, lesões intestinais, complicações renais e hepáticas, tétano, peritonite, incapacidade reprodutiva, envelhecimento precoce, etc.) e de *ordem psicológica* (sentimento de culpa, provocando a disfunção dos centros vitais, que se manifesta pelo esgotamento, insônia e por vários tipos de transtornos psicológicos graves, como a angústia, a depressão, a esquizofrenia e outros).

Na *Espiritualidade*, além dos dramáticos reencontros com os Espíritos que tiveram sua reencarnação frustrada, apesar dos compromissos assumidos por aqueles que deveriam recebê-los como filhos, os efeitos se farão sentir na dificuldade que terão os responsáveis pelo aborto, de reencarnar.

Na *vida futura*, além dos problemas oriundos da disfunção dos centros cerebral e genésico, principalmente – a afetar o sistema reprodutivo, bexiga e rins, originando sofrimentos e frustrações, produto grave das irreflexões do passado –, surge, comumente, a obsessão, pesadelo da Humanidade e que, aliás, muitas vezes, já pode ocorrer na própria existência atual da ex-gestante, prolongando-se dolorosamente na Espiritualidade e, depois, até durante a outra reencarnação.

576. ***Evolução em Dois Mundos***, 1993, p. 198.

577. Anotam os Instrutores Espirituais em ***O Livro dos Espíritos***:

"*Uma mãe, ou quem quer que seja, cometerá crime sempre que tirar a vida a uma criança antes do seu nascimento, por isso que impede uma alma de passar pelas provas a que serviria de instrumento o corpo que se estava formando.*" (75. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, item 358, p. 202)

Observe-se, a propósito, que, em Espiritismo, a única exceção relaciona-se com o caso em que a mãe corra *real* perigo de perder a vida, o do chamado aborto terapêutico (item 359 de *O Livro dos Espíritos*). Em tais circunstâncias, é possível que a interrupção da gravidez diga com o próprio mapa cármico do frustrado candidato à reencarnação, como, por exemplo, o caso de um esquartejador que, depois, segundo a narração de BEZERRA DE MENEZES, por Yvonne A. PEREIRA, teve de submeter-se ao processo da fetotomia, passando pelo horror de ver dividido em fragmentos o que seria o seu novo corpo… (**PEREIRA, Yvonne A. BEZERRA DE MENEZES, Espírito**. ***Dramas da Obsessão***. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, Parte Complementar, "A Severidade da Lei", II, pp. 179-180)

578. Notícias há de Espíritos que, quando da retirada de seu coração físico, registraram sensação de que algo lhes era

dolorosamente retirado, requisitando intervenção espiritual específica para superá-la. E na Inglaterra, séria polêmica instalou-se depois de uma matéria publicada na revista *Anaesthesia*, em editorial, sugerindo que os doadores fossem anestesiados nos procedimentos de retirada de órgãos, devido à constatação médica de que há aumento da freqüência cardíaca e da pressão arterial durante a cirurgia, o que poderia significar que o corpo sente dor, ainda que boa parte dos médicos entenda que isso não passe de simples "*reação orgânica reflexiva*" – o que poderia ser possível – e que nas cirurgias normais, o paciente, ao voltar a si, não registra a lembrança de qualquer dor. (Cf. **Ciamponi**, **Durval**. "Dor e Morte". ***Jornal Espírita***. São Paulo: FEESP, novembro, 2000, p. 3)

A respeito, importa considerar, de um lado, que mesmo na morte encefálica (a envolver o cérebro e o tronco, distintamente da morte cerebral), há um Espírito ligado ao corpo e, de outro, que, dada a relevância do fato, o paciente é sempre assistido pela Espiritualidade Superior, de modo a obstar qualquer sofrimento desnecessário.

579. **Nobre**, **Marlene Rossi Severino**. ***Lições de Sabedoria***. São Paulo: FE, 1996, Cap. IV, pp. 47 e 48.

580. Persiste, em Biodireito, o questionamento acerca dos critérios de determinação da morte encefálica, a partir já do fato de que se referem mais a prognósticos que a diagnósticos, propriamente.

581**.** Não são poucas as manifestações que contestam a possibilidade de se chegar a um diagnóstico certo sobre a morte encefálica. "*O diagnóstico da morte encefálica não tem apoio, atualmente, no meio científico*" – ressalta o médico brasileiro Cícero G. Coimbra – "(…) *Como não existe atualmente uma técnica que possa garantir ética e cientificamente a comprovação da morte, ele* [o transplante cardíaco] *deve ser abandonado com urgência, até que haja uma forma de garantir efetivamente que o cadáver é um cadáver.*" (**Coimbra**, **Cícero Galli**. "Transplante Cardíaco Deve Ser Abandonado". ***Folha Espírita***. São Paulo: FE, novembro, 1999, p. 4)

582. Tal processo tornou-se especialmente conhecido depois que Robert Ettinger, fundador do Instituto de Criogenia, em Michigan (1976), colocou em uma criocápsula, mantida a 196 graus negativos, em hidrogênio líquido, o corpo de sua própria mãe…

583. ***Folha Espírita***. São Paulo: FE, 1974. Conf. **Loureiro**, **Carlos Bernardo**. ***A Visão Espírita da Morte***. Salvador: Telma, 1996, p. 83.

584. Assinale-se que o movimento criogênico – que hoje serve a interesses menos éticos – assenta-se na fantasia de que os neurônios são suscetíveis de ser também conservados, quando, como já proclamou a Associação Médica Americana, em fins da década de 1970, é incogitável a sua preservação após algum tempo de congelamento, uma vez que, por não atravessar a barreira hemato-encefálica, e sem possibilidade de se concentrar no cérebro, a substância empregada nesse procedimento não chega a protegê-los contra o fenômeno da cristalização do líquido citoplasmático, a baixas temperaturas, comum às células desprotegidas e submetidas a tais condições. (V. **Loureiro**, **Carlos Bernardo**. ***Op. cit.***, cap. XVI)

585. I Coríntios, 15:44.

Sumário

Nota(4a edição)
Apresentação
O elo interexistencial

I.

Conceito – Natureza
- Natureza

II.

Propriedades do Perispírito
- Plasticidade
- Densidade
- Ponderabilidade
- Luminosidade
- Penetrabilidade
- Visibilidade
- Corporeidade
- Tangibilidade
- Sensibilidade global
- Sensibilidade magnética
- Expansibilidade
- Bicorporeidade
- Unicidade
- Perenidade
- Mutabilidade
- Capacidade refletora
- Odor
- Temperatura

III.

Funções do Perispírito
- Função instrumental
- Função individualizadora
- Função organizadora
- Função sustentadora

IV.

Centros Vitais

V.

Provas da Existência do Perispírito
- Desenvolvimento ontogênico
- Materialização
- Desdobramento
- Fotografia transcendente
- Transfoto
- Exteriorização da sensibilidade
- Sensação de integridade
- Percepções extracorpóreas
- Vidência

VI.

O Duplo Etérico

VII.

O Corpo Mental

VIII.

A Aura

- Método químico
- Método eletrônico
- Método anímico-mediúnico
- Método de técnicas associadas

IX.

Perispírito e Evolução

- O perispírito

X.

Perispírito e Memória

XI.

Perispírito e Mediunidade

- A classificação de Kardec
- Mediunidade, hoje
- Transe

XII.

Perispírito e Reencarnação

XIII.

Perispírito e Enfermidade

- Injunções cármicas
- Invigilância mental
- Tensões psicológicas
- Influências psicoambientais
- Ocorrências acidentais
- Obsessão

XIV.

Perispírito e Obsessão

- Causas
  - Causas remotas (cármicas)
  - Causas atuais
- Formas de ocorrência
  - Entre desencarnados e encarnados (pacientes)
  - Entre desencarnados
  - Entre encarnados (agentes) e desencarnados
  - Entre encarnados
- Duração
- Modos de atuação

- A distância
- Por aproximação
- Por justaposição

Técnicas
- Persuasão
- Influenciação telepática
- Hipnotismo
- Soldadura perispirítica
- Infecção fluídica
- Manipulações ectoplásmicas
- Provocação de reflexos anímicos
- Provocação de efeitos sensitivos particulares

Tipos de obsessão
- Obsessão ordinária
- Fascinação
- Obsessão noctípica
- Obsessão simbiótica
- Obsessão parasitária (vampirismo)
- Subjugação

Fases do processo obsessivo
- Insinuação
- Assédio
- Conexão mental
- Domínio

Efeitos da obsessão
- Efeitos psicológicos
- Efeitos psicopatológicos
- Efeitos orgânicos

XV.

Perispírito e Rejuvenescimento

XVI.

Perispírito e Anestesia

XVII.

Perispírito e Sexualidade

XVIII.

Perispírito e Desencarnação

Observações Finais